REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, *a* moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO

DE ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito

NONO ANO. – 1866

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA

Av Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13 602 970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.GC. (MF) 44.220.101/0001-43 Inscrição Estadual 182 010 405.118

Título original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS
DO NONO VOLUME
ANO

Conversas de Além-Túmulo. -O Abade Laverdet
Um pai descuidado com seus filhos
Lembranças retrospectivas de um Espírito.
Necrologia.-Morte do doutor Cailleux, de Montreuil-sur-Mer.
Dissertações Espíritas. -Instruções para o Sr. Allan Kardec.
Do consentimento à prece.
Espiritismo obriga.

JUNHO

Monomania incendiária precoce. -Estudomoral.
Tentativa de assassinato contra o imperador da Rússia. - Estudo psicológico
Um sonho instrutivo -
Visão retrospectiva de diversas encarnações de um Espírito. –Sono dos Espíritos
Perguntas e Problemas.-Está no ar
Poesias Espíritas.-Para o teu livro.
A lagarta e a borboleta.
Dissertações espíritas. - Ocupações dos Espíritos
Suspensão na Assistência dos Espíritos
O trabalho.
Notícias bibliográficas. -Os Evangelhos explicados, por Sr. Roustaing
A Voz de Deus, jornal espírita italiano .

JULHO

Do projeto de caixa geral de socorro e outras instituições para
os Espíritas.
Estatística da loucura
Morte de JosephMéry. ,.
Perguntas e problemas. - Identidade dos Espíritos nas comunicações particulares .
Qualificação de santo aplicada a certos
Espíritos.
Visão retrospectiva das existências dos Espíritos, a propósito do doutor Cailleux
Poesia Espírita.-A prece para os Espíritos .

AGOSTO

Maomé e o lslamismo.
Os profetas do passado, intitulada por BarbeytfAurévilly
Das criações fantásticas da imaginação. -As visões da senhora Cantianille B.
Perguntas e problemas.-Filhos guias espirituais de seus pais
Comunicação com os seres que nos são caros
Perfectibilidadedos Espíritos. .

SETEMBRO

Os irmãos Davemport em Bruxelas.
Espiritismo não pede mais do que ser conhecido
Extrato do progrès colonial da ilha Maurice.
Os fenômenos apócrifos.
Cabelos embranquecidos sob a impressão de um sonho
Variedades. -Mediunidade vidente nas crianças

OUTUBRO

Os tempos são chegados.
O zuavo curador do campo de Châlons.

NOVEMBRO

Maomé e o lslamismo (2º artigo).
Sonambulismo medianímico espontâneo
Considerações sobre a propagação da mediunidade curadora.
Subscrição para os inundados

DEZEMBRO

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9ª ANO | NO. 1 | JANEIRO 1866

AS MULHERES TEM UMA ALMA?

As mulheres têm uma alma? Sabe-se que a coisa não foi sempre tida por certa, uma vez que foi, diz-se, posta em deliberação num concilio. A negação é ainda um princípio de fé em certos povos. Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maioria dos países do Oriente. Se bem que hoje, entre os povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral se perpetuou no ponto que um escritor do último século, cujo nome não nos vem à memória, definiu assim a mulher: "Instrumento dos prazeres do homem," definição mais muçulmana do que cristã. Desse preconceito nasceu sua inferioridade legal, que não foi ainda apagada de nossos códigos. Por muito tempo elas aceitaram essa escravização como uma coisa natural, tanto é poderoso o império do hábito. Ocorre assim com aqueles que, devotados à escravização de pai a filhos, acabam por se crer de uma outra natureza que seus senhores.

No entanto, o progresso das luzes ergueu a mulher na opinião; ela é muitas vezes afirmada pela inteligência e pelo gênio, e a lei, embora considerando-a ainda como menor, pouco a pouco afrouxa os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada moralmente, se ela não o é legalmente; é a este último resultado ao qual ela chegará um dia, pela força das coisas.

Leu-se recentemente nos jornais que uma senhorita de vinte anos vinha de sustentar com pleno sucesso o exame do bacharelado, diante da faculdade de Montpellier. É, diz-se, o quarto diploma de bacharel concedido a uma mulher. Não faz ainda muito tempo a questão foi agitada para saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Se bem que isso parecesse a alguns uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os regulamentos sobre a matéria não faziam menção das mulheres, não se achando excluídas legalmente. Depois de ter reconhecido que elas têm uma alma, se lhes reconheceu o direito de conquistar os graus da ciência, é já alguma coisa. Mas a sua libertação parcial não é senão o resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes, ou, querendo-se, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que se lhe faz, e, é preciso bendizê-la, se lhes regateando o mais possível.

A colocação em dúvida da alma da mulher seria hoje ridícula, mas uma questão muito de outro modo séria se apresenta aqui, e cuja solução pode unicamente estabelecer se a igualdade de posição social entre o homem e a mulher é de direito natural, ou se é uma concessão feita pelo homem. Notamos de passagem que se essa igualdade não é senão uma outorga do homem por condescendência, o que lhe dá hoje pode lhe retirar amanhã, e que tendo para ele a força material, salvo algumas exceções individuais, no conjunto ele será sempre o superior; ao passo que se essa igualdade está na Natureza, seu reconhecimento é o resultado do progresso, e uma vez reconhecida, ela é imprescritível.

Deus criou almas machos e almas fêmeas, e fez estas inferiores às outras? Aí está toda a questão. Se ocorre assim, a inferioridade da mulher está nos decretos divinos, e nenhuma lei humana poderia transgredi-los. Ao contrário, criou-as iguais e semelhantes, as desigualdades fundadas pela ignorância e pela força bruta, desaparecerão com o progresso e o reino da justiça.

O homem entregue a si mesmo não podia estabelecer a esse respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre controvertidas; nada, no mundo visível, podia lhe dar a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, folhear nos arcanos do mundo extra-corpóreo que ele não conhece. Estava reservado ao Espiritismo resolver a questão, não mais pelo raciocínio mas pelos fatos, seja pelas revelações de além-túmulo, seja pelo estudo que ele é capaz de fazer diariamente sobre o estado das almas depois da morte. E,

coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um único homem, nem das revelações de um único Espírito, mas o produto de inumeráveis observações idênticas feitas diariamente por milhares de indivíduos, em todos os países, e que receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apoiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que as une nada têm de carnal, e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque são fundadas sobre uma simpatia real, e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, quer dizer, revestem temporariamente um envoltório carnal semelhante para elas a um pesado invólucro do qual a morte as desembaraça. Esse envoltório material, pondo-as em relação com o mundo material, neste estado, elas concorrem para o progresso material do mundo que habitam; a atividade que são obrigadas a desdobrar, seja para a conservação da vida, seja para se proporcionarem o bem-estar, ajuda seu adiantamento intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas idéias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores; assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; aqueles que viverão nos séculos futuros serão os de hoje, mas ainda mais avançados intelectualmente e moralmente.

Os sexos não existem senão no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos, sendo a criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, é por isto que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progridem pelo trabalho que realizam e as provas que têm que suportar, como o operário em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam segundo a sua posição social. Os Espíritos devendo progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a suportar os diferentes gêneros de provas; é por isto que renascem alternativamente como ricos ou pobres, senhores ou servidores, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se encontra fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, uma vez que o grande da véspera pode ser o pequeno do dia de amanhã, e reciprocamente. Deste princípio decorre o da fraternidade, uma vez que, nas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e que no infeliz que nos estende a mão pode se encontrar um parente ou um amigo.

É no mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; tal que foi homem poderá renascer mulher, e tal que foi mulher poderá renascer homem, afim de cumprir os deveres de cada uma dessas posições, e delas suportar as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais frágil do que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem uma igual força muscular e seriam mesmo incompatíveis com a rudeza masculina. Nele a delicadeza das formas e a fineza das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres

são, pois, dados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

O Espírito encarnado sofrendo a influência do organismo, seu caráter se modifica segundo as circunstâncias e se dobra às necessidades e aos cuidados que lhe impõem esse mesmo organismo. Essa influência não se apaga imediatamente depois da destruição do envoltório material, do mesmo modo que não se perdem instantaneamente os gostos e os hábitos terrestres; depois, pode ocorrer que o Espírito percorra uma série de existências num mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher do qual a marca permaneceu nele. Não é senão o que ocorre a um certo grau de adiantamento e de desmaterialização que a influência da matéria se apaga completamente, e com ela o caráter dos sexos. Aqueles que se apresentam a nós como homens ou como mulheres, é para lembrar a existência na qual nós os conhecemos.

Se essa influência repercute da vida corpórea à vida espiritual, ocorre o mesmo quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corpórea. Numa nova encarnação, ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, fará um homem avançado; se for atrasado, fará um homem atrasado. Mudando desexo, poderá, pois, sob essa impressão e em sua nova encarnação, conservar os gostos, as tendências e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e *a* mulher senão no organismo material que se aniquila na morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe uma vez que não há duas espécies de alma; assim o quis Deus, em sua justiça, para todas as suas criaturas; dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade; a desigualdade não existe senão temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm o direito ao mesmo destino, ao qual cada um chega pelo seu trabalho, porque Deus nisso não favoreceu ninguém às expensas dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural da qual ela não é erguida senão pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe, ou, se existe, ela se extingue com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a ser o mesmo. Não resta, pois, à mulher senão sua fraqueza corpórea que a coloca sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não é senão uma exceção, uma bizarrice da Natureza, um funcionamento dos órgãos, e não poderia fazer bem, a doutrina espiritualista vulgar reconhece muito a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não existe uma diferença entre a do homem e a da mulher, e portanto uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; não é mais uma concessão da força à fraqueza, é um direito fundado sobre as próprias leis da Natureza. Fazendo reconhecer estas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRECE NO ESPIRITISMO.

Cada um é livre para encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos essa liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. Mas, do fato de que uma opinião seja livre, não se segue que não se possa discuti-la, examinar-lhe o forte e o fraco, pesar-lhe as vantagens ou os inconvenientes.

Dizemos isto a propósito da negação da utilidade da prece, que algumas pessoas gostariam de erigir em sistema, para dela fazer a bandeira de uma escola dissidente. Essa opinião pode se resumir assim:

"Deus estabeleceu leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos; não podemos nada lhe pedir e não lhe temos a agradecer nenhum favor especial, portanto, é inútil orar-lhe.

"A sorte dos Espíritos está traçada; é, pois, inútil orar por eles. Não podem mudar a ordem imutável das coisas, portanto, é inútil orar por eles.

"O Espiritismo é uma ciência puramente filosófica; não só não é uma religião, mas não deve ter nenhum caráter religioso. Toda prece dita nas reuniões tende a manter a superstição e a beatice."

A questão da prece foi, há muito tempo, discutida para que seja inútil repetir aqui o que se sabe a esse respeito. Se o Espiritismo proclama-lhe a utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar-lhe a eficácia e o modo de ação. Desde então que, pelas leis fluídicas, compreendemos o poder do pensamento, compreendemos também o da prece, que é, ela mesma, um pensamento dirigido para um objetivo determinado.

Para algumas pessoas, a palavra *prece* não revela senão uma idéia de pedido; é um grave erro. Com relação à divindade é um ato de adoração, de humildade e de submissão ao qual não se pode recusar sem desconhecer o poder e a bondade do Criador. Negar a prece a Deus é reconhecer Deus como um fato, mas é recusar prestar-lhe homenagem; está ainda aí uma revolta do orgulho humano.

Com relação aos Espíritos, que não são outros senão as almas de nossos irmãos, a prece é uma identificação de pensamentos, um testemunho de simpatia; repeli-la, é repelir a lembrança dos seres que nos são caros, porque essa lembrança simpática e benevolente é em si mesma uma prece. Aliás, sabe-se que aqueles que sofrem a reclamam com instância como um alívio às suas penas; se a pedem, é, pois, que delatem necessidade; recusá-la é recusar o copo d'água ao infeliz que tem sede.

Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra, na prece, um efeito de alguma sorte material, resultante da transmissão fluídica. Sua eficácia, em certas doenças, está constatada pela experiência, como é demonstrada pela teoria. Rejeitar a prece é, pois, privar-se de um poderoso auxiliar para o alívio dos males corpóreos.

Vejamos agora qual seria o resultado dessa doutrina, e se ela teria alguma chance de prevalecer.

Todos os povos oram, desde os selvagens aos homens civilizados; a isto são levados pelo instinto, e é o que os distingue dos animais. Sem dúvida, oram de uma maneira mais ou menos racional, mas, enfim, eles oram. Aqueles que, por ignorância ou presunção, não praticam a prece, formam, no mundo, uma ínfima minoria.

A prece é, pois, uma necessidade universal, independente das seitas e das nacionalidades. Depois da prece, estando-se fraco, sente-se mais forte; estando-se triste, sente-se consolado; tirar a prece é privar o homem de seu mais poderoso sustento moral na adversidade. Pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, se identifica com o mundo espiritual, *desmaterializa-se,* condição essencial de sua felicidade futura; sem a prece, seus pensamentos ficam sobre a Terra, se prendem cada vez mais às coisas materiais; daí um atraso em seu adiantamento.

Contestando um dogma, não se coloca em oposição senão com a seita que o professa; negando a eficácia da prece, melindra o sentimento íntimo da quase unanimidade dos homens. O Espiritismo deve as numerosas simpatias que encontra às aspirações do coração, e nas quais as consolações que se haurem na prece entram com uma grande parte. Uma seita que se fundasse sobre a negação da prece, privar-se-ia do principal elemento de sucesso, a simpatia geral, porque em lugar de aquecer a alma, ela a gelaria; em lugar de elevá-la, a rebaixaria. Se o Espiritismo deve ganhar em influência, isto é aumentando a soma das satisfações morais que proporciona. Que todos aqueles que querem a todo preço novidade no Espiritismo, para ligar seu nome à sua bandeira, se

esforcem para dar mais do que ele; jamais dando menos do que ele que o suplantarão. A árvore despojada de seus frutos saborosos e nutritivos será sempre menos atraente que aquela que deles está ornamentada. É em virtude do mesmo princípio que sempre temos dito aos adversários do Espiritismo: O único meio de matá-lo, é dar alguma coisa de melhor, de mais consolador, que explique mais e que satisfaça mais. E é o que ninguém ainda fez.

Pode-se, pois, considerar a rejeição da prece, da parte de alguns crentes nas manifestações espíritas, como uma opinião isolada que pode reunir algumas individualidades, mas que jamais reunirá a maioria. Seria errado que se imputasse essa doutrina ao Espiritismo, uma vez que ele ensina positivamente o contrário.

Nas reuniões espíritas, a prece predispõe ao recolhimento e à seriedade, condição indispensável, como se sabe, para as comunicações sérias. Quer dizer que ele manda transformá-las em assembléias religiosas? De nenhum modo; o sentimento religioso não é sinônimo de protestante; deve-se mesmo evitar o que poderia dar às reuniões esse último caráter. É nesse sentido que constantemente desaprovamos as preces e os símbolos litúrgicos de um culto qualquer. Não é preciso esquecer que o Espiritismo deve tender para a aproximação das diversas comunhões; já não é raro ver nessas reuniões a confraternização dos representantes de diversos cultos, e é porque ninguém deve se arrogar a supremacia. Que cada um em seu particular ore como o entende, é um direito de consciência; mas numa assembléia fundada sobre o princípio da caridade, deve-se abster de tudo o que poderia ferir suscetibilidades, e tender a manter uma antagonismo que se deve ao contrário se esforçar em fazer desaparecer. As preces especiais ao Espiritismo não constituem, pois, um culto distinto, desde o instante em que elas não são impostas e cada uma está livre para dizer aquelas que lhe convém; mas elas têm a vantagem de servir para todo mundo e de não ferir ninguém.

O mesmo princípio de tolerância e de respeito para com as convicções alheias nos faz dizer que toda pessoa razoável que as circunstâncias levam num templo, de um culto do qual não partilha as crenças, deve se abster de todo sinal exterior que poderia escandalizar os assistentes; ela deve, tem mesmo necessidade, de sacrificar aos usos de pura forma que não podem em nada empenhar sua consciência. Que Deus seja adorado num templo de maneira mais ou menos lógica, isto não é um motivo para ferir aqueles que acham essa maneira boa.

O Espiritismo dando ao homem uma certa soma de satisfações e provando um certo número de verdades, dissemos que não poderia ser substituído senão por alguma coisa que desse mais e provasse melhor do que ele. Vejamos se isto é possível. O que faz a principal autoridade da Doutrina é que não há um único de seus princípios que seja o produto de uma idéia preconcebida ou de uma opinião pessoal; todos, sem exceção, são o resultado da observação dos fatos; foi unicamente pelos fatos que o Espiritismo chegou a conhecer a situação e as atribuições dos Espíritos, assim como as leis, ou melhor uma parte das leis que regem suas relações com o mundo invisível; este é um ponto capital. Continuando a nos apoiar sobre a observação, fazemos filosofia experimental e não especulativa. Para combater as teorias do Espiritismo, não basta, pois, dizer que elas são falsas, seria preciso opor-lhes fatos dos quais estariam impossibilitadas de dar a solução. E neste caso mesmo manter-se-á sempre num nível, porque seria contrário à sua essência se obstinar numa idéia falsa, e que se esforçará sempre em preencher as lacunas que possa apresentar, não tendo a pretensão de ter chegado ao apogeu da verdade absoluta. Essa maneira de encarar o Espiritismo não é nova; pode-se vê-la em todos os tempos formulada em nossas obras. Desde que o Espiritismo não se declara nem estacionário nem imutável, ele assimilará todas as verdades que forem demonstradas, de qualquer parte que venham, fosse da de seus antagonistas, e não permanecerá jamais atrás do progresso real. Ele assimilará essas verdades, dizemos nós, mas somente quando forem claramente demonstradas, *e* não porque agradaria alguém

de dar por elas, ou seus desejos pessoais ou os produtos de sua imaginação. Estabelecido este ponto, o Espiritismo não poderia perder senão se se deixasse distanciar por uma doutrina que daria mais do que ele; nada a temer daquelas que dariam menos e dele fortificariam o que faz a sua força e a sua principal atração.

Se o Espiritismo ainda não disse tudo, ele é, no entanto, uma certa soma de verdades adquiridas pela observação e que constituem a opinião da maioria dos adeptos; e se essas verdades passaram hoje ao estado de artigos de fé, para nos servir de uma expressão empregada ironicamente por alguns, isto não é nem por nós, nem por ninguém, nem mesmo por nossos Espíritos instrutores e elas foram assim colocadas e ainda menos impostas, mas pela adesão de todo mundo, cada um estando em condições de constatá-las.

Se, pois, uma seita se formasse em oposição com *as* idéias consagradas pela experiência e geralmente admitidas em princípio, ela não poderia conquistar as simpatias da maioria, da qual melindraria as convicções. Sua existência efêmera se extinguiria com o seu fundador, talvez mesmo antes, ou pelo menos com os poucos adeptos que ela teria podido reunir. Suponhamos o Espiritismo partilhado em dez, em vinte seitas, aquela que tiver a supremacia e mais vitalidade será naturalmente a que dará maior soma de satisfações morais, que encherá o maior número de vazios da alma, que será fundada sobre as provas mais positivas, e que melhor se colocará ao uníssono com a opinião geral.

Ora, o Espiritismo, tomando o ponto de partida de todos os seus princípios na observação dos fatos, não pode ser derrubado por uma teoria; mantendo-se constantemente ao nível das idéias progressivas, não poderá ser ultrapassado; apoiando-se sobre o sentimento da maioria, ele satisfaz as aspirações da maioria; fundado sobre estas bases, é imperecível, porque aí está a sua força.

Aí está também a causa do insucesso das tentativas feitas para colocar-lhe obstáculos; em fato de Espiritismo, há idéias profundamente antipáticas à opinião geral e que esta repele instintivamente; erguer sobre essas idéias, como ponto de apoio, um edifício ou esperanças quaisquer, é agarrar-se desastradamente a ramos partidos; eis ao que estão reduzidos aqueles que, não tendo podido derrubar o Espiritismo pela força, tentam derrubá-lo por si mesmo.

NECROLOGIA.

MORTE DO SR. *DIDIER, LIVREIRO EDITOR.*

O Espiritismo vem de perder um de seus adeptos mais sinceros e mais devotados na pessoa do Sr. Didier, morto no sábado, 2 de dezembro de 1865. Era membro da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação, em 1858, e, como se sabe, o editor de nossas obras sobre a Doutrina. Na véspera ele assistiu à sessão da Sociedade, e no dia seguinte, às seis horas da tarde, morreu subitamente numa agência de ônibus, a alguns passos de sua casa, onde, muito felizmente, se encontrava um de seus amigos que pôde fazê-lo transportar a seu domicílio. Seus funerais ocorreram na terça-feira, 5 de dezembro.

O *Petit Journal,* anunciando a sua morte, acrescentou: "Nestes últimos tempos, o Sr. Didier havia editado o Sr. Allan Kardec, e tornou-se, *por polidez de editor,* ou por convicção, um adepto do Espiritismo."

Não pensamos que a mais delicada polidez faça a um editor a obrigação de esposar as opiniões de seus clientes, nem que tenha de se fazer judeu, por exemplo, porque editou as obras de um rabino. Tais restrições não são dignas de um escritor sério. O Espiritismo é uma crença como uma outra que conta mais de um livreiro em suas fileiras;

por que seria mais estranho que um livreiro fosse espírita do que ser católico, protestante, judeu, saint-simoniano, fouriirista ou materialista? Quando, pois, senhores, os livres pensadores admitirão a liberdade de consciência para todo o mundo? Teriam, por acaso, a singular pretensão de explorar a intolerância em seu proveito, depois de tê-la combatido nos outros? As opiniões espíritas do Sr. Didier eram conhecidas, e jamais disto fez mistério, porque, freqüentemente, ele quebrava lanças com os incrédulos. Era nele uma convicção profunda e de velha data, e não, como o supôs o autor do artigo, uma questão de circunstância ou uma polidez de editor; mas é tão difícil a esses senhores, para quem a Doutrina Espírita está no armário dos irmãos Davenport, convir que um homem de um valor intelectual notório creia nos Espíritos! Será preciso, no entanto, que se acostumem com essa idéia, porque nela há mais do que não supõem, da qual não tardarão a ter a prova.

O *Grand Journal* dele dá conta nestes termos:

"Morto também, o Sr. Didier, editor que publicou muitos belos e bons livros, em sua modesta oficina do cais dos Grands-Augustins. Nestes últimos tempos, o Sr. Didier era um adepto, -e o que vale mais ainda, - um editor fervoroso dos livros espíritas. O pobre homem deve saber agora a que se ater sobre as doutrinas do Sr. Allan Kardec."

É triste ver que a morte não é mesmo respeitada pelos senhores incrédulos, e que perseguem com suas zombarias os adeptos mais honrados, até além do túmulo. O que o Sr. Didier pensava da Doutrina quando vivo? Um fato lhe prova a impossibilidade dos ataques dos quais era o objeto, é que no momento de sua morte fazia imprimir a 14- edição de *O Livro dos Espíritos.* O que ele pensa disto agora? é que haveria grandes desapontamentos *e* mais de uma defecção de seus antagonistas.

O que poderia nos dizer nesta circunstância se encontra resumido na alocução seguinte, pronunciada na Sociedade de Paris, em sua sessão de 8 de dezembro.

Senhores e caros colegas,

Ainda um dos nossos que vem de partir para a celeste pátria! Nosso colega, o Sr. Didier, deixou sobre a Terra seu despojo mortal para revestir o envoltório dos Espíritos.

Embora há muito tempo sua saúde vacilante haja colocado várias vezes sua vida em perigo, e embora a idéia da morte nada tenha de apavorante para nós, Espíritas, seu fim chegou tão inopinadamente, no dia seguinte ao dia em que assistiu à nossa sessão, que causou entre nós todos uma profunda emoção.

Há nesta morte, por assim dizer fulminante, uma grande advertência: é que nossa vida se prende por um fio que pode se romper no momento em que menos o esperamos, porque, muito freqüentemente, a morte chega sem avisar! Ela adverte assim os sobreviventes para se manterem sempre prontos para responderem ao chamado do Senhor, a fim de darem conta do emprego da vida que nos dá.

Se bem que o Sr. Didier não tomasse uma parte pessoal muito ativa nos trabalhos da Sociedade, onde tomava muito raramente a palavra, nem por isto foi menos um dos membros mais consideráveis pela sua antigüidade, como membro fundador, pela sua assiduidade, e sobretudo pela sua posição, sua influência e os incontestáveis serviços que prestou à causa do Espiritismo, como propagador e como editor. As relações que tive com ele durante sete anos me puseram em condições de apreciar sua retidão, sua lealdade e suas capacidades especiais. Sem dúvida, ele tinha, como cada um de nós, seus pequenos defeitos que não agradam a todo mundo, às vezes mesmo uma rudeza com a qual era preciso se familiarizar, mas que nada tirava às suas eminentes qualidades, e o mais belo elogio que se lhe possa fazer é dizer que nos negócios podia-se ir com com ele de olhos fechados.

Comerciante, ele devia encarar as coisas comercialmente, mas não o fazia com pequenez e parcimônia; ele era grande, generoso, sem mesquinhez em suas operações;

a atração do ganho não lhe fez empreender uma publicação que não lhe tivesse convindo, embora vantajosa que ela pudesse ser. Em uma palavra, o Sr. Didier não era o vendedor de livros, calculando centavo a centavo seu lucro, mas o editor inteligente, justo apreciador, consciencioso e prudente, tal quanto o era necessário para fundar uma casa séria como a sua. Suas relações com o mundo sábio no qual era amado e estimado, haviam desenvolvido suas idéias e contribuído para dar, à sua livraria acadêmica, o caráter sério que dela fez uma casa de primeira ordem, menos pelo montante dos negócios do que pela especialidade das obras que ele explorava, e a consideração comercial da qual ele gozava, há muitos anos, a justo título.

No que me concerne, felicito-me de tê-lo encontrado em meu caminho, o que devo, sem dúvida, à assistência dos bons Espíritos, *e é* com toda sinceridade que digo que o Espiritismo perde nele um apoio, e eu um editor tanto mais precioso quanto entrando perfeitamente no espírito da Doutrina, ele sentia uma verdadeira satisfação em propagá-la.

Algumas pessoas se surpreenderam de que eu não tivesse tomado a palavra em seu enterro; os motivos de minha abstenção são muito simples.

Direi primeiro que a família não me havia disso expressado o desejo, eu não sabia se isso lhe seria agradável ou não. O Espiritismo, que censura aos outros por se imporem, não deve incorrer numa mesma censura; ele não se impõe jamais: espera que se venha a ele.

Eu previa, além disso, que a assistência seria numerosa, e que entre ela se encontrariam muitas pessoas pouco simpáticas ou mesmo hostis às nossas crenças; além disto teria sido pouco conveniente ver nesse momento solene melindrar publicamente as convicções contrárias, isto poderia fornecer aos nossos adversários um pretexto para novas agressões. Neste tempo de controvérsia, talvez teria sido uma ocasião de fazer conhecer o que é a Doutrina; mas não teria sido esquecer o piedoso motivo que nos reunia? faltar ao respeito devido à memória daquele que vínhamos saudar em sua partida? Era sobre uma tumba entreaberta que convinha levantar a luva que nos é lançada? Havereis de convir, senhores, que o momento teria sido mal escolhido. O Espiritismo ganhará sempre mais com a estrita observação das conveniências que não perderá em deixar escapar uma ocasião de se mostrar. Ele sabe que não tem necessidade de violência; visa ao coração: seus meios de sedução são a doçura, a consolação e a esperança; é por isto que encontra cúmplices até nas fileiras inimigas. Sua moderação e seu espírito conciliador nos colocam em relevo *pelo contraste;* não percamos esta preciosa vantagem. Procuremos nos corações aflitos, as almas atormentadas pela dúvida: o número delas é grande; estarão ali nossos mais úteis auxiliares; com elas faremos mais prosélitos do que com o reclame e a encenação.

Eu teria podido, sem dúvida, limitar-me nas generalidades e fazer abstração do Espiritismo; mas de minha parte essa reticência teria podido ser interpretada como um temor ou uma espécie de retratação de nossos princípios. Em semelhante circunstância não posso falar senão decididamente ou calar-me; foi este último partido que tomei. Se se tratasse de um discurso comum e sobre um assunto banal, isto teria sido de outro modo; mas aqui o que teria podido dizer tinha um caráter especial.

Teria podido ainda limitar-me à prece que se encontra em O *Evangelho Segundo o Espiritismo* por aqueles que acabam de deixar a Terra, e que produz sempre, em semelhante caso, uma sensação profunda; mas aqui se apresentava um outro inconveniente. O eclesiástico que acompanhou o corpo ao cemitério ficou até o fim da cerimônia, contrariamente aos hábitos comuns; ele escutou com firme atenção o discurso do Sr. Flammarion, e talvez esperasse, em razão das opiniões bem conhecidas do Sr. Didier e de suas relações com o Espiritismo, a alguma manifestação mais explícita. Depois das preces que vinha de dizer, e que, em sua alma e consciência são suficientes, via à sua presença dizer-lhe outras que são toda uma profissão de fé, um resumo de

princípios que não são os seus, isto teria sido o ar de um desafio que não está no espírito do Espiritismo. Talvez algumas pessoas não se irritassem por ver o conflito tácito que poderia disso resultar: foi o que as simples conveniências me mandaram evitar. As preces que cada um de nós disse em particular, e que podemos dizer entre nós, serão tanto proveitosas ao Sr. Dedier, se disso tiver necessidade, quanto se elas o tivessem sido com ostentação.

Crede bem, senhores, que tenho tanto quanto quem quer que seja no coração os interesses da Doutrina e que quando eu faço ou não faço uma coisa, é com madura reflexão e depois de pesar-lhe as conseqüências.

Nossa colega, senhora R.....veio da parte de alguns assistentes solicitar-me para tomar a palavra. Pessoas que ela não conhecia, acrescentou, disseram-lhe que tinham vindo de propósito ao cemitério na esperança de me ouvir; sem dúvida, era elogioso para mim, mas da parte dessas pessoas, era se enganar estranhamente sobre o meu caráter, pensando que um estimulante de amor-próprio pudesse me levar afalar, para satisfazer a curiosidade daqueles que tinham vindo por outro motivo do que aquele de prestar homenagem à memória do Sr. Dedier. Essas pessoas, sem dúvida, ignoram que se me repugna impor-me, não gosto mais de tomar atitude pretensiosa. Era o que a senhora R... teria podido lhe responder, acrescentando que me conhecia e me estimava bastante para estar certa de que o desejo de me pôr em evidência não teria nenhuma influência sobre mim.

Em outras circunstâncias, senhores, ter-me-ia feito um dever, teria sido feliz em prestar ao nosso colega um testemunho público de afeição em nome da Sociedade, representada em seus funerais por um grande número de seus membros; mas como os sentimentos estão mais no coração do que na demonstração, cada um de nós, sem dúvida, já lha havia prestado em seu foro íntimo; nesse momento em que estamos reunidos, paguemos-lhe entre nós o tributo de pesar, de estima e de simpatia, que ele merece, e esperemos que consinta retornar entre nós como no passado, e continuar, como Espírito, a tarefa espírita que havia empreendido como homem.

CORRESPONDÊNCIA.

CARTA DO SR. JAUBERT.

"Eu vos peço, meu caro senhor Kardec, inserir a carta seguinte no mais próximo número de vossa Revista. Certamente, sou bem pouca coisa, mas, enfim, tenho a minha apreciação, e a entrego à vossa modéstia. De um outro lado, quando a batalha se trava, prendo-me a provar que estou sempre sob a bandeira com minhas ombreiras de lá.

JAUBERT."

Sem a obrigação que disso nos é feito, em termos tão precisos, compreender-se-ão os motivos que nos terão impedido de publicar essa carta; estaremos contentes em conservá-la como um honroso e precioso testemunho, e de acrescentá-la às numerosas causas de satisfação moral que vêm nos sustentar e nos encorajar em nosso rude labor, e compensar as tribulações inseparáveis de nossa tarefa. Mas, de um outro lado, a questão pessoal posta à parte, neste tempo de desencadeamento contra o Espiritismo, os exemplos da coragem de opinião são tanto mais influentes quando falam de mais alto. E útil que a voz dos homens de coração, daqueles que, por seu caráter, suas luzes e sua posição comandam o respeito e a confiança, se faça ouvir; e se ela não pode dominar os clamores, de tais protestos não estão perdidas nem para o momento nem para o futuro.

Carcassonne, 12 de dezembro de 1865.

Senhor e caro Mestre,

Não quero deixar morrer o ano de 1865 sem lhe dar graça por todo o bem que ele fez ao Espiritismo. Devemos-lhe a *Pluralidade das existências da alma,* por André Pezzani; a *Pluralidade dos mundos habitados,* por Camille Flammarion: dois gêmeos que nascem apenas e caminham a tão grandes passos no mundo filosófico.

Nós lhe devemos um livro, pequeno por suas páginas, grande por seus pensamentos; a simplicidade nervosa de seu estilo o disputa à severidade de sua lógica. Ele contém em germe a teologia do futuro; tem a calma da força, e a força da verdade. Eu gostaria que o volume tendo por título: *Céu e Inferno,* fosse editado em milhões de exemplares. Perdoai-me este elogio: vivi muito por ser entusiasta, e abomino a bajulação.

O ano de 1865 nos dá ESPÍRITA, novela fantástica. A literatura se decide a fazer invasão em nosso domínio. O autor não tirou do Espiritismo todos os ensinos que encerra. Ele coloca em saliência a idéia capital: a demonstração da alma imortal pelos fenômenos. Os quadros do pintor pareceram-me encantadores; não posso resistir ao prazer de uma citação.

"Espírita, o amante ignorado, sobre a Terra, de Guy de Malivert, acaba de morrer. Ela mesma descreve suas primeiras sensações. "O instinto da natureza lutava ainda contra a destruição; mas logo essa luta inútil cessou, e, num fraco suspiro, minha alma se exala de meus lábios.

"Palavras humanas não podem dar a sensação de uma alma que, liberta de sua prisão corpórea, passa desta vida para a outra, do tempo na eternidade, e do finito no infinito. Meu corpo imóvel e já revestido dessa brancura sem brilho, entregue à morte, jaz sobre seu leito fúnebre, cercado das religiosas em prece, e eu estava ali tão liberta quanto a borboleta pode estar de sua crisálida, despojo informe, para abrir suas jovens asas à luz desconhecida e subitamente revelada. A uma intermitente sombra profunda havia sucedido um deslumbramento do esplendor, um alargamento do horizonte, um desaparecimento de todo limite e de todo obstáculo que me embriagavam com uma alegria indescritível. Explosões de sentidos novos me faziam compreender os mistérios impenetráveis ao pensamento e aos órgãos terrestres. Desembaraçada dessa argila submetida às leis da gravidade que me pesaram recentemente ainda, eu me lancei com uma celeridade louca no insondável éter. As distâncias não existiam mais para mim, e meu simples desejo me fazia presente onde eu queria estar. Tracei grandes círculos de um vôo mais rápido do que *a* luz, através do azul vago dos espaços, como para tomar posse da imensidade, como cruzando os enxames de almas e de Espíritos."

E a tela se desenvolve sempre mais esplêndida; ignoro se, no fundo da alma, o Sr. Théophile Gautier é Espírita; mas seguramente serve aos materialistas, aos incrédulos de bebida salutar em taças de ouro magnificamente cinzeladas.

Abençôo ainda o ano de 1865 pelas violentas cóleras que encerrou em seus flancos. Ninguém quanto a isto se engana: os irmãos Davenport são menos a causa do que o pretexto da cruzada. Soldados de todos os uniformes apontaram contra nós seus canhões raiados. Que provaram, pois? A força e a resistência da cidadela assediada. Conheço um jornal do Sul muito difundido, muito estimado, e com razão, que, há muito tempo, enterra o Espiritismo pobremente uma vez por mês; de onde a conseqüência de que o Espiritismo ressuscita pelo menos doze vezes por ano. Vereis que o tornarão imortal à força de matá-lo.

Não tenho mais agora senão meus desejos de bom ano; meus primeiros votos são para vós, senhor e caro mestre, para vossa felicidade, para vossa obra tão valentemente empreendida e tão dignamente prosseguida.

Faço votos pela união íntima de todos os Espíritas. Vi com dor algumas nuvens leves caírem sobre nosso horizonte. Quem nos amará se não soubermos nos amar? Como o disseste muito bem no último número de vossa *Revista: "Quem crê na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é Espírita."* Que esta definição fique, e sobre este terreno sólido estaremos sempre de acordo. E agora, se os detalhes de doutrina, mesmo importantes, às vezes nos dividem, discutamo-los, não como fratricidas, mas como homens que não têm senão um objetivo: o triunfo da razão, e pela razão, a procura do verdadeiro e do belo, o progresso da ciência, a felicidade da Humanidade.

Restam meus votos mais ardentes, os mais sinceros; eu os dirijo a todos aqueles que se dizem nossos inimigos: que Deus vos esclareça!

Adeus, senhor; recebei para vós e para todos os nossos irmãos de Paris a nova segurança de meus sentimentos afetuosos e de minha distinta consideração.

T. JAUBERT,

Vice- presidente do Tribunal.

Todo comentário sobre esta carta seria supérfluo; não acrescentaremos senão uma palavra, é que homens como o Sr. Jaubert honram a bandeira que carregam. Sua apreciação tão judiciosa sobre a obra do Sr. Théophile Gautier nos dispensa do relatório que nos propusemos disso fazer este mês; de novo falaremos disto no próximo número.

A JOVEM CATALÉPTICA DE SOUABE.

Estudo psicológico.

Sob o título de *Segunda vista,* vários jornais reproduziram o fato seguinte, entre outros *Ia Patríe,* de 26 e *l'Evénement* de 28 de novembro.

"Espera-se em Paris a próxima chegada de uma jovem, originária da Souabe, cujo estado mental apresenta fenômenos que deixam muito longe os malabarismos dos irmãos Davenport e outros Espíritas.

"Com a idade de dezesseis anos e meio, Louise B... mora com seus pais, proprietários agrícolas num lugar dito o Bondru (Seine-et-Marne), onde se estabeleceram depois de deixarem a Alemanha.

"Em conseqüência de um violento desgosto, causado pela morte de sua irmã, Louise caiu num sono letárgico que se prolongou durante cinqüenta e seis horas. Depois desse lapso de tempo ela despertou, não à vida real e normal, mas a uma existência estranha que se resume nos fenômenos seguintes:

"Louise subitamente perdeu sua vivacidade e sua alegria, no entanto, sem sofrer, mas tomando posse de uma espécie de beatitude que se alia à calma mais profunda. Durante toda a duração do dia, ela fica imóvel sobre uma cadeira, não respondendo senão por monossílabos às perguntas que lhe são dirigidas. Chegada a noite, ela cai num estado cataléptico, caracterizado pela rigidez dos membros e a fixação do olhar.

"Nesse momento os sentidos da jovem adquirem uma sensibilidade e uma importância que ultrapassam os limites assinalados à força humana. Ela possui não só o dom da segunda vista, mas ainda o do segundo ouvido, quer dizer que ela ouve as palavras proferidas junto dela, e que ela ouve as que são emitidas num lugar mais ou menos distante, para o qual concentra sua atenção.

"Entre as mãos da cataléptica, cada objeto toma para ela uma dupla imagem. Como todo o mundo, ela tem o sentimento da forma e da aparência exterior desse objeto; além

disto, vê distintamente a representação de seu interior, quer dizer o conjunto das propriedades que ele possui e os usos aos quais está destinado na ordem da criação.

"Numa quantidade de plantas, de amostras metálicas e mineralógicas, submetidas à sua inconsciente apreciação, ela assinalou as virtudes latentes e inexploradas, que reportam o pensamento para as descobertas dos alquimistas da Idade Média.

"Louise sente uma efeito análogo ao aspecto das pessoas com as quais ela entra em comunicação pelo contato das mãos. Ela as vê ao mesmo tempo tais como são e tais como foram numa idade menos avançada. Os estragos do tempo e da doença desaparecem aos seus olhos, e se perdeu algum membro, ele subsiste ainda para ela.

"A jovem camponesa pretende que ao abrigo de todas as modificações da ação vital exterior, *a forma corpórea permanece integralmente reproduzida pelo fluido nervoso.*

"Transportada aos lugares onde se encontram os túmulos, Louise vê e pinta da maneira que acabamos de reportar, as pessoas cujo despojo foi confiado aterra. Ela sente então os espasmos e as crises nervosas, do mesmo modo quando ela se aproxima dos lugares onde existem, não importa a que profundidade no solo, *a* água ou os metais.

"Quando a jovem Louise passa da vida comum a esse modo de vida que se pode chamar superior, parece-lhe que um véu espesso cai sobre seus olhos.

"A criação, esclarecida por ela de maneira nova, faz o objeto de sua inesgotável admiração, e, embora iletrada, encontra, para exprimir seu entusiasmo, comparações e imagens verdadeiramente poéticas.

Nenhuma preocupação religiosa se mistura e essas impressões. Os pais, longe de encontrarem nesses fenômenos insólitos um objeto de especulação, os escondem com o maior cuidado. Se se decidem a levar sem ruído a jovem a Paris, é porque essa superexcitação constante do sistema nervoso exerce sobre os seus órgãos uma influência destrutiva e que ela enfraquece a visão do olho. Os médicos que cuidam dela emitiram o conselho de conduzi-la à capital, tanto para reclamar o concurso dos mestres na arte de curar, quanto para submeter à ciência os fatos, saindo do cículo comum de suas investigações, e cuja explicação não foi ainda encontrada."

Os fenômenos que apresenta essa jovem, disse o autor do artigo, deixam muito longe os malabarismos dos irmãos Davenport e outros Espíritas. Se esses fenômenos são reais, que relações podem ter com os dos malabarismos? Por que essa comparação entre coisas dessemelhantes, e dizer que uma ultrapassa a outra? Com intenção de lançar uma pequena maldade contra o Espiritismo, o autor anuncia, sem o querer, uma grande verdade em apoio do que quer denegrir; ele proclama um fato essencialmente espírita, que o Espiritismo reconhece e aceita como tal, ao passo que jamais tomou os Srs. Davenport sob seu patrocínio, e os tem ainda menos apresentado como adeptos e apóstolos; é o que os senhores jornalistas saberiam se tivessem levado em conta os inumeráveis protestos que lhes chegam de todas as partes contra a assimilação que pretenderam estabelecer entre uma doutrina essencialmente moral e filosófica e as exibições teatrais.

A explicação desses fenômenos, diz-se, não foi ainda dada pela ciência oficial: isto é certo; mas para a ciência espírita, há muito tempo isto não é mais um mistério. Não foram, no entanto, os meios de se esclarecer que faltaram; os casos de catalepsia, de dupla vista, de sonambulismo natural, com as estranhas faculdades que se desenvolvem nesses diferentes estados, não são raros. Por que neles não procurou a sua explicação? É que a ciência se obstina em procurá-la onde ela não está, onde não a encontrará jamais: nas propriedades da matéria.

Eis um homem que vive: ele pensa, raciocina; um segundo depois, ele morre; não dá mais nenhum sinal de inteligência. Havia, pois, nele, quando pensava, alguma coisa que não existe mais desde que não pense mais. Quem, pois, pensava nele? A matéria, dizeis; mas a matéria ali está sempre, intacta, sem uma parcela a menos; porque, pois, pensava ainda há pouco e não pensa mais agora? - É que ela está desorganizada; sem dúvida, as

moléculas estão desagregadas; pode-se dizer que uma fibra foi rompida; um nada se desarranjou e o movimento intelectual foi detido. - Assim eis o gênio, as maiores concepções humanas à mercê de uma fibra, de um átomo imperceptível, e os esforços de toda uma vida de trabalho são perdidos! De todo esse imobiliário adquirido com grande trabalho, nada resta; a mais vasta inteligência não é senão um pêndulo bem montado que, uma vez deslocado, não é bom senão para ser colocado no ferro velho! É pouco lógico e pouco encorajador; com uma tal perspectiva, sem dúvida, mais valeria se ocupar apenas de beber e de comer; mas, enfim, é um sistema.

A alma, segundo vós, não é senão uma hipótese. Mas essa hipótese não se torna uma realidade nos casos análogos àquele da jovem em questão? Aqui a alma se mostra a descoberto; não a vedes, mas a vedes pensar e agir isoladamente do envoltório material; ela se transporta ao longe; vê e ouve apesar do estado de insensibilidade dos órgãos. Pode-se explicar somente pelos órgãos os fenômenos que se passam fora de sua esfera de atividade, e não é esta prova de que a alma deles é independente? Como, pois, não reconhecê-la a esses sinais tão evidentes? É que seria preciso, para isto, admitir a intervenção da alma nos fenômenos patológicos e fisiológicos, que deixariam assim de ser exclusivamente materiais; ora, como reconhecer um elemento espiritual nos fenômenos da vida, então que se tem constantemente dito o contrário? É o que não se pode resolver, porque seria preciso convir que se está enganado, e é duro, para certos amores-próprios receber um desmentido da própria alma que se negou. Também, desde que ela se mostra alguma parte com muita evidência, depressa se apressa em cobri-la com um alqueire, e não se ouve mais disso falar. Assim o foi com o hipnotismo e tantas outras coisas; Deus queira que não ocorra o mesmo com Louise B... Para interromper, diz-se que esses fenômenos são ilusões, e que seus promotores são loucos ou charlatães.

Tais são as razões que fizeram negligenciar o estudo tão interessante e tão fecundo em resultados morais, os fenômenos psico-fisiológicos; tal é também a causa da repulsa do materialismo pelo Espiritismo, que repousa inteiramente sobre as manifestações ostensivas da alma, durante a vida e depois da morte.

Mas, dir-se-á, a parte religiosa, atacada vivamente pelo materialismo, deve acolher com solicitude os fenômenos que venham vencer a incredulidade pela evidência; por que pois, em lugar de se fazer disso uma arma, as repele? é que a alma é uma indiscreta que vem se apresentar em condições diferentes daquelas do estado em que no-la mostram, e sobre o qual se edificou todo um sistema; seria preciso retornar sobre crenças que se disse serem imutáveis; depois ela vê muito claro; portanto, seria preciso interditar-lhe a palavra. Mas não se a conduz sem sua sutileza, não se a fecha mais, como um pássaro, numa caixa; se lhe fecha uma porta, abre-lhe outras mil. Hoje ela se faz ouvir por toda a parte, para dizer de um canto a outro do mundo: eis o que somos. Bem hábeis serão aqueles que disso o impedirem.

Retornemos ao nosso assunto. A jovem em questão oferece o fenômeno, muito comum em semelhante caso, de extensão das faculdades. Esta extensão, diz o artigo, alcança uma importância que ultrapassa os limites assinalados à força humana. É preciso distinguir aqui duas ordens de faculdades: as faculdades perceptivas, quer dizer, a visão e o ouvido, e as faculdades intelectuais. As primeiras são postas em atividade pelos agentes exteriores cuja ação repercute no interior; as segundas constituem o pensamente que irradia do interior para o exterior. Falemos de início das primeiras.

No estado normal, a alma percebe por intermédio dos sentidos. Aqui a jovem percebe porque está fora do alcance da visão e da audição; ela vê no interior das coisas, penetra os corpos opacos, descreve o que se passa ao longe, portanto, ela vê de outro modo do que pelos olhos e ouve de outro modo de que pelos ouvidos, e isto num estado em que o organismo está atingido de insensibilidade. Se se tratasse de um fato único, excepcional, poder-se-ia atribuí-lo a uma esquisitice da Natureza, a uma espécie de

monstruosidade; mas é muito comum; mostra-se de maneira idêntica, embora em diferentes graus, na maioria dos casos de catalepsia, na letargia, no sonambulismo natural e artificial, e mesmo nos numerosos indivíduos que têm todas as aparências do estado normal. Ele se produz, pois, em virtude de uma lei; como a ciência, que leva suas investigações sobre o movimento de atração do menor grão de pó, negligenciou um fato tão capital?

O desenvolvimento das faculdades intelectuais é mais extraordinário ainda. Eis uma jovem, uma camponesa iletrada que não só se exprime com elegância, com poesia, mas em que se revelam conhecimentos científicos sobre coisas que não aprendeu, e, circunstância não menos singular, isso ocorreu num estado particular, ao sair do qual tudo é esquecido: ela volta a sertão ignorante quanto antes. Reentrada no estado extático, a lembrança lhes retorna com as mesmas faculdades e os mesmos conhecimentos; são para ela duas existências distintas.

Se, segundo a escola materialista, as faculdades são o produto direto dos órgãos; se, para nos servir da expressão dessa escola, "o cérebro segrega o pensamento, como o fígado segrega a bile," ele segrega, pois, também *conhecimentos todos feitos,* sem o concurso de um professor; é uma propriedade que não se reconhecia ainda a este órgão. Nesta própria hipótese, como explicar esse desenvolvimento intelectual extraordinário, essas faculdades transcendentais, alternativamente possuídas, perdidas e recobradas quase instantaneamente, quando o cérebro é sempre o mesmo? Não é a prova patente da dualidade no homem, da separação do princípio material do princípio espiritual?

Aí ainda nada de excepcional: esse fenômeno é tão comum quanto o da extensão da visão e da audição. Como este último, depende, pois, de uma lei; são essas leis que o Espiritismo procurou e que a observação fê-lo conhecer.

A alma é o ser inteligente; nela está a sede de todas as percepções e de todas as sensações; sente e pensa por si mesma; é individual, distinta, perfectível, pré-existente e sobrevivente ao corpo. O corpo é seu envoltório material: é o instrumento de suas relações com o mundo visível. Durante a sua união com o corpo, ela percebe por intermédio dos sentidos, transmite seu pensamento com a ajuda do cérebro; separada do corpo, ela percebe diretamente e pensa mais livremente. Tendo os sentidos uma importância circunscrita, as percepções recebidas por seu intermédio são limitadas, e, de alguma sorte, amortecidas; recebidas sem intermediário, são indefinidas e de uma sutileza que nos espanta, porque ultrapassa, não a força humana, mas todos os produtos de nossos meios materiais. Pela mesma razão o pensamento transmitido pelo cérebro é peneirado por assim dizer através desse órgão. A grosseria e os defeitos do instrumento o paralisam e o abafam em parte, como certos corpos transparentes absorvem uma parte da luz que os atravessa. A alma, obrigada a se servir do cérebro, é como um músico muito bom diante de um instrumento imperfeito. Livre desse auxiliar incômodo, ela desdobra todas as suas faculdades.

Tal é a alma durante a vida e depois da morte; há, pois, para ela, dois estados: o de encarnação ou de constrangimento, e o de desencarnação ou de liberdade; em outros termos: o da vida corpórea e o da vida espiritual. A vida espiritual é a vida normal, permanente da alma; a vida corpórea é transitória e passageira.

Durante a vida corpórea, a alma não sofre constantemente o constrangimento do corpo, e aí está chave desses fenômenos físicos que não nos parecem tão estranhos senão porque nos transportam para fora da esfera habitual de nossas observações; são qualificados de sobrenaturais, embora em realidade estejam submetidos a leis perfeitamente naturais, mas porque essas leis nos eram desconhecidas. Hoje, graças ao Espiritismo, que fez conhecer essas leis, o maravilhoso desapareceu.

Durante a vida exterior de relação, o corpo tem necessidade de sua alma ou Espírito por guia, a fim de dirigi-lo no mundo; mas nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se liberta, sem no entanto deixar de estar-

lhe presa por um laço fluídico que a chama desde que a necessidade de sua presença se faça sentir; nesses momentos ela recobra em parte a liberdade de agir e de pensar da qual não gozará completamente senão depois da morte do corpo, quando dele estará completamente separada. Essa situação foi espiritualmente e muito veridicamente descrita pelo Espírito de uma pessoa viva, que se comparava a um balão cativo, e por um outro, o Espírito de um idiota vivo que dizia ser como um pássaro preso pelo pé. *(Revista Espírita,* junho de 1860, p. 173.)

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma,* ocorre normalmente e periodicamente durante o sono; só o corpo repousa para recuperar suas perdas matérias; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita esse descanso para se transportar onde quer. Além disto, ocorre excepcionalmente todas as vezes que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção; é o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo. O desligamento ou. querendo-se, a liberdade da alma é tanto maior quanto a inércia do corpo é mais absoluta; é por esta razão que o fenômeno adquire o seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. Neste estado, a alma não percebe mais pelos sentidos materiais mas, podendo-se exprimir-se assim, pelos *sentidos psíquicos; é* porque suas percepções ultrapassam os limites comuns; seu pensamento age sem o intermédio do cérebro, é por isto que ela desdobra as faculdades mais transcendentais do que no estado normal. Tal é a situação da jovem B...; também disse ela com razão que "quando passa da vida comum a esse modo de vida superior, parece-lhe que um véu espesso cai de seus olhos." Tal é também a causa do fenômeno da *segunda vista,* que não é outro senão a visão direta pela alma; da visão à distância, que resulta no transporte da alma ao lugar que ela descreve; da lucidez sonambúlica, etc.

"Quando Louise B... vê as pessoas vivas, os estragos do tempo desaparecem, e tendo-se perdido algum membro, subsiste ainda para ela; a forma corpórea permanece integralmente *reproduzida pelo fluido nervoso. "Be* ela visse simplesmente o corpo, vê-lo-ia tal qual é; o que ela vê, é o envoltório fluídico; o corpo material pode ser amputado: o perispírito não o é; o que se designa por *fluido nervoso* não é outro do que o *fluido perispiritual.*

Ela vê também aqueles que estão mortos: deles resta, pois, alguma coisa. Que vê ela? isso não pode ser o corpo, que não existe mais; no entanto, os vê com uma forma humana, igual a que tinham quando vivos. O que ela vê é a alma revestida de seu corpo fluídico ou perispírito; as almas sobrevivem, pois, ao corpo; não são, pois, seres abstratos, centelhas, chamas, sopros perdidos na imensidão do reservatório comum, mas seres reais, distintos, circunscritos, individuais. Se ela vê os mortos como os vivos, é, pois, porque os vivos têm, como os mortos, o mesmo corpo fluídico imperecível, ao passo que o grosseiro envoltório material se desfaz na morte. Ela não vê as almas perdidas nas profundezas infinitas do espaço, mas em meio a nós, o que prova a existência do mundo invisível que nos cerca, e no meio do qual vivemos sem disto desconfiar.

Tais revelações não dão seriamente para refletir? Quem pôde dar tais idéias a essa jovem? A leitura de obras espíritas? Ela não sabe ler. - A convivência com os Espíritos? Deles não ouviu falar. É, pois, espontaneamente que descreve todas essas coisas. É o produto de sua imaginação? mas ela não está só: milhares de videntes disseram e dizem todos os dias a mesma coisa, isso do qual a ciência não desconfia. Ora, foi desse concurso universal de observações que o Espiritismo deduziu a teoria.

A ciência procurará em vão a solução desses fenômenos enquanto fizer abstração do elemento espiritual, porque ali está a chave de todos esses pretensos mistérios. Que ela o admita, não fosse senão a título de hipótese, e tudo se explicará sem dificuldade.

As observações dessa natureza, sobre sujeitos como Louise B..., exigem muito de tato e de prudência. Não é preciso perder de vista que, nesse estado de excessiva suscetibilidade, a menor comoção pode ser funesta; a alma, feliz por estar livre do corpo a

ele não se prende senão por um fio que um nada pode romper sem retorno. Em semelhante caso, *as* experiências feitas sem comedimento podem MATAR.

POESIAS ESPÍRITAS.

ALFRED DE MUSSET.

O Sr. Timothée Trimm publicou, no *Petit Journal de* 23 de outubro de 1865, as estrofes que um de seus amigos lhe havia dado como sendo ditadas medianimicamente por Alfred de Musset a uma senhora de seu conhecimento, porque a loucura do Espiritismo ganha até os amigos desses senhores, que não ousam muito enviá-los publicamente a Charenton, sobretudo quando esses amigos são, como aquele, homens de uma inteligência notória, colocados à f rente da alta indústria artística. Sem dúvida, em consideração a esse amigo, não havia maltratado muito a procedência desses versos; contentou-se em enquadrá-los numa encenação de fantasia semi-burlesca. Dizia entre outras:

"Nada invento, eu constato. Num castelo das vizinhanças de Paris, fez vir o autor de *Kolla* e da *Coupe et lês lèvres...* numa mesa. Foi-lhe pedido versos!!!... inéditos. Um secretário espírita, sentou-se na cadeira encantada; disse ter escrito sob o ditado do imortal... e eis o que mostrou à assistência."

A verdade é que esses versos não foram obtidos nem num castelo nas vizinhanças de Paris nem por uma mesa, mas pela escrita comum, e que não se havia de nenhum modo chamado Alfred de Musset. A idéia de fazer vir o poeta numa mesa, sem dúvida, aos olhos do escritor, tinha alguma coisa de mais trivial com relação ao Espiritismo. Eis como as coisas se passaram.

A senhora X... é uma mulher do mundo, instruída como todas aquelas que receberam educação, mas de nenhum modo poeta. É dotada de uma poderosa faculdade medianímica, psicográfica e vidente, e deu, em muitas ocasiões, provas irrecusáveis da identidade dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Tendo ido passar a bela estação com seu marido, Espírita fervoroso como ela, num pequeno chalé, no meio das dunas do departamento do Norte, encontrava-se uma noite em seu balcão, sob um magnífico luar, contemplando a abóbada azulada e vasta extensão das dunas, num silêncio solene que não era interrompido senão pelos latidos do cão da casa, circunstância para notar, porque dão aos versos uma marca de atualidade. De repente ela se sentiu agitada e como envolvida de um fluido, e sem desígnio premeditado, foi levada a tomar a caneta; traçou de um só jato, sem risco nem hesitação, em alguns minutos, os versos em questão, com a assinatura de Alfred de Musset, com quem de nenhum modo sonhava. Nós os reproduziremos em sua integridade. Era 1º de setembro de 1865.

Assim, eis-te, pobre Espírito,
Contemplando o dia e a noite
A triste duna,
Não tendo, para te distrair,
Senão o cão que vem ladrar
A luz do *luar.*

Quando te vi, só e agitada,
Levantar para a abóbada estrelada
Teu olhar humilde,
Lembrei-me dos tristes dias
Em que maldizia para sempre

A terra árida.

Do mesmo modo que tu, eu sofria,
Sentindo nesse grande deserto
Meu coração em chama;
Como uma pérola no fundo dos mares,
Procurei em todo o universo
Uma prece da alma.

Para acalmar minha cabeça em fogo,
Viajei sob o céu azul
Da Itália;
Florença e Veneza me viram,
Entre suas filhas de seio nu,
Arrastar minha vida.

Às vezes o pescador indolente
Me viu chorar, como uma criança,
Junto à praia,
E parando, cheio de piedade,
Deixar suas redes apenas pela metade
O mar carregar.

Pobre criança, retorna junto a nós;
Como se embala sobre os joelhos
A criança que chora,
Nós te conduziremos a teu turno
Às ferras cheias de amor
Onde eu moro.

Se nestes versos escritos para ti,
Tomei ainda e apesar de mim
Esta execução,
Foi para afirmar aos sábios,
Que zombam dos fantasmas,
Minha assinatura.

A. DE MUSSET.

Publicando estes versos, o *Petit Journal* lhes fez sofrer várias alterações que lhe desnaturam o sentido e se prestam ao ridículo. Na primeira estrofe, 6º verso, em lugar de: *Au clairde lune,* colocou: *Au clair de Ia lune,* o que estropia o verso e o torna grotesco.

A segunda estrofe foi suprimida, o que quebra o encadeamento da idéia.

Na terceira, *2°* verso, em lugar de: *Ce grand désert,* que pinta a localidade, colocou: *Lê grand désert.*

Na sexta, no 5º verso, em lugar de: *Dans lês terres pleines d'amour,* que tem um sentido, colocou: *Dans lês serres pleines d'amour,* que não o tem.

Tendo essas retificações sido dirigidas ao *Petit Journal, é* lamentável que tenha se recusado a inseri-las. No entanto, o autor do artigo disse: "Não invento nada; eu constato."

A propósito do romance do Sr. Théophile Gauthier, intitulado *Espírita,* o mesmo Espírito ditou ao médium as estrofes seguintes, em 2 de dezembro de 1865:

Eis-me de novo. No entanto eu tinha, Senhora,
Jurado sobre meus grandes deuses de jamais rimar.
É um triste ofício o de fazer imprimir
As obras de um autor reduzido ao estado de alma.

Eu tinha fugido para longe de vós, mas um Espírito encantador
Se aventura, falando de nós, a excitar o sorriso.
Penso que disso sabe muito mais do que não quer dizer,
E que, em alguma parte, encontrou seu fantasma.

Um fantasma! Verdadeiramente isto parece estranho;
Eu mesmo dele ri quando estava neste mundo;
Mas quando afirmava que nele não acreditava,
Tinha, como um salvador, acolhido meu bom anjo.

Quanto o teria amado, quando, a fronte amarela,
Apoiada sobre minha mão, à noite, na janela,
Meu espírito, chorando, sondava *o grande talvez,*
Percorrendo ao longe o campo do infinito!

Amigos, que esperais de um século sem crença?
Quando tiverdes exprimido vosso fruto mais belo,
O homem tropeçara sempre sobre um túmulo
Se, para sustentá-lo, não tiver a esperança.

Mas estes versos, dir-se-á, não são dele.
Que me importa, depois de tudo, a reclamação do mundo!
Quando eu era vivo, não me ocupava quase nada;
Com mais forte razão disso rirei hoje.

A. DE MUSSET.

Eis o julgamento feito sobre estes versos por um dos redatores do *Monde illustré,* Sr. Júnior, que não é Espírita. (Ver o *Monde illustréde* 16 de dezembro de 1865.)

O Sr. T. Gautier recebeu de uma senhora uma peça de versos assinada por Alfred de Musset, e que poderia se intitular: *A uma senhora Espírita que me havia pedido versos para o seu álbum.* É evidente, uma vez que se trata de Espiritismo, que a senhora pretende ter sido a intermediária, a médium obediente cuja mão traçou os versos sob o ditado de Alfred de Musset, morto já há muitos anos.

"Até aí, nada senão de muito simples, porque desde que se folheia no infinito, todos aqueles que crêem no Espiritismo se voltam para vós e vos inundam de comunicações mais ou menos interessantes. Mas os versos assinados por Musset são tais que aquele ou aquela que os traçou é um poeta de primeira ordem. E a vez de Musset, é sua linguagem encantadora, sua sem cerimônia desembaraçada, seu encanto e sua graciosa maneira. Não é excessivo como o pastiche, não é intencional, não é forçado, e pensai bem que se um mestre como T. Gautier nisso se engana, é preciso que o quadro seja bem admiravelmente pastichado. O lado curioso é que o honrado Sr. Charpentier, o editor das obras completas de Musset, ao qual se fez ler esses versos encantadores, que espero vos comunicar logo, está prestes a gritar "Pega ladrão!"

"Suponde bem que não creio numa palavra de tudo que contam os Allan Kardec e os Delaage, mas isto me perturba e me provoca, e me é preciso supor que esses versos são inéditos e são do poeta das *Nuits,* - o que é bem inadmissível, porque, enfim, sob

qual pretexto a senhora em questão teria esses versos em sua gaveta? -ou então um poeta de raça teria inventado essa mistificação, e os poetas não perdem assim seu plágio. Qual é, pois, a solução possível? - Ouço daqui um homem *prático* dizer-me: "Meu caro senhor, quereis uma solução? ela está em vossa imaginação, que exagera a importância e a excelência desses versos; são graciosos e nada de mais, e o primeiro médium, um pouco pretensiosa e pedante que sabe seu Musset, isso fará igualmente.

"Senhor homem prático, tendes razão; isso ocorre noventa e nove vezes em cem; mas se soubesses a que ponto eu sou de sangue frio! Li esses versos que não tenho ainda o direito de vos comunicar, eu os li, os reli ainda, e muitos do próprio Gautier, e o grande lingüista, o grande cinzelador do *Poéme de Ia femme,* não faria melhor de Musset que este."

Nota. Há uma circunstância da qual o autor não se dá conta, e que rouba toda possibilidade de que esses versos tenham sido feitos por Musset quando vivo, são as atualidades e as alusões das coisas presentes. Quanto ao médium, não é nem poeta nem pedante, isto é certo, e além disto sua posição no mundo descarta toda suposição de fraude.

O ESPIRITISMO TOMA LUGAR NA FILOSOFIA E NOS CONHECIMENTOS USUAIS.

Publica-se neste momento uma importante obra que interessa no mais alto grau à Doutrina Espírita, e que não podemos melhor fazer conhecer senão pela análise do prospecto.

"NOVO DICIONÁRIO UNIVERSAL, panteão literário e enciclopé dia ilustrada, por MAURICE LACHATRE, com o concurso de sábios, de artistas e de homens de letras, segundo os trabalhos de: *Allan Kardec, Ampère, Andral, Arago, Audouin, Balbi, Becquerel, Berzelius, B!ot, Brongnard, Burnouf, Chateaubriand, Cuvier, Flourens, Gay-Lussac, Guizot, Humboldt, Lamartine, Lamennais, Laplace, Magendie, Michelet, Ch. Nodier, Orfila, Payen, Raspail, de Sacy, J. B. Say, Thiers, etc., etc.*

"Dois magníficos volumes grandes in-4^2 em três colunas, ilustrado com vinte mil assuntos, gravados sobre madeira, intercalados no texto. - Duas entregas por semana, - 10 centavos cada entrega. -Cada entrega contém 95.768 letras, quer dizer, a matéria da metade de um volume in-8°. A obra contém 200 entregas por volume, e não custará em tudo senão 40 francos. Esta obra, o mais gigantesco dos empreendimentos literários de nossa época, encerra a análise de mais de 400.000 obras, e pode ser considerada com razão com o mais vasto repertório dos conhecimentos humanos. O *Novo Dicionário Universal é o* mais exato, o mais completo e o mais progressivo de todos os dicionários, o único que abarca em seus desenvolvimentos todos os dicionários especiais da língua usual, da língua poética, dos sinônimos, da velha linguagem, das dificuldades gramaticais, da teologia, das religiões, seitas e heresias, das festas e cerimônias em todos os povos, da mitologia, do magnetismo, do Espiritismo, das doutrinas filosóficas e sociais, da história, da biografia, das ciências, da física, da química, da história natural, da astronomia, das invenções, da medicina, da geografia, da marinha, da jurisprudência, da economia política, da franco-maçonaria, da agricultura, do comércio, da economia doméstica, do governo da casa, etc., etc. - Paris, *Docks de Ia librairie,* 38, boulevard Sébastopol."

Esta obra conta neste momento vinte mil subscritores.

Devemos primeiramente fazer observar que se nosso nome se encontra à frente dos autores cujas obras foram consultadas, foi a ordem alfabética que assim quis, e não a preeminência.

Todos os termos especiais do vocabulário espírita se encontram nesse vasto repertório, não com uma simples definição, mas com todos os desenvolvimentos que comportam; de sorte que seu conjunto formará um verdadeiro tratado do Espiritismo. Além disso, todas as vezes que uma palavra possa dar lugar a uma dedução filosófica, a idéia espírita estará colocada em paralelo como ponto de comparação. Estando a obra concebida num espírito de imparcialidade, não apresenta mais a idéia espírita que toda outra como a verdade absoluta; deixa o leitor livre para aceitá-la ou rejeitá-la, mas dá a este os meios de apreciá-la, apresentando-a com uma escrupulosa exatidão, e não truncada, alterada ou julgada antecipadamente; limita-se a dizer: sobre tal ponto uns pensam de tal maneira, o Espiritismo a explica de tal outra.

Um dicionário não é um tratado especial sobre uma matéria, onde o autor desenvolve sua opinião pessoal; é uma obra de pesquisas, destinada a ser consultada, e que se dirige a todas as opiniões. Procurando-se nela uma palavra, é para saber o que significa em realidade, e não para ter a apreciação do redator, que pode ser justa ou falsa. Um judeu, um muçulmano, devem ali encontrar ali a idéia judia ou muçulmana exatamente reproduzida, o que não obriga esposar essa idéia. O dicionário não tem que decidir se ela é boa ou má, absurda ou racional, porque o que é aprovado por uns pode ser censurado por outros; apresentando-a em sua integridade, dela não assume a responsabilidade. Tratando-se de uma questão científica que divide os sábios, da homeopatia e da alopatia, por exemplo, tem por missão dar a conhecer os dois sistemas, mas não de preconizar um às expensas do outro. Tal deve ser o caráter de um dicionário *enciclopédico;* só nestas condições pode ser consultado com proveito, em todos os tempos e por todo o mundo; com a universalidade ele adquire a perpetuidade.

Tal é, e tal deverá ser, o sentimento que presidiu à parte que concerne ao Espiritismo. Que os críticos emitam sua opinião nas obras especiais, nada de melhor, é seu direito; mas um dicionário é um terreno neutro onde cada coisa deve estar apresentada com suas cores verdadeiras, e onde se deve poder haurir toda espécie de informações com a certeza de ali encontrar a verdade.

Em tais condições, o Espiritismo, tendo achado lugar numa obra tão importante e tão popular quanto o *Novo Dicionário Universal,* tomou lugar entre as doutrinas filosóficas e os conhecimento usuais; seu vocabulário, já aceito pelo uso, recebeu sua consagração, e doravante nenhuma obra do mesmo gênero poderá omiti-lo sem estar incompleta. Está ainda aí um dos produtos do ano de 1865, que o Sr. vice-presidente Jaubert deixou de mencionar em sua nomenclatura dos resultados deste ano.

Em apoio às observações acima e como espécime da maneira pela qual as questões espíritas são tratadas nessa obra, citaremos a explicação que se encontra para a palavra ALMA. Depois de ter longamente e imparcialmente desenvolvido as diferentes teorias da alma, segundo Aristóteles, Platão, Leibniz, Descartes e outros filósofos, que não podemos reproduzir por causa de sua extensão, o artigo termina assim:

"SEGUNDO A DOUTRINA ESPÍRITA, a alma é o princípio inteligente que anima os seres da criação e lhes dá o pensamento, a vontade e a liberdade de agir. Ela é imaterial, individual e imortal; mas sua essência íntima é desconhecida: não podemos concebê-la absolutamente isolada da matéria senão como uma abstração. Unida ao envoltório fluídico etéreo ou *perispírito,* ela constitui *o ser espiritual* concreto, definido e circunscrito chamado *Espírito.* (V. ESPÍRITO, PERISPÍRITO.) Por metonímia, emprega-se freqüentemente as palavras *alma* e *espírito* uma pela outra; diz-se: as almas sofredoras e os espíritos sofredores; as almas felizes e os espíritos felizes; evocar a alma ou o espírito

de alguém; mas a palavra *a*/madesperta antes a idéia de um princípio, de uma coisa abstrata, e a palavra *espírito a* de uma individualidade.

"O espírito unido ao corpo material pela encarnação constitui o *homem;* de sorte que no homem há três coisas: a alma propriamente dita, ou princípio inteligente; o *perispírito,* ou envoltório fluídico da alma; o *corpo,* ou envoltório material. A alma é assim um ser simples; o espírito, um ser duplo composto da alma e do perispírito; o homem, um ser triplo composto da alma, do perispírito *e* do corpo. O corpo separado do espírito é uma matéria inerte; o perispírito separado da alma é uma matéria fluídica sem vida e sem inteligência. A alma é o princípio da vida e da inteligência; foi, pois, erradamente que algumas pessoas pretenderam que dando à alma um envoltório fluídico semi-material, o Espiritismo dela fez um ser material.

"A origem primeira da alma é desconhecida, porque o princípio das coisas está nos segredos de Deus, e que não é dado ao homem, em seu estado atual de inferioridade, tudo compreender. Não se pode, sobre este ponto, formular senão sistemas. Segundo uns, *a* alma é uma criação espontânea da Divindade; segundo outros é mesmo uma emanação, uma porção, uma centelha do fluido divino. Aí está o problema sobre o qual não se pode estabelecer senão hipóteses, porque há razões pró e contra. A segunda opinião se opõe, no entanto, esta objeção fundada: sendo Deus perfeito, se as almas são porções da Divindade, elas deveriam ser perfeitas, em virtude do axioma de que a parte é da mesma natureza que o todo; desde então, não se compreenderia que as almas fossem imperfeitas e que tivessem necessidade de se aperfeiçoar. Sem nos deter nos diferentes sistemas tocando a natureza íntima e a origem da alma, o Espiritismo a considera na espécie humana; ele constata, pelo fato de seu isolamento e de sua ação independente da matéria, durante a vida e depois da morte, sua existência, seus atributos, sua sobrevivência e sua individualidade. Sua individualidade ressalta da diversidade que existe entre as idéias e as qualidades de cada um no fenômeno das manifestações, diversidade que acusa para cada uma existência própria.

Um fato não menos capital ressalta igualmente das observações: é que a alma é essencialmente progressiva, e que adquire sem cessar em saber e em moralidade, uma vez que se as vê em todos os graus de desenvolvimento. Segundo o ensino unânime dos Espíritos, ela é criada *simples e ignorante,* quer dizer, sem conhecimentos, sem consciência do bem e do mal, com uma igual aptidão para u m e para outro e para tudo adquirir. Sendo a criação incessante e por toda a eternidade, há almas chegadas ao cume da escala, enquanto que outras nascem para a vida; mas, tendo todas o mesmo ponto de partida, Deus não as criou melhor dotadas umas do que as outras, o que é conforme a sua soberana justiça: uma perfeita igualdade presidindo a sua formação, elas avançam mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre arbítrio e segundo seu trabalho. Deus deixa assim a cada uma o mérito e o demérito de seus atos, e a responsabilidade cresce à medida que se desenvolve o senso moral. De sorte que, de duas almas criadas ao mesmo tempo, uma pode chegar ao objetivo mais depressa do que a outra, se trabalha mais ativamente para a sua melhoria; mas aquelas que permaneceram atrasadas chegarão igualmente, embora mais tarde e depois de rudes provas, porque Deus não fecha o futuro para nenhum de seus filhos.

A encarnação da alma num corpo material é necessária para o seu aperfeiçoamento; pelo trabalho de que a existência corpórea necessita, a inteligência se desenvolve. Não podendo, numa única existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-la ao objetivo, ela ali chega passando por uma série ilimitada de existências, seja sobre a Terra, seja em outros mundos, em cada um dos quais ela dá um passo no caminho do progresso e se despoja de algumas imperfeições. Em cada existência a alma leva o que adquiriu nas existências precedentes. Assim se explica a diferença que existe nas aptidões inatas e no grau de adiantamento das raças e dos povos. (V. ESPÍRITO, REENCARNAÇÃO.)"

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO **NO. 2** **FEVEREIRO 1866**

O ESPIRITISMO SEGUNDO OS ESPÍRITAS.

Extraído do jornal *la Discussion.*

La Discussion, jornal hebdomanário, político e financeiro, impresso em Bruxelas, não é uma dessas folhas levianas que visam à diversão do público frívolo pelo fundo e pela forma; é um jornal sério, sobretudo acreditado no mundofinanceiro e que está em seu décimo-primeiro ano (1-(1) Escritório em Bruxelas, 17, Montagne de Sion; Paris, rua Bergère. - Preço para Franca, 12fr. por ano; 7 fr. por seis meses; cada número de oito páginas gr. in-folio: 25 centavos.).

Sob o título de: *O Espiritismo segundo os Espíritas,* o número de 31 de dezembro de 1865 contém o artigo seguinte:

"Espíritas e *Espiritismo* são duas palavras agora muito conhecidas e freqüentemente empregadas, embora fossem desconhecidas há somente alguns meses. No entanto, a maioria das pessoas que se servem dessas palavras delas se perguntam o que significam exatamente, e se bem que cada um *se* pergunte isso, ninguém a dirige porque todos querem passar por conhecer a palavra e a charada.

"Algumas vezes no entanto, a curiosidade intriga até levar a interrogação aos lábios, e, ao vosso desejo, todos vos informam.

"Uns pretendem que o Espiritismo seja o truque do guarda-roupa dos irmãos Davenport; outros afirmam que não é outra coisa senão a magia e a bruxaria de outrora que se quer reabilitar graças a um novo nome. Segundo *as* idosas de todos os quarteirões, os Espíritas têm conversas misteriosas com o diabo, com o qual preliminarmente assumiram um compromisso. Enfim, se leram os jornais, ali se aprende que os Espíritas são todos loucos, ou pelo menos as vítimas de certos charlatães chamados *médiuns.* Esses charlatães a eles vêm, com ou sem guarda-roupa, dar representações a quem quiser pagá-los, e, para melhor acreditar seu malabarismo, dizem operar sob a influência oculta dos Espíritos de além-túmulo.

"Eis o que aprendi nestes últimos tempos; vi o desacordo dessas respostas, resolvi, para me esclarecer, ir ver o diabo, devesse ele me levar, ou fazer-me vítima por um médium, devesse deixar-lhe minha razão. Lembrei-me, então, muito a propósito, de um amigo que supunha do espiritismo, e fui encontrá-lo, a fim de que me proporcionasse os meios de satisfazer minha curiosidade.

"Comuniquei-lhe as opiniões diferentes que tinha recolhido e lhe expus o objeto de minha visita. Mas meu amigo riu muito daquilo que chamava minha ingenuidade e deu-me mais ou menos a explicação que segue:

"O Espiritismo não é, como se crê vulgarmente, uma receita para fazer as mesas dançarem ou para executar torneios de escamoteação, *e é* erradamente que cada um quer nele encontrar o maravilhoso.

"O Espiritismo é uma ciência ou, dizendo melhor, uma filosofia espiritualista que ensina a moral.

"Ela não *é* uma religião, naquilo que não tem nem dogmas, nem culto, nem sacerdotes, nem artigos de fé; é mais do que uma filosofia, porque sua doutrina é estabelecida sobre a prova *certa* da imortalidade da alma: é para fornecer essa prova que os Espíritas evocam os Espíritos de além-túmulo.

"Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna próprios para servirem de intermediários aos Espíritos e produzirem com eles os fenômenos que passam por milagres ou por da prestidigitação aos olhos de quem lhes ignora a explicação. Mas a faculdade medianímica não é o privilégio exclusivo de certos indivíduos; ela é inerente à espécie humana, embora cada uma a possua em graus diferentes, ou sob diferentes formas.

"Assim, para quem conhece o Espiritismo, todas as maravilhas das quais acusam essa doutrina não são muito simplesmente senão fenômenos de ordem física, quer dizer, efeitos cuja causa reside nas leis da Natureza.

"No entanto, os Espíritos não se comunicam aos vivos como único objetivo de provar a sua existência: são eles que ditaram e desenvolvem todos os dias a filosofia espiritualista.

"Como toda filosofia, esta tem seu sistema, que consiste na revelação das leis que regem o Universo *e* na solução de um grande número de problemas filosóficos diante dos quais, até aqui, a Humanidade impossibilitada foi constrangida a se inclinar.

"É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, sua desatinação, a causa de nossa existência neste mundo; ele revela o mistério da morte; dá a razão dos vícios e das virtudes do homem; diz o que é o homem, o que é o mundo, o que é o Universo; faz, enfim, o quadro da harmonia universal, etc.

"O sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis que têm, elas mesmas, por árbitro de sua verdade os fatos palpáveis e a razão mais pura. Assim, em todas as teorias que expõe, age como a ciência e não avança um ponto desde que o precedente não esteja completamente certificado. Igualmente, o Espiritismo não impõe a confiança, porque não tem necessidade, para ser aceito, senão da autoridade do bom senso.

"Este sistema estabelece, nele é deduzido, como conseqüência imediata, um ensino moral.

"Esta moral não é outra que a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano, e ela é de todas as religiões e de todas as filosofias, por isto mesmo pertence a todos *os* homens. Mas, livre de todo fanatismo, de toda superstição, de todo espírito de seita ou de escola, ela resplandece em toda a sua pureza.

"É a esta *pureza* que ela pede toda a sua grandeza e toda a sua beleza, de sorte que *é* a primeira vez que a moral nos aparece revestida de um brilho tão majestoso e tão esplêndido.

"O objeto de toda moral é de ser praticada; mas esta sobretudo tem esta condição como absoluta, porque ela chama Espíritas, não aqueles que aceitam os seus preceitos, mas somente aqueles que colocam os seus preceitos em ação.

"Direi quais são as suas doutrinas? Não pretendo ensinar aqui, e o enunciado das máximas me conduziria necessariamente a desenvolvê-las.

"Direi somente que a moral espírita nos ensina a suportar a infelicidade sem desprezá-la, a gozar da felicidade sem a ela nos prender; nos abaixa sem nos humilhar, nos eleva sem nos orgulhar; ela nos coloca acima dos interesses materiais, sem por isto marcá-los de aviltamento, porque nos ensina, ao contrário, que todas as vantagens das quais somos favorecidos são tantas f orcas que nos são confiadas e por cujo emprego somos responsáveis para com os outros e para conosco mesmos.

"Vem, então, a necessidade de especificar essa responsabilidade, as penas que são dadas à infração ao dever, e as recompensas das quais gozam aqueles que a obedeceram. Mas aí ainda, as assertivas não são tiradas senão dos fatos e podem se verificar até a perfeita convicção.

"Tal é esta filosofia, onde tudo é grande, porque tudo nela é simples; onde nada é obscuro, porque nela tudo está provado; onde tudo é simpático, porque cada questão nela interessa intimamente a cada um de nós.

"Tal é esta ciência que, projetando uma viva luz sobre as trevas da razão, desvenda, de repente, os mistérios que acreditávamos impenetráveis, e recua ao infinito o horizonte da inteligência.

'Tal é esta Doutrina que pretende tornar felizes, melhorando-os, todos aqueles que consentem em segui-la, e que abre, enfim, à Humanidade, um caminho seguro ao progresso moral.

"Tal é, enfim, a loucura da qual os Espíritas estão atacados, e a feitiçaria que praticam."

"Assim, sorrindo, termina meu amigo, quem, a meu pedido, me deu encontro para visitarmos juntos algumas reuniões espíritas, onde as experiências se juntam ao ensinamento.

"De volta à minha casa, lembrei-me o que tinha dito, de acordo com todo o mundo, contra o Espiritismo, antes de conhecer apenas o significado desta palavra, e essa lembrança encheu-me de uma amarga confusão.

"Pensei, então, que, apesar dos desmentidos severos infligidos ao orgulho humano pelas descobertas da ciência moderna, não pensamos quase nada, nos tempos de progresso em que vivemos, em aproveitar os ensinamentos da experiência; e que estas palavras escritas por Pascal, há duzentos anos, terão ainda durante séculos uma rigorosa exatidão: "É uma doença natural ao homem crer que possui a verdade diretamente; e daí vem que está sempre disposto a negar o que lhe é incompreensível."

"A. BRIQUEL"

Como se vê, o autor deste artigo quis apresentar o Espiritismo sob sua verdadeira luz, livre das deturpações que lhe faz sofrer a crítica, ao, em uma palavra, que o admitem os Espíritas, e estamos felizes em dizer que ele venceu perfeitamente. É impossível, com efeito, resumir a questão de maneira mais clara e mais precisa. Devemos também felicitações à direção do jornal que, num espírito de imparcialidade que gostaríamos de ver entre todos aqueles que fazem profissão de liberalismo, e que se colocam como apóstolos da liberdade de pensar, acolheu uma profissão de fé tão explícita.

De resto, suas intenções tocam o Espiritismo tão claramente formuladas no artigo seguinte, publicado no número de 28 de janeiro:

Como ouvimos falar do Espiritismo.

"O artigo publicado no nosso número de 31 de dezembro, sobre o Espiritismo, provocou numerosas perguntas com o efeito de saber se nos propomos a tratar ulteriormente desta questão, e se dela nos fazemos um órgão. Uma explicação categórica a este respeito, sendo necessária para evitar todo equívoco, eis a nossa resposta:

"A *Discussion é* um jornal aberto a todas as idéias progressivas; ora, o progresso não pode se fazer senão por idéias novas que venham, de tempo em tempo, mudar o curso das idéias recebidas. Repeli-las porque destroem as que nos foram berço, é, aos nossos olhos, faltar com a lógica. Sem nos fazermos os apologistas de todas as elucubrações do espírito humano, o que não seria mais racional, consideramos como um dever de imparcialidade colocar o público em condições de julgá-las; para isto, basta apresentá-las tais quais são, sem tomar prematuramente partido, nem pró nem contra; porque se elas forem falsas, não será a nossa adesão que as tornará justas, e se elas forem justas, nossa desaprovação não as tornará falsas. Em tudo, é a opinião pública e o futuro que se pronunciam em última instância; mas para apreciar o forte e o fraco de uma idéia, é preciso conhecê-la em sua essência, e não tal como a apresenta aqueles que têm

interesse em combatê-la, quer dizer, o mais freqüentemente truncada e desfigurada. Se, pois, expomos os princípios de uma teoria nova, não queremos que seus autores ou seus partidários possam nos fazer a censura de lhes fazer dizer o contrário daquilo que dizem. Agir assim, não é assumir-lhe a responsabilidade: é dizer o que é e reservar a opinião de todo o mundo. Colocamos a idéia em evidência em toda a sua verdade; se ela for boa fará seu caminho, e nós lhe teremos aberto a porta; se for má, teremos dado os meios de julgá-la com conhecimento de causa.

É assim que procederemos com respeito ao Espiritismo. Qualquer que seja a maneira de ver a esse respeito, ninguém pode se dissimular a extensão que tomou em alguns anos; pelo número e pela qualidade de seus partidários, conquistou seu lugar entre as opiniões recebidas. As tempestades que levanta, a obstinação que se põe em combatê-lo em um certo mundo, são, para os menos clarividentes, o indício de que encerra alguma coisa de séria, uma vez que emociona a tanta gente. Que dele se pense o que quiser, é incontestavelmente uma das grandes questões na ordem do dia; não seríamos, pois, conseqüentes com o nosso programa, se a passássemos em silêncio. Nossos leitores têm direito de nos pedir que os façamos conhecer o que é essa doutrina que faz um tão grande ruído; nosso interesse é de satisfazê-los, e nosso dever é de fazê-lo com imparcialidade. Nossa opinião pessoal sobre a coisa pouco lhes importa; o que esperam de nós é um relatório exato dos fatos e conduta de seus partidários sobre o qual possam formar a sua própria opinião. Como a isto nos prendemos? É muito simples: Iremos à própria fonte; faremos para o Espiritismo o que fazemos para as questões de política, de finança, de ciência, de arte ou de literatura; quer dizer que disso encarregaremos homens especiais. As questões do Espiritismo serão, pois, tratadas pelos Espíritas, como as de arquitetura pelos arquitetos, a fim de que não nos qualifiquem de cegos raciocinando sobre cores, e que não nos apliquem esta palavra de Fígaro: Era preciso um calculador, tomou-se um dançarino.

"Em suma, a *Discussion* não se coloca nem em órgão nem em apóstolo do Espiritismo; abre-lhe as suas colunas como a todas as idéias novas, sem pretender impor essa opinião aos seus leitores, sempre livres de controlá-la, de aceitá-la ou de rejeitá-la. Deixa aos seus redatores especiais toda liberdade de discutir os princípios dos quais sozinhos assumem a responsabilidade; mas que, no interesse de sua própria dignidade, ela repelirá sempre, é a polêmica agressiva e pessoal."

CURAS DE OBSESSÕES

Escrevera-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866: "Eis um segundo caso de obsessão, que empreendemos e levamos a bom fim durante o mês de julho último. A obsidiada tinha a idade de vinte e dois anos; gozava de uma saúde perfeita; apesar disto, foi de repente vítima de acessos de loucura; seus pais afizeram cuidar por médicos, mas inutilmente, porque o mal, em lugar de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, ao ponto que, durante as crises, era impossível contê-la. Os pais, vendo isto, segundo o conselho dos médicos, obtiveram sua admissão em uma casa de alienados, onde seu estado não experimentou nenhuma melhora. Nem eles nem a doente jamais se ocuparam do Espiritismo, que mesmo não conheciam; mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R..., da qual convosco conversei, vieram nos procurar para nos pedir se poderíamos fazer alguma coisa por sua infeliz filha. Respondemos que não poderíamos nada afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. Nossos guias, consultados em nossa primeira sessão, nos disseram que essa jovem estava subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por conduzi-lo a um bom caminho, e que a cura que se seguiria nos daria a prova da verdade desta afirmação. Em conseqüência, escrevi aos pais,

distantes de nossa cidade 35 quilômetros, que sua filha se curaria, e que a cura não demoraria muito tempo para chegar, sem, no entanto, poder precisar-lhe a época.

"Evocamos o Espírito obsessor durante oito dias seguidos e fomos bastante felizes por mudar suas más disposições e fazê-lo renunciar a atormentar sua vítima. Com efeito, a doente sarou, como o haviam anunciado nossos guias.

"Os adversários do Espiritismo repetem sem cessar que a prática desta Doutrina conduz ao hospital. Pois bem! podemos dizer-lhes, nesta circunstância, que o Espiritismo de lá fez sair aqueles que a tinham feito entrar."

Este fato, entre mil, é uma nova prova da existência da *loucura obsessional,* cuja causa é diferente daquela da loucura patológica, e diante da qual a ciência fracassará enquanto se obstinar a negar o elemento espiritual e sua influência sobre o organismo. O caso aqui é bem evidente: eis uma jovem apresentando de tal modo os caracteres da loucura, que os médicos a desprezaram, e que está curada, a várias léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento nem tratamento médico, e unicamente pela moralização do Espírito obsessor. Há, pois, Espíritos obsessores cuja ação pode ser perniciosa para a razão e a saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se não tivesse a citar senão um único fato, sem dúvida, seria temerário disso deduzir a afirmação de um princípio tão importante, mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos; não são o privilégio de um indivíduo, e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam sobre uma lei natural.

Citamos várias curas deste gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. Eis um outro fato, não menos característico, obtido no grupo de Marmande.

Numa aldeia, a algumas léguas dessa cidade, tinha um camponês atacado de uma loucura de tal modo furiosa, que perseguia as pessoas a golpes de forcado para matá-las, e que na falta de pessoas, atacava os animais do galinheiro. Ele corria sem cessar pelos campos e não voltava mais para sua casa. Sua presença era perigosa; assim, obteve-se sem dificuldade a autorização de interná-lo na casa dos alienados de Cadillac. Não foi sem um vivo desgosto que a sua família se viu forçada a tomar essa decisão. Antes de levá-lo, um de seus parentes tendo ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, veio procurar o Sr. Dombre e lhe disse: "Senhor, me disseram que curais os loucos, é por isso que venho vos procurar;" depois lhe contou do que se tratava, acrescentando: "É que, vede, isso nos dá tanta pena de nos separar desse pobre J... que gostaria antes de ver se não há um meio de impedi-lo."

- "Meu bravo homem, disse-lhe o Sr. Dombre, não sei quem me deu essa reputação; triunfei algumas vezes, é verdade, em devolver a razão a pobres insensatos, mas isto depende da causa da loucura. Embora não vos conheça, vou ver, no entanto, se posso vos ser útil." Tendo ido imediatamente com o indivíduo à casa de seu médium habitual, obteve de seu guia a segurança de que se tratava de uma grave obsessão, mas que com a perseverança dela triunfaria. Sobre isto disse ao camponês: "Esperai ainda alguns dias antes de conduzir vosso parente a Cadillac; dele iremos nos ocupar; retornai a cada dois dias para dizer-me como ele se encontra."

Desde esse dia se puseram à obra. O Espírito se mostrou, de início, como seus semelhantes, pouco tratável; pouco a pouco, acabou por humanizar-se, e, finalmente, por renunciar a atormentar esse infeliz.

Um fato bastante particular é que ele declara não ter nenhum motivo de ódio contra esse homem; que, atormentou por necessidade de fazer o mal, nisso se prendeu a ele como a qualquer outro; que reconhecia agora ter errado e disto pedia perdão a Deus. O camponês retornou depois de dois dias, e disse que seu parente estava mais calmo, mas

que não tinha ainda retornado para sua casa, e se escondia nas cercas vivas. Na visita seguinte, ele havia retornado à casa, mas estava sombrio, e se mantinha afastado; não procurava mais ferir ninguém. Alguns dias depois, ia à feira e fazia seus negócios, como de hábito. Assim, oito dias tinham bastado para reconduzi-lo ao estado normal, e isto sem nenhum tratamento físico. É mais que provável que se o tivesse encerrado com os loucos, teria perdido completamente a razão.

Os casos de obsessão são de tal modo freqüentes que não há nenhum exagero em dizer que nas casas de alienados há mais da metade deles que não têm senão a aparência da loucura, e sobre os quais a medicação comum é, por isto mesmo, impotente.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras do organismo, e nos dá, ao mesmo tempo, os meios de remediá-la: aí está um de seus benefícios. Mas como essa causa pode ser reconhecida se não for pelas evocações? As evocações, são, pois, boas para alguma coisa, o que quer que digam delas seus detratores.

É evidente que aqueles que não admitem nem a alma individual, nem a sua sobrevivência, ou que, se as admite, não se dão conta do estado do Espírito depois da morte, devem olhar a intervenção dos seres invisíveis em semelhantes circunstâncias, como uma quimera; mas o fato brutal do mal e das curas aí está. Poder-se-ia colocar à conta da imaginação as curas operadas à distância, sobre pessoas que jamais se viram, sem emprego de nenhum agente material qualquer. A doença não pode ser atribuída à prática do Espiritismo, uma vez que ela atinge mesmo aqueles que nele não crêem, e crianças que dele não têm nenhuma idéia. Não há, portanto, aqui nada de maravilhoso, mas efeitos naturais que existiram em todos os tempos, que não se compreendiam então, e que se explicam da maneira mais simples, agora que se conhecem as leis em virtude das quais se produzem.

Não *se* vêem, entre os vivos, seres maus atormentando outros mais fracos, até torná-los doentes, fazê-los morrer mesmo, e isto sem outro motivo senão o desejo de fazer o mal? Há dois meios de retornar a paz à vítima: subtraí-la da autoridade, à sua brutalidade, ou desenvolver nela os sentimentos do bem. O conhecimento que temos agora do mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram sobre a Terra, uns bons, os outros maus. Entre estes últimos, há os que se comprazem ainda no mal, em conseqüência de sua inferioridade moral e que não se despojaram ainda de seus instintos perversos; estão em nosso meio como quando vivos, com a única diferença de que em lugar de terem um corpo material visível, têm um corpo fluídico invisível; mas não são, por isto, menos os mesmos homens, no sentido moral pouco desenvolvido, procurando sempre as ocasiões de fazer o mal, se obstinando sobre aqueles que lhes dão presa e que acabam submetendo-se à sua influência; obsessores encarnados que eram, são obsessores desencarnados, tanto mais perigosos porque agem sem serem vistos. Afastá-los pela força não é coisa fácil, tendo em vista que não se pode prendê-los pelo corpo; o único meio de dominá-los é o ascendente moral com a ajuda do qual, pelo raciocínio e os sábios conselhos, chega-se a torná-los melhores, por isto são mais acessíveis no estado de Espírito do que no estado corpóreo. Desde o instante em que são conduzidos a renunciarem voluntariamente a atormentar, o mal desaparece, se esse mal é o fato de uma obsessão; ora, compreende-se que não são nem as duchas, nem os remédios administrados ao doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. Eis todo o segredo dessas curas, para as quais não há nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas; conversa-se com o Espírito desencarnado, se o moraliza, educa-o, como teria sido feito quando de sua vida. A habilidade consiste em saber prendê-lo segundo seu caráter, a dirigir com tato as instruções que são dadas, como o faria um instrutor experimentado. Toda a questão se resume a isto: Há, sim ou não, Espíritos obsessores? A isto responde-se o que dissemos mais acima: Os fatos materiais aí estão.

Pergunta-se, às vezes, por que Deus permite aos maus Espíritos atormentarem os vivos. Poder-se-ia com tanto de razão perguntar por que permite aos vivos de se atormentarem entre si. Perde-se muito de vista a analogia, as relações e a conexão que existem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, que se compõe dos mesmos seres sob dois estados diferentes; aí está a chave de todos esses fenômenos reputados sobrenaturais.

Não é preciso mais se espantar com as obsessões do que com as doenças e outros males que afligem a Humanidade; elas fazem parte das provas e das misérias que se prendem à inferioridade do meio onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhores para merecer dele sair. Os homens sofrem neste mundo as conseqüências de suas imperfeições, porque se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

O NAUFRÁGIO DO BORYSTHÈNE.

A maioria de nossos leitores leu, sem dúvida, em todos os jornais, o emocionante relato do naufrágio do *Borysthène,* nas costas da Argélia, em 15 de dezembro de 1865. Extraímos a passagem seguinte do relato de um dos passageiros escapados do desastre, publicado em o *Siècle* de 26 de janeiro:

"... No mesmo instante, um estalido terrível, indefinível, se fez ouvir, acompanhado de abalos tão violentos, que caí por terra; depois ouvi um marinheiro que gritou: "Meu Deus! estamos perdidos; orai por nós!" Vínhamos de tocar o rochedo, e o navio se entrepartiu; a água entrava no porão, ouvia-se-lhe borbulhar. Os soldados, que dormiam na ponte, se salvam desordenadamente, não importa onde, dando gritos horríveis; os passageiros, seminus se lançam para fora das cabines; as pobres mulheres se agarram a todo o mundo, suplicando-lhes que as salvem. Ora-se ao bom Deus muito alto; dizia-se adeus. Um negociante arma uma pistola e quer queimar o cérebro: sua arma é arrancada.

"Os abalos continuaram; o sino de bordo tocava o alarme, mas o vento mugia tão terrivelmente que o sino não era ouvido a cinqüenta metros. Eram gritos, urros, preces; era não sei quê de terrível, de lúgubre, de assustador. Jamais vi nada, jamais li nada de cenas tão horríveis, tão pungentes. Estar lá, cheio de vida, de saúde, e em face de uma morte que se acreditava certa, e uma morte horrível!

"Nesse momento supremo e indescritível, o vigário, Sr. Moisset, nos deu a todos a sua bênção. A voz cheia de lágrimas desse pobre sacerdote recomendava a Deus duzentos e cinqüenta infelizes que o mar iria engolir, comovia todas as entranhas."

Não há um grande ensinamento nessa espontaneidade da prece em face de um perigo iminente? Entre essa multidão amontoada no navio, certamente, havia incrédulos e quase não pensaram antes nem em Deus nem em sua alma, e hei-los em presença de uma morte que acreditavam certa, voltando seus olhares para o Ser Supremo, como para sua única tábua de salvação. É que no momento em que se ouvia soar a última hora, involuntariamente, o coração mais endurecido pergunta o que se vai começar a ser. O doente, em seu leito, espera até o último momento, é porque ele desafia todo poder sobre-humano, e quando a morte o atinge, o mais freqüentemente, já perdeu a consciência de si mesmo. Sobre um campo de batalha, há uma superexcitação que faz esquecer o perigo; e depois todo o mundo não é atingido, e se tem uma chance de escapar; mas no meio do Oceano, quando se vê submergir um navio, não se espera mais do que um socorro desta Providência que se havia esquecido, e à qual o ateu está pronto para pedir um milagre. Mas, ai! passado o perigo, quantos há que disso rendem graças ao acaso e à sua boa chance, ingratidão que cedo ou tarde pagarão caramente. (O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. XXVII, nº 8.)

Em semelhante circunstância, qual é o pensamento do Espírita sincero? "eu sei, diz ele, que devo me esforçar para conservar a minha vida corpórea; farei, pois, tudo o que está em meu poder para escapar ao perigo, porque, se a ele me abandonar voluntariamente, isto seria um suicídio, mas se aprouver a Deus retirá-la de mim, que importa que isto seja de uma maneira ou de uma outra, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde! A morte não traz para mim nenhuma apreensão, porque sei que só o corpo morre, e que é a entrada da vida verdadeira, da do Espírito livre, onde reencontrarei todos aqueles que me são caros." Ele entrevê, pelo pensamento, o mundo espiritual, objetivo de suas aspirações, do qual apenas alguns instantes o separam ainda, e do qual a morte de seu corpo, que o retinha sobre a Terra, vai enfim lhe dar acesso; ele se rejubila em lugar de com isso se afligir, como o prisioneiro que vê se lhe abrirem as portas da prisão. Uma única coisa o entristece, é deixar aqueles que ama; mas com isto se consola pela certeza de que não os abandonará, e que estará mais freqüentemente e mais facilmente junto deles do que durante sua vida, que poderá vê-los e protegê-los. Ao contrário, se escapou ao perigo, dirá a si mesmo: "Uma vez que Deus me deixa viver ainda sobre a Terra, é que a minha tarefa ou as minhas provas nela não estão acabadas. O perigo que corri é uma advertência que Deus me dá para que esteja pronto para partir no primeiro momento, e de fazê-lo de sorte que isto seja nas melhores condições possíveis." Depois ele agradecerá pelo adiamento que lhe foi concedido, e se esforçará para pô-lo em proveito para o seu adiantamento.

Um dos mais curiosos episódios desse drama é o fato desse passageiro que queria se queimar o cérebro, dando-se assim uma morte certa, ao passo que correndo as chances do naufrágio, poderia surgir um socorro inesperado. Que móvel poderia levá-lo a esse ato insensato? Muitos dirão que tinham perdido a cabeça, o que seria possível; mas talvez tivesse sido movido, com seu desconhecimento, por uma intuição da qual não se dava conta. Embora não tenhamos nenhuma prova material da verdadeira explicação que foi dada acima, o conhecimento das relações que subsistem entre as diferentes existências lhe dá pelo menos um grande grau de probabilidade.

As duas comunicações seguintes foram dadas na sessão da Sociedade de Paris de 12 de janeiro.

I

A prece é o veículo dos fluidos espirituais mais poderosos, e que são como um bálsamo salutar para as feridas da alma e do corpo. Ela atrai todos os seres para Deus, e faz, de alguma sorte, a alma sair da espécie de letargia em que ela é mergulhada quando esquece seus deveres para com o Criador. Dita com fé, ela provoca naqueles que a ouvem o desejo de imitar aqueles que oram, porque o exemplo e a palavra levam também fluidos magnéticos de uma força muito grande. As que foram ditas sobre o navio naufragado, pelo sacerdote, com o acento da convicção mais tocante e da resignação mais santa, tocaram o coração de todos esses infelizes que acreditavam chegada sua última hora.

Quanto a esse homem que queria se suicidar em face de uma morte certa, esta idéia lhe veio de uma repulsão instintiva pela água, porque é a terceira vez que morre dessa maneira, e suportou, em alguns instantes, as mais horríveis angústias. Nesse momento, teve a intuição de todas as suas infelicidades passadas, que lembrou vagamente em seu espírito: foi porque quis acabar diferentemente. Duas vezes tinha se afogado voluntariamente, e tinha arrastado toda a sua família com ele. A impressão confusa que lhe restou dos sofrimentos que tinha suportado lhe deu a apreensão desse gênero de morte.

Orai por esses infelizes, meus bons amigos; a prece de várias pessoas forma um feixe que sustenta e fortifica a alma para a qual é feita; dá-lhe a força e a resignação.

SAINT BENOÎT (*méd.* Sra. DELANNE).

II

Não é raro ver pessoas que, há muito tempo, não tinham pensado em orar, fazê-lo quando estão ameaçadas de um perigo iminente e terrível. De onde pode, pois, vir esta propensão instintiva a se aproximar de Deus nos momentos críticos? Dessa mesma tendência que leva a se aproximar de alguém quando se sabe poder nos defender estando num grande perigo. Então, as doces crenças dos primeiros anos, as sábias instruções, os piedosos conselhos dos pais, retornam como um sonho na memória desses homens trêmulos que há pouco achavam Deus muito longe deles, ou negavam a utilidade de sua existência. Esses espíritos fortes, tornados pusilânimes, sentiam tanto mais as angústias da morte, quanto por muito tempo não creram em nada; não tinham necessidade de Deus, pensavam, e poderiam bastar a si mesmos. Deus, parafazê-los sentir a *utilidade* de sua existência, permitiu que fossem expostos a um fim terrível, sem a esperança de serem ajudados por nenhum socorro humano. Lembram-se, então, que outrora oraram, e que a prece dissipa as tristezas, faz suportar os sofrimentos com coragem, e abranda os últimos momentos do agonizante.

Tudo isto lhe aparece, a esse homem em perigo; tudo isto o incita a orar de novo Aquele a quem orou na sua infância. Ele se submete, então, e pede a Deus do mais profundo do seu coração, com uma fé viva que tem uma espécie de desespero, lhe perdoar os desvios passados. Nessa hora suprema ele não pensa mais em todas as vãs dissertações sobre a existência de Deus, porque não a coloca mais em dúvida. Nesse momento ele crê, e está aí uma prova de que a prece é uma necessidade da alma; que, fosse ela sem outro resultado, pelo menos o aliviaria e deveria, por isso mesmo, ser repetida mais freqüentemente; mas, felizmente, ela tem uma ação mais positiva, e é reconhecida, assim como isto vos foi demonstrado, que a prece tem para todos uma imensa utilidade: para aqueles que a fazem, como para aqueles a quem se aplica.

O que disse não é verdadeiro senão na maioria; porque, ai! aos que não recobram assim afé na sua hora última; que, o vazio na alma, querem ser, crêem, afundados no nadae, por uma espécie de frenesi, querem eles mesmos nele se precipitar. Esses são os mais infelizes, e vós que sabeis toda a utilidade e todos os efeitos da prece, orai sobretudo por eles.

ANDRÉ *(méd.* Sr. CHARLES B.).

ANTROPOFAGIA.

Lê-se no *Siècle* de 26 de dezembro de 1865:

"O almirantado inglês vem de se dirigir às cidades marítimas que fazem armamentos para a Oceania uma circular, na qual anuncia que, há algum tempo, nota-se entre os habitantes das ilhas do grande Oceano um redobramento da antropofagia. Nessa circular, convida os capitães dos navios do comércio a tomar todas as precauções necessárias para evitar que seus tripulantes sejam vítimas desse terrível costume.

"Há mais ou menos um ano, as tripulações de quatro navios foram devoradas pelos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova Caledônia, e todas as medidas devem ser tomadas para evitar a renovação de tão cruéis infelicidades."

Eis como o jornal te *Monde* explica essa recrudescência da antropofagia:

'Tivemos o cólera, a epizootia, a varíola; os legumes, os animais estão doentes. Eis uma epidemia mais dolorosa ainda que o almirantado inglês nos faz conhecer; os selvagens da Oceania redobram, diz-se, a antropofagia. Vários fatos horríveis vieram ao

conhecimento dos lordes do almirantado. As tripulações de vários navios ingleses desapareceram. Ninguém duvida que nossas autoridades marítimas não tomam também medidas, porque dois navios franceses foram atacados, os tripulantes presos e devorados pelos selvagens. O espírito, se detém diante desses horrores, dos quais todos os esforços de nossa civilização não puderam triunfar. Quem sabe de onde vêm essas criminosas civilizações?

"Que palavra de ordem foi dada a todos esses pagãos disseminados sobre centenas de milhares de ilhas nas imensidades do mar do Sul? Sua paixão monstruosa, um momento apaziguada, reaparece ao ponto de chamar a repreensão, de inquietar os poderes da Terra. É desses problemas dos quais só o dogma católico pode dar a solução. O espírito das trevas age em certos momentos com toda a liberdade. Antes dos acontecimentos graves, ele se agita, impele suas criaturas, as sustenta e as inspira. Grandes acontecimentos se preparam. A revolução cresce na hora chegada de proceder ao coroamento do edifício; ela se recolhe para a luta suprema; ela se processa na pedra principal da abóbada da sociedade cristã. A hora é grave, e parece que a Natureza inteira a pressente e lhe entrevê a gravidade."

Espantamo-nos de não ver, entre as causas desse desdobramento de ferocidade nos selvagens, figurar o Espiritismo, este bode expiatório de todos os males da Humanidade, como o foi outrora o Cristianismo em Roma. Isso pode ser implicitamente compreendido, como sendo, segundo alguns, a obra do Espírito das trevas. "Só o dogma católico, disse te *Monde,* pode dar a explicação desse problema." Não vemos que a explicação que ele dá seja tão clara, nem o que o espírito revolucionário da Europa tem de comum com esses bárbaros. Encontramos mesmo nesses dogmas uma complicação da dificuldade.

O antropófagos são homens: disto ninguém jamais duvidou. Ora, o dogma católico não admitindo a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova no nascimento de cada corpo, disto resulta que Deus criou naquele lugar almas de comedores de homens, e aqui almas capazes de se tornarem santas. Por que esta diferença? É um problema do qual a Igreja jamais deu a solução, e no entanto é uma chave de abóbada essencial. Segundo sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não pode explicar-se senão assim: foi que nesse momento agradou a Deus criar um maior número de almas antropófagas; solução pouco satisfatória e sobretudo pouco conseqüente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta considerando-se o futuro dessas almas. Em que se tornam elas depois da morte? São tratadas do mesmo modo que aquelas que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria nem justo nem racional. Com seu dogma, a Igreja, em lugar de explicar, está num impasse do qual ela não pode sair senão pelo constante fim de não admitir o mistério, que não é preciso procurar compreender, espécie de *non possumos* que interrompe as questões embaraçosas.

Pois bem! esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra-lhe a solução mais simples e mais racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progridem. As almas dos antropófagos são assim almas próximas de sua origem, cujas faculdades intelectuais e morais são ainda obtusas e pouco desenvolvidas, e em quem, por isto mesmo, dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a permanecer perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; elas crescem em razão; se esclarecem, se depuram, se melhoram, se instruem em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto elas não tenham ultrapassado os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, elas deixam esse meio para se encarnar numa raça um pouco mais avançada; desta em uma outra, e assim por diante, sobem em grau em razão dos méritos que adquirem e das imperfeições das quais se despojam, até

que tenham alcançado o grau de perfeição do qual a criatura é suscetível. O caminho do progresso não está fechado para ninguém; de tal sorte que a alma mais atrasada pode pretender a suprema felicidade. Mas umas, em virtude de seu livre arbítrio, que é o apanágio da Humanidade, trabalham com ardor para a sua depuração, para a sua instrução, para se despojarem dos instintos materiais e dos cueiros de sua origem, porque a cada passo que dão para a perfeição vêem mais claro, compreendem melhor e são mais felizes; aquelas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: aí está a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre arbítrio se atrasam no caminho, como escolares preguiçosos e de má vontade, ou como obreiros negligentes; chegam mais tarde, sofrem por mais longo tempo: aí está a sua punição, ou, querendo-se, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da criação. Comparei esta doutrina à da Igreja sobre o passado e o futuro das almas, *e* vede qual é a mais racional, a mais conforme à justiça divina, e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia, seguramente, é um dos mais baixos graus da escala humana sobre a Terra, porque o selvagem que não come seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? Há que se notar primeiro que ela não é senão local, e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. Ela é inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível, e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e pelos nascimentos, eles se alimentam um do outro, se derramam incessantemente um no outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas más, se encarnando, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes, os flagelos, levam ao mesmo tempo um grande número de homens, é uma chegada em massa de almas no mundo dos Espíritos. Essas mesmas almas devendo reviver, em virtude da lei da Natureza e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente reconduzi-las em massa sobre a Terra.

O fenômeno de que se trata prende-se, pois, simplesmente da encarnação acidental, em meios ínfimos, de um maior número de almas atrasadas, e não à malícia de Satã, nem à palavra de ordem dada *às* populações da Oceania. Ajudando o desenvolvimento do sentido moral dessas almas, durante sua estada terrestre, e é a missão dos homens civilizados, elas melhoram; e quando retomarem em uma nova existência corpórea para avançarem ainda, farão homens menos maus do que eram, mais esclarecidos, com instintos menos ferozes, porque o progresso adquirido jamais se perde. É assim que se cumpre gradualmente o progresso da Humanidade.

Lê *Monde* está na verdade, dizendo que grandes acontecimentos se preparam. Sim, uma grande transformação se elabora na Humanidade. Já os primeiros estremecimentos do parto se fazem sentir; o mundo corpóreo e o mundo espiritual se agitam, porque é a luta entre o que acaba e o que começa. Em proveito de quem será essa transformação? Sendo o progresso *a* lei providencial da Humanidade, ela não pode ocorrer senão em proveito do progresso. Mas as grandes criações são laboriosas; não é sem abalos e sem grandes dilaceramentos do solo, que se extirpam dos terrenos a desmoitar as más ervas que têm longas e profundas raízes.

A ESPINETA DE HENRY III.

O fato adiante é uma continuação da interessante história da *Ária e palavras do rei Henry III,* narrada na Revista de julho de 1865, página 193. Desde então, o Sr. Bach tornou-se médium escrevente, mas praticou pouco, por causa dafadiga que isto resulta para ele. Não o faz senão quando é para isso incitado por uma força invisível, que se

traduz por uma viva agitação e um tremor na mão, porque então a resistência é mais penosa do que o exercício. Ele é mecânico, no sentido mais absoluto da palavra, não tendo nem consciência nem lembrança do que escreve. Um dia em que se encontrava nesta disposição, escreveu a quadra seguinte:

O rei Henry dá essa grande espineta
A Baldazzarini, muito bom músico.
Se ela não é boa ou bastante galante
Para lembrar, pelo menos, que a conserve bem.

A explicação desses versos, que, para o Sr. Bach, não tinham sentido, lhe foi dada em prosa.

"O rei Henry meu senhor, que me deu a espineta que possuis, tinha escrito uma quadra sobre um pedaço de pergaminho que fizera fixar sobre o estojo, e mo enviou uma manhã. Alguns anos mais tarde, tendo uma viagem a fazer, e temendo, uma vez que levava minha espineta comigo para fazer música, que o pergaminho fosse arrancado e perdido, eu o retirei, e, para não perdê-lo, coloquei num pequeno nicho à esquerda do teclado, onde está ainda."

A espineta é a origem dos pianos atuais em sua maior simplicidade, e se tocava do mesmo modo; era um pequeno cravo a quatro oitavas, em torno de um metro e meio de comprimento sobre quarenta centímetros de largura, e sem pés. As cordas, no interior, eram dispostas como nos pianos, e tocada com a ajuda de toques. Era transportada à vontade, encerrada num estojo, como se faz para os baixos e os violoncelos. Para dela se servir, era colocado sobre uma mesa ou sobre um X móvel.

O instrumento estava então na exposição do museu retrospectivo, nos Campos Elíseos, onde não era possível fazer a pesquisa indicada. Quando lhe foi contado, o Sr. Bach, de acordo com o seu filho, se apressou em remexer todos os recantos, mas inutilmente, de sorte que acreditou de início numa mistificação. No entanto, para não ter nada a se censurar, desmontou-a completamente, e descobriu, à esquerda do teclado, entre duas pranchetas, um intervalo tão estreito, que nele não se podia introduzir a mão. Ele remexeu esse reduto, cheio de pó e de teias de aranha, e dele retirou um pedaço de pergaminho dobrado, escurecido pelo tempo, com comprimento de trinta e um centímetros sobre sete e meio de largura, sobre o qual estava escrita a quadra seguinte, em caracteres bem grossos da época:

Eu, o Rei Henry III, concedi esta espineta
A Baltasarini, meu alegre músico,
Mas se dizem que soa mal, ou bem ele é muito simples
Então para minha lembrança no estojo que guarde bem.

HENRY.

Esse pergaminho está furado nos quatro cantos com buracos que são evidentemente dessas tachas com ajuda das quais é fixado sobre a caixa. Além disso, ele leva, sobre as bordas, uma multidão de tachas alinhadas e regularmente espaçadas, que parecem ter sido feitas com pregos pequeninos. Ele foi exposto na sala das sessões da Sociedade, e tivemos o ócio de examiná-lo, assim como a espineta, na qual o Sr. Bach nos fez ouvir a ária e as palavras das quais demos conta, e que lhe foram, como se sabe, reveladas em sonho.

Os primeiros versos ditados reproduzem, como se vê, o mesmo pensamento dos do pergaminho, do qual são a tradução em linguagem moderna, e isto antes que estes fossem descobertos.

O terceiro verso é obscuro, e contém sobretudo a palavra *ma* que parece não ter nenhum sentido, e não se liga à idéia principal, e que, no original, está cercado de um filete quadrado; disso procuramos inutilmente a explicação, e o próprio Sr. Bach disso não sabia mais. Estando um dia na casa deste último, teve ele espontaneamente, em nossa presença, uma comunicação de Baldazzarini, dada em nossa intenção e assim concebida:

"Amico mio,

"Estou contente contigo; escrevestes esses versos em minha espineta; meu desejo cumpriu-se, estou tranqüilo atualmente. (Alusão a outros versos ditados ao Sr. Bach e que Baltazzarini tinha lhe dito para escrever no instrumento.) Quero dizer uma palavra ao sábio presidente que vem te visitar.

Ó tu, Allan Kardec, cujos trabalhos úteis
Instruem cada dia espíritas novos,
Tu não nos fazes nunca perguntas fúteis;
Também os bons Espíritos iluminam teus trabalhos.
Mas te é preciso lutar contra os ignorantes,
Os quais, sobre nossa Terra, se crêem os sábios.
Não desamines; a tarefa é difícil;
Para todo propagador isto foi sempre fácil?

"O rei ridicularizava meu sotaque em seus versos; eu dizia sempre *ma* em lugar de *mais. Adio, amico.*

"BALDAZZARINI."

Assim foi dada, sem pergunta preliminar, a explicação dessa palavra *ma.* É a palavra italiana significando *mais,* intercalada por gracejo, pela qual o rei designava Baldazzarini, que, como muitos daqueles de sua nação, o pronunciavam freqüentemente. Assim o rei, dando aquela espineta ao seu músico, disse-lhe: Se ela não for boa, se ela soa *mal,* ou se *ma* (Baldazzarini) a acha muito simples, de muito pouco valor, que guarde em seu estojo, em lembrança minha. A palavra *ma* está cercada de um filete, como uma palavra entre parênteses. Teríamos, certamente, por muito tempo procurado esta explicação, que não podia ser o reflexo do pensamento do Sr. Bach, uma vez que ele mesmo disso nada compreendia. Mas o Espírito viu que disso tínhamos necessidade para completar o nosso relatório, e aproveitou a ocasião para no-la dar sem que tivéssemos tido o pensamento de lha pedir, porque, quando o Sr. Bach se pôs a escrever, ignorávamos, assim como ele, qual era o Espírito que se comunicava.

Uma importante questão restava a resolver, era de saber se a escrita do pergaminho era realmente da mão de Henry III. O Sr. Bach foi à Biblioteca imperial para compará-la com a dos manuscritos originais. Foram encontrados de início com os quais não tinha ela uma semelhança perfeita, mas somente o mesmo caráter de escrita. Com outras peças, a identidade era absoluta, tanto pelo corpo da escrita quanto pela assinatura; essa diferença provinha de que a escrita do rei era variável, circunstância que será explicada dentro em pouco.

Não podia, pois, restar dúvidas sobre a autenticidade dessa peça, embora certas pessoas, que professam uma incredulidade radical a respeito das coisas ditas sobrenaturais, tenham pretendido que isso não era senão uma imitação muito exata. Ora, faremos observar que não se trata aqui de uma escrita medianímica dada pelo Espírito do rei, mas de um manuscrito original escrito pelo próprio rei, quando vivo, e que nada tem de mais maravilhoso do que aqueles que circunstâncias fortuitas fazem cada dia descobrir. O maravilhoso, se maravilhoso há, não está senão na maneira pela qual a sua

existência foi revelada. É bem certo que se o Sr. Bach tivesse se contentado em dizer que ele o tinha encontrado por acaso em seu instrumento, não se teria levantado nenhuma objeção.

Esses fatos tinham sido relatados na sessão da Sociedade de 19 de janeiro de 1866, à qual assistiu o Sr. Bach. O Sr. Morin, membro da Sociedade, médium sonâmbulo muito lúcido, vê perfeitamente os Espíritos e conversa com eles, assistiu à sessão em estado de sonambulismo. Durante a primeira parte da sessão, consagrada a leituras diversas, à correspondência e ao relato dos fatos, o Sr. Morin, do qual não se ocupava, parecia em conversação mental com os seres invisíveis; sorria-lhes, trocava com eles aperto de mão. Quando chegou a sua vez de falar, lhe foi pedido para designar os Espíritos que via e pedir-lhes para nos transmitir, por seu intermédio, o que quisessem nos dizer para a nossa instrução. Não lhe foi dirigida uma única pergunta direta. Não mencionamos sumariamente senão alguns fatos que se passaram, para dar uma idéia da fisionomia da sessão, e para nisso chegar ao assunto principal que nos ocupa aqui.

Nós vos nomearmos todos, disse, seria coisa impossível, porque o número deles é muito grande; aliás, há deles muitos que não conheceis, e que vêm para se instruir. A maioria gostaria de falar, mas cedem o lugar àqueles que têm, para o momento, coisas mais importantes a dizer.

Primeiro há aqui, ao nosso lado, nosso antigo colega, o último a partir para o mundo dos Espíritos, o Sr. Didier, que não falta a uma de nossas sessões, e que vejo exatamente como quando estava vivo, com a mesma fisionomia; dir-se-ia que está com seu corpo material; somente não tosse mais. Dá-me a conhecer suas impressões, sua opinião sobre as coisas atuais, e me encarrega de vos transmitir as suas palavras.

Veio em seguida um jovem que recentemente se suicidou em circunstâncias excepcionais, cuja a situação descreve, que apresenta uma fase de alguma sorte nova, do estado de certos suicidas, depois da morte, em razão das causas determinantes do suicídio e da natureza de seus pensamentos.

Depois veio o Sr.B..., Espírita fervoroso, desencarnado há alguns dias em conseqüência de uma operação cirúrgica, e que tinha haurido em sua crença, e na prece a força para suportar corajosamente e com resignação seus longos sofrimentos. "Que reconhecimento, disse ele, não devo ao Espiritismo! sem ele, certamente, teria posto fim às minhas torturas, e eu seria como esse infeliz jovem que vindes dever. O pensamento do suicídio veio-me mais de uma vez; mas cada vez eu o repelia; sem isto, quanto minha sorte seria triste! Hoje estou feliz, oh! muito feliz, e agradeço a nossos irmãos que me assistiram com suas preces cheias de caridade. Ah! se se soubesse que doces e salutares eflúvios a prece do coração derrama sobre os sofrimentos!

"Mas onde, pois, me conduzem? continua o sonâmbulo; num miserável alojamento! está lá um homem jovem ainda que morre dos pulmões..., a privação é completa: nada para se aquecer, nada para se alimentar! Sua mulher esgotada pela fadiga e pelas privações, não pode mais trabalhar... Ah! último e triste recurso!... ela não tem mais cabelos... cortou-os e vendeu-os para ter alguns centavos!... quantos dias isto a f ara viver?... É horrível!".

Sobre pedido que lhe foi feito pode indicar o domicílio dessa pobre gente, ele disse: "Esperai!" Depois pareceu escutar o que se lhe disse; tomou um lápis e escreveu um nome com indicação da rua e do número. Tendo sido feita verificação no dia seguinte, de manhã, tudo foi achado perfeitamente exato.

Saído de sua emoção, e seu Espírito retornado ao lugar da sessão, falou ainda de várias outras pessoas e de diversas coisas que foram para os nossos guias espirituais o motivo de instruções de alta importância, e que teremos ocasião de narrar numa outra vez.

De repente ele exclama: "Mas há aqui Espíritos de todas as espécies! Há os que foram príncipes, reis! Eis um que se adianta; ele tem a figura longa e pálida, uma barbicha

pontiaguda, uma espécie de boné encimado por uma fagulha. Ele me disse para vos dizer:

"O pergaminho do qual falaste e que tendes sob os olhos foi bem escrito de minha própria mão, mas vos dou a este respeito uma explicação.

"No meu tempo não se escrevia com tanta facilidade quanto hoje, sobretudo os homens de minha posição. Os materiais eram menos cômodos e menos aperfeiçoados; a escrita era mais lenta, mais grossa, mais pesada; também refletia melhor as impressões da alma. Eu não era, vós o sabeis, de um humor igual, e, segundo estava em boa ou má disposição, minha escrita mudava de caráter. É o que explica a diferença que se nota nos manuscritos que restam de mim. Quando escrevi este pergaminho para um músico em lhe enviando a espineta, eu estava num de meus momentos de satisfação. Se procurardes em meus manuscritos aqueles cuja escrita se assemelha a esta, reconhecereis pelo assunto que tratam, o que devia ser num desses bons momentos, e tereis aí uma prova de identidade."

Por ocasião da descoberta desse escrito, do qual o *Grand Journal* falou em seu número de 14 de janeiro, o mesmo jornal contém, no de 21 de janeiro, o artigo seguinte:

"Segredemos afundo a questão da correspondência, mencionando a carta da senhora condessa de Martino, relativa à espineta do Sr. Bach. A senhora condessa de Martino está persuadida de que o correspondente sobrenatural do Sr. Bach é um impostor, tendo em vista que ele deveria assinar *Baldazzarini* e não *Baltazarini,* o que é do italiano de cozinha."

Faremos notar primeiro que essa chicana a propósito da ortografia de um nome próprio é passavelmente pueril, e que o epíteto de *impostor,* na falta do correspondente invisível, no qual a senhora condessa não crê, recai sobre o homem honrado, o que não é de muito bom gosto. Em segundo lugar, Baldazzarini, simples músico, espécie de trovador, poderia bem não possuir a língua italiana em sua pureza, onde não se incomodava com a instrução. Contestar-se-ia a identidade de um Francês que escrevesse em francês de cozinha, e não se vê nele que não sabe escrever corretamente seu próprio nome? Baldazzarini, pela sua origem, não deveria estar muito acima da cozinha. Mas essa crítica cai diante de um fato, é que os Franceses, pouco familiarizados com as nuanças da ortografia italiana, ouvindo pronunciar este nome, o escrevem naturalmente em francês. O próprio rei Henry III, na quadra encontrada e citada mais acima, o escreve simplesmente *Baltasarini, e* no entanto não era um cozinheiro. Assim o foi com aqueles que dirigiram ao *Grand Journal* o relato do fato em questão. Quanto ao músico, nas diversas comunicações que ditou ao Sr. Bach e das quais temos várias originais nas mãos, ele assinou *Baldazzarini, e* algumas vezes *Baldazzarini,* assim que se pode disso conhecer; a falta não está, pois, nele mas naqueles que, por ignorância, afrancesaram seu nome, e a nós inteiramente o primeiro.

É verdadeiramente curioso ver as puerilidades a que se apegam os adversários do Espiritismo, prova evidente da penúria de boas razões.

OS RATOS DO EQUIHEN.

Um de nossos assinantes de Boulogne-sur-Mer nos manda o que se segue, em data de 24 de dezembro de 1865:

"Há alguns dias, eu soube que em Équihen, aldeia de pescadores, perto de Boulogne, na casa do Sr. L..., riquíssimo fazendeiro, passam-se fatos tendo o caráter de manifestações físicas espontâneas, e que lembram os de Grandes-Ventes, perto de Dieppe, de Poitiers, de Marseille, etc. Todos os dias, pelas sete horas da noite, pancadas e rolamentos muito barulhentos se fazem ouvir sobre os soalhos. Um armário fechado a chave se abre de repente, e a roupa que guarda é lançada no meio do quarto; as camas, sobretudo a da filha da casa, são bruscamente descobertas várias vezes repetidamente.

"Embora essa população estivesse muito longe de se ocupar do Espiritismo, e mesmo de saber o que é, pensa-se que o autor dessa algazarra, da qual todas as pesquisas e a vigília mais minuciosa não tinham descoberto a causa, poderia bem ser um irmão do senhor L..., antigo militar, que morreu na Argélia, há dois anos. Parece que ele tinha recebido de seus parentes a promessa de que, se morresse em serviço, estes fariam transportar seu corpo para Équihen . Esta promessa, não tendo sido executada, se supôs que era o Espírito desse irmão, que vinha cada dia, há seis semanas, colocar em comoção a casa, e, por conseqüência, toda a aldeia.

O clero se comoveu com esses fenômenos; quatro sacerdotes da localidade e vizinhança, depois cinco Redentoristas e três ou quatro religiosas, vieram; eles exorcizaram o Espírito, mas inutilmente. Vendo que não podiam conseguir fazer cessar a algazarra, aconselharam ao senhor L... a partir para a Argélia à procura do corpo de seu irmão, o que ele fez sem interrupção. Antes de sua partida, esses senhores foram confessar e comungar toda a família; disseram, em seguida, que seria preciso dizer missas, sobretudo missa cantada, depois missas musicadas cada dia; a primeira teve lugar, e os Redentoristas foram encarregados das outras. Fizeram às mulheres L... a recomendação expressa de abafar esses boatos, e de dizerem a todos os que viessem se informar se isso continuava, que toda essa algazarra foi ocasionada pelos ratos. É preciso, acrescentaram, vos guardar de propalar essas coisas, porque isso seria uma grave ofensa para com Deus, porque existe uma seita que procura destruir a religião; que se ela soubesse o que se passa, não deixaria de disso se prevalecer para prejudicá-la, do que a família seria responsável diante de Deus; que era muito infeliz que a coisa já estivesse tão difundida. Desde esse momento as portas foram barricadas, a barreira do pátio cuidadosamente fechada a chave, e a entrada interditada a todos aqueles que vinham cada dia ouvir os ruídos. Mas se puseram chaves às portas, não puderam colocá-las em todas as línguas, e os ratos fizeram tão bem que se fizeram ouvir dez léguas ao redor. Gracejadores disseram que tinham bem visto ratos roerem a roupa, mas não ainda lançá-la através dos quartos, nem abrir portas fechadas a chave; é que, diziam, provavelmente, são ratos de uma nova espécie, importados por algum navio estrangeiro. Esperamos com impaciência que os mostrem ao público."

O mesmo fato nos foi contado por dois outros de nossos correspondentes. Dele resulta uma primeira consideração, é que esses senhores do clero, que eram numerosos, e que tinham interesse em descobrir nele uma causa vulgar, não teriam deixado de assinalá-la se ela existisse, e, sobretudo, não teriam prescrito a pequena mentira dos ratos, sob pena de incorrer em desgraça de Deus. Portanto, reconheceram a intervenção de uma força oculta. Mas, então, por que o exorcismo é sempre impotente em semelhante caso? A isto, de início, há uma razão peremptória, é que o exorcismo se dirige aos *demônios;* ora, os Espíritos obsessores e barulhentos não sendo os demônios, mas seres humanos, o exorcismo não vai em sua direção. Em segundo lugar, o exorcismo é um anátema e uma ameaça que irrita o Espírito malfazejo, e não uma instrução capaz de tocá-lo e de levá-lo ao bem.

Na circunstância presente, esses senhores reconheceram que isso poderia ser o Espírito de irmão morto na Argélia; de outro modo, não teriam aconselhado ir procurar seu corpo, a fim de cumprir a promessa que lhe foi feita; não teriam recomendado missas, que não podiam ser ditas em proveito dos demônios. Em que se torna, pois, a doutrina daqueles que pretendem que só os demônios podem se manifestar, e que esse poder é recusado às almas dos homens? Se um Espírito humano pôde fazê-lo no caso em que se trata, por que não o faria em outros? Por que um Espírito bom e benevolente não se comunicaria por outros meios que não a violência, para ser recordado na lembrança daqueles que amou, ou para lhes dar sábios conselhos?

É preciso ser conseqüente consigo mesmo. Dizei sem cerimônia, uma vez portadas, que são sempre os demônios, sem exceção: crer-se-á no que se quiser; ou bem,

reconhecei que os Espíritos são as almas dos homens, e que entre elas, há bons e maus que podem se comunicar.

Aqui se apresenta uma questão especial do ponto de vista espírita. Como os Espíritos podem ter em conta isso que seu corpo esteja antes num lugar do que no outro? Os Espíritos de uma certa elevação nisto não se apegam de nenhum modo; mas os menos avançados não são de tal modo desligados da matéria, para que não liguem ainda importância às coisas terrestres, assim como o Espiritismo disto oferece numerosos exemplos. Mas aqui o Espírito pode ser solicitado por um outro motivo, o de lembrar ao seu irmão que faltou com a promessa, negligência que este não pode escusar pela penúria, uma vez que é rico. Talvez tenha se dito: "Ora essa! meu irmão está morto, não virá mais fazer a sua reclamação, e esta será uma grande despesa a menos." Ora, suponhamos que o irmão, fiel aos seus compromissos, desde o princípio, tivesse ido para a Argélia, mas que estivesse na impossibilidade de encontrar o corpo, ou que, tendo em vista a confusão inevitável do tempo de guerra, tivesse transportado para a aldeia um outro corpo que não aquele de seu parente, este último com isto não estaria menos satisfeito, porque o dever moral foi cumprido. Os Espíritos nos dizem sem cessar: O pensamento é tudo; a forma não é nada, e nisto nos apegamos.

NOVO E DEFINITIVO ENTERRO DO ESPIRITISMO.

Quantas vezes não se disse que o Espiritismo estava morto e enterrado! Quantos escritores se gabaram de lhe ter dado o golpe de misericórdia, uns porque disseram grandes palavras temperadas com muito sal, os outros porque descobriram um charlatão vestindo-se com o nome de Espírita, ou alguma imitação grosseira de um fenômeno! Sem falar de todos os sermões, pastorais e brochuras da mesma fonte dos quais o menos importante acreditava ter lançado o raio, a aparição dos espectros no teatro foi saudada por um hurra! em toda a linha. "Temos o segredo desses Espíritas, dizem insistentes os jornais, pequenos e grandes, desde Perpignan até Dunkerque; jamais se levantarão desse acidente imprevisto!" Os espectros passaram, e o Espiritismo ficou de pé. Depois vieram os irmãos Davenport, apóstolos e grandes sacerdotes do Espiritismo que eles não conhecem, e que nenhum Espírita conhece. Lá, ainda, o Sr. Robin teve a glória de salvar uma segunda vez a França e a Humanidade, tudo em fazendo muito bem seus negócios de teatro; a imprensa trançou coroas a esse corajoso defensor do bom senso, a esse sábio que tinha descoberto as astúcias do Espiritismo, como o Sr. doutor Jobert (de Lamballe) tinha descoberto a astúcia do músculo estalante. No entanto, os irmãos Davenport partiram sem as honras de guerra; o músculo estalante foi por água abaixo, e o Espiritismo se porta muito bem. Evidentemente, isto prova uma coisa, é que ele não consiste nem nos espectros do Sr. Robin, nem nas cordas e nos tamborins dos Srs. Davenport, nem no músculo curto-perônio (1-(1) Ver a *Revista Espírita* de junho de 1859, página 41: O músculo estalante. O *Moniteur* e outros jornais anunciaram, há algum tempo, que o Sr. doutor Jobert (de Lamballe) estava atacado de alienação mental, e se encontrava atualmente numa casa de saúde. Este triste acontecimento, seguramente, não é o efeito de sua crença nos Espíritos.).

É, pois, ainda um golpe fracassado; mas esta vez, eis o bom, o verdadeiro e é impossível que o Espiritismo dele não se levante:

o *Evenement,* o *Opinion nationale* e o *Grand Journal que o* ensinam e que o *afirmam.* Uma coisa bastante bizarra é que o Espiritismo se compraz em reproduzir todos os fatos que se lhe opõem, e que, segundo seus adversários, devem matá-lo. Se os cresse tão perigosos, os calaria. Eis do que se trata:

Ó célebre ator inglês Sothem vem de escrever, a um jornal de Glascow, uma carta que dá o último golpe no Espiritismo. Este jornal lhe censurava atacar, sem comedimento, os irmãos Davenport e os adeptos das influências ocultas, depois de ele mesmo ter dado sessões de Espiritismo na América, sob o nome de Sticart, que era, então, seu

pseudônimo de teatro. O Sr. Sothem confessou muito bem ter freqüentemente mostrado aos seus amigos que ele era capaz de executar todos os malabarismos dos Espíritas, e mesmo ter feito charlatanices ainda mais maravilhosas; mas jamais suas experiências foram executadas fora de um pequeno círculo de amigos e de conhecidos. Jamais fez pagar um centavo a quem quer que seja; ele mesmo fazia as despesas de suas experiências, em conseqüência das quais ele e seus amigos se reuniam em uma alegre ceia.

"Com o concurso de um americano muito ativo, obteve os mais curiosos resultados: a aparição de fantasmas, o ruído dos instrumentos, as assinaturas de Shakespeare, as mãos invisíveis passando nos cabelos dos espectadores, aplicando-lhes bofetadas, etc., etc.

"O Sr. Sothem sempre disse que todas essas destrezas eram o resultado de combinações engenhosas, de agilidade e de destreza, sem que os Espíritos do outro mundo nelas tivessem alguma parte.

"Em resumo, o célebre artista declarou que desafia os Hume, os Davenport, e todos os Espíritas do mundo, a fazerem alguma manifestação que ele não possa ultrapassar.

"Jamais entendeu fazer ofício de sua agilidade, mas somente desconcertar os velhacos, que ultrajam a religião e roubam o dinheiro do público, fazendo-o crer em uma força sobrenatural, que eles mantêm relações com o outro mundo, que podem evocar a alma dos mortos, o Sr. Sothem não toma circunlóquios para dizer a sua opinião; e diz as coisas por seus nomes e chama um cão um cão e os Rollets... de gatunos."

Os Srs. Davenport tinham contra eles duas coisas que nossos adversários reconheceram: as exibições teatrais e a exploração. Crendo de boa-fé, pelo menos gostamos de pensá-lo, que o Espiritismo consiste em exibições da parte dos Espíritos, os adversários esperam que os Espíritas venham a tomar fato e causa por esses senhores; ficaram um pouco desapontados quando os viram, ao contrário, desaprovarem esse gênero de manifestações como nocivas aos princípios da Doutrina, e demonstrar que é ilógico admitir que os Espíritos estejam a toda hora às ordens do primeiro que chegar, que quisesse deles se servir para ganhar dinheiro. Certos críticos tem mesmo, por seu próprio movimento, feito valer esse argumento contra os Srs. Davenport, sem desconfiarem que defendem a causa do Espiritismo. A idéia de colocar em cena os Espíritos e de fazê-los servir de comparsas num objetivo de interesse em fazer experimentar um sentimento geral de repulsa, quase de desgosto, mesmo nos incrédulos, que disseram a si mesmos: "Não cremos nos Espíritos, mas se os há, não é em tais condições que devem se mostrar, e devem ser tratados com mais respeito." Não creiam em Espíritos vindo a tanto por sessão, nisto tinham perfeitamente razão; de onde é preciso concluir que as exibições de coisas extraordinárias e a exploração são os piores meios de fazer prosélitos. Se o Espiritismo patrocinasse essas coisas, este seria seu lado fraco; seus adversários o compreendem tão bem, que é sobre o qual não negligenciam nenhuma ocasião de ferir, crendo atingir a Doutrina. O Sr. Gérôme, do *Univers ilustre,* respondendo ao Sr. Blanc de Lalésie (ver nossa Revista de dezembro), que lhe censurava por falar daquilo que não conhecia, disse: "Praticamente estudei o Espiritismo nos irmãos Davenport, isto me custou 15 francos. É verdade que hoje os irmãos Davenport trabalham nos preços brandos: por 3 ou 5 francos se lhes pode ver a farsa; os preços de Robin, finalmente!"

O autor do artigo sobre *a* jovem cataléptica de Souabe, que não é de nenhum modo espírita (ver o n. de janeiro, página 18), tem o cuidado de fazer ressaltar, como um título de confiança nesses fenômenos extraordinários, que os pais não pensam de nenhum modo tirar partido das estranhas faculdades de sua filha.

A exploração da idéia espírita é, pois, muito e devidamente um assunto de descrédito. Os Espíritas desaprovam a especulação, é por isto que se tem o cuidado de apresentar o ator Solhem como completamente desinteressado, na esperança de fazerem

dele um argumento vitorioso. É sempre essa idéia de que o Espiritismo não vive senão de fatos maravilhosos e de malabarismos.

Que a crítica fira, pois, tanto quanto queira sobre os abusos, que ela desmascare os truques e as astúcias dos charlatães, o Espiritismo, que não usa de nenhum procedimento secreto, e cuja doutrina é toda moral, não pode senão ganhar em ser desembaraçado dos parasitas que dele fazem um degrau, e daqueles que lhe desnaturam o caráter.

O Espiritismo teve por adversários homens de um valor real, como saber e como inteligência, que desdobraram contra ele, sem sucesso, todo o arsenal da argumentação. Veremos se o ator Sothem triunfará melhor do que os outros em enterrá-lo. Ele o estaria há muito tempo se tivesse repousado sobre os absurdos que lhe emprestam. Se, pois, depois de ter matado o malabarismo e desacreditado as práticas ridículas ele existe sempre, é que há nele alguma coisa de mais sério que não se pôde alcançar.

OS QÜIPROQUÓS.

A avidez com a qual os detratores do Espiritismo agarram as menores notícias que crêem lhe ser desfavoráveis, os expõem a um singular equívoco. Sua pressa em publicá-las é tal que não se dão o tempo de verificar-lhe a exatidão. Para que, aliás, se dar tal trabalho! a verdade do fato é uma questão secundária; desde que dela jorre o ridículo, é o essencial. Às vezes, essa precipitação tem seus inconvenientes, e em todos os casos atesta uma leviandade que está longe de acrescentar em valor da crítica.

Outrora, os saltimbancos chamavam-se muito simplesmente *escamoteadores',* este nome tendo caído em descrédito, substituíram-no pela palavra *prestidigitadores,* mas que lembrava ainda muito o astuto. O célebre Confe foi, cremos, o primeiro que se decorou com o título de *físico* e que obteve o privilégio, sob a Restauração, de colocar sobre seus cartazes e sobre a tabuleta de seu teatro: *Físico do rei.* Desde então, não houve medíocre escamoteador correndo as feiras que não se intitulasse também: *físico, professor de física,* etc., maneira como uma outra de lançar a poeira nos olhos de um certo público que, disso não sabendo mais, coloca os de boa-fé na mesma linha dos físicos da Faculdade de ciências. Seguramente, a arte da prestidigitação tem feito imensos progressos, e não se pode contestá-lo em alguns daqueles que a praticam com brilho, conhecimentos especiais, um talento real, e um caráter honrado; mas isso não é sempre senão a arte de produzir ilusões com mais ou menos habilidade, e não uma ciência séria tendo seu lugar no Instituto.

O Sr. Robin adquiriu nesse gênero uma celebridade à qual não contribui pouco o papel que desempenhou no negócio dos irmãos Davenport. Esses senhores, errados ou com razão, pretenderam que operavam com a ajuda dos Espíritos; era de sua parte um novo meio de atiçar a curiosidade saindo dos caminhos batidos? Não é aqui o lugar de examinar a questão. O que quer que seja, unicamente por isto que se disseram agentes dos Espíritos, aqueles que não os querem por preço algum gritaram Alto lá! O Sr. Robin, homem hábil a agarrar isto oportunamente, logo se aproveita; declara produzir os mesmos efeitos por simples destreza; a crítica, crendo os Espíritos mortos, canta vitória, o proclama vencedor.

Mas o entusiasmo é cego, e, às vezes, comete estranhas imperícias. Há muitos Robin no mundo, como há muitos Martin.

Eis que um Sr. Robin, professor de física, vem de ser eleito membro da Academia das ciências. Mais dúvida: este não pode ser senão o Sr. Robin, o físico do boulevard do Temple, o rival dos irmãos Davenport, que cada noite ataca os Espíritos em seu teatro, e sem mais amplamente informado, um jornal sério, o *Opinion nationale,* em seu folhetim de sábado, 20 de janeiro, publicou o artigo seguinte:

"Os acontecimentos da semana estão errados. Deles havia, no entanto, bastante curiosos. Por exemplo, a eleição de Charles Robin na Academia de ciência. Havia muito tempo que defendíamos aqui no interesse de sua candidatura; mas se pregava muito alto contra ele em mais de um lugar. O fato é de que esse nome de Robin tem alguma coisa de diabólica. Lembrai de Robin dês Bois. O herói das *Memóires du Diable* não se chama Robin? É um físico tão sábio quanto amável, o Sr. Robin, que prendeu o guizo no pescoço dos Davenport. O guizo cresceu, cresceu; tornou-se mais enorme e mais retumbante do que o sino grande de Notre-Dame; os pobres farsantes, espantados com o barulho que faziam, deveram fugir para *América, e a* própria América não os quer mais. Grande vitória do bom senso, derrota do sobrenatural! Ele contava tomar uma revanche na Academia das ciências, e fez esforços heróicos para excluir esse inimigo, esse positivista, esse descrente ilustre que se chama Charles Robin. E eis que no próprio seio da Academia tão bem pensante, o sobrenatural *é* ainda batido. Charle Robin vai sentar-se à esquerda do Sr. Pasteur. E não estamos mais no tempo das doces fábulas, no tempo feliz e lamentado em que o cajado do pastor se impunha a Robin carneiro!

ED. ABOUT."

Para quem é a mistificação? Estaríamos verdadeiramente tentados de crer que algum Espírito maligno conduziu a caneta do autor do artigo.

Eis um outro qüiproquó que, por ser menos divertido, não prova menos a leviandade com a qual a crítica acolhe, sem exame, tudo o que ela crê contrário ao Espiritismo, que ela se obstina, apesar de tudo o que foi dito, a encarnar nos irmãos Davenport; de onde ela conclui que tudo o que é um eco para esses senhores é um eco para a Doutrina, que não é mais solidária com aqueles que lhe tomam nisso o nome, do que a verdadeira física não é solidária com aqueles que usurpam o nome de físico.

Vários jornais se apressaram em reproduzir o artigo seguinte, depois do *Messager franco-américan* eles deveriam, no entanto, melhor do que ninguém saber que tudo o que é impresso não é palavra do Evangelho:

"Esses pobres irmãos Davenport não podiam escapar ao ridículo que espera os charlatáes de toda a espécie. Cridos e enaltecidos nos Estados Unidos, onde por muito tempo cunharam moeda, depois descobertos e zombados na capital da França, menos fácil a sofrer o *humbug,* seria preciso que recebessem, na própria sala de suas grandes explorações em New-York, o último desmentido que mereciam.

"Esse desmentido, é seu antigo companheiro e compadre, o Sr. Fay, que acaba de lhes dar publicamente na sala do Cooper Institute, sábado à noite, em presença de numerosa assembléia.

"Ali, o Sr. Fay a tudo revelou, os segredos do famoso armário, os segredos das cordas e dos nós e de todas as astúcias portão longo tempo empregadas com sucesso. Comédia humana! E dizer que há pessoas, sérias e instruídas, que admiraram e defenderam os irmãos Davenport, *e* que chamaram *Espiritismo* as farsas talvez toleradas em carnaval!"

Não temos que tomar fato e causa pelos Srs. Davenport, dos quais sempre condenamos as exibições como contrárias aos princípios da sã Doutrina Espírita. Mas, qualquer opinião que se faça ao seu assunto, devemos a bem da verdade dizer que é erradamente que se tem inferido esse artigo que estavam em New-York e ali foram zombados. Temos de fonte certa que, deixando Paris, retornaram à Inglaterra, onde ainda estão neste momento. O Sr. Fay, que teria revelado seus segredos, não é seu cunhado, William Fay, que os acompanha, mas um chamado H. Melleville Fay, que produzia efeitos semelhantes na América, e o qual é assunto em sua biografia, com a recomendação de não confundi-los. Não há nada de espantoso em que esse senhor, que lhes fazia concorrência, tenha julgado a propósito de aproveitar de sua ausência para lhes pregar peça, e desacreditá-los em seu proveito. Nessa luta ao fenômeno não se poderia ver o

Espiritismo. É o que dá a entender o fim do artigo, por esta frase: "E dizer que há pessoas sérias que chamaram *espiritismo* as farsas que seriam talvez toleradas em carnaval!" Esta exclamação tem todo o ar de uma censura dirigida a todos aqueles que confundem coisas tão disparadas.

Os irmãos Davenport forneceram aos detratores do Espiritismo a ocasião ou o pretexto de um formidável levante geral, em presença do qual ele permaneceu de pé, calma e impassível, continuando sua rota sem se perturbar com o barulho que se fazia ao seu redor. Um fato digno de nota é que seus adeptos, longe de se assustarem com isto, foram unânimes em considerar essa efervescência eminentemente útil à sua causa, certos de que o Espiritismo não pode senão ganhar em ser conhecido. A crítica caiu a braços curtos sobre os Srs. Davenport, crendo matar neles o Espiritismo; se este não gritou foi porque não se sentiu atingido. O que ela matou, foi precisamente o que condenamos e desaprovamos: A exploração, as exibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais que se produzem em condições diferentes, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. Depois desta rude lição, cremos que será temerário tentar a fortuna por semelhantes meios.

Disso resulta, é verdade, uma certa confusão momentânea no espírito de algumas pessoas, uma espécie de hesitação muito natural naqueles que não entenderam senão a censura lançada com parcialidade, sem fazer a parte do verdadeiro e do falso; mas desse mal saiu um grande bem: o desejo de conhecer, que não pode senão voltar-se em proveito da Doutrina.

Obrigado, pois, à crítica por ter feito, com ajuda dos poderosos meios de que dispõe, o que os Espíritas não teriam podido fazer por eles mesmos; ela adiantou a questão em vários anos, e convenceu, uma vez mais, seus adversários da impotência. De resto, o público tem de tal modo sido repisado com o nome dos Davenport, que isto começa a lhe parecer tão fastidioso quanto o grito de Lambert; para a crônica, é tempo que lhe chegue algum novo assunto para explorar.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA.

Por ocasião de nosso artigo do mês último sobre o *Dictionnaire uni-versel,* muitas pessoas nos pediram informações sobre o modo de subscrição e de pagamento. Eisa nota que nos foi dada a esse respeito pela direção.

Preço de cada entrega de 8 páginas: 10 c. Aparecem duas entregas por semana. - Os envios pelo correio não se fazem senão por séries de 40 entregas, cujo preço é de 4 fr. para Paris, 5 fr. para os departamentos, e 6 fr. para o estrangeiro. - Pode-se subscrever por um número qualquer de séries; basta enviar seu valor ao diretor, 38, boulevard Sébastopol, em Paris. A primeira série está à venda; a segunda será completada em pouco.-As pessoas que desejarem receber a obra por entregas devem se dirigir aos livreiros de sua localidade.

ERRATA.

No número de janeiro, cariado Sr. Jaubert, página 17, linha 6, em lugar de *tous lês uniformes,* lede: *tous uniformes;* linha 7, em lugar de: qu'ont-ils donc *prouvés?* lede: *prouvé,* em lugar de: *assiégiée,* lede: *assiégée.*

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO | NO. 3 | MARÇO 1866

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS FLUIDOS ESPIRITUAIS.

I

Os fluidos espirituais desempenham um papel importante em todos os fenômenos espíritas, ou melhor, são o próprio principio desses fenômenos. Até o presente, limitou-se a dizer que tal efeito é o resultado de uma ação fluídica; mas esse dado geral, suficiente no início, não o é mais quando se quer pesquisar os detalhes. Os Espíritos limitaram, sabiamente, seus ensinos no princípio; mais tarde chamaram a atenção sobre esta séria questão dos fluidos, e não foi num único centro que o limitaram, foi por quase toda a parte.

Mas os Espíritos não vêm para nos trazer esta ciência, mais do que uma outra, inteiramente feita; eles nos colocam no caminho, nos fornecem os materiais, cabendo a nós estudá-los, observá-los, analisá-los, coordená-los e colocá-los em ação. Foi o que fizeram para a constituição da Doutrina, e agiram do mesmo modo com relação aos fluidos. Em mil lugares diferentes, de nosso conhecimento, esboçaram-lhe o estudo; por toda parte encontramos alguns fatos, algumas explicações, uma teoria parcial, uma idéia, mas em nenhuma parte do conjunto completo. Por que isto? é impossibilidade de sua parte? Não, certamente, porque o que tivessem podido fazer como homens, o podem com mais forte razão como Espíritos; mas é, como dissemos, que não vêm, por nenhuma coisa, nos livrar do trabalho da inteligência, sem o qual nossas forças, permanecendo inativas, se enfraquecem, porque acharíamos cômodo que trabalhassem por nós.

O trabalho é, pois, deixado ao homem, mas sua inteligência, sua vida, seu tempo, sendo limitado, não dá a ninguém elaborar tudo o que é necessário para a constituição de uma ciência; é porque não há uma única que seja, de todas as partes, a obra de um só homem, nem uma descoberta que seu primeiro inventor tenha levado à perfeição; a cada edifício intelectual vários homens e várias gerações trouxeram seu contingente de pesquisas e de observações.

Assim o é com a questão que nos ocupa, cujas diversas partes foram tratadas separadamente, depois coligidas num corpo metódico, quando os materiais suficientes puderam ser reunidos. Esta parte da ciência espírita se acha desde então ser, não mais uma concepção sistemática individual, de um homem ou de um Espírito, mas o produto de observações múltiplas, que tiram sua autoridade da concordância que existe entre elas.

Pelo motivo que acabamos de expressar, não poderíamos pretender que esteja aí a última palavra. Os Espíritos, como dissemos, graduam seus ensinamentos e os proporcionam à soma e à maturidade das idéias adquiridas. Não se poderia, pois, duvidar que, mais tarde, colocarão no caminho de novas observações; mas desde hoje há elementos suficientes para formar um corpo que será ulteriormen-te e gradualmente completado.

O encadeamento dos fatos nos obriga a tomar nosso ponto de partida de mais alto, a fim de proceder do conhecido ao desconhecido.

Tudo se liga na obra da criação. Outrora consideravam-se os três reinos como inteiramente independentes um do outro, e ter-se-ia rido daquele que tivesse pretendido encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta faz desaparecer a solução de continuidade, e prova que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta; de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas sobre seus limites respectivos eles se confundem, ao ponto que se hesita em saber onde um acaba e o outro começa, e no qual certos seres devem ser classificados; tais são, por exemplo, os zoófitos ou animais plantas, assim chamados porque, ao mesmo tempo, têm do animal e da planta.

A mesma coisa tem lugar para o que concerne à composição dos corpos. Por muito tempo, os quatro elementos serviram de base às ciências naturais; caíram diante das descobertas da química moderna, que reconheceu um número indeterminado de corpos simples. A química nos mostra todos os corpos da Natureza formados desses elementos combinados em diversas proporções; é da variedade infinita dessas combinações que nascem as inumeráveis propriedades dos diferentes corpos. Assim é, por exemplo, que uma molécula de gás oxigênio e duas de gás hidrogênio, combinadas, formam a água. Em sua transformação em água, o oxigênio e o hidrogênio perdem suas qualidades próprias; não há mais, propriamente falando, oxigênio e hidrogênio, mas a água. Decompondo-se a água, reencontram-se os dois gases nas mesmas proporções. Se, em lugar de uma molécula de oxigênio, há dele duas, quer dizer, duas de cada gás, não é mais a água, mas um líquido muito corrosivo. Portanto, basta uma simples mudança na proporção de um dos elementos para transformar uma substância salutar em uma substância venenosa. Por uma operação inversa, que os elementos de uma substância deletéria, de arsênico, por exemplo, sejam simplesmente combinados em outras proporções, sem adição nem supressão de nenhuma outra substância, ela tornar-se-á inofensiva, ou mesmo salutar. Há mais: várias moléculas reunidas, de um mesmo elemento, gozarão de propriedades diferentes, segundo o modo de agregação *e* as condições do meio em que se encontrem. O *ozônio,* recém descoberto no ar atmosférico, disto é um exemplo. Reconheceu-se que esta substância não é outra senão o oxigênio, um dos princípios constituintes do ar, num estado particular que lhe dá propriedades distintas do oxigênio propriamente dito. Nem por isto o ar é menos formado sempre de oxigênio e de azoto, mas suas qualidades variam segundo contenham uma quantidade mais ou menos grande de oxigênio no estado de ozônio.

Estas observações, que parecem estranhas ao nosso assunto, a ele se ligam, no entanto, de maneira direta, como se verá mais tarde; elas são, além disso, essenciais como pontos de comparação.

Essas composições e essas decomposições se obtêm artificialmente e em ponto pequeno nos laboratórios, mas se operam em grande e espontaneamente no grande laboratório da Natureza. Sob a influência do calor, da luz, da eletricidade, da umidade, um corpo se decompõe, seus elementos se separam, outras combinações se operam e novos corpos se formam. Assim, a mesma molécula de oxigênio, por exemplo, que faz parte de nosso próprio corpo, depois da destruição deste, entra na composição de um mineral, de uma planta, ou de um corpo animado. Em nosso corpo atual se encontram, pois, as mesmas parcelas de matéria que foram partes constituintes de uma multidão de outros corpos.

Citemos um exemplo para tornar a coisa mais clara. Uma pequena semente é colocada na terra, ela brota, cresce e se torna uma grande árvore, que, cada ano, dá folhas, flores e frutos. Quer dizer que essa árvore inteira se achava na semente? Seguramente não, porque contém uma quantidade de matéria muito mais considerável. De onde lhe veio, pois, essa matéria? Dos líquidos, dos sais, dos gases que a planta hauriu na terra e no ar, que se infiltraram em seu caule, e, pouco a pouco, lhe aumentaram o volume. Mas nem na terra nem no ar não se encontram madeira, folhas, flores e frutos. É que esses

mesmos líquidos, sais e gases, no ato da absorção, se decompuseram; seus elementos sofreram novas combinações que os transformaram em seiva, madeira, casca, folhas, frutos, essências voláteis odoríferas, etc. Essas mesmas partes vão, por sua vez, se destruir, se decompor; seus elementos se misturarem de novo à terra e ao ar; recompor as substâncias necessárias à frutificação; serem absorvidas, decompostas e transformadas uma outra vez em seiva, madeira, casca, etc. Em uma palavra, a matéria não sofre nem aumento, nem diminuição, ela se transforma, e, em conseqüência dessas transformações sucessivas, a proporção das diversas substâncias está sempre em quantidade suficiente para as necessidades da Natureza. Suponhamos, por exemplo, que uma quantidade dada de água seja decomposta, no fenômeno da vegetação, para fornecer o oxigênio e o hidrogênio necessários à formação das diversas partes da planta; é uma quantidade de água que existe a menos na massa; mas essas partes da planta, quando de sua decomposição, vão liberar o oxigênio e o hidrogênio que continham, e esses gases, se combinando entre si, vão tornar a formar uma quantidade de água equivalente àquela que havia desaparecido.

Um fato que não é inoportuno assinalar aqui, é que o homem, que pode operar artificialmente as decomposição e as composições que se operam espontaneamente na Natureza, é impotente para reconstituir o menor corpo organizado, fosse mesmo o de um talo de erva ou uma folha morta. Depois de ter decomposto um mineral, ele pode formá-lo de novo em todas as partes, tal qual era antes; mas quando separou os elementos de uma parcela de matéria vegetal ou animal, não pode reconstituí-la, e com menor razão dar-lhe a vida. Seu poder se detém na matéria inerte: o princípio da vida está na mão de Deus.

A maioria dos corpos simples é chamada de *ponderável,* porque pode-se-lhe medir o peso, e esse peso está em razão da soma das moléculas contidas num volume dado. Outros são ditos *imponderáveis,* porque não têm nenhum peso para nós, e que em qualquer quantidade que sejam acumulados num outro corpo, não lhe aumentam o peso. Estes são: o calor, a luz, a eletricidade, o fluido magnético ou do ímã; este último não é senão uma variedade da eletricidade. Embora imponderáveis, por isto esses fluidos não têm menos uma força muito grande. O calor divide os corpos mais duros, os reduz em vapor, e dá aos líquidos evaporados uma força de expansão irresistível. O choque elétrico parte as árvores e as pedras, curva as barras de ferro, funde os metais, transporta longe massas enormes. O magnetismo dá ao ferro um poder de atração capaz de sustentar pesos consideráveis. A luz não possui esse gênero de força, mas exerce uma ação química sobre a maioria dos corpos, *e* sob sua influência se operam, incessantemente, as composições e as decomposições. Sem a luz, os vegetais e os animais definham, os frutos não têm nem sabor nem coloração.

III

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de maneira a produzirem a infinita variedade dos diferentes corpos, a ciência vai mais longe hoje; suas investigações a conduzem pouco a pouco à grande lei da unidade. Agora é quase geralmente admitido que os corpos reputados simples não são senão modificações, transformações de um elemento único, princípio universal designado sob o nome de *éter, fluido cósmico* ou *universal;* de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais que constituem os corpos simples; esses corpos simples, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade dos corpos compostos. Segundo esta opinião, o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo não seriam igualmente senão modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido que, segundo toda a probabilidade, é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis.

A química nos faz penetrar na constituição íntima dos corpos; mas, experimentalmente falando, ela não vai além dos corpos considerados como simples; seus meios de análise são impotentes para isolar o elemento primitivo e determinar-lhe a essência. Ora, entre esse elemento em sua pureza absoluta e o ponto em que se detêm as investigações da ciência, o intervalo é imenso. Raciocinando-se por analogia, chega-se a esta conclusão de que entre estes dois pontos extremos, esse fluido deve sofrer modificações que escapam aos nossos instrumentos e aos nossos sentidos materiais. É nesse campo novo, até aqui fechado à exploração, que vamos tentar penetrar.

IV

Até este dia, não se tinham senão idéias muito incompletas sobre o mundo espiritual ou invisível; imaginavam-se os Espíritos como seres fora da Humanidade; os anjos eram também criaturas à parte, de uma natureza mais perfeita. Quanto ao estado das almas depois da morte, os conhecimentos não eram quase nada mais positivos. A opinião mais geral deles fazia seres abstratos, dispersos na imensidão, e não tendo mais relações com os vivos, a não ser que estivessem, segundo a doutrina da Igreja, nas beatitudes do céu ou nas trevas do inferno. Além disto, as observações da ciência, detendo-se na matéria tangível, disto resulta, entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, um abismo que parecia excluir toda aproximação. É este abismo que as novas observações e o estudo de fenômenos ainda pouco conhecidos vêm preencher, pelo menos em parte.

O Espiritismo nos ensina primeiro que os Espíritos são as almas dos homens que viveram sobre a Terra; que eles progridem sem cessar, e que os anjos são essas mesmas almas ou Espíritos chegados a um estado de perfeição que os aproxima da Divindade.

Em segundo lugar, nos ensina que as almas passam alternativamente do estado de encarnação ao de erraticidade; que neste último estado elas constituem a população invisível do globo, ao qual permanecem ligadas até que tenham nele adquirido o desenvolvimento intelectual e moral que comporte a natureza desse globo, depois do que elas o deixam para passar a um mundo mais avançado.

Pela morte do corpo, a Humanidade corpórea fornece almas, ou Espíritos, ao mundo espiritual; pelo nascimento, o mundo espiritual alimenta o mundo corpóreo; há, pois, transmutação ou derramamento incessante de um no outro. Esta relação constante os torna solidários, porque são os mesmos seres que entram em nosso mundo e que dele saem alternativamente. Está aí um primeiro traço de união, um ponto de contato que já diminui a distância que parecia separar o mundo visível do mundo invisível.

A natureza íntima da alma, quer dizer, do princípio inteligente, fonte do pensamento, escapa completamente às nossas investigações; mas sabe-se agora que a alma está revestida de um envoltório, ou corpo fluídico, que dela faz, depois da morte do corpo material, como antes, um ser distinto, circunscrito e individual. A alma é o princípio inteligente considerado isoladamente; é a força atuante e pensante que não podemos conceber isolada da matéria senão como uma abstração. Revestida de seu envoltório fluídico, ou perispírito, a alma constitui o ser chamado *Espírito,* como quando ela está revestida do envoltório corpóreo, constitui o homem; ora, se bem que no estado de Espírito ela goze de propriedades e de faculdades especiais, não deixa de pertencer à Humanidade. Os Espíritos são, pois, seres semelhantes a nós, uma vez que cada um de nós se torna Espírito depois da morte de seu corpo, e que cada Espírito se torna de novo homem pelo nascimento.

Esse envoltório *não é a alma,* porque ele não pensa; não é senão uma veste; sem a alma, o perispírito, do mesmo modo que o corpo, é uma matéria inerte privada de vida e de sensações. Dizemos *matéria,* porque, com efeito, o perispírito, embora de natureza etérea e sutil, por isto não é menos a matéria tanto quanto os fluidos imponderáveis, e, além disto, *matéria da mesma natureza e da mesma origem que a matéria tangível mais grosseira,* assim como o veremos dentro em pouco.

A alma não reveste unicamente o perispírito no estado de Espírito; ela é inseparável desse envoltório, que a segue na encarnação, como na erraticidade. Na encarnação, é o laço que a une ao envoltório corpóreo, um intermediário com a ajuda do qual ela atua sobre os órgãos e percebe as sensações das coisas exteriores. Durante a vida, o fluido perispiritual se identifica com o corpo, do qual penetra todas as partes; na morte, dele se liberta; o corpo privado de sua vida se dissolve, mas o perispírito, sempre unido à alma, quer dizer, ao princípio vivificante, não perece; unicamente a alma, em lugar de dois envoltórios, não conserva deles senão um: o mais leve, aquele que está mais em harmonia com o seu estado espiritual.

Embora esses princípios sejam elementares para os Espíritas, é útil lembrá-los para a compreensão das explicações subseqüentes e a conexão das idéias.

V

Algumas pessoas contestaram a utilidade do envoltório perispiritual da alma, e, conseqüentemente, a sua existência. A alma, dizem elas, não tem necessidade de intermediário para agir sobre o corpo; e, uma vez separada do corpo, é um acessório supérfluo.

A isto respondemos primeiro que o perispírito não é uma criação imaginária, uma hipótese inventada para chegar a uma solução; sua existência é um fato constatado pela observação. Quanto à sua utilidade, seja durante a vida, seja depois da morte, é preciso admitir que, uma vez que existe, é que serve para alguma coisa. Aqueles que contestam *a* sua utilidade são como um indivíduo que, não compreendendo as funções de certas engrenagens de um mecanismo, disto concluem que não servem senão para complicar a máquina sem necessidade. Não vê que se a menor peça for suprimida, tudo será desorganizado. Que as coisas, no grande mecanismo da Natureza, parecem inúteis aos olhos do ignorante, e mesmo de certos sábios, que crêem de boa fé que se tivessem sido encarregados da construção do Universo, o teriam feito muito melhor!

O perispírito é uma dessas engrenagens mais importantes da economia; a ciência o observou em alguns de seus efeitos, e, alternativamente, designou-o sob os nomes de fluido vital, fluido ou influxo nervoso, fluido magnético, eletricidade animal, sem se dar conta precisa de sua natureza e de suas propriedades, e ainda menos de sua origem. Como envoltório do Espírito depois da morte, foi suspeitado desde a mais alta antigüidade. Todas as teogonias atribuem aos seres do mundo invisível um corpo fluídico. São Paulo disse em termos precisos que nós renascemos com um *corpo espiritual C\ˢ ep. aos Corintos,* cap. XV, V, de 35 a 44 e 50).

Ocorre o mesmo com todas as grandes verdades fundadas sobre as leis da Natureza, e das quais, em todas as épocas, os homens de gênio tiveram intuição. É assim que, desde antes de nossa era, os sábios filósofos supuseram a redondeza da Terra e seu movimento de rotação, o que nada tira ao mérito de Copérnico e de Galileu, supondo mesmo que estes últimos tenham se aproveitado das idéias precedentes. Graças aos seus trabalhos, o que não era senão uma opinião individual, uma teoria incompleta e sem prova, *desconhecida das massas,* tornou-se uma verdade científica, prática e popular.

A doutrina do perispírito está no mesmo caso; o Espiritismo não foi o primeiro a descobri-la; mas, do mesmo modo que Copérnico para o

movimento da Terra, ele a estudou, demonstrou, analisou, definiu, e dela tirou fecundos resultados. Sem os estudos modernos mais completos, essa grande verdade, como muitas outras, estaria ainda no estado de letra morta.

VI

O perispírito é o traço de união que liga o mundo espiritual ao mundo corpóreo. O Espiritismo no-los mostra em relação tão íntima e tão constante que de um a outro a transição é quase insensível; ora, do mesmo modo que, na Natureza, o reino vegetal se liga ao reino animal por seres *semi-vegetais e semi-animais,* o estado corpóreo se liga ao es-

tado espiritual não só pelo princípio inteligente, que é o mesmo, mas ainda pelo envoltório fluídico, ao mesmo tempo *semi-material e semi-espiritual,* desse mesmo princípio. Durante a vida terrestre, o ser corpóreo e o ser espiritual se confundem e agem de acordo; a morte do corpo não faz senão separá-los. A ligação desses dois estados é tal, e reagem um sobre o outro com tanta força, que dia virá em que se o reconhecerá que o estudo da história natural do homem não poderia ser completo sem o estudo do envoltório perispiritual, quer dizer, sem colocar um pé no domínio do mundo invisível.

Esta aproximação é ainda maior quando *se* observa a origem, a natureza, a formação e as propriedades do perispírito, observação que decorre naturalmente do estudo dos fluidos.

VII

É reconhecido que todas as matérias animais têm por princípios constituintes o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, combinados em diferentes proporções. Ora, como dissemos, esses corpos simples têm, eles mesmos, um princípio único, que é o fluido cósmico universal; por suas diversas combinações formam todas as variedades de substâncias que compõem o corpo humano, o único do qual falamos aqui, embora o seja do mesmo modo com respeito aos animais e às plantas. Disto resulta que o corpo humano não é, na realidade, senão uma espécie de concentração, de condensação ou, querendo-se, de solidificação do fluido universal, como o diamante é uma solidificação do gás carbônico. Com efeito, suponhamos a desagregação completa de todas as moléculas do corpo, reencontraremos o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, em outros termos, o corpo será volatizado. Estes quatro elementos levados ao seu estado primitivo por uma nova e mais completa decomposição, se os nossos meios de análise o permitissem, dariam o fluido cósmico. Este fluido, sendo o princípio de toda matéria, é matéria em si mesmo, se bem que num estado completo de eterização.

Um fenômeno análogo se passa na formação do corpo fluídico, ou perispírito: é igualmente uma condensação do fluido cósmico em redor do foco de inteligência, ou *alma.* Mas aqui a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo humano têm, pois, sua fonte no mesmo fluido; um e o outro são da matéria, embora sob dois estados diferentes. Tivemos, pois, razão em dizer que o perispírito é da mesma natureza e da mesma origem da matéria mais grosseira. Não há, como se vê, nada de sobrenatural, uma vez que se liga por seu princípio às coisas da Natureza, da qual não é senão uma variedade.

O fluido universal sendo o princípio de todos os corpos da Natureza, animados e inanimados, e, conseqüentemente, da terra, das pedras, estando Moisés na verdade quando disse: "Deus forma o corpo do homem do limo da terra." O que não quer dizer que Deus tome da terra, a modele e dela faça o corpo do homem, como se faz uma estátua com a terra argilosa, assim como acreditavam aqueles que tomaram as palavras bíblicas pela letra, mas que o corpo era formado dos mesmos princípios ou elementos que o limo da terra, ou que tinham servido para formar o limo da terra.

Moisés acrescenta: "E lhe deu uma alma *viva,* feita à sua *semelhança."* Ele fez assim uma distinção entre a alma e o corpo; indica que ela é de uma natureza diferente, que não é matéria, mas espiritual e imaterial como Deus. Ele disse: uma alma *viva,* para especificar que só ela é o princípio da vida, ao passo que o corpo, formado de matéria, não vive por si mesmo. Estas palavras: à sua *semelhança,* implicam em uma *similitudee* não uma *identidade.* Se Moisés tivesse considerado a alma como uma *porção* da Divindade, teria dito: Deus o anima dando-lhe uma alma tirada de sua própria substância, como disse que o corpo fora tirado da terra.

Estas reflexões são uma resposta às pessoas que acusam o Espiritismo de materializar a alma, porque lhe dá um envoltório semi-material.

VIII

No estado normal, o perispírito é invisível para *nossos olhos,* e impalpável para nosso toque, como o são uma infinidade de fluidos e de gases. No entanto, a invisibilidade, a impalpabilidade, *e* mesmo a imponderabilidade do fluido perispiritual não são absolutas; foi porque dissemos *no estado normal.* Ele sofre em certos casos, seja talvez uma condensação maior, seja uma modificação molecular de natureza especial que o torna momentaneamente visível ou tangível: é assim que se produzem as aparições. Sem que haja aparição, muitas pessoas sentem a impressão fluídica dos Espíritos pela sensação do toque, o que é o indício de uma natureza material.

De qualquer maneira que se opere a modificação atômica do fluido, não há coesão como nos corpos materiais; a aparência se forma instantaneamente e se dissipa do mesmo modo, o que explica as aparições e os desaparecimentos súbitos. Sendo as aparições o produto de um fluido material invisível, torna-se invisível em conseqüência de uma mudança momentânea em sua constituição molecular, não são mais sobrenaturais do que os vapores tornados alternativamente visíveis ou invisíveis pela condensação ou pela rarefação. Citamos o vapor como ponto de comparação sem pretender que haja semelhança de causa e de efeito.

IX

Algumas pessoas criticaram a qualificação de *semi-material,* dada ao perispírito, dizendo que uma coisa é ou não é matéria. Admitindo que a expressão seja imprópria seria preciso tomá-la na ausência de um termo especial para exprimir este estado particular da matéria. Se dele existe um mais apropriado à coisa, os críticos deveriam indicá-lo. O perispírito é matéria, assim como acabamos de ver, filosoficamente falando e por sua essência íntima; ninguém poderia contestá-la; mas ela não tem as propriedades da matéria tangível, tal como é concebida vulgarmente; não pode ser submetida à análise química; porque, *se* bem que tenha o mesmo princípio que a carne e o mármore, e que possa deles tomar as aparências, não é, em realidade nem da carne nem do mármore. Por sua natureza etérea liga-se ao mesmo tempo à materialidade por sua substância e à espiritualidade pela impalpabilidade, e a palavra *semi-material* não é mais ridícula do que aquela de *semi-dupla, e* tantas outras porque pode-se dizer também que uma coisa é ou não é.

O fluido cósmico, enquanto princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que pode-se considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que dele não é, de alguma sorte, senão consecutivo. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas aí, ainda, não há transição brusca, porque pode-se considerar nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.

Cada um desses dois estados, necessariamente, dá lugar a fenômenos especiais; ao segundo pertencem aqueles do mundo visível, e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, chamados *fenômenos materiais,* são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais,* porque se ligam à existência dos Espíritos, estão nas atribuições do Espiritismo; mas têm entre si tão numerosos pontos de contato, que servem para se esclarecer mutuamente, e que, como dissemos, o estudo de uns não poderia estar completo sem o estudo dos outros.

É a explicação destes últimos que conduz o estudo dos fluidos dos quais faremos, ulteriormente, o assunto de um trabalho especial.

O ESPIRITISMO E A MAGISTRATURA.

As perseguições judiciárias contra os Espíritas. - Cartas de um juiz de instrução.

O Espiritismo conta em suas fileiras com mais de um magistrado, assim como dissemos muitas vezes, não somente na França, mas na Itália, na Espanha, na Bélgica, na Alemanha, e na maioria dos países estrangeiros. A maior parte dos detratores da Doutrina, que crêem ter o privilégio do bom senso, e tratam de insensatos quem não partilha seu ceticismo com relação às coisas espirituais, não dizemos *sobrenaturais,* uma vez que o Espiritismo não as admite, espanta-se que o homem de inteligência e de valor dêem, segundo eles, num semelhante má direção. Os magistrados não são livres para terem sua opinião, sua fé, sua crença? não há entre eles católicos, protestantes, livre-pensadores, franco-maçons? Quem, pois, poderia incriminar aqueles que são Espíritas? Não estamos mais no tempo em que o teriam destituído, e talvez queimado, o juiz que tivesse ousado afirmar publicamente que é a Terra que gira.

Coisa estranha! há pessoas que gostariam de fazer reviver esse tempo para os Espíritas. No último levante geral, não foram vistos homens, que se dizem apóstolos do livre pensamento, assinalá-los à punição das leis como malfeitores, excitar as populações a persegui-los, estigmatizá-los e lançar-lhes injúria à face nas folhas públicas e nos panfletos? Isto foi, num momento, não mais da zombaria, mas uma verdadeira raiva, que, graças ao tempo em que vivemos, se exalou em palavras. Foi necessária toda a força moral da qual se sentem animados os Espíritas, toda moderação da qual os próprios princípios da Doutrina fazem uma lei, para conservar a calma e o sangue frio em semelhante circunstância e se abster de represálias que poderiam se tornar lamentáveis. Este contraste tocou todos os homens imparciais.

O Espiritismo é, pois, uma associação, uma afiliação tenebrosa, perigosa para a sociedade, obedecendo a uma palavra de ordem? seus adeptos fazem um pacto entre eles? Só a ignorância, a má fé podem adiantar tais absurdos, uma vez que sua doutrina nada-tem de secreto para ninguém, e que agem à luz do dia. O Espiritismo é uma filosofia como outra que se aceita livremente se ela convém, e que se rejeita se não convém; que repousa sobre uma fé inalterável em Deus e no futuro, e que não obriga moralmente seus adeptos senão a uma coisa: considerar todos os homens como irmãos, sem *exceção de* crença, e fazer o bem mesmo àqueles que nos fazem o mal. Porque, pois, um magistrado não poderia dizer-se abertamente seu partidário, a declarar boa, se acha boa como se pode dizer partidário da filosofia de Aristóteles, de Descartes ou de Leibnitz? Receia-se que sua justiça não sofra com isto? que isto não o torna mais indulgente para os adeptos? Algumas observações a esse respeito, naturalmente, encontram aqui seu lugar.

Num país como o nosso, onde as opiniões e as religiões são livres pela lei, seria uma monstruosidade perseguir um indivíduo porque ele crê nos Espíritos e em suas manifestações. Se, pois, um Espírita fosse denunciado à justiça, não seria por causa de sua crença, como se fazia numa outra época, mas porque teria cometido uma infração à lei; é, pois, a falta que se persegue e não a crença, e, se fosse culpado, seria justamente passível da lei. Para incriminar a Doutrina, seria preciso ver se ela encerra algum princípio ou máxima que *autorizasse* ou *justificasse a* falta; se, ao contrário, nela se encontra a condenação a essa falta e instruções em sentido oposto, a Doutrina não poderia ser responsável por aqueles que não a compreendem ou não a praticam. Pois bem! que se investigue a Doutrina Espírita com imparcialidade, e desafiamos nela encontrar uma única palavra sobre a qual se possa apoiar para cometer um ato qualquer repreensível aos olhos da moral, ou com relação ao próximo, ou mesmo que possa ser mal interpretado, porque tudo nela é claro e inequívoco.

Quem se conforma aos preceitos da Doutrina não poderia, pois, incorrer em perseguições judiciárias, a menos que se persiga nele a própria crença, o que reentraria nas perseguições contra a fé. Não temos ainda conhecimento de perseguições desta natureza na França, nem mesmo no estrangeiro, salvo a condenação, seguida do auto-de-fé de Barcelona, e ainda foi uma sentença do bispo e não do tribunal civil, e não se queimaram senão os livros. A qual título, com efeito, perseguir-se-iam pessoas que não pregam se-

não a ordem, a tranqüilidade, o respeito às leis; que praticam a caridade, não só entre elas, como nas seitas exclusivistas, mas para com todo o mundo; portanto, o objetivo principal é de trabalhar para a sua própria melhoria moral; que abjuram, contra seus inimigos, todo sentimento de ódio e de vingança? Os homens que professam tais princípios não podem ser perturbadores da sociedade; seguramente, não são eles que lhe levam a perturbação, e foi o que fez dizer a um comissário de polícia que se todos os seus administrados fossem Espíritas ele poderia fechar seu escritório.

A maioria das perseguições, em semelhante caso, têm por objeto o exercício ilegal da medicina, ou acusações de charlatanismo, malabarismos ou trapaça, pela via da mediunidade. Diremos primeiro que o Espiritismo não pode ser responsável por indivíduos que tomam indevidamente a qualidade de médium, não mais do que a ciência verdadeira não é responsável pelos escamoteadores que se dizem físicos. Um charlatão pode, pois, dizer que opera com a ajuda dos Espíritos, como um prestidigitador diz que opera com a ajuda da física; é um meio como outro de lançar poeira aos olhos; tanto pior para aqueles que nisto se deixam prender. Em segundo lugar, o Espiritismo, condenando a exploração da mediunidade, como contrária aos princípios da Doutrina do ponto de vista moral, e demonstrando além disto que ela não deve nem pode ser um ofício nem uma profissão, todo médium que não tire de sua faculdade nenhum proveito *direto* ou *indireto, ostensivo* ou *dissimulado* descarta, por isto mesmo, até a suspensão de trapaça ou de charlatanismo; desde que não é solicitado por nenhum interesse material, o malabarismo seria sem objetivo. O médium que compreende o que há de sério e de santo em um dom dessa natureza creria profaná-lo fazendo-o servir às coisas mundanas, por ele e pelos outros, ou se dele faz um objeto de divertimento e de curiosidade; ele respeita os Espíritos como ele mesmo gostaria que se o respeitasse quando for Espírito, e não os coloca em exibição. Além disto, ele sabe que a mediunidade não pode ser um meio de adivinhação; que ela não pode descobrir tesouros, heranças, nem facilitar o triunfo nas chances aleatórias, e jamais lera a sorte, nem por dinheiro nem por nada; portanto, jamais terá discussões com a justiça. Quanto à mediunidade de cura, ela existe, isto é certo; mas está subordinada a condições restritivas que excluem a possibilidade de ter consultório aberto, sem suspeita de charlatanismo. É uma obra de devotamento e de sacrifício, e não de especulação. Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e encerrada nos limites traçados pela Doutrina, ela não pode cair sob o golpe da lei.

Em resumo, o médim segundo os objetivos da Providência e o Espiritismo, que seja artesão ou príncipe, porque há dela no palácio e nas choupanas, recebeu um mandato que cumpre religiosamente e com dignidade; ele não vê em sua faculdade senão um meio de glorificar a Deus e de servir ao seu próximo, e não um instrumento para servir seus interesses ou satisfazer a sua vaidade; se se faz estimar e respeitar por sua simplicidade, sua modéstia e sua abnegação, o que não é o fato daqueles que procuram disso fazer um degrau.

A justiça, punindo os médiuns exploradores, aqueles que fazem mal uso de uma faculdade real, ou *simulam uma faculdade que não têm,* não ferem, pois, a Doutrina, mas o abuso; ora, o Espiritismo verdadeiro e sério, que não vive de abuso, não pode aí ganhar senão em consideração, e não poderia tomar sob seu patrocínio aqueles que não podem senão desviar a opinião pública sobre sua conta; tomando fato e causa por eles, assumiria a responsabilidade daquilo que fazem, porque aqueles não são verdadeiramente Espíritas, fossem mesmo realmente médiuns.

Enquanto não se persegue num Espírita, ou naqueles que se dão por tais, senão os atos repreensíveis aos olhos da lei, o papel do defensor é de discutir o ato em si mesmo, abstração feita da crença do acusado; seria um erro grave procurar justificar o ato em nome da Doutrina; deve, ao contrário, prender-se a demonstrar que ela lhe é estranha; o acusado cai, então, no direito comum.

Um fato incontestável é que quanto mais os conhecimentos de um magistrado são extensos e variados, mais está apto a apreciar os fatos sob os quais é chamado a se pronunciar. Num caso de medicina legal, por exemplo, é evidente que aquele que não fosse totalmente estranho à ciência saberia julgar melhor o valor dos argumentos de acusação e de defesa do que aquele que dela não soubesse a primeira palavra. Num assunto onde o Espiritismo estivesse em causa, e hoje ele está na ordem do dia, ele pode se apresentar incidentemente, como principal ou acessório, numa multidão de casos, há um interesse real para os magistrados em saber pelo menos o que é, sem ser tido por isto como Espírita. Num dos casos precitados eles poderiam incontestavelmente melhor discernir o abuso da verdade.

O Espiritismo se infiltrando cada vez mais nas idéias, e tomando já lugar entre as crenças recebidas, não está longe o tempo em que não será mais permitido a todo homem esclarecido ignorar o que há de justo nesta Doutrina como não o é hoje de ignorar os primeiros elementos das ciências. Ora, como ele toca a todas as questões científicas e morais, compreender-se-á melhor uma multidão de coisas que, à primeira vista lhe parecem estranhas. É assim, por exemplo, que o médico nele descobrirá a verdadeira causa de certas afecções, que o artista nele haurirá numerosos assuntos de inspirações, que será em muitas circunstâncias uma fonte de luz para o magistrado e para o advogado.

É nesse sentido que o aprecia o Sr. Jaubert, o honrado vice-presidente do tribunal de Carcassonne. Nele, é mais do que um conhecimento acrescentado aos que possui, é um assunto de convicção, porque lhe compreende a importância moral. Embora não tendo jamais ocultado sua opinião a esse respeito, convencido de estar no verdadeiro e da força moralizadora da Doutrina, hoje que a fé se extingue no ceticismo, quis dar-lhe o apoio da autoridade de seu nome, no momento mesmo em que estava mais violentamente atacado, desafiando resolutamente a zombaria, e mostrando a seus adversários o pouco caso que faz por si mesmo de seus sarcasmos. Em sua posição, e tendo em vista as circunstâncias, a carta que nos pediu para publicar, e que inserimos no número de janeiro último, é um ato de coragem do qual todos os Espíritas sinceros guardarão preciosamente a lembrança. Ela marcará na história do estabelecimento do Espiritismo.

A carta seguinte, que igualmente estamos autorizados a publicar, toma lugar ao lado da do Sr. Jaubert. É uma dessas adesões decididamente explícitas e motivadas à qual a posição do autor dá tanto mais peso quanto ela é espontânea, uma vez que não tínhamos a honra de conhecer esse senhor. Ele julga a Doutrina unicamente pela impressão das obras, porque não tinha nada visto. É a melhor resposta à acusação de inépcia e de malabarismo lançadas sem distinção contra o Espiritismo e seus adeptos.

21 de novembro de 1865.

"Senhor,

"Permiti-me, novo e fervoroso adepto, de vos testemunhar todo o meu reconhecimento por me ter, pelos vossos escritos, iniciado na ciência espírita. Por curiosidade li *O Livro dos Espíritos;* mas depois de uma leitura atenta, a admiração, depois a convicção mais completa sucederam em mim a uma desconfiada incredulidade. Com efeito, a doutrina que dele decorre dá a solução mais lógica, mais satisfatória para a razão, de todas as questões que tão seriamente preocuparam os pensadores de todas as épocas, para definir as condições da existência do homem sobre esta Terra, explicar as vicissitudes que incumbem à Humanidade, e determinar seus fins últimos. Esta admirável doutrina é incontestavelmente a sanção da moral mais pura e a mais fecunda, a exaltação demonstrada da justiça, da bondade de Deus e da obra sublime da criação, assim como a base *mais segura, a mais firme da ordem social.*

"Não tive o testemunho de manifestações espíritas, mas este elemento de prova, de nenhum modo contrário aos ensinos de minha religião (a religião católica), não é necessário à minha convicção. Primeiro basta-me encontrar na ordem da Providência a razão de ser da desigualdade das condições sobre a Terra, em uma palavra, a razão de ser do mal material e do mal moral.

"Com efeito, minha razão admite plenamente, como justificando a existência do mal material e moral, a alma saindo simples e ignorante das mãos do Criador, enobrecida pelo livre arbítrio, progredindo por provas e expiações sucessivas, e não chegando à soberana felicidade senão adquirindo a plenitude de sua essência etérea, pela libertação completa dos constrangimentos da matéria, que, alterando em tudo as condições da beatitude, deve ter servido para o seu adiantamento.

"O que de mais racional que, nesta ordem de idéias, os Espíritos, nas diferentes fases de sua depuração progressiva, comuniquem-se entre si de um mundo ao outro, encarnado ou invisível, para se esclarecerem, se entre ajudarem, concorrerem reciprocamente pelo seu adiantamento, facilitar as suas provas e entrar no caminho da reparação, do arrependimento e do retorno para Deus! O que de mais racional, digo eu, do que uma tal continuidade, um tal fortalecimento dos laços de família, de amizade e de caridade que, unindo os homens em sua passagem sobre a Terra, devem, como fim último, reuni-los um dia em uma única família no seio de Deus!

"Que sublime traço de união: o amor partindo do céu para abarcar com seu sopro divino a Humanidade inteira, povoando o universo imenso, e conduzi-la a Deus para fazê-la participar da beatitude eterna da qual esse amor é a fonte! O que de mais digno da sabedoria, da justiça e da bondade infinita do Criador! Que grandiosa idéia da obra da qual o Espiritismo revela assim a harmonia e a imensidade, erguendo um canto do véu que não permite ainda ao homem penetrar-lhe todos os segredos! Quantos homens não tinham lhe restringido a incomensurável grandeza, encerrando a Humanidade num ponto imperceptível, perdido no espaço e não concedendo senão a um pequeno número de eleitos a felicidade eterna reservada a todos! Depreciaram assim o divino artesão às proporções ínfimas de suas percepções, das aspirações tirânicas, vingativas e cruéis inerentes às suas percepções.

"Enfim, basta à minha razão encontrar nesta santa doutrina a serenidade da alma, coroando uma existência resignada às tribulações providenciais da vida honestamente preenchida pelo cumprimento de seus deveres e a prática da caridade, o fortalecimento em sua fé, pela solução das dúvidas que comprimem as aspirações em direção a Deus, e, enfim, essa plena e inteira confiança na justiça, na bondade e a misericordiosa e paternal solicitude de seu Criador.

"Aceitai, senhor, contar-me entre vossos irmãos em Espiritismo e aceitai, etc.

BONNAMY, *juiz de instrução."*

Uma comunicação dada pelo Espírito do pai do Sr. Bonnamy provocou a carta seguinte. Não reproduziremos essa comunicação, devido ao seu caráter íntimo e pessoal, mas dele publicamos adiante uma segunda que é de um interesse geral.

"Senhor e caro mestre, mil vezes obrigado por ter consentido em evocar meu pai. Havia tanto tempo que eu não tinha ouvido essa voz amada! Extinta para mim há muitos anos, ela revive, pois, hoje! Assim se realiza o sonho de minha imaginação entristecida, sonho concebido sob a impressão de nossa dolorosa separação. Que doce, que consoladora revelação, tão cheia de esperança para mim! Sim, vejo meu pai e minha mãe no mundo dos Espíritos, velando por mim, prodigalizando-me o benefício dessa ansiosa solicitude com a qual me cercavam na Terra; minha santa mãe, em sua terna preocupação do futuro, me penetrando de seu eflúvio simpático para conduzir-me a Deus e mostrar-me o caminho das verdades eternas que cintilam para mim numa distante nebulosa!

"Quanto eu seria feliz se, conforme o desejo expresso pelo meu pai de se comunicar de novo, sua evocação fosse julgada útil ao progresso da ciência espírita, e reentrar na ordem dos ensinos providencias reservados à obra! eu encontraria assim, em vosso jornal, os elementos das instruções espíritas, misturados algumas vezes às doçuras das conversas de família. É um simples desejo, vós o compreendeis, caro mestre; tomo uma larga parte nas exigências da missão que vos incumbe, para fazer de um tal voto um pedido.

"Dou plenamente as mãos à publicidade de minha carta; de boa vontade levarei meu grão de areia ao erguimento do edifício espírita; feliz se, ao contato de minha convicção profunda, as dúvidas se apagassem para alguns, e se os incrédulos pensassem dever refletir mais seriamente!

"Permiti-me, caro mestre, vos dirigir algumas palavras de simpatia e de encorajamento para vosso duro labor. O Espiritismo é um farol providencial do qual a brilhante e fecunda luz deve abrir todos os olhos, confundir o orgulho dos homens, comover todas as consciências; sua irradiação será irresistível; e que tesouros de consolação, de misericórdia e de amor dos quais sois o distribuidor!

"Aceitai, etc.

"BONNAMY.

A LEI HUMANA.
Instrução do Espirito do Sr. Bonnamy pai.

A lei humana, como todas as coisas, é submetida ao progresso; progresso lento, insensível, mas constante.

Por admiráveis que sejam, para certas pessoas, as legislações antigas dos Gregos e dos Romanos, são bem inferiores às que governam as populações avançadas de vosso tempo! - Que vemos nós, com efeito, na origem de todo povo? - Um código de costumes devendo haurir sua sanção na força e tendo por motor o mais absoluto egoísmo. Qual é o objetivo de todas as legislações primitivas? - Destruir o mal e seus instrumentos para a maior paz da sociedade. Cuidou-se do criminoso? - Não. - Fere-o para corrigi-lo e mostrar-lhe a necessidade de conduta mais moderada com relação aos seus concidadãos? Tem-se em vista a sua melhoria? -Absolutamente nada; é exclusivamente para preservar a sociedade de seus golpes, sociedade egoísta que rejeita, impiedosamente, de seu seio tudo o que lhe pode perturbar a tranqüilidade. Assim, todas as repreensões são excessivas e a pena de morte é a mais geralmente aplicada.

Isto é concebível, quando se considera a ligação íntima que existe entre a lei e o princípio religioso. Ambos avançam de acordo para um objetivo único, sustentando-se mutuamente.

A religião consagra os gozos materiais e todas as satisfações dos sentidos? A lei dura e excessiva fere o criminoso para desembaraçar a sociedade de um hóspede inoportuno. A religião se transforma, consagra a vida da alma e sua independência da matéria? Ela reage também sobre a legislação, lhe demonstra a responsabilidade que lhe incumbe, no futuro do violador da lei; daí, a assistência do ministro, qualquer que seja, nos últimos momentos do condenado. Se o fere ainda, mas já se tem cuidado desse ser que não morre inteiramente com seu corpo e cuja parte espiritual vai receber o castigo que os homens infligiram ao elemento material.

Na idade média e desde a era cristã, a legislação recebeu do princípio religioso uma influência cada vez mais notável. Ela perde pouco de sua crueldade, mas seus móveis ainda absolutos e cruéis mudaram completamente de direção.

Tanto como a ciência, a filosofia e a política, a jurisprudência tem suas revoluções, que não devem se operar senão lentamente para serem aceitas pela generalidade dos seres que elas interessam. Uma nova instituição, para dar fruto, não deve ser imposta. A

arte do legislador é de preparar os espíritos de maneira a fazê-la desejar e considerar como um benefício... Todo inovador, de quais boas intenções esteja animado, por louváveis que sejam seus desígnios, será considerado como um déspota do qual é preciso sacudir o jugo, se quiser se impor, fosse mesmo por benefícios. - O homem, por seu princípio, é essencialmente livre, e quer aceitar sem constrangimento. Daí as dificuldades que encontram os homens muito avançados para o seu tempo; daí as perseguições das quais são sobrecarregados. Eles vivem no futuro! de um século ou dois em adiantamento sobre a massa de seus contemporâneos, não podem senão fracassar e se quebrar contra a rotina refratária.

Na idade média, pois, não se tinha cuidado com o futuro do criminoso; pensava-se na recipiência de sua alma, era amedrontado com os castigos do inferno, as chamas eternas que lhe infligiria, por um arrastamento culposo, um Deus infinitamente justo e infinitamente bom!

Não podendo se elevar à altura de Deus, os homens para se engrandecerem o reduziam às suas mesquinhas proporções! Inquietava-se com o futuro do criminoso; pensava-se em sua alma, mas não por ela mesma, mas em razão de uma nova transformação do egoísmo, que consistia em se colocar a consciência em repouso, reconciliando o pecado com seu Deus.

Pouco a pouco, no coração e no pensamento de um pequeno número, a iniqüidade de semelhante sistema pareceu evidente. Eminentes Espíritos tentaram modificações prematuras, mas que, todavia, deram fruto em estabelecendo precedentes sobre os quais se baseia a transformação que se realiza hoje em todas as coisas.

Sem dúvida, por muito tempo ainda, a lei será repressiva e castigará os culpados. Não chegamos ainda a esse momento em que somente a consciência da falta será o mais cruel castigo daquele que a tiver cometido; mas o vedes todos os dias, as penas se abrandam; tem-se em vista a moralização do ser; criam-se instituições para preparar a sua renovação moral; torna-se seu rebaixamento útil a si mesmo e à sociedade. O criminoso não será mais a fera da qual é preciso a todo preço purgar o mundo; será o filho desviado do qual é preciso reformar o julgamento falseado pelas más paixões e a influência de um meio perverso!

Ah! o magistrado e o juiz não são os únicos responsáveis e os únicos a agirem nesse assunto; todo homem de coração, príncipe, senador, jornalista, romancista, legislador, professor e artesão, todos devem por mão à obra e trazer seu óbolo à regeneração da Humanidade.

A pena de morte, vestígio infamante da crueldade antiga, desaparecerá pela força das coisas. A repreensão, necessária no estado atual, se abrandará a cada dia; e, em algumas gerações, somente a condenação, a colocação fora da lei de um ser inteligente será o último grau da infâmia, até que, de transformação em transformação, só a consciência de cada um será juiz e carrasco do criminoso.

E a que se deverá todo esse trabalho? Ao Espiritismo, que, desde o começo do mundo, age por suas revelações sucessivas, como mosaísmo, cristianismo e Espiritismo propriamente dito! - Por toda a parte, em cada período, sua influência benfazeja brilha em todos os olhos, e há ainda seres bastante cegos para não reconhecê-la, bastante interessados em abatê-la para negar-lhe a existência! Ah! esses são de se lamentar, porque lutam contra uma força invencível: contra o dedo de Deus.

BONNAMYpai *(Méd.,* Sr. Desliens).

MEDIUNIDADE MENTAL.

Um de nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argé-lia):

"A propósito do desligamento do Espírito que se opera em todo o mundo durante o sono, meu guia espiritual mo exerce durante a vigília. Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta ao longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta, e reentra em seguida sem esforço. O que me parece mais surpreendente é que, enquanto estou como em catalepsia, tenho o sentimento desse desligamento. Também o exerço no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. Este último estudo não ocorre senão durante a noite, por duas ou três horas, e quando o corpo, repousado, desperta. Permaneço alguns instantes na espera como depois de uma evocação. Sinto então a presença do Espírito por uma impressão física e logo uma imagem que mo faz reconhecer surgido em meu pensamento. A conversação mental se estabelece, como na comunicação intuitiva, e esse gênero de conversa tem alguma coisa de adoravelmente íntimo. Freqüentemente meu irmão e minha irmã, encarnados, me visitam, acompanhados às vezes de meu pai e de minha mãe, do mundo dos Espíritos.

"Há alguns dias apenas, tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, acreditei que era um de nossos bons protetores celestes; julgai de minha alegria em reconhecendo, em meu pensamento ou antes em meu cérebro, como o próprio timbre de vossa voz. Lamennais nos deu uma comunicação a esse respeito, e deve encorajar os meus esforços. Eu não saberia vos dizer o encanto que dá esse gênero de mediunidade. Se tendes junto a vós alguns médiuns intuitivos, habituados ao recolhimento e à tensão de espírito, eles podem tentar do mesmo modo. Evoca-se, e, em lugar de escrever, conversa-se, exprimindo bem a sua idéia, sem verbiagem

"Meu guia, com freqüência, me fez a observação de que tinha um Espírito sofredor, um amigo que vem se instruir ou procurar consolações. Sim, o Espiritismo é um benefício inapreciável; ele abre um vasto campo à caridade, e aquele que é inspirado de bons sentimentos, se não pode vir em socorro de seu irmão materialmente, o pode sempre espiritualmente."

Esta mediunidade, à qual damos o nome de *mediunidade mental,* certamente não é feita para convencer os incrédulos, porque ela

nada tem de ostensiva, nem desses efeitos que ferem os sentidos; ela é toda para a satisfação íntima daquele que a possui; mas é preciso reconhecer também que ela se presta muito à ilusão, e que é o caso de se desconfiar das aparências. Quanto à existência da faculdade, dela não se poderia duvidar; pensamos mesmo que deve ser a mais freqüente; porque o nome de pessoas que sentem, no estado de vigília, a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de um pensamento que sentem não ser o seu, é considerável; a impressão agradável ou penosa que se sente às vezes à vista de alguém que se vê pela primeira vez; o pressentimento que se tem da aproximação de uma pessoa; a penetração e a transmissão do pensamento, são também efeitos que se prendem à mesma causa e constitui uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal, porque todos dela possuem pelo menos os rudimentos; mas para sentir-lhe os efeitos marcantes, é preciso uma aptidão especial, ou melhor um grau de sensibilidade que é mais ou menos desenvolvido segundo os indivíduos. A esse título, como dissemos há muito tempo, todo o mundo é médium, e Deus não deserdou ninguém da preciosa vantagem de receber salutares eflúvios do mundo espiritual, que se traduzem de mil maneiras diferentes; mas as variedades que existem no organismo humano não permitem a todo mundo obter efeitos idênticos e ostensivos.

Tendo esta questão sido discutida na Sociedade de Paris, as instruções seguintes foram dadas sobre este assunto, por diversos Espíritos.

I

Pode-se desenvolver o sentido espiritual, como se vê cada dia uma aptidão se desenvolver por um trabalho constante. Ora, sabei que a comunicação do mundo incorpóreo

com os vossos sentidos é constante; ela tem lugar a cada hora, a cada minuto, pela lei das relações espirituais. Que os encarnados ousem negar aqui uma lei da própria Natureza! Vêm de vos dizer que os Espíritos se vêem e se visitam uns aos outros durante o sono: disto tendes muitas provas; por que quereríeis que o mesmo não ocorresse durante a vigília? Os Espíritos não têm noite. Não; constantemente estão ao vosso lado; velam por vós; vossos familiares vos inspiram, vos suscitam pensamentos, vos guiam; eles vos falam, vos exortam; protegem vossos trabalhos, vos ajudam a elaborar vossos desígnios em parte formados, vossos sonhos ainda indecisos; tomam nota de vossas boas resoluções, lutam quando lutais. Estão ali, esses bons amigos, no início de vossa encarnação; riem de vós no berço, vos esclarecem nos vossos estudos; depois se misturam a todos os atos de vossa passagem neste mundo; eles oram quando vêem vos preparar para ir reencontrá-los.

Oh! não, não negueis jamais vossa assistência de cada dia! não negueis jamais vossa mediunidade espiritual; porque blasfemaríeis Deus, e vos faríeis tachar de ingratidão pelos Espíritos que vos amam.

H. DOZON. *(Méd.,* Sr. Delanne.)

II

Sim, esse gênero de comunicação espiritual é bem uma mediunidade, como, de resto, tereis outras delas a constatar no curso de vossos estudos espíritas. É uma espécie de estado catalépticoo muito agradável para aquele que dele é objeto; ele proporciona todas as alegrias da vida espiritual à alma aprisionada, que nele encontra um encanto indefinível que se gostaria de sempre sentir; mas é preciso reentrar apesar de tudo; e, semelhante ao prisioneiro ao qual se permite tomar ar em um pátio, a alma entra constrangida na célula humana.

É uma mediunidade muito agradável quanto aquela que permite ao Espírito encarnado ver seus antigos amigos, poder conversar com eles, dar-lhes parte de suas impressões terrestres, e de poder abrir seu coração no seio de amigos discretos, que não procuram achar ridículo o que lhes confiais, mas bem a vos dar bons conselhos, se vos são úteis. Esses conselhos, dados assim, têm para o médium que os recebe mais peso, naquilo em que o Espírito que lhos deu, em se mostrando a ele, deixou uma impressão profunda em seu cérebro, e, por este meio, gravou melhor em seu coração a sinceridade e o valor desses conselhos.

Esta mediunidade existe no estado inconsciente em muitas pessoas. Sabei que há sempre junto a vós um amigo sincero, sempre pronto a sustentar e a encorajar aquele cuja direção lhe é confiada pelo Todo-Poderoso. Não, meus amigos, esse apoio não vos faltará jamais; cabe a vós saber distinguir as boas inspirações entre todas aquelas que se chocam no labirinto de vossas consciências. Sabendo compreender o que vem de vosso guia, não podeis vos afastar do caminho reto que deve seguir toda alma que aspira à perfeição.

Espírito protetor (Méd., Sra. Causse).

III

Já vos foi dito que a mediunidade se revelaria sob diferentes formas. A que vosso Presidente qualificou de *mental* está bem nomeada; é o primeiro grau da mediunidade vidente e falante.

O médium falante entra em comunicação com os Espíritos que o assistem; fala com eles; seu espírito os vê, ou antes *os* adivinha; somente ele não faz senão transmitir o que se lhe diz, ao passo que um médium mental pode, se é bem formado, dirigir perguntas e receber respostas, sem intermediário de caneta nem de lápis, mais facilmente do que o médium intuitivo; porque aqui o Espírito do médium, estando mais liberto, é um intérprete

mais fiel. Mas para isto é preciso um ardente desejo de ser útil, trabalhar tendo em vista o bem com o sentimento puro de todo pensamento de amor-próprio ou de interesse. De todas as faculdades medianímicas é a mais sutil e a mais delicada: o menor sopro impuro basta para deslustrá-la. Será somente nessas condições que o médium mental obterá provas da realidade das comunicações. Dentro em pouco, vereis surgir entre vós médiuns falantes que vos surpreenderão por sua eloqüência e sua lógica.

Esperai, pioneiros que apressastes de ver vossos trabalhos crescerem; novos obreiros virão reforçar vossa fileiras, e esse ano verá terminar a primeira grande fase do Espiritismo e começar uma fase não menos importante.

E vós, caro mestre, que Deus abençoe os vossos trabalhos; que vos sustente, e nos conserve o favor especial que nos concedeu em nos permitindo vos guiar e vos sustentar em vossa tarefa, que é também a nossa.

Como Presidente espiritual da Sociedade de Paris, velo sobre ela e sobre cada um de seus membros em particular, e peço ao Senhor derramar sobre vós todas as suas graças e as suas bênçãos.

S. LUÍS (Méd., Sra. Delanne).

IV

Seguramente, meus amigos, a mediunidade, que consiste em conversar com os Espíritos, como com as pessoas vivas da vida material, se desenvolverá mais à medida que o desligamento do Espírito se efetuar com mais facilidade pelo hábito do recolhimento. Quanto mais Espíritos encarnados forem avançados moralmente, mais esta facilidade das comunicações mentais será grande; assim como o dizíeis, ela não será de uma maior importância do ponto de vista da convicção a dar aos incrédulos, mas tem, para aquele que lhe é objeto, uma grande doçura, e o ajuda a se desmaterializar cada vez mais. O recolhimento, a prece, esse impulso da alma junto de seu Autor para lhe exprimir seu amor e seu reconhecimento, reclamando também seu socorro, são os dois elementos da vida espiritual; são eles que derramam na alma esse orvalho celeste que ajuda o desenvolvimento das faculdades e que nela estão em estado latente. Quanto são, pois, infelizes aqueles que dizem que a prece é inútil porque ela não muda os decretos de Deus! Sem dúvida, as leis que regem as diversas ordens de fenômenos não serão perturbadas ao bel prazer de tal ou tal, mas a prece, não tivesse ela por efeito senão melhorar o indivíduo que, por esse ato, eleva seu pensamento acima das preocupações materiais, que não seria preciso negligenciá-la.

É pela renovação parcial dos indivíduos que a sociedade acabará por ser regenerada, e Deus sabe se ela tem necessidade disto!

Ficais revoltados quando pensais nos vícios da sociedade paga, no tempo em que o Cristo veio trazer a sua reforma humanitária; mas em vossos dias, os vícios, por estarem velados sob as formas mais marcadas de polidez e de urbanidade, eles não existem menos. Não têm templos magníficos como os da Grécia antiga, mas, ah! mas os têm no coração da maioria entre os homens, e causam entre eles o mesmo estrago que ocasionavam entre aqueles que antecederam a era cristã. Não é, pois, sem uma grande utilidade que os Espíritos vieram lembrar os ensinos dados há dezoito séculos, uma vez que, os tendo olvidado ou mal compreendido, não podíeis deles aproveitar e divulgá-los segundo a vontade do divino crucificado.

Agradecei, pois, ao Senhor, todos vós que fostes chamados a cooperar na obra dos Espíritos, e que o vosso desinteresse e a vossa caridade não enfraqueçam jamais, porque será nisto que se reconhecerão entre vós os verdadeiros Espíritas.

LOUIS DE FRANCE (Méd., Sra. Breul).

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ESPÍRITA,

História fantástica, por THÉOPHILE GAUTIER.

Na Revista de dezembro último, dissemos algumas palavras sobre esse romance que apareceu em folhetim no *Moniteuruniversel* e que está hoje publicado em um volume. Lamentamos que o espaço não nos permita dele dar uma análise detalhada, e sobretudo citar-lhe algumas passagens cujas idéias são, incontestavelmente, hauridas na própria fonte do Espiritismo, mas a maioria de nossos leitores já o tendo lido, sem dúvida, um relatório desenvolvido seria supérfluo. Diremos somente que a parte feita ao fantástico é certamente um pouco longa, e que seria preciso se guardar de tomar todos os fatos à letra; é preciso considerar que não se trata de um tratado de Espiritismo. A verdade está no fundo das idéias e dos pensamentos, que são essencialmente espíritas e dados com uma delicadeza e uma graça encantadoras, bem mais que nos fatos, cuja possibilidade é por vezes contestável. Embora romance, essa obra não deixa de ser da maior importância pelo nome do autor primeiro, e porque é a primeira obra capital saída dos escritores da imprensa, onde a idéia espírita seja decididamente afirmada, e que apareceu num momento onde parecia ser um desmentido lançado no meio da onda de ataques dirigidos contra esta idéia. A própria forma do romance tinha a sua utilidade; ela certamente é preferível, como transição, à forma doutrinai às maneiras severas; graças a uma leviandade aparente, penetrou por toda a parte, e a idéia com ela.

Embora Théophile Gautier seja um dos autores favoritos da imprensa, aqui foi, contra seu costume, de uma sobriedade parcimoniosa com respeito a essa última obra. Ele não sabia se ela deveria louvá-lo ou censurá-lo. Censurar Théophile Gautier, um amigo, um confrade, um escritor amado pelo público; dizer que ele havia feito uma obra absurda, era coisa difícil; louvar a obra, era louvar e enaltecer a idéia; guardar o silêncio a respeito de um nome popular, teria sido uma afronta. A forma romanesca tirou o embaraço; ela permitiu dizer que o autor tinha feito uma bela obra de imaginação e não de convicção; falou-se, pois, mas pouco falou-se; é assim que com a própria incredulidade há os acomodamentos. Tem-se a anotar uma coisa bastante singular: no dia em que a obra apareceu em volume, estava em todas as livrarias detalhada com um pequeno cartaz colocado no exterior; alguns dias depois, todos os cartazes haviam desaparecido.

Nos raros e magros comentários dos jornais, encontram-se declarações significativas escapadas por inadvertências, sem dúvida, da caneta do escritor. No *Courrier du Monde illustré,* de 16 de dezembro de 1865, lê-se o que se segue:

"É preciso crer que, sem disto duvidar, sem professar a doutrina, sem mesmo ter muito sondado essas insondáveis questões de Espiritismo e de sonambulismo, o poeta Théophile Gauthier, pela única intuição do seu gênio poético, colocou na milha do infinito, comida a rã do inexplicável e encontrado o Sésamo das evocações misteriosas, porque o romance que publicou em folhetins no *Moniteur,* sob o título de ***Spirite,*** agitou violentamente todos aqueles que se ocupam dessas perigosas questões. A emoção foi imensa, e é preciso, para medir-lhe toda a importância, ser obrigado a percorrer, como o fizemos, os jornais da Europa inteira.

'Toda a Alemanha espírita se levantou como um só homem, e como todos aqueles que vivem na contemplação de uma idéia não têm olhos e ouvidos senão para ela, um dos órgãos mais sérios da Áustria pretende que o imperador encomendou a Théophile Gautier esse prodigioso romance, a fim de desviar a atenção da França das questões políticas. Primeira assertiva, da qual não exagero absolutamente a importância. A segunda afirmação me tocou por causa do seu lado fantástico.

"Segundo a folha alemã, o poeta da *Comédie de Ia Mort,* muito agitado em conseqüência de uma visão, teria caído gravemente enfermo, teria sido transportado a Genebra, e lá, sob o domínio da febre, teria sido f orçado a ficar no leito durante várias semanas, preso a pesadelos estranhos, a alucinações luminosas, joguete constante dos Espíritos errantes. Pela manhã, ter-se-ia reencontrado, ao pé de seu leito, os folhetins esparços de seu manuscrito de *Sprite.*

"Sem mencionar a inspiração que guiou a caneta do autor de *Avatar* uma fonte tão fantástica, cremos firmemente que uma vez entrado em seu assunto, o escritor do *Roman de Ia Momie* embriagou-se dessas visões, e que no paroxismo ele teria traçado essa descrição admirável do céu, que é uma de suas mais belas páginas.

"A correspondência que fez nascer a publicação de *Spirite* é extremanente curiosa. Lamentamos que um sentimento de conveniência não nos haja permitido pedir cópia de uma das cartas recebidas pelo poeta dos *Émaux et camées."*

Não fazemos aqui a crítica literária, sem isto poderíamos encontrar de bom gosto duvidar da espécie de catálogo que o autor aproveitou a ocasião para colocar em seu artigo, o qual, de resto, nos parece também pecar um pouco pela falta de claridade. Confessamos não termos compreendido a frase da rã; ela é, no entanto, citada textualmente. Isto se prende talvez à dificuldade de explicar onde o célebre romancista hauriu semelhantes idéias, e como ousou apresentá-las sem rir. Mas o que é mais importante é a confissão da sensação produzida por essa obra na Europa inteira. É preciso, pois, que a idéia espírita esteja bem viva e bem divulgada; não é, pois, um aborto natimorto. Quantas pessoas são classificadas, num risco de caneta, por nossos adversários, na categoria de cretinos e de idiotas! Felizmente seu julgamento não é definitivo; os Srs.Jaubert, Bonnamy e muitos outros apelam.

O autor qualifica essas questões de perigosas. Mas, segundo ele e seus confrades em ceticismo, são ridículas coisas vãs; ora, o que é que uma coisa vã pode ter de perigosa para a sociedade? De duas uma; há ou não há no fundo de tudo isso alguma coisa de séria. Se não há, onde está o perigo? Se se tivesse escutado na origem todos aqueles que declararam perigosas a maioria das grandes verdades que brilham hoje, onde estaríamos nós no progresso? A verdade não tem de perigosa senão para os poltrões que não ousam olhá-la de frente, e os *interesses.*

Um fato não menos grave, que vários jornais se apressaram em reproduzir, como se estivesse provado, é que o imperador teria encomendado esse *prodigioso* romance para desviar a atenção da França das questões políticas. Evidentemente, aí não está senão uma suposição, porque, em admitindo a realidade dessa origem, não é presumível que se a tenha divulgado. Mas essa própria suposição é uma confissão da força da idéia espírita, uma vez que se reconhece que um soberano, o maior político de nossos dias, pôde julgá-la própria a produzir um semelhante resultado. Se tal tivesse sido o pensamento que presidiu à execução dessa obra, nos parece que a coisa era supérflua, porque apareceu no próprio momento em que os jornais se encarregavam, à porfia uns dos outros, de chamar a atenção para o barulho que faziam a propósito dos irmãos Davenport.

O que há de mais claro em tudo isso é que os detratores do Espiritismo não podem se explicar a si mesmos a prodigiosa rapidez\ do progresso da idéia, apesar de tudo que fazem para detê-la; não podendo negar o fato que se torna cada dia cada vez mais evidente, se esforçam em procurar-lhe a causa por toda a parte onde ela não está, na esperança de atenuar-lhe a importância.

Num artigo intitulado: *Livres d'au]ourd'hui et de demain,* assinado por ÉMILE ZOLA, o *Evénement* de 16 de fevereiro dá um resumo muito exíguo do assunto da obra em questão, acompanhado das reflexões seguintes:

"O *Moniteurdeu* recentemente uma novela fantástica de Théophile Gautier: *Spirite,* que a livraria Charpentier acaba de publicar em um volume.

"A obra é para a maior glória dos Davenport; ela nos passeia no país dos Espíritos, nos mostra o invisível, nos revela o desconhecido. O jornal oficial deu ali os boletins do outro mundo.

"Mas desconfio da fé de Théophile Gautier. Há uma bonomia irônica que sente a incredulidade de uma légua. Eu o suponho ter entrado no invisível unicamente pelo prazer de descrever à sua maneira os horizontes imaginários.

"No fundo, ele não crê uma palavra das histórias que conta, mas se compraz em contá-las, e os leitores se comprazerão em lê-las. Tudo é, pois, para o melhor na melhor das incredulidades possíveis.

"O que quer que escreva, Théophile Gautier é sempre escritor pitoresco *e* poeta original. *Se ele acreditasse no que diz, seria perfeito, - e isto talvez seria prejudicial.*

Singular confissão, singular lógica, e mais singular conclusão! Se Théophile Gautier acreditasse no que diz no *Spirite, ele seria perfeito!* As doutrinas espíritas conduzem, pois, à perfeição aqueles que as assimilam; de onde a conseqüência de que se todos os homens fossem Espíritas, seriam todos perfeitos. Um outro teria concluído: "Apressemonos em difundir o Espiritismo;"... mas, não; *isso seria prejudicial!*

Quantas pessoas repelem as crenças espíritas, não pelo medo de se tornarem perfeitas, mas simplesmente pelo de estarem obrigadas a se emendar! Os Espíritos lhes causam medo, porque falam do outro mundo, e esse mundo tem para eles terrores; é porque eles tapam os olhos e os ouvidos.

A MULHER DO ESPÍRITA,
Por Ange de KÉRANIOU.

O *Evénementde* 19 de fevereiro contém, sobre esta obra, o artigo seguinte, assinado por ZOLA, como o precedente.

"Decididamente, os romancistas têm pouca imaginação nestes tempos de produção incessante, vão se digirir ao Espiritismo para encontrar os assuntos novos e estranhos. No meu último artigo, falava de *Spirite,* de Théophile Gautier; anunciei a colocação em venda na casa Lemer de *la Femme du Spirite,* por Ange de Kéraniou.

'Talvez o Espiritismo vá fornecer ao gênio francês o maravilhoso necessário à toda epopéia bem condicionada.

"Os Davenport nos terão assim trazido um dos elementos do poema épico que a literatura francesa espera ainda.

"O livro do Sr. de Kéraniou é um pouco difuso; não se sabe se zomba ou se fala seriamente; mas é cheio de detalhes curiosos que dele fazem uma obra interessante a folhear.

"O conde Humbert de Luzy, um Espírito emérito, uma espécie de Anticristo que faz as mesas valsarem, esposou uma jovem a quem inspirou, muito naturalmente, um medo terrível.

A jovem, era a temer, quer arranjar um amante. É aqui que a história se torna verdadeiramente original. Os Espíritos se fazem os guardiões da honra do marido, e, por duas vezes, em circunstâncias desesperadas, salvam essa honra com a ajuda de aparições e de tremores de terra.

"Se eu fosse casado, me faria Espírita."

A idéia espírita faz, decididamente, a sua entrada na imprensa pelo romance. Entra ali adornada: a verdade toda nua chocaria a visão desses senhores. Não conhecemos essa nova obra senão pelo artigo acima, dela não podemos, pois, nada dizer. Constataremos somente que o autor desse comentário anuncia, sem ver-lhe talvez toda a importância, uma grande e fecunda verdade, é que a literatura e as artes encontram no Espiritismo uma rica mina a explorar. Nós o dissemos há muito tempo: haverá um dia a *arte espírita,* como houve a arte paga e a arte cristã. Sim, o poeta, o literato, o pintor, o escul-

tor, o músico, o próprio arquiteto haurirão a mancheias nessa fonte nova dos assuntos de inspirações sublimes quando tiverem *explorado* em outras partes que no fundo de um armário. Théophile Gautier é o primeiro a entrar nessa liça por uma obra capital cheia de poesia; haverá imitadores, isto não é duvidoso.

'Talvez o Espiritismo venha a fornecer os elementos do poema épico que a literatura francesa ainda espera;" este não seria já um resultado tão forte para desdenhar. (Ver a *Revista Espírita,* de dezembro de 1860, página 366, a Arte espírita, a Arte paga e a Arte cristã.)

AS FORÇAS NATURAIS DESCONHECIDAS (1).

(1) Broch. in-18. Preço: 1 fr. - Livraria Didier.

Por HERMES.

Isto não é mais do romance; é uma refutação, no ponto de vista da ciência, das críticas dirigidas contra os fenômenos espíritas, a propósito dos irmãos Davenport, e da assimilação que se pretende estabelecer entre esse fenômenos e os torneios de prestidigitação. O autor faz a parte do charlatanismo, que se insinua em tudo, e das condições desfavoráveis nas quais se apresentaram os Davenport, condições que não procura se justificar; ele examina os próprios fenômenos, abstração feita das pessoas, e fala com a autoridade do sábio. Levanta vigorosamente a luva lançada por uma parte da imprensa nessa circunstância, e estigmatiza suas excentricidades de linguagem, que traduz na barra do bom senso, mostrando até que ponto ela se afasta de uma discussão leal. Podemos não partilhar os sentimentos do autor sobre todos os pontos, mas nem por isto dizemos menos que seu livro é uma refutação difícil de se refutar; também a imprensa hostil, no geral, a passou sob silêncio. No entanto, o *Evénement* de 1 o. de fevereiro dele deu conta nestes termos:

'Tenho nas mãos um livro que deveria aparecer no outono último. Ele é a questão dos Davenport. Este livro, que está assinado com o pseudônimo "Hermes," tem por título: Das *forças naturais desconhecidas,* e pretende que deveríamos aceitar o armário e os dois irmãos, porque nossos sentidos são débeis e não podemos explicar tudo na Natureza. É inútil dizer que esse livro foi editado pela livraria Didier.

Não falarei das folhas que se enganam na época, se elas não contêm um violento requisitório contra toda a imprensa parisiense. O Sr. Hermes diz sem cerimônia seu fato aos redatores do *Opinion,* do *Temps,* da *France,* do *Figaro,* do *Petit Journal,* etc. Eles são insolen-tes e cruéis, sua máfé não foi igual senão com a sua insensatez. Não compreendem, portanto, não deveriam falar. Ignorância, falsidade, grosseria, esses jornalistas cometeram todos os crimes.

"O Sr. Hermes é bem duro. Louis Ulbach foi chamado "o homem dos óculos," sangrenta injúria se o fosse. Edmond About, que tinha pedido qual diferença havia entre os médiuns e o doutor Lapommerais, recebeu largamente a moeda de sua peça. O Sr. Hermes declara "que não se espanta de certos amadores de trocadilhos tenham arrastado à flor do solo o nome de seu gracioso contraditor." Sentis toda a delicadeza desse jogo de palavras mais ou menos?

"O Sr. Hermes acaba por confessar que vive num jardim retirado e que não se importa senão com a verdade. Seria preferível que ele vivesse na rua e que tivesse toda a calma e toda *a* caridade cristã da solidão."

Não é curioso ver esses senhores darem lições *teóricas* de calma e de caridade cristã àqueles que injuriam gratuitamente, e acharem mau que se lhes responda? E, no entanto, não se censurará o Sr. Hermes de faltar com moderação, uma vez que, por excesso de consideração, não cita nenhum nome próprio. É verdade que as citações, assim agrupadas, formam um buquê muito pouco gracioso. A quem a falta se esse buquê não

exala um perfume de urbanidade e de bom gosto? Por ter direito de se lamentar de algumas apreciações um pouco severas, teria sido preciso não provocá-las.

ALLAN KARDEC.

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO NO. 4 ABRIL 1866

DA REVELAÇÃO.

A revelação, no sentido litúrgico, implica numa idéia de misticismo e de maravilhoso. O materialismo a repele naturalmente, porque ela supõe a intervenção de forças e de inteligências extra-humanas. Fora da negação absoluta, muitas pessoas se colocam hoje estas perguntas: Houve ou não uma revelação? A revelação é necessária? Trazendo aos homens a verdade inteiramente feita, não teria por efeito impedi-los de fazer uso de suas faculdades, uma vez que lhes poupa o trabalho da pesquisa? Estas objeções nascem da falsa idéia que se faz da revelação. Tomemo-la primeiro em sua acepção mais simples, para segui-la até seu ponto mais elevado.

Revelar é fazer conhecer uma coisa que não é conhecida; é ensinar a alguém o que ele não sabe. Deste ponto de vista, há para nós uma revelação, por assim dizer, incessante. Qual é o papel do professor diante de seus alunos, se não é o de um revelador? Ensina-lhes o que não sabem, o que não teriam nem o tempo, nem a possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é a obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que lhe trouxeram, cada um, seu contingente de observações, e do qual se aproveitam aqueles que vêm depois deles. O ensino, pois, em realidade, é a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem, a outros que as ignoram, e que, sem isto, as teriam sempre ignorado. Encontrar-se-ia mais lógica em deixá-los procurar por si mesmos essas verdades? Esperar para ensiná-los a se servir do vapor quando tivessem inventado a mecânica? Não se poderia dizer que em revelando o que outros encontraram foram impedidos de exercer suas faculdades? Ao contrário, não é em se apoiando sobre os conhecimentos das descobertas anteriores que chegam às descobertas novas? Fazer conhecer ao maior número possível a maior soma possível de verdades conhecidas é, pois, provocar a atividade da inteligência em lugar de abafá-la, e levar ao progresso; sem isto, o homem ficaria estacionário.

Mas o professor *não* ensina senão o que ele aprendeu; é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que encontrou por si mesmo: é o revelador primitivo; foi ele que trouxe a luz que, cada vez mais, se vulgarizou. Onde nisto estaria a Humanidade, sem *a* revelação dos homens de gênio que aparecem de tempo em tempo?

Mas o que são os homens de gênio? Por que são homens de gênio? De onde vêm? Em que se tornam? Notemos que a maioria, em nascendo, traz faculdades transcendentais e conhecimento inatos, que um pouco de trabalho basta para desenvolver. Eles pertencem bem realmente à Humanidade, uma vez que nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, haurem esses conhecimentos que não puderam adquirir quando vivos? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume mais pesado e mais saboroso do que um outro.

Dir-se-á, com certos espiritualistas, que Deus os dotou de uma alma mais favorecida do que a do comum dos homens? Suposição também inteiramente ilógica, uma vez que acusaria Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que viveu por muito mais tempo, que tem, conseqüentemente, mais adquirido e mais progredido do que aqueles menos avançados. Em se encarnando, traz o que sabe, e como ele sabe muito mais que os outros, sem ter necessidade de aprender, é o que se chama homem de gênio. Mas o que ele sabe não é menos o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de nascer, era, pois, Espírito avançado; ele se reencarna seja para fazer os outros aproveitarem do que sabe, seja para adquirir mais.

Os homens, incontestavelmente, progridem por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas entregues às suas próprias forças, esse progresso *é* muito lento, se não são ajudados por homens mais avançados, como o escolar o é por seus professores. Todos os povos tiveram seus homens de gênio que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e tirá-los de sua inércia.

Desde que se admite a solicitude de Deus para com suas criaturas, por que não admitir-se que os Espíritos capazes, por sua energia e a superioridade de seus conhecimentos, de fazer a Humanidade avançar, se encarnam pela vontade de Deus tendo em vista ajudar o progresso num sentido determinado; que recebem uma missão, como um embaixador a recebe de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram, e que teriam ignorado ainda durante longos períodos, a fim de lhes dar um degrau com a ajuda do qual poderão se elevar mais rapidamente? Esses gênios que aparecem através dos séculos, como estrelas brilhantes, deixam depois deles um longo rastro luminoso sobre a Humanidade, são missionários, ou, querendo-se, messias. Se não ensinassem aos homens nada além do que sabem estes últimos, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que ensinam, seja na ordem física, seja na ordem moral, são *revelações.*

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, com mais forte razão, os suscita para as verdades morais, que são um dos elementos essências do progresso. Tais são os filósofos, cujas idéias atravessaram os séculos.

No sentido especial da fé religiosa, os reveladores são mais geralmente designados sob os nomes de *profeta sou messias.* Todas as religiões tiveram seus reveladores, e embora todos estivessem longe de ter conhecido toda a verdade, tinham a sua razão de ser providencial, porque estavam apropriados ao tempo e ao meio onde viviam, ao gênio particular dos povos com os quais falava, e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, eles não comoveram menos os espíritos, e por isto mesmo semeado os germes de progresso que, mais tarde, deveriam desabrochar, ou desabrocharão um dia, ao sol do Cristianismo. É, pois, errado que se lhes lance o anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas pela forma, mas que repousam em realidade sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões foram em todos os tempos instrumentos de dominação; o papel do profeta tentou as ambições secundárias, e viu-se surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, ao favor do prestígio desse nome, exploraram a credulidade em proveito de seu orgulho, de sua cupidez ou de sua preguiça, achando mais cômodo viver às expensas de seus ingênuos. A religião cristã não está ao abrigo desses parasitas. A esse respeito, chamamos uma atenção séria sobre o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo: "Haverá falsos Cristos e falsos profetas.* A linguagem simbólica de Jesus tem favorecido singularmente as interpretações mais contraditórias; cada um, esforçando-se em torturar-lhe o sentido, acreditou nela encontrar a sanção de seus objetivos pessoais, freqüentemente mesmo a justificativa das doutrinas

mais contrárias ao espírito de caridade e de justiça, dos quais é a base. Aí está o abuso que desaparecerá pela própria força das coisas, sob o império da razão. Não é esse ponto do qual vamos nos ocupar aqui. Somente constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apoia o Cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque elas tiveram uma influência decisiva sobre a Humanidade. O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana, do mosaísmo e do Cristianismo. Para dar crédito à religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma pretensa revelação divina.

Há revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver nem afirmativamente nem negativamente de maneira absoluta. A coisa não é radicalmente impossível, mas nada dela nos dá uma prova certa. O que não poderia ser duvidoso é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição, se penetram de seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica à qual pertencem e o grau de seu saber pessoal, podem haurir suas instruções em seus próprios conhecimentos, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, ver mesmo os mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, puderam, às vezes ser tomados pelo próprio Deus. Essas espécies de comunicações nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visão dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho, seja no estado de vigília, assim como se vêem disto muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; donde não se segue que todos os médiuns sejam reveladores, *e* ainda menos os intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

Somente os puros Espíritos recebem a palavra de Deus com missão de transmiti-la; mas sabe-se agora que os Espíritos estão longe de serem todos perfeitos, e que os há que se dão falsas aparências; foi o que fez São João dizer: "Não creiais em todo Espírito, mas vede antes se os Espíritos são de Deus." (Ep. 1 -*,* cap. IV, *v.* 4.)

Pode, pois, haver reveladores sérios e verdadeiros, como os há apócrifos e mentirosos. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade.* Toda revelação maculada de erros ou sujeita a mudanças não pode emanar de Deus, porque Deus não pode nem se enganar conscientemente nem enganar a si mesmo. Assim é que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, freqüentemente em contradição com a lei do Sinai, são a obra pessoal e política do legislador hebreu. Os costumes do povo se abrandando, essas leis por si mesmas caem em desuso, ao passo que o Decálogo está de pé como o farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, ao passo que aboliu as outras leis; se elas tivessem sido a obra de Deus, ter-se-ia guardado de tocá-las. O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, e aí está a prova de sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria um tal poder.

Uma nova e importante revelação se cumpre na época atual; é a que nos mostra a possibilidade de comunicar com os seres do mundo espiritual. Este conhecimento não é novo, sem dúvida, mas ficou até nossos dias, de alguma sorte, em estado de letra morta, quer dizer, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações a tinha abafado sob a superstição; o homem era incapaz de dela tirar alguma dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-la de seus acessórios ridículos, de compreender-lhe a importância, e dela fazer sair a luz que deverá clarear o caminho do futuro.

Os Espíritos não sendo outros senão as almas dos homens, em se comunicando com eles *não saímos da Humanidade,* circunstância capital a se considerar. Os homens

de gênio que foram a luz da Humanidade saíram, pois, do mundo dos Espíritos como nele reentraram deixando a Terra. Desde que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea; eles podem nos instruir depois de sua morte, como o fizeram quando vivos; são invisíveis em lugar de serem visíveis, eis toda a diferença. Sua experiência e seu saber não devem ser menores, e se sua palavra como homens tinha autoridade, ela não deve ter menos porque estão no mundo dos Espíritos.

Mas não são apenas os Espíritos superiores que se manifestam, são também os Espíritos de todas as ordens, e isto era necessário para nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo dos Espíritos, em no-lo mostrando sob todas suas faces; por isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas, a conexão é mais evidente; vemos claramente de onde viemos e onde vamos; tal é o objetivo essencial dessas manifestações. Todos os Espíritos, a qualquer grau que tenham chegado, nos ensinam, pois, alguma coisa; mas como são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que seu ensinamento comporta; ora, todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou nos revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem contradita, mas cuja ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Que um único entre eles, fosse mesmo Elias ou Moisés, tivesse vindo nestes últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem teria provado a verdade de suas afirmativas, nesse tempo de ceticismo? Não se o teria olhado como um sonhador ou um utópico? Admitindo que estivesse na verdade absoluta, séculos teriam se escoado antes que suas idéias fossem aceitas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, não quis que fosse assim; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos, e* não por encarnados, a fim de convencer de sua existência, e que teve lugar simultaneamente por toda a Terra, seja para propagá-lo mais rapidamente, seja para que se encontrasse na coincidência do ensino uma prova da verdade, cada um tendo assim os meios de se convencer por si mesmo. Tais são o objetivo e o caráter da revelação moderna.

Os Espíritos não vêm livrar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não trazem nenhuma ciência inteiramente feita; sobre o que podem encontrar por si mesmos, o deixam à suas próprias forças; é o que os Espíritas sabem perfeitamente hoje. Depois de muito tempo a experiência demonstrou o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e que bastava se dirigir a qualquer um para conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, *os* Espíritos dela são uma das faces; como sobre a Terra, há os superiores e os vulgares; muitos deles sabem, pois, cientificamente e filosoficamente menos do que certos homens; dizem o que sabem, nem mais nem menos; como entre os homens, os mais avançados podem nos informar sobre mais coisas, nos dar conselhos mais judiciosos do que os atrasados. Pedir conselho aos Espíritos não é, pois, dirigir-se às forças sobrenaturais, mas aos seus *semelhantes,* aqueles mesmos a quem se teria dirigido quando vivo, aos seus parentes, aos seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós. Eis do que importa se persuadir e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, se fazem uma idéia completamente falsa sobre a natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

Qual é, pois, a utilidade dessas manifestações, e o que se quer desta revelação, se os Espíritos disso não sabem mais do que nós, ou se não nos dizem tudo o que sabem? Primeiro, como o dissemos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas que não lhes é permitido revelar, porque nosso grau de adiantamento não o comporta. Mas, isto à parte, as condições de sua nova existência estendem o círculo de suas percepções; vêem o que não viam sobre a Terra; livres dos entraves da matéria, liberados dos cuidados da vida corpórea, julgam as coisas

de um ponto mais elevado, e por isto mesmo mais sadiamente; sua perspicácia abarca um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos preconceitos humanos. Nisto *é* que consiste a sua superioridade sobre a Humanidade corpórea, e que seus conselhos podem ser, de acordo com o seu grau de adiantamento, mais judiciosos e mais desinteressados do que o dos encarnados. O meio no qual se encontram lhes permite, além disso, nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender naquele em que estamos. Até este dia o homem não tinha criado senão hipóteses sobre o seu futuro; eis porque suas crenças sobre este ponto foram divididas em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o nihilismo até as fantásticas descrições do inferno e do paraíso. Hoje são as testemunhas oculares, os próprios autores da vida de além-túmulo, que vêm nos dizer o que ela é, e os únicos que podem fazê-lo. Essas manifestações, pois, serviram para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos cerca, e que nós não supúnhamos; e só este conhecimento seria de uma importância capital, supondo-se que os Espíritos fossem incapazes de nada nos ensinar a mais.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda a situação.

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo; leva homens de todas as condições, parentes e amigos daqueles que ficam. Informa-se que esse navio naufragou; nem um traço resta dele, nenhuma novidade chega sobre sua sorte; pensa-se que todos os viajantes pereceram, e o luto está em todas as famílias. No entanto, toda tripulação, sem dela excetuar um único homem, abordou uma terra desconhecida, terra abundante e fértil, onde todos vivem felizes, sob um céu clemente; mas o ignoram. Ora, eis um dia em que um outro navio aborda essa terra; ali encontra todos os náufragos sãos e salvos. A notícia feliz se espalha com a rapidez do relâmpago; cada um se diz: "Nossos amigos não estão, pois, perdidos!" E disto rendem graças a Deus. Não podem SR ver, mas se correspondem; trocam testemunhos de afeição, e eis que a alegria sucede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrestre e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna; esta, semelhante ao segundo navio, nos leva a boa nova da sobrevivência daqueles que nos são caros, e a certeza de se juntar a eles um dia; a dúvida sobre sua sorte e sobre a nossa não existe mais; o desencorajamento se apaga diante da esperança.

Mas outros resultados vêm fecundar esta revelação. Deus, julgando a Humanidade madura para penetrar o mistério de seu destino e contemplar com sangue frio novas maravilhas, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse levantado. O fato das manifestações nada têm de extra-humano; é a Humanidade espiritual que vem conversar com a Humanidade corpórea e dizer-lhe:

"Nós existimos, portanto, o nada não existe; eis o que somos, e eis o que sereis; o futuro está para vós como está para nós. Caminháveis nas trevas, viemos clarear vosso caminho e abrir a senda; íeis ao acaso, nós vos mostramos o objetivo. A vida terrestre era tudo para vós, porque não víeis nada além; viemos vos dizer, em vos mostrando a vida espiritual: A vida terrestre nada é. Vossa visão se detém no túmulo, nós vos mostramos além um horizonte esplêndido. Não sabíeis porque sofreis sobre a Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus; o bem era sem frutos aparentes para o futuro, terá doravante um objetivo e será uma necessidade; a fraternidade não era senão uma bela teoria, agora se assenta sobre uma lei da Natureza. Sob o império da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é vazia, o egoísmo reina soberano entre vós, e vossa palavra de ordem é esta: "Cada um por si"; com *a* certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam ao infinito, o vazio e a solidão não estão em nenhuma parte, a solidariedade liga todos os seres para além e para aquém do túmulo; é o reino da caridade, com esta divisa: "Cada um por todos *e* todos por cada um." Enfim, no fim da vida dizíeis um eterno adeus àqueles que vos são caros, agora lhes dizeis: "Até breve!"

Tais são, em resumo, os resultados da revelação nova; ela veio encher o vazio cavado pela incredulidade, levantar as coragens abatidas pela dúvida ou pela perspectiva do nada, e dar a toda coisa sua razão de ser. Este resultado, pois, é sem importância, porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, dar o saber aos ignorantes, e aos preguiçosos o meio de se enriquecerem sem trabalho? No entanto, os frutos que o homem deve dela retirar não são apenas para a vida futura; ele os colherá sobre a Terra pela transformação que essas novas crenças devem necessariamente operar sobre seu caráter, seus gostos, suas tendências, e, conseqüentemente, sobre os hábitos e as relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, preparam o do bem, que *é o* reino de Deus.

A revelação tem, pois, por objeto colocar o homem na posse de certas verdades que não poderia adquirir por si mesmo, e isto tendo em vista ativar o progresso. Essas verdades se limitam, em geral, a princípios fundamentais destinados a colocá-lo no caminho das pesquisas e não a conduzi-lo pela andadeira; são as balizas que lhe mostram o objetivo: cabe a ele a tarefa de estudá-las e de deduzir-lhes as aplicações; longe de livrá-lo do trabalho, são novos elementos fornecidos à sua atividade.

O ESPIRITISMO SEM OS ESPÍRITOS.

Vimos recentemente uma seita tentar se formar, ostentando por bandeira: *A negação da prece.* Acolhida, em seu início, por um sentimento geral de reprovação, nem mesmo viveu. Os homens e os Espíritos se uniram para repelir uma doutrina que era, ao mesmo tempo, uma ingratidão e uma revolta contra a Providência. Isto não era difícil, porque, ferindo o sentido íntimo da imensa maioria, trazia em si o seu próprio princípio destruidor. (*Revista* de janeiro de 1866). Eis agora uma outra que tenta sobre um novo terreno; ela tem por divisa: *Não mais comunicações dos Espíritos.* É bastante singular que esta opinião seja hoje preconizada por alguns daqueles que outrora exaltaram a importância e a sublimidade dos ensinos espíritas, e se glorificavam daquilo que eles mesmos recebiam como médiuns. Tem ela mais chance de sucesso que a precedente? É o que iremos examinar em algumas palavras.

Esta doutrina, podendo se dar esse nome a uma opinião restrita a algumas individualidades, se funda sobre os dados seguintes:

"Os Espíritos que se comunicam não são senão Espíritos comuns que não aprenderam, até hoje, nenhuma verdade nova, e que provam a sua incapacidade não saindo das banalidades da moral. O critério que se pretende estabelecer sobre a concordância de seus ensinos é ilusório, em conseqüência de sua insuficiência. Cabe ao homem sondar os grandes mistérios da Natureza, e submeter o que dizem ao controle de sua própria razão. Suas comunicações não podendo nada nos ensinar, as proscrevemos de nossas reuniões. Discutiremos entre nós; procuraremos e nos decidiremos, em nossa sabedoria, são princípios que devem ser aceitos ou rejeitados, sem recorrer ao consentimento dos Espíritos."

Anotemos que não se trata de negar o fato das manifestações, mas de estabelecer a superioridade do julgamento do homem, ou de alguns homens, sobre o dos Espíritos; em uma palavra, de livrar o Espiritismo do ensino dos Espíritos: as instruções destes últimos estando abaixo daquilo que pode a inteligência dos homens.

Esta doutrina conduz a uma singular conseqüência, que não daria uma alta idéia da superioridade da lógica do homem sobre a dos Espíritos. Sabemos, graças a estes últimos, que aqueles de ordem mais elevada pertenceram à Humanidade corpórea que desde muito tempo a ultrapassaram, como o general ultrapassou a classe do soldado da qual tinha saído. Sem os Espíritos, estaríamos ainda na crença de que os anjos são criaturas privilegiadas, e os demônios criaturas predestinadas ao mal pela eternidade.

"Não, dir-se-á, porque houve homens que combateram essa idéia." Seja; mas quem eram esses homens, senão os Espíritos encarnados? Qual influência a sua opinião isolada teve sobre a crença das massas? Perguntai a qualquer um se ele conhece somente de nome *a* maioria desses grandes filósofos? Ao passo que os Espíritos, vindo sobre toda a superfície da Terra se manifestar, ao mais humilde como ao mais poderoso, a verdade se propagou com a rapidez do relâmpago.

Os Espíritos podem se dividir em duas grandes categorias: os que, chegados ao mais alto ponto da escala, deixaram definitivamente os mundos materiais, e aqueles que, pela lei da reencarnação, pertencem ainda ao turbilhão da Humanidade terrena. Admitamos que só estes últimos têm o direito de se comunicar com os homens, o que é uma questão: entre eles há os que, quando vivos, foram homens esclarecidos, cuja opinião teve autoridade, e que se estaria feliz em consultar se vivessem ainda. Ora, da doutrina acima resultaria que esses mesmos homens superiores tornaram-se nulidades ou mediocridades passando no mundo dos Espíritos, incapazes de nos dar uma instrução de algum valor, ao passo que se inclinaria respeitosamente diante deles se se apresentassem em carne e osso nas próprias assembléias onde se lhes recusa escutar como Espíritos. Disto resulta ainda que Pascal, por exemplo, não é mais uma luz desde que é Espírito; mas que, se ele reencarnasse em Pedro ou Paulo, necessariamente com o mesmo gênio, uma vez que nada teria perdido, seria um oráculo. Esta conseqüência é de tal modo rigorosa, que os partidários desse sistema admitem a reencarnação como uma das maiores verdades. Seria preciso disso induzir, enfim, que aqueles que colocam, de muito boa-fé nós o supomos, sua própria inteligência tão acima da dos Espíritos, serão eles mesmos as nulidades ou as mediocridades, cuja opinião será sem valor; de tal sorte que seria preciso crer naquilo que dizem, hoje que vivem, e que não seria preciso mais crer amanhã, quando estarão mortos, então mesmo que viessem dizer a mesma coisa, e ainda menos se viessem dizer que se enganaram.

Sei que se objeta a grande dificuldade da constatação da identidade. Esta questão foi amplamente tratada para que seja supérfluo nela retornar. Seguramente, não podemos saber, por uma prova material, se o Espírito que se apresente sob o nome de Pascal é realmente o do grande Pascal. Que nos importa, se diz boas coisas! Cabe a nós pesar o valor de suas instruções, não à forma da linguagem, que se sabe, freqüentemente, levar a marca de inferioridade do instrumento, mas à grandeza e à sabedoria dos pensamentos. Um grande Espírito que se comunique por um médium pouco letrado é como um hábil calígrafo que se serve de má caneta; o conjunto da escrita levará a marca de seu talento, mas os detalhes de execução, que não dependem dele, serão imperfeitos.

Jamais o Espiritismo disse que seria preciso fazer abnegação de seu julgamento, e submeter-se cegamente ao que dizem os Espíritos; são os próprios Espíritos que nos dizem para passar todas as suas palavras pelo cadinho da lógica, ao passo que certos encarnados dizem: "Não creiais senão naquilo que dizemos, e não creiais no que dizem os Espíritos." Ora, como a razão individual está sujeita a erro, e que o homem, muito geralmente, é levado a tomar sua própria razão e suas idéias pela única expressão da verdade, aquele que não tem a orgulhosa pretensão de se crer infalível a refere à apreciação da maioria. Por isto abdicou de sua opinião? De nenhum modo; é perfeitamente livre de crer que só ele tem a razão contra todos, mas não impedirá a opinião da maioria de prevalecer, e de ter, em definitivo, mais autoridade do que opinião de um só ou de alguns.

Examinemos agora a questão sob um outro ponto de vista. Quem fez o Espiritismo? É uma concepção humana pessoal? Todo o mundo sabe o contrário. O Espiritismo é resultado do ensino dos Espíritos; de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo. Se a Doutrina Espírita fosse uma simples teoria filosófica eclodida no cérebro humano, não teria senão valor de uma opinião pessoal; saída da universalidade do ensino dos Espíritos, ela tem o valor de uma obra coletiva, e foi por isto

mesmo que em tão pouco tempo se propagou por toda a Terra, cada um recebendo por si mesmo, ou por suas relações íntimas, instruções idênticas e a prova da realidade das manifestações.

Pois bem! é em presença deste resultado patente, material, que se tenta erigir em sistema a inutilidade das comunicações dos Espíritos. Convenhamos que se elas não tivessem a popularidade que adquiriram, não seriam atacadas, e que é a prodigiosa vulgarização dessas idéias que suscita tantos adversários ao Espiritismo. Aqueles que rejeitam hoje as comunicações não se parecem com essas crianças ingratas que renegam e desprezam seus pais? Não é ingratidão para com os Espíritos, a quem devem o que sabem? Não é se servir daquilo que deles aprenderam para combatê-los, retornar contra eles, contra seus próprios pais, as armas que nos deram? Entre os Espíritos que se manifestam, não é do Espírito de um pai, de uma mãe, dos seres que nos são mais caros, que se recebem essas tocantes instruções que vão diretamente ao coração? Não é a eles que se deve o ter sido arrancado à incredulidade, às torturas da dúvida sobre o futuro, e é então que se goza do benefício, que se despreza a mão do benfeitor!

Que dizer daqueles que, tomando sua opinião pela de todo o mundo, afirmam seriamente que, agora, em nenhuma parte se quer comunicações? Estranha ilusão! que um olhar lançado ao redor deles bastaria para fazer desvanecer-se. De seu lado, que devem pensar os Espíritos que assistem às reuniões onde se discute se se devem condescender em escutá-los, se se deve ou não lhes permitir excepcionalmente a palavra para comprazer àqueles que tiveram a fraqueza de ter suas instruções? Ali se encontram, sem dúvida, Espíritos diante dos quais cairiam de joelhos se, nesse momento, se apresentassem à sua visão. Pensou-se no preço que se poderia pagar uma tal ingratidão?

Tendo os Espíritos a liberdade de se comunicarem, sem relação com o grau de seu saber, disto resulta uma grande diversidade no valor das comunicações, como nos escritos, em um povo onde todo o mundo tem a liberdade de escrever, *e* onde certamente todas as produções literárias não são obras-primas. Segundo as qualidades individuais dos Espíritos, há, pois, comunicações boas pelo fundo e pela forma, outras que são boas pelo fundo e más pela forma, outras, enfim, que não valem nada, nem pelo fundo nem pela forma; cabe a nós escolher. Não seria mais racional rejeitá-las todas porque são más, do que o seria de proscrever todas as publicações porque há escritores que dão baixezas. Os melhores escritores, os maiores gênios, não têm partes fracas em suas obras? Não se fazem coletâneas do que produziram de melhor? Façamos o mesmo com respeito às produções dos Espíritos; aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau; mas para arrancar o joio, não arranquemos o bom grão.

Consideramos, pois, o mundo dos Espíritos como o duplo do mundo corpóreo, como uma fração da Humanidade, e dizemos que não devemos mais desdenhar de ouvi-los, agora que estão desencarnados, que não o tivéssemos feito então quando estávamos encarnados; eles estão sempre em nosso meio, como outrora; somente estão atrás da cortina, em lugar de estar diante: eis toda a diferença.

Mas, dir-se-á, qual é a importância dos ensinos dos Espíritos, mesmo naquilo que há de bom, se não ultrapassa aquilo que os homens podem saber por si mesmos? É bem certo que não nos ensinam nada de mais? Em seu estado de Espírito não vêem o que não podemos ver? Sem eles, conheceríamos seu estado, sua maneira de ser, suas sensações? conheceríamos, como o conhecemos hoje, esse mundo onde estaremos talvez amanhã? Se esse mundo não tem mais para nós os mesmos terrores, se o encaramos sem temer a passagem que a ele conduz, não é a eles que o devemos? Esse mundo está completamente explorado? Cada dia não nos revelam dele uma nova face? e não é nada saber onde se vai, e o que se pode ser saindo daqui? Outrora ali se entrava tateando e tremendo, como num abismo sem fundo; agora esse abismo está resplendente

de luz, e se está entre felizes; e há quem ouse dizer que o Espiritismo nada nos ensinou! *(Revista Espírita,* agosto de 1865, página 225: "O que ensina o Espiritismo.")

Sem dúvida, o ensino dos Espíritos tem seus limites, não se pode pedir-lhe o que não pode dar, o que está em sua essência, em seu objetivo providencial, ele dá sempre àquele que sabe procurar; mas, tal qual é, dele fizemos todas as aplicações? Antes de lhe pedir mais, sondamos a profundeza dos horizontes que nos descobre? Quanto à sua importância, ela se afirma por um fato material, patente, gigantesco, desconhecido nos fatos da história: é que apenas em sua aurora, ele revoluciona já o mundo e põe em emoção os poderes da Terra. Qual é o homem que teria tido este poder?

O Espiritismo tende à reforma da Humanidade pela caridade; não é, pois, de se admirar que os. Espíritos preguem sem cessar a caridade; pregá-la-ão ainda por muito tempo enquanto não tiver desenraizado do coração dos homens o egoísmo e o orgulho. Se é que nele acham as comunicações inúteis, porque repetem sem cessar as lições de moral, é preciso felicitá-los, se são bastante perfeitos para delas não terem mais necessidade; mas devem pensar que aqueles que têm tanto mais confiança em seu próprio mérito e que têm no coração se melhorarem, não deixam de receber os bons conselhos. Não procureis, pois, a lhes tirar essa consolação.

Tem esta doutrina chances de prevalecer? As comunicações dos Espíritos, como dissemos, fundaram o Espiritismo. Repeli-las depois de tê-las aclamado é querer solapá-lo por sua base, tirar-lhe a pedra em que se assenta; tal não pode ser o pensamento dos Espíritas sérios e devotados, porque isto seria absolutamente como aquele que se dissesse cristão negando o valor dos ensinos do Cristo, sob o pretexto de que sua moral é idêntica à de Platão. Foi nessas comunicações que os Espíritas encontraram a alegria, a consolação, a esperança; foi por elas que compreenderam a necessidade do bem, da resignação, da submissão à vontade de Deus; foi por elas que suportaram com coragem as vicissitudes da vida, por elas é que não há mais separação real entre eles e os objetos de suas mais ternas afeições. Não é se equivocar sobre o coração humano, crendo que possa renunciar a uma crença que lhe faz a felicidade!

Repetimos aqui o que dissemos a propósito da prece: Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma das satisfações morais que ele proporciona. Que aqueles que o achem insuficientes tal qual é se esforcem em dar mais do que ele; mas não é em dando menos, tirando-lhe o que nele faz o encanto, a força e a popularidade que o suplantarão.

O ESPIRITISMO INDEPENDENTE.

Uma carta, que nos foi escrita há algum tempo, nos falava do projeto de dar a uma publicação periódica o título de *Journal du Spiritisme indépendant.* Esta idéia, sendo evidentemente o corolário daquela do *Espiritismo sem os Espíritos,* vamos tentar colocar a questão sobre seu verdadeiro terreno.

Primeiro, o que é o Espiritismo independente? Independente de quê? Uma outra carta o diz claramente: é o Espiritismo livre, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode, tendo em vista que não é infalível.

Esta é a coisa mais fácil do mundo: ela existe de fato, uma vez que o Espiritismo, proclamando a liberdade absoluta de consciência, não admite nenhum constrangimento em matéria de crença, e que jamais contestou a ninguém, o direito de crer à sua maneira em matéria de Espiritismo como em toda outra coisa. Deste ponto de vista, nós mesmos nos achamos perfeitamente independentes, e entendemos aproveitar dessa independência. Se há subordinação, ela é, pois, toda voluntária; bem mais, não é a subordinação a um homem, mas uma idéia que se adota porque ela convém, que sobrevive ao homem se ela é justa, que cai com ele ou antes dele, se é falsa.

Para se libertar das idéias dos outros, é preciso necessariamente ter idéias em si; essas idéias, procura-se naturalmente fazê-las prevalecer, sem isto se as guardaria para si; proclamasse-as sustentasse-as defendesse-as, porque se as crê a expressão da verdade, porque admitimos a boa-fé, e não o único desejo de derrubar o que existe; o objetivo é reunir quanto mais partidários possível, e eis que aquele que não quer chefe se coloca ele mesmo em chefe de seita, procurando subordinar os outros às suas próprias idéias. Aquele que diz, por exemplo: "Não é preciso mais receber as instruções dos Espíritos," não emite um princípio absoluto? Não exerce uma pressão sobre aqueles que as querendo, delas desviam em receber? Se funda uma reunião sobre essa base, dela deve excluir os partidários das comunicações, porque, se estes últimos estiverem em maioria, eles farão a lei. Se as admite, é que recusa obtemperar ao seu desejo, atenta liberdade que têm contra a de reclamar. Que inscreva sobre seu programa: "Aqui não se dá a palavra aos Espíritos," e então aqueles que desejarem ouvi-los ter-se-ão por dito e ali não se apresentarão mais.

Sempre dissemos que uma condição essencial de toda reunião Espírita é a homogeneidade, sem o que há dissenção. Aquele que a fundasse sobre uma base de rejeição das comunicações estaria em seu direito; se ali não admite senão aqueles que pensam como ele, faz bem, mas não é fundado dizer que, porque não o quer mais, ninguém o deve querer. Certamente, é livre para agir como o entende; mas se quer a liberdade para si, deve querê-la para os outros; uma vez que defende suas idéias e critica a dos outros, se for conseqüente consigo mesmo, não deverá achar mau que os outros defendam as deles e critiquem as suas.

Em geral, esquece-se muito de que acima da autoridade de um homem há uma à qual quem se coloca como representante de uma idéia não pode se subtrair: é à de todo o mundo; a opinião geral é a suprema jurisdição que sanciona ou derruba o edifício dos sistemas; ninguém pode se livrar da subordinação que ela impõe. Esta lei não é menos onipotente em Espiritismo. Quem fere o sentimento da maioria e a abandona deve esperar por isto ser abandonado; aí está a causa do insucesso de certas teorias e de certas publicações, abstração feita do mérito intrínseco destas últimas, sobre a qual freqüentemente se tem ilusão.

Não é preciso perder de vista que o Espiritismo não está enfrentado nem num indivíduo, nem em alguns indivíduos, nem num círculo, nem mesmo numa cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro, e que entre eles há uma opinião dominante e profundamente recomendada; crer-se forte contra todos, porque se tem a aprovação dos que o cercam, é se expor a grandes decepções.

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais, *e a de* suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, também é aquela pela qual os Espíritos começaram; a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pela melhoria individual. A melhoria é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para o que deve tender todo espírita sério. Tendo deduzido essas conseqüências segundo as instruções dos Espíritos, definimos os deveres que essa crença impõe; o primeiro inscrevemos sobre a bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação,* máxima aclamada, em seu aparecimento, como o facho do futuro, e que logo deu a volta ao mundo em se tornando a palavra de união de todos aqueles que vêem no Espiritismo outra coisa do que um fato material. Por toda a parte ela foi acolhida como símbolo da fraternidade universal, como uma garantia de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma era nova, onde devem extinguir os ódios *e* as dissenções. Compreende-se-lhe tão bem a importância, que já se lhe recolhem os frutos; entre aqueles que dela fazem uma regra de conduta, reinam a simpatia e a confiança que fazem o encanto da vida social; em todo Espírita de coração, vê-se um irmão com o qual se é feliz em encontrar-se, porque sabe-se que aquele que pratica a caridade não pode nem fazer nem querer o mal.

Foi, pois, de nossa autoridade particular que promulgamos esta máxima? E quando a tivéssemos feito, quem poderia achá-la má? Mas não; ela decorre do ensino dos

Espíritos, que eles mesmos a hauriram nos do Cristo, onde ela está escrita com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão, mas onde restou enterrada durante dezoito séculos. O egoísmo dos homens evitou que saísse do esquecimento para pô-la em luz, porque teria proclamado sua própria condenação; preferiram procurar sua salvação nas práticas mais cômodas e menos incômodas. No entanto, todo o mundo havia lido e relido o Evangelho, e, com muito poucas exceções, ninguém tinha visto esta grande verdade relegada ao segundo plano. Ora, eis que pelo ensino dos Espíritos ela é subitamente conhecida e compreendida po todo o mundo. Quantas outras verdades encerra o Evangelho, e que ressaltarão em seu tempo! (O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. XV.)

Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, abrimos o caminho para o *Espiritismo cristão;* fomos instituídos, pois, em desenvolver-lhe os princípios, assim como os caracteres do verdadeiro espírita sob esse ponto de vista.

Que outros possam fazer melhor do que nós, não iremos ao encontro, porque jamais dissemos: "Fora de nós não há verdade." Nossas instruções são, pois, para aqueles que as acham boas; são aceitas livremente e sem constrangimento; traçamos um caminho, segue-o quem quiser; damos conselhos àqueles que no-los pedem, e não àqueles que crêem poder passar sem eles; não damos ordens a ninguém, porque não temos qualidade para isto.

Quanto à supremacia, ela é toda moral e na adesão daqueles que partilham nossa maneira de ver; não estamos investidos, mesmo por aqueles, de nenhum poder oficial, e não solicitamos nem reivindicamos nenhum privilégio; não nos estipulamos nenhum título, e o único que tomamos com os partidários de nossas idéias é o de irmão em crença; se nos consideram como seu chefe é em conseqüência da posição que os nossos trabalhos nos dão, e não em virtude de uma decisão qualquer. Nossa posição é aquela que todos podiam tomar antes de nós; nosso direito, aquele que todo o mundo tem de trabalhar como entende e de correr a chance do julgamento do público.

De que autoridade incômoda aqueles que querem o Espiritismo independente entendem, pois, se livrar, uma vez que não há nem poder constituído, nem hierarquia fechando a porta a quem quer que seja, uma vez que não temos sobre eles nenhuma jurisdição, e que, se lhes apraz sé afastarem de nosso caminho, ninguém pode constrangê-los a nele reentrar? Nós nos fizemos passar por profeta ou messias? Tomariam, pois, a sério os títulos de grande sacerdote, de soberano pontífice, de papa mesmo com o qual a crítica aprouve nos gratificar? Não só não nos os outorgamos, mas os Espíritas não

no-los deram jamais. - É do ascendente de nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para conquistarem as simpatias do público. Se há pressão, ela não vem, pois, de nós, mas da opinião geral que põe seu veto sobre o que não lhe convém, e que ela mesma sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos. É, pois, a estes últimos que é preciso se prender, em definitivo, o estado das coisas, e é talvez muito o que faz que não se quer mais escutá-los. - São as instruções que damos? Mas ninguém é forçado a elas se submeter. - Têm eles a se lamentar de nossa censura? Nunca nomeamos a ninguém, a não ser quando temos a louvar, e nossas instruções são dadas sob uma forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para o uso de todo o mundo. Aliás, se elas são más, se nossas teorias são falsas, em que isto pode ofuscá-los? O ridículo, se ridículo há, será para nós. Têm eles, pois, de tal modo no coração os interesses do Espiritismo, que temem vê-los periclitar entre nossas mãos? - Somos muito absolutos em nossas idéias? Somos um obstinado com o qual nada se pode fazer? Pois bem! meu Deus, todos têm seus pequenos defeitos; nós temos o de não pensar ora branco, ora negro; temos uma linha traçada, e dela não nos desviamos para agradar a ninguém; é provável que assim o sejamos até o fim.

É nossa fortuna que se inveja? Onde estão nossos castelos, nossos carros de luxo e nossos lacaios? Certamente, *se* tivéssemos a fortuna que se nos supõe, não seria no entanto dormindo que ela teria vindo, e se bem que muitas pessoas amontoem milhões por um trabalho menos rude. - Que fazemos, pois, do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos conta a ninguém, não temos a dá-las a ninguém; o que é certo é que não serve aos nossos prazeres. Quanto a empregá-lo para assalariar agentes e espiões, retornamos esta calúnia ao seu endereço. Temos que nos ocupar de coisas mais importantes do que saber o que fazem tais ou tais; se fazem bem, não têm a temer nenhuma investigação; se fazem mal, isto os vê. Se é que ambicionam nossa posição, é no interesse do Espiritismo ou no seu? Que a tome, pois, com todas *as suas cargas,* e, provavelmente, não acharão que isso seja uma sinecura tão agradável quanto o supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impediu de tomar-lhe o governo antes de nós? e quem os impede ainda hoje? - Se lamentam de nossas intrigas para nos fazer partidários? Esperamos que se venha *a* nós e nós não vamos procurar ninguém; não corremos mesmo atrás daqueles que nos deixam, porque sabemos que podem entravar a marcha das coisas; sua personalidade se apaga diante do conjunto. De um outro lado, não somos bastante vão para crer que seja por nossa pessoa que se liga a nós; evidentemente, é pela idéia da qual somos o representante; é, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que se quer muito nos dar.

Em resumo, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos um contra-senso, uma vez que a independência existe de fato e de direito, e que não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todo o mundo; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para aquele que sabe conquistá-la. Tanto pior para aqueles que caem antes de terem atingido o objetivo.

Falar dessas opiniões divergentes que, em definitivo, se reduzem a algumas individualidades, e não fazem corpo em nenhuma parte, não é, talvez dirão algumas pessoas, dar-lhe muita importância, amedrontar os adeptos em lhes fazendo crer em cisões mais profundas do que elas o são? não é também fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que delas falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz *a* questão ao seu justo valor, é muito mais própria para tranqüilizar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem a que se prenderem e nisto encontram ocasião dos argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, eles muitas vezes exploraram o fato, e é porque lhe exageram a importância, que é útil mostrar o que ele é. Para mais ampla resposta, remetemos ao artigo da *Revista* de outubro de 1865, página 297, e mais especialmente à página 307.

A SAINT-CHARLEMAGNE NO COLÉGIO DE CHARTRES.

Ao colégio dê Chartres teve-se este ano a idéia de juntar à solenidade do banquete da Saint-Charlemagne uma conferência literária. Dois alunos de filosofia sustentaram uma controvérsia, cujo assunto era o *Espiritismo.* Eis o relatório que dela nos dá o *Journal de Chartres* de 11 de março de 1866:

"Para fechar a sessão, dois alunos de filosofia, Srs. Ernest Clémente Gustave Jumentié, expuseram, num diálogo vivo e animado, uma questão que tem o privilégio de apaixonar hoje muitas cabeças: queremos dizer o *Espiritismo.*

"J. censura em seu companheiro, todo tempo tão jovial, um ar sombrio e selvagem que o faz parecer a um autor de melodramas, e lhe pergunta de onde pode provir uma tão grande mudança.

"C. responde que desembocou a cabeça, a primeira numa doutrina sublime, o Espiritismo, que veio confirmar de maneira irrefutável a imortalidade da alma e as outras concepções da filosofia espiritualista. Isto não é uma quimera, como o pretende seu interlocutor; é um sistema apoiado sobre fatos autênticos, tais quais as mesas girantes, os médiuns, etc.

"Certamente, retorna J., não serei bastante insensato, meu pobre amigo, para discutir contigo sobre loucos sonhos, dos quais todo o mundo hoje está completamente desenganado; e quando não se faz mais do que caçoar dos Espíritas, não irei, por uma vã disputa, dar às vossas idéias mais peso do que elas merecem e lhes fazer a honra de uma refutação séria. As admiráveis experiências dos Davenport demonstraram qual era vossa força e a fé que seria preciso ter em vossos milagres. Mas, felizmente, eles receberam a justa punição de seu embuste; depois de alguns dias de um triunfo usurpado, foram forçados a retornar para sua pátria, e nos provaram uma vez mais que não há senão um passo do Capitole à rocha Tarpéienne.

'Vejo bem, disse aseu turno C., que não és partidário do progresso. Deverias, ao contrário, compadecer-te da sorte desses infortunados. Todas as ciências, em seu início, tiveram seus detratores. Não se viu Fulton repelido pela ignorância e tratado como um louco? Não se viu também Lebon desconhecido em sua pátria, morrer miseravelmente sem ter gozado de seus trabalhos? E, no entanto, hoje a superfície dos mares está sulcada de barcos a vapor, e o gás derrama por toda a parte sua viva luz.

"J. Sim, mas essas invenções repousam sobre bases sólidas; a ciência era o guia desses gênios e deveria forçar a posteridade mais esclarecida a reparar os erros de seus contemporâneos. Mas quais são as invenções dos Espíritas? Qual é o segredo de sua ciência? Todo o mundo pôde admirá-lo; todo o mundo pôde aplaudir ao engenhoso mecanismo de sua varinha...

"C. Ainda as zombarias? Eu te disse, no entanto, há entre os adeptos do Espiritismo pessoas muito honradas, pessoas cuja convicção é profunda.

"J. isso não é muito verdadeiro; mas o quê que isso prova? Que o bom senso não é uma coisa tão comum quanto se pensa, e que, como disse o poeta da Raison:

Um tolo sempre encontra um mais tolo que o admira.

"C. Boileau não teria falado da sorte se tivesse visto as mesas girantes. Que tens a dizer contra isto?

"J. Que jamais pude mover a menor mesinha.

"C. É porque és um profano; para mim, jamais a mesa me resistiu. Eu afiz girar que pesava 200 quilogramas, com as baixelas, os pratos, as garrafas...

"J. Tu me farias tremer pela mesa de Saint-Charlemagne, se o apetite dos convivas não tivesse sido tão prudentemente desguarnecido...

"C. Não te falo dos chapéus; mas lhe imprimiria uma rotação possante ao mais leve contato.

"J. Não me admiro se tua pobre cabeça girou com eles.

"C. Mas, enfim, tuas zombarias não são razões; é o argumento da impotência. Não provas nada, não refutas nada.

"J. É que tua doutrina não é senão um nada, uma quimera, um gás incolor, impalpável, - gosto mais do gás para a iluminação, - uma exalação, um vapor, uma fumaça. -Na verdade, minha escolha está feita, gosto mais daquela do Champagne. - Ó Miguel Cervantes! Porque foi preciso que tivesses nascido dois séculos mais cedo! É ao teu imortal Dom Quixote que cabia reduzir em pó o Espiritismo. Ele brandiu sua lança valorosa contra os moinhos de vento. E, no entanto, eles giram bem! Como teria partido em dois os armários falantes e sonantes! E tu, seu fiel escudeiro, ilustre Sancho Pança, é tua filosofia profunda, é só a moral sublime que seria capaz de desfazer essas graves teorias.

"C. Dissestes bem, senhores filósofos, negais o Espiritismo porque não sabeis o que dele fazer, porque ele os embaraça.

"J. Oh! Não me causa nenhum embaraço, e sei bem o que dele faria se tivesse voz no capítulo. Espíritas, magnetizadores, sonâmbulos, armários, mesas falantes, chapéus girantes, com as cabeças que eles cobram, eu os enviarei todos fazer um passeio... em Bonnevau." "Algumas pessoas se espantarão, se escandalizarão talvez de ver os alunos do colégio de Chartres abordarem, sem outras armas senão o gracejo, uma questão que se intitula *a mais séria dos tempos modernos.* Francamente, depois da ventura tão recente dos irmãos Davenport, pode-se censurar aos jovens de se alegrarem com essa mistificação? Essa idade não tem piedade.

"Sem dúvida, poder-se-ia, retornando uma de suas frases de efeito, ensinar a essas malignas crianças que as grandes descobertas, freqüentemente, passam pela rocha Tarpéia antes de chegar ao Capitólio, e que, para o Espiritismo, o dia da reabilitação talvez não esteja longe. Já os jornais nos anunciam que um músico de Bruxelas, que é ao mesmo tempo Espírita, pretende estar em relação com os Espíritos de todos os compositores mortos; que vai nos transmitir suas inspirações e que dentro em pouco teremos obras *verdadeiramente* póstumas de Beethoven, de Mozart, de Weber, de MendelssohnL. Pois bem! seja; os escolares são de boa composição: quiseram rir, riram; quando for o tempo de pedir desculpas, eles as pedirão."

Ignoramos com que objetivo permitiu-se tratar esta questão numa solenidade de colégio; mas duvidamos, no entanto, que seja por simpatia pelo Espiritismo e tendo em vista propagá-lo entre os alunos. Alguém disse a esse respeito que isso se assemelhava a certas conferências em uso em Roma, mas quais havia o advogado de Deus e o advogado do diabo. O que quer que seja, é preciso convir que os dois combatentes não eram muito fortes, nem um nem o outro; sem dúvida, teriam sido mais eloqüentes se tivessem conhecido melhor seu assunto, que quase nada estudaram, como se vê, senão nos artigos de jornais a propósito dos irmãos Davenport. O fato por isso não tem menos sua importância, e se o objetivo foi desviar os jovens do estudo do Espiritismo, duvidamos muito que foi atingido, porque a juventude é curiosa. Até o presente o nome do Espiritismo não havia atravessado senão clandestinamente a porta dos colégios, e não era pronunciado senão em segredo; hei-lo agora oficialmente instalado sobre os bancos, onde fará seu caminho. Uma vez que a discussão é permitida, será bem preciso estudá-lo; é tudo o que pedimos. As reflexões do jornal a este propósito são extremamente judiciosas.

UMA VISÃO DE PAULO I.

O czar Paulo I, que não era senão o grão-duque Paulo, se achava em Bruxelas, numa reunião de alguns amigos, onde falavam de fenômenos considerados como sobrenaturais, contou o fato seguinte (1(1) Extraído do *Grand Journal* de 3 de março de 1866, e tirado de uma obra do Sr. Hortensius de Saint Albin, intitulada: *O Culto de Satã.)*:

"Eu estava, uma tarde, ou antes uma noite, nas ruas de São Petersburgo, com Kourakin e dois criados. Tínhamos ficado muito tempo a conversar e af umar, e nos veio a idéia de sairmos do palácio, incógnitos, para ver a cidade ao clarão da lua. Não fazia frio, os dias se alongavam; era um desses momentos mais doces de nossa primavera, tão pálido em comparação com os do Sul. Estávamos alegres; não pensávamos em nada de religioso nem mesmo de sério, e Kourakin me recitava mil gracejos sobre os transeuntes muito raros que encontrávamos. Eu caminhava à frente; uma de nossas pessoas me precedia, no entanto; Kourakin ficava alguns passos atrás, e o outro doméstico me seguia

um pouco mais longe. A lua estava clara, ter-se-ia podido ler uma carta; também as sombras, por oposição, eram longas e espessas.

"Na volta de uma rua, no vão de uma porta, percebi um homem grande e magro, envolvido num manto, como um Espanhol, com um chapéu militar muito rebaixado sobre seus olhos. Ele parecia esperar, e desde que passamos diante dele, saiu de seu retiro e se pôs à minha esquerda, sem dizer uma palavra, sem fazer um gesto. Era impossível distinguir seus traços: somente seus passos, batendo nas lajes, produziam um som estranho, semelhante ao de uma pedra que bate em outra. Primeiro, fiquei admirado desse choque; depois, pareceu-me que todo o lado que ele tocava quase se resfriava pouco a pouco. Senti um frio glacial penetrar meus membros, *e,* voltando-me para Kourakin, disse-lhe:

"Eis uma singular companhia que temos aí! - Qual companhia? perguntou ele. - Mas, aqui caminha à minha esquerda e faz bastante barulho, me parece."

"Kourakin abriu os olhos espantado, e assegurou-me que à minha esquerda não via ninguém. - Como! tu não vês à minha esquerda um homem com manta que está entre a parede e mim? -Vossa alteza mesma toca *a* parede, e não há lugar para ninguém entre a parede e vós."

"Alonguei um pouco o braço; com efeito, senti a pedra. No entanto, o homem estava lá, sempre caminhando desse mesmo passo de martelo que se regulava sobre o meu. Então, examinei-o atentamente, e vi brilhar sob seu chapéu, de forma singular, o olhar mais cintilante que jamais encontrei. Esse olho me olhava, me fascinava; não podia fugir-lhe ao raio de luz. Ah! disse a Kourakin, não sei o que sinto, mas é estranho!

"Eu tremia, não de medo, mas de frio. Sentia-me pouco a pouco ganhar até no coração por uma impressão que nada me pôde explicar. Meu sangue congelou em minhas veias. De repente uma voz profunda e melancólica saiu desse manto que escondia sua boca e chamou-me pelo nome: "Paulo!" Respondi maquinalmente, levado não sei por que força: "Que queres tu?""- Paulo!" repetiu ele. - E esta vez o acento era mais afetuoso e mais triste ainda. Não repliquei nada, esperei, ele chamou-me de novo em seguida se deteve sem mais nada. Fui constrangido a fazê-lo também. "Paulo! pobre Paulo! pobre príncipe!"

"Voltei-me para Kourakin, que se deteve também. "Ouviste? Disse-lhe. - Nada absolutamente, meu senhor; e vós?" Quanto a mim, eu ouvi; o lamento ressoa ainda em meu ouvido. Fiz um esforço imenso, e perguntei a esse ser misterioso quem era e o que queria. "Pobre Paulo! quem sou? Sou aquele que *se* interessa por ti. O que quero? quero que não te apegues muito a este mundo, porque aí não ficarás por muito tempo. Vive como justo, se desejas morrer em paz; e não despreze o remorso, é o suplício mais pungente das grandes almas."

"Ele retomou seu caminho, olhando-me sempre com esse olhar que parecia se destacar de sua testa, e do mesmo modo que fui forçado a deter-me com ele, fui forçado a caminhar com ele. Não me falou mais e não senti mais o desejo de dirigir-lhe a palavra. Eu o seguia, porque era ele quem dirigia a caminhada, e esse curso durou mais de uma hora ainda, em silêncio, sem que eu pudesse dizer por onde tinha passado. Kourakin e os lacaios não lembravam disso. Vi-o sorrir: ele acreditava ainda que eu tinha sonhado tudo isso.

"Enfim, nos aproximamos da Grande-Place, entre a ponte da Newa e o palácio dos Sénateurs. O homem ia direto para um ponto dessa praça, onde o segui, bem entendido, e lá se deteve ainda. "Paulo, adeus. Tu me reverás aqui e em outra parte ainda." Depois, como se fosse tocado, seu chapéu se levantou levemente sozinho; eu distingui então muito facilmente seu rosto. Apesar de mim, recuei: era o olhar de águia, era afronte bronzeada, o sorriso severo de meu avô Pedro o Grande. Antes que saísse de minha surpresa, de meu terror, tinha desaparecido.

"Foi nessa mesma praça que a imperatriz levantou o célebre monumento que logo faria a admiração de toda a Europa, e que representa o czar Pedro a cavalo. Um imenso bloco de granito é a base dessa estátua. E não fui eu quem designou à minha mãe esse lugar, escolhido ou antes advinhado antecipadamente pelo fantasma. E confesso que ali encontrando essa estátua, não sei que sentimento se apoderou de mim. *Tinha medo de ter medo,* apesar do príncipe Kourakin, que quer me persuadir de que sonhei todo desperto passeando pelas ruas. Lembro-me do menor detalhe dessa visão, porque se ela era uma, persisto em sustentá-la. Parece-me que estou ali ainda. Retornei ao palácio, cansado como se tivesse feito uma longa caminhada e literalmente gelado do lado esquerdo. Foram-me necessárias várias horas para me aquecer num leito ardente e sob os cobertores."

O grão-duque Paulo lamentou mais tarde ter falado dessa aventura, e procurou colocá-la à conta de gracejo, mas as preocupações que ela lhe causou fizeram pensar que tinha alguma coisa de sério.

Tendo o fato sido lido na Sociedade de Paris, mas sem intenção de fazer qualquer pergunta a esse respeito, um dos médiuns obteve espontaneamente e sem evocação a comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 9 de março de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

Na fase nova em que entrastes com a chave que vos deu o Espiritismo, ou revelação dos Espíritos, tudo deve se explicar, ao menos o que estais aptos a compreender.

A existência da mediunidade vidente foi a primeira de todas as faculdades dadas ao homem para se corresponder com o mundo invisível, por causa de tantos fatos que permaneceram até hoje ainda sem explicação racional. Fazei, com efeito, um retorno sobre as diferentes épocas da Humanidade, e observai com atenção todas as tradições que chegaram até vós, e por toda a parte, naqueles que vos precederam, encontrareis seres que estiveram, pela visão, em relação com o mundo dos Espíritos.

De todos os tempos, entre todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre as revelações de visionários ou médiuns videntes.

Os homens, são muito pequenos por si mesmos, foram sempre assistidos por aqueles invisíveis que os haviam precedido na erraticidade, e que, obedecendo à lei de reciprocidade universal, vinham lhes trazer, por comunicações freqüentemente inconscientes, os conhecimentos adquiridos por eles, e traçar-lhes a conduta a seguir para descobrir a verdade.

A primeira das faculdades mediúnicas, eu o disse, foi a visão; quantos adversários encontrou entre os interessados de todos os tempos! Mas não seria preciso induzir de minha linguagem que todas as visões são resultado de comunicações reais; muitas são devidas à alucinação de cérebros enfraquecidos ou resultado de um complô urdido para servir um cálculo ou satisfazer um orgulho.

Crede-me, o médium vidente é de todos o mais impressionável; o que viu se grava melhor no espírito. Quando vosso grão-duque (1-(1) Vários Russos assitiam à sessão na qual essa comunicação foi dada; sem dúvida, foi o que motivou a expressão: Vosso grão-duque.), fanfarrão e vão como a maioria daqueles de sua raça, viu seu avô lhe aparecer, porque era bem uma visão, que tinha sua razão de ser na missão que Pierre lê Grand tinha aceito em favor de seu neto, e que consistia em conduzi-lo e inspirá-lo, desde esse instante, a mediunidade no duque foi permanente, e só o medo do ridículo o impediu de contar todas as suas visões ao seu amigo.

A mediunidade vidente não era a única que ele possuía; tinha também a intuição e a audição; mas, muito imbuído dos princípios de sua primeira educação, se recusou aproveitar as sábias advertências que seus guias lhe davam. Foi pela audição que ele

teve a revelação de seu fim trágico. Depois desse tempo, seu Espírito progrediu muito; hoje ele não teme mais o ridículo crendo na visão, é porque ele vem vos dizer:

"Graças aos meus caros instrutores espirituais e à observação dos fatos, creio na manifestação dos Espíritos, na sobrevivência da alma, na eterna onipotência de Deus, no progresso constante para o bem dos homens e dos povos, e me sinto muito honrado que uma de minhas puerilidades tenha dado lugar a uma dissertação em que tenho tudo a ganhar e vós não tendes nada a perder.

"PAULO."

O SONHO DO SENHOR DE COSNAC.

Nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Leymarie, tendo recentemente feito uma viagem a Corrèze, ali se entretinha freqüentemente do Espiritismo, e ali recebeu várias comunicações medianímicas, entre outras a que damos adiante, e que, certamente, não poderia estar em seu pensamento, porque ele ignorava se jamais houvera no mundo um indivíduo com o nome de Cosnac. Essa comunicação é notável em que ela pinta a posição singular de um Espírito que, há dois séculos e meio, não se acreditava vivo, mas se encontrava sob a impressão das idéias e da visão das coisas de seu tempo, sem se aperceber o quanto tudo havia mudado depois.

(Tulle, 7 de março de 1866.)

Há dois séculos e meio que, inconsciente de minha posição, vejo sem cessar o castelo forte de meus ancestrais, as fossas profundas, o senhor de Cosnac sempre agarrado ao seu rei, ao seu nome, às suas lembranças de grandeza; ele tem pagens, servos por toda a parte; os homens de armas partindo para uma expedição secreta. Eu sou todos esses movimentos, todo esse barulho; ouço os lamentos dos prisioneiros e dos colonos, dos servos medrosos que passam humildemente diante da morada do senhor;... e tudo isto não é senão um sonho!...

Meus olhos se abriram hoje para ver todo o contrário de meu sonho secular! Vejo uma grande habitação burguesa, mas mais linhas de defesa; tudo é calmo. As grandes florestas desapareceram; dir-se-ia que uma mão de fada transformou a morada feudal e a paisagem agreste que a cerca. Por que essa mudança?... O nome que carrego, pois, desapareceu e os bons velhos tempos com ele?... Ai! é preciso perder meus sonhos, meus desejos, minhas ficções, porque um novo mundo acaba de me ser revelado! Outrora bispo, orgulhoso de meus títulos, de minhas alianças, conselheiro de um rei, não admitia senão nossas personalidades, senão um Deus criando raças privilegiadas, a quem o mundo pertencia de direito, que um nome que deveria se perpetuar, e, como base desse sistema, a compressão e o sofrimento para o servo e o artesão.

Algumas palavras puderam despertar-me!... Uma atração involuntária (outrora, teria dito diabólica) me atraiu para aquele que escreve. Discuti com um padre que emprega, para a defesa da Igreja, todos os argumentos que eu repetia outrora, ao passo que se serve de palavras novas, que explica simplesmente, e, confessá-lo-ei eu? é seu raciocínio que permite aos meus olhos verem, aos meus ouvidos ouvirem.

Por ele, percebo as coisas tais quais são, e, o que é mais estranho, depois de tê-la seguido em mais de um lugar onde proíbe o Espiritismo, retorno ao sentimento de minha existência como Espírito; aprecio melhor, defino melhor as grandes leis do verdadeiro e do justo; rebaixo meu orgulho, por causa da catarata que pôde perturbar minha razão, meu julgamento, durante dois séculos e meio, e no entanto vede a força do hábito, do orgulho de raça!... apesar da mudança radical operada nos bens de meus avós, nos costumes, nas leis e no governo; apesar das conversas do médium que transmite meu pensamento, apesar da minha visita aos grupos Espíritas de Paris, *e* mesmo daqueles Espíritos que se preparam para a emigração nos mundos avançados, ou bem às

reencarnações terrenas, me foram precisos oito dias de reflexão para me entregar à evidência.

Nesse longo combate entre um passado desaparecido e o presente que nos leva para as grandes esperanças, minhas resistências caíram, uma a uma, como as armaduras partidas de nossos antigos cavaleiros. Venho fazer ato de fé diante da evidência, e eu, de *Cosnac,* antigo bispo, afirmo que vi, que sinto, que julgo. À espera de minha reencarnação, preparo minhas armas espirituais; sinto Deus por toda a parte e em tudo; não sou um demônio, presto homenagem ao Deus criador, ao Deus de harmonia que chama a si todos os seus filhos, a fim de que, depois das vidas mais ou menos acidentadas, cheguem purificados às esferas etéreas onde esse Deus tão magnânimo fá-los-á gozar da suprema sabedoria.

DE COSNAC.

Nota. - O penúltimo arcebispo de Sens chamava-se Jean-Joseph-Marie-Victoire *de Cosnac;* nasceu, em 1764, no castelo *de Cosnac,* em Limousin, e ali morreu em 1843. O *Bulletin de Ia Société archéologique de Sens,* t. 7, p. 301, diz que era o décimo primeiro prelado que sua família havia dado à Igreja. Não há, pois, nada de impossível que um bispo desse nome tenha existido no começo do século dezessete.

PENSAMENTOS ESPÍRITAS.

POESIA DO SR. EUGÈNENUS.

As estrofes seguintes foram tiradas da obra *lês Dogmes nouveaux,* do Sr. Eugène *Nus.* Embora essa não seja uma obra medianímica, sem dúvida, ser-nos-á agradável reproduzi-las, por causa dos pensamentos que ali são graciosamente expressos. Sob o título de: *lês Grands mystères,* o mesmo autor publicou recentemente uma outra obra notável, da qual daremos conta, e na qual se encontram todos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, como solução racional.

Ó mortos amados, que esta Terra
Vos viu passar, misturados a nós,
Revelai o grande mistério:
Ó mortos amados, onde viveis vós?

Globos reluzentes, que povoais o espaço,
Irmãs de nossa Terra, estrelas dos céus,
A qual de vós prepara meu lugar,
E me guarda uma sorte sombria ou gloriosa?

Qual de vós recebeu as almas
Daqueles que amei e que perdi?
Num branco raio de vossa doce chama,
Sobre minha fronte sonhadora desceram?

Ou bem, presos à sorte da Terra
Pelo destino ou por seu amor,
Foram trazidos à nossa atmosfera,
Esperando no alto a hora do retomo?
Ou, mais perto ainda, Espíritos invisíveis,
Estão entre nós misturados aos nossos dias,

Pregando a concórdia aos corações sensíveis,
E chorando baixinho por encontrá-los surdos?

Mistério profundo da alma infinita!
Há muito e muito tempo te procuro em vão.
Empalideci minha fronte a cavar a vida
Sem poder encontrar o segredo divino.
Mas, ó mortos queridos, que importa onde estais!
De longe ou de perto vinde a mim;
Cedi freqüentemente às vossas vozes secretas,
E vosso calor reaquece minha fé.

Ó mortos amados, que esta Terra
Viu passar, misturados a nós,
Revelai-nos o grande mistério:
Ó mortos amados, onde viveis vós?

CARTA DO SR. F. BLANCHARD AO JORNAL *LA LIBERTE,*

Pedem-nos inserir a carta seguinte, dirigida ao Sr. redator-chefe do jornal *Ia Liberte.*

"Senhor,

"É preciso, é verdade, encher as colunas de um jornal, mas quando esse *enchimento* está cheio de insultos dirigidos àqueles que não pensam como vossos redatores, pelo menos como aquele que escreveu essa baixeza, a respeito dos irmãos Davenport, número de segunda-feira, é permitido achar mau dar seu dinheiro àqueles que não temem de vos tratar de tolo, de ignorante, etc. Ora, eu sou Espírita, e disto agradeço a Deus. Também quando minha assinatura de vosso jornal tiver terminado, ficai certos de que não será renovada.

"Vossa folha leva um título sublime; não mintais, pois, a esse título, e sabei que essa palavra implica o respeito das opiniões de cada um. Não esqueçais, sobretudo, que *Liberdade e Espiritismo são* absolutamente a mesma coisa. Esta sinomímia vos espanta? Lede, estudai essa doutrina que vos parece tão nociva; então, podereis prestar um serviço à *Vérité* e à *Liberte* que levais tão alto, mas que ofendeis.

"FLORENTIN BLANCHARD, *livraria,* em Marennés."

"P. S. Se a minha assinatura não vos parece bastante legível, a chancela que fecha minha carta vos edificará."

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS.

EU SOU ESPÍRITA? por Sylvain Alquié, de Toulouse; brochura in-12, preço: 50 c. Toulouse, casa Caillol et Baylac, 34, rua de Ia Pomme.

O autor, novo adepto, não conhecia o Espiritismo senão pelas diatribes dos jornais a propósito dos irmãos Davenport, quando o primeiro artigo publicado pelo jornal *Ia Discussion* (ver a *Revista Espírita* de fevereiro de 1866) caiu-lhe sob os olhos, no café fê-lo ver sob uma outra luz, e levou-o a estudá-lo. São essas impressões que descreve em sua brochura; passa em revista os raciocínios que o levaram à crença, e a cada um dos

quais se pergunta: eu sou *Espírita?* Sua conclusão está resumida no último capítulo por estas simples palavras: eu sou *Espírita.* Essa brochura, escrita com elegância, clareza e convicção, é uma profissão de fé raciocinada; merece as simpatias de todos os adeptos sinceros aos quais nos fazemos um dever recomendá-la, lamentando que a falta de espaço nos impeça justificar nossa apreciação por algumas citações.

CARTA AOS SRS. DIRETORES E REDATORES DOS JORNAIS ANTI-ESPÍRITAS, por A. Grelez, oficial de administração aposentado. Brochura in-8, preço: 50 c. Paris, Bordeaux, nas principais livrarias.

Esta carta, ou melhor, estas cartas, datadas de Sétif (Argélia), foram publicadas pela *Union spirite bordelaise* em seus n° 34, 35, 36. É uma exposição clara e suscinta dos princípios da Doutrina em resposta às diatribes de certos jornalistas dos quais o autor realça com conveniência as falsas e injustas apreciações. Seguramente, ele não se gaba de convertê-los, mas essas refutações, multiplicadas nas brochuras a bom preço, têm a vantagem de esclarecer as massas sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo, e demonstrar que encontra por toda a parte defensores sérios que não têm necessidade senão do raciocínio para combater seus adversários. Devemos, pois, agradecimentos ao Sr. Grelez, e felicitações à *Union spirite bordelaise* por ter tomado a iniciativa dessa publicação.

PHILOSOPHIE SPIRITE extraída do divino *O Livro dos Espíritos,* por Allan Kardec; por Augustin Babin, de Cognac. 1 vol. in-12 de 200 páginas, preço: 1 fr.

O GUIA DO FELIZ, ou *Deveres gerais do homem por amor a Deus;* pelo mesmo. Brochura in-12 de 100 páginas, preço: 60 c.

NOÇÕES DE ASTRONOMIA *científica, psicológica e moral,* pelo mesmo.

Brochura in-12 de 100 páginas, preço: 75c.- Angoulême, casa Nadaud e Cia, 26, muralha Desaix.

Faremos notar que o epiteto de *divino é* dado a *O Livro dos Espíritos* pelo autor e não por nós; ele caracteriza a maneira pela qual ele encara a questão. O Sr. Rabin é um Espírita de longa data, e que toma a Doutrina a sério, do ponto de vista moral. Essas três obras são o fruto de uma convicção profunda, inalterável, e ao abrigo de toda flutuação. Esse não é um entusiasta, mas um homem que hauriu no Espiritismo tanta força, consolações e felicidade, que considera como um dever ajudar a propagar uma crença que lhe é tão cara. Seu zelo é tanto mais meritório quanto é totalmente desinteressado. Ele declara colocar seus livros no domínio público com a condição de nada mudar neles, e de não aumentar seus preços. Consentiu em colocar uma centena de exemplares à nossa disposição para serem distribuídos gratuitamente, e pelos quais lhe pedimos aceitar nossos muito sinceros agradecimentos.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO **NO. 5** **MAIO 1866**

DEUS ESTÁ POR TODA A PARTE.

Como Deus tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode se imiscuir nos detalhes ínfimos, se preocupar com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a questão que se coloca freqüentemente.

Em seu estado atual de inferioridade, os homens não podem, senão dificilmente, compreender Deus infinito, porque eles mesmos são acanhados e limitados, é porque eles o imaginam acanhado e limitado como eles; imaginam-no como um ser circunscrito, e fazem a si mesmos dele uma imagem à sua imagem. Nossos quadros que o pintam sob os traços humanos não contribuem pouco para manter esse erro no espírito das massas, e que adoram nele a forma mais do que o pensamento. Para a grande maioria é um soberano poderoso, sobre um trono inacessível, perdido na imensidão dos céus, e porque suas faculdades e suas percepções são limitadas, não compreende que Deus possa ou se digne intervir diretamente nas menores coisas.

Na impossibilidade em que está o homem para compreender a própria essência da divindade, não pode dele se fazer senão uma idéia aproximada com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos, é evidente que cada molécula desse fluido produzirá sobre cada molécula da matéria com a qual está em contato, uma ação idêntica a que produziria a totalidade do fluido. É o que a química nos mostra a cada passo.

Esse fluido, sendo sem *inteligência,* age mecanicamente tão-só pelas forças materiais; mas se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem disso nos dar uma idéia. Ele não é inteligente por si mesmo, uma vez que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do espírito, conseqüentemente, é da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram por toda a parte, desvendam nossos pensamentos, vêem e agem à distância; é a esse fluido, chegado a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiqüidade; basta um raio do seu pensamento dirigido sobre diversos pontos, para que possam ali manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito.

Mas os Espíritos, por elevados que sejam, são criaturas limitadas em suas faculdades, de seu poder e da extensão de suas percepções não poderiam, sob esse aspecto, se aproximar de Deus; no entanto, eles podem nos servir de ponto de comparação. O que um Espírito não pode cumprir senão num limite restrito, Deus, que é infinito, o cumpre em proporções infinitas. Há ainda esta diferença de que a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias: a de Deus é permanente; o

pensamento do Espírito não abarca senão um tempo e um espaço circunscritos: o de Deus abarca o universo e a eternidade. Em uma palavra, entre os Espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é o fluido que o transmite, dele está de alguma sorte impregnado, e na impossibilidade que estamos de isolar o pensamento, parece não fazer senão um com o fluido, como o som não faz senão um com o ar, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

Que seja assim ou não o pensamento de Deus, quer dizer que ele agisse diretamente ou por intermédio de um fluido, para a facilidade de nossa inteligência, nos representemos esse pensamento sob a forma concreta de um fluido inteligente enchendo o universo infinito, penetrando todas as partes da criação: a Natureza inteira está mergulhada no *fluido divina,* tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua previdência, *à* sua solicitude; não há um ser, por ínfimo que seja, que dele não esteja de alguma sorte saturado.

Estamos, assim, constantemente em presença da Divindade; não há uma única de nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; nosso pensamento está em contato com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas dobras de nosso coração; *estamos nele como ele está em nós,* segundo a palavra do Cristo, para estender sua solicitude sobre as menores criaturas, não tem necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidão, nem deixar a *morada de sua glória,* porque esta morada está por toda a parte; nossas preces, para serem ouvidas por ele, não têm necessidade de transpor o espaço, nem de serem ditas com uma voz retumbante, porque, sem cessar, penetrados por ele, nossos pensamentos repercutem nele.

A imagem de um fluido inteligente universal, evidentemente, não é senão uma comparação, mas própria para dar uma idéia mais justa de Deus do que os quadros que o representam sob a figura de um velho com longa barba, coberto com um manto. Não podemos tomar nossos pontos de comparação senão nas coisas que conhecemos; é por isto que se diz todos os dias: O olhar de Deus, a mão de Deus, a voz de Deus, o sopro de Deus, a face de Deus. Na infância da Humanidade, o homem toma suas comparações pela letra; mais tarde, seu espírito, mais apto a agarrar as abstrações, espiritualiza as idéias materiais. A de um fluido universal inteligente, penetrando tudo, como seria o fluido luminoso, o fluido calórico, o fluido elétrico ou qualquer outro, se fossem inteligentes, tem por objeto fazer compreender *a* possibilidade para Deus de estar em toda a parte, de se ocupar de tudo, de velar sobre um ramo de planta como sobre os mundos. Entre ele e nós a distância está suprimida; compreendemos sua presença, e este pensamento, quando nos dirigimos a ele, aumenta a nossa confiança, porque não podemos mais dizer que Deus está muito longe e é muito grande para se ocupar de nós. Mas este pensamento, tão consolador para o humilde e para o homem de bem, é muito terrificante para o mau e os orgulhosos endurecidos, que esperam subtrair-se a ele por causa da distância, e que, doravante, se sentirão sob o aperto de seu poder.

Nada impede de admitir, para o princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o universo com seus eflúvios, como o sol com a sua luz. Mas, onde está esse foco? É provável que não esteja mais fixado sobre um ponto determinado quanto não o é a sua ação. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, esta faculdade em Deus deve ser sem limites.

Deus enchendo o universo, poder-se-ia admitir, a título de hipótese, que esse foco não tem necessidade de se transportar, e que ele *se forma* sobre todos os pontos onde a sua soberana vontade julga a propósito se produzir, de onde poder-se-ia dizer que ele está por toda a parte e em nenhuma parte.

Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve se humilhar. Deus existe: disto não poderíamos duvidar; ele é infinitamente justo e bom: é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos agora; sem cessar em contato com ele, podemos orar com a certeza de ser ouvido por ele; não pode querer senão o nosso bem, é porque devemos ter confiança nele. Eis o essencial; para o restante esperemos que sejamos dignos para compreendê-lo.

A VISÃO DE DEUS.

Uma vez que Deus está por toda a parte, por que não o vemos? Ve-lo-emos deixando a Terra? Tais são também as perguntas que se colocam diariamente. A primeira é fácil de se resolver: os nossos órgãos materiais têm percepções limitadas, que os tornam impróprios para a visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa visão e aos nossos instrumentos de análise. Vemos os efeitos da peste e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob a influência da força da gravidade, e não vemos essa força.

As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; não é senão pela visão espiritual que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo espiritual; só a nossa alma pode, pois, ter a percepção de Deus. Ela o vê imediatamente depois da morte? É o que só as comunicações de além-túmulo podem nos ensinar. Por elas, sabemos que a visão de Deus não é o privilégio senão das almas mais depuradas, e que assim bem poucos possuem, deixando seu envoltório terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Algumas comparações vulgares o farão facilmente compreender.

Aquele que está no fundo de um vale, cercado de uma bruma espessa, não vê o sol; no entanto, à luz difusa, julga da presença do sol. Se ele sobe a montanha, à medida que se eleva o nevoeiro clareia, a luz torna-se cada vez mais viva, mas não vê ainda o sol. Quando começa a percebê-lo, está ainda velado, porque um menor vapor basta para enfraquecer-lhe o brilho. Não é senão quando se está completamente elevado acima da camada brumosa, que, se encontrando num ar *perfeitamente puro,* ele o vê em todo seu esplendor.

Ocorre o mesmo com aquele cuja cabeça estaria envolvida debaixo dos véus; primeiro, ele não vê nada do todo; a cada véu que se levanta, distingue um lampejo cada vez mais claro; não é senão quando o último véu desapareceu que ele percebe nitidamente as coisas.

Ocorre o mesmo ainda com o licor carregado de matéria estranha; de início está turvo; a cada destilação sua transparência aumenta, até que, estando completamente depurado, ele adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo a visão.

Assim o é com a alma. O envoltório perispiritual, se bem que invisível e impalpável para nós, é para ele uma verdadeira matéria, muito grosseira ainda para certas percepções. Esse envoltório se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como os véus que obscurecem sua visão; cada imperfeição da qual se desfaz é um véu a menos, mas não é senão depois de estar completamente depurada que ela goza da plenitude de suas faculdades.

Sendo Deus, a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu brilho senão pelos Espíritos chegados ao mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não ouvem, não é porque dele estejam *mais afastados do que os outros;* como eles, como todos os seres da natureza, estão mergulhados no fluido divino; como nós o estamos na luz, os cegos também estão mergulhados na luz, e no entanto não a vêem. As imperfeições são véus que tiram Deus da visão dos Espíritos inferiores; quando o nevoeiro estiver dissipado, vê-lo-ão resplandecer: para isto, não terão necessidade nem de subir, nem de ir procurá-lo nas profundezas do infinito; a visão

espiritual estando desembaraçada de véus morais que a obscurecem, ve-lo-ão em qualquer lugar que se encontrem, fosse mesmo sobre a Terra, porque ele está por toda a parte.

O Espírito não se depura senão com o tempo, e as diferentes encarnações são os alambiques no fundo dos quais deixa, a cada vez, algumas impurezas. Deixando seu envoltório corpóreo, não se despoja instantaneamente de suas imperfeições; é porque há os que, depois da morte, não vêem mais Deus do que quando vivos; mas, à medida que se depuram, dele têm uma intuição mais distinta; se não o vêem, o compreendem melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, os Espíritos dizem que Deus os proíbe de responder a tal pergunta, não é que Deus lhes apareça ou lhes dirija a palavra para prescrever-lhes ou lhes proibir tal ou tal coisa. Não; mas o sentem, recebem os eflúvios de seu pensamento, como isto nos ocorre com relação aos Espíritos que nos envolvem com o seu fluido, embora não os vejamos.

Nenhum homem pode, pois, ver Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguns, isto não seria senão no estado de êxtase, quando a alma está tanto mais desligada dos laços da matéria quanto isto é possível durante a encarnação.

Aliás, um tal privilégio não seria senão o das almas de elite, encarnadas em missão e não em expiação. Mas como os Espíritos de ordem mais elevada resplandecem num brilho ofuscante, pode ser que os Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, tocados pelos esplendores que o cercam, tenham acreditado ver o próprio Deus. Vê-se, às vezes, um ministro ser tomado pelo seu soberano.

Sob qual aparência Deus se apresentaria àqueles que se tornaram dignos de favor? Sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco resplandecente de luz? É o que a linguagem humana está impossibilitada de descrever, porque não existe, para nós, nenhum ponto de comparação que possa dele dar uma idéia; somos como cegos a quem se procuraria em vão fazer compreender o brilho do sol. Nosso vocabulário é limitado às nossas necessidades e ao círculo de nossas idéias; o dos selvagens, não saberia pintar as maravilhas da civilização; o dos pobres mais civilizados é muito pobre para descrever os esplendores dos céus, nossa inteligência muito limitada para compreendê-los, e a nossa vista muito fraca por ele seria ofuscada.

UMA RESSURREIÇÃO.

O *Concorde,* jornal de Versailhes, de 22 de fevereiro de 1866, relato o episódio seguinte de um relatório publicado em folhetim, sob o título de: *En Corse, croquis à Ia plume.*

Uma jovem tinha uma velha tia que lhe servia de mãe, e à qual prestava uma ternura filial. A tia caiu doente e morreu. Afastou-se a jovem, mas esta fica à porta da câmara mortuária, chorando e orando. De repente ela acredita ouvir um fraco grito e como um gemido surdo; abre precipitadamente a porta e vê sua tia que tinha descartado o pano com o qual tinha sido coberta, e que lhe fazia sinal para se aproximar. Ela lhe disse, então, com uma voz apagada e fazendo um esforço supremo: "Savéria, estarei morta dentro em pouco,... sim, morta... Eu vi o Senhor... Ele permitiu-me retornar um instante sobre esta Terra, para que eu possa te dar um último adeus, uma última recomendação."

Então, ela lhe renovou um conselho muito importante que lhe tinha dado alguns dias antes, e do qual dependia seu futuro. Tratava-se de guardar um segredo absoluto sobre um fato cuja divulgação deveria ocasionar uma dessas terríveis vinganças tão comuns neste país. Sua sobrinha havendo prometido se conformar à sua vontade, ela acrescentou: "Agora posso morrer, porque Deus te protegerá como me protege nesta hora, uma vez que não levarei, indo-me, o remorso de deixar atrás de mim uma vingança a saciar num rego de sangue *e* de maldições... Adeus, minha pobre criança, eu te abençôo." Depois destas palavras, ela expirou.

Um de nossos correspondentes, que conhecia pessoalmente o autor, perguntou-lhe se seu relato era um conto tirado de sua imaginação. "Não, respondeu este, é a exata verdade. Tenho o fato da própria boca de Savéria, então quando estava na Córsega; citei suas próprias palavras, e ainda omiti certos detalhes, com medo de ser acusado de exagero."

Os fatos desta natureza não são sem exemplo; deles citamos um muito notável na *Revista* de agosto de 1863, página 251, sob o título de: *Sr. Cardon, médico.* São a prova evidente da existência e da independência da alma; porque, se o princípio inteligente fosse inerente à matéria, se extinguiria com ela. A questão é saber se, por um ato da vontade, a alma pode reentrar momentaneamente na posse do corpo que acaba de deixar.

Não é preciso assimilar o fato acima, nem o do médico Cardon, ao estado letárgico. A letargia é uma suspensão acidental da sensibilidade nervosa e do movimento que oferece a imagem da morte, mas que não é a morte, uma vez que não há decomposição, e que os letárgicos viveram muitos anos depois de seu despertar. A vitalidade, por ser latente, não está menos em toda a sua força, e a alma não está mais desligada do corpo do que no sono comum. Na morte verdadeira, ao contrário, a matéria se desorganiza, a vitalidade se extingue, o perispírito se separa; o trabalho da dissolução começa antes mesmo que a morte tenha ocorrido. Enquanto ela não estiver consumada, pode aí haver retornos passageiros à vida, como aqueles que citamos, *mas sempre de curta duração,* tendo em vista que a vontade pode muito bem retardar por alguns instantes a separação definitiva do perispírito, mas ela é impotente para deter o trabalho da dissolução, quando o momento é chegado. Quaisquer que sejam as aparências exteriores, pode-se dizer que, todas as vezes que há um retorno à vida, é que não há morte na acepção patológica da palavra. Quando a morte é completa, esses retornos são impossíveis, a isto se opõem as leis fisiológicas.

Na circunstância da qual falamos, pode-se, pois, racionalmente admitir que a morte não estava consumada. Tendo o fato sido reportado à Sociedade de Paris, um guia de um de nossos médiuns habituais dele deu a explicação seguinte, que reproduzimos sob toda reserva, como uma coisa possível, mas não materialmente provada, e a título de observação.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de março de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

No caso objeto de vossa discussão, há um fato positivo, o da morta que falou à sua sobrinha. Resta saber se esse fato é do domínio material, quer dizer, se houve retorno momentâneo à vida corpórea, ou se é de ordem espiritual; é esta última hipótese que é a verdadeira, porque a velha senhora estava realmente bem morta. Eis o que se passou.

A jovem, ajoelhada no limiar mortuário, sofreu um impulso irresistível que a levou junto ao leito de sua tia que, como disse, estava bem morta. Foi a ardente vontade do Espírito dessa mulher que provocou o fenômeno. Sentindo-se morrer sem poder fazer a recomendação tão vivamente desejada, ela pediu a Deus, na sua última e suprema prece, poder dizer à sua sobrinha o que ela desejava dizer-lhe. A separação estando já feita, o fluido perispiritual, ainda impregnado de seu desejo, envolveu a jovem e a levou até seu despojo. Ali, por uma permissão de Deus, ela tornou-se médium vidente e audiente; viu e ouviu sua tia, falando e agindo, não com o seu corpo, mas bem por meio de seu perispírito ainda aderente ao corpo; de sorte que houve uma visão e audição espirituais e não materiais.

A recomendação da tia, feita num semelhante momento e nas circunstâncias que tinham o ar de uma ressurreição, deveria impressionar mais vivamente a jovem, e fazê-la dela compreender toda a importância. Se bem que já tivesse feito quando viva, queria

levar a certeza de que sua sobrinha a isso se conformaria, para evitar as infelicidades que teriam resultado de uma indiscrição.

Sua vontade não pôde fazer seu corpo reviver, contrariamente *às* leis da Natureza, mas pôde dar ao seu envoltório fluídico as aparências de seu corpo.

EBELMAN.

CONVERSAS DE ALEM-TUMULO.

O ABADE LAVERDET.

O Sr. Laverdet era um dos pastores da Igreja francesa e o coadjutor do abade Châtel. Era um homem de um grande saber e gozando, pela elevação de seu caráter, da estima daqueles que o conheceram. Morreu em Paris, no mês de novembro último. Um de seus mais íntimos amigos, o Sr. Monvoisin, o eminente pintor de história, Espírita fervoroso, tendo desejado ter dele algumas palavras de além-túmulo, nos pediu para evocá-lo. A comunicação que ele deu, tendo, para seu amigo e para seu irmão, uma marca incontestável de identidade, acedemos ao desejo manifestado por esses dois senhores publicando-a, e isto tanto mais de boa vontade quanto ela é instrutiva em mais de um aspecto.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866. - Médium, Sr. Desliens.)

Evocação. Vosso amigo, o Sr. Monvoisin, informou-me de vossa morte hoje, e, embora não tivéssemos tido a vantagem de vos conhecer pessoalmente, vos conhecemos de reputação pela parte que tomastes na formação da Igreja francesa. A estima da qual gozais a justo título, o estudo que havíeis feito do Espiritismo antes de morrer, unidos aos desejos de vosso amigo e de vosso irmão, nos dão o de conversar convosco, se Deus o permitir. Ficaremos felizes se consentirdes nos dar a conhecer as vossas impressões como Espírito, seja sobre a reforma religiosa na qual trabalhastes e as causas que detiveram seu progresso, seja sobre a Doutrina Espírita.

Resposta. Caro senhor, estou feliz, bem feliz pela boa lembrança de meu caro amigo Sr. Monvoisin. Graças a ele, posso hoje, nesta honorável assembléia, exprimir a minha admiração pelo homem cujos sábios estudos levaram a felicidade a todos os corações deserdados e feridos pela injustiça dos homens. Reformador eu mesmo, estou mais do que ninguém em posição de apreciar toda a prudência, toda a sabedoria de vossa conduta, caro senhor e mestre, se me permitirdes vos dar este título.

Pouco satisfeito com as tendências gerais do clero ortodoxo, de sua maneira parcimoniosa de difundir a luz devida a todos, quis, de acordo com o abade Châtel, estabelecer sobre novas bases um ensino, levando o título de religião, mais em relação com as necessidades gerais das classes pobres. Nosso objetivo foi louvável de início, mas nosso empreendimento pecava por sua base, por seu título, que era tal que se deveria vir a nós, antes para agravar a religião estabelecida do que por convicção íntima. Nós o reconhecemos logo, mas, muito fáceis, aceitamos com solicitude as crianças que repeliam outros padres, por falta de instrução suficiente ou de formalidades necessárias.

O Espiritismo procede de modo inteiramente diferente; é firme e prudente; não procura o número, mas a qualidade dos adeptos. É um ensino sério e não uma especulação.

Nossa reforma, que desde o início era completamente desinteressada, foi logo considerada, pelo abade Châtel, sobretudo, como um meio de fazer fortuna. Foi essa a primeira causa de sua ruína. Não tínhamos bastante elementos de resistência, e é preciso muito dize-lo, tínhamos pouca intriga, felizmente sem dúvida, para levar um tal empreendimento a bom termo. O primeiro primado francês não teve sucessor. Não tentei

pôr-me como chefe de uma seita da qual fui um dos fundadores de segunda ordem, porque, em primeiro lugar, eu não aprovava todas as tendências do abade Châtel, tendências que o caro homem expiou e que expia ainda no mundo dos Espíritos. De outra parte, minha simplicidade isso repugnava; abstive-me, e disto, sou feliz hoje.

Quando vim propor-me de novo para retomar a obra interrompida, a leitura de vossas obras, caro senhor, já tinha lançado profundas raízes em mim. Compreendi que se tratava não só de modificar a forma do ensino, mas o próprio ensino. Por sua natureza, nossa reforma não podia, necessariamente, ter senão um tempo; fundada sobre uma idéia atrasada, sobre uma concepção humana, inteiramente desenvolvida e limitada em seu início, ela deveria, mesmo com todas as chances de sucesso, encontrar-se logo extravasada pelas sementes progressistas, das quais vemos hoje a germinação.

O Espiritismo não tem esse defeito; ele caminha com o progresso, e é o próprio progresso e não poderia ser ultrapassado por aquele que constantemente precede. Aceitando todas as idéias novas fundadas sobre a razão e a lógica, desenvolvendo-as, fazendo delas surgir o desconhecido, seu futuro está assegurado. Permiti-me, caro senhor, vos agradecer em particular pelo prazer que senti em estudar os sábios ensinos publicados sob vossos cuidados. Meu Espírito, perturbado pelo desejo de saber o que escondiam todos os mistérios da Natureza, foi tocado, em sua leitura, da mais viva luz.

Sei que, por modéstia, repelis todo elogio pessoal; sei também que esses ensinos não são vossa concepção, mas a reunião das instruções de vossos guias; no entanto, isso não é menos à vossa reserva, à vossa habilidade em apresentar cada coisa em seu tempo, à sua sábia lentidão, à vossa moderação constante, que o Espiritismo deve, depois de Deus e dos bons Espíritos, por gozar a consideração que se lhe concede. Apesar de todas as diatribes, todos os ataques ilógicos e grosseiros ele não é menos hoje uma opinião que faz lei e que é aceita por muitas pessoas sensatas e sérias, e ao abrigo das suspeitas. É uma obra de futuro; está sob a égide do Todo-Poderoso, e o concurso de todos os homens superiores e inteligentes lhe será adquirido desde que conheçam suas verdadeiras tendências, desfiguradas pelos seus adversários.

Infelizmente, o ridículo é uma arma poderosa neste país de progresso! Quantidade de pessoas esclarecidas se recusam a estudar certas idéias, mesmo em segredo, quando elas foram estigmatizadas pelas vulgares zombadas. Mas há coisas que desafiam todos os obstáculos; o Espiritismo é destas, e sua hora de vitória soará logo. Ele reunirá em seu redor toda a França, toda a Europa inteligente, e muitos tolos muito confusos ficarão, aqueles que ousarem ainda colocar à conta da imaginação fatos reconhecidos por inteligências sem paralelo.

Quanto ao meu estado pessoal, é presentemente satisfatório; dele não vos direi nada; chamarei somente a vossa atenção e vossas preces sobre o meu antigo colega, o abade Châtel. Orai por ele. Mais tarde, seu espírito desviado, mas elevado, poderá vos ditar sábias instruções. Agradeço-vos de novo pela vossa benevolência a meu respeito, e me coloco à vossa inteira disposição, se vos posso ser útil no que seja.

O abade LAVERDET.

UM PAI DESCUIDADO COM SEUS FILHOS.

Charles-Emmanuel JEAN era um artesão bom e brando de caráter, mas dado à embriaguez desde a sua juventude. Tinha concebido uma viva paixão por uma jovem de seu conhecimento, que tinha inutilmente pedido em casamento; esta o tinha sempre repelido, dizendo que jamais se casaria com um bêbado. Ele desposou uma outra, com a qual teve vários filhos; mas, absorvido que estava pela bebida, não se preocupou em nada em de lhes dar educação, nem com o seu futuro. Morreu em torno de 1823, sem que se soubesse o que tinha se tornado. Um de seus filhos seguiu os passos do pai;

partiu para a África e não se ouviu mais falar dele. O outro era de uma natureza toda diferente; sua conduta foi sempre regular. Entrado em boa hora em aprendizagem, se fez gostar e estimar por seus patrões como obreiro organizado, laborioso, ativo e inteligente. Por seu trabalho e suas economias, se fez uma posição honrada na indústria, e educou de maneira muito conveniente uma numerosa família. E hoje um Espírita fervoroso e devotado.

Um dia, numa conversa íntima, nos expressou o desgosto de não ter podido assegurar, aos seus filhos, uma fortuna independente; procuramos tranqüilizar a sua consciência felicitando-o, ao contrário, sobre a maneira pela qual tinha cumprido os seus deveres de pai. Como é bom médium, pedimos-lhe para rogar uma comunicação, sem chamar um Espírito determinado. Ele escreveu:

"Sou eu, Charles-Emmanuel."

É meu pai, disse ele; pobre pai! Ele não é feliz.

O Espírito continuou: Sim, o senhor tem razão; tu fizestes mais por teus filhos do que não fiz para ti; assim tenho uma tarefa rude para cumprir. Bendize a Deus, que te deu o amor da família.

Pergunta (pelo Sr. Allan Kardec). De onde vos veio vosso pendor pela embriaguez? - *Resposta.* Um hábito de meu pai, do qual herdei; era uma prova que deveria ter combatido.

Nota. Seu pai tinha, com efeito, o mesmo defeito, mas não é exato dizer que era um hábito do qual tinha herdado; muito simplesmente ele cedeu à influência do mau exemplo. Não se herdam vícios'de caráter como se herdam vícios de conformação; o livre arbítrio tudo pode sobre os primeiros, e nada pode sobre os segundos.

P. Qual é vossa posição atual no mundo dos Espíritos?

- *R.* Estou sem cessar a procurar meus filhos e aquela que me fez tanto sofrer; a que sempre me repeliu.

P. Deveis ter uma consolação em vosso filho Jean, que é um homem honrado e estimado, e que pede por vós, embora vós vos ocupastes pouco dele? *R.* Sim, eu o sei, e ele o faz ainda; é porque me é permitido vos falar. Estou sempre perto dele, tratando de aliviar suas fadigas; é a minha missão; ela não acabará senão na vinda de meu filho para junto de nós.

P. Em que situação vos encontrastes como Espírito, depois de vossa morte? - *R.* De início, não me acreditava morto; eu bebia sem cessar; via Antoinette, que queria alcançar e me fugia. Depois, procurei meus filhos, que amava apesar de tudo, e que minha mulher não queria me entregar. Então eu me revoltava reconhecendo meu nada e minha impotência, e Deus me condenou a velar sobre meu filho Jean, que jamais morrerá por acidente, porque por toda a parte e sempre eu o salvo de uma morte violenta.

Nota. Com efeito, o Sr. Jean muitas vezes escapou, como por milagre, a perigos iminentes; esteve prestes a ser afogado, a ser queimado, e ser esmagado nas engrenagens de uma máquina, saltar com uma máquina a vapor; em sua juventude ficou enforcado por acidente, e sempre um socorro inesperado o salvou no momento mais crítico, o que foi devido, ao que parece, à vigilância exercida por seu pai.

P. Dissestes que Deus vos *condenou a* velar sobre a segurança de vosso filho; não vejo que esteja aí uma punição; uma vez que o amais, essa deve ser, ao contrário, uma satisfação para vós. Uma multidão de Espíritos são nomeados para a guarda dos encarnados, dos quais são os protetores, e está aí uma tarefa que são felizes em cumprir. - *R.* Sim, mestre; não devia abandonar meus filhos como o fiz; então a lei de justiça me condenou a reparar. Não o faço à força; estou feliz de fazê-lo por amor de meu filho; mas *a dor que ele sentiria nos acidentes dos quais eu o salvo, sou eu que a suporta;* ele

deveria ter perecido com dez balas, eu senti o mal que ele suportaria se a coisa se cumprisse. Eis a punição que justamente me atrai, não cumprindo junto dele meus deveres de pai durante minha vida.

P. (Pelo Sr. Jean.) Vedes meu irmão Numa, e podeis dizer onde ele está? (Aquele que era dado à embriaguez e cuja sorte ficou ignorada.) - *R.* Não, não o vejo, eu o procuro. Tua filha Jeanne viu-o nas costas da África, cair no mar; eu não estava lá para socorrê-lo; não o podia.

Nota. A filha do Sr. Jean, num momento de êxtase, o tinha, efetivamente, visto cair no mar, na época de seu desaparecimento.

A punição deste Espírito oferece esta particularidade de que sente as dores que está encarregado de poupar em seu filho; compreende-se, desde então, que essa missão seja penosa; mas, como disso não se lamenta, que a considera com uma justa reparação, e que isto não diminui sua afeição por ele, essa expiação lhe é proveitosa.

LEMBRANÇAS RETROSPECTIVAS DE UM ESPÍRITO.

(Comunicação espontânea. - Tulle, 26 de fevereiro de 1866. - Médium, Sr. Leymarie.)

Sabeis, meus amigos, de que lugar está datada minha comunicação? De uma garganta perdida onde as casas disputaram seus alicerces nas dificuldades acumuladas pela criação. Sobre a inclinação de colinas quase a pico, serpenteada de ruas dispostas em andares, ou antes, dependuradas nos flancos dos rochedos. Pobres moradas que abrigaram muitas gerações; acima dos telhados se achavam os jardins onde os pássaros cantavam sua prece. Quando as primeiras flores anunciam belos dias cheios de ar e de sol, essa música parece sair das camadas aéreas, e o habitante que entorce e trabalha o ferro, dá-lhe acabamento, e seu ruído discordante, casa seu ritmo ácido e barulhento à harmonia dos pequenos artistas do bom Deus.

Acima dessas casas estropiadas, descabeladas, originais, deslocadas, há altas montanhas com um verde sem igual; o viandante a cada passo vê se alargar o horizonte; as aldeias, as igrejas parecem sair do abismo, e esse panorama estranho, selvagem, cambiante, se perde na distância, dominado pelas montanhas com o topo embranquecido pelas neves.

Mas esquecia-me: sem dúvida, deveis perceber uma lâmina prateada, clara, caprichosa, transparente como um espelho: é o Corrèze. Ora encaixado nos rochedos, ele é silencioso e sério; ora se escapa alegre, jovial, através das pradarias, dos salgueiros e dos choupos, oferecendo sua taça aos lábios de numerosos rebanhos, e sua benfazejatransparência aos folguedos dos banhistas; ele purifica a cidade, que partilha graciosamente.

Eu amo este país, com suas velhas moradas, seu gigantesco campanário, seu rio, seu barulho, sua coroa de castanheiros; eu o amo porque nasci ali, porque tudo o que lembro ao vosso espírito benevolente faz parte das lembranças de minha última encarnação. Os pais queridos, os amigos sinceros, sempre me cercaram de ternos cuidados; ajudaram o meu adiantamento espiritual. Conseguidas as grandezas, devo-lhes meus sentimentos fraternos; meus trabalhos os honram, e quando venho como Espírito visitar a cidade de minha infância, não posso me impedir de subir ao Puy-Saint-Clair, a última morada dos cidadãos de Tulle, saudar os restos terrenos dos Espíritos amados.

Estranha fantasia! Esse cemitério está a quinhentos pés acima da cidade; tudo ao redor o horizonte infinito. A gente está só na Natureza, sua fascinação e Deus, o rei de todas as grandezas, de todas as esperanças. Nossos avós tinham querido aproximar os mortos amados de sua verdadeira morada, para lhes dizer: Espíritos! libertai-vos! o ar ambiente vos chama. Saí resplandecentes de vossa prisão, afim de que o espetáculo

encantador desse horizonte imenso vos prepare para as maravilhas que estais chamados a contemplar. Se tiveram esse pensamento, eu o aprovo, porque a morte não é tão lúgubre como se quer pintá-la. Não é ela para os Espíritas a verdadeira vida, a separação desejada, a bem-vinda do exilado nos grupos da erraticidade, onde vêm estudar, aprender e se preparar para novas provas?

Em alguns anos, em lugar de gemer, de se cobrir de negro, será uma festa para os Espíritas encarnados essa separação, quando a morte tiver cumprido os deveres espíritas em toda a acepção da palavra; mas se chorará, ou gemerá pelo terreno egoísta que não praticou jamais a caridade, a fraternidade, todas as virtudes, todos os deveres tão bem precisados em *O Livro dos Espíritos.*

Depois de ter falado dos mortos, permiti-me falar dos vivos? Eu me apego muito a todas as esperanças, e meu país, onde há tanto a fazer, merece bem votos sinceros.

O progresso, esse nivelador inflexível, é lento, é verdade, para se implantar nos países montanhosos, mas ele sabe a tempo se impregnar nos hábitos, nos costumes; ele afasta uma a uma as oposições, para deixar entrever, enfim, claridades novas a esses párias do trabalho, cujo corpo, sempre pendido sobre uma terra ingrata, é tão rude quanto o traçado dos campos.

A vigorosa natureza desses bravos habitantes espera a redenção espiritual. Não sabem o que é senão pensar, julgar sadiamente e utilizar todos os recursos do Espírito; o único interesse os domina em toda a sua rudeza, *e* o alimento pesado e comum se presta a essa esterilidade do espírito. Vivendo longe do ruído da política, das descobertas científicas, são como bois, ignorando sua força, prontos para aceitar o jugo, e sob o golpe do aguilhão vão à missa, ao cabaré, à aldeia, não por interesse, mas por hábito, imóveis nos templos, saltando aos sons discordantes de uma gaita, soltando gritos insensatos, e obedecendo brutalmente aos movimentos da carne.

O sacerdote se guarda bem de mudar seus velhos usos e costumes; ele fala da fé, de mistérios, de paixão, do diabo sempre, e essa mistura incoerente encontra um eco desarmônico nas cabeças dessas bravas pessoas que fazem votos, peregrinações de pés nus, e se entregam aos costumes supersticiosos mais estranhos.

Assim, quando uma criança está doente, pouco aberta, faltando inteligência, apressa-se em levá-la a uma aldeia chamada Saint-Pao (dizei Saint-Paul); primeiro é mergulhada numa água privilegiada, mas que se paga; depois se a faz sentar sobre uma bigorna benta, e um ferreiro, armado de um pesado martelo, bate vigorosamente sobre a bigorna; a comoção sentida pelos golpes repetidos cura infalivelmente (diz-se) o paciente. Chama-se isso fazer-se forjar em Saint-Pao. As mulheres que têm **baço** vão também se banhar na água miraculosa e se fazer forjar. Julgai por este exemplo sobre cem o que é o ensino dos vigários deste país.

No entanto, tomai esse bruto e falai de seu interesse, logo o camponês astuto, prudente como um selvagem, se defende com firmeza e confunde os juizes mais finos. Fazei um pouco de luz em seu cérebro, ensinai-lhe os primeiros elementos das ciências, e tereis homens verdadeiros, fortes de saúde, espíritos viris e cheios de boa vontade. Que os caminhos de ferro cruzem este país e logo tereis um solo fértil com vinho, frutas deliciosas, grão escolhido, trufas perfumadas, castanhas deliciosas, a videira ou cogumelos sem iguais, madeiras magníficas, minas de carvão inesgotáveis, ferro, cobre, bestas de primeira ordem, ar, verdura, paisagens esplêndidas.

E quando tanto de esperança não pedem senão desabrochar, quando tantas outras regiões estão, como aquela, numa prostração mortal, desejamos que, em todos os corações, em todos os recantos perdidos deste mundo, penetre *O Livro dos Espíritos.* A doutrina que ele encerra só ela a que pode mudar o espírito das populações, arrancando-as à pressão absurda daqueles que ignoram as grandes leis da erraticidade, e que querem imobilizar a crença humana numa complicação onde, eles mesmos, têm tanta dificuldade em se reconhecer. Trabalhamos, pois, todos com ardor para esta renovação

desejada, que deve derrubar todas as barreiras, e criar o fim prometido à geração que nos virá logo.

BALUZE.

Nota. - O nome de Baluze é conhecido de nossos leitores pelas excelentes comunicações que dita, freqüentemente, ao seu compatriota e médium predileto, o Sr. Leymarie. Foi durante uma viagem deste último em seu país, que lhe deu a comunicação acima. Baluze, sábio historiador, nasceu em Tulle, em 1630, morreu em Paris, em 1718, publicou um grande número de obras estimadas; ele foi bibliotecário de Colbert. Sua biografia (Dicionário de Feller) diz "que as pessoas de letras lamentam nele um sábio profundo, e seus amigos um homem brando e benfazejo." Há, em Tulle, um cais que leva seu nome. O Sr. Leymarie, que ignorava a história de Saint-Pao, disto se informou, e adquiriu a certeza de que essas práticas supersticiosas estão ainda em uso.

NECROLOGIA.

MORTE DO DOUTOR CAILLEUX,
Presidente do grupo espírita de Montreuil-sur-Mer.

O Espiritismo vem de perder um de seus mais dignos e mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. doutor Cailleux, morto na sexta-feira, 20 de abril de 1866. Não podemos prestar mais brilhante homenagem à sua memória do que reproduzindo um dos artigos publicados a esse respeito pelo *Journal de Montreuil,* de 5 de abril.

"Um homem de bem vem de se apagar no meio da dor geral. O Sr. CAILLEUX, doutor em medicina há quase trinta anos, membro do Conselho municipal, membro da Agência de beneficência, médico dos pobres, médico das epidemias, morreu sexta-feira última, às 7 horas da noite.

"Segunda-feira, uma multidão imensa, composta de todas as classes da sociedade, conduziu-o à sua última morada. O silêncio religioso que reinou em todo o percurso do enterro dava, a essa triste e imponente cerimônia, o caráter de uma manifestação pública. Esse simples féretro, seguido de quase três mil pessoas em pranto ou mergulhada numa dor muda, tocou os corações mais duros. Era toda uma cidade que tinha acorrido prestar os últimos deveres a um dos seus mais caros habitantes; era toda uma população que queria conduzir até o cemitério aquele que tinha tantas vezes se sacrificado por ela.

"Os pobres que o Sr. Cailleux tinha tão freqüentemente cumulado com seus benefícios mostraram que tinham um coração reconhecido; um grande número de operários deram mãos de carregadores do caixão de seu benfeitor e se fizeram uma glória levar até o cemitério esse precioso fardo!...

"As pontas do lençol estavam sustentadas pelo Sr. Lecomte, 1ª adjunto; Sr. Cosyn, 1fi conselheiro municipal; Sr. Hacot, membro da Agência de beneficência, e o Sr. Delplanque, médico e conselheiro municipal. - Diante do cortejo caminhava o Conselho municipal, precedido do Sr. Emile Delhomel, chefe do corpo municipal. Na assembléia, notava-se o Sr. Charbonnier, vice-prefeito; o Sr. Martinet, procurador imperial; o Sr. comandante do lugar, todas as notabilida-des da cidade e os médicos das localidades vizinhas.

"Um grande número de soldados da guarnição, que o Sr. Cailleux tinha cuidado no Hôtel-Dieu, tinha obtido o favor de assistir ao enterro e se apressaram em vir misturar-se à multidão.

"Quando chegou ao cemitério, um operário abriu caminho na multidão, e, detendo-se diante do túmulo, pronunciou com voz emocionada, em meio do silêncio geral, estas poucas palavras: "Homem de bem, que fostes o benfeitor dos pobres e que morrestes

vítima de vosso sublime devotamento, recebei nossos últimos adeuses, vossa lembrança morará eternamente em nossos corações." Depois destas palavras, ditadas por um sentimento de reconhecimento, a multidão se retirou num recolhimento religioso. A tristeza que reinava sobre todas as frontes mostrava bem que imensa perda a cidade de Montreuil vinha de sofrer.

"O Sr. Cailleux, com efeito, havia sabido, por suas numerosas qualidades, conquistar para si a estima universal. Toda a sua vida não foi senão uma seqüência de atos de devotamento; trabalhou até o último dia, sem querer jamais repousar, e, na últimaterça-feira, ainda foi visitar vários enfermos no campo. Quando se lhe falava de sua idade avançada e se lhe convidava a repousar de suas numerosas fadigas, respondia de bom grado como Arnauld: 'Tenho a eternidade inteira para repousar." Cada hora de sua vida foi consagrada a cuidar dos enfermos, a consolar os aflitos; ele não vivia para si, mas para seu semelhante, e toda a sua existência pode se resumir nestas três palavras: CARIDADE, DEVOTAMENTO, ABNEGAÇÃO.

"Nestes últimos tempos, quando a epidemia grassou em Étaples *e* nas aldeias dos arredores, o doutor Cailleux colocou-se inteiramente ao serviço dos doentes, e percorreu as aldeias infestadas, visitando os pobres, cuidando de uns, socorrendo outros, e tendo consolações para todos. Visitou, assim, mais de 800 doentes, entrando nas casas mais malsãs, sentando na cabeceira dos moribundos e lhes administrando, ele mesmo, os remédios, sem jamais se lamentar, permanecendo, ao contrário, de um humor sempre igual e de uma alegria proverbial. O doente que o via já estava metade curado por esse humor jovial, sempre acompanhado de uma palavra para rir.

"Oito dias antes de sua morte, o Sr. Cailleux foi visitar seus doentes de Berck, Lefaux, Camiers e Étaples, depois sua noite foi consagrada aos doentes da cidade: eis qual era para ele a obra de uma única jornada!

'Tanta abnegação iria lhe ser funesta, deveria ser a última vítima do flagelo. No dia 29 de março, começou a sentir uma forte diarréia... Ia repousar quando foi chamado para um doente do campo. Apesar dos conselhos amigos, ele partiu dizendo: "Não quero expor um doente por minha falta; se ele morresse, disto seria eu a causa. Não faço senão cumprir o meu dever." Quando voltou à noite por um mau tempo, novos sintomas da doença apareceram. Colocou-se no leito, o mal aumentou, no dia seguinte a doença estava declarada, e na sexta-feira ele expirou...

Assusta-se quando se pensa nas dores terríveis que deve sentir um homem que conhece a sua posição, que se vê morrer. O próprio Sr. Cailleux indicou o tratamento a seguir a dois de seus confrades acorridos junto dele para assisti-lo. Sabia bem que disso não se curaria. "Se a melhora não se fizer logo se sentir, dizia ele, em doze horas não existirei." Via-se morrer, sentia a força vital diminuir e se extinguir pouco a pouco, sem poder deter a sua caminhada para o túmulo. Seus últimos momentos foram calmos e serenos e eu não saberia chamar essa morte do que o repouso no Senhor. *Beati qui moriuntur in Domino.*

"Algumas horas antes de sua morte, perguntou-se-lhe que remédio seria preciso empregar. "A ciência humana, disse ele, empregou todos os remédios que estão em seu poder, só Deus pode agora deter o mal, é preciso confiar em sua divina providência." - Inclinou-se, então, sobre seu leito, e, olhos fixados para o céu, como se estivesse sentindo um antegozo da beatitude celeste, ele expirou sem dor, sem nenhum grito, da morte mais doce e mais calma.

"Homem de bem, cuja vida toda não foi senão um longo devotamento, trabalhastes sobre esta Terra, agora gozais da recompensa que Deus reserva àqueles que sempre observaram a sua lei. Enquanto o egoísmo corria sem obstáculos sobre a Terra, transbordáveis de abnegação e de caridade. Visitar os pobres, socorrer os doentes, consolar os aflitos, eis qual foi a vossa obra. Oh! quantas famílias vos bendizem! quantos pais a quem salvastes seus filhos durante a última epidemia, quantas crianças que iriam ser órfãs

arrebatastes ao flagelo destruidor, quantas famílias salvas pelo vosso devotamento vieram, segunda-feira, para vos acompanhar à vossa última morada e chorar sobre o vosso túmulo.

'Vossa vida foi sempre pura e sem mancha; vossa morte foi heróica; soldado da caridade, sucumbistes salvando vossos irmãos da morte, perecestes atingido pelo flagelo que combatíeis. Este glorioso devotamento iria receber a sua recompensa, e logo a cruz de honra, que havíeis tão nobremente ganhado, iria brilhar sobre o vosso peito.....Mas Deus tinha sobre vós outros desígnios, vos preparava

uma recompensa mais bela do que as recompensas dos homens, vos preparava a felicidade que reserva aos seus fiéis servidores. Vossa alma voou para esses mundos superiores onde, desembaraçado desse pesado envoltório material, liberto de todos os laços que, sobre a Terra, pesam sobre nós, ela goza agora da perfeição e da felicidade que a esperam.

"Neste dia de felicidade, não vos esqueçais, pensai nos numerosos amigos que deixastes sobre esta Terra e que a vossa separação mergulha numa profunda dor. Praza ao céu que um dia nos reencontremos lá em cima para ali gozar de uma felicidade eterna!.... É esta esperança que nos consola e que nos dará aforça para suportar com paciência a vossa ausência...

A. J."

Pela cópia conforme: JULES DUVAL

Que se me permita, como complemento deste artigo, citar alguns fragmentos do magnífico discurso fúnebre pronunciado, há um ano, por Victor Hugo.

(Segue um extrato desse discurso que publicamos na *Revista* de fevereiro de 1865, p. 59.)

Não são, certamente, os apóstolos do *nihilismo* que escrevem tais palavras.

A carta pela qual se nos informa deste acontecimento contém a passagem seguinte:

"O Sr. Cailleux, doutor em medicina, presidente do grupo espírita de Montreuil, vem de morrer vítima de seu devotamento durante o cólera que desolou nossas regiões. Morreu um espírita convicto, e o clero da cidade acreditou dever, por esta razão, recusar-lhe a sepultura eclesiástica; mas, como o vereis pelo número do jornal que vos envio, toda a população prestou uma solene homenagem às suas virtudes. No entanto, a família fez tentativas ao bispo para que um serviço fúnebre fosse cantado na igreja, embora não haja tido senão um enterro civil. Ele foi obtido, e o serviço teve lugar na quinta-feira, 5 de abril.

"O Espiritismo teve uma grande perda pela morte do Sr. Cailleux, e estou persuadido de que todos os meus irmãos em crença se associarão aos meus legítimos lamentos. Graças ao seu devotamento e ao seu zelo esclarecido, a Doutrina fez tão rápidos progressos nas regiões como na cidade e as circunvizinhanças contam-se várias centenas de espíritas.

"O Conselho municipal da cidade de Montreuil decidiu, por unanimidade, por proposta de seu chefe, que um monumento público seja levantado, às expensas da cidade, como homenagem prestada à memória deste homem de bem."

Foi-nos dirigido o extrato seguinte de uma comunicação dada por ele aos seus colegas de Montreuil; nela foi suprimido o que se trata de coisas pessoais:

".....Voltais à minha morte. Pois bem! ela foi útil à nossa causa,

no sentido que despertou a atenção adormecida de numerosas almas privadas da verdade, e, conseqüentemente, da vida. Toda coisa que desaparece deixa sempre um vazio no lugar que ocupava; mas, sabei-o, esse vazio não é senão aparente, não existe senão para vós que vedes *curto,* porque se encontra preenchido de uma outra parte. Não perdeis, pois, nada, eu o repito, na minha morte; ao contrário, com ela ganhareis muito,

não que eu haja feito, durante a minha vida corpórea, prodígios de caridade próprios a colocar em relevo a Doutrina que professamos juntos, mas porque, fiéis aos princípios espíritas, fui hoje objeto de manifestações hostis que devem necessariamente chamar manifestações contrárias. Jamais foi de outro modo sobre a Terra:

O bem e o mal não se chocam cada vez que se reencontram?

"Resulta, pois, de tudo isto, que nesta hora entrais numa fase nova que nossos bons guias tinham preparado há muito tempo com os seus ensinos. Mas de decomposição de vossa sociedade, - de nenhum modo, - se persistirdes sempre nos sentimentos dos quais vos vejo animados neste momento. Sabeis qual é minha recompensa? É de se ver a felicidade relativa que sentis pela Doutrina na qual manifestei, em toda circunstância, o zelo campeão. É-vos difícil conceber uma alegria mais pura. Que são, ao lado dela, as alegrias grosseiras de vosso mundo? Que são as honras sob as quais escondeis as misérias de vossas almas? que são os prazeres que procurais para entorpecer vossos tristes retornos? o que é tudo isso em comparação com o que sinto? Nada! menos que uma fumaça.

"Perseverai em vossos sentimentos, perseverai até a morte.

"Vi que vos propondes vos organizar regularmente: é uma sábia medida; a fraqueza deve se precaver sempre contra as armadilhas e as surpresas do espírito do mal. Ah! o espírito do mal! não é Satã. É encontrado a cada passo num mundo em que vos acotovelais. Regulai, pois, a ordem de vossas sessões, de vossas evocações, de vossos estudos. Ligai-vos uns aos outros pelos laços voluntários da caridade, da benevolência e da submissão. Eis a melhor maneira de recolher frutos abundantes e doces."

Eis a primeira comunicação que deu à Sociedade de Paris:

(13 de abril de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

Evocação.

Caro e venerado doutor Cailleux,

Soubemos, quando vivíeis, vos apreciar como espírita fervoroso e devotado; chamado, sem dúvida, pela Providência a implantar a Doutrina em vossa região, dela mantivestes a bandeira alta e firme, desafiando sem desfalecimento os sarcasmos e a perseguição; também o sucesso coroou os vossos esforços. Não é apenas o irmão em crença que viemos saudar hoje por sua partida da Terra, é o homem de bem, aquele que não só pregou o Espiritismo por suas palavras, mas que soube fazê-lo amar e respeitar pelo seu exemplo e pela prática das virtudes cristãs. Recebei, pois, aqui a expressão de nossas mais vivas simpatias e a esperança de que consentireis vir, freqüentemente, ao nosso meio e vos associar aos nossos trabalhos.

Resposta. - Eis-me, obrigado. - Faláveis há pouco das tendências inerentes ao organismo humano. Observa-se mais especialmente as que se prendem aos maus instintos, porque os homens são sempre levados a se guardar daquilo que pode lhes ser nocivo ou lhes causar qualquer embaraço; mas as tendências ao bem passam, freqüentemente, desapercebidas aos olhos da sociedade, porque é sempre mais difícil encontrar e mostrar a violeta do que encontrar o cardo.

Se começo assim, não vos surpreendais com isto. Como o dizíeis há pouco, o Espírito é o único responsável pelos seus atos; ele não pode se desculpar atribuindo sua falta a Deus; não, os bons e os maus sentimentos são o resultado de conquistas anteriores. Quando vivo, levei instinto para o bem, para o alívio de meus irmãos em Deus, declino a honra de todos os vossos louvores, porque não tive dificuldade em seguir o caminho que meu coração traçava; não tive luta a sustentar contra os instintos contrários; nada mais fiz que me deixar ir muito docemente sobre a inclinação de meu gosto, que me dizia bem alto: "Caminha! estás num bom caminho"; e a satisfação moral de todo o meu

ser inteligente era tão grande, que era, certamente, tão feliz quanto o avarento que sacia a sua paixão pelo ouro contemplando-o ou acariciando-o. Eu vos repito, não tenho mérito a esse respeito; no entanto, vos agradeço as boas palavras, que não são ouvidas em vão para aqueles a quem elas se dirigem. Tão elevados que sejam, os Espíritos sentem sempre felicidade num pensamento simpático.

Não tardei a retornar da emoção muito natural resultante da passagem da vida material à dos Espíritos, mas a convicção profunda de entrar num mundo mais vivo me ajudou afazer retornar a mim; não posso comparar melhor minha passagem da vida à morte senão a um desmaio sem sofrimento, sem fadigas. Despertei *do outro lado* aos doces toques fluídicos de meus caros parentes e amigos espirituais. Em seguida, vi meu pobre despojo mortal, e o abençoei por seus bons e leais serviços; porque, dócil à minha vontade, não tive, em minha vida, lutas sérias a sustentar entre meu Espírito e minha matéria; é, pois, com alegria que acompanhei ao campo de repouso o meu pobre corpo, que me havia ajudado a impedir muitos de meus semelhantes encarnados a fazer essa viagem que nem todos eles encaravam como eu.

Perdôo a todos aqueles que, de um modo ou de outro, acreditaram me fazer mal; quanto àqueles que se recusaram a orar por mim no templo consagrado, serei mais caridoso do que a caridade que eles pregam: eu peço por eles. É assim que é preciso fazer, meus bons irmãos em crença; crede-me, e perdoai àqueles que lutam contra vós, porque não sabem o que fazem.

Doutor CAILLEUX.

Nota. - As primeiras palavras desta comunicação provam que o Espírito estava presente e tinha assistido às discussões da sessão. Tinha-se, com efeito, um fato notável de *instinto incendiário precoce* numa criança de quatro anos e meio, reportado pelo *Salutpublicde* Lyon. Esse fato, que forneceu o assunto de um estudo importante, será publicado no próximo número.

Notamos também no Sr. Cailleux a ausência de todos os preâmbulos comuns nos Espíritos que acabam de deixar a Terra. Vê-se, em seguida, que não é um fazedor de frases nem de cumprimentos. Ele diz *obrigado,* e pensa que essa palavra basta para fazer compreender o seu pensamento e que se deve com isso contentar-se; depois entra bruscamente em matéria, como um homem que se encontra sobre seu terreno e não quer perder seu tempo em palavras inúteis; ele fala como se não tivesse havido nenhuma interrupção em sua existência: dir-se-ia que o Sr. Cailleux, de Montreuil, veio fazer visita à Sociedade de Paris.

Se ele declina o mérito de seus atos, é certamente por modéstia; aqueles que fazem o bem sem esforço chegaram a um grau de adiantamento que o torna natural para eles; se não têm mais a lutar hoje, lutaram em outras circunstâncias: a vitória foi alcançada; aqueles que têm a combater tendências más por ela estão ainda em luta; mais tarde, o bem não lhes custará nenhum esforço, fá-lo-ão sem nele pensar. Por ter vencido mais cedo, não existe menos mérito.

O doutor Cailleux é um desses homens que, como o doutor *Demeure* e tantos outros, honram a doutrina que professam, e dão o mais brilhante desmentido aos detratores do Espiritismo.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

INSTRUÇÕES PARA O SR. ALLAN KARDEC.

(Paris, 23 de abril de 1866. - Médium, Sr. Desliens.)

A saúde do Sr. Allan Kardec se enfraquecendo dia a dia em conseqüência dos trabalhos excessivos aos quais não pode bastar, me vejo na necessidade de repetir-lhe de novo o que já lhe disse muitas vezes: Tendes necessidade de repouso; as forças humanas têm limites que o vosso desejo de ver progredir o ensino vos leva freqüentemente a infringir; estais errado, porque, assim agindo, não apressareis a marcha da Doutrina, mas arruinareis a vossa saúde e vos colocareis na impossibilidade material de acabar a tarefa que viestes cumprir nesse mundo. Vossa doença atual não é senão uma dispensa incessante de forças vitais que não deixam, para repará-las, o tempo de se fazer, e de um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas com a condição de não desfazer o que fazemos. De que serve correr? Não vos foi dito, muitas vezes, que cada coisa virá a seu tempo *e* que os Espíritos propostos ao movimento das idéias saberiam fazer surgir circunstâncias favoráveis quando o momento de agir tiver chegado?

Quando cada Espírita recolhe suas forças para a luta, pensais que seja de vosso dever esgotar as vossas? - Não; em tudo deveis dar o exemplo e o vosso lugar será atacado vivamente no momento do perigo. Que faríeis se vosso corpo enfraquecido não permitisse mais ao vosso espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos colocaram nas mãos? - Crede-me, remetei para mais tarde as grandes obras destinadas a completar a obra esboçada nas vossas primeiras publicações; vossos trabalhos correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo, e devem ser os únicos objetivos de vossas preocupações atuais.

Não falo somente em meu próprio nome, sou aqui o delegado de todos esses Espíritos que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensino pelas suas sábias instruções.

Eles vos dizem, por meu intermédio, que o retardamento que pensais nocivo ao futuro da Doutrina é uma medida necessária em mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham desbravado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e fazer um maior vazio. Em uma palavra, o momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque quando disso for o tempo, todo o vosso vigor de tempo e de espírito vos será necessário. O Espiritismo não foi, até aqui, o objeto de muitas diatribes e levantou-se bem das tempestades! credes que todo movimento seja apaziguado, que todos os ódios sejam acalmados e reduzidos à impossibilidade? Desenganai-vos, o cadinho depurador não rejeitou ainda todas as impurezas; o futuro vos guarda outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas a suportar.

Sei que a vossa posição particular vos suscita uma multidão de trabalhos secundários que empregam a melhor parte de vosso tempo. Os pedidos de todas as espécies vos sobrecarregam e vos fazeis um dever satisfazê-los tanto quanto possível. Farei aqui o que, sem dúvida não ousaríeis fazer vós mesmo, e, dirigindo-me à generalidade dos Espíritas, pedir-lhes-ei, no próprio interesse do Espiritismo, de vos poupar toda sobrecarga de trabalho de natureza a absorver os instantes que deveis consagrar, quase exclusivamente, ao remate da obra. Se vossa correspondência com isto sofre um pouco, o ensino aí ganhará. É algumas vezes necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documento e de informações; ela vos esclarece sobre a marcha verdadeira e os progressos reais da Doutrina; é um termômetro imparcial; além disto, nela hauris satisfações morais que, mais de uma vez, sustentaram a vossa coragem vendo a adesão que as vossas idéias encontram em todos os pontos do globo; sob este aspecto, a

superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos e não de entravá-los, vos criando um acréscimo de ocupações.

Dr. DEMEURE.

Bom senhor Demeure, eu vos agradeço por vossos sábios conselhos. Graças à resolução que tomei fazendo-me substituir, salvo os casos excepcionais, a correspondência corrente sofre pouco agora, e não sofrerá mais no futuro; mas que fazer desse atraso de mais de quinhentas que, apesar de toda a minha boa vontade, não posso chegar a pôr em dia?

R. É preciso, como se diz em termos de comércio, passá-las em bloco por conta de lucros e perdas. Anunciando esta medida na *Revista,* vossos correspondentes saberão o que se passa; compreenderão a sua necessidade, e a acharão sobretudo justificada pelos conselhos que precedem. Eu o repito, seria impossível que as coisas fossem por muito tempo como estão; tudo disso sofreria, a vossa saúde e a Doutrina. É preciso, se preciso for, saber fazer os sacrifícios necessários. Tranqüilo, doravante, sobre este ponto, podereis vos ocupar mais livremente de vossos trabalhos obrigatórios. Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

DEMEURE.

Cedendo a este sábio conselho, pedimos àqueles de nossos correspondentes com os quais estamos há muito tempo em atraso aceitarem as nossas escusas e os nossos lamentos de não ter podido responder com detalhe, e como teríamos desejado, às suas benevolentes cartas. Consintam em receber aqui, coletivamente, a expressão de nossos sentimentos fraternos.

DO CONSENTIMENTO À PRECE.

(Paris, abril de 1866. - Médium, senhora D...)

Pensais quase sempre que o que pedis na prece deve se cumprir por uma espécie de milagre; esta crença errônea é a fonte de uma multidão de práticas supersticiosas e de muitas decepções. Ela conduz também à negação da eficácia da prece; do fato de que vosso pedido não é acolhido da maneira que entendíeis, disso concluís que foi inútil, e, então, às vezes, murmurais contra a justiça de Deus. Outros pensam que, tendo Deus estabelecido leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos, não pode derrogá-las para ceder aos pedidos que lhe são feitos. É para vos premunir contra o erro, ou melhor, contra o exagero dessas duas idéias, que me proponho vos dar algumas explicações sobre o modo de consentimento à prece.

É uma verdade incontestável, que Deus não intervém e não suspende para *ninguém o curso* das leis que regem o universo; sem isto a ordem da Natureza seria incessantemente transtornada pelo capricho de qualquer um. É, pois, certo que toda prece que não poderia ser atendida senão por uma derrogação a essas leis fica sem efeito; tal seria, por exemplo, aquela que tivesse por objeto o retorno à vida de um homem verdadeiramente morto, ou o restabelecimento da saúde se a desordem do organismo é irremediável.

Não é menos certo que não dá nenhuma atenção aos pedidos fúteis ou desconsiderados; mas estejais persuadidos que toda prece pura *e* desinteressada é escutada, é que é sempre levada em conta a intenção, mesmo quando Deus, em sua sabedoria, julgasse a propósito de nela não ver direito; é então, sobretudo, que vos é preciso dar prova de humildade e de submissão à sua vontade, dizendo a vós mesmos que ele sabe melhor do que vós o que pode vos ser útil.

Há, certamente, leis gerais às quais o homem está fatalmente submetido; mas é um erro crer que as menores circunstâncias da vida são detidas, por antecipação, de maneira

irrevogável; se fosse assim, o homem seria uma máquina sem iniciativa, e, conseqüentemente, sem responsabilidade. O livre arbítrio é uma das prerrogativas do homem; desde o instante em que é livre de ir à direita ou à esquerda, de agir segundo as circunstância, seus movimentos não são regulados como os de uma máquina. Segundo faça ou não faça uma coisa, e segundo que afaça de uma maneira ou de outra, os acontecimentos que dela dependem seguem um curso diferente; uma vez que estão subordinadas à decisão do homem, não estão submetidos à fatalidade. Aqueles que são fatais são os que independem de sua vontade; mas todas as vezes que o homem pode reagir em virtude de seu livre arbítrio, não há fatalidade.

O homem tem, pois, um círculo no qual pode se envolver livremente; essa liberdade de ação tem por limites as leis da Natureza, que ninguém pode superar; ou melhor dizendo, essa liberdade, na esfera de atividade onde ela se exerce, faz parte dessas leis; ela é necessária, e é por ela que o homem é chamado a concorrer à marcha geral das coisas; e como ele o faz livremente, tem o mérito do que faz de bem, e o demérito do que-faz de mal, de seu desleixo, de sua negligência, de sua inatividade. As flutuações que a sua vontade pode fazer sofrer aos acontecimentos da vida não perturbam, pois, de nenhum modo, a harmonia universal, essas próprias flutuações fazendo parte das provas que incumbem ao homem sobre a Terra.

No limite das coisas que dependem da vontade do homem, Deus pode, pois, sem derrogar suas leis, aceder a uma prece quando ela é justa, e que o cumprimento lhe pode ser útil; mas ocorre, freqüentemente, que dela julga a utilidade e a oportunidade de outro modo do que nós, é por isto que não lhe aquiesce sempre. Se lhe agrada atendê-la, não é modificando seus decretos soberanos que o faz, mas por meios que não saem da ordem legal, podendo-se exprimir assim. Os Espíritos, executores de suas vontades, são, então, encarregados de provocar as circunstâncias que devem levar aos resultados desejados. Esse resultado requer quase sempre o concurso de algum encarnado; é, pois, esse concurso que os Espíritos preparam inspirando àqueles que devem nisso cooperar, o pensamento de uma diligência incitando-os a ir a um ponto antes que a um outro, provocando reencontros propícios que parecem devidos ao acaso; ora, o acaso não existe mais na assistência que se recebe do que nas infelicidades que se experimenta.

Nas aflições, a prece é não só uma prova de confiança e de submissão à vontade de Deus, que a escuta, se ela é pura e desinteressada, mas tem ainda por efeito, como o sabeis, estabelecer uma corrente fluídica que leva ao longe, no espaço, o pensamento do aflito, como o ar leva os acentos de sua voz. Esse pensamento repercute nos corações simpáticos ao sofrimento, e estes, por um movimento inconsciente e como atraídos por uma força magnética, se dirigem para um lugar onde a sua presença pode ser útil. Deus, que quer socorrer aquele que o implora, sem dúvida, poderia fazê-lo por si mesmo, instantaneamente, mas, eu o disse, *ele não faz milagres,* e as coisas devem seguir o seu curso natural; quer que os homens pratiquem a caridade socorrendo-se uns aos outros. Por seus mensageiros, leva a queixa onde ela pode encontrar eco, e lá, os bons Espíritos sopram um bom pensamento. Se bem que suscitado, o pensamento, pelo fato mesmo de que a fonte lhe é desconhecida, deixa ao homem toda a sua liberdade; nada o constrange; conseqüentemente, ele tem todo o mérito da espontaneidade se cede à voz íntima que nele faz um chamado ao sentimento do dever, e todo o demérito se, dominado por uma indiferença egoísta, ele resiste.

P. Há casos, como num perigo iminente, onde a assistência deve chegar em tempo útil, se for preciso esperar a boa vontade de um homem, e se essa boa vontade faltar em conseqüência do livre arbítrio? - R Não deveis vos esquecer que os anjos guardiães, os Espíritos protetores, cuja missão é velar sobre aqueles que lhes são confiados, os seguem, por assim dizer, passo a passo. Não podem poupar-lhes as apreensões dos perigos que fazem parte de suas provas; mas se as conseqüências do perigo podem ser evitadas, como o previram antecipadamente, não esperam o último momento para

preparar os socorros. Se, às vezes, se dirigem aos homens de má vontade, é em vista de procurar despertar neles bons sentimentos, mas não contam com eles.

Quando, numa posição crítica, uma pessoa se encontra, como no propósito mencionado, para vos assistir, e que vos exclamais: "É a Providência que o envia," dizeis uma verdade maior do que o credes freqüentemente.

Se há casos prementes, outros que o são menos exigem um certo tempo para conduzir um concurso de circunstâncias favoráveis, sobretudo quando é preciso que os Espíritos triunfem, pela inspiração, da apatia de pessoas cuja cooperação é necessária para o resultado a se obter. Esses retardamentos no cumprimento do desejo são provas para a paciência e a resignação; depois, quando chega a realização daquilo que se desejou, é quase sempre por um encadeamento de circunstâncias tão naturais, que nada absolutamente revela uma intervenção oculta, nada toma a mais leve aparência de maravilhoso; as coisas parecem se arranjar por elas mesmas.

Isso deve ser assim pelo duplo motivo de que os meios de ação não se afastem das leis gerais, e, em segundo lugar, que, se a assistência dos Espíritos for muito evidente, o homem se fiaria muito neles e se habituaria a não contar consigo mesmo. Esta assistência deve ser compreendida por ele pelo pensamento, pelo senso moral, e não pelos sentidos materiais; sua crença deve ser o resultado de sua fé e de sua confiança na bondade de Deus. Infelizmente, porque ele não viu o dedo de Deus fazer por ele um milagre, esquece muito freqüentemente Aquele a quem deve a sua salvação para nisso glorificar o acaso; é uma ingratidão que, cedo ou tarde, recebe a sua expiação.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

O ESPIRITISMO OBRIGA.

(Paris, abril de 1866. - Médium, senhora B...)

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral; desde então, aqueles que se dizem seus adeptos não podem cometer uma inconseqüência grave, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

Essas obrigações são de duas espécies.

A primeira concerne ao indivíduo que, ajudado pelas claridades intelectuais que a Doutrina derrama, pode melhor compreender o valor de cada um de seus atos, sondar melhor todas as dobras de sua consciência, melhor apreciar a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador, mas que ele se converta e que viva,* e, para deixar-lhe a possibilidade de se levantar de suas quedas, deu-lhe a longa seqüência das existências sucessivas em cada uma das quais, levando a dificuldade de suas faltas passadas, pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça, à caridade. Que dizer daquele que, assim esclarecido sob seus deveres para com Deus, para com seus irmãos, permanece orgulhoso, cúpido, egoísta? Não parece que a luz o faça cego porque não está preparado para recebê-la? Desde então, ele caminha nas trevas, se bem que estando no meio da luz; não é Espírita senão de nome. A caridade fraternal daqueles que vêem verdadeiramente deve se esforçar por curar dessa cegueira intelectual; mas, para muitos daqueles que lhe parecem, será preciso a luz que o túmulo traz, porque seu coração é muito apegado aos gozos materiais, e que seu espírito não está maduro para receber a verdade. Numa nova encarnação, compreenderão que os planetas inferiores como a Terra não são senão uma espécie de escola mútua onde a alma começa a desenvolver as suas faculdades, as suas aptidões, para aplicá-las em seguida aos grandes princípios da ordem, da justiça, do amor e da harmonia, que regulam as relações das almas entre si, e as funções que elas cumprem na direção do universo; sentirão que chamadas a uma tão alta dignidade quanto a de se tornar mensageiro do Altíssimo, a alma humana não deve se envilecer, degradar-se ao contato dos imundos gozos da volúpia; das ignóbeis cobiças da avareza que

suprime a alguns dos filhos de Deus o gozo dos bens que deu para todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e lhe faz violar os direitos da justiça, da humanidade desde então engendra todos os males que fazem da Terra uma morada de dores e de expiações. Instruídos pelas duras lições da adversidade, seu Espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido esmagado pela dor, torna-se-á bom e caridoso; assim é que o que vos parece um mal é algumas vezes necessário para conduzir os endurecidos. Esses pobres retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos dessa luz interior que se pode chamar o batismo do Espírito, velarão cuidadosamente sobre si mesmos, quer dizer, sobre os movimentos de seu coração e o emprego de suas faculdades para dirigi-los segundo as leis da justiça e da fraternidade. Compreenderão que não são somente obrigados a se melhorarem a si próprios, cálculo egoísta impedindo alcançar o objetivo desejado por Deus, mas que a segunda ordem de obrigações do Espírita, decorrendo necessariamente da primeira, e completando-a, é a do exemplo, que é o melhor dos meios de propagação e de renovação.

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados e devem, se está conforme com a sua conduta, lhe proporcionar a felicidade durável, não pode, se está verdadeiramente animado desta caridade fraternal que está na própria essência do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidas por todos os homens. Daí, a obrigação moral de conformar sua conduta à sua crença, e ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, fracas centelhas partidas do eterno foco do amor divino, seguramente, não podeis pretender a uma tão grande irradiação quanto aquela do Verbo de Deus encarnado sobre aTerra, mas, cada um em vossa esfera de ação, podeis derramar os benefícios do bom exemplo; podeis fazer amar a virtude cercando-a do encanto dessa benevolência constante que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil, que ela faz a felicidade íntima da consciência que está alinhada sob a sua lei, porque é o cumprimento da vontade divina que nos fez dizer por seu Cristo: *Sede perfeitos porque vosso Pai celeste é perfeito.*

Ora, o Espiritismo não é outra coisa senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão no objetivo de fazê-la compreender a todos, a fim de que, por ela, todos progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito vindo vos explicar o que vos parecia coisa obscura e vos ensinar toda a verdade. Elevem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas próprias conseqüências que resultam de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos; porque nenhuma emanação fluídica, boa ou má, não escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar, em alguma parte, uma marca; o mundo invisível que vos cerca é para vós *este Livro da vida* onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e *a Balança da justiça divina* não é outra senão uma figura exprimindo que cada um de vossos atos, cada um de vossos sentimentos é, de alguma sorte, o peso que carrega vossa alma e a impede de se elevar, ou aquele que leva o equilíbrio entre o bem e o mal.

Felizes, pois, aqueles cujos sentimentos partem de um coração puro; ele derrama ao seu redor como uma suave atmosfera que faz amar a virtude e atrai os bons Espíritos; seu poder de irradiação é tanto maior quanto é mais humilde, desde então mais liberta das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações que o Espiritismo impõe são, pois, de natureza essencialmente moral, são uma conseqüência da crença; cada um é juiz e parte em sua causa própria; mas as claridades intelectuais que ele leva àquele que quer, verdadeiramente, *conhecera si mesmo e* trabalhar pela sua melhoria são tais que elas assustam os pusilânimes, e é por isso que é rejeitada por um tão grande número. Outros tratam de conciliar a reforma que a sua razão lhes demonstra ser uma necessidade, com as exigências da sociedade atual.

Daí, uma mistura heterogênea, uma falta de unidade que faz da época atual um estado transitório; é difícil, à vossa natureza corpórea, despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, quer dizer, o homem vivendo segundo os princípios de justiça e de harmonia desejados por Deus. Com esforços perseverantes, todavia, ali chegareis, porque as obrigações que a consciência se impõe, quando ela está suficientemente esclarecida, tem mais força do que não a terão jamais as leis humanas baseadas sobre o constrangimento de um obscurantismo religioso não podendo suportar o exame; mas se, graças às luzes do alto, estais mais instruídos e compreendeis mais, deveis também ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença séria é respeitável. Se vossa vida é um belo modelo onde todos possam encontrar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, rejubilai-vos, porque tereis, em parte, compreendido a que o Espiritismo obriga.

LOUIS DE FRANCE.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO	**NO. 6**	**JUNHO 1866**

MONOMANIA INCENDIARIA PRECOCE.

ESTUDO MORAL.

Lê-se no *Salut publicde* Lyon, de 23 de fevereiro de 1866:

"A questão médico-legal de monomania homicida e de monomania incendiaria, diz o *Moniteur judiciaire,* foi e será, conforme toda a probabilidade, freqüentemente ainda agitada diante dos tribunais e cortes criminais.

"A propósito de monomania incendiaria, podemos citar uma criança de Lyon, hoje com a idade de quatro anos e meio, filho de honestos operários de seda, domiciliados na Guillotière, que parece levar nele, em último grau, o instinto do incêndio. Apenas seus olhos se abriram à luz, a visão das chamas parecia alegrá-lo. Aos dezoito meses, sentia prazer em fazer jorrar o fogo de um fósforo químico; aos dois anos, metia o fogo nos quatro cantos de uma enxerga, e aniquilava em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, com as reprimendas que lhe são feitas, não responde senão pelas ameaças de incêndio, e na semana última ainda, ele tentava, com ajuda de alguns ramos de palha e de diversos pedaços de papel, colocar fogo na alcova onde dormem seu pai e sua mãe.

"Deixamos aos especialistas o cuidado de procurarem as causas de uma tal monomania. Se ela não desaparece com a idade, que sorte estará reservada ao infeliz que por ela é atingido?"

O autor do artigo diz que deixa aos *especialistas* o cuidado de procurarem as causas de uma tal monomania. De quais especialistas quer falar? É dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles encara a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente, distinto da matéria, incontestavelmente, são os menos próprios para resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das inclinações, fazem do homem uma máquina movida fatalmente por uma força irresistível, sem livre arbítrio e, conseqüentemente, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode se desculpar em sua constituição, que não dependeu dele fazê-la melhor. Numa sociedade onde esse princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados moralmente falando, e seria tão ilógico citar em juízo os homens quanto os animais.

Não falamos aqui senão das conseqüências sociais das doutrinas materialistas; quanto às suas impossibilidades em resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada.

Dir-se-á, com alguns, que as inclinações são hereditárias como os vícios de constituição? Ser-lhes-iam opostos os inumeráveis fatos onde os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. Naquele que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiaria de nenhum membro de sua família.

Os espiritualistas reconhecerão, sem dúvida, que esse pendor prende-se a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas nisso não serão menos detidos por dificuldades insuperáveis com os únicos elementos que se possuem até este dia; e a prova que os dados atuais da ciência, da filosofia e da teologia não fornecem nenhum princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que deles não há um único que seja bastante evidente, bastante racional para reunir a maioria, e o que se tem está reduzido a opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como ponto de dogma a criação da alma no nascimento de cada corpo são, talvez, os mais embaraçados para conciliar essas perversidades naturais com a justiça e a bondade de Deus. Segundo sua doutrina, eis, pois, uma criança criada com um instinto incendiado, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas suas conseqüências para a vida presente e a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e outras más, Deus criou, pois, almas boas e outras más? É a conseqüência lógica. Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa em seu organismo; com a da Igreja, nisso pode-se prender a Deus, dizendo que não é por sua culpa se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que neguem Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com suas criaturas? É a maneira pela qual a maioria das religiões o representam que faz os incrédulos e os ateus. Se disso se tivesse sempre feito um quadro em todos os pontos conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por falta de poder aceitá-lo tal como o fazem, com as pequenezes e as paixões humanas que lhe emprestam, que tantas pessoas procuram fora dele a explicação das coisas.

Todas as vezes que a teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se encontra num impasse, ela se esconde atrás destas palavras: "Mistério incompreensível!" Pois bem! Cada dia vê-se levantar-se um canto do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa é deste número.

Esta questão está longe de ser pueril, estar-se-ia em erro em ver nisso um fato isolado, ou, querendo-se, uma anomalia, uma bizarrice da Natureza sem conseqüência. Ela toca todas as questões de educação e de moralização da Humanidade, e, por isto mesmo, aos mais graves problemas de economia social. É procurando a causa primeira dos instintos e dos pendores inatos que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e de desenvolver os bons. Quando essa causa for conhecida, a educação possuirá a mais possante alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. No entanto, essa influência não é exclusiva, uma vez que se vêem seres perversos nas famílias mais honradas, ao passo que outros saem puros da lama. Há, pois, incontestavelmente, disposições naturais, e, duvidando-se disto, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável. Assim, eis uma criança, que, antes de saber falar, se compraz com a visão da destruição pelo fogo; que, aos dois anos, incendeia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo esse fato, que responde às reprimendas por ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios, que procurais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer o assunto de vossas meditações, que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que podem, com razão, ser qualificados de patologia moral! Que não procurais vos dar conta disso, a descobrir-lhe a fonte! A Humanidade nisto ganharia ao menos tanto quanto à descoberta de uma rede nervosa. Infelizmente, a maioria daqueles que não desdenham se ocupar dessas questões, o fazem partindo de uma idéia preconcebida à qual querem tudo sujeitar: o materialista às leis exclusivas da matéria, o espiritualista à idéia que se faz da natureza da alma segundo suas crenças. Antes de concluir, o mais sábio é de estudar todos os sistemas, todas as

teorias, com imparcialidade, e de ver aquela que resolve o melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais inatas, independentes da educação e de toda aquisição moral na vida presente, é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma é criada no nascimento do corpo, fica evidente que Deus criou almas de todas as qualidades. Ora, esta doutrina sendo irreconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente, deve ser afastada. Mas se a alma não é criada no nascimento do indivíduo, é que ela existia antes. Com efeito, é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que têm, instintivamente, aptidões transcendentes por uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem tê-los aprendido, como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música parece familiar em nascendo; esses lingüistas natos, como uma senhora da qual teremos mais tarde ocasião de falar, que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze anos lia e traduzia o hebraico, deveu aprender essas coisas em alguma parte; uma vez que não foi nesta existência, deve ter sido numa outra.

Sim, o homem já viveu, não uma vez, mas talvez mil vezes; em cada existência suas idéias se desenvolveram; adquiriu conhecimentos dos quais traz a intuição na existência seguinte e que o ajudam a adquiri-los novos. Ocorre o mesmo com o progresso moral. Os vícios dos quais se desfaz não reaparecem mais; aqueles que conservou se reproduzem até que deles esteja definitivamente corrigido.

Em uma palavra, o homem nasce aquilo que se fez ele mesmo. Aqueles que viveram mais, mais adquiriram e melhor aproveitaram, são mais avançados do que os outros; tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles; tal é também a causa pela qual vemos sobre a Terra selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existência é a chave de uma multidão de problemas morais, e foi por falta de ter conhecido esse princípio que tantas questões permaneceram insolúveis. Que se a admita somente a título de simples hipótese, querendo-se, e ver-se-ão todas as dificuldades se aplainarem.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não se contenta mais com a fé cega; ele quer se dar conta de tudo, saber o por quê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica àquela que não explica. De resto, a idéia da pluralidade das existências, como todas *as* grandes verdades, germina numa multidão de cérebros, fora do Espiritismo, e como ela satisfaz a razão, não está longe o tempo em que será colocada na classe das leis que regem a Humanidade.

Que diremos agora da criança que é o assunto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes. Ela nasceu incendiaria, como outros nasceram poetas ou artistas, porque, sem nenhuma dúvida, foi incendiaria numa outra existência, e disto conservou o instinto.

Mas então, dir-se-á, se cada existência é um progresso, o progresso é nulo para ela nesta.

Não é uma razão. De seus instintos atuais, não é preciso concluir que o progresso seja nulo. O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições. Essa criança delas tinha outras, provavelmente, que se tornariam pior do que não o seriam hoje; ora, não tivesse avançado senão um passo, não tivesse mesmo senão o arrependimento e o desejo de *se* melhorar, isto seria sempre um progresso. Se esse instinto se manifesta nela de maneira tão precoce, é para chamar finalmente a atenção sobre as suas tendências, afim de que seus pais e aqueles que serão encarregados de sua educação cuidem de reprimi-las antes que elas se desenvolvam. Talvez ela mesma tenha pedido que assim fosse, e para nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, porque é uma alma desviada que lhe é confiada para conduzi-la ao caminho reto, e sua responsabilidade seria grande se não fizessem, para esse fim, tudo o que está em seu poder. Se seu filho fosse doente, cuidariam dele com solicitude; devem considerá-lo como atacado de uma doença moral grave que requer cuidados não menos assíduos.

Segundo todas essas considerações, cremos, sem vaidade, que os Espíritas são os melhores especialistas em semelhante circunstância, precisamente porque dedicam-se ao estudo dos fenômenos morais, e os apreciam, não segundo idéias pessoais, mas segundo as leis naturais.

Tendo esse fato sido apresentado à Sociedade de Paris, como assunto de estudo, a pergunta seguinte foi colocada aos Espíritos:

Qual é a origem do instinto incendiário precoce nesta criança, e quais seriam os meios de combatê-lo pela educação?

Quatro respostas concordantes foram dadas; não citaremos senão as duas seguintes.

(Sociedade de Paris, 13 de abril de 1866. - Médium, Sr. Br...)

I

Perguntais qual foi a existência dessa criança que mostra um pendor tão precoce para a destruição, e particularmente para o incêndio. Ah! seu passado é horrível e suas tendências atuais vos dizem bastante o que pôde fazer. Ela veio para expiar, e deve lutar contra seus instintos incendiários. É uma grande prova para seus pais, que estão constantemente sob o golpe de seus erros, e não sabem como reprimir esse funesto pendor. O conhecimento do Espiritismo lhes seria um poderoso recurso, e Deus, em sua misericórdia, lhes concederá essa graça, porque é só por esse conhecimento que se pode esperar melhorar esse Espírito.

Essa criança é uma prova evidente da anterioridade da alma à encarnação presente. Vós o vedes: esse estranho estado moral desperta a atenção e faz refletir. Deus se serve de todos os meios para vos fazer chegar ao conhecimento da verdade no que diz respeito à vossa origem, ao vosso progresso e ao vosso fim.

UM ESPÍRITO.

(Médium, senhorita Lat...)

II

O Espiritismo já desempenhou um grande papel em vosso mundo, mas o que vistes não é senão o prelúdio do que estais chamados a ver. Quando a ciência fica muda diante de certos fatos, e que a religião não pode mais resolvê-los, o Espiritismo vem lhes dar a solução. Quando a ciência falta aos vosso sábios, deixam a causa de lado, por falta de explicações suficientes. Em muitas circunstâncias, as luzes do Espiritismo lhes poderiam ser de um grande recurso, notadamente nesse caso de monomania incendiaria. Para eles, é um gênero de loucura, porque olham todas as monomanias como loucuras; está aí um grande erro. Aqui a medicina nada tem a fazer, cabe aos Espíritas agirem.

Não é admissível para vós que esse pendor à destruição pelo fogo não date senão da presente existência; é preciso remontar mais alto, e ver nas inclinações perversas dessa criança um reflexo de seus atos anteriores.

Ela é demais impelida por aqueles mesmos que foram suas vítimas, porque, para satisfazer sua ambição, não recuou nem diante do incêndio, nem diante do sacrifício daqueles que poderiam lhe fazer obstáculo. Em uma palavra, ele está sob a influência de Espíritos que ainda não o perdoaram os tormentos que lhes fez suportar. Eles esperam a vingança.

Ele tem por prova sair vitorioso da luta; mas Deus, em sua soberana justiça, colocou o remédio ao lado do mal; com efeito, esse remédio está em sua juventude e na boa influenciado meio onde está. Hoje a criança nada pode para o momento; cabe aos pais velar; mais tarde deverá vencer ela mesma, e enquanto ela não for senhora da posição, a luta se perpetuará. Seria preciso que fosse educada nos princípios do Espiritismo; ali hauriria a força, e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para dela triunfar.

Bons Espíritos, encarregados de esclarecer os encarnados, voltai vossos olhares para esse pobre pequeno ser cujo castigo é justo; ide a ele, ajudai-o, dirigi seus pensamentos para o Espiritismo, a fim de que triunfe mais depressa, e que a luta termine para a sua vantagem.

UM ESPÍRITO.

TENTATIVA DE ASSASSINATO CONTRA O IMPERADOR DA RÚSSIA.

ESTUDO PSICOLÓGICO.

O *Indépendance belge* de 30 de abril, sob o título de: *Notícias da Rússia, correspondência de São Petersburgo,* dá um relato detalhado que seguiram ao atentado do qual o czar foi objeto.

Fala, além disso, de certos indícios precursores do crime e contém a esse respeito a passagem seguinte:

"Conta-se que o governador de São Petersburgo, o príncipe Souwouroff, tinha recebido uma carta anônima assinada N. N. N., na qual se lhe oferecia, mediante certas indicações, desvendar um mistério importante, pedindo-lhe uma resposta na *Gazette de la police.* Essa resposta apareceu; ela estava concebida como segue: "A chancelaria do general governador convida N. N. N. a vir amanhã, entre onze horas e duas horas, para dar certas explicações." Mas o anônimo não apareceu; enviou uma segunda carta anunciando que era muito tarde, que não estava mais livre para vir.

"O convite foi reiterado dois dias depois do atentado, mas sem resultado.

"Enfim, como último indício, algumas pessoas lembraram que três semanas antes do atentado, o jornal alemão D/e *Gartenlaube* publicou o relato de uma sessão *espírita* obtida por Heildelberg, e na qual *o Espírito de Catherine II* anunciava que o imperador Alexandre estava ameaçado por um grande perigo.

"Explica-se dificilmente, depois de tudo isso, como a polícia secreta russa não pôde ser instruída a tempo do crime que se preparava. Essa polícia, que custa muito cara, e que inunda de espiões inúteis todos os nossos círculos e as nossas assembléias públicas, não soube, não só descobrir a tempo o complô, mas mesmo cercar o soberano de sua vigilância, o que é elementar e de toda necessidade, sobretudo com um príncipe que sai quase sempre só, seguido de seu cão; que faz passeios a pé em horas matinais, sem ser acompanhado de uma ajuda de campo de serviço. No próprio dia do atentado, encontrei o imperador na rua Millonaía às nove e meia da manhã; estava completamente só, e saudava com afabilidade aqueles que o reconheciam. A rua estava quase deserta, os guardas da cidade muito raros."

O que sobretudo há de notável nesse artigo, é a menção, sem comentário, da *advertência dada pelo Espírito de Catherine II numa sessão espírita.* Ter-se-ia colocado esse fato no número dos indícios precursores, se se tivesse considerado as comunicações espíritas como malabarismos ou ilusões? Numa questão tão grave, ter-se-ia guardado de fazer intervir uma crença considerada como ridícula. É uma prova nova da reação que se opera na opinião com respeito ao Espiritismo.

Temos a examinar o fato do atentado de um outro ponto de vista.

Sabe-se que o imperador deveu sua salvação a um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff, que, achando-se em seu caminho, desarmou o braço do assassino. Sabe-se também dos favores de toda a natureza dos quais este último foi acumulado; ele foi feito nobre, e os títulos que recebeu lhe asseguram uma fortuna considerável.

Esse jovem ia a uma capela situada do outro lado do Newa, na ocasião do aniversário do seu nascimento; nesse momento a ruptura dos gelos ocorria, e a circulação estando interrompida, teve que renunciar ao seu projeto. Em conseqüência dessa circunstância, ficou numa outra margem do rio, e se encontrou na passagem do imperador, que saía do jardim de verão. Estando misturado à multidão, percebeu um indivíduo que procurava se aproximar, *e* cujas maneiras lhe pareceram suspeitas; seguiu-o, e tendo visto sair de seu bolso uma pistola que dirigia para o imperador, teve *a* presença de espírito de lhe bater debaixo do braço, o que fez partir o tiro para o ar.

Que feliz acaso, dirão certas pessoas, que justo no momento oportuno o degelo tenha impedido Kommissaroff de atravessar o Newa! Para nós, que não acreditamos no acaso, mas que tudo está submetido a uma direção inteligente, diremos que estava nas provas do czar correr esse perigo (V. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* cap.XXV, *Prece num perigo iminente),* mas que a sua hora não tendo chegado, Kommissaroff fez a escolha para impedir que o crime se realizasse, e que as coisas, que parecem um efeito do acaso, estavam combinadas para levar ao resultado desejado.

Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência; é por eles que os cumpre, sem que tenha necessidade de recorrer a prodígios; basta a mão invisível que os dirige, e nada sai da ordem das coisas naturais.

Se assim é, dir-se-á, que o homem não é senão uma máquina, e suas ações são fatais. - De nenhum modo, porque é solicitado a fazer uma coisa, não é constrangido a ela; nisso não conserva menos seu livre arbítrio em virtude do qual pode fazê-la ou não fazê-la, e a mão que o conduz permanece invisível, precisamente para deixar-lhe mais de liberdade. Assim Kommissaroff poderia muito bem não ceder ao impulso oculto que o dirigia para a passagem do imperador; poderia permanecer indiferente, como tantos outros, à visão do homem de maneiras suspeitas; enfim, teria podido olhar de um outro lado no momento em que este último tirava a pistola de seu bolso. - Mas, então, se tivesse resistido a esse impulso, o imperador, pois, teria sido morto? - Não mais; os desígnios da Providência não estão à mercê do capricho de um homem. A vida do imperador deveria ser preservada; na falta de Kommissaroff, o teria sido por um outro meio; uma mosca poderia picar a mão do assassino e levá-lo afazer um movimento involuntário; uma corrente fluídica dirigida sobre ele poderia dar-lhe uma ofuscação; somente, se Kommissaroffe não tivesse escutado a voz íntima que o guiava com seu desconhecimento, teria perdido o benefício da ação que estava encarregado de realizar: eis tudo o que disso teria resultado. Mas se a hora fatal tivesse soado para o czar, nada teria podido preservá-lo; ora, os perigos iminentes que corremos têm precisamente por objetivo que nossa vida prende-se a um fio que pode se romper no momento em que nisso menos pensamos, e, por aí, nos advertir de estar sempre prontos para partir.

Mas porque esse jovem camponês antes que um outro? Para quem não vê nos acontecimentos um simples jogo do acaso, toda coisa tem sua razão de ser. Deveria, pois, haver um motivo na escolha desse jovem, e quando mesmo esse motivo não nos fosse conhecido, a Providência nos dá bastante prova de sua sabedoria, para não se duvidar de que essa escolha tinha à sua utilidade.

Tendo esta questão sido posta, como assunto de estudo, numa reunião espírita havida na casa de uma família russa, morando em Paris, um Espírito deu a explicação seguinte:

(Paris, lº de maio de 1866. - Médium, Sr. Desliens.)

Mesmo na existência do ser mais ínfimo, nada é deixado ao acaso. *Os principais acontecimentos de sua vida são determinados por sua prova: os detalhes são influenciados por seu livre arbítrio;* mas o conjunto das situações foi previsto e combinado antes por ele mesmo e por aqueles que Deus designou para a sua guarda.

No caso que nos ocupa aqui, as coisas se passaram segundo o curso comum. Esse jovem sendo já avançado e inteligente, escolheu, como prova, nascer numa condição miserável depois de ter ocupado uma alta posição social; sua inteligência e sua moralidade sendo já muito desenvolvidas, pediu uma condição humilde e obscura para extinguir as últimas sementes do orgulho que o espírito de casta havia deixado nele. Ele escolheu livremente, mas Deus e os bons Espíritos reservaram recompensá-lo na primeira manifestação de *devotamento desinteressado,* e vede em que consiste sua recompensa.

Permanece agora, no meio das honras e da fortuna, conservando intacto o sentimento de humildade que foi a base de sua nova encarnação; também é ainda uma prova, e uma dupla prova, em sua qualidade de homem, e em sua qualidade de pai. Como homem, deve resistir à embriaguez de uma alta e súbita fortuna; como pai, deve preservar seus filhos da arrogância dos felizardos. Pode criar-lhes uma posição admirável; pode aproveitar de sua posição intermediária para deles fazer homens úteis ao seu país. Plebeus de nascimento, nobres pelo mérito de seu pai, eles poderão, como muitos daqueles que se encarnam presentemente na Rússia, trabalhar poderosamente para a fusão de todos os elementos heterogêneos ao desaparecimento do elemento servil, que por muito tempo, no entanto, não poderá ser destruído de maneira radical.

Nessa elevação há uma recompensa, sem dúvida, mas há mais ainda uma prova. Sei que na Rússia o mérito recompensado encontra gratidão diante dos grandes, mas ali, como em outras partes, o felizardo orgulhoso e inchado de seu valor é alvo das zombarias: torna-se o joguete de uma sociedade que se esforça em vão para imitar. O ouro e as grandezas não lhe deram a elegância e o espírito do mundo. Desprezado e invejado por aqueles entre os quais nasceu, freqüentemente, é isolado e infeliz no meio de seu fasto.

Como o vedes, nem tudo é agradável nessas elevações súbitas, e sobretudo quando alcançam tais proporções. Para esse jovem, esperamos, em razão de suas excelentes qualidades, que saberá gozar em paz as vantagens que sua ação lhe proporcionou, e evitar as pedras de tropeço que poderiam retardar sua marcha no caminho do progresso.

MOKI.

Nota. Na falta de provas materiais sobre a exatidão dessa explicação, não se pode deixar de convir que seja eminentemente racional e instrutiva; e, como o Espírito que a deu é sempre distinguido pela seriedade e a alta importância de suas comunicações, consideramo-las como tendo todos os caracteres da probabilidade.

A nova posição de Kommissaroff, com efeito, é muito difícil para ele, e seu futuro depende da maneira pela qual suportará essa prova, cem vezes mais perigosa do que as infelicidades materiais às quais se resigna forçosamente, ao passo que é muito mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. Que força não hauriria no conhecimento do Espiritismo e de todas as verdades que ele ensina!

Mas, como se pôde notar, os objetivos da Providência não se detêm nesse jovem; sofrendo a sua prova, e pelo fato de sua própria prova, ele pode, pelo encadeamento das circunstâncias, tornar-se um elemento de progresso para seu país, ajudando na destruição dos preconceitos de castas. Assim tudo se liga no mundo pelo concurso das poderosas inteligências que o dirigem; nada é inútil, e as mais pequenas coisas em aparência podem conduzir aos maiores resultados, e isto sem *derrogar as leis da Natureza.* Se pudéssemos ver esse mecanismo que nos oculta nossa natureza material e nossa inferioridade, a que admiração não seríamos transportados! Mas se não podemos vê-lo, o Espiritismo, nos revelando essas leis, no-lo faz compreender pelo pensamento, e é por aí que

nos eleva, aumenta a nossa fé e a nossa confiança em Deus, e combate vitoriosamente a incredulidade.

UM SONHO INSTRUTIVO.

Durante a última doença que tivemos no corrente abril de 1866, estávamos sob o império de uma sonolência e de uma absorção quase contínuas; naqueles momentos revíamos constantemente coisas insignificantes, e às quais não prestávamos nenhuma atenção; mas na noite de 24 de abril, a visão ofereceu um caráter tão particular que por ela fomos vivamente tocados.

Num lugar que nada lembrava à nossa lembrança e que parecia uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam juntos; dentre eles, somente alguns nos sendo conhecidos em sonho, mas sem que pudéssemos designá-los nominalmente. Considerávamos essa multidão e procurávamos saber o assunto da conversação, quando, de repente, apareceu num ângulo da parede uma inscrição em caracteres pequenos brilhantes como fogo, e que nos esforçávamos por decifrar; estava assim concebida: *"Descobrimos que a borracha rolada sob* a *roda faz uma légua em dez minutos, contanto que a estrada*....."Enquanto procurávamos o fim da f rase, a inscrição se apagou pouco a pouco, e despertamos. Com medo destas singulares palavras, nos apressamos em transcrevê-las.

Qual poderia ser o sentido dessa visão, que absolutamente nada em nossos pensamentos, nem em nossas preocupações, poderia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções nem de pesquisas industriais, isso não poderia ser um reflexo de nossas idéias. Depois, que poderia significar essa *borracha* que, rolada sob uma roda, faz uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Estaria chamada a desempenhar um papel na locomoção? Queria-se nos colocar no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que dirigir-se a nós antes que a homens especiais, tendo o tempo suficiente para fazer os estudos e as experiências necessárias? No entanto, esse sonho era muito característico, muito especial, para ser alinhado entre os sonhos de fantasia; deveria ter um objetivo; qual era? É o que procurávamos inutilmente.

No dia, tendo tido ocasião de consultar o doutor Demeure sobre a nossa saúde, disso aproveitamos para pedir-lhe nos dizer se esse sonho apresentava alguma coisa de sério. Eis o que ele nos respondeu:

"Os numerosos sonhos que vos cercaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que sentis. Todas as vezes que há um enfraquecimento do corpo, há tendência ao desligamento do Espírito; mas quando o corpo sofre, o desligamento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito, entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí também as interrupções e as misturas que confundem as imagens e delas fazem conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se crê, à natureza da doença; é um estudo a fazer, e os médicos nele encontrarão, freqüentemente, diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que desempenha na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, de seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde, e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto sobre o corpo; ora, a natureza dos sonhos pode, freqüentemente, ser um indício do estado do Espírito. É, eu o repito, um estudo afazer, negligenciado até este dia pela ciência, que não vê por toda a parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

"O sonho que me assinalais, aquele do qual guardais uma lembrança tão nítida, me parece pertencer a uma outra categoria: ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente, foi motivado, mas não saberia dele dar-lhe presentemente uma explicação

satisfatória; não poderia vos dar senão a minha opinião pessoal, da qual não estou bastante seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos darei parte daquilo que tiver sabido." No dia seguinte ele nos deu a explicação que se segue:

"O que vistes no sonho, que estou encarregado de vos explicar, não é uma dessas imagens fantásticas provocadas pela doença; é muito realmente uma manifestação, não de Espíritos *desencarnados,* mas de Espíritos *encarnados.* Sabeis que, no sono, podem se encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas; foi este último caso que ocorreu nessa circunstância. Aqueles que vistes são *encarnados* que se ocupam separadamente, e sem se conhecerem na maioria, de invenções tendentes à aperfeiçoar os meios de locomoção, e anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causado pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram em borracha, outros em outras matérias; mas o que há de particular é que *se quis chamar a vossa atenção,* como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo lugar, dos Espíritos de diferentes homens perseguindo o mesmo objetivo. A descoberta não tem relação com o Espiritismo; foi somente o conciliábulo dos inventores que se quis vos fazer ver, e a inscrição não tinha outro objetivo senão o de especificar, aos vossos olhos, o objeto principal de sua preocupação, porque há os que procuram outras aplicações da borracha. Ficai persuadido de que, freqüentemente, o é assim, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, seja uma nova lei, seja um novo corpo, sobre diferentes pontos do globo, seu Espírito estudou junto a questão durante o sono, e, ao despertar, cada um trabalha de seu lado, aproveitando o fruto de suas observações.

"Notai bem que aí estão as idéias de *encarnados,* e que não prejulgam nada sobre o mérito da descoberta; pode ser que, de todos os cérebros em ebulição, saia alguma coisa de útil, como é possível que deles não saia senão quimeras. Não tenho necessidade de vos dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a esse respeito; sua missão, como o dissestes em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas trazendo-lhe invenções inteiramente feitas, que seriam tanto prêmios de encorajamento para a preguiça e a ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um ali está por sua própria conta, e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.

"Pergunta. Que é preciso pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Não há delas que não são o fruto de nenhuma pesquisa?

"Resposta. O acaso, bem o sabeis, não existe; as coisas

que vos parecem o mais fortuitas têm sua razão de ser, porque é preciso contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Se o tempo de uma descoberta chegou, seus elementos são postos à luz por essas mesmas inteligências; vinte homens, cem homens passarão ao lado sem notá-la: um único lhe dará sua atenção; não era tudo encontrá-la, o essencial era saber colocá-la em obra. Não foi o acaso que lho colocou sobre os olhos, mas os bons Espíritos que lhe disseram: Olha, observa e aproveita se tu o quiseres. Depois, ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono de seu corpo, pôde ser colocado no caminho, e, em seu despertar, instintivamente, se dirige para o lugar onde deve encontrar a coisa que está chamado a fazer frutificar por sua inteligência.

"Não, não há acaso: tudo é inteligente na Natureza."

VISÃO RETROSPECTIVA DE DIVERSAS ENCARNAÇÕES DE UM ESPÍRITO.

SONO DOS ESPÍRITOS

Pelo doutor Cailleux.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de 1866. - Médium, Sr. Morin.)

Vossa boa acolhida e as boas preces que fizestes em minha intenção me fazem um dever agradecê-las vivamente e vos assegurar de meu eterno devotamento. Depois de minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, mas bem doces exigências de minha situação atual. De todos os lados, hoje, me chamam, não mais como outrora, para dar meus cuidados aos corpos doentes, mas para levar alívio aos doentes da alma. A tarefa é doce para ser cumprida, e com tanto maior rapidez quanto outrora punha-me a transportar-me à cabeceira dos enfermos; posso mesmo, e isto nada tem de espantoso para mim, transportar-me quase instantaneamente de um ponto a outro, com a mesma facilidade que o meu pensamento de passar de um assunto a um outro. Apenas o que me espanta é que posso fazê-lo, eu!...

Tenho, meus bons amigos, para vos entreter, um fato espiritual que me chega e que venho submeter ao vosso julgamento para que me ajudeis a reconhecer o meu erro, se estiver enganado em minhas apreciações a seu respeito. Médico, vós o sabeis, em minha última encarnação, dei-me com ardor aos estudos de minha profissão. Tudo o que nela me chegava era um assunto de observação. Devo dize-lo, sem orgulho, que adquiri alguns conhecimentos, talvez em razão de que não seguia sempre ao pé da letra a rota traçada por minha rotina. Eu procurava sempre, no moral, o que poderia trazer uma perturbação no físico; foi talvez por isto que conheci um pouco melhor meu ofício do que certos de meus colegas. Enfim, eis aqui: Há alguns dias, senti uma espécie de peso se apoderar de meu Espírito, embora conservando a consciência do meu *eu,* me senti transportado no espaço; cheguei a um lugar que não tem nome para vós, e me achava numa reunião de Espíritos que, quando vivos, tinham adquirido alguma celebridade pelas descobertas que fizeram.

Lá, não fiquei surpreso de reconhecer nesses anciãos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança espiritual comigo. Perguntei-me o que tudo isto queria dizer; lhes dirigi perguntas que minha posição me sugeria, mas meu espanto foi maior ainda, em me ouvindo responder eu mesmo. Voltei-me, então, para eles e me achava só.

Eis as minhas deduções.....

Dr. CAILLEUX.

NOTA. - O Espírito, tendo parado aí, continuou na sessão seguinte.

A questão dos fluidos que são o fundo de vossos estudos desempenhou um papel muito grande no fato que vos assinalei na última sessão. Posso, hoje, vos explicar melhor o que se passou, e, em lugar de vos dizer que eram minhas conjecturas, posso vos dizer o que me relevaram os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, por assim dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, deveria resultar disto uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa, e além disso o encorajamento para caminhar num caminho que meu Espírito segue há um bom número de existências.

Estava, pois, adormecido por um sono magnético-espiritual; vi o passado se formar em um presente fictício; reconheci as individualidades desaparecidas em conseqüência dos tempos, ou antes que não tinham sido senão um único indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra deixada esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Nisso cheguei a ver em menos tempo do que emprego para vo-lo dizer, de idade em idade, se formar, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não era senão as primeiras tentativas de um cérebro ocupado de estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto, e quando cheguei ao último desses seres que, sucessiva-

mente, tinham levado um complemento à obra, então me reconheci. Ali, tudo se desvanecendo, revivi o Espírito ainda atrasado de vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para disso tirar vaidade, longe disto, mas antes para vos fornecer um assunto de estudo, em vos falando do sono espiritual, que, sendo elucidado por vossos guias, não pode senão me ser útil, porque assisto a todos os vossos trabalhos.

Vi, nesse sono, os diferentes corpos que meu Espírito animou há um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastar dos princípios que o primeiro tinha elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que a minha teoria ensinava.

Com tudo isto permaneço sempre vosso devedor; mas se o permitirdes, virei vos pedir lições, e algumas vezes vos dar a minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. CAILLEUX.

ESTUDO.

Há aqui um duplo ensinamento: primeiro, é o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono que lhe foi a conseqüência; e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que animou.

Há, pois, para *os* Espíritos, uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corpóreo e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, do sono magnético, mas existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto não teria nada de surpreendente, quando se vêem ainda Espíritos de tal modo identificados com o estado corpóreo, que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que crêem trabalhar como o faziam sobre a Terra, e que lhe sentem a fadiga. Se eles sentem a fadiga, devem sentir a necessidade do repouso, e podem acreditar se deitar e dormir, como crêem trabalhar, e ir em estrada de ferro. Dizemos que o crêem, para falar do nosso ponto de vista; porque tudo é relativo, e com relação à sua natureza fluídica, a coisa é inteiramente tão real quanto as coisas materiais o são para nós.

Não são senão os Espíritos de uma ordem inferior que têm semelhantes ilusões; quanto menos são avançados, mais seu estado se aproxima do estado corpóreo. Ora, esse não pode ser o caso do doutor Cailleux, Espírito avançado que se dá perfeitamente conta de sua situação. Mas nisso não é menos verdadeiro que teve a consciência de um entorpecimento análogo ao sono durante o qual viu suas diversas individualidades.

Um membro da sociedade explica esse fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve ser o mesmo no estado espiritual; o sono magnético ou outro não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e o Espírito deve se encontrar num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo, quer dizer, conservar a consciência de seu ser. As diferentes encarnações do Sr. Cailleux, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam se apresentar a ele, como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; foi confirmada pelos Espíritos que, provocando o relato do doutor Cailleux, quiseram nos fazer conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

ESTA NO AR.

(Paris, 13 de maio de 1866. - Médium, Sr. Tail....)

Pergunta. Quando uma coisa é pressentida pelas massas, diz-se comumente que *está no ar.* Qual é a origem desta expressão?

Resposta. Sua origem, como a de uma multidão de coisas das quais não se dá conta e que o Espiritismo vem explicar, está no sentimento íntimo e intuitivo da realidade; essa expressão é mais verdadeira do que se pensa.

O pressentimento geral, na aproximação de algum grave acontecimento,

tem duas causas: a primeira vem das massas inumeráveis de Espíritos que percorrem incessantemente o espaço, e que têm conhecimento das coisas que se preparam; em conseqüência de sua desmaterialização, estão mais no estado de seguir-lhe a experiência e prever-lhe o resultado. Esses Espíritos, que *roçam* incessantemente a Humanidade, comunicam-lhe seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corpóreo ao mundo espiritual. Embora não os vejais, seus pensamentos vos chegam como o aroma das flores escondidas sob as folhagens, e os assimilais com o vosso desconhecimento. O ar está literalmente sulcado dessas correntes fluídicas que semeiam a idéia por toda a parte, de tal modo que a expressão: *está no ar* não é somente uma figura, mas positivamente verdadeira. Certos Espíritos são mais especialmente encarregados, pela Providência, de transmitira os homens o pressentimento das coisas *inevitáveis,* tendo em vista lhes dar uma advertência secreta, e eles se desincumbem dessa missão difundindo-a entre si. São como vozes íntimas que retinem em seu foro interior.

A segunda causa desse fenômeno está no desligamento do Espírito encarnado durante o repouso do corpo. Nesses momentos de liberdade, ele se mistura aos Espíritos similares, àqueles com os quais tem mais afinidade; penetra-se de seus pensamentos, vê o que não pode ver com os olhos do corpo, disso leva a intuição no despertar, como de uma idéia que lhe é toda pessoal. Isto explica como a mesma idéia surge, ao mesmo tempo, em cem lugares diferentes e em milhares de cérebros.

Certos indivíduos, como o sabeis, são mais aptos que outros para receber o influxo espiritual, seja pela comunicação direta dos Espíritos estranhos, seja pelo desligamento mais fácil de seu próprio Espírito. Muitos gozam em graus diferentes da segunda vista ou visão espiritual, faculdade muito mais comum do que o pensais, e que se revela de mil maneiras; outros conservam uma lembrança mais ou menos nítida do que viram nos momentos de emancipação da alma. Em conseqüência desta aptidão, têm noções mais precisas das coisas; Não é neles um simples pressentimento vago, mas a intuição, e em alguns o conhecimento da própria coisa da qual prevêem o cumprimento e que anunciam. Se se lhes pergunta como o sabem, a maioria não saberá explicá-lo: uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora; outros, enfim, que sentem sem saber como. Nos tempos de ignorância, e aos olhos das pessoas supersticiosas, passam por adivinhadores e feiticeiros, ao passo que são muito simplesmente pessoas dotadas de uma mediunidade espontânea e inconsciente, faculdade inerente à natureza humana, e que nada tem de sobrenatural, mas que não podem compreender aqueles que não admitem nada fora da matéria.

Essa faculdade existiu em todos os tempos, mas há a se notar que ela se desenvolve e se multiplica sob o império das circunstâncias que dão um acréscimo de atividade ao espírito, nos momentos de crise, e na aproximação dos grandes acontecimentos. As revoluções, as guerras, as perseguições de partidos e de seitas têm sempre feito nascer um grande número de videntes e de inspirados que se qualificou de iluminados.

Dr. DEMEURE.

Nota. As relações do mundo corpóreo e do mundo espiritual nada têm que espante, considerando-se que esses dois mundos são formados dos mesmos elementos, quer dizer, dos mesmos indivíduos que passam alternativamente de um para o outro. Tal que está hoje entre os encarnados da Terra, estará amanhã entre os desencarnados do espaço, e reciprocamente. O mundo dos Espíritos não é, pois, um mundo à parte, é a própria

Humanidade despojada de seu envoltório material, e que continua sua existência sob uma nova forma e com mais liberdade.

As relações entre esses dois mundos, sem cessar em contacto, fazem parte das leis naturais; a ignorância da lei que as rege foi a dificuldade de todas as filosofias; foi pela falta de conhecê-la que tantos problemas permaneceram insolúveis. O Espiritismo é a ciência dessas relações, nos dá a única chave que pode resolvê-las. Quantas coisas, graças a ele, já não são mais mistérios!

POESIAS ESPIRITAS.

PARA O TEU LIVRO.

(Sociedade de Paris, 11 de maio de 1866. - Médium, Sr. V...)

Logo, criança, vais deixar
Este humilde teto que te viu nascer,
Para correr o mundo, afrontar
Seus perigos, e morrer talvez
Sem ter podido tocar ao porto.
Como outrora, escuta ainda
A voz que guia tua jovem idade.

Ah! meu filho, sobre teu caminho,
Muito freqüentemente, a sarça orgulhosa
Rasgará a branca mão,
E seu espinho venenoso
Fará coxear teu pé contundido,
Mais de uma vez, na pedreira.
Não importa! Será preciso, longe daqui,
Seguir a estrela que te ilumina,
E caminhar sempre avante;
Não lamentar a pátria,
Tua aldeia, teu lar ausente,
E morrer sem chorar tua vida,
Se a devesses perder um dia,
Pregando a todos por doutrina
A fé, a caridade, o amor,
Únicos deveres de tua lei divina;
Arrancando por toda a parte o orgulho,
O falso saber e o egoísmo
Que se estendem, como um lençol,
Sobre o berço do Espiritismo;
Repetindo o que a voz
De todos esses mundos invisíveis
Parece te revelar às vezes
Nos murmúrios indizíveis;
Queixando-se de um século grosseiro,
Que juntará o insulto à injúria
Quando te chamar feiticeiro,
Ou ledor de sorte;
Perdoando-lhe seu desprezo;
Tentando, pela prece,

Alinhar seus numerosos amigos
Sob tua humilde e santa bandeira.

Eu disse: Parte, meu filho, adeus;
Tua tarefa é pesada e difícil,
Mas crê e espera em teu Deus,
E tá tornará mais fácil.

UM ESPÍRITO POETA.

Na sessão seguinte, 18 de maio, o mesmo médium escreveu espontaneamente o que segue:

Resposta a uma crítica de meus versos intitulados: *Para o teu livro,* feita um pouco levianamente, sexta-feira última, por um desconhecido que não vejo aqui esta noite.

Num misterioso bosquezinho,
Escondido sob a nascente folhagem
De verde lilás, todos os anos
Ouvia-se na primavera
Uma graciosa toutinegra
Cantar uma fresca cançoneta.
Os pássaros do bosque vizinho
Acorriam cada manhã
Colocar-se perto dela, em silêncio,
Para escutar melhor a cadência
Que sua voz pura debulhava,
Tecia, perolizava, modulava
Com uma graça infinita.
Uma multidão admirada e exaltada
Aplaudia a diva,
Quando, por acaso, chega
Um jovem melro de negra plumagem
Que se põe a assobiar de raiva
A monótona canção
Que se admirava sem razão.
A toutinegra súbito pára,
Sorri, ao desmancha prazer:
Vós que assobiais tão bem, deveríeis bem cantar.
Não se poderia, belo melro, um dia vos escutar?
O melro, sem responder, logo se pôs em fuga.
Por quê? Adivinhai-o... boa-noite; eu, vos deixo.

ALFRED DE MUSSET.

A LAGARTA E A BORBOLETA.

Fábula do Espírito batedor de Carcassonne.

De um buquê de jasmim trabalhando os contornos,
Tremente, uma lagarta no declínio de seus dias
Dizia a si mesma: "Estou muito doente,
Não digiro mais a folha de salada;

Apenas a couve tenta meu apetite;
Morro pouco a pouco;
É triste morrer! Vale mais não nascer.
Sem murmurar, é preciso submeter-se;
Cabe a outros, depois de mim, delinear seu campo.
- Mas tu não morrerás, disse-lhe uma borboleta;
Se tenho boa lembrança, sobre a mesma árvore
Contigo rastejei, eu sou da família;
O futuro te prepara um futuro mais feliz;
Talvez um mesmo amor nos unirá a ambas.
Espera!... do sono a passagem é rápida.
Tudo como eu o fiz, tu serás crisálida;
Como eu poderás, brilhante de cores,
Respirar o perfume das flores."
A velha respondeu: "Impostura, impostura!
Nada poderia mudar as leis da Natureza;
O espinheiro jamais se tornará jasmim.
A meus anéis quebrados, aos meus meios tão frágeis
Que hábil obreiro viria fixar as asas?
Jovem louca, segue o teu caminho.
- Lagarta! bem tocada; o possível tem seus limites,
Retomou um escargot, triunfante sobre seus cornos."
Um sapo aplaudiu. De seu ferrão, um zangão
Insultou a bela borboleta.
....
....
Não, não é sempre a verdade que brilha.
Neste mundo, quantos cegos de nascença
Negam a alma dos mortos.
Doutores, raciocinais
Quase como a lagarta.

DISSERTAÇÕES ESPIRITAS.

OCUPAÇÕES DOS ESPÍRITOS.

(Sociedade de Paris, 16 de fevereiro de 1866. - Médium, Sr. Leymarie.)

Tendes sido tão bons a meu respeito, senhores, tão corteses para um recém-chegado, que venho ainda vos pedir alguns instantes de atenção.

Desde minha permanência no mundo dos Espíritos, estou na situação de fazer algumas anotações das quais faço meu proveito, uma vez que elas me dão a faculdade onipotente de mudar completamente minhas idéias adquiridas em minha última encarnação. Vou, pois, se mo permitirdes, vos informar de algumas dessas reflexões sugeridas pelas falsas idéias de certos detratores do Espiritismo.

Não é raro ouvir dizer de todos os detratores: Mas aqueles que fizeram a idéia feliz espírita deveriam muito nos informar sobre o trabalho dos Espíritos, reentrados na posse dessa famosa erraticidade. Têm eles um corpo correspondendo ao nosso ou um corpo fluídico? Têm a ciência infusa? Sabem mais do que nós? Então, porque tantas comunicações terra-a-terra, num francês vulgar ao alcance de todo o mundo? Mas qualquer um pode dizer o mesmo!...

Acrescentam ainda: mas, esses farsantes de Espíritos, a que ginástica se entregam, pois, sobre os balanços eternos? De que vivem eles? Com que se divertem? Mas se es-

tão no ar ambiente, ocupados a nos olhar fazer, não devem achar divertidas todas as nossas vis ações, todos os nossos ridículos pensamentos. Talvez estejam na contemplação eterna. Se eles vêem Deus, como é feita a Divindade? Que idéia podemos nos dar de sua grandeza? Ai de mim! Zombaria! repetem eles, e dizer que há pessoas supostamente sensatas, que crêem em todas essas coisas vás!

Essas idéias, e eu as ouvi repetir, e, nada como outras, ou lamentando amargamente os adeptos de uma doutrina que leva à loucura, segundo nós, sou muitas vezes chamado à explicação de uma tal aberração mental no século dezenove.

Um dia, achei-me livre como todos os meus irmãos terrenos, e encontrei-me nesse mundo que tanto me fez aumentar os ombros, eis o que vi:

Os Espíritos, segundo as faculdades adquiridas sobre a Terra, procuram o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo ser libertados, estejam na noite, não percebendo e não ouvindo nada, nessa terrível espera que é bem o verdadeiro inferno do Espírito.

A faculdade que tem o Espírito liberto de se dirigir por toda a parte por um simples efeito de sua vontade, permite-lhe encontrar um meio onde suas faculdades possam se desenvolver pelos contrastes e a diferença das idéias. Quando da separação do Espírito e do corpo, se é conduzido, por almas simpáticas, junto daqueles que vos esperam, prevendo a vossa chegada.

Naturalmente, fui acolhido por amigos mais incrédulos do que eu; mas como nesse mundo tão desprezível, todas as virtudes estão em evidência, todos os méritos brilham, todas as reflexões são

bem recebidas, todos os contrastes *se* tornam a difusão das luzes. Chamado, pela curiosidade, a visitar grupos numerosos que preparam outras encarnações estudando-lhe todos os lados que deve elucidar o Espírito chamado a retornar sobre a Terra, fiz uma grande idéia da reencarnação.

Quando um Espírito se prepara para uma nova existência, submete suas idéias *às* decisões do grupo ao qual pertence. Este discute; os Espíritos que o compõem vão aos grupos mais avançados ou bem sobre a Terra; procuram entre vós os elementos de aplicação. O Espírito aconselhado, fortalecido, esclarecido sobre todos os pontos poderá, doravante, se quiser, seguir seu caminho sem tropeçar. Ele terá, em sua peregrinação terrena, uma multidão de invisíveis que não o perderão de vista; tendo participado de seus trabalhos preparatórios, aplaudem seus resultados, seus esforços para vencer, sua firme vontade que, dominando a matéria, permitiu-lhe levar aos outros encarnados um contingente de aquisições e de amor, quer dizer, o bem, segundo as grandes instruções, segundo Deus, enfim, que os dita em todas as afirmações da ciência, da vegetação, de todos os problemas, enfim, que são a luz do Espírito quando ele sabe resolvê-los no sentido racional.

Pertencendo ao grupo de alguns sábios que se ocupam da economia política, aprendi a não desprezar nenhuma das faculdades das quais tanto ri outrora; compreendi que o homem, muito inclinado ao orgulho, se recusa a admitir, mesmo sem estudo, tudo o que é novo e fora de gênero de espírito. Disse-me também que muitos de meus antigos amigos faziam falsos caminhos, tomando a sombra pela realidade. No entanto, segui o conjunto dos trabalhos da Humanidade, onde nada é inútil. Compreendi mesmo a grande lei da igualdade e da eqüidade que Deus derramou em todo o elemento humano, e me disse que aquele que não crê em nada, e que apesar disto faz o bem e ama os seus semelhantes, sem esperança de remuneração, é um nobre Espírito, muito mais nobre do que muitos daqueles que, prevendo uma outra vida e crendo no adiantamento do Espírito, esperam uma recompensa. Aprendi, enfim, a ser tolerante, vendo essas legiões de Espíritos entregues a tantos trabalhos diversos, formigueiro inteligente que pressente Deus e procura coordenar todos os elementos do futuro. Disse-me que o homem, esse pigmeu, é de tal modo orgulhoso que se ama e se adora desprezando os outros, em lugar de se en-

tregar aos seus grandes instintos e, sobretudo, às idéias sadias e conscienciosas que ensina a vida futura, desenvolvidas pelas idéias espiritualistas e, sobretudo, pelo Espiritismo, essa lei magnífica que fortalece cada dia, cada vez mais, a solidariedade do mundo terrestre e o da erraticidade; é ele que vos inicia em nossos pensamentos, em nossas esperanças, em tudo que vos preparamos para o vosso adiantamento, para o fim desejado da geração que deve logo emigrar para as regiões superiores.

Mais uma vez, obrigado.

GUI.

Nota. Este Espírito, do qual demos uma notável comunicação na *Revista* de dezembro de 1865, página 382, era, quando vivo, um economista distinto, mas imbuído de idéias materialistas, e um dos zombadores do Espiritismo. No entanto, como era um homem avançado intelectualmente e moralmente, e procurando o progresso, não demorou muito tempo para reconhecer seu erro, e seu maior desejo passou a ser o de conduzir seus amigos ao caminho da verdade. Foi em sua intenção que ditou várias comunicações. Por profunda e lógica que seja esta, vê-se que o mundo dos Espíritos não lhe é ainda perfeitamente conhecido. Está em erro quando diz que a geração atual deve logo emigrar para as regiões superiores. Sem dúvida, no grande movimento regenerador que se opera, uma parte dessa geração deixará a Terra por mundos mais avançados; mas, como a própria Terra regenerada será mais avançada do que ela é, muitos acharão uma recompensa nela se reencarnando. Quanto aos endurecidos, que lhes são a chaga, como aí estariam deslocados e seriam um entrave ao progresso, nela perpetuando o mal, é nos mundos mais atrasados que irão esperar que a luz se faça para eles; é o que resulta da generalidade das instruções dadas a esse respeito pelos Espíritos.

SUSPENSÃO NA ASSISTÊNCIA DOS ESPÍRITOS.

(Douai, 13 de outubro de 1865.)

Num grupo modelo, como tendo e posto em prática os deveres espíritas, notou-se com surpresa que certos Espíritos de elite habituados se abstinham há algum tempo de ali dar instruções, o que motivou a pergunta seguinte:

Pergunta. De onde vem que os Espíritos elevados que nos assistem, comumente se comuniquem mais raramente a nós?

Resposta. Caros amigos, há duas causas para esse abandono do qual vos lamentais. Mas, primeiro, isso não é um abandono, não é senão um distanciamento momentâneo e necessário. Sois como escolares que, bem repreendidos e bem *providos* de repetições preliminares, são obrigados afazer seus deveres sem o concurso dos professores; eles procuram em sua memória; espreitam um sinal, espiam uma palavra de socorro: Nada vem, nada *deve* vir.

Esperais os nossos encorajamentos, os conselhos sobre vossa conduta, sobre vossas determinações: nada vos satisfaz, porque nada deve vos satisfazer. Postes providos de ensinos sábios, afetuosos, de encorajamentos freqüentes, cheios de amenidade e de verdadeira sabedoria; tivestes quantidade de provas de nossa presença, da eficácia de nossa ajuda; a fé vos foi dada, comunicada; vós a agarrastes, raciocinastes, adotastes; em uma palavra, como o escolar, fostes *providos* pelo *dever, é* preciso fazê-lo sem faltas, com os vossos próprios recursos, e não mais com o nosso concurso; onde estaria vosso mérito? Não poderíamos senão vos repetir, sem cessar, a mesma coisa; cabe a vós agora aplicar o que vos ensinamos; é preciso voar com as vossas próprias asas e caminhar sem andadeiras.

A cada homem, Deus, no momento dado, fornece uma arma e uma força para continuar a vencer novos perigos. O momento em que uma força nova se revela nele, é sempre para o homem uma hora de alegria, de entusiasmo. A fé ardente aceita, então, toda

dor sem analisá-la, porque o amor não conta as dificuldades; mas depois dessa rapidez que é a festa, é preciso o trabalho, e só o trabalho; a alma se acalma, o coração se abranda, e eis que a luta e a prova chegam; eis o inimigo, é preciso sustentar o choque; é o momento decisivo. Então, que o amor vos transporte e vos faça desdenhar a Terra! É preciso que vosso coração permaneça vitorioso dos frouxos instintos do egoísmo e do abatimento: é a prova.

Já vo-lo dissemos há muito tempo, vos advertimos que teríeis necessidade de vos estreitar, de vos unir, de vos fortalecer pela luta. O momento é chegado, nele estais. Como ireis sustentá-la? Não podemos responder mais nada, não mais do que o mestre não pode soprar ao aluno sua composição. Ganhará o prêmio? Isto depende do proveito que tiver tirado das lições que recebeu. Assim é convosco. Possuis um código de instruções suficiente para vos conduzir até um ponto determinado. Relede essas instruções, meditai-as e não peçais outras antes de tê-las seriamente aplicadas, das quais só nós somos julgadores, e quando tiverdes chegado ao ponto em que serão insuficientes, com respeito ao vosso adiantamento moral, saberemos bem vo-las dar outras.

A segunda razão dessa espécie de isolamento, da qual vos lamentais, é esta: muitos de vossos conselheiros simpáticos têm, junto de outros homens, missões análogas àquelas que quiseram primeiro cumprir junto a vós, e essa grande quantidade de evocações, das quais são o objeto, freqüentemente, os desviam de serem assíduos em vosso grupo. Vossa amiga, Madeleine, cumpre ao longe um mandato difícil, e suas solicitudes, quando está junto de vós, são levadas também sobre aqueles que ela se devotou a salvar. Mas todo o vosso mundo vos retornará; reencontrareis, num tempo dado, vossos amigos reunidos como outrora, num mesmo pensamento de simpático concurso junto de seus protegidos. Ponde esse tempo em proveito para o vosso adiantamento, afim de que, quando retornarem, possam vos dizer: estamos contentes convosco.

PAMPHILLE, Espírito protetor.

Nota. Esta comunicação *é* uma resposta que reclamam da uniformidade do ensino dos Espíritos. Se se refletisse no número das verdades que nos ensinaram, achar-se-ia que elas oferecem um campo bastante vasto para a meditação, até que as tenhamos assimilado, e que delas tenhamos deduzido todas as aplicações. Que seria dito de um enfermo que pedisse todos os dias um novo remédio para o seu médico, sem seguir as suas prescrições? Se os *Espíritos não nos ensinam novidades todos os dias, com a ajuda da chave que nos puseram nas mãos, e das leis que nos revelaram, aprendemos, nós mesmos, cada dia coisa nova, explicando o que, para nós, era inexplicável.*

O TRABALHO.

(Extrato do jornal espirita italiano: *la Você di* Dio; traduzido do italiano.)

A medida do trabalho imposto a cada Espírito encarnado, ou desencarnado, é a certeza de ter cumprido escrupulosamente a missão que lhe foi confiada. Ora, cada um tem uma missão a cumprir: este sobre uma grande escala, aquele sobre uma menor. No entanto, relativamente, as obrigações são todas iguais e Deus vos pedirá conta do óbolo que depositou em vossas mãos. Se ganhastes um lucro, se dobrastes a quantia, certamente cumpristes com o vosso dever, porque obedecestes à ordem suprema. Se, em lugar de ter aumentado esse óbolo, o perdestes, é certo que abusastes da confiança que o vosso Criador colocou em vós; também, sereis tratados como ladrão, porque tomastes e não restituístes; longe de aumentar, dissipastes. Ora, se, como acabo de dizer, cada criatura é obrigada a receber e a dar, quanto mais, Espíritas, estais obrigados a obedecer a esta lei divina, quanto deveis fazer de esforços para cumprir esse dever diante do Senhor, que vos escolheu para partilhar seus trabalhos, que vos convidou à mesa. Pensai, meus

irmãos, que o dom que vos foi feito é um dos soberanos bens de Deus. Não tireis deles vaidade, mas fazei todos os vossos esforços para merecer esse alto favor. Se os títulos que poderíes receber de um grande da Terra, se seus favores são alguma coisa de belo aos vossos olhos, quanto mais devereis vos considerar felizes dos dons do senhor dos mundos; dons incorruptíveis e imperecíveis, que vos elevam acima de vossos irmãos, que serão para vós a fonte de alegrias puras e santas!

Quereis deles ser os únicos possuidores? Gostaríeis, como os egoístas, de guardar só para vós tanta felicidade e alegria? Oh! não, fostes escolhidos como depositários. As riquezas que brilham aos vossos olhos não são para vós, mas pertencem a todos os vossos irmãos em geral. Deveis, pois, aumentá-los e distribuí-los. Como o bom jardineiro que conserva e multiplica suas flores, e vos apresenta no coração do inverno as delícias da primavera; como no triste mês de novembro, nascem *as* rosas e os lírios, assim estais encarregados de semear *e* de cultivar em vosso campo moral as flores de todas as estações, flores que desafiarão o sopro do aquilão e o vento sufocante do deserto; flores que, uma vez desabrochadas sobre seus caules, não passarão e não fenecerão jamais, mas, brilhantes e vivazes, serão o emblema da verdura e das cores eternas. O coração humano é um solo fértil em afeição e em doces sentimentos, um campo cheio de sublimes aspirações quando é cultivado pelas mãos da caridade e da religião.

Oh! não reserveis só para vós esses caules sobre os quais produzam sempre tão doces frutos! Oferecei-os aos vossos irmãos, convidai-os a vir provar, sentir o perfume de vossas flores, aprender a cultivar o vosso campo; nós vos assistiremos, encontraremos frescos riachos que, correndo docemente, darão força às plantas exóticas que são os germes da terra celeste; vinde, trabalharemos convosco, compartilharemos vossa fadiga, a fim de que também vós, vós possais amontoar desses bens e deles fazer parte a outros irmãos na necessidade. Deus nos dá, e nós, reconhecendo esses dons, os multiplicamos o mais possível. Deus nos manda melhorar os outros e nós mesmos, cumpriremos nossas obrigações e nos santificaremos na sua vontade sublime.

Espíritas, é a vós que me dirijo. Preparamo-vos vosso campo; agora agi de maneira que todos aqueles que dele terão necessidade, possam desfrutá-lo largamente. Lembrai-vos de que todos os ódios, todos os rancores, todas as inimizades devem desaparecer diante de vossos deveres: instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, sustentar os inocentes, lamentar aqueles que estão no erro, perdoar aos inimigos. Todas essas virtudes devem crescer abundantemente em vosso campo, e deveis implantá-las no de vossos irmãos. Recolhereis uma ampla colheita e sereis benditos de nosso Pai que está nos céus!

Meus caros filhos, quis vos dizer todas estas coisas a fim de vos encorajar para suportar com paciência todos aqueles que, inimigos da nova doutrina, procuram vos denegrir e vos afligir. Deus está convosco, disto não duvideis. A palavra de nosso Pai celeste desceu sobre o vosso globo, como no dia da criação. Ele vos envia uma nova luz, luz cheia de esplendor e de verdade.

Aproximai-vos, ligai-vos estreitamente a ele, e segui corajosamente o caminho que se abre diante de vós.

SANTO AGOSTINHO.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OS *EVANGELHOS EXPLICADOS*

Pelo Sr. Roustaing (1).

(1) Os quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e colocados em ordem por J.B.Roustaing, advogado da cor-

te imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados. - 3 vol. in-12. - Preço: 10 fr. 50. - Paris, Livraria Central, 24, bulevarde dos Italianos. - Bourdeaux, todas as livrarias.

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerado, e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que *a* opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinos dados *de todos os lados* pelo Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria; é* assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós os dissemos cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos e* o dos médiuns; nossas observações levam, pois, sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agênere.* Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA,* essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apoia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria diremos que ela é ao menos hipotética, e que, se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem prejulgá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e

que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelo Espíritas sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é de se desdenhar, e entra também por alguma coisa no sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza. Na nossa opinião, se, limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade.

A VOZ DE DEUS.

A VOZ DE DEUS, *jornal ditado pelos Espíritos, à sociedade de Scordia (Sicília)* (1).

(1) Pequeno in-8, uma entrega por mês. -Preço, para a Itália: 6fr. por ano; 3fr. por seis meses. Um número, 60 cent. - Endereço: Ao senhor Dr. Gioseppe Módica, en Scordia (Sicília).

A Itália conta com uma nova publicação Espírita periódica. Esta é exclusivamente consagrada ao ensino dos Espíritos. O primeiro número não contém, com efeito, senão produções medianímicas, compreendendo mesmo o prefácio e o discurso preliminar. Eis a lista dos assuntos tratados neste número:

Prefácio, conselhos dados à Sociedade para formação do jornal. - Discurso preliminar, assinado por Santo Agostinho. - Alegoria sobre o Espiritismo. - Reverberação da alma. - Previsões. -Arrependimento de um Espírito sofredor, conversa. - O trabalho. -A morte do Cristo. - A prece coletiva. Resposta a uma pergunta proposta.

Todas essas comunicações levam uma incontestável marca de superioridade do ponto de vista da moral e da elevação dos pensamentos. Pode ser julgada por aquela sobre o *Trabalho* que publicamos acima.

Os Espíritos terão, pois, *seu jornal,* e certamente os redatores não faltarão; mas, do mesmo modo que os encarnados, os há de todos os graus de mérito; contamos com o julgamento dos *editores* para fazer uma escolha rigorosa entre essas produções de além-túmulo, que não poderão senão ganhar em clareza e interesse, se, segundo as circunstâncias, forem acompanhadas de alguns comentários.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO	NO. 7	JULHO 1866

DO PROJETO DE CAIXA GERAL DE SOCORRO E OUTRAS INSTITUIÇÕES PARA OS ESPÍRITAS.

Nos grupos espíritas de Paris, um médium recebeu recentemente a comunicação seguinte, do Espírito de sua avó:

"Meu caro filho, vou falar-te um instante das questões de caridade que te preocuparam esta manhã, indo para o trabalho.

"As crianças que são entregues a amas de leite mercenárias; as mulheres pobres que são forçadas, com desprezo do pudor que lhes é caro, a servir, nos hospitais, de matéria experimental aos médicos e aos alunos de medicina, são duas grandes feridas que todos os bons corações devem se aplicar em curar, e isto não *é* impossível; que os Espíritas façam como os católicos, que se impõem soldos semanais e que capitalizem esses recursos, e chegarão a fundações sérias, grandes e verdadeiramente eficazes. A caridade que alivia o mal presente é uma caridade santa que encorajo com todas as minhas forças; mas a caridade que se perpetua nas fundações imortais como as misérias que ela está destinada a aliviar, está aí uma caridade inteligente e que ficarei feliz em ver posta em prática.

"Gostaria que um trabalho fosse elaborado que tivesse por objetivo criar de início um primeiro estabelecimento em proporções restritas. Quando se tivesse visto o bom resultado dessa primeira criação, passar-se-ia a uma outra, e se a aumentaria pouco a pouco como Deus quer que se a aumente, porque o progresso se realiza por uma marcha lenta, sábia, calculada. Repito que o que proponho não é difícil; não haveria um único espírita verdadeiro que ousasse faltar ao chamado para o alívio de seus semelhantes, e os Espíritas são bastante numerosos para formarem, pela acumulação do dinheiro semanal, um capital suficiente para um primeiro estabelecimento para o uso das mulheres doentes, que seriam cuidadas por mulheres, e que deixariam então de esconder seu sofrimento para salvar seu pudor.

"Entrego estas reflexões às meditações das pessoas benevolentes que assistem à sessão, e estou bem convencido que elas levarão bons frutos. Os grupos de províncias se reuniriam prontamente a uma idéia tão bela, e ao mesmo tempo tão útil e tão paternal; esse seria, aliás, um monumento do valor moral do Espiritismo tão caluniado, e que o será por muito tempo ainda com obstinação.

"Eu disse, a caridade local é boa, ela aproveita a um indivíduo, mas não eleva o espírito das massas como uma obra durável. Não seria belo que se pudesse repelir a calúnia dizendo aos caluniadores: "Eis o que fizemos. A árvore se reconhece pelo fruto; uma árvore má não dá bons frutos, e uma boa árvore não os dá maus."

"Pensai também nas pobres crianças que saem dos hospitais, e que vão morrer entre mãos mercenárias, dois crimes ao mesmo tempo: o de entregar a criança desarmada e fraca, e o crime daquele que a sacrifica sem piedade. Que todos os corações elevem seus pensamentos para as tristes vítimas da sociedade imprevidente, e

que tratem de encontrar uma boa solução para salvá-los de suas misérias. Deus quer que se tente, e dá os meios de chegar, é preciso agir; triunfa-se quando se tem a fé, e a fé transporta as montanhas. Que o Sr. Kardec trate da questão em seu jornal, e vereis como será aclamada com arrebatamento e entusiasmo.

"Eu disse que seria preciso um monumento material que atestasse a fé dos Espíritas, como as pirâmides do Egito atestam a vaidade dos Faraós; mas, em lugar de fazer loucuras, fazei obras que levem a marca do próprio Deus. Todo o mundo deve me compreender, não insisto mais.

"Retiro-me, meu caro filho; tua avó, como tu o vês, ama sempre suas criancinhas, como te amou quando eras pequenino. Quero que as ame como eu, e penses em encontrar uma boa organização; tu o podes se tu o queres, e, se for preciso, te ajudaremos. Eu te abençôo.

"Marie G...."

A idéia de uma caixa central e geral de socorro formada entre os Espíritas já foi concebida e emitida por homens animados de excelentes intenções; mas não basta que uma idéia seja grande, bela e generosa, é preciso antes de tudo que ela seja praticada. Temos, certamente, dado bastante provas de nosso devotamento à causa do Espiritismo para não ser suspeito de indiferença a esse respeito; ora, é precisamente em conseqüência de nossa própria solicitude que procuramos nos pôr em guarda contra o entusiasmo que cega; antes de empreender uma coisa, é preciso calcular-lhe friamente o pró e o contra, afim de evitar fracassos sempre deploráveis, que não deixariam de ser explorados por nossos adversários. O Espiritismo não deve caminhar senão com segurança, e quando põe o pé em alguma parte, deve estar seguro de ali encontrar um terreno sólido. A vitória não é sempre do mais apressado, mas mais seguramente daquele que sabe esperar o momento propício. Há resultados que não podem ser senão a obra do tempo e da infiltração da idéia no espírito das massas; saibamos, pois, esperar que a árvore esteja formada, antes de lhe pedir uma abundante colheita.

Há muito tempo nos propusemos tratar afundo a questão da qual se trata, para colocá-la sobre o seu verdadeiro terreno, e premunir contra as ilusões de projetos mais generosos do que refletidos e cujo abortamento teria conseqüências deploráveis. A comunicação relatada acima, e sobre a qual consentiram em nos pedir a nossa opinião, disto nos fornece a ocasião muito natural. Examinaremos pois, seja o projeto de centralização dos recursos, seja o de algumas outras instituições e estabelecimentos especiais para o Espiritismo.

Antes de tudo, convém dar-se conta do estado real das coisas. Os Espíritas, sem dúvida, são muito numerosos, e seu número cresce sem cessar: sob esse aspecto oferece um espetáculo único, o de uma propagação estranha na história das doutrinas filosóficas, porque não há nenhuma delas, sem disto excetuar o Cristianismo, que tenha reunido tantos partidários em um pequeno número de anos; este é um fato notório que confunde seus próprios antagonistas. E, o que não é menos característico, é que essa propagação, em lugar de se fazer em torno de um centro único, se opera simultaneamente sobre toda a superfície do globo e em milhares de centros. Disto resulta que os adeptos, mesmo sendo muito numerosos, não formam ainda em nenhuma parte uma aglomeração compacta.

Essa dispersão que, à primeira vista, parece uma causa de fraqueza, ao contrário, é um elemento de força. Cem mil Espíritas disseminados sobre a superfície de uma país fazem mais para a propagação da idéia do que se estivessem condensados numa cidade; cada individualidade é um foco de ação, um germe que produz rebentos; cada rebento produzindo-os ao seu turno mais ou menos, cujos ramos se reunindo pouco a pouco, cobrirão o país mais prontamente do que se a ação não partisse senão de um único ponto; é absolutamente como se um punhado de grãos fosse lançado ao vento, em lugar

de estarem colocados todos juntos na mesma cova. Por essa multidão de pequenos centros, além disso, a Doutrina é menos vulnerável do que se ela não tivesse senão um contra o qual seus inimigos poderiam dirigir todas as suas forças. Um exército primitivamente compacto que é dispersado pela força ou outra causa, é um exército perdido; aqui o caso é muito diferente: a disseminação dos Espíritas não é o fato de uma dispersão, é o estado primitivo tendendo à concentração para formar uma grande unidade; a primeira está em seu fim, a segunda em seu nascimento.

Àqueles, pois, que se lamentam de seu isolamento em uma localidade, respondemos: Agradecei ao céu, ao contrário, de vos ter escolhido pelos primeiros pioneiros da obra em vossa região. Cabe a vós lançar as primeiras sementes; talvez não germinarão logo em seguida; talvez delas não venhais a recolher os frutos; talvez mesmo tenhais de sofrer em vosso labor, mas pensai que não se roça uma terra sem trabalho, e estejais seguros de que cedo ou tarde, o que tiverdes semeado, frutificará; quanto mais a tarefa for ingrata, mais tereis mérito, não tereis mais que fazer senão abrir o caminho àqueles que virão depois de vós.

Sem dúvida, se os Espíritas devessem sempre permanecer no estado de isolamento, isto seria uma causa permanente de fraqueza; mas a experiência prova a que ponto a Doutrina é vivaz, e sabe-se que, para um ramo abatido, há deles dez que renascem. Sua generalização, portanto, é uma questão de tempo; ora, por rápida que seja sua marcha, ainda é preciso o tempo necessário, e tudo trabalhando na obra, é preciso saber esperar que o fruto esteja maduro antes de colhê-lo.

Essa disseminação momentânea dos Espíritas, essencialmente favorável à propagação da Doutrina, é um obstáculo para a execução de obras coletivas de uma certa importância, pela dificuldade, senão mesmo pela impossibilidade, de reunir sobre um mesmo ponto os elementos tão numerosos.

É precisamente, dir-se-á, para obviar este inconveniente, para estreitar os laços de confraternidade entre os membros isolados da grande família espírita, que se propôs a criação de uma caixa central de socorro. Certamente, aí está um pensamento grande e generoso que seduz à primeira vista; mas refletiu-se nas dificuldades da execução?

Uma primeira questão se apresenta. Até onde se estenderia a ação desta caixa? Seria ela limitada à França, ou compreenderia outros países? Há Espírita sobre todo o globo; é que aqueles de todos os países, de todas as castas, de todos os cultos, não são nossos irmãos? Se, pois, a caixa recebesse os donativos de Espíritas estrangeiros, o que ocorreria infalivelmente, teria ela o direito de limitar sua assistência a uma única nacionalidade? Poderia ela conscienciosamente e caridosamente, perguntar àquele que sofre, se é Russo, Polonês, Alemão, Espanhol, Italiano ou Francês? A menos de faltar ao seu título, ao seu objetivo, ao seu dever, ela deveria estender sua ação do Peru até a China. Basta pensar na complicação das engrenagens de um tal empreendimento para ver o quanto é quimérico.

Suponhamo-lo circunscrito à França, ele não seria menos uma administração colossal, um verdadeiro ministério. Quem gostaria de assumir a responsabilidade de uma tal administração de fundos? Para uma gestão dessa natureza, a integridade e o devotamento não bastariam, seria preciso uma alta capacidade administrativa. Admitamos, no entanto, as primeiras dificuldades vencidas, como exercer um controle eficaz sobre a extensão e a realidade das necessidades, sobre a sinceridade da qualidade de Espíritas? Uma semelhante instituição veria logo adeptos, ou supostamente tais, surgir por milhões, mas não seriam aqueles que alimentariam a caixa. Do momento que ela existisse, se a creria inesgotável, e ela se veria logo na impossibilidade de satisfazer a todos as exigências de seu mandato. Fundada sobre uma tão vasta escala, consideramo-la como impraticável, e, por nossa conta pessoal, não lhe daríamos a mão.

Não teria ela a temer, além disso, encontrar oposição em sua própria constituição? O Espiritismo apenas nasceu, e não está ainda por toda a parte de tal modo em odor de

santidade que esteja ao abrigo das suposições malévolas, não poderiam equivocar-se sobre suas intenções numa operação desse gênero; supor que, sob um manto, ele esconde outro objetivo; em uma palavra, das assimilações das quais se desculpariam seus adversários, para excitar a desconfiança contra ele? O Espiritismo, por sua natureza, não é, não pode ser nem uma afiliação, nem uma congregação; ele deve, pois, em seu próprio interesse, evitar tudo o que disso tiver a aparência.

É preciso, pois, que, por medo, o Espiritismo permaneça estacionário?

Não é em agindo, dir-se-á, que mostrará o que é, que dissipará as desconfianças e frustrará a calúnia? Sem nenhuma dúvida, mas não é preciso pedir à criança o que exige as forças da idade viril. Longe de servir ao Espiritismo, isso seria comprometê-lo e oferecê-lo aos golpes ou à zombaria de seus adversários, senão misturar seu nome a coisas quiméricas. Certamente, ele deve agir, mas no limite do possível. Deixemos-lhe, pois, o tempo de adquirir as forças necessárias, e então dará mais do que se crê. Ele não está mesmo ainda completamente constituído em teoria; como se quer que dê o que não pode ser senão o resultado do complemento da doutrina?

Aliás, há outras considerações às quais importa levar em conta.

O Espiritismo é uma crença filosófica, e basta simpatizar com os princípios fundamentais da Doutrina para ser Espírita. Falamos de Espíritas convictos e não daqueles que deles tomam a máscara, por motivos de interesse ou outros também pouco confessáveis; aqueles não fazem número: entre eles não há nenhuma convicção; dizem-se Espíritas hoje, pela esperança de aí encontrar suas vantagens; serão adversários amanhã, se não encontrarem o que procuram; ou bem se colocarão como vítimas de seu devotamento artificial, e acusarão os Espíritas de ingratidão e de não sustentá-los. Não seriam os últimos a explorar a caixa geral, para se levantar de especulações abortadas, ou reparar os desastres causados por sua incúria ou sua imprevidência, e a lhe lançar a pedra se não os satisfaz. Não é preciso se espantar com isto, todas as opiniões contam com semelhantes auxiliares e vêem representar semelhantes comédias.

Há também a massa considerável dos Espíritas de intuição; aqueles que o são pela tendência e pela predisposição de suas idéias, sem estudo preliminar; os indecisos, que flutuam ainda esperando os elementos de convicção que lhes são necessários; pode-se, sem exagero, avaliá-los em um quarto da população. É o grande viveiro onde se recrutam os adeptos, mas eles não se contam ainda entre eles.

Entre os Espíritas reais, aqueles que constituem o verdadeiro corpo dos adeptos, há certas distinções a fazer. Em primeira linha é preciso colocar os adeptos de coração, animados de uma fé sincera, que compreendem o objetivo e a importância da Doutrina, e aceitam-lhe todas as conseqüências por si mesmos; seu devotamento é a toda prova e sem dissimulação; os interesses da causa, que são os da Humanidade, lhes são sagrados, e jamais os sacrificarão por uma questão de amor-próprio ou de interesse pessoal; para eles o lado moral não é uma simples teoria: esforçam-se em pregar pelo exemplo; não têm somente a coragem de sua opinião: disto se fazem glória, e sabem, se necessário, pagar com *a* sua pessoa.

Vêm em seguida aqueles que aceitam a idéia, como filosofia, porque ela satisfaz sua razão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a Doutrina impõe àqueles que a assimilam. O homem velho está sempre aí, e a reforma de si mesmo lhe parece uma tarefa muito pesada; mas como eles não estão menos firmemente convencidos, e se encontram entre eles propagadores e defensores zelosos.

Depois, há pessoas levianas para quem o Espiritismo está inteiramente nas manifestações; para elas é um fato, e nada mais; o lado filosófico passa desapercebido; o atrativo da curiosidade é seu principal motivo, extasiam-se diante de um fenômeno, e permanecem frias diante de uma conseqüência moral.

Há, enfim, um número ainda muito grande dos Espíritas mais ou menos sérios que não puderam se colocar acima dos preconceitos e de quem dir-se-á que o medo do ridículo retém; aqueles que as considerações pessoais ou de família, dos interesses freqüentemente respeitáveis a manejar, forçam de alguma sorte a se manterem afastados; todos aqueles, em uma palavra, que, por uma causa ou por uma outra, boa ou má, não se colocam em evidência. A maioria não pediria mais do que se confessar, mas não ousam ou não o podem; isto virá mais tarde, à medida que virem os outros fazê-lo e que não há perigo; serão os Espíritas do dia seguinte, como outros são os da véspera. No entanto, não se pode zangar-se com eles, porque precisam de uma força de caráter que não é dada a todo o mundo, para desafiar a opinião em certos casos. É preciso, pois, considerar a fraqueza humana; o Espiritismo não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade, e se se pode admirar de uma coisa, é do número das reformas já operadas em tão pouco tempo. Ao passo que em uns, onde encontra o terreno preparado, ele entra por assim dizer de uma só vez, em outros não penetra senão gota a gota, segundo a resistência que encontra no caráter e nos hábitos.

Todos esses adeptos contam no número, e por imperfeitos que sejam, são sempre úteis, embora no limite restrito. Não servindo, até nova ordem, senão para diminuir as classes da oposição, isto já seria alguma coisa; é porque não é preciso desdenhar nenhuma adesão sincera, mesmo parcial.

Mas quando se trata de uma obra coletiva importante, onde cada um deve levar seu contingente de ação, como seria a de uma caixa geral, por exemplo, convém fazer entrar essas considerações em linha de conta, porque a eficácia do concurso que se pode esperar está em razão da categoria à qual pertencem os adeptos. É muito evidente que não se pode fazer grande fundo sobre aqueles que não tomam a peito o lado moral da Doutrina, e ainda menos sobre aqueles que não ousam se mostrar.

Restam, pois, os adeptos da primeira categoria; destes, certamente, pode-se tudo esperar, são os soldados da vanguarda, e que, freqüentemente, não esperam o chamado quando se trata de dar prova de abnegação e de devotamento; mas, numa cooperação financeira, cada um aí contribui segundo seus recursos e o pobre não pode dar senão o seu óbolo. Aos olhos de Deus, esse óbolo tem um grande valor, mas para as necessidades materiais não tem senão seu valor intrínseco. Diminuindo todos aqueles cujos meios de existência são limitados, aqueles que, eles mesmos, vivem do dia-a-dia de seu trabalho, o número daqueles que poderiam contribuir um pouco largamente e de maneira eficaz é relativamente restrito.

Uma observação, ao mesmo tempo interessante e instrutiva é a da proporção dos adeptos segundo as categorias. Essa proporção é sensivelmente variada, e se modifica em razão dos progressos da Doutrina; mas neste momento ela pode ser aproximadamente avaliada da maneira seguinte: 1^{-} categoria, Espíritas completos de coração e de devotamento, 10 sobre 100 adeptos; 2^{8} categoria, Espíritas incompletos, procurando mais o lado científico do que o lado moral, 25 sobre 100; 3^{-} categoria, Espíritas levianos, não se interessando senão pelos fatos materiais, 5 sobre 100 (esta proporção era inversa há dez anos); 4^{-} categoria, Espíritas não confessados ou que se escondem, 60 sobre 100.

Relativamente à posição social, podem-se fazer duas classes gerais: de uma parte, aqueles cuja fortuna é independente; de outra, aqueles que vivem de seu trabalho. Sobre 100 Espíritas da primeira categoria, há, em média, 5 ricos contra 95 trabalhadores; na segunda, 70 ricos e 30 trabalhadores; na terceira, 80 ricos e 20 trabalhadores; na quarta, 99 ricos e 1 trabalhador.

Seria, pois, iludir-se crendo que em tais condições uma caixa geral pudesse satisfazer a todas as necessidades, então que a do mais rico banqueiro para isto não bastaria; não seriam alguns milhares de francos que seriam necessários cada ano, mas milhões.

De onde vem essa diferença na proporção dos ricos e daqueles que não o são? A razão disto é bem simples; os aflitos encontram no Espiritismo uma imensa consolação que os ajuda a suportar o fardo das misérias da vida; dá-lhes a razão dessas misérias e a certeza de uma compensação. Não é, pois, surpreendente que, gozando mais do benefício, eles o apreciem mais e o tomem mais a peito do que os felizes do mundo.

Admira-se que, quando semelhantes projetos foram levados adiante, não nos tenhamos apressado em apoiá-los e patrociná-los; é que, antes de tudo, prendemo-nos às idéias positivas e práticas; o Espiritismo é para nós uma coisa muito séria para empenhá-lo, prematuramente, nos caminhos onde poderia encontrar decepções. Não há aí, de nossa parte, nem descuido, nem pusilanimidade, mas prudência e todas as vezes que estiver maduro para ir adiante, não permaneceremos atrás. Não é que nos atribuamos mais perspicácia do que aos outros; mas nossa posição nos permitindo ver o conjunto, podemos julgar o forte e o fraco melhor talvez do que aqueles que se encontram no círculo mais restrito. De resto, damos a nossa opinião, *e* não entendemos impô-la a ninguém.

O que vem de ser dito a respeito da criação de uma caixa geral e central de socorros, se aplica naturalmente aos projetos de fundação de estabelecimentos hospitalares e outros; ora, aqui, a utopia é mais evidente ainda. Se é fácil lançar um plano sobre um papel, não o é mais, do mesmo modo, quando se chega aos caminhos e meios de execução. Construir um edifício *ad hoc, é* já enorme, e quando estivesse feito, seria preciso provê-lo de um pessoal suficiente e *capaz,* depois assegurar a sua manutenção, porque tais estabelecimentos custam muito e não trazem nada. Não são somente grandes capitais que são necessários, mas grandes rendas. Admitamos, no entanto, que à força de perseverança e de sacrifícios chegue-se a criar, como foi dito, um pequeno modelo, quanto mínimas seriam as necessidades às quais poderia satisfazer, com relação à massa e à disseminação dos necessitados sobre um vasto território! Seria uma gota d'água no rio, e, se há tantas dificuldades para um só, mesmo numa pequena escala, seria pior tratando-se de multiplicá-los. O dinheiro assim empregado não aproveitaria, pois, em realidade, senão à alguns indivíduos, ao passo que, judiciosamente repartidos, ajudaria a um grande número de infelizes a viver.

Esse seria um modelo, um exemplo, seja; mas por que tentar criar quimeras, quando as coisas existem inteiramente feitas, todas montadas, organizadas, com os meios mais poderosos dos quais jamais possuirão os particulares? Esses estabelecimentos deixam a desejar; há abusos; não respondem a todas as necessidades, isto é evidente, e, no entanto, comparando-os com aqueles que eram a menos de um século, constata-se uma imensa diferença e um progresso constante; cada dia se vê introduzir alguma melhoria. Não se poderia, pois, duvidar que, com o tempo, novos progressos se realizarão pelas forças das coisas. As idéias espíritas, infalivelmente, devem apressar a reforma de todos os abusos, porque, melhor do que as outras, elas penetram os homens do sentimento de seus deveres; por toda a parte onde elas se introduzirem, os abusos tombarão e o progresso se realizará. É, pois, a difundi-las que é preciso se apegar: aí está a coisa possível e prática, aí está a verdadeira alavanca, alavanca irresistível quando tiver adquirido uma força suficiente para o desenvolvimento completo dos princípios e do número dos adeptos sérios. Julgando o futuro pelo presente, pode-se afirmar que o Espiritismo terá levado à reforma de muitas coisas antes que os Espíritas tenham podido acabar o primeiro estabelecimento do gênero daqueles que falamos, se jamais o empreendessem, devessem mesmo todos dar uma moeda por semana. Por que, pois, usar suas forças em esforços supérfluos, em lugar de concentrá-las sobre o ponto acessível e que deve levar seguramente ao objetivo? Mil adeptos ganhados para a causa e distribuídos em mil lugares diversos, apressarão mais a marcha do progresso do que um edifício.

O Espiritismo, disse o Espírito que ditou a comunicação acima, deve se afirmar e mostrar o que é por um monumento durável levantado à caridade. Mas de que serviria um monumento à caridade, se a caridade não está no coração? Ele o eleva um mais durável do que um monumento de pedra: é *a* Doutrina e suas conseqüência para o bem da Humanidade. É por aquele que cada um deve trabalhar com todas as suas forças, porque ele durará mais do que as pirâmides do Egito.

De que esse Espírito se engane, em nossa opinião, sobre esse ponto, isto não lhe rouba nada de suas qualidades; está incontestavelmente animado de excelentes sentimentos; mas um Espírito pode ser muito bom, sem ser um apreciador infalível de todas as coisas; todo bom soldado, necessariamente, não é um bom general.

Um projeto de uma realização menos quimérica é o da formação de sociedade de socorros mútuos entre os Espíritas de uma mesma localidade; mais ainda aqui não se pode escapar de algumas das dificuldades que assinalamos: a falta de aglomeração, e o número ainda restrito daqueles com os quais se pode contar por um concurso efetivo. Uma outra dificuldade vem da falsa assimilação que se faz dos Espíritas e de certas classes de indivíduos. Cada profissão apresenta uma delimitação nitidamente traçada; pode-se facilmente estabelecer uma sociedade de socorros mútuos entre pessoas de uma mesma profissão, entre as de um mesmo culto, porque se distinguem por alguma coisa de característica, e por uma posição de alguma sorte oficial e reconhecida; não é assim com os Espíritas, que não são registrados em nenhuma parte como tais, e dos quais nenhum diploma constata a crença; há-os, em todas as classes da sociedade, em todas as profissões, em todos os cultos, e em nenhuma parte constituem uma classe distinta. Sendo o Espiritismo uma crença fundada sobre uma convicção íntima *da qual não deve conta a ninguém,* não se conhece quase senão aqueles que se colocam em evidência ou freqüentem os grupos, e não o número de outro modo considerável daqueles que, sem se esconderem, não fazem parte de nenhuma reunião regular. Eis porque, apesar da certeza que se tem de que os adeptos são numerosos, freqüentemente, é difícil chegar a uma cifra suficiente quando se trata de uma operação coletiva.

Com relação às sociedades de socorros mútuos, apresenta-se uma outra consideração. O Espiritismo não forma e não deve formar classe distinta, uma vez que se dirige a todo o mundo; por seu próprio princípio ele deve estender a sua caridade indistintamente, sem perguntar da crença, porque todos os homens são irmãos; se funda instituições de caridade exclusivas para os adeptos, é forçado a dizer àquele que reclama assistência: "Sois dos nossos, e que prova disto dais? Senão, nada podemos por vós." Mereceria, assim, a censura de intolerância que se dirige a outros. Não, para fazer o bem, o Espírita não deve procurar na consciência e na opinião, e tendo diante dele um inimigo de sua fé infeliz, deve vir-lhe em ajuda no limite de suas faculdades. Será agindo assim que o Espiritismo mostrará o que é, e provará que vale mais do que aquilo que lhe opõem.

As sociedades de socorros mútuos se multiplicam de todos os lados e em todas as classes de trabalhadores. É uma excelente instituição, prelúdio do reino da fraternidade e da solidariedade do qual sente-se a necessidade; elas aproveitam os Espíritas que dela fazem parte, como em todo o mundo; por que, pois, a fundariam só para eles, de onde os outros seriam excluídos? Que ajudem a propagá-las, uma vez que são úteis; que, para torná-las melhores, façam nela penetrar o elemento espírita nela entrando eles mesmos, isto será mais aproveitável para eles e para a Doutrina. Em nome da caridade evangélica inscrita em sua bandeira, em nome dos interesses do Espiritismo, os adjuramos para evitar tudo o que pode estabelecer uma barreira entre eles e a sociedade. Quando o progresso moral tende a baixar aquelas mesmas que dividem os povos, o Espiritismo não deve levantá-las; sua essência é de penetrar por toda a parte; sua missão, de melhorar tudo que existe; ele faliria se se isolasse.

A beneficência deve, pois, permanecer individual, e, neste caso, sua ação não é mais limitada senão se ela é coletiva? A beneficência coletiva tem incontestáveis vantagens, e muito longe de dela nos afastar, nós a encorajamos. Nada é mais fácil do que praticá-la nos grupos, recolhendo por meio de cotizações regulares, ou de donativos facultativos, os elementos de um fundo de socorro; mas, então, agindo nestes círculo restrito, o controle das verdadeiras necessidades é fácil; o conhecimento que se pode delas ter permite uma partilha mais judiciosa e mais aproveitável; com uma soma módica, bem distribuída e dada *a propósito,* pode-se prestar mais serviços reais do que com uma grande quantia dada sem conhecimento de causa e, por assim dizer, ao acaso. É, pois, necessário poder se dar conta de certos detalhes, não se querendo esbanjar inutilmente seus recursos; ora, compreende-se que de tais cuidados seriam impossíveis operando-se numa vasta escala; aqui, nada de complicação administrativa, nada de pessoal burocrático; algumas pessoas de boa vontade, e eis tudo.

Não podemos, pois, senão encorajar, com todas as nossas forças, *a* beneficência coletiva nos grupos espíritas; conhecemo-los em Paris, na Província e na Estrangeiro, que são fundados, se não exclusivamente, pelo menos principalmente com esse objetivo, e cuja organização não deixa nada a desejar; ali, os membros devotados vão ao domicílio se informarem dos sofrimentos, e levar o que vale, algumas vezes, mais do que os socorros materiais: as consolações e os encorajamentos. Honra a eles, porque merecem bem o Espiritismo! Que cada grupo agisse assim em sua esfera de atividade, e todos juntos realizarão melhor do que não o poderia fazer uma caixa central quatro vezes mais rica.

ESTATÍSTICA DA LOUCURA.

O *Moniteurúe* 16 de abril de 1866, contém um relatório qüinqüenal dirigido ao Imperador pelo Ministro da Agricultura, do comércio e dos trabalhos públicos, sobre o estado de alienação mental na França. Esse relatório, muito extenso, sabiamente e conscienciosamente feito, é uma prova da solicitude que o Governo leva nesta grave questão de humanidade. Os documentos preciosos que ele encerra atestam uma observação atenta. Eles nos interessando tanto mais que são o desmentido formal e autêntico das acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, designado por eles como causa preponderante da loucura. Dele extraímos as passagens mais relevantes.

Esses documentos constatam, é verdade, um crescimento considerável no número dos alienados, mas ver-se-á que o Espiritismo lhe é completamente estranho. Esse número que, nos asilos especiais, era em 1835, de 10.539, encontrava-se, em 1861,30.229; é, pois, um aumento de 19.700 em 26 anos, sendo em média 750 por ano, assim como resulta do quadro seguinte:

Em 1ˉ de janeiro		Em 1ˉ de janeiro		Em 1ˉ de janeiro	
1835...	10.539	1844...	16.255	1853...	23.795
1836...	11.091	1845...	17.089	1854...	24.524
1837...	11.429	1846...	18.013	1855...	24.896
1838...	11.982	1847...	19.023	1856...	25.485
1839...	12.577	1848...	19.570	1857...	26.305
1840...	13.283	1849...	20.231	1858...	27.028
1841...	13.887	1850...	20.061	1859...	27.878
1842...	15.280	1851...	21.353	1860...	28.761
1843...	15.786	1852...	22.495	1861...	30.239

O relatório constata, além disso, o fato capital de que o aumento foi progressivo, ano a ano, de 1835 a 1846, e que, desde então, esteve em decrescimento, como indica o quadro adiante:

Período de 1836 a 1841, crescimento anual de 5,4%
de 1841 a 1846, 5,94%
de 1846 a 1851, 3,71%
\- de 1851 a 1856, 3,87%
\- de 1856 a 1861, 3,14%

"Em presença dessa diminuição, disse o Sr. Ministro, que igualmente produziu, como o estabelecerei mais longe, nas admissões, é provável que o crescimento inteiramente excepcional na população de nossos asilos se deterá logo.

"O número de doentes que podiam convenientemente abrigar nossos asilos era, no fim de 1860, de 31.550. O efetivo dos doentes mantidos na mesma época se elevava a30.239.0 número de lugares disponíveis, conseqüentemente, não era senão de 1.321.

"Do ponto de vista da natureza de sua enfermidade, os doentes em tratamento em 1e de janeiro de cada um dos anos 1856 - 1861 (únicos anos para os quais a distinção foi feita) se classificam assim como se segue:

Anos. Loucos.	Idiotas.... Cretinos.
1856........... 22.602	2.840......... 43
1857........... 23.283	2.976......... 46
1858........... 23.851	3.134..........43
1859........... 24.395	3.443......... 40
1860.............25.147	3.577......... 37
1861 ....26.450	3.746..........43

"O fato saliente deste quadro é o aumento considerável, com relação aos loucos, do número dos idiotas tratados nos asilos. Ele foi, em cinco anos, de 32%, ao passo que, no mesmo intervalo, o efetivo dos loucos não se elevou senão de 14%. Esta diferença é a conseqüência da admissão, nos asilos, de um grande número de idiotas que permaneciam anteriormente no seio das famílias.

"Dividido por sexos, o efetivo da população total dos asilos oferece, cada ano, um excedente numérico do sexo feminino sobre o sexo masculino. Eis as cifras constatadas para os doentes presentes no fim de cada um dos anos 1854 - 1860:

Anos	Sexo masculino	Sexo feminino
1854.	12.036	12.860
1855.	12.221	13.264
1856	12.632	13.673
1857	12.930	14.098
1858	13.392	14.486
1859	13.876	14.885
1860	14.582	15.657

"A média anual, calculada sobre esse período de seis anos, é, para 100 doentes, de 51,99 mulheres e 48,10 homens. Esta desproporção dos dois sexos, que se reproduz cada ano desde 1842, com pequenas diferenças, é muito notável em presença da superioridade numérica bem constatada do sexo masculino nas admissões, onde se contam 52,91% homens doentes admitidos. Ela é devida, como foi explicado na precedente publicação, à maior mortalidade destes últimos, e, além disso, que sua permanência no asilo é notavelmente menos longa que a das mulheres.

"A partir de 1856, os doentes em tratamento nos asilos, foram classificados segundo as chances de cura que seu estado parecia oferecer. As cifras adiante resumem os fatos constatados para a categoria dos loucos em tratamento em 1- *de* janeiro de cada ano:

Anos	Presumivelmente Curáveis	Presumivelmente Incuráveis	Totais,
1856.	4.404	18.198	22.602
1857,	4.389	18.894	23.283
1858.	4.266	19.585	24.851
1859,	4.613	19.782	24.395
1860.	4.499	19.648	25.147

"Assim, mais dos quatro quintos dos loucos mantidos em nossos asilos não oferecem nenhuma chance de cura. Este triste resultado é a conseqüência da incúria ou da ternura cega da maioria das famílias, que não se separam senão o mais tarde possível de seus alienados, quer dizer, quando seu mal inveterado não deixa nenhuma esperança de cura.

"Sabe-se com que cuidado os médicos de nossos asilos de alienados, no momento da admissão de um doente, procuram determinar a causa de sua loucura, a fim de poder chegar a atacar o mal em seu princípio e aplicar-lhe um remédio apropriado à sua natureza. Tão escrupulosas, tão conscienciosas essas investigações médicas, seus resultados, não é preciso esquecê-lo, estão longe de eqüivalerem aos fatos suficientemente estabelecidos. Com efeito, não repousam senão sobre apreciações cuja exatidão pode oferecer diferentes circunstâncias. Primeiro, é a extrema dificuldade em descobrir, entre as diversas influências que sofreu a razão do doente, a causa decisiva, aquela da qual a alienação saiu. Mencionamos em seguida a repugnância das famílias em fazerem ao médico confidencias completas. Talvez seja preciso ter em conta igualmente a tendência atual da maioria dos médicos em considerar as causas morais como inteiramente secundárias e acidentais, para atribuir de preferência o mal à causas puramente físicas.

"É sob o benefício dessas observações que vou abordar o exame dos quadros relativos às causas presumíveis da alienação dos 38.988 doentes admitidos de 1856 a 1860.

"A loucura se produziu, mais freqüentemente, sob a influência de causas físicas do que de causas morais? Eis os fatos recolhidos sobre esse ponto (eliminação feita da hereditariedade), para os loucos admitidos em cada um dos cinco anos do período 1856 - 1860:

Anos - Causas físicas.	Causas morais.
1856........... 2.730	1.724
1857........... 3.213	2.171
1858........... 3.202	2.217
1859........... 3.277	1.986
1860....... 3.444 .	2.259
Totais, 15.866....	10.357

"Segundo essas cifras, sobre 1.000 casos de loucura, 607 foram relacionados a causas físicas e 393 a causas morais. A loucura se produziria, pois, mais freqüentemente, sob influências físicas. Esta observação é comum a um e ao outro sexo, com esta diferença, todavia, de que, para as mulheres, o número de casos cuja origem foi atribuída a causas morais é relativamente mais elevado do que para os homens.

"Os 15.866 casos, onde a loucura apareceu provocada por uma causa física, se decompõe assim como se segue:

Efeito da idade (demência senil)	2.098
Privação e miséria	1.008
Onanismo e abusos venéreos	1.026
Excessos alcoólicos	3.455
Vício congênito	474
Doenças próprias da mulher	1.592
Epilepsia	1.498
Outras doenças do sistema nervoso	1.136
Pancadas, quedas, feridas, etc	398
Doenças diversas	2.866
Outras causas físicas	1.164
Total	15.866

"Quanto aos fenômenos de ordem moral, aqueles que parecem produzir, o mais freqüentemente, a loucura, são: primeiro os desgostos domésticos e a exaltação dos sentimentos religiosos; depois vêm, em seguida, os reveses de fortuna e a ambição frustrada. Eis, de resto, o enunciado detalhado dos 10.357 casos de loucura considerados como a conseqüência imediata de diversos incidentes da vida moral:

Excesso de trabalho intelectual	358
Desgostos domésticos	2.549
Desgostos resultantes da perda da fortuna	851
Desgostos resultantes da perda de uma pessoa querida	803
Desgostos resultantes da ambição frustrada	520
Remorsos	102
Cólera	123
Alegria	31
Pudor ferido	69
Amor	767
Ciúme	456
Orgulho	368
Acontecimentos políticos	123
Passagem súbita de uma vida ativa para uma vida inativa e *vice-versa*	82
Isolamento e solidão	115
Aprisionamento simples	113
Aprisionamento celular	26
Nostalgia	78
Sentimentos religiosos levados ao excesso	1.095
Outras causas morais	1.728
Totais	10.357

"Em suma, abstração feita da hereditariedade, resulta das observações recolhidas sobre os doentes admitidos em nossos asilos de alienados, durante o período 1856-1860, que, de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais comum é o alcoolismo. Em seguida, vêm os desgostos domésticos, a idade, as doenças de diferentes ordens, a epilepsia, a exaltação religiosa, o onanismo e as privações de todas as espécies.

"O quadro seguinte dá o número dos paralíticos, epilépticos surdos-mudos, escrofulosos e os que têm bócio entre os doentes admitidos pela primeira vez de 1856 a 1860:

	Loucos	Idiotas-cretinos.
Paralíticos....................	3.775.............	69
Epilépticos....................	1.763............	347
Surdos-mudos..................	133	61
Escrofulosos...................	381...........	146
Portadores de bócio.........	123	32

"A loucura se complica com a paralisia muito mais freqüentemente entre as mulheres. Entre os epilépticos, há, igualmente, mais homens do que mulheres, mas numa proporção menor.

"Procurando-se agora, distinguindo-se os sexos, em algumas proporções, as curas se produziram cada ano, relativamente ao número dos doentes tratados, obtém-se os resultados que seguem:

Ano.	Homens.	Mulheres.	2 sexos.
1854	8,93 %	8,65 %	8,79 %
1855	8,92	8,81	8,86
1856	8,00	7,69	7,83
1857	8,11	7,45	7,62
1858	8,02	6,74	7,37
1859	7,69	6,71	7,19
1860	7,05	6,95	7,00

'Vê-se que, se a loucura é curável, o número proporcional das curas é ainda muito restrito, apesar das melhorias de toda natureza levadas no tratamento dos doentes e a apropriação dos asilos. De 1856 a 1860, a proporção média das curas foi, para os loucos dos dois sexos reunidos, de 8,24 sobre 100 doentes tratados. É o duodécimo somente. Esta proporção seria muito mais elevada se as famílias não tivessem o erro grave de não se separarem de seus alienados senão quando a doença já tomou proporções inquietantes.

Um fato digno de nota é que o número proporcional dos homens curados excede, cada ano, o das mulheres. Sobre 100 loucos tratados, contou-se em média, de 1856 a 1860, 8,69 curas para os homens e 7,81 somente para as mulheres, seja em torno de um nono a mais para os alienados do sexo masculino.

"Entre os 13.687 loucos saídos depois da cura, de 1856 a 1860, os há somente 9.789 para os quais se pôde determinar as influências diversas que tinham ocasionado sua afecção mental. Eis o resumo das indicações recolhidas sob esse ponto de vista:

Causas físicas.......................	5.253 curados.
Causas morais......................	<u>4.536</u>
Total	9.789

"Representando por 1.000 esse número total, encontra-se que, entre 536 doentes curados, a loucura tinha sobrevindo em conseqüência de causas físicas, e, em 464, em conseqüência de influências morais. Estas proporções numéricas diferem muito sensivelmente daquelas precedentemente constatadas, naquilo que concerne às admissões de 1856 a 1860, onde se contou, sobre 1.000 admitidos, somente 393 doentes cuja loucura tinha uma causa moral. De onde resulta que essa categoria de doentes, as

curas obtidas teriam sido relativamente mais numerosas do que entre aqueles cuja loucura teve uma causa física.

"Quase a metade dos casos curados, para os quais a causa do mal foi reconhecida, era devida às circunstâncias seguintes: alcoolismo, 1.738; desgostos domésticos, 1171; doenças diversas, 761; doenças próprias da mulher, 723; exaltação dos sentimentos religiosos, 460.

"Entre 1.522 doentes curados, constatou-se uma predisposição hereditária. *É* uma proporção de 15% com relação ao número dos loucos curados."

Desses documentos, resulta primeiro que o crescimento da loucura, constatado desde 1835, é de perto de vinte anos anterior o aparecimento do Espiritismo na França, quando se ocupou das mesas girantes, como divertimento antes do que como coisa séria, senão desde 1852, e da parte filosófica senão desde 1857. Em segundo lugar, esse aumento seguiu cada ano numa marcha ascendente de 1835 a 1846; de 1847 a 1861, ela foi diminuindo de ano em ano; e a diminuição foi maior de 1856 a 1861, precisamente no período em que o Espiritismo tomava seu desenvolvimento. Ora, foi precisamente também por essa época que se publicavam brochuras, e que os jornais se apressavam em repetir que as casas de alienados estavam cheias de loucos espíritas, a tal ponto que várias tinham sido obrigadas a aumentar suas dependências; até que se contavam deles por mais de quarenta mil. Como se poderia tê-los mais de 40.000 então que o relatório constata um número máximo de 30.339? Em qual fonte mais certa do que da autoridade desses senhores hauriram suas informações? Provoquem uma investigação: hei-la feita tão minuciosamente quanto possível, e veja se ela lhes dá *razão.*

O que ressalta igualmente do relatório, é o número dos idiotas e dos cretinos, que entra por uma parte considerável na conta geral, e o aumento anual desse número, que, evidentemente, não pode ser atribuído ao Espiritismo.

Quanto às causas predominantes da loucura elas foram, como se vê, minuciosamente estudadas, *e,* no entanto, o Espiritismo ali não figura nem nominalmente nem por alusão. Teria ele passado desapercebido se, como alguns o pretendem, tivesse só ele povoado as casas de alienados?

Não pensamos que se atribua ao ministro o pensamento de ter querido poupar os Espíritas abstendo-se de mencioná-los se tivesse tido lugar de fazê-lo. Em todos os casos, certos números viriam recusar toda a parte preponderante do Espiritismo no estado das coisas; se o fora de outro modo, as causas morais superariam em número sobre as causas físicas, ao passo que foi ao contrário o que teve lugar; o número dos alienados reputados incuráveis não seria quatro e cinco vezes maior do que os dos doentes presumidos curáveis, e a relação não diria que os quatro quintos de loucos mantidos nos asilos não oferecem nenhuma chance de cura.

Enfim, em presença do desenvolvimento que toma cada dia o Espiritismo, o ministro não diria que em razão da diminuição que se produziu, é provável que o crescimento inteiramente excepcional na população dos asilos se deterá logo.

Em resumo, esse relatório é a resposta mais peremptória que se possa fazer àqueles que acusam o Espiritismo de ser uma causa preponderante da loucura. Aqui não são nem hipóteses nem raciocínios, são números autênticos opostos a números de fantasia, fatos materiais opostos às alegações mentirosas de seus detratores interessados em desacreditá-lo na opinião.

MORTE DE JOSEPH MERY.

Um homem de talento, inteligência de elite, poeta e literato distinto, o Sr. Joseph Méry, morreu em Paris, no dia 17 de junho de 1866, com a idade de 67 anos e meio. Se bem que não fosse adepto confesso do Espiritismo, pertencia à classe numerosa

daqueles que se podem chamar *Espíritas inconscientes,* quer dizer, em quem as idéias fundamentais do Espiritismo existem no estado de intuição. A esse título, podemos, sem sair de nossa especialidade, consagrar-lhe algumas linhas que não serão inúteis à nossa instrução.

Seria supérfluo repetir aqui as informações que a maioria dos jornais publicaram, por ocasião de sua morte, sobre sua vida e sobre suas obras. Reproduziremos somente a passagem seguinte da notícia do *Siècle* (19 de junho), porque é uma justa homenagem prestada ao caráter do homem. Depois de ter enumerado seus trabalhos literários, o autor do artigo o descreve assim: "Joseph Méry se prodigalizava na conversação; falador brilhante, improvisador de estâncias e de ditos rimados, semeava os brilhantismos, os paradoxos, com uma verve infatigável; e, particularidade que o honra, jamais sacrificou ninguém a uma boa palavra, jamais deixou de ser benevolente para com todos. É um dos mais belos elogios que se pode fazer a um escritor."

Dissemos que o Sr. Méry era Espírita de intuição; acreditava não só na alma e em sua sobrevivência, no mundo espiritual que nos cerca, mas na pluralidade das existências, e esta crença era nele o resultado de *recordações.* Estava persuadido de ter vivido em Roma, ao tempo de Augusto, na Alemanha, nas índias, etc.; mesmo certos detalhes eram tão bem presentes em sua memória que descrevia com exatidão lugares que jamais viu. Foi essa faculdade que o autor do artigo precitado fez alusão quando disse: "Sua imaginação inesgotável criava os países que não tinha visto, adivinhava os costumes, pintava-lhes os habitantes com a fidelidade tanto mais maravilhosa quanto a *possuía com seu desconhecimento."*

Citamos os fatos mais salientes que lhe concernem sob esse aspecto, no número da *Revista* de novembro de 1864, página 328, reproduzindo, sob o título de *Recordações de existências passadas,* o artigo biográfico publicado pelo Sr. Dangeau, no *Journal litteraire,* de 25 de setembro de 1864, e que fizemos seguir de algumas reflexões. Essa faculdade era perfeitamente conhecida de seus confrades em literatura; que pensavam dela? Para alguns, isso não era senão um *singular* efeito da imaginação; mas, como o Sr. Méry era um homem estimado, de um caráter simples e reto, que se sabia incapaz de uma impostura- a exatidão de certas descrições locais fora alhures reconhecida, - e que não se podia racionalmente taxá-lo de loucura, sempre se dizendo que poderia muito ali ter alguma coisa de verdadeiro; também esses fatos foram lembrados num dos discursos que foram pronunciados sobre o seu túmulo; ora, se tivessem sido considerados como aberrações de seu espírito, se os teria passado sob silêncio. Foi, pois, em presença de um imenso concurso de ouvintes, da elite da literatura e da imprensa, numa circunstância séria e solene, uma daquelas que ordenam o maior respeito, que foi dito que o Sr. Méry recordava-se de ter vivido em várias outras épocas e o provava pelos fatos. Isto não podia deixar de dar lugar à reflexão, tanto mais que, fora do Espiritismo, muitas pessoas adotam a idéia da pluralidade das existências como sendo a mais racional. Os fatos dessa natureza, concernentes ao Sr. Méry, sendo uma das particularidades salientes de sua vida, e tendo tido ressonância por ocasião de sua morte, não poderão senão acreditá-lo.

Ora, quais são as conseqüências dessa crença, abstração feita do Espiritismo? Admitindo-se que já se viveu uma vez, pode-se, deve-se mesmo ter vivido várias vezes, e pode-se reviver depois desta existência. Revivendo-se várias vezes, isto não pode ser com o mesmo corpo; portanto, há em nós um princípio inteligente, independente da matéria, e que *conserva sua individualidade;* é, como se vê, a negação das doutrinas materialistas e panteístas. Esse princípio, ou alma, *revivendo sobre a Terra,* uma vez que pode conservar a intuição de seu passado, não pode se perder no infinito depois da morte, como se o crê vulgarmente; ela deve, no intervalo de suas existências corpóreas, permanecer no meio humanitário; devendo retomar novas existências nessa mesma Humanidade, não deve perdê-la de vista; deve seguir-lhe as peripécias: eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual vivemos, reconhecido; nesse mundo, se

encontram naturalmente nossos parentes, nossos amigos, que devem continuar a se interessar por nós, como nos interessamos por eles, e que não estão perdidos para nós, uma vez que existem e podem estar junto de nós. Eis ao que forçosamente chegam a crer, as conseqüências às quais não podem deixar de chegar aqueles que admitem o princípio da pluralidade das existências, e eis no que acreditava Méry. Que faz além disso o Espiritismo? chama *Espíritos* esses mesmos seres invisíveis, e diz que, estando em nosso meio, podem manifestar a sua presença e se comunicar aos encarnados. Quando o excesso foi admitido, isto é, pois, insensato?

Como se vê, a distância que separa o Espiritismo da crença íntima de uma multidão de pessoas é muito pouca coisa. O fato das manifestações não é mais do que um acessório e uma confirmação prática do princípio fundamental admitido em teoria. Por que, pois, alguns daqueles que admitem a base repelem o que deve servir-lhe de prova? Pela idéia falsa que dela fazem. Mas aqueles que se dão ao trabalho de estudá-lo e aprofundá-lo, logo reconhecem que estão mais perto do Espiritismo do que o crêem, e que a maioria dentre eles são Espíritas sem o saberem: não lhes falta senão o nome. Eis porque se vêem tantas idéias espíritas emitidas a cada instante por aqueles mesmos que repelem a palavra, e porque essas mesmas idéias são tão facilmente aceitas. Quando está-se numa questão de palavras, se está bem perto de se entender.

O Espiritismo, tocando em tudo, entra no mundo por uma infinidade de portas: uns a ele são conduzidos pelo fato das manifestações; outros, pela infelicidade que os fere e contra a qual encontra, nesta crença, a única consolação verdadeira; outros pela idéia filosófica e religiosa; outros, enfim, pelo princípio da pluralidade das existências. Méry, contribuindo para acreditar esse princípio num certo mundo, talvez faça mais pela propagação do Espiritismo do que se tivesse abertamente se confessado Espírita.

É precisamente no momento em que essa grande lei da Humanidade vem se afirmar por fatos e o testemunho de um homem honrado, que a Corte de Roma vem, de sua parte, desaprová-la colocando no index *a Pluralidade das existências da alma,* por Pezzani (jornal lê *Monde, 22* de junho de 1866); essa medida terá inevitavelmente por efeito chamar a atenção sobre a questão e provocar-lhe o exame. A pluralidade das existências não é uma simples opinião filosófica; é uma *lei da Natureza* que nenhum anátema pode impedir de ser, e com a qual será preciso, cedo ou tarde, que a teologia se ponha de acordo. É insuficiente apressar-se em condenar, em nome da Divindade, uma lei que, como todas aquelas que regem o mundo, é uma obra da Divindade; é muito a temer que não seja logo essa condenação como daquelas que foram lançadas contra o movimento da Terra e os períodos de sua formação.

A comunicação seguinte foi obtida na Sociedade de Paris, em 22 de junho de 1866; (médium, Sr. Desliens).

Pergunta. Senhor Méry, não tivemos a vantagem de vos conhecer senão de reputação; mas vossos talentos e a estima merecida da qual estáveis cercado, nos fazem esperar encontrar, nas conversas que teremos convosco, uma instrução da qual seremos felizes de aproveitar todas as vezes que consentirdes vir entre nós.

As perguntas que desejaríamos vos dirigir hoje, se a época próxima de vossa morte vos permite responder, são estas:

1- Como se realizou para vós a passagem desta vida para a outra, e quais foram as vossas impressões entrando no mundo espiritual?

2- Quando vivo tínheis conhecimento do Espiritismo, e que pensáveis dele?

3- O que se diz de vossas recordações de existências anteriores é exato, e que influência essas recordações exerceram sobre vossa vida terrestre *e* vossos escritos?

Pensamos supérfluo vos perguntar se estais feliz em vossa nova posição; a bondade de vosso caráter e vossa honradez nos permitem esperá-lo.

Resposta. Senhores, estou extremamente tocado pelo testemunho de simpatia que quereis dar-me, e que se encerra nas palavras de vosso honorável presidente. Estou feliz por ter atendido ao vosso chamado, porque minha situação atual me afirma a realidade de um ensino do qual tinha trazido a intuição ao nascer, e também porque pensais naquilo que resta de Méry romancista, ao futuro de minha parte íntima e viva, de minha alma, enfim, ao passo que meus numerosos amigos pensavam sobretudo, em me deixando, na personalidade que os abandonava. Lançaram-me seu último adeus e me desejaram que a terra me fosse leve! Que resta de Méry para eles?... Um pouco de pó e as obras sobre o mérito das quais não fui chamado a me pronunciar... De minha vida nova, nem uma palavra!

Lembraram minhas teorias como uma das singularidades de meu caráter, a imposição de minhas convicções como um efeito magnético, um encanto que desaparece com a minha ausência; mas do Méry que sobrevive ao corpo, deste ser inteligente que dá conta hoje de sua vida de ontem, e que pensa em sua vida de amanhã, que se diz dele?... Nada!... Nisso nem mesmo pensaram... O romancista tão alegre, tão triste, tão divertido às vezes, partiu; deram-lhe uma lágrima, uma lembrança! Em oito dias, nele não se pensará mais, e as peripécias da guerra farão esquecer o retorno do pobre exilado à sua pátria.

Os insensatos! diziam há muito tempo: "Méry está doente, se enfraquece, envelhece." Como se enganam!... Eu ia para a juventude, crede-o; é a criança que chora entrando na vida, que avança para a velhice; o homem maduro que morre reencontra a juventude eterna além do túmulo!

A morte foi para mim de uma doçura inefável. Meu pobre corpo, afligido pela doença, teve algumas últimas convulsões, e tudo foi dito; mas meu Espírito saía pouco a pouco de seus cueiros, e planava ainda prisioneiro e aspirando já o infinito!... Fui libertado sem perturbação, sem abalo; não tive admiração, porque o túmulo não tinha mais véu para mim. Eu abordava uma margem conhecida; sabia que meus amigos devotados me esperavam na praia, porque não era a primeira vez que fazia essa viagem.

Como eu dizia aos meus ouvintes admirados, conhecia a Roma dos Césares; comandei como conquistador subalterno nessa mesma Gália que habitei recentemente como cidadão; ajudei a conquistar a vossa pátria; a escravizar vossos altivos ancestrais, depois parti para retemperar minhas forças na fonte da vida intelectual, para escolher novas provas e novos meios de adiantamento. Vi as margens do Ganges e as dos rios da China; assimilei essas civilizações tão diferentes da vossa e, no entanto, tão grandes, tão avançadas em seu gênero. Vivi sob a zona tórrida e nos climas temperados; estudei os costumes aqui e lá, guerreiro, poeta, escritor alternativamente, filósofo e sonhador sempre...

Esta última existência foi para mim uma espécie de resumo de todas aquelas que a precederam. Adquiri há pouco; ontem ainda, eu dispensava os tesouros acumulados por uma série de existências, de observações e de estudos.

Sim, eu era Espírita de coração e de espírito, senão de raciocínio. A preexistência era para mim um fato, a reencarnação uma lei, o Espiritismo uma verdade. Quanto às questões de detalhe, confesso de boa fé que a elas não liguei uma grande importância. Eu acreditava

na sobrevivência da alma, na pluralidade das existências, mas jamais tentei aprofundar se ela poderia, depois de ter deixado seu corpo mortal, manter, livre, relações com aqueles que estão ainda presos à cadeia. Ah! Victor Hugo disse com verdade, "a Terra não é outra coisa que a prisão do céu!..." Quebra-se algumas vezes sua cadeia, mas para retomá-la. Não se sai daqui, certamente, senão deixando aos seus guardiães o cuidado de desatar, quando o momento é chegado, os laços que nos prendem à prova.

Sou feliz, muito feliz, porque tenho consciência de ter vivido bem!

Perdoai-me, senhores, é ainda Méry o sonhador que vos fala, e permiti-me retornar numa reunião onde eu me sinta comodamente. Nela deve ter a aprender convosco, e, se quiserdes me receber no número de vosso ouvintes invisíveis, será com alegria que permanecerei entre vós, escutando, me instruindo e falando se a ocasião disso me apresente.

J. MÉRY.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS NAS COMUNICAÇÕES PARTICULARES.

Porque os Espíritos que são evocados por um sentimento de afeição, freqüentemente, se recusam a dar provas de sua identidade?

Concebe-se todo o valor que se liga às provas de identidade da parte dos Espíritos que nos são caros; este sentimento é muito natural, e parece que, do momento em que os Espíritos podem se manifestar, lhes deve ser muito fácil atestar a sua personalidade. A falta de provas materiais é, para certas pessoas, sobretudo aquelas que não conhecem o mecanismo da mediunidade, quer dizer, a lei das relações entre os Espíritos e os homens, uma causa de dúvida e de penosa incerteza. Embora tenhamos várias vezes tratado desta questão, vamos examiná-la de novo para responder a algumas perguntas que nos são endereçadas.

Não temos nada a acrescentar ao que foi dito sobre a identidade dos Espíritos que vêm unicamente para a nossa instrução, e que deixaram a Terra há um certo tempo; sabe-se que ela não pode ser atestada de maneira absoluta, e que se deve limitar a julgar o valor da linguagem.

A identidade não pode ser constatada com certeza senão para os Espíritos partidos há pouco, dos quais se conhece o caráter e os hábitos que se refletem em suas palavras. Neles a identidade se revela por mil particularidades de detalhe. A prova ressalta algumas vezes de fatos materiais, característicos, mas, o mais freqüentemente, das próprias nuanças da linguagem e de uma multidão de pequenos nadas que, por serem pouco salientes, para isso não são menos significativos.

As comunicações deste gênero, freqüentemente, encerram mais provas do que se crê, e que se descobre com mais atenção e menos prevenção. Infelizmente, na maior parte do tempo não se contenta com aquilo que o Espírito quer ou pode dar; querem as provas à sua maneira; lhe pedem dizer ou fazer tal coisa, de lembrar um nome ou um fato, e isto num momento dado, sem pensar nos obstáculos que a isso se opõe às vezes, e paralisam sua boa vontade. Depois, obtém-se o que se deseja, muito freqüentemente, se quer vantagem; acha-se que não é ainda bastante concludente; depois de um fato se lhe pede um outro, depois um outro; em uma palavra, isso não é jamais bastante para se convencer. É então que, freqüentemente, o Espírito, fatigado com essa insistência, cessa completamente de se manifestar, à espera de que a convicção chegue por outros meios. Mas, muito freqüentemente também, sua abstenção lhe é imposta por uma vontade superior, como punição para o solicitador muito exigente, e também como prova para a sua fé; porque se, por algumas decepções, e por falta de obter o que se quer, e da maneira que se quer, viesse a abandonar os Espíritos, estes o abandonariam ao seu turno, deixando-o mergulhado nas angústias e nas torturas da dúvida, felizes quando seu abandono não tem conseqüências mais graves.

Mas, numa multidão de casos, as provas materiais de identidade são independentes da vontade do Espírito, e do desejo que se tem de dá-las; isto prende-se à natureza, ou ao estado do instrumento pelo qual se comunica. Há na faculdade medianímica uma variedade infinita de nuanças que tornam o médium apto ou impróprio para a obtenção de tais ou tais efeitos, que, à primeira vista, parecem idênticos, e que, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: ele não pode dar som pelas cordas que lhe faltam. Eis disso um exemplo notável.

Conhecemos um médium que se pode alinhar entre os de primeira ordem, tanto pela natureza das instruções que recebe, quanto pela sua aptidão em se comunicar com quase todos os Espíritos sem distinção. Muitas vezes, nas evocações particulares, ele obteve provas irrecusáveis de identidade, pela reprodução da linguagem e do caráter de pessoas que jamais conhecera. Há algum tempo, para uma pessoa que vinha de perder subitamente vários filhos, a evocação de um destes últimos, uma menina. A comunicação refletia perfeitamente o caráter da criança, e ela estava tanto mais satisfeita quanto respondia a uma dúvida do pai sobre sua posição como Espírito. No entanto, não havia senão provas de alguma sorte morais; o pai achava que um outro filho poderia falar do mesmo modo; ele queria alguma coisa que só a sua filha pudesse dizer; admirou-se, sobretudo, que ela o chamasse *pai,* em lugar do pequeno nome familiar que ela lhe deu, e que não era um nome francês, segundo esta idéia de que, uma vez que ela dizia uma palavra, poderia dizer-lhe uma outra. Tendo o pai lhe perguntado a razão disso, eis a resposta que o guia do médium deu *a* este respeito.

'Vossa filhinha, se bem que inteiramente desligada, não está em estado de vos fazer compreender como ocorre que ela não pode fazer o médium exprimir os termos que vos são conhecidos, que, no entanto, lhe sopra. Ela obedecia a uma lei em se comunicando, mas não a compreende bastante para explicar-lhe o mecanismo. A mediunidade é uma faculdade cujas nuanças variam infinitamente, e os médiuns que tratam ordinariamente dos assuntos filosóficos não obtêm senão raramente, e sempre espontaneamente, dessas particularidades que fazem reconhecer a personalidade do Espírito de maneira evidente. Quando os médiuns desse gênero pedem uma prova de identidade no desejo de satisfazer o evocador, as fibras cerebrais tensas, pelo seu próprio desejo, não estão mais bastante maleáveis para que o Espírito as faça mover à sua vontade; segue-se que as palavras características não podem ser reproduzidas. O pensamento fica, mas a forma não existe mais. Não há, pois, nada de espantoso em que a vossa filha vos tenha chamado *pai em* lugar de vos dar a qualificação familiar à qual esperáveis. Por um médium especial, obtereis resultados que vos satisfarão; não é senão um pouco de paciência a ter."

A alguns dias daí, esse senhor, encontrando-se no grupo de um de nossos associados, obteve de um outro médium, pela tiptologia, e em presença do primeiro, não só o nome que desejava sem que tivesse especialmente pedido, mas outros fatos de precisão notáveis. Assim a faculdade do primeiro médium, embora desenvolvida e flexível que ela fosse, não *se* prestava a esse gênero de produção medianímica. Ele podia reproduzir as palavras que são a tradução do pensamento transmitido, e não dos termos que exigem um trabalho especial; eis porque o conjunto da comunicação refletia o caráter e a distinção das idéias do Espírito, mas sem sinais materiais característicos. Um médium não é uma máquina própria para todos os efeitos; do mesmo modo que não se encontram duas pessoas inteiramente semelhantes no físico e no moral, não há dois médiuns cuja faculdade seja absolutamente idêntica.

Há que se notar que as provas de identidade vêm, quase sempre, espontaneamente, no momento em que menos se pensa nelas, ao passo que são muito raramente dadas a pedido de quem as faz. É capricho da parte do Espírito? Não; há uma causa material, a seguinte.

As disposições fluídicas, que estabelecem as relações entre o Espírito e o médium, oferecem nuanças de uma extrema delicadeza, inapreciáveis aos nossos sentidos, e que variam de um momento a outro no mesmo médium. Freqüentemente, um efeito que não é possível num instante desejado, se-lo-á uma hora, um dia, uma semana mais tarde, porque as disposições ou a energia das correntes fluídicas terão mudado. Assim o é aqui como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz basta para favorecer ou impedir a reprodução da imagem. É que um poeta faz versos à vontade? Não; é-lhe preciso a inspiração; se não está em disposição favorável, inutilmente escavará o cérebro, ele nada obtém; perguntai-lhe, pois, por quê? Nas evocações, o Espírito deixa à sua vontade aproveitar as disposições que encontra no médium, aproveitando o momento propício; mas, quando essas disposições não existem, não pode mais do que o fotógrafo na ausência da luz. Apesar de seu desejo, não pode, pois, sempre satisfazer instantaneamente um pedido em caso de provas de identidade; é porque é preferível esperá-las do que solicitá-las.

É preciso, além disso, considerar que as relações fluídicas, que devem existir entre o Espírito e o médium, jamais se estabelecem completamente desde a primeira vez; a assimilação não se faz senão com o tempo e gradualmente. Disto resulta que, em começando, o Espírito sente sempre uma dificuldade que influi sobre a nitidez, a precisão e o desenvolvimento das comunicações; ao passo que, quando o Espírito e o médium estão habituados um com o outro, que seus fluidos são identificados, as comunicações se fazem naturalmente, porque não há mais resistência a vencer.

Vê-se por aí o quanto de considerações é preciso levar em conta no exame das comunicações; é por falta de fazê-lo, e de conhecer as leis que regem essas espécies de fenômenos, que se pede, freqüentemente, o que é impossível. É absolutamente como se alguém que não conhecesse as leis da eletricidade se admirasse de que o telégrafo possa sentir as variações e as interrupções, e disto concluísse que a eletricidade não existe.

O fato da constatação da identidade de certos Espíritos é um acessório no vasto conjunto dos resultados que o Espiritismo abarca; fosse essa constatação impossível, ela não prejulgaria nada contra as manifestações em geral, nem contra as conseqüências morais que dela decorrem. É preciso lamentar aqueles que se privam das consolações que ela proporciona, por falta de terem obtido uma satisfação pessoal, porque isto seria sacrificar o todo à parte.

QUALIFICAÇÃO DE SANTO APLICADA A CERTOS ESPÍRITOS.

Num grupo da província, tendo um Espírito se apresentado sob o nome de "São José, santo, três vezes santo," isto deu lugar para colocar a pergunta seguinte:

Um Espírito, mesmo canonizado quando vivo pode-se dar a qualificação de santo, sem faltar a humildade que é um dos apanágios da verdadeira santidade, *e* convém, em invocando-o, dar-lhe esse título? O Espírito que o toma, deve, por esse fato, ser tido por suspeito?

Um outro Espírito respondeu:

"Deveis rejeitá-lo em seguida, porque tanto mais valeria um capitão se apresentando a vós exibindo pomposamente seus numerosos feitos de armas antes de declinar seu nome, ou um poeta que começasse por gabar seus talentos; veríeis nessas palavras um orgulho deslocado. Assim, deve sê-lo entre homens que tiveram algumas virtudes sobre a Terra e que se julgou dignos da canonização. Se se apresentam a vós com humildade, crede neles; se vêm se fazendo preceder de sua santidade, agradecei-os e não perdereis nada. O encarnado não é santo porque foi canonizado: só Deus é santo, porque só ele possui todas as perfeições. Vede os Espíritos superiores, que conheceis pela sublimidade

de seus ensinos, eles não ousam se dizer santos; se qualificam simplesmente de Espíritos de verdade."

Esta resposta, pede, ela mesma, algumas retificações. A canonização não implica a santidade no sentido absoluto, mas simplesmente um certo grau de perfeição. Para alguns a qualificação de santo tornou-se uma espécie de título banal fazendo parte integrante no nome, para distingui-los de seus homônimos, ou que se lhes dá por hábito. Santo Agostinho, São Luís, São Tomás, podem, pois, colocar a palavra santo diante de sua assinatura, sem que isto seja por um sentimento de orgulho, que estaria tanto mais deslocado nos Espíritos superiores que, melhor do que os outros, não fazem nenhum caso das distinções dadas pelos homens. Ocorreria o mesmo com os títulos nobiliárquicos ou os graus militares; seguramente, aquele que foi duque, príncipe ou general sobre a Terra, não o é mais no mundo dos Espíritos, e, no entanto, assinando, poderão tomar essas qualificações, sem que isto tenha conseqüência para seu caráter. Alguns assinam: Aquele que, quando vivo sobre a Terra, foi o duque tal. O sentimento do Espírito se revela pelo conjunto de suas comunicações e por sinais inequívocos em sua linguagem; é assim que não se pode se equivocar sobre aquele que se inicia por se dizer: "São José, santo, três vezes santo;" Só isto bastaria para revelar um Espírito impostor se adornando com o nome de São José; também pôde ver que, graças ao conhecimento dos princípios da Doutrina seu embuste não encontrou tolos no círculo onde quis se introduzir.

O Espírito que ditou a comunicação acima é, pois, muito absoluto no que concerne a qualificação de santo, e não está na verdade dizendo que o Espíritos superiores se dizem simplesmente *Espíritos de verdade,* qualificação que não seria senão um orgulho mascarado sob um outro nome, e que poderia induzir em erro se tomado ao pé da letra, porque ninguém pode se gabar de possuir a verdade absoluta, não mais do que a santidade absoluta. A qualificação de *Espírito de verdade,* não pertence senão a um e pode ser considerada como nome próprio; ela é especificada no Evangelho. De resto, esse Espírito se comunica raramente, e somente em circunstâncias especiais; deve-se manter em guarda contra aqueles que se apoderam indevidamente desse título: são fáceis de se reconhecer, pela prolixidade e pela vulgaridade de sua linguagem.

VISÃO RETROSPECTIVA DAS EXISTÊNCIAS DOS ESPÍRITOS.
A propósito do doutor Cailleux.

Um dos nossos correspondentes, de Lyon, nos escreveu o que segue:

"Fiquei surpreso que o espírito do doutor Cailleux tenha sido colocado num estado magnético para ver se desenrolar, diante dele, o quadro de suas existências passadas. *(Revista* de junho de 1866, página 175.) Isto parece indicar que o Espírito em questão não as conhecia; porque vejo em *O Livro dos Espíritos* que: "Depois da morte, a alma vê e abarca de um golpe de olhar suas emigrações passadas." (Cap. VI, n- 243.) Este fato não parece implicar uma contradição?"

Não há ali nenhuma contradição, uma vez que o fato vem, ao contrário, confirmar a possibilidade, para o Espírito, de conhecer suas existências passadas. *O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Ele diz, em princípio, que depois da morte a alma vê suas emigrações passadas, mas não diz nem quando, nem como isto se faz: estão aí os detalhes da aplicação que estão subordinados às circunstâncias. Sabe-se que, entre os Espíritos atrasados, a visão *é* limitada ao presente, ou quase, como sobre a Terra; ela se desenvolve com a inteligência, e à medida que eles adquirem a consciência de sua situação. Não seria preciso crer, aliás, que, mesmo entre os Espíritos avançados, como o Sr. Cailleux, por exemplo, logo entrados no mundo espiritual, todas as coisas lhe

aparecessem subitamente como numa mudança de decoração à vista, nem que têm constantemente sob os olhos o panorama do tempo e do espaço; quanto às suas existências anteriores, eles as vêem em lembrança, como vemos, pelo pensamento, o que éramos e o que fazíamos nos anos anteriores, as cenas de nossa infância, as posições sociais que ocupamos; essa lembrança é mais ou menos precisa ou confusa, algumas vezes é nula, segundo a natureza do Espírito, e segundo o que a Providência julga a propósito de a apagar ou reavivá-la, como recompensa, punição ou instrução. É um grande erro crer que as aptidões, as faculdades e as percepções são as mesmas em todos *os* Espíritos; como na encarnação, eles têm as percepções morais e as que se podem chamar materiais, que variam segundo os indivíduos.

Se o doutor Cailleux tivesse dito que os Espíritos não podem ter conhecimento de suas existências passadas, aí estaria a contradição, porque isso seria a negação de um princípio admitido; longe disso afirma o fato; somente, as coisas não se passam nele de maneira diferente que em outros, sem dúvida, por motivos de utilidade para ele, e para nós é um objeto de ensino, uma vez que isso nos mostra um dos lados do mundo espiritual. O Sr. Cailleux estava morto há pouco tempo; suas existências passadas poderiam, pois, se retratarem ainda nitidamente em sua memória. Observamos, além disso, que aqui não era uma simples lembrança; era a própria visão das individualidades que tinha animado, a imagem de suas antigas formas perispirituais que se apresentava a ele; ora, o estado magnético no qual se encontrou, era provavelmente necessário à produção do fenômeno.

O Livro dos Espíritos foi escrito na origem do Espiritismo, numa época em que se estava longe de ter feito todos os estudos práticos que se fizeram depois; as observações ulteriores vieram desenvolver e completar os princípios dos quais havia colocado os germes, e é mesmo digno de nota que, até este dia, elas não fizeram senão confirmá-los, sem jamais contradizê-los nos pontos fundamentais.

POESIA ESPÍRITA.

A PRECE PARA OS ESPÍRITOS.

(Sociedade de Paris, 4 de maio de 1866. - Médium Sr. V...)

Estou verdadeiramente tocado por te ver, caro filho,
Às minhas ordens submetido, orar em me evocando,
E reprovar altivamente a lógica enganosa
E os vãos argumentos de uma seita orgulhosa,
Que pretende que o Espírito cumpra um dever
Vindo ao teu impulso, muito feliz de poder,
Sofrendo tua lei, fugir e deixar mais depressa
A morada aborrecida do mundo que habita,
Para voar, enfim, para essas margens sem bordas,
Que não entristecem mais a sombra e os lamentos dos mortos.
Estão ali as grandes palavras e as frases pomposas.
Mas se vêm revelar as belezas maravilhosas
Dos mundos desconhecidos, abrir os horizontes
Dos tempos, e te ensinar, em longas lições,
O princípio e o fim de tua alma imortal,
A grandeza de teu Deus, seu poder eterno,
Sua justiça infinita e seu sublime amor,
Nobre zombador, seja franco: Dirás tu que, em retorno,
Se te pede um dia uma curta prece,
Ele é muito exigente, quando, freqüentemente, sobre a Terra,
Para ter ou pagar um medíocre favor,

Se te vê, suplicante, pisar todo pudor,
E mendigar por muito tempo, como um pobre mendigo,
Suspirando, o pão que deve nutrir sua vida?
Oh! creia-me, caro filho, infeliz,! três vezes infeliz!
Àquele que sempre, esquecendo a dor
E aç lágrimas de sangue desse mundo invisível,
Escutando nossas vozes fique ainda insensível,
E não vem de joelhos
Orar a seu Deus por nós.

CASIMIR DELAVIGNE.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO **NO. 8** **AGOSTO 1866**

MAOMÉ E O ISLAMISMO.

Há, algumas vezes, sobre os homens e sobre as coisas, opiniões que se acreditam e passam ao estado de idéias recebidas, por errôneas que sejam, porque se acha mais cômodo aceitá-las inteiramente feitas. Assim o é com Maomé e sua religião, da qual não se conhece quase senão o lado legendário. O antagonismo das crenças, seja por espírito de partido, seja por ignorância, além disso, é mais para fazer ressaltar dela os pontos mais acessíveis à crítica, deixando, freqüentemente, de propósito, na sombra as partes favoráveis. Quanto ao público imparcial e desinteressado, é preciso dizer em sua defesa, que faltaram elementos necessários para julgar por si mesmo. As obras que teriam podido esclarecê-lo, escritas numa linguagem apenas conhecida de alguns raros sábios, lhe eram inacessíveis; e como, em definitivo, ali não ia para ele nenhum interesse direto, acreditou sob palavra o que se lhe disse, sem disso perguntar mais. Disso resultou que se fizeram sobre o fundador do Islamismo idéias freqüentemente falsas ou ridículas, baseadas sobre os preconceitos que não encontravam nenhum corretivo na discussão.

Os trabalhos perseverantes e conscienciosos de alguns sábios orientalistas modernos, tais como Caussin de Perceval, na França, o doutor W. Muir, na Inglaterra, G. Weil e Sprenger, na Alemanha, permitem hoje encarar a questão sob sua verdadeira luz (1-(1) Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, do Instituto, resumiu esses trabalhos numa interessante obra, intitulada: *Maomé e o Corão.* 1 vol. ip -12. - Preço: 3 fr. 50 c. LivrariaDidier.).

Graças a eles, Maomé nos aparece todo outro do que não o fizeram os relatos populares. O lugar considerável que sua religião ocupa na Humanidade, e sua influência política, fazem hoje desse estudo uma necessidade. A diversidade das religiões foi por muito tempo uma das principais causas de antagonismo entre os povos; no momento em que têm uma tendência manifesta e se reaproximar, a fazer desaparecer as barreiras que os separam, é útil conhecer o que, em suas crenças, pode favorecer ou retardar a aplicação do grande princípio de fraternidade universal. De todas as religiões, o Islamismo é aquela que, à primeira vista, parece encerrar os maiores obstáculos a essa aproximação; desse ponto de vista, como se vê, este assunto não poderia ser indiferente aos Espíritas, e a razão pela qual cremos dever tratar aqui.

Julga-se sempre mal uma religião, tomando-se por ponto de partida exclusivo suas crenças pessoais. Porque então é difícil de se defender de um sentimento de parcialidade na apreciação dos princípios. Para compreender-lhe o forte e o fraco, é preciso vê-la de um ponto mais elevado, abarcar o conjunto de suas causas e de seus efeitos. Reportando-se ao meio onde ela nasceu, ali se encontra, quase sempre, se não uma justificativa completa, pelo menos uma razão de ser. Sobretudo, é preciso se penetrar do pensamento primeiro do fundador e dos motivos que o guiaram. Longe de nós a intenção de absolver Maomé de todas as suas faltas, nem a sua religião de todos os erros que ferem o mais vulgar bom senso; mas devemos à verdade dizer que seria tão pouco lógico julgar essa religião segundo o que dela fez o fanatismo, quanto o seria julgar o

Cristianismo segundo a maneira pela qual alguns cristãos o praticam. É bem certo que, se os mulçumanos seguissem em espírito o Corão que o Profeta lhes deu por guia, seriam, em mais de um aspecto, diferente do que são. No entanto esse livro, tão sagrado para eles, que não o tocam senão com respeito, o lêem e relêem sem parar; os fervorosos o sabem mesmo pelo coração; mas quantos há deles que o compreendem? Comentam-no, mas do ponto de vista de idéias preconcebidas das quais se fariam um caso de consciência afastar-se; não vêem nele, pois, senão o que querem ali ver. A linguagem figurada permite, aliás, encontrar nele tudo o que se quer, e os sacerdotes que, lá como em outra parte, governam pela fé cega, não procuram nele encontrar o que poderia embaraçá-los. Não é, pois, junto dos teólogos mulçumanos que é preciso ir perguntar do espírito da lei de Maomé. Os cristãos também têm o Evangelho, se bem que de outro modo explicitado do que o Corão, como código de moral, *o* que não impede que em nome do próprio Evangelho, que manda amar mesmo seus inimigos, se tenha torturado e queimado milhares de vítimas, e que de uma lei toda de caridade, se fez uma arma de intolerância e de perseguição. Pode-se exigir que povos ainda semi bárbaros façam uma interpretação mais sadia de suas Escrituras sagradas do que não o fazem os cristãos civilizados?

Para apreciar a obra de Maomé é preciso remontar à fonte, conhecer o homem e o povo que lhe foi dado por missão regenerar, e, somente então, compreende-se que, para o meio em que vivia, seu código religioso era um progresso real. Lancemos primeiro um golpe de vista sobre o país.

Desde tempos imemoriais, a Arábia foi povoada por uma multidão de tribos, quase todas nômades, e perpetuamente em guerra umas com as outras, suprindo pela pilhagem o pouco de riquezas que proporcionaria um trabalho penoso sob um clima ardente. Os rebanhos eram seu principal recurso; alguns se entregavam ao comércio que se fazia por caravanas, partindo cada ano do Sul para ir à Síria ou à Mesopotâmia. O centro da península sendo mais ou menos inacessível, as caravanas se afastavam pouco das bordas do mar; as principais seguiam o Hidjâz, região que forma, sobre as bordas do mar Vermelho, uma faixa estreita comprida de quinhentas léguas, e separada do centro por uma cadeia de montanhas, prolongamento da Palestina. A palavra árabe *Hidjâz* significa barreira, e se dizia da cadeia de montanhas que borda essa região e a separa do resto da Arábia. O Hidjâz e o Yemen ao sul, são as partes mais férteis; o centro não é quase senão um vasto deserto.

Essas tribos tinham estabelecido feiras para onde se iam de todas as partes da Arábia; ali regulavam-se os negócios comuns; as tribos inimigas trocavam seus prisioneiros de guerra, e esvaziavam, freqüentemente, suas diferenças por árbitros. Coisa singular, essas populações, por bárbaras que eram, se apaixonavam pela poesia. Nos seus lugares de reunião, e durante os intervalos de lazer que deixava o cuidado dos negócios, ali se rivalizavam os poetas mais hábeis de cada tribo; o concurso era julgado pelos assistentes, e era para uma tribo uma grande honra obter a vitória. As poesias, de um mérito excepcional, eram transcritas em letras de ouro, *e* pregadas nos muros sagrados da Caaba, em Meca, de onde lhe veio o nome de *Moudhahabat,* ou poemas dourados.

Como para ir a essas feiras e delas voltar com segurança, era preciso um certo tempo, havia quatro meses do ano em que os combates eram interditados, e em que não se podia inquietar as caravanas e os viajantes. Combater durante esses meses reservados era considerado como um sacrilégio que provocava as mais terríveis represálias.

Os pontos de parada das caravanas, que se detinham nos lugares onde encontravam água e árvores, se tornaram os centros onde se formaram pouco a pouco as cidades, cujas duas principais, no Hidjâz, são a Meca e Yathrib, hoje Médine.

A maioria dessas tribos pretendia descender de Abraão; também esse patriarca gozava de grande honra entre elas. Sua língua, pelas suas relações com o hebraico, atestava com efeito uma comunhão de origem entre o povo árabe e o povo judeu; mas não parecia menos certo de que o sul da Arábia teve seus habitantes indígenas.

Era, entre essas populações, uma crença tida por averiguada que a famosa fonte de Zemzem, no vale da Meca, era a que fez jorrar o anjo Gabriel, quando Agar, perdida no deserto, ia perecer de sede com seu filho Ismael. A tradição contava igualmente que Abraão, tendo vindo ser seu filho exilado, tinha construído com suas próprias mãos, não longe dessa fonte, a *Caaba,* casa quadrada de nove côvados de alto por trinta e dois de cumprimento e vinte e dois de largura (1-(1) O côvado eqüivale a mais ou menos 45 centímetros. É uma medida natural dos antigos, e que tinha por base a distância do cotovelo à extremidade dos dedos.). Essa casa, religiosamente conservada, tornou-se um lugar de grande devoção, que se fazia um dever visitar, e que foi transformada em templo. As caravanas ali se detinham naturalmente, e os peregrinos aproveitavam sua companhia para viajarem com mais segurança. Assim é que a peregrinação à Meca existiu de tempos imemoriais; Maomé não fez senão consagrar e tornar obrigatório um uso estabelecido. Para isto teve um fim político que veremos mais tarde.

Em um dos ângulos exteriores do templo está incrustada a famosa pedra *negra,* trazida dos céus, diz-se, pelo anjo Gabriel, para marcar o ponto onde deviam começar as viagens que os peregrinos deviam realizar sete vezes ao redor da Caaba. Pretende-se que, na origem, essa pedra era de uma brancura deslumbrante, mas que os toques dos pecadores a enegreceram. No dizer dos viajantes que a viram, ela não tem mais seis polegadas de alto por oito de comprimento; parece ser um simples pedaço de basalto, ou talvez um aerolito, o que explicaria sua origem celeste, segundo as crenças populares.

A Caaba, construída por Abraão, não tinha porta que a fechasse e estava no nível do solo; destruída pela invasão de uma torrente pelo ano 150 da era cristã, foi reconstruída e elevada acima do nível do solo para pô-la ao abrigo de semelhantes acidentes; perto de cinqüenta anos mais tarde, um chefe de tribo do Yémen colocou-lhe uma cobertura de tecidos preciosos, e lhe fez colocar uma porta com uma fechadura para pôr em segurança os donativos preciosos que acumulava, sem cessar, a piedade dos peregrinos.

A veneração dos Árabes pela Caaba, e o território que a rodeava, era tão grande que não tinham ousado ali construir habitações. Esse recinto tão respeitado, chamado o Haram, compreendia todo o vale da Meca, cuja circunferência é de perto de quinze léguas. A honra de guardar esse templo venerado era muito invejada; as tribos a disputavam, e, o mais freqüentemente, essa atribuição era um direito de conquista. No quinto século, Cossayy, chefe da tribo dos Coraychitas, quinto ancestral de Maomé, tendo-se tornado senhor de Haram, e tendo sido investido do poder civil e religioso, fez construir para si um palácio ao lado da Caaba, e permitiu àqueles de sua tribo ali se estabelecerem. Foi assim que foi fundada a cidade de Meca. Parece que foi ele que, o primeiro, fez colocar na Caaba uma cobertura de madeira. A Caaba está hoje no recinto de uma mesquita, e a Meca é uma cidade de mais ou menos quarenta mil habitantes, depois de ter tido, diz-se, cem mil.

No princípio, a religião dos Árabes consistia na adoração de um Deus único, às vontades do qual o homem devia estar completamente submetido; essa religião era a de Abraão, chamava-se *Islam,* e aqueles que a professavam se diziam *Muçulmanos,* quer dizer, submetidos à vontade de Deus. Mas, pouco a pouco, o puro Islam degenerou-se em uma grosseira idolatria; cada tribo teve seus deuses e seus ídolos, que defendia com todo o exagero pelas armas, para provar a superioridade de seu poder; esteve aí, muito freqüentemente entre elas, as causas ou o pretexto de guerras longas e obstinadas.

A fé de Abraão, portanto, tinha desaparecido entre esses povos, apesar do respeito que conservavam por sua memória, ou pelo menos ela estava de tal modo desfigurada,

que não existia mais em realidade. A veneração pelos objetos considerados como sagrados tinha descido ao mais absurdo fetichismo; o culto da matéria tinha substituído o do espírito; atribuía-se um poder sobrenatural aos objetos mais vulgares consagrados pela superstição, a uma imagem, a uma estátua; o pensamento, tendo abandonado o princípio por seu símbolo, a piedade não era mais do que uma série de práticas exteriores minuciosas, cuja menor infração era considerada como um sacrilégio.

No entanto, encontrava-se ainda, em certas tribos, alguns adoradores do Deus único, homens piedosos que praticavam a mais inteira submissão à sua vontade suprema, e repeliam o culto dos ídolos; eram chamados *Hanyfes;* eram os verdadeiros muçulmanos, aqueles que tinham conservado a fé pura do Islam; mas eram pouco numerosos e sem influência sobre o espírito das massas. Colônias judias tinham se estabelecido, há muito tempo, no Hydjâz e ali tinham conquistado um certo número de prosélitos ao judaísmo, principalmente entre os hanifes. O Cristianismo ali teve também seus representantes e seus propagadores nos primeiros séculos da nossa era, mas nem uma nem a outra dessas duas crenças ali não produziram raízes profundas e duráveis; a idolatria tinha ficado a religião dominante; ela convinha mais, pela sua diversidade, à independência turbulenta e à divisão infinita das tribos, que a praticavam com o mais violento fanatismo. Para triunfar dessa anarquia religiosa e política, era preciso um homem de gênio, capaz de se impor por sua energia e sua firmeza, bastante hábil para participar dos costumes e do caráter desses povos, cuja missão fosse revelada, aos seus olhos, pelo prestígio de suas qualidades de profeta. Este homem foi Maomé.

Maomé nasceu em Meca, em 27 de agosto de 570 da era cistã, no ano dito do elefante. Não era, como se crê vulgarmente, um homem de uma condição obscura. Ao contrário, ele pertencia a uma família poderosa e considerada da tribo dos Coraychitas, uma das mais importantes da Arábia, e a que dominava, então, a Meca. Fazem-no descender, em linha direta, de Ismael, filho de Abraão, e de Agar. Seus últimos ancestrais, Cossayy, Abd-Ménab, Hachim e Abd-el-Moutalib seu avô, estando ilustrados por eminentes qualidades e as altas funções que tinham cumprido. Sua mãe, Amina, era de uma nobre família coraichite e descendia também de Cossayy. Seu pai Abd-Allah, morreu dois meses antes de seu nascimento, foi educado com muito carinho por sua mãe, que o deixou órfão com a idade de seis anos; depois, por seu avô Abd-el-Moutalib, com o qual muito se afeiçoava e, freqüentemente se comprazia em lhe predizer altos destinos, mas que, ele mesmo, morreu dois anos depois.

Apesar da classe que sua família tinha ocupado, Maomé passou sua infância e sua juventude num estado vizinho da miséria; sua mãe tinha lhe deixado, por toda herança um rebanho de carneiros, cinco camelos e uma fiel escrava negra, que o tinha cuidado, e pela qual conservou sempre um vivo apego. Depois da morte de seu avô, ele foi recolhido por seus tios, cujos rebanhos ele guarda até a idade de vinte anos; acompanhava-os também em suas expedições guerreiras contra as outras tribos; mas, sendo de um humor doce e pacífico, nelas não tomava parte ativa, no entanto, sem fugir nem temer o perigo, e se limitava a ir recolher suas flechas. Quando chegou ao cume de sua glória gostava de lembrar que Moisés e David, ambos profetas, tinham sido pastores como ele.

Tinha o espírito meditativo e sonhador; seu caráter, de uma solidez e de uma maturidade precoces, junto a uma extrema eqüidade, a um perfeito desinteresse e a costumes irrepreensíveis, adquiriram-lhe uma tal confiança da parte de seus companheiros que o designavam pelo sobrenome de *El-Amin,* "homem seguro, homem fiej;" e, embora jovem e pobre, era convocado às assembléias da tribo para os negócios mais importantes. Ele fazia parte de uma associação formada entre as principais famílias coraychitas, tendo em vista prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça. Se fez sempre glória por nisso ter concorrido, e, nos últimos anos de sua vida, considerava-se como sempre ligado pelo juramento que tinha prestado a esse respeito em sua juventude. Dizia que estava pronto para responder ao chamado que lhe

fizesse o homem mais obscuro em nome desse juramento, e que não queria, pelos mais belos camelos da Arábia, faltar à fé que tinha jurado. Por esse juramento, os associados juravam diante de uma divindade vingativa, que tomariam a defesa dos oprimidos, e que perseguiriam a punição dos culpados enquanto tivesse uma gota d'água no Oceano.

No físico, Maomé era de um talhe um pouco acima da média, fortemente constituído; a cabeça muito grande; sua fisionomia, marcada por uma seriedade doce, sem ser bela, era agradável e respirava *a* calma e a tranqüilidade.

Com a idade de vinte e cinco anos esposou sua prima Khadidja, rica viúva, mais velha do que ele pelo menos quinze anos, da qual tinha conquistado a confiança pela probidade inteligente que tinha empregado na condução de uma de suas caravanas. Era uma mulher superior; essa união, que durou vinte e quatro anos, e que não acabou senão com a morte de Khadidja, com a idade de sessenta e quatro anos, foi constantemente feliz; Maomé tinha então quarenta e nove anos, e essa perda lhe causou uma dor profunda.

Depois da morte de Khadidja, seus costumes mudaram; esposou várias mulheres; delas teve doze ou treze em legítimo matrimônio, e, em sua morte, deixou nove viúvas. Incontestavelmente, esse foi um erro capital, do qual veremos mais tarde as deploráveis conseqüências.

Até a idade de quarenta anos sua vida pacífica não oferece nada de saliente. Um único fato o tirou um instante da obscuridade; ele tinha então trinta e cinco anos. Os Coraychitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava ruína. Não foi senão com uma grande dificuldade que se apaziguou, pela repartição dos trabalhos, as diferenças suscitadas pela rivalidade das famílias que queriam deles participar. Essas diferenças se revelavam com uma extrema violência quando se tratava de recolocar a famosa pedra negra; ninguém querendo ceder seu direito, os trabalhos tinham sido interrompidos, e todas as partes corriam às armas. Sobre a proposta do decano, convencionou-se nisso estar de acordo com a decisão da primeira pessoa que entrasse na sala das deliberações: essa foi Maomé. Desde que foi visto, todos exclamaram: *"El-Amin! El-Amin! o* homem seguro e fiel," e esperou-se seu julgamento. Pela sua presença de espírito, ele resolveu a dificuldade. Tendo estendido seu manto na terra, ali colocou a pedra, e chamou quatro dos principais chefes facciosos para pegá-la cada um por um canto e levantá-la todos juntos até a altura que a pedra deveria ocupar, quer dizer, a quatro ou cinco pés acima do solo. Tomou-a, então, e colocou-a em sua própria mão. Os assistentes se declararam satisfeitos, e a paz foi restabelecida.

Maomé gostava de passear sozinho nas cercanias da Meca, e, cada ano, durante os meses sagrados de trégua, se retirava sobre o monte Hire, numa gruta estreita, onde se entregava à meditação. Ele tinha quarenta anos quando, em um de seus retiros, teve uma visão durante seu sono. O anjo Gabriel lhe apareceu, mostrando-lhe um livro que lhe ordenava ler. Três vezes Maomé resistiu a essa ordem, e não foi senão para escapar ao constrangimento exercido sobre ele, que consentiu em lê-lo. Em seu despertar ele sentiu, diz-se, "que um livro tinha sido escrito em seu coração." O sentido dessa expressão é evidente; ela significa que teve a inspiração de um livro; mas, mais tarde, foi tomada ao pé da letra, como ocorre, freqüentemente, às coisas ditas em linguagem figurada.

Um outro fato prova a quais erros de interpretação podem conduzir a ignorância e o fanatismo. Maomé disse em alguma parte, no Corão: "Não abrimos teu coração, e tirado o fardo de tuas costas?" Estas palavras aproximadas de um acidente ocorrido a Maomé quando estava em amamentação, deram lugar à fábula, acreditada entre os crentes, e ensinada pelos sacerdotes como um fato miraculoso, de que dois anjos abriram o ventre do elefante e tiraram de seu coração uma mancha negra, sinal do pecado original. É preciso acusar Maomé desses absurdos, ou aqueles que não o compreenderam? Ocorreu o mesmo com uma multidão de contos ridículos sobre os quais *é* acusado de ter apoiado sua religião. É porque não hesitamos em dizer que um cristão esclarecido e imparcial está

mais em condições de dar uma interpretação sadia do Corão do que um muçulmano fanático.

O que quer que isso seja, Moamé foi profundamente perturbado em sua visão, que se apressa em contar à sua mulher. Tendo retornado sobre o monte Hira preso na mais viva agitação, acreditou-se possuído dos Espíritos malignos, e, para escapar ao mal que temia, ia precipitar-se do alto de um rochedo, quando uma voz vinda do céu se fez ouvir e lhe disse: "Ó Maomé! Tu és o enviado de Deus; eu sou o anjo Gabriel." Levantando então seus olhos, ele viu o anjo sob uma forma humana, que desapareceu pouco a pouco no horizonte. Essa nova visão não fez senão aumentar a sua perturbação; dela deu conhecimento a Khadidja, que se esforçou por acalmá-lo; mas, pouco tranqüila ela mesma, foi encontrar seu primo Varaka, velho conhecido por sua sabedoria e convertido ao Cristianismo, que lhe disse: "Se o que vens de me dizer for verdade, seu marido foi visitado pelo grande *Nâmous,* que outrora visitou Moisés; ele será o profeta de seu povo. Anuncia-lho, e que ele se tranqüilize." Depois de algum tempo daí, Varaka, tendo encontrado Maomé, contou suas visões para ele, e lhe repetiu as palavras que havia dito à sua mulher, acrescentando: "Serás tratado como impostor; serás expulso; serás violentamente combatido. Que eu não possa viver, até essa hora, para te assistir nessa luta!"

O que resulta desses fatos e de muitos outros, é que a missão de Maomé não foi um cálculo premeditado de sua parte; ela foi confirmada por outros quando ela não o fora ainda por ele; disto precisou de muito tempo para ser persuadido; mas desde que o foi, tomou-a mais a sério. Para convencera si próprio, desejava uma nova aparição do anjo, que se fez ouvir dois anos, segundo uns, e seis meses, segundo outros. É este intervalo de incerteza e de hesitação que os muçulmanos chamam o *fitreh',* durante todo esse tempo seu espírito esteve preso às perplexidades *e* aos medos mais vivos. Parecia-lhe que ia perder *a razão, e* essa era também a opinião de alguns daqueles que o cercavam. Estava sujeito a desmaios e síncopes que os escritores modernos atribuíram, sem outras provas senão sua opinião pessoal, a ataques de epilepsia, e que poderiam bem ser antes o efeito de um estado extático, cataléptico ou sonambúlico espontâneo. Nesses momentos de lucidez extra corpóreo, se produziam, freqüentemente, como se sabe, fenômenos estranhos dos quais o Espiritismo dá perfeitamente conta. Aos olhos de certas pessoas, ele deveria passar por louco; outros viam nesses fenômenos, singulares para ele, alguma coisa de sobrenatural, que colocava o homem acima da humanidade. "Quando se admite a ação da Providência sobre os assuntos humanos, disse o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire (página 102), não se pode recusar em procurar também nessas inteligências dominadoras que aparecem, de longe em longe, para esclarecer e conduzir o resto dos homens."

O Corão não é uma obra escrita por Maomé, maduramente e de maneira seguida, mas o resumo feito por seus amigos das palavras que pronunciou quando estava inspirado. Nesses momentos, dos quais não era o senhor, ele .caía num estado extraordinário e assustador; o suor corria de sua fronte; seus olhos se tornavam vermelhos de sangue; dava gemidos, e a crise terminava, o mais freqüentemente, por uma síncope que durava mais ou menos tempo, o que lhe acontecia algumas vezes no meio da multidão, e mesmo quando estava sobre seu camelo, tão bem quanto em sua casa. A inspiração era irregular e instantânea, e não se podia prever o momento em que dela seria apoderado.

Segundo o que conhecemos hoje desse estado por uma multidão de exemplos análogos, é provável que, sobretudo no princípio, ele não tinha consciência do que dizia, e que se as suas palavras não tivessem sido recolhidas, teriam se perdido; mas, mais tarde, quando tomou a sério seu papel de reformador, é evidente que falou mais em conhecimento de causa, e mistura às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, segundo os lugares e circunstâncias, as paixões e os sentimentos que o

agitavam, tendo em vista o objetivo que queria alcançar, tudo em crendo, talvez de boa fé, falar em nome de Deus.

Esses fragmentos destacados, recolhidos em diversas épocas, e em número de 114, formam no Corão outro tanto de capítulos chamados *sourates;* ficaram esparsos durante sua vida, e não foi senão depois de sua morte que foram juntados em corpo oficial de doutrina, petos cuidados de Abou-Becr e de Ornar. Dessas inspirações súbitas, recolhidas à medida que ocorriam, resultou uma falta absoluta de ordem *e* de método; os assuntos mais disparatados ali são tratados desordenadamente, freqüentemente no mesmo versículo, e apresentam uma tal confusão e tão numerosas repetições, que uma leitura seguida dele é penosa e fastidiosa para todo outro senão os fiéis.

Segundo a crença vulgar, tornada artigo de fé, as folhas do Corão foram escritas no céu e trazidas todas feitas a Maomé pelo anjo Gabriel, porque numa passagem ele disse: "Teu Senhor é poderoso e misericordioso, e o Corão é uma revelação do senhor do universo. O espírito fiel (o anjo Gabriel) a trouxe do alto, e a depositou em teu coração, ó Maomé, para que fosses apóstolo." Maomé se exprime da mesma maneira com respeito ao livro de Moisés e ao Evangelho; ele disse (versículo III, número 2):" Ele fez descer do alto o Pentateuco e o Evangelho, para servir de direção aos homens;" querendo dizer por aí que esses dois livros tinham sido inspirados por Deus a Moisés e a Jesus, como lhe tinha inspirado o Corão.

Suas primeiras pregações foram secretas durante dois anos, e, nesse intervalo, ele reuniu perto de cinqüenta adeptos entre os membros de sua família e seus amigos. Os primeiros convertidos à fé nova foram Khadidja, sua mulher; Ali, seu filho adotivo, com a idade de dez anos; Zeíd, Varaka e Abou-Becr, seu amigo mais íntimo, que deveria ser seu sucessor. Tinha quarenta e três anos quando começou a pregar publicamente, e, desde esse momento, realizou-se a predição que lhe tinha feito Varaka. Sua religião, fundada sobre a unidade de Deus e a reforma de certos abusos, sendo a ruína da idolatria e daqueles que dela viviam, os Coraychitas, guardiães da Caaba e do culto nacional, se levantaram contra ele. De início era tratado de louco; depois foi acusado de sacrilégio; amotinou-se o povo; foi perseguido, e a perseguição se tornou tão violenta que seus partidários deveram, por duas vezes, procurar um refúgio na Abissínia. No entanto, aos ultrajes ele opunha sempre a calma, o sangue frio e a moderação. Sua seita cresceu, e seus adversários, vendo que não podiam reduzi-la pela força, resolveram desacreditá-lo pela calúnia. A zombaria e o ridículo não lhe foram poupados. Os poetas, como se viu, eram numerosos entre os Árabes; eles manejavam habilmente a sátira, e seus versos eram lidos com avidez; era o meio empregado pela crítica malévola, e não faltaram à de dele se servir contra ele. Como resistia a tudo, seus inimigos recorreram, enfim, aos complôs para fazê-lo perecer, e não pôde escapar senão pela fuga ao perigo que o ameaçava. Foi então que se refugiou em *Yathrib,* chamado depois *Médine (Médinet-en-Nabi,* cidade do Profeta), no ano 622, e é dessa época que data a *Hégireou era* dos muçulmanos. Ele tinha enviado antes a essa cidade, por pequenos grupos para não despertar suspeitas, todos os seus partidários da Meca, e se retirou primeiro, com Abou-Becr e Ali, seus discípulos mais devotados, quando soube os outros em segurança.

Dessa época data também, para Maomé, uma nova fase de sua existência; de simples profeta que era, foi constrangido a se tornar guerreiro.

(Continua no próximo número.)

OS PROFETAS DO PASSADO.

Uma obra intitulada *Os Profetas do passado,* por Barbey d' Aurévilly, contém o elogio de Joseph de Maistre e de de Bonald, porque permaneceram ultramontanos toda a

sua vida, ao passo que Chateaubriand nela é censurado e Lamennais insultado e apresentado sob um aspecto odioso.

A passagem seguinte mostra em que espírito foi concebido esse livro.

"Neste mundo, onde o espírito e o corpo estão unidos por um indissolúvel mistério, *o castigo corpóreo tem sua razão espiritual de existir,* porque o homem não está encarregado de desdobrar a criação. Pois bem! se em lugar de queimar os escritos de Lutero, *cujas cinzas recaem sobre a Europa como uma semente,* se se tivesse *queimado o próprio Lutero,* o mundo estaria salvo pelo menos por um século. Lutero queimado, vai se gritar; mas não me prendo essencialmente à heresia, contanto que o erro seja suprimido em sua manifestação do momento, e em sua manifestação contínua, quer dizer, *o homem* que a disse ou escreveu, e que a chama verdade. É muito para os cordeiros da anarquia *que não balem senão a liberdade!* Um homem de gênio, o mais positivo que tenha vivido desde Machiavel, e que não era de todo católico, mas ao contrário um pouco liberal, dizia, com uma brutalidade de uma decisão necessária: "Minha política é *de matar dois homens,* quando necessário, para salvar três deles." Ora, *matando Lutero,* não será três homens que se salvará ao preço de dois: serão milhares de homens ao preço de um só. De resto, a mais do que economia do sangue dos homens, é o respeito da consciência e da inteligência do gênero humano. Lutero fazia o uma e a outra. Depois, quando há um ensino e uma fé social, -- era o catolicismo então, -- é preciso muito os proteger e defendê-los, sob pena de perecer um dia ou o outro como sociedade. Daí os tribunais e as instituições para conhecerem dos delitos contra a fé e o ensinamento. *A inquisição é, pois, de necessidade lógica numa sociedade qualquer."*

Se os princípios que acabamos de citar não fossem senão a opinião pessoal do autor dessa obra, não haveria mais do que se preocupar nela senão de muitas outras excentricidades; mas ele não fala só em seu nome, e o partido do qual se fez o órgão, não os desaprovando, lhe dá ao menos uma decisão tácita. De resto, não é a primeira vez que, em nossos dias, essas mesmas doutrinas são publicamente preconizadas, e não é senão muito verdadeiro que elas constituem ainda hoje a opinião de uma certa classe de pessoas. Se com ela não se comove mais, é que a sociedade tem muita consciência de sua força para com isso se assustar. Todos compreendem que tais anacronísmos, antes de tudo, prejudicam aqueles que os cometem, porque cavam mais profundamente o abismo entre o passado e o presente; eles esclarecem as massas e as mantêm despertas.

O autor, como se vê, não disfarça seu pensamento e não toma precauções oratórias; não vai direto ao assunto: "Seria necessário queimar Lutero; seria necessário queimar todos os autores de heresias para a maior glória de Deus e a salvação da religião." É claro e preciso. É triste para uma religião fundar sua autoridade e sua estabilidade sobre semelhantes expedientes; é mostrar pouca confiança em seu ascendente moral. Se sua base é a verdade absoluta, ela deve desafiar todos os argumentos contrários; como o sol, deve lhe bastar mostrar-se para dissipar as trevas. Toda religião que vem de Deus nada tem a temer do capricho nem da malícia dos homens; ela haure sua força no raciocínio, e se está no poder de um homem derrubá-la, isto seria, de duas coisas uma, ou ela não seria obra de Deus, ou esse homem seria mais lógico do que Deus, uma vez que seus argumentos prevalecem sobre os de Deus.

O autor teria preferido queimar Lutero antes que seus livros, porque, disse ele, *as cinzas deste recaíram sobre a Europa como uma semente.* Convém, pois, que os autos de fé de livros aproveitem mais a idéia que se quer destruir do que lhe prejudicam; está aí uma grande e profunda verdade constatada pela experiência. Também queimar o homem lhe parece mais eficaz, porque, segundo ele, é deter o mal em sua fonte. Mas crê, pois, que as cinzas do homem são menos fecundas do que a dos livros? Refletiu em todos os brotos que produziram as dos quatrocentos mil heréticos queimados pela Inquisição, sem contar o número muito grande daqueles que pereceram em outros suplícios? Os livros

queimados não dão senão cinzas; mas as vítimas humanas dão do sangue que faz manchas indeléveis e caem sobre aqueles que derramam. Foi desse sangue que saiu a febre de incredulidade que atormenta o nosso século, e se a fé se extingue, é que se quis cimentá-la pelo sangue, e não pelo amor de Deus. Como amar um Deus que faz queimar seus filhos? Como crer em sua bondade, se a fumaça das vítimas é um incenso que lhe é agradável? Como crer em seu poder infinito, se tem necessidade do braço do homem para fazer prevalecer a sua autoridade pela destruição?

Não está aí a religião, dir-se-á, é o abuso. Se tal fosse, com efeito, a essência do Cristianismo, ele não teria nada a invejar ao paganismo, mesmo pelos sacrifícios humanos, e o mundo pouco teria ganho e mudado. Sim, certamente, é o abuso; mas quando o abuso é a obra de chefes que têm autoridade, que dela fazem uma lei e a apresentam como a mais santa ortodoxia, não será preciso espantar-se, mais tarde, as massas pouco esclarecidas confundirem o todo na mesma reprovação. Ora, foram precisamente os abusos que engendraram as reformas, e aqueles que os preconizaram recolheram o que semearam.

Há que se notar que os nove décimos das trezentos e sessenta e algumas seitas que dividiram o Cristianismo desde a sua origem, tiveram por princípio se aproximar dos princípios evangélicos; de onde é racional concluir que, se não tivesse deles se afastado, essas seitas não seriam formadas. E por que armas se as combateu de morte? Sempre pelo ferro, pelo fogo, pelas proscrições e pelas perseguições: tristes e pobres meios de convencer! Foi no sangue que se quis abafá-los. Na falta de raciocínio, a força pôde triunfar dos indivíduos, destruí-los, dispersá-los, mas ela não pôde aniquilar a idéia; é porque se a vê, com algumas poucas variantes, incessantemente reaparecer sob outros nomes ou o de novos chefes.

O autor desse livro nisso está, como se viu, por remédios heróicos. No entanto, como teme que a idéia de queimar não faça *gritar* no século em que estamos, ele declara "não prender-se essencialmente à fogueira, uma vez que o erro seja *suprimido* em sua manifestação do momento e em sua manifestação contínua, quer dizer, *o homem* que a disse ou escreveu, e que a chama verdade." Assim, desde que o homem desaparecesse, pouco lhe importa a maneira; sabe-se que os recursos não faltam: o fim justifica os meios. Eis para a manifestação *do momento;* mas, para que o erro seja destruído em sua manifestação *contínua,* necessariamente, é preciso fazer desaparecer todos os adeptos que não terão querido se entregar de boa vontade. Vê-se que isto nos conduz para longe. De resto, se o meio é duro, é infalível para se desembaraçar de toda oposição.

Tais idéias, no século em que estamos, não podem ser senão importações e reminiscências de existências precedentes. Quanto *aos cordeiros que balem a liberdade,* está ainda aí um anacronismo, uma lembrança do passado: com efeito, outrora não podiam senão *balir,* mas hoje os cordeiros se tornaram carneiros: eles não balem mais a liberdade, eles a tomam.

Vejamos, no entanto, se, queimando Lutero, teriam detido o movimento do qual foi o instigador. O autor não parece disto estar bem certo, uma vez que disse: "O mundo estaria salvo, ao menos por *um século."* Um século de demora, eis, pois, tudo o que se teria ganho! E por que isto? Eis a razão.

Se os reformadores não expressassem senão as suas idéias pessoais, não reformariam nada do todo, uma vez que não encontrariam eco; um homem só é impotente para agitar as massas, se as massas são inertes e não sentem nela nenhuma fibra vibrar. Há que se notar que as grandes renovações sociais não chegam jamais bruscamente; como as erupções vulcânicas, são precedidas de sintomas precursores. As idéias novas germinam, fervem numa multidão de cabeças, a sociedade é agitada por uma espécie de tremor que a coloca à espera de alguma coisa.

Foi nessas épocas que surgiram os verdadeiros reformadores, que se acham assim ser os representantes, não de uma idéia individual, mas de uma idéia coletiva, vaga, à

qual o reformador dá uma forma precisa e concreta, e não triunfa senão porque encontra os espíritos prontos a recebê-la. Tal era a posição de Lutero. Mas Lutero não foi nem o primeiro nem o único promotor da reforma; antes dele, ela havia tido por apóstolos Wicklef, João Huss, Jerônimo de Praga: estes dois últimos foram queimados por ordem do concilio de Constance; os hussitas, perseguidos com todo exagero depois de uma guerra obstinada, foram vencidos e massacrados. Os homens foram destruídos, mas não a idéia, que foi retomada mais tarde sob uma outra forma, e modificada em alguns detalhes por Lutero, Calvino, Zwingle, etc.; de onde é permitido concluir-se que se se tivesse queimado Lutero, isso não teria servido para nada e não teria mesmo dado um século de descanso, porque a idéia da reforma não estava somente na cabeça de Lutero, mas em milhares de cabeças, de onde deveriam sair homens capazes de sustentá-la. Isso não teria sido senão um crime a mais, sem proveito para a causa que o provocou; tanto é verdade que, quando uma corrente de idéias novas atravessa o mundo, nada poderá detê-la.

Lendo-se tais palavras, crer-se-ia escritas nas épocas de febre das guerras religiosas, e não num tempo em que se julgam as doutrinas com a calma da razão.

DAS CRIAÇÕES FANTÁSTICAS DA IMAGINAÇÃO.

AS VISÕES DA SENHORA CANTIANILLE B...

O Événementde 19 de junho de 1866 contém o artigo seguinte:

"Estranhos fatos, ainda inexplicados, se produziram no ano último em Auxerre e emocionaram a população. Os partidários do Espiritismo nele viram manifestações de sua doutrina, e o clero as considerou como exemplos novos da possessão: falou-se de exorcismos, como se os bons tempos das Urselines de Loudun tivessem retornado. A pessoa ao redor da qual se fazia todo esse barulho se chama Cantianille B... Um vigário da catedral de Sens, o Sr. abade Thorey, autorizado por seu bispo, constatou essas aparentes derrogações às leis naturais. Esse eclesiástico publica hoje, sob este título: *Relações maravilhosas da senhora Cantianille B... com o mundo sobrenatural,* o resultado de suas observações. Ele nos traz uma prova de seu trabalho, e é com prazer que dela destacamos um trecho curioso a diversos títulos.

Em seu prefácio, o autor, depois de ter exposto o plano de seu livro, acrescenta:

"Que o meu leitor, percorrendo estas páginas, queira bem não precipitar seu julgamento; esses fatos lhe parecerão, sem dúvida, incríveis, mas rogo de se lembrar *que afirmamos sob juramento,* Cantianille e eu, a verdade desses fatos. No relato que vai se seguir, nada de exagerado nem de inventado à vontade, tudo ali é perfeitamente exato.

"Aliás, esses fatos, essas manifestações prodigiosas do mundo superior, se reproduzindo todos os dias, e todas as vezes que o deseje, não pedimos que se nos creia sobre nossa simples afirmação; ao contrário, pedimos insistentemente que se os estude; que se formem reuniões de homens competentes, não desejando senão a verdade e dispostos a procurá-la lealmente; todas essas maravilhas se

reproduzirão diante deles e tantas vezes quanto isso for necessário para convencê-los. Disto tomamos o compromisso.

"Possam os espíritos de idéias liberais considerar este livro como uma boa nova!"

No corrente da obra, Cantianille B... conta, ela mesma, como se tornou membro e presidente de uma sociedade de Espíritos, em 1840, durante a sua permanência num convento de religiosas:

"Ossian (Espírito de segunda ordem), tendo vindo como de hábito me buscar no convento, eu me achava logo transportada para o meio da reunião. Depositou-me sobre um trono onde os aplausos mais ruidosos acolheram a minha aparição.

"Fizeram-me fazer o juramento comum: juro ofender a Deus por todos os meios possíveis e de não recuar diante de nada para fazer triunfar o inferno sobre o céu. Eu amo Satã! Eu odeio a Deus! Quero a queda do céu e o reino do inferno!...

"Depois do que, cada um veio me felicitar e me encorajar a me mostrar forte nas provas que me restavam suportar. Eu o prometi.

"Esses gritos, esse tumulto, essa pressa de todos, a música e os feixes de fogo que clareavam a sala, tudo me eletrizava, me embriagava!... Eu gritava, pois, com voz forte: "Eu sou sacerdote; eu não temo vossas provas; vou ir ver se sou digno de ser dos vossos." Logo, todo ruído cessou, toda luz desapareceu. Caminhe, disse-me uma voz. Avancei, sem dúvida num estreito corredor, porque senti de cada lado como duas paredes, e essas paredes pareciam se aproximar cada vez mais. Acreditei que ia ser sufocada, e o terror se apoderou de mim. Quis retornar; mas no mesmo instante me senti nos braços de Ossian. Ele exerceu sobre todo o meu corpo uma pressão tão viva, que lancei um grito agudo.

"Cala-te, disse-me ele, ou estarás morta." O perigo retornou minha coragem...

"Não, eu não gritaria mais, não, eu não recuaria mais;" e fazendo um esforço sobre-humano, atravessei como um raio esse longo corredor que se tornava a cada passo mais escuro e mais estreito. Apesar de meus esforços, meu terror redobrava, e eu iria talvez fugir, quando de repente a terra escapando sob meus pés, caí num abismo do qual não podia apreciar a profundidade. Fiquei um instante aturdida com essa queda, sem no entanto me desencorajar. Um pensamento infernal veio me atravessar o espírito." Ah! querem me amedrontar!... Eles verão que não temo os demônios..." Levantei-me logo para procurar uma saída. Mas... eis que de todos os lados as chamas apareciam!...

Elas se aproximavam de mim como para me queimar...

"E no meio desse fogo os Espíritos gritando, uivando, que terror!

"Que queres tu de mim? eu disse a Ossian.

" - Quero que sejas a presidente de nossa associação... Quero que nos ajude a odiar a Deus; quero que jures ser nossa, por nós e conosco, por toda a parte e sempre?"

"Apenas fiz essas promessas e o fogo se extinguiu subitamente.

"Não me fuja mais, disse-me ele, eu te trago a felicidade e a grandeza. Olhe." Eu me achava no meio dos associados, no meio da sala que se tinha ainda embelezado durante a minha ausência. - Um repasto suntuoso foi servido.

"Foi-me dado alio lugar de honra, e até o fim quando todo o mundo estava excitado pelo vinho e pelos licores, e super excitado pela música, fui nomeada presidente.

"Aquele que me havia entregue fez ressaltar, em algumas palavras, a coragem que havia mostrado nessas terríveis provas, e, no meio de mil bravos, aceitei esse título fatal de presidente.

"Eu estava assim à frente de vários milhares de pessoas atentas ao menor sinal. - Não tive, pois, senão um único pensamento: merecer sua confiança e sua submissão. Infelizmente, não tenho senão muito bem triunfado."

O autor tem razão em dizer que os partidários do Espiritismo podem ver, nesses fatos, manifestações de sua doutrina; é que, com efeito, o Espiritismo, para aqueles que o estudaram em outra parte do que a escola dos senhores Davenport e Robin, é a revelação de um novo princípio, de uma nova lei da natureza que nos dá razão daquilo que, por falta de melhor, se convencionou atribuirá imaginação. Esse princípio está no mundo extra corpóreo intimamente ligado à nossa existência. Aquele que não admite a alma individual e independente da matéria, rejeitando a causa *a priori,* não pode explicar-lhe os efeitos; e, no entanto, esses efeitos estão, sem cessar, sob os nossos olhos, inumeráveis e patentes; seguindo-os, cada vez mais em sua filiação, chega-se à fonte; é

o que faz o Espiritismo, procedendo sempre por via da observação, remontando do efeito à causa, e jamais por teoria preconcebida.

Está aí um ponto capital sobre o qual não se poderia muito insistir. O Espiritismo não tomou seu ponto de partida na existência dos Espíritos e do mundo invisível, a título de suposição gratuita, salvo a provar mais tarde essa existência, mas na observação dos fatos, e de fatos constatados, ele concluiu na teoria. Esta observação o conduziu a reconhecer, não somente a existência da alma como ser principal, uma vez que nele reside a inteligência e as sensações, e que sobrevive ao corpo, mas quantos fenômenos de uma ordem particular se passam na esfera de atividade da alma, encarnado ou desencarnado, fora da percepção dos sentidos. Como a ação da alma se liga essencialmente à do organismo durante a vida, é um campo de exploração vasto e novo aberto à psicologia e à fisiologia, e no qual a ciência encontrará o que procura a inutilmente há muito tempo.

O Espiritismo, portanto, encontrou um princípio fecundo, mas não se segue que possa ainda tudo explicar. O conhecimento das leis da eletricidade deu explicação dos efeitos do raio; ninguém tratou essa questão com mais saber e lucidez do que Arago, e, no entanto, nesse fenômeno tão vulgar do raio, há efeitos que ele declara, tudo sabendo que é, não poder explicar, como por exemplo o relâmpago bifurcado. São negados por isto? Não, porque há muito bom senso, e, aliás, não se pode negar um fato. Que fato? Ele disse: observemos, e esperemos que estejamos mais avançados. O Espiritismo não age de outro modo; confessa a sua ignorância sobre o que não sabe, e, esperando que o saiba, procura e observa.

As visões da senhora Cantianille pertencem a essa categoria de questões sobre as quais não se pode, de alguma sorte, até mais ampla informação, senão tentar uma explicação. Cremos encontrá-la no princípio das criações fluídicas pelo pensamento.

Quando as visões têm por objeto uma coisa positiva, real, cuja existência está constatada, a sua explicação é muito simples: A alma vê, pelo efeito de sua irradiação, o que os olhos do corpo não podem ver. O Espiritismo, não tivesse explicado senão isto, já teria levantado o véu sobre muitos mistérios. Mas a questão se complica quando se trata de visões que, como as da senhora Cantianille, são puramente fantásticas. Como a alma pode ver o que não existe? De onde vêm essas imagens que, para aqueles que as vêem, têm todas as aparências da realidade? São, diz-se, efeitos da imaginação; seja; mas esses efeitos têm uma causa; em que consiste esse poder da imaginação? Como e sobre o que ela age? Que uma pessoa medrosa ouvindo um ruído de rato, durante a noite, seja tomada de medo, e se figure ouvir os passos de ladrões; que ela toma uma sombra ou uma forma vaga por um ser vivo que a persegue, estão aí bem verdadeiramente os efeitos da imaginação; mas nas visões do gênero das do que se trata aqui, há alguma coisa a mais, porque não é mais somente uma idéia falsa, é uma imagem com suas formas e suas cores, tão nítidas e tão precisas que dela se poderia fazer o desenho; e, no entanto, não é senão uma ilusão! de onde vem isto?

Para se dar conta do que se passa nesta circunstância, é necessário sair do nosso ponto de vista exclusivamente material, e penetrar, pelo pensamento, no mundo incorpóreo, nos identificar com a sua natureza e os fenômenos especiais que devem se passar num meio totalmente diferente do nosso. Estamos neste mundo na posição de um espectador que se admira de um efeito de cena, porque não lhe compreende o mecanismo; mas que vá atrás dos bastidores, e tudo lhe será explicado.

No nosso mundo tudo é matéria tangível; no mundo invisível tudo é, podendo-se assim se exprimir, *matéria intangível;* quer dizer, intangível para nós que não percebemos senão por órgãos materiais, mas tangível para os seres desse mundo que percebem pelos seus sentidos espirituais. Tudo é fluídico nesse mundo, homens e coisas, e as coisas ali são tão reais, relativamente, quanto as coisas materiais o são para nós. Eis um primeiro princípio.

O segundo princípio está nas modificações que o pensamento faz o elemento fluídico sofrer. Pode-se dizer que ele se configura à sua vontade, como configuramos um pedaço de terra para dele fazer uma estátua; somente a terra sendo uma matéria compacta e resistente, é preciso, para manipulá-la, um instrumento resistente, ao passo que a matéria etérea sofre, sem esforço, a ação do pensamento. Sob esta ação, ela é suscetível de revestir todas as formas e todas as aparências. Assim é que se vêem os Espíritos ainda pouco desmaterializados pensar em ter sob a mão os objetos que tinham quando vivos; que se revestem dos mesmos costumes, que se adornam com os mesmos ornamentos e tomam à sua vontade as mesmas aparências. A rainha de Oude, da qual narramos a entrevista na Revista de março de 1858, página 82, se via sempre com suas jóias, e dizia que não as tinha deixado. Basta-lhe para isto um ato do pensamento, sem o que, o mais freqüentemente, se dão conta da matéria da qual a coisa se opera, como entre os vivos muitas pessoas caminham, vêem e ouvem sem poderem dizer como e porquê. Tal era ainda o Espírito do zuavo de Magenta (Revista de julho de 1859) que dizia ter sua mesma roupa, e que, quando se lhe perguntava onde a tinha tomado, uma vez que a sua tinha ficado sobre o campo de batalha, respondeu: Isto refere-se ao meu alfaiate. Citamos vários fatos desse gênero, entre outros o do homem da tabaqueira (agosto de 1859, página 197) e o de Pierre Legay (novembro de 1864, página 339) que pagava seu lugar no ônibus. Essas criações fluídicas podem, às vezes, revestir, para os vivos, aparências momentaneamente visíveis e tangíveis, pela razão de que são devidas, na realidade, a uma transformação da matéria etérea. O princípio das criações fluídicas parece ser uma das leis mais importantes do mundo incorpóreo.

A alma encarnada, em seus momentos de emancipação, gozando em parte das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões fantásticas. Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma idéia, seu pensamento pode dela criar uma imagem fluídica que tem, para ele, todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, embora a coisa não exista por si mesma. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a senhora Cantianille. Preocupada com os relatos que tinha ouvido fazer do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais se apoderam das almas, das torturas dos condenados, seu pensamento disso criou um quadro fluídico que não tinha realidade senão para ela.

Pode-se classificar na mesma categoria as visões da irmã Elmerich que afirmava ter visto todas as cenas da Paixão, e encontrado o cálice no qual Jesus tinha bebido, assim como outros objetos análogos aos em uso no culto atual, que não existiam certamente naquela época, e dos quais ela dava, no entanto, uma descrição minuciosa. Dizendo que ela tinha visto tudo isto, estava de boa fé, porque verdadeiramente viu, pelos olhos da alma, mas uma imagem fluídica, criada por seu pensamento.

Todas as visões têm seu princípio nas percepções da alma, como a visão corpórea tem o seu na sensibilidade do nervo ótico; mas elas variam em sua causa e em seu objeto. Quanto menos a alma é desenvolvida, mais ela é suscetível de se iludir sobre o que vê; suas imperfeições a tornam sujeita a erro. As que são mais desmaterializadas são aquelas cujas percepções são mais extensas e mais justas; mas, por imperfeitas que elas sejam, suas faculdades não são menos úteis ao estudo.

Se esta explicação não oferece uma certeza absoluta, ao menos tem ela um caráter evidente de probabilidade. Sobretudo, prova uma coisa, é que os Espíritas não são tão crédulos quanto o pretendem seus detratores, e não dão sem refletir tudo o que parece maravilhoso. Todas as visões estão, pois, longe de ser para eles artigos de f é; mas, o que quer que seja, ilusões ou verdades são *efeitos que* não se poderiam negar; eles os estudam e procuram deles se darem conta, sem terem a pretensão de tudo saberem e de tudo explicarem. Eles não afirmam uma coisa senão quando estiver demonstrada pela evidência. Seria tão inconseqüente tudo aceitar quanto tudo negar.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

FILHOS GUIAS ESPIRITUAIS DE SEUS PAIS.

Uma mãe, tendo perdido um filho de sete anos, e tendo se tornado médium, teve esse mesmo filho por guia. Um dia ela lhe colocou esta pergunta:

Caro e muito amado filho, um espírita, de meus amigos, não compreende e não admite que possa ser o guia espiritual de tua mãe, uma vez que ela existia antes de ti e, indubitavelmente, deveu ter um guia, não fosse senão o tempo em que tivemos a felicidade de tê-lo ao nosso lado. Podes nos dar algumas explicações?

'Resposta do Espírito do filho. - Como quereis aprofundar tudo o que vos parece incompreensível? Aquele que vos parece mesmo o mais avançado no Espiritismo, não está senão nos primeiros elementos desta Doutrina, e dela não sabe mais do que tal ou tal que vos parece, com efeito, no fato de tudo e capaz de vos dar as explicações. - Eu existi muito tempo antes de minha mãe, e ocupei, numa outra existência, uma posição eminente por meus conhecimentos intelectuais.

Mas um imenso orgulho se apoderou de meu Espírito, e durante muitas existências consecutivas, fui submetido à mesma prova, sem poder dela triunfar, até que tivesse chegado a existência em que estive perto de vós; mas como era já avançado, e minha partida deveria servir ao vosso adiantamento, a vós tão atrasados na vida espírita, Deus me chamou antes do fim de minha carreira, considerando minha missão junto a vós mais proveitosa como Espírito do que como encarnado.

Durante minha última estada na Terra, minha mãe teve seu anjo guardião junto dela, mas temporariamente; porque Deus sabia que era eu que deveria ser seu guia espiritual, e que eu a conduziria mais eficazmente no caminho do qual ela estava tão afastada. Esse guia, que ela teve então, foi chamado para uma outra missão, quando vim tomar o seu lugar junto dela.

Perguntai àqueles que sabeis mais avançados do que vós, se esta explicação é lógica e boa; porque pode ser que seja a minha opinião pessoal, e mesmo a emitindo, não sei bem se não me engano. Enfim, isto vos será explicado, se o pedirdes. Muitas coisas vos são ainda ocultas, que vos parecerão claras mais tarde. Não querais muito aprofundar, porque então, dessa constante preocupação nasce a confusão de vossas idéias. Tende paciência; do mesmo modo que um espelho embaçado por um leve hálito se desembaça pouco a pouco, vosso Espírito tranqüilo e calmo chegará a esse grau de compreensão necessário ao vosso adiantamento.

Coragem, pois, bons pais; caminhai com confiança, e um dia bendireis a hora da prova terrível que vos levou ao caminho da felicidade eterna, e sem a qual teríeis muitas existências infelizes a percorrer ainda.

Nota. Essa criança era de uma precocidade intelectual rara para a sua idade. Mesmo em estado de saúde, parecia pressentir seu fim próximo; alegrava-se nos cemitérios, e sem ter jamais ouvido falar do Espiritismo, no qual seus pais não acreditavam, perguntava, freqüentemente, se, quando se está morto, não se poderia retornar para aqueles que se amou; aspirava morrer como numa felicidade e dizia que quando morresse, sua mãe não deveria com isto se afligir, porque ele retornaria para junto dela. Com efeito, foi a morte de três crianças em alguns dias que impeliu os pais a procurarem uma consolação no Espiritismo. Essa consolação a encontraram largamente, e sua fé foi recompensada pela possibilidade de conversarem, a cada instante, com seus filhos, a mãe tendo em tão pouco tempo se tornado excelente médium, e tendo seu próprio filho por guia, Espírito que se revela por uma grande superioridade.

COMUNICAÇÃO COM OS SERES QUE NOS SÃO CAROS.

Por que todas as mães que choram seus filhos e seriam felizes em se comunicarem com eles, freqüentemente não o podem; por que sua visão lhes é recusada, mesmo em sonho, apesar de seu desejo e de suas ardentes preces?

Além da falta de aptidão especial que, como se sabe, não é dada a todo o mundo, às vezes, há outros motivos dos quais a sabedoria da Providência aprecia melhor do que nós a utilidade. Essas comunicações poderiam ter inconvenientes para as naturezas muito impressionáveis, certas pessoas poderiam disso fazer abuso e a isso se entregarem com um excesso nocivo à sua saúde. A dor, em semelhante caso, sem dúvida, é natural e legítima; mas ela é algumas vezes levada a um ponto insensato. Nas pessoas de um caráter fraco, essas comunicações, freqüentemente, reavivam a dor em lugar de acalmá-la, é por isto que não lhe é sempre permitido recebê-lo, mesmo por outros médiuns, até que elas tenham se tornado mais calmas e bastante senhoras delas mesmas para dominarem a emoção. A falta de resignação, em semelhante caso, quase sempre, é uma causa de atraso.

Depois, é preciso dizer também que a impossibilidade de se comunicar com os Espíritos com os quais mais se afeiçoa, quando se o pode com outros, freqüentemente, é uma prova para a fé e a perseverança, e, em certos casos, uma punição. Aquele a quem esse favor é recusado deve, pois, dizer a si mesmo que, sem dúvida, o mereceu; cabe a ele procurar-lhe a causa *em si mesmo, e* não atribuí-lo a indiferença ou ao esquecimento do ser que lamenta.

Há, enfim, temperamentos que, não obstante a força moral, poderiam sofrer com o exercício da mediunidade com certos Espíritos, mesmo simpáticos, segundo as circunstâncias.

Admiremos em tudo a solicitude da Providência, que vela sobre os menores detalhes, e saibamos nos submeter à sua vontade sem murmurar, porque ela sabe melhor do que nós o que nos é útil ou nocivo. Ela é para nós como um bom pai que não dá sempre ao seu filho o que ele deseja.

As mesmas razões têm lugar para o que concerne aos sonhos. Os sonhos são a lembrança do que a alma viu no estado de desligamento durante o sono. Ora, essa lembrança pode ser interditada. Mas, aquilo do que não se lembra não está por isto perdido para a alma; as sensações sentidas durante as excursões que ela faz no mundo invisível, deixam, ao despertar, impressões vagas, e em relação com os pensamentos e as idéias das quais, freqüentemente, não supomos a origem. Pode, pois, se ter visto, durante o sono, os seres aos quais se tem afeição, conversarem entre si, e não se ter disto lembrança; diz-se então que não se sonhou.

Mas se o ser lamentado não pode se manifestar de uma maneira ostensiva qualquer, por isto não está menos junto daqueles que o atraem por seus pensamentos simpáticos; ele os vê, ouve suas palavras, e, freqüentemente, adivinha-se a sua presença, por uma espécie de intuição, uma sensação íntima, algumas vezes mesmo por certas impressões físicas. A certeza de que não está no nada; que não está perdido nem nas profundezas do espaço, nem nos abismos do inferno; que é mais feliz, isento doravante dos sofrimentos corpóreos e das atribulações da vida; que se o reverá, depois de uma separação momentânea, mais belo, mais resplandecente, sob seu envoltório etéreo imperecível, do que a sua pesada carapaça carnal: aí está uma imensa consolação que se recusam aqueles que crêem que tudo acaba com a vida, e é o que dá o Espiritismo.

Em verdade, não se compreende o encanto que se pode encontrar em se comprazer na idéia do nada para si mesmo e para os seus, e a obstinação de certas pessoas em repelir até a esperança que isso pode ser de outro modo, e os meios de adquirir-lhe a prova. Que se diga a um doente morrendo: "Amanhã estareis curado, e vivereis ainda muitos anos, feliz, bem de saúde," ele aceitará o augúrio com alegria; o pensamento da

vida espiritual, indefinida, isenta das enfermidades e dos cuidados da vida, não é bem mais satisfatório?

Pois bem! disso o Espiritismo não dá apenas a esperança, mas a certeza. É por isto que os Espíritas consideram a morte de modo diferente do que os incrédulos.

PERFECTIBILIDADE DOS ESPÍRITOS.

(Paris, 3 de fevereiro de 1866. Grupo do Sr. Lat... -Médium, Sr. Desliens.)

Pergunta. Se os Espíritos, ou almas, se melhoram indefinidamente, segundo o Espiritismo, eles devem se tornar infinitamente perfeitos ou puros. Chegados a esse grau, por que não são iguais a Deus? Isto não está segundo a justiça?

Resposta. O homem *é* uma criatura verdadeiramente singular! Sempre acha o seu horizonte muito limitado; quer tudo compreender, tudo agarrar, tudo conhecer! Quer penetrar o insondável e negligencia o estudo do que o toca imediatamente; quer se compreender Deus, julgar seus atos, fazê-lo justo ou injusto; diz-se como se gostaria que ele fosse, sem se desconfiar que ele é tudo isso e ainda mais!.. Mas, miserável verme, jamais pudeste compreender, de maneira absoluta, nada do que te cerca? Sabes segundo qual lei a flor se colore e se perfuma sob os beijos vivificantes do sol? Sabes como tu nasces, como vives, e porque teu corpo morre?.... - Vês os fatos, mas as causas permanecem para ti envolvidas de um véu impenetrável, e gostarias de julgar o princípio de todas as causas, a causa primeira, Deus enfim! - Há muitos outros estudos mais necessários ao desenvolvimento de teu ser, que merecem toda a tua atenção!...

Quando resolves um problema de álgebra, não vais do conhecido ao desconhecido, e, para compreender Deus, esse problema insolúvel há tantos séculos, queres dirigir-te diretamente a ele! Tens, pois, todos os elementos necessários para estabelecer uma tal equação? Não te falta nenhum documento para julgar teu criador em última instância? Não vais crer que o mundo esteja limitado a esse grão de pó, perdido na imensidão dos espaços, onde te agitas mais imperceptível do que o menor dos infusórios, cujo universo *é* uma gota d'água? - No entanto, raciocinemos e vejamos porque, segundo teus conhecimentos atuais, Deus seria injusto em não se deixando jamais alcançar por sua criatura.

Em todas as ciências, há axiomas ou verdades irrecusáveis que se admitem como bases fundamentais. As ciências matemáticas, e em geral todas as ciências, são baseadas sobre este axioma de que a parte não poderia jamais igualar o todo. O homem, criatura de Deus, não poderia, pois, jamais, segundo esse princípio, alcançar aquele que o criou.

Suponde que um indivíduo tenha um caminho de comprimento infinito a percorrer, de um *comprimento infinito,* pesai bem esta palavra; aí está a posição do homem com relação a Deus considerado como seu objetivo.

Por pouco que ele avance, dir-me-eis, a soma dos anos e dos séculos da marcha permitirá alcançar o objetivo. Aí está o erro!... O que fizerdes num ano, num século, num milhão de séculos, será sempre uma quantidade finita; um outro espaço igual não vos permitirá percorrer senão uma quantidade igualmente finita, e assim por diante. Ora, para o matemático mais noviço, uma soma de quantidades finitas jamais poderia formar uma quantidade infinita. O contrário seria absurdo, e, nesse caso, o infinito poderia se medir, o que lhe faria perder sua qualidade de infinito. - O homem progridirá sempre e incessantemente, mas de maneira finita; que não poderá alcançar Deus, infinito em tudo. Não há, pois, injustiça da parte de Deus em que uma de suas criaturas jamais possa igualá-lo. A natureza de Deus é um obstáculo intransponível a um tal fim do Espírito; sua justiça não poderia, não mais, permiti-lo, porque se um Espírito atingisse Deus, ele seria o próprio Deus. Ora, se dois Espíritos são tais que tenham ambos uma força infinita sob todos os aspectos, e que um seja idêntico ao outro, eles se confundem em um único e

não há mais que um Deus; um deveria, pois, perder a sua individualidade, o que seria uma injustiça muito mais evidente do que não poder alcançar um objetivo infinitamente distante mesmo dele se aproximando constantemente. Deus faz bem o que ele faz, e o homem é muitíssimo pequeno para se permitir de pesar suas decisões.

MOKI.

Nota. Se há um mistério insondável para o homem, é o princípio e o fim de todas as coisas. A visão do infinito lhe dá vertigem. Para compreendê-lo, são necessários conhecimentos e um desenvolvimento intelectual e moral que está longe ainda de possuir, apesar do orgulho que o leva a crer-se chegado ao cume da escala humana. Com relação a certas idéias, ele está na posição de uma criança que quisesse fazer cálculo diferencial *e* integral antes de saber as quatro regras. À medida que ele avançar para a perfeição, seus olhos abir-se-ão à luz, e o nevoeiro que os cobre se dissipará. Trabalhando para a sua melhoria presente, chegará mais cedo do que se perdendo em conjecturas.

VARIEDADES

A RAINHA VITÓRIA E O ESPIRITISMO.

Lê-se em *lê Salut public,* de Lyon, de 3 de junho de 1866, nas notícias de Paris:

"Lord Granville, durante a curta permanência que vem de fazerem Paris, dizia, a alguns amigos, que a rainha Vitória se mostrava mais preocupada do que não a tinha visto jamais em nenhuma época de sua vida, com relação ao conflito austro-prussiano. A rainha, acrescentava o nobre lorde, presidente do conselho privado de S. M. britânica, acreditava obedecer à voz do defunto príncipe Alberto, dela não poupando nada, a fim de prevenir uma guerra que colocaria em fogo a Alemanha inteira. Foi sob essa impressão, que não a deixa, que escreveu várias vezes ao rei da Prússia, assim como ao imperador da Áustria, e que ela teria também dirigido uma carta autografada à imperatriz Eugénie, para suplicar-lhe juntar seus esforços aos seus em favor da paz."

Este fato confirma aquele que publicamos na *Revista Espírita,* de março de 1864, página 85, sob o título de: *Uma Rainha médium.* Ali está dito, segundo uma correspondência de Londres reproduzida por vários jornais, que a rainha Vitória conversava com o Espírito do príncipe Alberto e tomava seu conselho em certas circunstâncias, como o fazia durante a vida deste último. Nós remetemos a esse artigo para os detalhes do fato e às reflexões às quais deu lugar. De resto, podemos afirmar que a rainha Vitória não é a única cabeça coroada, ou tocante à coroa, que simpatiza com as idéias espíritas, e todas as vezes que dissemos que a Doutrina tinha adeptos até sobre os mais altos graus da escala social, não exageramos nada.

Freqüentemente, pergunta-se por que dos soberanos, convencidos da verdade e das excelência desta Doutrina, não se fazerem um dever apoiá-la abertamente com a autoridade de seu nome. É que os soberanos talvez sejam os homens menos livres; mais do que simples particulares, estão submetidos às exigências do mundo, e contidos, *por razões de Estado, a* certas reservas. Não teríamos nos permitido nomear a rainha Vitória a propósito do Espiritismo, se outros jornais não tivessem tomado a iniciativa, e uma vez que não houve para esse fato nem desmentido, nem reclamações, acreditamos poder fazê-lo sem inconveniente. Sem dúvida, dia virá em que os soberanos poderão se confessar Espíritas, como se confessam protestantes, católicos gregos ou romanos; à espera disto, sua simpatia não é tão estéril quanto se poderia crê-lo, porque, em certos países, se o Espiritismo não é entravado e perseguido oficialmente, como o foi o Cristianismo em Roma, ele o deve a altas influências. Antes de ser oficialmente protegido, deve-se contentar de ser tolerado, aceitar o que se lhe dá, e não pedir muito, de medo de

nada obter. Antes de ser carvalho, não é senão caniço, e, se o caniço não se quebra, é que se dobra sob o vento.

POESIAS ESPÍRITAS.

Méry, o Sonhador.
(Grupo do Sr. L..., 4 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

Recém-nascido sobre vossa margem
Vi uma mulher atenta
Dizer, espiando o meu despertar:
Não perturbeis seu doce sono,
Ele sonha; e eu nasci apenas!
Um pouco mais tarde, quando na planície
Eu desfolhava o trevo florido,
Dizia-se que Joseph Méry
Sonhava; e quando minha pobre mãe
Me sentava sobre a branca pedra
Que do riacho guardava a borda,
Ela também dizia: Sonha ainda,
Meu filho. Mais tarde, no colégio,
Por ódio ou por desprezo, que sei eu!
Todos os meus amigos fugiam para longe,
E me deixavam só, num canto.
Sonhar. E quando a louca embriaguez
Dos prazeres perturbava a minha juventude,
A multidão me mostrava ao dedo
Dizendo: É Méry que deve
Ainda dormir. E quando, mais sábio,
Quase a meio caminho da viagem,
Fui julgado como escritor,
Dizia-se de mim: É em vão
Que ele evoca a poesia
Em seus versos, é a fantasia
Que vem ao seu chamado. Méry,
O que quer que faça, será Méry.
E quando a última prece
Tiver abençoado a minha fria poeira,
Atento sob meu lençol,
Não ouvi senão uma palavra, uma só;
Sonhador! Pois bem! sim, sobre a Terra
Sonhei; por que, pois, calá-lo?
Um sonho que não se acabou,
E que recomecei aqui.

J. MÉRY.

A PRECE DA MORTE PARA OS MORTOS.
(Sociedade de Paris, 13 de julho de 1866, méd. Sr. Vavasseur.)

Os séculos rolaram no abismo dos tempos
Sem piedade, flores e frutos, frios invernos, doces primaveras,

E a morte passou sem bater à porta
Que escondia o tesouro que em segredo ela guarda;
A vida! Ó morte! a mão que dirige tua mão
Deixa de ter ferido, não pode ela amanhã
Suspender um pouco seus golpes? Tua fome mal saciada
Quer ainda perturbar o banquete da vida?
Mas, se vens sem cessar, a qualquer hora do dia
Procurar entre nós os mortos para povoar tua morada,
O universo é muito pouco para os teus profundos abismos,
Onde teu sorvedouro é sem fundo para tuas pobres vítimas.
Ó morte! vês chorar a virgem sem chorar,
E tu secas as flores que devem enfeitá-la,
Sem permitir à sua fronte cingir a coroa
De rosas e de lírios que seu esposo lhe dá.
Ó morte! não ouves os gritos da pobre criança,
E vens sem piedade feri-la ao nascer,
Sem permitir aos seus olhos conhecer a mãe
Que lhe dá o céu em lhe dando a terra.
Ó morte! não ouves os votos desse velho
Implorando o favor, na hora da partida,
E de abraçar seu filho e bendizer sua filha,
Para dormir mais rápido e morrer mais tranqüilo.
Mas, cruel! digo eu, em que se tornam os mortos
Que deixam nossa margem e se vão para as tuas bordas?
Sofrerão sempre as dores da Terra
Nessa eternidade dos tempos, e a prece
Não poderia ao menos adoçá-las um dia?
E a morte respondeu: Nessa sombria morada
Onde, livre, fixei meu tenebroso império,
A prece é poderosa e é Deus quem a inspira
A meus súditos, a mim. Quando retorno, à tarde,
Sobre meu trono sangrento pomposamente me assento,
Olho os céus e sou a primeira
A recitar muito baixo para os meus mortos a prece.
Escuta, filho, escuta: "Ó Deus, Deus todo-poderoso,
Do alto dos céus sobre mim, sobre eles, lance em passando
Um olhar de piedade. Que um raio de esperança
Clareie enfim os lugares onde chora o sofrimento.
Faze ver, ó meu Deus! a terra do perdão,
Esse rio sem margem, essa praia sem nome,
A terra dos eleitos, a eterna pátria
Onde crias para todos uma eterna vida;
Faze com que cada um de nós, diante de tua vontade,
Se incline com respeito, diante da majestade
De teus secretos desígnios, se prosterne e adore;
Diante de teu nome se curve e se levante ainda,
Exclamando: Senhor! Se me haveis banido
Da morada dos vivos, se me haveis punido
Na morada dos mortos, diante de vós eu confesso
Ter merecido mais; feri, feri sem cessar,
Senhor, eu sofrerei sem jamais murmurar,
E meus olhos não poderão jamais bastante chorar

Para lavar do passado a inapagável mancha
Que sempre no presente vergonhosamente se aplica.
Sofrerei vossos golpes, levarei a minha cruz
Sem maldizer um único dia as vossas eqüitativas leis,
E quando julgardes minha prova acabada,
Senhor, se retornardes à minha sombra pálida
Os bens que perdeu em seu cativeiro,
A brisa, o sol, o ar puro, a liberdade,
O repouso e a paz, diante de vós eu me obrigo
A pedir ao meu turno, sobre minha nova margem,
Para meus irmãos curvados sob o penoso peso dos ferros
Que os retêm cravados no fundo de seus infernos;
Por suas sombras em prantos, às bordas da outra margem,
Mudas, olhando a minha fugitiva
Fugir em lhes dizendo: Coragem, meus amigos,
Realizarei nos céus o que aqui prometi."

CASIMIR DELAVIGNE.

Já publicamos outros trechos de poesias obtidas por esse médium, nos n^os de junho e julho, sob os títulos de: *Ao teu livro* e *A prece pelos Espíritos.* O Sr. Vavasseur é um médium versificador na acepção da palavra, porque não obtém, senão muito raramente, comunicações em prosa, e, embora muito letrado e conhecendo as regras da poesia, por ele mesmo jamais pôde fazer versos. Que disto sabeis, dir-se-á, e quem vos disse que o que é considerado como obtido medianimicamente, não seja *o* produto de sua composição pessoal? Nós o cremos, primeiro, porque ele afirma, e porque o temos como incapaz de enganar; em segundo lugar, porque a mediunidade nele sendo completamente desinteressada, não teria nenhuma razão de se dar um trabalho inútil, e de desempenhar uma comédia indigna de um caráter honrado. A coisa seria, sem dúvida, mais evidente e sobretudo mais extraordinária se ele fosse completamente iletrado, como disto se vê em certos médiuns, mas os conhecimentos que ele possui não poderiam anular a sua faculdade, desde que ela está demonstrada por outras provas.

Que se explique porque, por exemplo, se querendo compor alguma coisa por si mesmo, um simples soneto, ele nada obtém, ao passo que, sem procurá-lo, e sem objetivo premeditado, escreve trechos de longo fôlego, de um só jato, mais rapidamente e mais correntemente que o escreveria em prosa, sobre um assunto improvisado no qual não pensava? Qual é o poeta capaz de um semelhante feito, renovado quase todo dia? Dele não poderíamos duvidar, uma vez que os trechos que citamos e muitos outros foram escritos sob nossos olhos, na sociedade e nos diferentes grupos, e em presença de uma assembléia freqüentemente numerosa. Que todos os prestidigitadores que pretendem desvendar as pretensas astúcias dos médiuns, imitando mais ou menos grosseiramente alguns efeitos físicos, venham, pois, lutar com certos médiuns escreventes, e tratar, mesmo em simples prosa, instantaneamente, sem preparação nem retoque, qualquer assunto, e as questões mais abstratas! É uma prova à qual nenhum detrator ainda quis se submeter.

Lembramos a esse propósito que, há seis ou sete anos, um escritor jornalista, cujo nome figura algumas vezes na imprensa entre os zombadores do Espiritismo, veio nos encontrar, dando-se por médium escrevente *intuitivo,* e ofereceu seu concurso à Sociedade. Dissemos-lhe que, antes de aproveitar de seu oferecimento *prestativo,* nos era necessário conhecer a extensão e a natureza de sua faculdade; nós o convocamos, conseqüentemente, a uma sessão particular de experiência onde se encontrariam quatro ou cinco médiuns. Apenas estes tomaram o lápis e se viram a escrever com uma rapidez que o deixou estupefato; ele garatuja três ou quatro linhas com sólidos riscos,

pretendendo estar com a cabeça mal, o que perturbava sua faculdade; prometeu retornar, e nós não o revimos mais. Os Espíritos, ao que parece, não o assistem senão maduramente e em seu gabinete.

Viram-se, é verdade, improvisadores, como o falecido Eugène de Pradel, cativar os ouvintes por sua facilidade. Admira-se que não tenham nada publicado; a razão disso é muito simples, é que o que seduzia à audição, não era suportável à leitura; isso não era senão um arranjo de palavras saídas de uma fonte abundante, onde brilhavam excepcionalmente alguns traços espirituosos, mas cujo conjunto era vazio de pensamentos sérios e profundos, e semeado de correções revoltantes. Esta não é a censura que se possa fazer aos versos que citamos, embora obtidos com quase tanta rapidez quanto as improvisações verbais. Se fossem o fruto de um trabalho pessoal, isso seria uma singular humildade da parte do autor atribuir-lhe o mérito de outros do que a ele, e de se privar da honra que disso se poderia tirar.

Embora a mediunidade do Sr. Vavasseur seja recente, ele possui já uma coletânea muito importante de poesias, de um mérito real, que se propõe a publicar. Nós nos apressaremos em anunciar essa obra quando aparecer, e que, disto não duvidamos, será lida com interesse.

NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA

CANTATA ESPÍRITA.

Letras do Sr. Herczka, e música do Sr. Armand Toussaint, de Bruxelas, com acompanhamento de piano.

Este fragmento não é dado como uma produção medianímica, mas como a obra de um artista inspirado por sua fé espírita. As pessoas competentes que o ouviram executar, concordaram em lhe encontrar um mérito real digno do assunto. Freqüentemente dissemos que o Espiritismo bem compreendido será uma mina fecunda para as artes, onde a poesia, a pintura, a escultura e a música haurirão novas inspirações. Haverá a arte espírita, como houve a arte paga e a arte cristã.

(Vende-se em proveito dos pobres. Preço líquido, 1 fr. 50 c., para a França, 1 fr. 60 c. - Bruxelas, na sede da Sociedade Espírita, 51. rua de Ia Montagne. - Paris, no escritório da *Revista).*

ALLAN KARDEC

// REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO | NO. 9 | SETEMBRO 1866

OS IRMÃOS DAVENPORT EM BRUXELAS.

Os irmãos Davenport vêm de passar algum tempo na Bélgica, onde deram pacificamente suas representações; temos numerosos correspondentes nesse país e, nem por eles nem pelos jornais, soubemos que esses senhores tenham por ali sido alvo das cenas lamentáveis que tiveram lugar em Paris. É que os Belgas dariam lições de urbanidade aos Parisienses? Poder-se-ia crê-lo comparando as duas situações. O que é evidente é que em Paris havia uma posição antecipada, uma conspiração organizada contra eles; e a prova disto é naquilo que se os ataca antes de saber o que irão fazer, antes mesmo que tivessem começado. Que se vaie aquele que fracassa, que não tem o que anuncia, é um direito que se compra por toda a parte onde se paga na entrada; mais que se o achincalhe, que se o insulte, que se o maltrate, que se quebrem seus instrumentos, antes mesmo que entre em cena, o que não se permitiria ao último bufão da feira; qualquer que seja a maneira pela qual se considerem esses senhores, tais procedimentos são inexcusáveis num povo civilizado.

De que são acusados? de se darem por médiuns; de pretender que operem com ajuda dos Espíritos? Se era de sua parte um meio fraudulento para despertar a curiosidade do público, quem é que teria o direito de disso se lamentar? Seriam os Espíritas que poderiam achar mau ver a exibição de uma coisa respeitável. Ora, quem é que se lamenta, que criou o escândalo, a impostura e a profanação? Precisamente aqueles que não crêem nos Espíritos. Mas entre aqueles que gritam mais alto que não os há, que fora do homem nada há, *a* força de ouvir falar de manifestações, alguns acabam, senão por crer, ao menos por temer que ali não haja alguma coisa. O temor que os irmãos Davenport não viessem prová-lo muito claramente desencadeou contra eles uma verdadeira cólera, que, se se tivesse tido a certeza que não eram senão hábeis escamoteadores, não haveria mais razão de ser do que aquela que seria dirigida contra qualquer escamoteador. Sim, disto estamos convencidos, o medo de vê-los triunfar foi a causa principal dessa hostilidade que havia antecipado a sua aparição em público, e preparado os meios de fazer abortar sua primeira sessão.

Mas os irmãos Davenport não foram senão um pretexto; não era à sua pessoa que se queria, era ao Espiritismo, ao qual acreditaram poderem dar uma sanção, e que, com grande desprazer de seus antagonistas, frustrado o efeito da malevolência pela prudente reserva da qual jamais desistiram, apesar de tudo o que se fez para fazê-los dela sair. Para muitas pessoas, é um verdadeiro pesadelo. Seria preciso conhecê-lo muito pouco para crer que esses senhores, colocando-se em condições que ele desaprova, poderiam lhe servir de auxiliares. No entanto, serviram sua causa, mas o foi dela fazendo falar na ocasião, e a crítica lhe deu a mão, sem o querer, provocando o exame da Doutrina. Há que se notar que todo o barulho que se fez ao redor do Espiritismo foi a obra desses mesmos que queriam abafá-lo. O que quer que se tenha feito contra ele, jamais gritou; foram seus adversários que gritaram, como se se acreditassem já mortos.

Extraímos do *Office de publicité,* jornal de Bruxelas, que, diz-se, tira 25.000, as passagens seguintes de dois artigos publicados nos números de 8 e 22 de julho último, sobre os irmãos Davenport, assim como duas cartas de refutação lealmente inseridas nesse mesmo jornal. O assunto, embora um pouco gasto, não deixa de ter seu lado instrutivo.

CRÔNICA BRUXELENSE.

"É bem verdade que tudo chega e que não é preciso dizer: "Fonte, não beberei de tua água." Se me tivesse dito que jamais veria o armário dos irmãos Davenport nem esses ilustres feiticeiros eu teria sido homem a jurar que isso não seria nada, porque basta que se diga de alguém que é feiticeiro para me tirar toda curiosidade a seu respeito. O sobrenatural e a feitiçaria não têm inimigo mais teimoso do que eu. Eu não iria ver um milagre quando se o mostrasse por nada: essas coisas me inspiram a mesma distância do que os bezerros de duas cabeças, as mulheres de barba e todos os monstros; eu acho idiotas os Espíritos batedores e as curas sábias, e não há superstição que me possa fazer fugir até o fim do mundo. Julgai se, com tais disposições eu teria podido ir engrossar a multidão nos irmãos Davenport, quando se os dizia em comércio regular com os Espíritos! Confesso que a idéia não me teria vindo, não mais, de desmascarar sua velhacaria, de quebrar seu armário e provar que não eram realmente feiticeiros, porque me parece que teria dado por aí a prova de que eu mesmo havia acreditado em suas pompas e em suas obras. A mim teria parecido infinitamente mais simples afastar, desde o início, essa pretensa feitiçaria e supor, que tendo enganado tantas pessoas, deveriam ser pessoas ágeis em seus exercícios. Quanto a compreender, disso não estaria muito preocupado. Desde que os Espíritos ali não se misturassem, para quê? E se tivesse havido muitos pobres Espíritos, em outro mundo, para vir fazer este negócio de compadres, *para que ainda?*

"Li ao tempo com muita atenção, ainda que tivesse do que melhor empregar meu tempo, a maioria dos livros em uso dos Espíritas, e ali encontrei tudo o que seria preciso para fazer, se necessário, uma religião nova, mas não do que me converter a essa velha novidade. Todos os Espíritos consultados, e dos quais citaram-se as respostas, não disseram nada que não tivesse sido dito antes deles, e em melhores palavras do que não o redisseram. Eles nos ensinam que é preciso amar o bem e detestar o mal, que a verdade é o contrário da mentira, que a alma é imortal, que o homem deve tender, sem cessar, a se tornar melhor, e que a vida é uma prova, todas coisas que se sabia já muito bem há vários milhares de anos, e pela revelação das quais era inútil evocar tantos ilustres mortos e até personagens que, por célebres que são também, têm, no entanto, o erro de não ter existido. Não falo mesmo do Judeu Errante, mas imaginais que eu tivesse evocado Dom Quixote e que ele viesse, isto não me seria do último prazer?

"Eu não tinha mais do que uma única objeção a respeito dos irmãos Davenport, desde que não fossem mais do que hábeis escamoteadores; essa objeção se resumia nisto, que, *todo o Espiritismo afastado de boa graça e de um comum acordo,* seus exercícios poderiam bem não serem senão mediocremente divertidos. É provável que a idéia não me teria vindo de ir vê-los, se o oferecimento me sendo obsequiosamente feito de ali me conduzir, eu não tinha considerado senão crônica necessária, que tudo não é rosa na vida e que o cronista deve ir onde vai o público e se aborrecer pouco, sob a condição de desforra. Resolvido a fazer as coisas conscientemente, e iria primeiro, durante o dia, à sala do *círculo artístico e literário,* onde se estava ocupado em montar o famoso armário. Eu o vi, incompleto ainda, à luz do dia, e despojado de toda a sua "poesia." Se forem necessárias às ruínas a solidão e as sombras do anoitecer, são necessários aos "truques" dos prestidigitadores, a luz do gás, a multidão crédula e a distância. Mas os irmãos Davenport são bons jogadores e jogavam cartas sobre a mesa.

Podia-se ver, e entrar quem quisesse. Um doméstico americano montava o armário com tranqüilidade; as guitarras, os tamborins, as cordas, as campainhas estavam lá misturados com os cofres, as roupas, pedaços de tapetes, tecidos de embalagem; o todo ao abandono, à mercê de qualquer um, e como um desafio à curiosidade. Isso parecia dizer: Tornai, retornai, examinai, procurai, rebuscai, esforçai-vos! Não sabereis nada.

"Não há nada de mais insolentemente simples do que o armário. É um armário para tecidos de linho, roupas, e que não tem inteiramente o ar de ser feito para abrigar os Espíritos. Pareceu-me de nogueira; tem na frente três partes em lugar de duas, e parece cansado das viagens que fez ou dos assaltos que suportou. Lancei-lhe um golpe de olhar, não muito perto, porque, por aberto que estava, pensava que um móvel tão misterioso deveria sentir o fechamento, como a gaiola mágica na qual se escondia Mozart quando criança.

"Declaro formalmente que a menos de ali colocar meu linho ou minhas roupas, não teria sabido o que fazer do armário dos irmãos Davenport. Cada um em seu ofício. Eu o revi à noite, isolado sobre o estrado, diante da rampa: ele já tinha um ar monumental. A sala estava cheia, como jamais o f oram os dias em que Mozart, Beethoven e seus intérpretes fizeram sozinhos as despesas do serão. O mais belo público que se podia ter: os mais amáveis, os mais espirituosos, as mais alegres mulheres de Bruxelas, depois os conselheiros da Corte de cassação, os presidentes políticos, judiciários e literários; todas as academias, os senadores, os ministros, os representantes, os jornalistas, os artistas, os construtores, os marceneiros, *"que eram como um buquê de flores!'* O honorável Sr. Rogier, ministro dos assuntos estrangeiros, estava nesse serão, onde lhe acompanhava o antigo presidente da Câmara. O Sr. Vervoort, que, lembrando as grandezas humanas, não conservou senão a presidência do Círculo, encantadora realeza, aliás. A essa visão, me senti tranqüilo. Um de nossos melhores pintores, o Sr. Robie, fez eco ao meu pensamento em me dizendo: "Vedes! a Áustria e a Prússia podem se bater quanto quiserem. Uma vez que a crise européia não perturba de outro modo nosso ministro em assuntos estrangeiros, é que a Bélgica pode dormir em paz." Isto me pareceu peremptório, vós o julgareis do mesmo modo, e, sabendo que o Sr. Rogier assistiu sorrindo ao serão dos irmãos Davenport, dormireis tranqüilamente. É o que melhor tendes a fazer.

"Vi todos os exercícios dos irmãos Davenport, *e de modo algum procurei compreender-lhes o mistério.* Tudo o que posso dizer, sem sonhar de nenhum modo em diminuir seu sucesso, o que me é impossível ter o menor prazer naquelas coisas. Elas não me interessam. Amarraram em minha presença os irmãos Davenport; eles os amarraram mesmo muito bem, dizem; em seguida colocaram-lhes farinha nas mãos, depois as fecharam em seu armário, abaixou-se o gás e ouvi no armário um grande ruído de guitarras de campainhas e tamborins. De repente o armário se abriu - bruscamente, um tamborim rolou violentamente até os meus pés, e os irmãos Davenport apareceram, desligados, saudando o público e sacudindo diante dele a farinha que lhes tinham colocado nas mãos. Foram muito aplaudidos; eis aqui!

- Enfim, como explicais isto?

- Há pessoas no Círculo que o explicam muito bem; quanto a mim, incomodei-me sem proveito lá em cima, não me sinto, absolutamente, com nenhum ciúme de me explicar. Eles se desligaram, eis tudo, e destreza da farinha é feita jeitosamente. Acho os preparativos longos, o ruído aborrecido, e o todo pouco divertido. E nada de espírito, nem no singular nem no plural.

- Assim, não credes?

- Tanto feito; creio no aborrecimento que senti.

- E o Espiritismo, credes nele?

- É a pergunta de Sganarelle a dom Juan. Logo ireis me perguntar se creio no Moine-Bourru. Eu vos responderei, como dom Juan, que creio que dois e dois fazem

quatro, e que quatro e quatro fazem oito. Ainda não sei se, vendo o que se passa na Alemanha e noutra parte, não serei forçado a fazer reservas.

- Sois, pois, um ateu?

-Não. Sem modéstia, sou o homem mais religioso da Terra.

- Assim, credes em Deus, na imortalidade da alma, na...

- Creio. É minha felicidade e minha esperança.

- E tudo isto se concilia convosco: quatro e quatro fazem oito!

- Precisamente. Tudo está nesse lugar. É uma *bela língua quanto o turco.*

- Ides, pois, à missa!

- Não, mas não vos impeço de ir lá. O pássaro sobre o galho, o verme luzente na erva, os globos no espaço e meu coração cheio de adoração me cantam a missa noite e dia. Amo a Deus apaixonadamente, sem medo. Que quereis que eu faça, com isto, as religiões e as outras variedades do davenportismo?

- E o Espiritismo, e Allan Kardec?

- Creio que o Sr. Allan Kardec, que faria muito bem em se chamar pelo seu verdadeiro nome, é um tão bom cidadão quanto vós e eu. Sua moral não difere da moral vulgar, que me basta. Quanto às suas revelações, gosto tanto do armário dos Davenport, com ou sem guitarras. Vi as revelações dos Espíritos; seu estilo não vale o de Bossuet, e, salvo os empréstimos feitos às obras dos homens ilustres, é pesado e freqüentemente chato. *Eu não gostaria de escrever como o mais forte do bando:* meu editor dir-me-ia que o macarrão é bom, mas que não é preciso dele abusar. O Espiritismo o é no sobrenatural e nos dogmas, desconfio desse bloco enfarinhado. Eu disse, há cinco anos, falando da Doutrina, porque é bem uma doutrina: há tudo o que existe para *improvisar* uma religião nova. Valeria mais ser muito simplesmente religioso e nisso manter-se nas revelações do universo.

"Eu a vejo despontar essa religião. Já é uma seita, e considerável, porque não podeis imaginar o número e o sério das cartas que já recebi por ter aflorado ultimamente o Espiritismo. Ele tem seus fanáticos, terá seus intolerantes, seus sacerdotes, porque o dogma se presta à ação intermediária, uma vez que os Espíritos têm classes e preferências. Tão logo que houver dez por cento a ganhar com esse novo dogma, se lhe verá um clero. Eu o creio destinado a herdar o catolicismo, em razão desses lados sedutores. Esperai somente que os hábeis nele se misturem, e os profetas e os evocadores privilegiados levarão através do mistério da coisa, que é doce e poética, como as ervas parasitas num campo de trigo.

"Eis duas cartas que me foram endereçadas. Elas vêm de pessoas leais, crédulas e convictas; é por isto que as publico.

"Ao Sr. Bertram.

"Há quatro anos, eu era o que se pode chamar um franco retardatário; católico sincero, eu acreditava nos milagres, no diabo, na infalibilidade papal; assim, teria aceito sem hesitar a Encíclica de Pio IX com todas as suas conseqüências na ordem pública.

"Mas para que esta confissão de um desconhecido? dir-me-eis. Na verdade, senhor Bertram, vou vo-lo informar, com risco de excitar vossa verve zombetei rã o u *de vos fazer desculpar até o fim do mundo.*

"Vi um dia, em Anvers, uma mesinha (vulgarmente chamada mesa falante) que me respondeu a uma pergunta mental em meu idioma natal, desconhecido dos assistentes; entre eles havia Espíritos fortes, maçons que não acreditavam nem em Deus nem na alma; a coisa lhes deu a refletir, leram com avidez as obras espíritas de Allan Kardec, eu fiz como eles, sobretudo quando vários sacerdotes me asseguraram que esses fenômenos eram exclusivamente a obra do... demônio, e eu vos asseguro, eu, que não lamento o tempo que isso me custou, muito ao contrário. Encontrei nesses livros não só uma solução racional e muito natural do fenômeno acima, mas uma saída a muitas das questões, a muitos problemas que me coloquei no tempo; nisso teríeis encontrado

matéria para uma religião nova, mas crede-me, senhor Bertram, que nisso haveria um grande mal, se a ocasião se apresentar? O catolicismo está de tal modo em relação com as necessidades de nossa sociedade que ele não possa ser nem rejuvenescido nem substituído vantajosamente? Ou bem credes que a Humanidade possa se abster de toda crença religiosa? O liberalismo proclama belos princípios, mas ele é em grande parte cético e materialista; nestas condições ele não reunirá jamais a ele as massas, tão pouco quanto o catolicismo ultramontano; se o Espiritismo for chamado a se tornar um dia uma religião, será a religião natural bem desenvolvida e bem compreendida, e esta certamente não é novidade; é como dizeis: uma velha novidade; mas é também um terreno neutro onde todas as opiniões, tanto políticas quanto religiosas, poderão se estender um dia a mão.

"O que quer que seja, depois que me tornei Espírita, algumas más línguas me acusam de ter me tornado livre pensador; é verdade que a partir dessa época, do mesmo modo que os Espíritos fortes dos quais falei acima, não creio mais no sobrenatural nem no diabo; mas, em compensação, todos cremos um pouco mais em Deus, na imortalidade da alma, na pluralidade das existências; filhos do século dezenove, percebemos um caminho seguro e queremos impelir o carro do progresso e não retardá-lo. Vede, pois, que o Espiritismo tem ainda coisa boa, se pode operar tais mudanças. - E agora, para vir aos irmãos Davenport, seria errado fugir das experiências, ou concluir deliberadamente contra elas, pelo fato mesmo de que são novas; quanto mais os fatos que se nos apresentam são extraordinários, mais merecem ser observados conscienciosamente e sem idéias preconcebidas, porque, quem poderia se gabar de conhecer todos os segredos da Natureza? Jamais vi os irmãos Davenport, mas li o que a imprensa francesa escreveu por sua conta, e fiquei admirado da má fé que ela nisso colocou. Os amadores poderão ler frutiferamente: *As forças naturais desconhecidas,* por Hermes. (Paris, Didier, 1865); é uma refutação do ponto de vista da ciência às críticas dirigidas contra eles. Se é verdade que esses senhores não se dão por Espíritas e que não conhecem a Doutrina, o Espiritismo não tem que lhes tomar a defesa; tudo o que se pode dizer é que os fatos semelhantes àqueles que apresentam são possíveis em virtude de uma lei natural hoje conhecida e pela intervenção dos Espíritos inferiores; somente, até aqui, esses fatos não eram ainda produzidos em condições tão pouco favoráveis, a horas fixas e com tanta regularidade.

"Espero, senhor, que acolhereis estas observações desinteressadas e que lhes dareis a hospitalidade em vosso jornal; possam elas contribuir para elucidar uma questão mais interessante, aos vossos leitores, do que poderiam supô-lo.

"Vosso assinante,
"H. VANDERYST."

"Hei-la publicada! Não se me acusará de colocar "a luz sob o alqueire."

"Primeiro, não tenho alqueire; em seguida, sem a sombra da zombaria, não vejo aqui muito a luz. Jamais fiz objeção à moral do Espiritismo; ela é pura. Os Espíritas são honestos e benfazejos, se o don palativos creches mo provaram. Se prendem aos seus Espíritos superiores e inferiores, não vejo nisso inconveniente. É um assunto entre o seu instinto e a sua razão.

"Há um pos-scriptum na carta, ei-lo:

"Permiti-me que chame vossa atenção sobre uma obra que vem de ter as honras do Index: *A pluralidade das existências da alma,* por Pezzani, advogado, onde essa questão é tratada fora da revelação espírita."

"Passemos à outra carta:

(Segue uma segunda carta no mesmo sentido que a precedente, e que termina assim:)

"Tenho convicção de que, no dia em que a imprensa se envolver em desenvolver tudo o que o Espiritismo encerra de belo, o mundo fará progressos imensos, moralmente. Tornar sensível ao homem que todos levam em si a verdadeira religião, *a consciência,* deixá-lo em presença de si mesmo para responder por seus atos diante do Ser supremo, que coisa importante! Não seria matar o materialismo que faz tanto mal no mundo? Não seria uma barreira contra o orgulho, a ambição, a inveja, todas as coisas que tornam os homens infelizes? Ensinar ao homem que ele deve fazer o bem para merecer sua recompensa: há certamente homens que estão convencidos de tudo isto, mas quanto sobre a generalidade? E pode-se ensinar tudo isso ao homem; por minha parte, evoquei meu pai, e segundo as respostas que recebi, a dúvida não é mais possível.

"Se tivesse a felicidade de manejar a caneta como vós, trataria o Espiritismo como chamado a nos inculcar uma moral doce e agradável. Meu primeiro artigo teria por título: *O Espiritismo ou a destruição de todo o fanatismo. A queda dos jesuítas e de todos aqueles que vivem da credulidade do homem.* Haurem-se todas essas idéias no excelente livro de Allan Kardec. Quanto gostaria que tivésseis a minha maneira de encarar o Espiritismo! Como faríeis bem à moral! Mas, meu caro Bertram, como pudeste encontrar do sobrenatural, da feitiçaria no Espiritismo? Não acho mais extraordinário que nos comuniquemos com os nossos parentes e nossos amigos num outro mundo, por meio do fluido que nos coloca em relação com eles, não acho extraordinário que nos comuniquemos com os nossos irmãos deste globo a distâncias fabulosas por meio do fio elétrico!"

O todo publicado sem observação e sem comentário, para provar somente que o Espiritismo, na Bélgica, tem partidários ardorosos em sua fé. A seita, positivamente, faz progressos, e o catolicismo terá logo a contar com ela.

"A imprensa parisiense não foi de má-fé com os irmãos Davenport; o que o faz bem ver, *é* que estes não ostentam mais pretensões ao sobrenatural. Não dão mais sessões a cinqüenta f ranços por cabeça, ao menos pelo que sei; no entanto, creio que as pessoas que quisessem pagar seu lugar a esse preço lá não seriam mal recebidas. Para concluir, afirmo que seus exercícios não me parecem feitos para exercer uma grande influência sobre o futuro das sociedades humanas.

"BERTRAM."

Depois das duas cartas que se acaba de ler, não teremos senão pouca coisa a dizer sobre esse artigo; sua moderação contrasta com a acrimônia da maioria daqueles que escreveram outrora sobre o mesmo assunto. O autor, pelo menos não contesta aos Espíritas o direito de ter uma opinião que respeite, embora não a partilhe; ao encontro de certos apóstolos do progresso, reconhece que a liberdade de consciência é para todo o mundo; já é alguma coisa. Concorda mesmo que os Espíritas têm do bom e são de boa-fé. Constata, enfim, os progressos da Doutrina e confessa que ela tem um lado sedutor. Não faremos, pois, senão curtas observações.

O Sr. Bertram quer muito nos ter por um tão bom cidadão quanto ele, e lhe agradecemos por isso; mas acrescenta que faríamos também muito bem nos chamar pelo verdadeiro nome. Nos permitimos, de nossa parte, perguntar-lhe por que assina seus artigos *Bertram,* em lugar de *Eugène Landois,* o que não tira nada às suas qualidades pessoais, porque sabemos que é o principal organizador da creche de Saint-Josse-Tennoode, da qual se ocupa com a mais louvável solicitude.

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são bastante simples para evocar o Judeu Errante ou dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que desaprova; não se afligiria em apresentá-lo como uma religião, porque, com o mesmo título, todas as filosofias seriam religiões, uma vez que é de sua essência discutir as próprias bases de todas as religiões:

Deus, e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que se jamais o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia se fazer intolerante sem negar seu princípio que é *a* fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; sem abjurar sua divisa: Fora da *caridade não há salvação,* símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. Jamais disse: *"Fora do Espiritismo não há salvação."* Se uma religião se encaixasse no Espiritismo, com exclusão desses princípios, não seria mais o Espiritismo.

O Espiritismo é uma doutrina filosófica que toca a todas as questões humanitárias; pelas modificações profundas que ela traz nas idéias, faz encarar as coisas de um outro ponto de vista; daí, para o futuro, inevitáveis modificações nas relações sociais; é uma mina fecunda onde as religiões, como as ciências, como as instituições civis, haurirão elementos de progresso; mas do fato de que ela toca em certas crenças religiosas, não constitui mais um culto novo quanto não é um sistema particular de política, de legislação ou de economia social. Seus templos, suas cerimônias e seus sacerdotes estão na imaginação de seus detratores e daqueles que têm medo de vê-la se tornar religião.

O Sr. Bertram critica o estilo dos Espíritos e coloca o seu bem acima: é seu direito, e nós não lho disputaremos. Não lhe contestamos mais esse ponto do que em fatos morais os Espíritos não nos ensinam nada de novo; isto prova uma coisa, é que os homens, por isso, não são mais culpáveis de praticá-la tão pouco. É preciso, pois, se admirar de que Deus, em sua solicitude, a repete-lhes sob todas as formas? Se, sob esse aspecto, o ensino dos Espíritos é inútil, o do Cristo o é igualmente, uma vez que não faz senão desenvolver os mandamentos do Sinai; os escritos de todos os moralistas são semelhantemente inúteis, uma vez que não fazem senão dizer a mesma coisa em outros termos. Com esse sistema, quantas pessoas cujos trabalhos seriam inúteis! sem compreendê-lo os cronistas que, por condição, nada devem inventar.

Está, pois, convencionado que a moral dos Espíritos é velha como o mundo, o que nada tem de surpreendente, uma vez que a moral, não sendo outra coisa senão a lei de Deus, essa lei deve ser *de* toda a eternidade, *e* que a criatura nada pode acrescentar à obra do Criador. Mas não há nada de novo no modo de ensino? Até o presente, o código de moral não havia sido promulgado senão por algumas individualidades; foi reproduzido nos livros que nem todo o mundo lê ou não compreende. Pois bem! hoje esse mesmo código é ensinado, não mais por alguns homens, mais por milhões de Espíritos, que foram homens, em todos os países, em cada família, e, por assim dizer, em cada indivíduo. Credes que aquele que tivesse sido indiferente à leitura de um livro, que tivesse tratado as máximas que ele encerra como lugares comuns, não será de outro modo muito impressionado se seu pai, sua mãe, ou um ser que lhe é caro e que respeita, vem dizer-lhe, fosse mesmo num estilo inferior ao de Bossuet: "Não estou perdido como acreditaste; estou lá junto de ti, vejo-te e ouço-te, te conheço melhor do que quando estava vivo, porque leio em teu pensamento; para ser feliz no mundo onde estou, eis a regra de conduta a seguir; tal ação é boa e tal outra é má, etc." Como o vedes, é um ensino direto, ou se gostais mais, um novo meio de publicidade, tanto mais eficaz quanto vá direto ao coração; que não custa nada; que se dirige a todo o mundo, ao pequeno como ao grande, ao pobre como ao rico, ao ignorante como ao sábio, e que desafia o despotismo humano que quisesse colocar-lhe uma barreira.

Mas, direis, isto é possível? não é uma ilusão? Essa dúvida seria natural se tais comunicações não fossem feitas senão por um único homem privilegiado, porque nada provaria que ele não se engana; mas quando milhares de indivíduos delas recebem semelhantes todos os dias e em todos os países do mundo, é racional pensar que todos são alucinados? Se o ensino do Espiritismo estivesse relegado nas obras espíritas, não teria conquistado a centéssima parte dos adeptos que possui; esses livros não fazem senão resumir e coordenar esse ensino, o que faz seu sucesso, é que cada um encontra em seu particular a confirmação do que encerram.

Será fundado dizer que o ensino moral dos Espíritos é supérfluo, quando se tiver provado que os homens são bastante bons para deles não ter mais necessidade; até lá, não é preciso se admirar de vê-lo repetir sob todas as formas e em todos os tons.

Que me importa, dizeis, senhor Bertram, que haja ou não Espíritos! É possível que isto vos seja indiferente, mas não o é do mesmo modo para todo o mundo. É absolutamente como se dissésseis: "Que me importa que haja habitantes na América, e que o cabo elétrico venha me prová-lo!" Cientificamente, é alguma coisa quanto a prova do mundo invisível; moralmente, é muito; porque os Espíritos povoam o espaço que se crê desabitado, é a descoberta de todo o mundo, a revelação do futuro e do destino do homem, uma revolução em suas crenças; ora, se a coisa existe, toda negação não poderá impedi-la de existir. Seus resultados inevitáveis merecem muito que se preocupem com ela. Sois homem de progresso, e repelis um elemento de progresso? um meio de melhorara Humanidade, de cimentar a fraternidade entre os homens? uma descoberta que conduz à reforma dos abusos sociais contra os quais reclamais sem cessar? Credes em vossa alma imortal, *e* não vos importais de nenhum modo de saber o que ela se torna, em que se tornaram vossos parentes e vossos amigos? Francamente, isso é pouco racional. Não é, direis, no armário dos irmãos Davenport que eu o encontrarei; de acordo; jamais dissemos que estivesse lá o Espiritismo. No entanto, esse mesmo armário, precisamente porque, errado ou certo, ali fez intervir os Espíritos, e fez falar muito dos Espíritos, mesmo aqueles que não criam neles; daí as pesquisas e os estudos que não seriam feitos se esses senhores não fossem dados por simples prestidigitadores. Se os Espíritos não estavam em seus armários, bem puderam provocar esse meio para fazer sair uma multidão de pessoas de sua indiferença. Vedes que vós mesmos, com o vosso desconhecimento, fostes levado a semear a idéia entre vossos numerosos leitores, o que não teríeis feito sem esse famoso armário.

Quanto às verdades novas que ressaltam das revelações espíritas fora da moral, remetemos ao artigo publicado na *Revista* de janeiro de 1865, sob o título de: *O que ensina o Espiritismo.*

O ESPIRITISMO NÃO PEDE MAIS DO QUE SER CONHECIDO.

É um fato averiguado que, depois que a crítica implicou com ao Espiritismo, ela mostrou a mais completa ignorância de seus princípios mais elementares; ela o provou super abundantemente em lhe fazendo dizer precisamente o contrário do que diz, em lhe atribuindo idéias diametralmente opostas às que professa. Para ela, tendo dado um Espiritismo de fantasia, se diz: "Ele deve dizer e pensar tal coisa;" em uma palavra, ela julgou sobre o que pensou o que ele poderia ser, e não sobre o que é realmente. Sem dúvida, ele era muito fácil de se esclarecer; mas, para isto, seria preciso ler, estudar, aprofundar uma doutrina toda filosófica, sondar a importância das palavras; ora, está aí um trabalho sério que não é do gosto de todo o mundo, muito fatigante mesmo para algum. A maioria dos escritores, encontrando nos escritos de seus confrades um julgamento inteiramente feito, de acordo com suas idéias céticas, aceitaram-lhe o fundo sem mais exame, se limitando a bordar algumas variantes na forma; é assim que as idéias mais falsas se propagaram como ecos na *Imprensa,* e daí numa parte do público.

Isto, no entanto, não podia ter senão um tempo. A Doutrina Espírita, que nada tem de escondido, que é clara, precisa, sem alegorias nem ambigüidades, sem fórmulas abstratas, deveria acabar por ser melhor conhecida; a própria violência com a qual era atacada, com isso deveria provocar o exame; e foi o que ocorreu, e foi o que levou à reação que se observa hoje. Não quer dizer que todos aqueles que a estudam, mesmo seriamente, devam dela se fazer apóstolos; não certamente; mas é impossível que um estudo atento, feito sem prevenção, não atenue ao menos a prevenção que se lhe

concebeu, se ela não a dissipa completamente. Era evidente que a hostilidade da qual o Espiritismo era objeto deveria levar a esse resultado; foi por isso que nós jamais nos inquietamos.

Porque o Espiritismo faz menos barulho neste momento, algumas pessoas pensam que há estagnação em sua marcha progressiva; mas contam elas por nada a mudança completa que se opera na opinião? É uma conquista insignificante o ser considerado de um olhar menos mau? O Espiritismo desde o início reuniu a todos aqueles a quem essas idéias estavam, por assim dizer, em estado de intuição; não teve senão que se mostrar para ser por eles aceito com solicitude; é o que explica seu crescimento numérico rápido. Hoje, que colheu o que estava maduro, ele age sobre a massa refratária; o trabalho é mais longo; os meios de ação são diferentes e apropriados à natureza das dificuldades; mas, nas flutuações da opinião, sente-se que essa massa se abala sob o machado dos Espíritos que a atinge, sem cessar, de mil maneiras. O progresso, por ser menos aparente, não é menos real; é como o de uma construção que se eleva com rapidez, e que parece parar quando se trabalha no interior.

Quanto aos Espíritas, o primeiro momento foi o de entusiasmo; mas um estado de superexcitação não pode ser permanente; ao movimento expansivo exterior, sucedeu um estado mais calmo: a fé é tão viva, mas é mais fria, mais raciocinada, e, por isto mesmo, mais sólida. A efervescência deu lugar a uma satisfação íntima mais doce, cada dia melhor apreciada, pela serenidade que proporciona a inabalável confiança no futuro.

Hoje, pois, o Espiritismo começa a ser julgado de um outro ponto de vista; não se o acha mais tão estranho e tão ridículo, porque se o conhece melhor; os Espíritas não são mostrados mais ao dedo como animais curiosos; se muitas pessoas repelem ainda o fato das manifestações que não podem conciliar com a idéia que se fazem do mundo invisível, elas não contestam mais a importância filosófica da Doutrina; que sua moral seja velha ou nova, por isto não é menos uma doutrina moral, que não pode excitar ao bem aqueles que a professem; é o que reconhece quem julga com conhecimento de causa. Tudo o que se censura agora aos Espíritas é crer na comunicação dos Espíritos; mas se lhe passa essa pequena fraqueza em favor do resto. Sobre este ponto os Espíritos se encarregarão de mostrar se existem.

O artigo do Sr. Bertram, de Bruxelas, reportado acima, parece-nos ser a expressão do sentimento que tende a se propagar no mundo dos precedentemente zombadores, e se desenvolverá à medida que o Espiritismo for mais conhecido. O artigo seguinte está no mesmo sentido, mas revela uma convicção mais completa. Ele foi extraído do *Soleil* de 5 de maio.

"Ao mesmo tempo que aparecem os *Apóstolos,* do Sr. Ernest Renan, o Sr. J.-B. Roustaing, adepto esclarecido do Espiritismo, publicou pela Livraria central uma obra considerável intitulada: *Os Quatro Evangelhos,* seguidos dos mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos evangelistas ajudados pelos apóstolos.

"A massa dos Parisienses quase não conhece, em fato de Espiritismo, senão as frustrações de alguns escamoteadores que tentaram em vão abusar da credulidade de um público incrédulo. Esses charlatães foram vaiados, o que é muito bem feito; mas os Espíritas, cheios de ardor e de fé, por isso não continuaram menos suas experiências e sua propaganda rápida.

"As coisas mais sérias são tratadas em Paris, do mesmo modo do que as mais fúteis. Assim é que se pergunta, o mais freqüentemente, se se tem negócio com um deus, uma mesa ou uma pequena bacia. As experiências sumárias, tentadas entre duas taças de chá por algumas mulheres adúlteras e alguns jovens pretensiosos, bastaram à curiosidade dos Parisienses. Se a mesa aparentasse girar, ria-se muito; se, ao contrário, a mesa não mexesse, ria-se ainda mais forte; e é assim que a questão se achava aprofundada. Isto era de outro modo entre a população mais refletida da província. O menor resultado animava os prosélitos, excitava seu ardor; o Espírito de seus próximos

respondia à sua espera; e cada um deles, conversando com a alma de seu pai e de seu irmão defuntos, estava convencido de ter levantado o véu da morte que, doravante, não podia ter terror para ele.

"Se jamais houve uma consoladora doutrina, é certamente esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões de espíritas atentos se tornam mais numerosas. Ora-se, evoca-se, crê-se. Pessoas que não sabem escrever, escrevem; sua mão é tomada pelo Espírito.

"O Espiritismo é sem perigo social; também o deixa estender-se sem lhe opor barreiras. Se o Espiritismo fosse perseguido, teria seus mártires como o Babismo, na Pérsia.

Ao lado das respostas medianímicas mais sérias se acham indicações e conselhos que chamam o sorriso. O autor dos *Quatro Evangelhos,* Sr. Roustang, advogado na corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados, não é um ingênuo - não mais do que um enganador - e, em seu prefácio, se acha a comunicação seguinte:

"Chegou o momento em que deves pôr em situação de entrega à publicidade esta obra; não fixamos limites; emprega com sabedoria e medida tuas horas, a fim de poupar tuas forças... A publicação pode ser começada a *contar do mês de agosto próximo; a* partir dessa época, trabalha o mais prontamente possível, mas sem ultrapassar as forças humanas; de tal modo que a publicação esteja terminada no mês de agosto de 1866."

"Assinado: MOISÉS, - MATEUS, - MARCOS, - LUCAS, -JOÃO, "Assistidos pelos Apóstolos."

"O leitor está surpreso de não ver Moisés, Mateus, Lucas e João levarem até o fim seu conselho e acrescentar: Farás imprimir a obra na casa Lavertujon, 7, rua dos Treilles, e, Bordeaux e fá-la-ás aparecer na Livraria central, bulevard dos Italianos, em Paris.

"Detém-se também um instante nessa passagem, que disse ao autor *não ultrapassar as forças humanas.* O autor deve, pois, tê-las ultrapassado, sem essa paternal palavra dos senhores Moisés, Mateus, Marcos e João?

"O Sr. Renan, sem tocar de início no Espiritismo, faz numerosas alusões a essa nova doutrina da qual parece não desconhecer a importância. O autor de *Apóstolos* lembra (página 8) uma passagem capital de São Paulo que estabelece: 1ˉ a realidade das aparições; *2*° a longa duração das aparições. Uma única vez, no curso de sua obra, o Sr. Renan prende os Espíritas na armadilha. Ele disse, na página 22, segunda nota:

"Para conceber a possibilidade de semelhantes ilusões, basta se lembrar das cenas de nossos dias, onde pessoas reunidas reconhecem unanimente ouvir ruídos sem realidade, e isto, com uma perfeita boa-fé. A espera, o esforço da imaginação, a disposição de crer, às vezes as complacências inocentes, explicam aqueles desses fenômenos que não são o produto direto da fraude. Essas complacências vêm, em geral, de pessoas convictas, animadas de um bom sentimento, não querendo que a sessão acabe mal, e desejosas de tirar do embaraço os senhores da casa. Quando se crê no milagre, se o ajuda sempre sem disso se aperceber. A dúvida e a negação são impossíveis nessas espécies de reunião. Cria-se dificuldade àqueles que crêem e àqueles que vos convidaram. Eis porque essas experiências, que se reúnem diante de pequenas comissões, fracassam comumente diante de um público pagante, e falham sempre diante das comissões científicas."

"Aqui, como em outra parte, o livro do Sr. Renan carece de boas razões. De um estilo doce e encantador, substituindo a lógica pela poesia, os *Apóstolos* deveriam se intitular os *Últimos Abencérages.* As remessas a documentos inúteis, as falsas provas das quais a obra está sobrecarregada lhe dão todas as aparências da puerilidade com a qual foi concebida. Nisso não há do que se enganar.

"O Sr. Renan conta que Maria de Magdala, chorando na beira do sepulcro, teve uma visão, uma simples visão. - O que lhe foi dito? -Ela acreditou ouvir uma voz. - Como sabe que ela não foi realmente ouvida? - Todas as afirmações contidas na obra são quase da mesma força.

"Se os Espíritas não têm quase nada a oferecer senão sua boa-fé por explicação, o Sr. Renan não tem mesmo esse recurso.

"Não podemos aqui senão contar o livro do Sr. Roustaing; não temos o direito de discuti-lo, não mais do que o dever onde nos leva. De resto, esse não seria o lugar de entrar em considerações que o leitor não procura em nossas colunas. A obra é séria, o estilo é claro e firme. O autor não caiu no erro comum dos comentaristas que, freqüentemente, são mais obscuros do que o próprio texto que querem esclarecer.

"O Espiritismo, que tinha seu catecismo, terá doravante seus códigos anotados e seu curso de jurisprudência. Não lhe faltará senão a prova do mártir."

AURÉLIEN SCHOLL.

EXTRATO DO PROGRÈS COLONIAL DA ILHA MAURICE.

Comunicação Espírita.

Não é só nos países em que os jornais, não diremos ainda simpatizem, mas se humanizem com o Espiritismo, ao qual começam a conceder o direito de burguesia. Lê-se no *Progrès colonial,* jornal de Port-Louis, ilha Maurice, na data de 15 de junho de 1866:

"Todos os dias recebemos duas ou três dessas comunicações espíritas, mas se nos abstivemos de reproduzi-las até aqui, foi porque não estamos ainda em medida de consagrar um lugar a essa coisa extraordinária que se chama o Espiritismo. Que nossos leitores, aqueles que são por natureza curiosos, tenham um pouco de paciência: não esperarão por muito tempo. Se damos esse pequeno escrito, assinado por LÁZARO, é que se trata desse pobre Georges, morto e enterrado tão infelizmente:

"Senhor,

"Li hoje uma correspondência inserida em vosso jornal, assinada: "Uma testemunha ocular," relatando a maneira pela qual se serviu para colocar na terra o cadáver do infortunado G. Lemeure.

Há muito tempo, senhor, eu sabia perfeitamente que se a miséria não é um vício, é ao menos uma das maiores calamidades que há no mundo; mas o que eu não queria admitir é que os homens fossem bastante adoradores do bezerro de ouro para não respeitar mais tudo o que há de mais solene, de maior e de mais sagrado para nós: a morte!...

"Assim, pobre Georges, dotado de um caráter doce, honesto e modesto, condenado a viver na maior privação, suportando as provas deste mundo com coragem e mesmo com alegria, sempre pronto a prestar serviço ao seu próximo, tu vais morrer assim isolado, longe daqueles que te amam, que te lamentam talvez; e é preciso ainda para humilhar a tua sombra, que homens, que irmãos, te cavem uma cova na terra, sozinho, sozinho com nada! como se a pobreza te tornasse indigno de partilhar, assim como teus semelhantes, um terreno consagrado. Além disto, não se te faz mesmo a caridade de um caixão, quatro pedaços de tábua! tu és ainda muito feliz, pensa essa *boa humanidade,* de repousar na terra úmida e fria esquecido de todos! Que lhes importa, de resto, que teu corpo se putrefaça lá, sem que um amigo venha ali derramar uma lágrima, lançar uma flor, levar uma lembrança?

"Eu me detenho aqui, porque estou ainda indignado de que não se cumpram mesmo as formas desejadas em semelhantes ocasiões para com o infeliz; em todos os países civilizados, dá-se aos parentes ou amigos de uma pessoa morta, encontrados pela

autoridade, vinte e quatro horas para vir reconhecê-la e reclamá-la; se ao cabo desse tempo não se vem, então se a deposita em terra santa, em observando sempre as considerações devidas à morte; mas aqui, abstém-se de semelhantes formalidades, contenta-se, se não tendes com que pagar as despesas de vosso enterro, em vos lançar num canto qualquer, assim como um animal, e vos cobrir com dois ou três punhados de pó.

"Eu o repito, senhor, é um enorme flagelo quanto a miséria.

"LÁZARO."

OS FENÔMENOS APÓCRIFOS.

O fato seguinte foi narrado pelo *Événementde 2* de agosto de 1866:

"Há vários dias, os habitantes do quarteirão vizinho da igreja Saint-Médard estavam postos em grande emoção pelo fato singular, misterioso, que deu lugar aos comentários e aos relatos mais lúgubres.

"As demolições se fazem ao redor dessa igreja; a maioria das casas abatidas foram levantadas sobre o local de uma cemitério ao qual se liga a história dos pretensos milagres que, no começo do século dezoito, motivaram uma ordem do governo que ordena, em 27 de janeiro de 1733, o fechamento desse cemitério, sobre cuja porta se encontrou no dia seguinte este epigrama:

Da parte do rei... proíbe a Deus Fazer milagre neste lugar.

Ora, as casas respeitadas pelo martelo do demolidor eram, cada noite, assoladas por uma saraivada de pedras, freqüentemente muito grandes, que quebravam os vidros das janelas e caíam sobre os telhados, que elas danificavam.

"Apesar das mais ativas procuras, ninguém pôde descobrir de onde vinham esses projéteis.

"Não se deixou de dizer que os mortos do cemitério, pertubados em seu repouso pelas demolições, manifestavam assim seu descontentamento. Mas pessoas menos crédulas, pensam bem que essas pedras que continuavam a cair todas as noites eram lançadas por um ser vivo, foram reclamar a intervenção do Sr. Cazeaux, comissário de polícia, que fez organizar uma vigilância por agentes.

"Enquanto eles vigiavam, as pedras não apareciam, mas desde que cessavam, elas caíam ainda com mais abundância.

"Não se sabia o que fazer para penetrar esse mistério, quando a senhora X..., proprietária de uma casa da rua Censier, veio declarar ao comissário que assustada pelo que se passava, ela tinha ido dartros uma sonâmbula.

"Ela me revelou, disse a declarante, que as pedras eram lançadas por uma jovem afetada de um mal na cabeça. Precisamente minha boa Félicie F..., com a idade de dezesseis anos, foi atingida de impingem sobre essa parte do corpo.

"Se bem que não ligando nenhuma importância a essa indicação, o comissário consentiu, no entanto, em interrogar Félicie, e obter-lhe confissões completas. Agindo sob a inspiração de um Espírito que lhe apareceu, ela via, há vários meses, amontoado em um celeiro, uma quantidade considerável de pedras, e, cada noite, ela levava para ali lançar uma parte - pela janela desse celeiro - sobre as casas vizinhas.

"Na presunção de que essa jovem podia ser alienada, o comissário a enviou à Prefeitura, para que ali fosse examinada por médicos especiais."

Esse fato prova que é preciso guardar-se de atribuir a uma causa oculta todos os fatos desse gênero, e que, quando uma causa material existe, chega-se sempre a descobri-la, o que não prova nada contra a possibilidade de uma outra origem, em certos casos, os quais não se pode julgar senão pelo conjunto das circunstâncias, como em

Poitiers. A menos que a causa oculta não seja demonstrada pela evidência, a dúvida é o partido mais sábio; convém, pois, manter-se em reserva. É preciso, sobretudo, desconfiar das armadilhas estendidas pela malevolência tendo em vista se dar o prazer de mistificar os Espíritas. A idéia fixa da maioria dos antagonistas é de que o Espiritismo está inteiramente nos efeitos físicos, e não pode viver sem isto; que a fé dos Espíritas não tenha outro objetivo é porque imaginam matá-lo desacreditando seus efeitos, seja que os *façam simular,* seja que os *inventem* em condições ridículas. Sua ignorância do Espiritismo faz que, sem disso se aperceberem, firam ao lado da questão capital, que é o ponto de vista moral e filosófico.

Alguns, no entanto, conhecem muito bem esse lado da Doutrina; mas como ele é inatacável, se atiram sobre o outro, mais vulnerável, e que se presta mais facilmente à fraude. Eles gostariam, a todo preço, fazer passar os Espíritas por admiradores crédulos e supersticiosos do fantástico, aceitando tudo de olhos fechados. É para eles um grande desapontamento não vê-los se extasiarem ao menor fato tendo algum colorido de sobrenatural, e de achá-los, em relação a certos fenômenos, mais céticos do que aqueles que não conhecem o Espiritismo; ora, é precisamente porque o conhecem, que sabem o que é possível e o que não o é, e não vêem por toda a parte a ação dos Espíritos.

No fato acima reportado, é bastante curioso ver a verdadeira causa revelada por uma sonâmbula. É a consagração do fenômeno da lucidez. Quanto à jovem que disse ter agido sob o impulso de um Espírito, é certo que não foi o conhecimento do Espiritismo que lhe deu essa idéia. De onde ela lhe veio? É muito possível que ela se achasse sob o império de uma obsessão que se tomou, como sempre, por loucura. Se assim for, não é com remédio que se a curará. Em semelhante caso, muitas vez es se têm visto pessoas f alar espontaneamente dos Espíritos, porque os vêem, e se diz então que estão alucinadas.

Nós a supomos de boa-fé, porque não temos nenhuma razão de suspeitá-la; mas há infelizmente fatos desnaturados para fazer nascer a desconfiança. Lembramo-nos de uma mulher que simulou a loucura ao sair de uma reunião espírita onde tinha sido admitida às suas *instâncias, a única à qual ela tinha assistido;* conduzida imediatamente a uma casa de alienados, ela confessou depois que tinha recebido cinqüenta francos para desempenhar essa comédia. Era na época em que se procurava acreditar a idéia de que as casas de loucos regurgitavam de Espíritas. Essa mulher se deixou seduzir pelo engodo de algum dinheiro, outros podem ceder a outras influências. Não pretendemos que tenha sido assim com a jovem; quisemos simplesmente mostrar que quando se quer denegrir uma coisa, todos os meios são bons; é, para os Espíritas, uma razão a mais de se manterem em guarda e tudo observar escrupulosamente. De resto, se tudo o que se trama por baixo do pano prova que a luta não terminou, *e* que é preciso redobrar a vigilância e a firmeza, é igualmente a prova de que todo o mundo não considera o Espiritismo como uma quimera.

Ao lado da guerra surda, há o da guerra a céu aberto, mais geralmente feita pela incredulidade zombeteira; esta evidentemente está modificada. Os fatos que se multiplicam, a adesão de pessoas das quais não se pode suspeitar a boa-fé nem a razão, a imparcialidade dos Espíritas, sua calma e sua moderação em presença das tempestades que se levantam contra eles, deram a refletir. A imprensa registra cada dia fatos espíritas; ae, em seu número, houve verdadeiros, outros são evidentemente inventados para as necessidades da causa da oposição. Não se negam mais os fenômenos, mas se procura torná-los ridículos pelo exagero. É uma tática bastante inofensiva, porque não é difícil hoje fazer, nessas matérias, a parte da inverosimilhança. Os jornais da América, de resto, não são invenções sob esse aspecto, e os nossos se apressam em repeti-los. Foi assim que a maioria reproduziu a história seguinte, no decorrer de março último:

"ESTADOS UNIDOS. - Executou-se em Cleveland (Ohio) um homem, o doutor Hughes, que, no momento de morrer, fez um discurso atestando um espírito de firmeza e de lucidez extraordinário. Ele aproveitou a ocasião para fazer, sobre *a* utilidade e a justiça da pena de morte, uma dissertação que não durou menos do que meia hora. Essa penalidade da morte, disse ele, é muito simplesmente ridícula. Qual vantagem há em tomar a minha vida? Nenhuma. Certamente não é meu exemplo que desviará outros do crime. É que me lembro de ter atirado esse tiro de pistola? Do todo, disso não tenho, mesmo hoje, a menor lembrança. Posso admitir que a lei de Ohio me fere justamente, mas digo ao mesmo tempo que ela é louca e vã.

"Se pretendeis que, porque essa corda vai ser atada ao redor do meu pescoço, e apertada até que a morte se siga, ela terá por efeito prevenir o assassinato, digo que vosso pensamento é louco e vão; porque, na situação de espírito em que estava John W. Hughes quando assassinou, não há exemplo sobre a Terra que tenha podido impedir um homem, qualquer que fosse, de fazer o que eu fiz. Inclino-me diante da lei do país com o pensamento de que é um homicídio inútil, tanto quanto cruel, de tomar a minha vida. Espero que meu suplício não fique como um exemplo da pena de morte, mas como um argumento que lhe prova a inutilidade.

"Hughes, em seguida, fez um exame de consciência e se estendeu longamente sobre a religião e sobre a imortalidade da alma. Suas doutrinas, nessas graves matérias, não são positivamente ortodoxas; mas elas atestam ao menos um sangue frio singular. Também falou do Espiritualismo, ou antes do Espiritismo. "Eu sei, disse ele, por minha própria experiência, que há, entre aqueles que saem da vida e aqueles que ficam, comunicações incessantes. Vou hoje sofrer a suprema penalidade legal, mas, ao mesmo tempo, estou seguro de que estarei convosco depois de minha execução como o estou agora.

"Meus juizes e meus carrascos me verão sempre diante de seus olhos, e vós mesmos que viestes aqui para me ver morrer e não há um de vós que não me reveja em carne e em osso, vestido de negro como estou, levando meu próprio luto prematuro, durante seu sono como durante as horas de suas ocupações diárias. - Adeus, senhores, espero que nenhum de vós fará o que fiz; mas se houver qualquer um que se encontre no estado mental em que eu mesmo estava, quando cometi o crime, seguramente não será pela lembrança deste dia que se o impedirá. Adeus."

"Depois dessa arenga, o alçapão caiu, e o doutor Hughes ficou dependurado. Mas suas palavras tinham produzido uma profunda impressão sobre seu auditório, e disto resultou singulares efeitos. Eis o que encontramos hoje, a esse respeito, no *Herald,* de Cleveland:

"O doutor Hughes, estando sobre o cadafalso com a corda no pescoço, disse que estaria com aqueles que o ouviriam tão bem depois quanto antes de sua morte, e se disse que tomou a peito ter sua palavra. Entre as pessoas que o tinham visitado em sua cela antes da execução, se achavam honesto açougueiro alemão. Este homem, depois de sua entrevista com o condenado, não tem mais do que o doutor Hughes no cérebro. Ele tem, sem cessar, diante dos olhos, a noite, o dia, a toda hora, prisões, forca, homens dependurados. Ele não dorme mais, não come mais, não tem mais na cabeça sua família nem seus negócios, e ontem à noite essa visão quase o matou.

"Ele veio de entrar em sua estrebaria para cuidar dos animais, quando viu de pé, perto de seu cavalo, o doutor Hughes, vestido com as mesmas roupas negras que trazia antes de deixar nosso planeta, e parecendo gozar de uma excelente saúde. O pobre açougueiro lançou um grito agudo, um uivo do outro mundo, e caiu de costas.

"Acudiram levantaram-no; seu olhar estava desvairado, sua face lívida, seus lábios trêmulos, e com uma voz palpitante, perguntou, quando retomou o conhecimento, se o doutor Hughes estava ainda ali. Acabara de ver, dizia, e, se não estava mais na estrebaria, não poderia estar longe. Foi com todas as dificuldades do mundo que se o

acalmou e que se o arrastou para sua casa. A visão o perseguia sempre, e nas últimas notícias ainda, ele estava num estado de agitação que nada podia acalmar.

"Mas eis o que é mais curioso ainda. O açougueiro não é o único a quem o doutor Hughes apareceu depois de sua morte. No segundo dia depois da execução, todos os detentos o viram, viram com seus olhos, entrar na prisão e percorrer os corredores. Ele tinha o ar perfeitamente natural: estava vestido de negro, como sobre o cadafalso; passava freqüentemente sua mão ao redor de seu pescoço, ao mesmo tempo deixava escapar, de sua boca, um som gutural que assobiava entre seus dentes. Subiu as escadas que conduziam à sua cela, ali entrou, sentou-se, e se pôs a escrever versos. Eis o que contaram os detentos, e nada no mundo os teria persuadido de que tinham sido o joguete de uma ilusão."

Este fato não deixa de ter seu lado instrutivo pelas palavras do paciente; é verdadeiro quanto ao assunto principal; mas como este acreditou dever, em sua última alocução, falar do *Espiritualismo* ou *Espiritismo,* o narrador achou bom enriquecer seu relato com as aparições, que não existiram senão na ponta de sua caneta, salvo a primeira, a do açogueiro, que parece ser real.

- *Tom, o cego,* não é um conto de fantasma, mas um fenômeno de inteligência estranho. Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso. O *Harpes Weekly,* jornal ilustrado de Nova Iorque, consagrou-lhe um longo artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:

"Não havia dois anos que ele traduzia, pelo canto, tudo o que feria seu ouvido, e tal era a justeza e a facilidade com a qual agarrava um motivo, que, ouvindo as primeiras notas de um canto, ele podia executar a sua parte. Logo começou a acompanhar fazendo os segundos, se bem que não tivesse jamais ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que alguma coisa de semelhante deveria se cantar.

"Com a idade de quatro anos ouviu pela primeira vez um piano. À chegada do instrumento, ele estava, segundo seu hábito, se divertindo no pátio; a primeira vibração dos toques atraiu-o ao parlatório (o salão). Foi-lhe permitido passear seus dedos sobre as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade, e não lhe foi recusado o inocente prazer de fazer um pouco de barulho. Uma vez, depois da meia noite, pôde permanecer no palratório onde tinha sabido penetrar. O piano não tinha sido fechado, e as jovens senhoritas da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, elas ouviram Tom tocando um de seus trechos, e, pela manhã elas o encontraram ainda ao piano. Foi-lhes permitido então tocar quanto lhe aprouvesse; ele fez progressos tão rápidos e tão espantosos que o piano se tornou o eco de tudo o que ele ouvia. Desenvolveu assim novas e prodigiosas faculdades, desconhecidas, até então, ao mundo musical, e das quais parece que Deus reservou o monopólio a Tom. Tinha menos de cinco anos quando, depois de um tempestade, dela fez um que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva.*

"Setenta professores de música, em Filadélfia, espontaneamente cobriram com sua assinatura uma declaração que termina assim: "De fato, sob toda forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele mostrou um poder e uma capacidade que o classificam entre os mais espantosos fenômenos dos quais a história da música guardou a lembrança. Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por algumas das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da ciência."

"Hoje ele toca a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão que foram raramente ouvidos. É na primavera próxima que ele deve ir para a Europa.

Eis a explicação dada a esse respeito por intermédio do Sr. Morin,

médium, numa reunião espírita de Paris, na casa da princesa O.....,

em 13 de março de 1866, e à qual assistimos. Ela pode servir de guia em todos os casos análogos.

"Não vos apresseis muito em crer na vinda do famoso músico negro cego; suas aptidões musicais são exaltadas pelos grandes vendedores de novidades, que não são avaros de fatos imaginários destinados a satisfazer a curiosidade dos assinantes. É preciso desconfiar muito das reproduções, e sobretudo dos empréstimos reais ou supostos que fazem vossos jornalistas aos seus confrades de além-mar. Se bem que balões de ensaio são lançados com objetivo de fazer os Espíritas caírem numa cilada, e na esperança de arrastar o Espiritismo e seus adeptos para o domínio do ridículo. Portanto, mantende-vos em guarda, e não comenteis jamais um fato sem, preliminarmente, estardes bem informados, e sem ter pedido a opinião de vossos guias

"Não podeis imaginar todas as astúcias empregadas pelos grandes fanfarrões das idéias novas, para chegar a surpreender um equívoco, uma falta, um absurdo palpável, cometido pelos Espíritas ou seus muito confiantes prosélitos. De todos os lados as *armadilhas aos Espíritas são* estendidas; todos os dias as aperfeiçoam; pequenos e grandes estão à espreita, e no dia em que puderem surpreender o chefe emfalta, as mãos no saco do ridículo, seria o mais belo de sua vida. Têm uma tal confiança neles, que disso se regozijam por antecipação; mas há um velho provérbio que diz: "Não é preciso vendera pele do urso antes detê-lo matado;" ora, o Espiritismo, coisa que se detesta, está ainda de pé, e poderia bem lhes fazer usar seus calçados antes de se deixar atingir. Envergonhados, virão um dia queimar o incenso diante do altar da verdade que, num tempo próximo, será reconhecido por todo o mundo.

"Em vos aconselhando para vos manter reservados, não pretendo que os fatos e gestos atribuídos a esse cego sejam impossíveis, mas não é preciso crer nele antes de tê-lo visto, e sobretudo ouvido."

EBELMANN.

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloqüente discurso de defesa em favor da reabilitação da raça negra, num país onde o preconceito da cor está tão enraizado; e, se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.

Mas, então, dir-se-á, isso seria uma queda do Espírito de passar da raça branca para *a* raça negra? Queda de posição social, sem dúvida, o que se vê todos os dias, quando, de rico se nasce pobre, ou de senhor servidor, mas não retrocesso do Espírito, uma vez que teria conservado suas aptidões e suas aquisições. Essa posição seria para ele uma prova ou uma expiação; talvez mesmo uma missão, a fim de provar que essa raça não está votada pela Natureza a uma inferioridade absoluta. Raciocinamos aqui na hipótese da realidade do fato, e pelos casos análogos que poderiam se apresentar.

Os dois fatos seguintes são da mesma fábrica, e não têm necessidade de outro comentário do que aquilo que vem de ser dito. O primeiro, reportado pelo *Soleil* de 19 de julho, e considerado de origem americana; o segundo, tirado de *o Evénement* do mês de abril, deve crer-se parisiense. Incontestavelmente, são os Espíritas que se mostrarão os incrédulos mais endurecidos; quanto aos outros, a curiosidade poderia bem levá-los mais de um a conhecer a coisa que se diz produzir tantas maravilhas.

"Os Espíritos batedores e outros parecem eleger domicílio em Taunton, e ter escolhido, para teatro de suas proezas, a casa de um infeliz doutor dessa cidade. A adega, os corredores, os quartos, a cozinha e até o celeiro do nobre são assombrados durante a noite pelas sombras de todos aqueles que ele mandou para um mundo melhor.

São gritos, lamentos, imprecações, ironias sangrantes, segundo o espírito das sombras, que não têm algumas vezes a sombra de espírito.

- Tua última porção me matou, disse uma voz cavernosa.

- Alopata, exclama uma voz mais jovem, não vales mesmo uma homeopatia.

- Sou tua vítima duzentos e noventa e nove, a última de todas, canta tristemente uma outra aparição. Trate ao menos de fazer uma crer quando estiveres na de número trezentos.

"E assim por diante. A vida do infortunado doutor não é mais sustentável."

A outra anedota é também espirituosa:

"É domingo à noite, durante essa tempestade espantosa da qual os jornais de ontem enumeraram os estragos. Uma charrete descia através da chuva e os relâmpagos a avenida de Neuilly; no interior se encontravam quatro pessoas; elas tinham jantado juntas em uma muito amável e muito hospitaleira casa, perto do parque de Neuilly, e alegres por essa noite agradável, os quatro viajantes, descuidados da tempestade, se entregavam a uma conversa um pouco leviana.

"Falavam das mulheres, se as maldizia, se as caluniava mesmo um pouco. O nome de uma jovem foi posto sobre o tapete e alguém emitiu dúvidas sobre a nacionalidade da vítima, insinuando que seguramente não foi em Nanterre que ela viu a luz.

"De repente, um acontecimento imprevisto fez estremecer as portas, um clarão iluminou toda a viatura e a chuva fustigou os vidros para quebrá-los. Ao clarão do raio, os quatro viajantes *viram,* então, de pé, diante deles, na viatura, um quinto viajante, ou antes, uma viajante - era uma mulher, vestida de branco, um espectro, um anjo. A aparição se desvaneceu com o relâmpago, depois, como se o fantasma quisesse protestar contra a calúnia que *se* dirigia contra a jovem ausente, uma chuva de flores de laranjeira caiu sobre os quatro companheiros de caminho e os cobriu de uma neve perfumada.

"Havia, na verdade, um médium entre os quatro viajantes. "Nada vos força a dar fé a essa história inverossímil, e não creio nela, por minha parte, uma palavra traiçoeira. Foi um dos quatro viajantes que ma contou e me afirmou. Ela me pareceu original, eis tudo!"

CABELOS EMBRANQUECIDOS SOB A IMPRESSÃO DE UM SONHO.

Lê-se no *Petit Journal* de 14 de maio de 1866: O Sr. Émile Gaboriau, comentando o fato atribuído a esse marido que teria assassinado a sua mulher sonhando, conta no *Pays* o dramático episódio que se vai ler:

"Mas eis que é mais forte, e devo dizer que dou fé a esse fato cuja autenticidade me foi afirmada sob juramento pelos heróis em pessoa.

"Esse herói, meu colega de colégio, é um engenheiro de uns trinta anos, homem de espírito e de talento, de um caráter metódico, de um temperamento frio.

"Como ele percorria a Bretânia há dois anos, encontrou-se de passar uma noite numa estalagem isolada, a algumas centenas de metros de uma mina que se propunha visitar no dia seguinte. "Ele estava cansado; colocou-se no leito e não tardou a dormir. "Logo sonhou. Vinha de colocar-se à frente da exploração dessa mina vizinha.

"Ele vigiava os obreiros, quando chegou o proprietário. "Esse homem, brutal e mal educado, censurou de permanecer fora, os braços cruzados, enquanto que deveria estar no interior, ocupado em traçar o plano.

" - Está bem! eu desço, respondeu o jovem engenheiro. "Ele desceu, com efeito, percorreu as galerias e delas levou um esboço.

"Essa tarefa terminada, se colocou no cesto que deveria reconduzi-lo à luz. Um cabo enorme servia para erguer essa cesta.

"Sendo a mina extraordinariamente profunda, o engenheiro calculou que a ascensão duraria bem um quarto de hora, assim se instalou o mais comodamente que pôde.

"Subia já há dois ou três minutos quando, levantando seus olhos por acaso, acreditou ver que o cabo ao qual se encontrava suspensa sua vida, estava cortado a alguns pés acima de sua cabeça, muito alto para que pudesse alcançar a ruptura.

"Primeiramente seu medo foi tal que esteve prestes a desmaiar. Depois tentou restabelecer-se, tranqüilizar-se. Não se enganara, não tinha visto mal? Teve necessidade de fazer um enérgico apelo a toda a sua coragem para ver de novo.

"Não, não tinha se enganado. O cabo tinha sido dilacerado por alguma lasca de rocha, e, lentamente, mas visivelmente, se destorcia. Não estava nesse lugar mais grosso do que o dedo polegar.

"O infortunado se sentiu perdido. Um frio mortal gelou-o até a medula. Quis gritar, impossível. Aliás, para quê? estava agora roto pela metade.

"No fundo, numa profundidade vertiginosa, percebia, menos brilhantes do que vagalumes na grama, as lâmpadas dos operários.

"No alto, a abertura do poço lhe aparecia tão estreitada que parecia não ter o diâmetro do gargalo de uma garrafa.

"Ele subia sempre, e um a um os fios de cânhamo estalavam.

"E nenhum meio de evitar a queda horrível, porque, ele o via, o sentia bem, o cabo estaria rompido bem antes que o cesto tivesse alcançado o alto.

"Tal era a sua angústia mortal, que teve a idéia de abreviar o suplício em se precipitando.

"Ele hesitava, quando o cesto chegou à flor do solo. Estava salvo. Foi dando um grito formidável que saltou à terra.

"Esse grito despertou-o. A horrível aventura não era senão um sonho. Mas ele estava num estado horrível, banhado de suor, respirando com dificuldade, incapaz do menor movimento.

"Enfim, pôde soar a campainha e vieram em seu socorro. Mas as pessoas da estalagem quase se recusavam a reconhecê-lo. Seus cabelos negros tinham se tornado grisalhos.

"Ao pé de sua cama se encontrava, esboçado por ele, o plano dessa mina que não conhecia. Esse plano estava maravilhosamente exato."

Não temos outra garantia de autenticidade desse fato senão o relato acima; sem nada prejulgar a esse respeito, diremos que tudo o que relata está nas coisas possíveis. O plano da mina, traçado pelo engenheiro durante seu sono, não é mais surpreendente do que os trabalhos que certos sonâmbulos executam.

Para fazê-lo exato, deve ter visto; uma vez que não pôde ver pelos olhos do corpo, viu pelos da alma; durante seu sono, seu Espírito explorou a mina: o plano disto é a prova material, quanto ao perigo, é evidente que ele nada teve de real; não foi, pois, senão um pesadelo. O que é mais singular, é que, sob a impressão de um perigo imaginário, seus cabelos tenham podido embranquecer.

Esse fenômeno se explica pelos laços fluídicos que transmitem ao corpo as impressões da alma, quando dela está longe. A alma não se dava conta dessa separação; seu corpo perispiritual lhe fazia o efeito de seu corpo material, assim como ocorre, freqüentemente, após a morte em certos Espíritos que se crêem ainda vivos, e pensam dedicar-se às suas ocupações habituais. O Espírito do engenheiro, embora vivo, se encontrava numa ocupação análoga; tudo era tão real em seu pensamento quanto se tivesse seu corpo de carne e de osso. Daí o sentimento de pavor que sentiu em se vendo prestes a ser precipitado no abismo.

De onde veio essa imagem fantástica? Ele mesmo criou, pelo seu pensamento, um quadro fluídico, uma cena da qual era o autor, exatamente como a senhora Cantianille e a irmã Elmérich das quais falamos, no número precedente, p. 240. A diferença provém da natureza das preocupações habituais. O engenheiro pensava, naturalmente, nas minas, ao passo que a senhora Cantianille, em seu convento, pensava no inferno. Sem dúvida,

ela se acreditava em estado de pecado mortal por alguma infração à regra confiada à instigação dos demônios; ela disto exagerava as conseqüências, e já se via em seu poder, estas palavras: "Não tenho senão muito bem conseguido merecera sua confiança," prova que sua consciência não estava tranqüila. De resto, a descrição que ela faz do inferno tem alguma coisa de sedutora para certas pessoas, uma vez que, quem consente em blasfemar contra Deus, em louvar o diabo, e que tem coragem de desafiar o medo das chamas, disso são recompensada pelo gozos inteiramente mundanos. Pode-se notar, nesse quadro, um reflexo das provas maçônicas, que, sem dúvida, se lhe tinha mostrado como o vestíbulo do inferno. Quanto à irmã Elmérich, suas preocupações são mais doces; ela se comprazia na beatitude e na veneração das coisas santas; também suas visões disto são a reprodução.

Na visão do engenheiro, há duas partes distintas: uma real e positiva, constatada pela exatidão do plano da mina; a outra puramente fantástica: a do perigo que correu. Esse é talvez o efeito da lembrança de um acidente real dessa natureza, do qual teria sido vítima em sua precedente existência. Pôde ser provocado como advertência de ter que tomar as precauções desejadas. Estando encarregado da direção da mina, depois de um semelhante alerta, ele não negligenciará as medidas de prudência.

Eis um exemplo da impressão que se pode conservar das sensações experimentas numa outra existência. Não sabemos se já o citamos em alguma parte; não tendo o tempo de pesquisá-lo, o lembramos, com o risco de fazer uma repetição, porque vem em apoio do que acabamos de dizer.

Uma senhora de nosso conhecimento pessoal, havia sido aluna num pensionato de Rouen. Quando os alunos saíam para ir seja à igreja, seja a passeio, em um certo lugar da rua ela era presa de uma emoção e de uma apreensão extraordinárias; parecia-lhe que iria ser precipitada num abismo; e isto se renovava cada vez que ela passava nesse lugar, e todo o tempo que ela fosse nessa pensão. Tinha deixado Rouen há mais de vi nte anos, e ali tendo retornado há poucos anos, teve a curiosidade de ir rever a casa que tinha morado, e passando pela mesma rua, sentiu a mesma sensação. Mais tarde, essa senhora tendo se tornado Espírita, esse fato lhe retornando à memória, dele pediu a explicação, e lhe foi respondido que, outrora, • nesse lugar, se encontravam muralhas com profundas fossas cheias de água; que ela fazia parte de um grupo de mulheres que concorreram para a defesa da cidade contra os Ingleses, e que todas foram precipitadas nessas fossas onde pereceram. Este fato está narrado na história de Rouen.

Assim, depois de vários séculos, a terrível impressão desta catástrofe não tinha se apagado ainda de seu Espírito. Se ela não tinha mais o mesmo corpo carnal, tinha sempre o mesmo corpo fluídico, ou perispiritual, que tinha recebido a primeira impressão, e reagido sobre seu corpo atual. Um sonho teria, pois, podido disso retraçar-lhe a imagem, e produzir uma emoção semelhante à do engenheiro.

Quantas coisas nos explicam o grande princípio da perpetuidade do Espírito, e do laço que une o Espírito à matéria! Jamais, talvez, os jornais, em negando o Espiritismo, não narraram tantos fatos em apoio das verdades que ele proclama.

VARIEDADES

MEDIUNIDADE VIDENTE NAS CRIANÇAS.

Um de nossos correspondentes nos escreveu de Caen:

"Eu estava recentemente no hotel Saint-Pierre, em Caen; peguei um copo de cerveja, lendo um jornal. A jovenzinha da casa, creio, com mais ou menos quatro anos, estava sentada numa escada e comia cerejas. Não percebeu que eu a via e parecia voltada para uma conversação com seres invisíveis aos quais oferecia cerejas; tudo o

indicava; sua fisionomia, seus gestos, as inflexões de sua voz. Ora ela se virava bruscamente dizendo: Tu, não as terás; não és gentil. - Eis para ti, dizia ela a uma outra. - O que é que tu me jogas, pois? dizia a uma terceira. Dir-se-ia cercada de outras crianças; ora ela se levantava, estendia as mãos oferecendo o que tinha; ora seus olhos seguiam objetos invisíveis para mim, que a entristeciam ou a faziam gargalhar. Essa pequena cena durou mais de meia hora, e a conversa não cessou senão quando a criança percebeu que eu a observava. Sei que, freqüentemente, as crianças se divertem com apartes desse gênero, mas aqui era tudo diferente; o rosto e as maneiras refletiam impressões reais que não eram a de um jogo jogado. Pensei que era, sem dúvida, um médium vidente ainda não maduro, e me dizia que se todas as mães de família fossem iniciadas nas leis do Espiritismo, elas nele hauririam numerosos casos de observação, e se explicariam muitos fatos que passam desapercebidos, e cujo conhecimento lhes seria útil para a direção de seus filhos."

É lamentável que nosso correspondente não tenha tido a idéia de questionar essa menina sobre as pessoas com as quais ela conversava; teria podido assegurar-se se essa conversação tinha realmente lugar com os seres invisíveis; e, neste caso, teria podido tirar dela uma instrução tanto mais importante quanto nosso correspondente, sendo um Espírita muito esclarecido, poderia dirigir com utilidade essas perguntas. O que quer que isso seja, muitos outros fatos provam que a mediunidade vidente é muito comum, se mesmo não é geral nas crianças, e isto é providencial; ao sair da vida espiritual, os guias da criança vêm conduzi-la ao porto de embarque para o mundo terrestre, como vêm procurá-la em seu retorno. Mostram-se-lhes nos primeiros tempos, a fim de que não haja transição muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança crescendo pode agir em virtude de seu livre arbítrio. Então a deixam às suas próprias forças, desaparecendo aos seus olhos, mas sem perdê-la de vista. A menina em questão, em lugar de ser, como pensa nosso correspondente, um médium vidente imaturo, poderia bem ser um deles em seu declínio, e não mais gozar dessa faculdade pelo resto de sua vida. (Ver, Revista de fevereiro de 1865, página 42: Os *Espíritos instrutores da infância.)*

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO | NO. 9 | OUTUBRO 1866

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS.

Os tempos marcados por Deus são chegados, dizem-nos de todas as partes, onde os grandes acontecimentos vão se cumprir para a regeneração da Humanidade. Em que sentido é preciso entender estas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos, não é senão a expressão de uma crença pueril sem fundamento; para a maioria dos crentes, ela têm alguma coisa de mística e de sobrenatural que lhes parece ser precursoras do transtorno das leis da Natureza. Estas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira naquilo que implica a negação da Providência, e que os fatos cumpridos provam a verdade dessas palavras; a segunda, naquilo que estas não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas seu cumprimento. Procuremos, pois, o sentido mais racional.

Tudo é harmonia na obra da criação, tudo revela uma previdência que não se desmente nem nas menores coisas nem nas maiores; devemos, pois, de início descartar toda a idéia de capricho irreconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha geral do conjunto.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos Espíritos, encarnados e desencarnados, que o povoam. Estes dois progressos se seguem e caminham paralelamente, porque a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela ciência, e que, sucessivamente, o tornaram habitável para seres cada vez mais aperfeiçoados; moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que a melhora do globo se opera, sob o império das forças materiais, os homens nisso concorrem pelos esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra por mudanças mais bruscas, em cada uma das quais se opera um movimento ascensional mais rápido que marca, por caracteres marcantes, os períodos progressivos da Humanidade. Esses movimentos, subordinados *nos detalhes* ao livre arbítrio dos homens, são, de alguma sorte, fatais em seu conjunto, porque estão submetidos à leis, como aqueles que se operam na germinação, crescimento e maturidade das plantas, tendo em vista que o objetivo da Humanidade é o progresso, não obstante a marcha retardatária de algumas individualidades; por isso, o movimento progressivo é algumas vezes parcial, quer dizer, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes geral. O progresso da Humanidade se efetua, pois, em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da Natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é o efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e

caprichosa, mas de uma vontade imutável. Portanto, quando a Humanidade está amadurecida para transpor um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como se pode dizer também que em tal época chegaram pela maturidade os frutos e a colheita.

Do fato de que o movimento progressivo da Humanidade é inevitável, porque está na Natureza, não se segue que Deus a isto seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido as leis, tenha entrado na inação, deixando as coisas irem inteiramente sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua própria vontade é eterna e constante, e que seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; que esse pensamento cessasse um único instante de agir, e o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador. Deus vela, pois, incessantemente pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos detalhes, segundo as atribuições que tocam ao seu grau de adiantamento.

O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém por toda a parte *a unidade.* Sob o domínio dessa vasta força reguladora tudo se move, tudo funciona numa ordem perfeita; o que nos parece perturbações são os movimentos parciais e isolados que não nos parecem irregulares senão porque nossa visão é circunscrita. Se pudéssemos abarcar-lhe o conjunto, veríamos que essas irregularidades não são senão aparentes e que se harmonizam no todo.

A previsão dos movimentos progressivos da Humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que vêem o objetivo para onde tendem todas as coisas, dos quais alguns possuem o pensamento direto de Deus, e que julgam, nos movimentos parciais, o tempo pelo qual poderá se cumprir um movimento geral, como se julga antes o tempo que é preciso a uma árvore, para dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que é preciso a um astro para cumprir sua revolução.

Mas todos aqueles que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, certamente, eles mesmos não estão no estado de fazer os cálculos necessários; não são senão os ecos; assim ocorre com os Espíritos secundários, cuja visão é limitada, e que não fazem senão repetir o que *aprouve* aos Espíritos superiores lhes revelar.

A Humanidade realizou, até este dia, incontestáveis progressos; os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que jamais tinham atingido com relação às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: é o de fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o seu bem-estar moral. Não o podiam nem com suas crenças, nem com suas instituições antiquadas, restos de uma outra época, boas em uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, tendo dado o que elas comportam, seriam um atraso hoje. Tal uma criança é estimulada por móveis, impotentes quando vem a idade madura. Não é mais somente o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação do sentimento, e para isto é preciso destruir tudo o que poderia superexcitar neles o egoísmo e o orgulho.

Tal é o período onde vão entrar doravante, e que marcará as fases principais da Humanidade. Esta fase que se elabora neste momento, é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude; ela podia, pois, ser prevista e predita antecipadamente, e é por isto que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

Neste tempo, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido

do *progresso moral.* Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que lhe são os mais opostos nela trabalham com o seu desconhecimento; *a* geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, achar-se-á animada de idéias e de sentimentos diferentes da geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto, e viverá na história, como hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

De resto, cada um sabe que a ordem das coisas atuais deixa a desejar; depois de ver, de alguma sorte, esgotar o bem-estar material, que é o produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar não pode estar senão no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, no entanto, poder ainda defini-lo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se opera para a regeneração; têm-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

Mas uma mudança tão radical, quanto a que se elabora, não pode se realizar sem comoção; a luta inevitável entre as idéias, e quem diz luta, diz alternativa de sucesso e de revés; no entanto, como as idéias novas são as do progresso, e que o progresso está nas leis da Natureza, elas não podem deixar de se impor sobre as idéias retrógradas. Forçosamente, desse conflito, surgirão as perturbações temporárias, até que o terreno seja desobstruído dos obstáculos que se opõem ao estabelecimento de um novo edifício social. Da luta das idéias é que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não cataclismos, ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram a conseqüência do estado de formação da Terra; hoje, não são mais as entranhas do globo que se agitam, são as da Humanidade.

A Humanidade é um ser coletivo em que se operam as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, com esta diferença de que umas se cumprem de ano em ano, e as outras de século em século. Que sejam acompanhadas, em suas evoluções através do tempo, e ver-se-á a vida das diversas raças marcadas por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Ao lado dos movimentos parciais, há um movimento geral que dá o impulso à Humanidade inteira; mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Tal será uma família composta de vários filhos dos quais o mais jovem está no berço e o primogênito com a idade de dez anos, por exemplo. Em dez anos, o primogênito terá vinte anos e será um homem; o mais jovem terá dez anos e, embora mais avançado, será ainda uma criança; mas, a seu turno, tornar-se-á um homem. Assim é com as diferentes frações da Humanidade; os mais atrasados avançam, mas não saberão, de um pulo, alcançar o nível dos mais avançados.

A Humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais largas, mais elevadas; compreende o vazio das idéias das quais foi embalada, a insuficiência de suas instituições para a sua felicidade; ela não encontra mais, no estado das coisas, as satisfações legítimas para as quais se sente chamada; por isso ela sacode coeiros, e se lança impelida por uma força irresistível, para as margens desconhecidas, para descoberta de novos horizontes menos limitados. E é no momento em que ela se encontra muito pobremente em sua esfera material, onde a vida intelectual transborda, onde o sentimento da espiritualidade desabrocha, quantos homens, pretensos filósofos, esperam encher o vazio por doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem impeli-la para a frente, se esforçam por circunscrevê-la no círculo estreito da matéria; de onde ela aspira sair; e lhe fecham o aspecto da vida infinita, e lhe dizem, em lhe mostrando o túmulo: *Nec plus ultra!*

A marcha progressiva da Humanidade se opera de duas maneiras, como o dissemos: uma gradual, lenta, insensível, se se consideram as épocas próximas, que não se traduz por melhorias sucessivas nos costumes, nas leis, nos usos, e não se percebe que, com o tempo, como as mudanças que as correntes d'água trazem à superfície do

globo; o outro, por um movimento relativamente brusco, rápido, semelhante ao de uma torrente rompendo seus diques, que lhe faz transpor em alguns anos o espaço que ela teria séculos para percorrer. É então um cataclismo moral que engole, em alguns instantes, as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas, que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece, e se torna definitiva.

Àquele que vive bastante tempo para abarcar as duas vertentes da nova fase, parece que um mundo novo tenha saído das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado; é que, com efeito, homens novos, ou melhor, regenerados, surgiram; as idéias trazidas pela geração que se extingue dão lugar às idéias novas na geração que se educa.

É a um desses períodos de transformação, ou, querendo-se, de *crescimento moral,* que chegou a Humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril; o passado não pode mais bastar para suas novas aspirações, suas novas necessidades; não pode ser mais conduzida pelos mesmos meios; não se paga mais com ilusões e prestígios: é preciso, à sua razão, amadurecer os alimentos mais substanciais. O presente é muito efêmero; ela sente que seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é muito restrita para encerrá-la toda inteira; por isso ela mergulha seus olhares no passado e no futuro, a fim de ali descobrir o mistério de sua existência e ali haurir uma consoladora segurança.

Quem meditou sobre o Espiritismo e suas conseqüências, e não o circunscreveu à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à Humanidade um caminho novo, e lhe desenrola os horizontes do infinito; iniciando-o nos mistérios do mundo invisível, mostra-lhe seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo,* tanto no estado espiritual como no estado corpóreo. O homem não caminha mais às cegas: ele sabe de onde vem, para onde vai e porque está sobre a Terra. O futuro se lhe mostra em sua realidade, livre dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão do dia e da noite. Sabe que o seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência cuja duração está submetida ao capricho do acaso; que *a* vida espiritual não é interrompida pela morte; que ele já viveu, reviverá ainda, e que de tudo aquilo que adquire em perfeição pelo trabalho, nada está perdido; encontra em suas existências anteriores a razão daquilo que é hoje, e daquilo que se faz hoje, pode concluir o que será um dia.

Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais à obra geral da civilização são limitados à vida presente, *que nada se foi e que nada será,* que faz ao homem o progresso ulterior da Humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns para os outros? Uma vez que disso não deve retirar nenhum fruto, esse progresso não está perdido para ele? De que lhe serve trabalhar por aqueles que virão depois dele, se não deve jamais conhece-tos, e se são seres novos que pouco depois reentrarão, eles mesmos, no nada? Sob o império da negação do futuro individual, tudo, forçosamente, diminuiria às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade do ser espiritual! Que força, que coragem não retira dali contra as vicissitudes da vida material! O que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei segundo à qual a vida espiritual e a vida corpórea não são senão dois modos de existência que se alternam para a realização do progresso! o que de mais justo e de mais consolador do que a idéia dos mesmos seres progredindo sem cessar, primeiro através das gerações de um mesmo mundo, e em seguida de mundo em mundo, até a perfeição, sem solução de continuidade! Todas as ações têm então um objetivo, porque, trabalhando por todos, trabalha-se para si, e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral jamais são estéreis; aproveita às gerações e às individualidades futuras, que não são outras senão as gerações e as individualidades passadas, chegadas a um mais alto grau de adiantamento.

A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito, e a encarnação não é senão uma forma temporária de sua existência. Salvo a veste exterior, há pois, identidade entre os encarnados *e os* desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo visível, quanto ao mundo invisível, se reencontrando seja num, seja no outro, concorrendo num e no outro ao mesmo objetivo, por meios apropriados à sua situação. Dessa lei decorre a da perpetuidade das relações entre os seres; a morte não os separa, e não põe fim às suas relações simpáticas, nem aos seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade de* todos para cada um, e de cada um para todos; daí também a *fraternidade.* Os homens não viverão felizes sobre a Terra senão quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e em seus costumes, porque, então, a eles sujeitarão suas leis e sua instituições. Estará aí um dos principais resultados da transformação que ali se opera.

Mas como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna para sempre os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo funda esse duplo princípio sobre as próprias leis da Natureza; disso não faz só um dever, mas uma necessidade. Pela da pluralidade das existências, o homem se prende ao que se fez e ao que se fará, aos homens do passado e aos do futuro; ele não pode mais dizer que não tem mais nada de comum com aqueles que morrem, uma vez que uns e os outros se reencontram sem cessar, neste mundo e no outro, para subirem juntos a escala do progresso e se prestarem um mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a alguns indivíduos que o acaso reuniu durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a vida do Espírito, universal como a Humanidade, que constitui uma grande família da qual todos os membros são solidários uns com os outros, *qualquer que* se/a *a época na qual viveram.*

Tais são as idéias que ressaltam do Espiritismo, e que suscitará, entre todos os homens, quando estiver universalmente difundido, compreendido, ensinado. Com o Espiritismo a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma vã palavra; ela tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nascem o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão, forçosamente, as instituições mais proveitosas ao bem-estar de todos.

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não estiver apoiada sobre uma base inabalável; essa base é a *fé;* não a fé de tais ou tais dogmas particulares que mudam com o tempo e os povos e se lançam pedras, porque, anatematizando-se, entretêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar. Deus, *a alma, o futuro,* O PROGRESSO INDIVIDUAL, INDEFINIDO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos, que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, se olharão como filhos de um mesmo pai e se estenderão a mão. É esta fé que o Espiritismo dá, e que será doravante o pivô sobre o qual se moverá o gênero humano, quaisquer que sejam suas maneiras de adorá-lo e suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas da qual não tem que se ocupar. Só dessa fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque só ela dá uma sanção lógica aos direitos legítimos e aos deveres; sem ela, o direito é aquele que dá a força; o dever, um código humano imposto pelo constrangimento. Sem ela, o que é o homem? um pouco de matéria que se desfaz, um ser efêmero que não faz senão passar; o próprio gênio não é senão uma centelha que brilha um instante para se apagar para sempre; certamente, não há ali de que se isentar muito aos seus próprios olhos. Com um tal pensamento, onde estão realmente os direitos e os deveres? qual é o objetivo do progresso? Sozinha, esta fé faz sentir ao homem sua dignidade pela perpetuidade e o progresso do seu ser, não

num futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; seu pensamento se eleva acima da Terra; sente-se crescer pensando que tem seu papel no Universo e que esse Universo é seu domínio que poderá um dia percorrer, e que a morte dele não fará uma nulidade, ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

O progresso intelectual realizado até este dia, nas mas vastas proporções, é um grande passo, e marca a primeira fase da Humanidade, mas sozinho é impotente para regenerá-la; enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais; é por isso que os aplica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar aos outros e de se entre destruírem. Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre eles a concórdia, a paz, a fraternidade. Será ele que abaixará as barreiras dos povos, que fará tombar os preconceitos de casta, e calar os antagonismos de seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos, chamados para se entre ajudarem e não viverem às expensas uns dos outros. Será ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença, estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isto mesmo, aceitas por todos. A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, quebrado em todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo inimigos que é preciso fugir, combater, exterminar, em lugar de irmãos que é preciso amar.

Um tal estado de coisas supõe uma mudança radical nos sentimentos das massas, um progresso geral que não poderia se realizar senão saindo do círculo das idéias estreitas e terra-a-terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de elite procuraram conduzir a Humanidade nesse caminho; mas a Humanidade, embora muito jovem, permaneceu surda, e seus ensinos foram como a boa semente caída sobre a pedra. Hoje, ela está madura para levar seus olhares mais alto do que ela não o fez, para assimilar as idéias mais amplas e compreender o que não tinha compreendido. A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e seus erros; a geração que se levanta, temperada numa fonte mais depurada, imbuída de idéias mais sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade. Esta fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, pelas idéias grandes e generosas que vêm à luz e que começam a encontrar ecos. Assim é que se vê se fundar uma multidão de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o impulso e pela iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam cada dia de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família; pela uniformidade e a facilidade dos meios de transação, suprimem as barreiras que os dividiam de todas as partes do mundo, se reúnem em comícios universais pelos torneios pacíficos da inteligência. Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolver, se completar e se consolidar, uma predisposição moral mais geral para frutificar e se fazer aceitas pelas massas. Este não é menos um sinal característico do tempo, o prelúdio daquilo que se realizará sobre uma mais vasta escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

Um sinal não menos característico do período em que entramos, é a reação evidente que se opera no sentido das idéias espiritualistas, uma repulsa instintiva se manifesta contra as idéias materialistas, cujos representantes se tornam menos numerosos ou menos absolutos. O espírito de incredulidade que tinha se apoderado das massas, ignorantes ou esclarecidas, e lhe tinha feito rejeitar, com a forma, o próprio fundo de toda crença, parece ter tido um sono ao sair do qual experimenta a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vazio se fez, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

Neste grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal como o compreende quem se dá ao trabalho de procurar *a* amêndoa sob a casca. Pelas provas que ele traz das verdades fundamentais, ele enche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme *a* justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir, tempera as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero. Fazendo conhecer novas leis da Natureza, dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até este dia, e mata ao mesmo tempo a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhoso; tudo se cumpre no mundo em virtude de leis imutáveis. Longe de substituir um exclusivismo por um outro, se coloca como campeão absoluto da liberdade de consciência; combate o fanatismo sob todas as formas, e o corta em sua raiz proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, pelos seus esforços, a expiação e a reparação, à perfeição, única que conduz à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o mostrando-lhe o objetivo que pode alcançar.

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação,* mas com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação,* princípio de união, de tolerância, que unirá os homens num comum sentimento de fraternidade, em lugar de dividi-los em seitas inimigas. Por este outro princípio: *Não há fé inabalável senão aquela que pode olhara razão face a face em todas as épocas da Humanidade,* destrói o império da fé cega que anula a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e levanta seu moral.

Conseqüentemente, com ele não se impõe; ele diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que se venha a ele livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. Ele respeita todas as crenças sinceras, e não combate senão a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade, e os mais sérios obstáculos ao progresso moral; mas não lança anátema a ninguém, nem mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e que, cedo ou tarde, nele entrarão.

Se se supõe a maioria dos homens imbuídos desse sentimento, podem-se facilmente se figurar as modificações que trarão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças, tal será a sua divisa. E o objetivo para o qual tende, evidentemente, a Humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que ela se dê muita conta dos meios de realizá-los; ela ensaia, tateia, mas é detida por resistências ativas ou pela força da inércia dos preconceitos, das crenças estacionadas e refratárias ao progresso. São essas resistências que é preciso vencer, e isto será obra da nova geração; seguindo-se o curso atual das coisas, reconhece-se que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho; terá para ela a dupla força do número e das idéias, e além disto *a* experiência do passado.

A nova geração caminhará, pois, para a realização de todas as idéias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento ao qual tiver chegado. O Espiritismo caminhando no mesmo objetivo, e realizando seus fins, encontrar-se-ão sob o mesmo terreno, não como concorrentes, mas como auxiliares se prestando um mútuo apoio. Os homens progressistas encontrarão nas idéias espíritas uma possante alavanca, e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos dispostos a acolhê-lo. Neste estado de coisas, que poderão fazer aqueles que quiserem se colocar como obstáculo?

Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da Humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplitude de seus objetivos, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está, mais do que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; é por isto que é dele contemporâneo; veio no momento em que

poderia ser útil, porque para ele também os tempos estão chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam *a* necessidade daquilo que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das idéias que agitam, encontra o terreno preparado para recebê-lo; os espíritos, as da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo que se cava diante deles, o acolhem como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

Dizendo que a Humanidade está madura para a regeneração, isto não quer dizer que todos os indivíduos o estão no mesmo grau, mas muitos têm, por intuição, o germe das idéias novas que as circunstâncias farão eclodir; então, mostrar-se-ão mais avançados do que se supunha, e seguirão com diligência o impulso da maioria.

Há deles, no entanto, que são essencialmente refratários, mesmo entre os mais inteligentes, e que, seguramente, não se juntarão jamais, pelo menos nesta existência, uns de boa-fé, por convicção; os outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado presente das coisas, e que não estão bastante avançados para disso fazer abnegação, que o bem geral toca menos que o de sua pessoa, não podem ver sem apreensão o menor movimento reformador; a verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, a verdade está inteiramente naquilo que não lhes cause nenhuma perturbação; todas as idéias progressistas são, aos seus olhos, idéias subversivas, é porque lhes devotam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra obstinada. Muito inteligentes por não verem no Espiritismo um auxiliar dessas idéias e os elementos da transformação que temem porque não se sentem à sua altura, se esforçam por abatê-lo; se o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Já dissemos em outro lugar: "Quanto mais uma idéia é grande, mais encontra ela adversários, e pode se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais é objeto."

O número dos retardatários é ainda grande, sem dúvida, mas o que podem contra a onda que cresce, senão nela lançar algumas pedras? Esta onda é a regeneração que *se* ergue, ao passo que eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a grandes passos. Até lá defenderão o terreno palmo a palmo; há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a do passado decrépito que cai em farrapos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos marcados para ele estão chegados.

Nota. - As reflexões que precedem são o desenvolvimento das instruções dadas pelos Espíritos sobre o mesmo assunto, num grande número de comunicações, seja a nós, seja a outras pessoas. A que publicamos acima *é* o resumo de várias entrevistas que tivemos por intermédio de dois de nossos médiuns habituais, em estado de sonambulismo extático, e que, ao despertarem, não conservam nenhuma lembrança. Coordenamos metodicamente as idéias, a fim de lhes dar mais seqüência, delas eliminando todos os detalhes e os acessórios supérfluos. Os pensamentos foram muito exatamente reproduzidos, e as palavras são tão textuais quanto foi possível recolhê-las pela audição.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE A REGENERAÇÃO DA HUMANIDADE

(Paris, abril de 1866. Méd. Sr. M. e T., em sonambulismo.)

Os acontecimentos se precipitam com rapidez, também não vos dizemos mais como outrora: "Os tempos estão próximos"; nós vos dizemos agora: "Os tempos estão chegados."

Por estas palavras não entendeis um novo dilúvio, nem um cataclismo, nenhum transtorno geral. As convulsões parciais do globo ocorreram em todas as épocas e se

produzem ainda, porque se prendem à sua constituição, mas não estão ali os sinais dos tempos.

E, no entanto, tudo o que está predito no Evangelho deve se cumprir e se cumpre neste momento, assim como o reconhecereis mais tarde; mas não tomeis os sinais anunciados senão como figuras das quais é preciso tomar o espírito e não *a* letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e foi porque os comentaristas se prenderam à letra que se enganaram. Faltou-lhes a chave para compreenderem seu sentido verdadeiro. Esta chave está nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível que vem de nos revelar o Espiritismo. Doravante, com a ajuda destes novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas, e as leis imutáveis de Deus não serão modificadas. Não vereis, pois, nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural no sentido vulgar dado *a* estas palavras.

Não olheis o céu para nele procurar os sinais precursores, porque ali não os vereis, e aqueles que vo-los anunciaram vos enganaram; mas olhai ao vosso redor, entre os homens, será aí que os encontrareis.

Não sentis como um vento que sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo está à espera e como tomado de um vago pressentimento da aproximação da tempestade.

Não credes, entretanto, no fim do mundo material; a Terra progrediu depois de sua transformação; ela deve progredir ainda, e não ser destruída. Mais *a* Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação, e a Terra vai se elevar na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral; é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que se desmorona; cada dia dele carrega alguns destroços. Tudo acabará para ele com *a* geração que se vai, e a geração nova erguerá o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está chamada a se tornar um dia um mundo feliz, e sua habitação será uma recompensa em lugar de ser uma punição. O reino do bem, nela, deve suceder ao reino do mal.

Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é preciso que ela não seja povoada senão de bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Este tempo tendo chegado, uma grande emigração se cumprirá nesse momento entre aqueles que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem *não toca,* não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque lhe trariam de novo a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar seu endurecimento nos mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos, e terão por missão fazer avançar. Serão substituídos sobre a Terra por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, dissemos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá do mesmo modo sem que nada tenha mudado a ordem natural das coisas. Tudo passará, pois, exteriormente como de hábito, com esta única diferença, mas esta diferença é capital, é que uma parte dos Espíritos que aí se encarnam não se encarnarão nela mais. Numa criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e levado ao mal que nela teria encarnado, será um Espírito mais avançado e *levado* ao *bem.* Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corpórea do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que esperam ver a transformação se operar por efeitos sobrenaturais serão frustrados.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, cada uma já se mostra no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

As duas gerações que sucedem uma à outra têm idéias e objetivos inteiramente opostos. Pela natureza das disposições morais, mas, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas, é* fácil distinguir à qual pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, juntadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as idéias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é primeiro a revolta contra Deus pela negação da Providência e de toda força superior à Humanidade; depois, a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos anti-fraternos do egoísmo, do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego a tudo o que é material.

São esses vícios, dos quais a Terra deve ser purgada pelo afastamento daqueles que recusam se emendar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e que os homens de bem sofrerão sempre com o seu contato. A Terra deles estará livre, e os homens caminharão sem entraves para o futuro melhor que lhes está reservado neste mundo, por prêmio de seus esforços e de sua perseverança, à espera de que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Por essa emigração de Espíritos não é preciso entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados aos mundos inferiores. Muitos, ao contrário, a ela retornarão, porque muitos cederam ao arrastamento de circunstâncias e do exemplo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, a maioria verá as coisas de maneira toda diferente de quando viviam, assim como tendes disto numerosos exemplos. Nisto, eles são ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles e que diligenciam de esclarecê-los e lhes mostrar o falso caminho que seguiram. Por vossas preces e vossas exortações, vós mesmos podeis contribuir para a sua melhoria, porque há uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Aqueles poderão, pois, retornar, e com isto serão felizes, porque será uma recompensa. Que importa o que foram e o que fizeram, se estão animados dos melhores sentimentos! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Não haverá, pois, exclusão definitiva senão para os Espíritos essencialmente rebeldes, aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornam surdos à voz do bem e da razão. Mas aqueles mesmos não são votados a uma inferioridade perpétua, e virá um dia em que eles repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

Orai, pois, por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto para isso é tempo ainda, porque o dia da expiação se aproxima.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá em sua cegueira, e sua resistência marcará o fim de seu reino por lutas terríveis. Em seu desvio, correrão eles mesmos para a sua perda; levarão à destruição que engendrará uma multidão de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o quererem, apressarão o advento da era da renovação. E como a destruição não caminhará com muita rapidez, ver-se-ão os suicídios se multiplicarem numa proporção estranha, até entre as crianças. A loucura jamais terá atingido um maior número de homens que serão, antes da morte, riscados do número dos vivos. Aí estão os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isto se cumprirá pelo

encadeamento das circunstâncias, assim como o dissemos, sem que seja em nada derrogada uma lei da Natureza.

No entanto, através da nuvem sombria que vos envolve, e no seio da qual ribomba a tempestade, já vedes despontar os primeiros raios da era nova! A fraternidade põe seus fundamentos sobre todos os pontos do globo e os povos *se* estendem a mão; a barbárie se familiariza ao contato da civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que têm feito verter ondas de sangue, se extinguem; o fanatismo e a intolerância perdem terreno, ao passo que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda a parte as idéias fermentam; vê-se o mal e se experimentam os remédios, mas muitos caminham sem bússola e se perdem nas utopias. O mundo está num imenso trabalho de parto que terá durado um século; desse trabalho, ainda confuso, vê-se, ainda, no entanto, dominar uma tendência para um objetivo: o da unidade e da uniformidade que predispõe à confraternização.

Estão ainda ali os sinais do tempo; mas, ao passo que os outros são os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que verá se levantar o século próximo, porque então a nova geração estará em toda a sua força. Tanto a fisionomia do século dezenove difere da do século dezoito em certos pontos de vista, tanto a do século vinte será diferente do século dezenove em outros pontos de vista.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será *a té inata;* não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada que esclarece e fortalece, que os une e os confunde num comum sentimento de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue, desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque arruinam os dois maiores obstáculos que a ela se opõem: a incredulidade e o fanatismo. Ele dá uma fé sólida e esclarecida; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem aos objetivos da nova geração; é porque é como inato e no estado de intuição no coração de seus representantes. A era nova o verá, pois, crescer e prosperar pela própria força das coisas. Tomar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Daqui até lá, quantas lutas ter-se-á ainda que sustentar contra estes dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo que, coisa estranha, se dão a mão para abatê-lo! Pressentem seu futuro e sua ruína: é porque o temem, porque o vêem já plantar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, a bandeira que deve ligar todos os povos. Na divina máxima: *Fora de caridade não há salvação,* lêem a sua própria condenação, porque é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo (1-(1) Vide *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* Cap. XV.). Ela se mostra a eles como as palavras fatais do festim de Baltazar. E, no entanto, esta máxima deveria bendizê-la, porque os garante de todas as represálias da parte daqueles que persegue. Mas não, uma força cega os impele a rejeitar a única coisa que poderia salvá-los!

Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sair á triunfante da luta, disto não duvideis, porque ele está nas leis da Natureza, e por isto mesmo imperecível. Vede por que multidão de meios a idéia se difunde e penetra por toda a parte; crede bem que esses meios não são fortuitos, mas providenciais; o que, à primeira vista, parecia dever prejudicá-lo, é precisamente o que ajuda a sua propagação.

Logo se verão surgir os combatentes altamente devotados entre os homens mais consideráveis e os mais acreditados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, e imporão silêncio aos seus detratores, porque não se ousará mais tratá-los de loucos. Estes homens o estudam no silêncio e se mostrarão quando o momento propício tiver chegado. Até lá, é útil que se mantenham à parte.

Logo também vereis as artes dele tirar como de uma mina fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que descobre pela pintura, pela poesia e pela literatura. Foi-vos dito que haveria um dia a arte espírita, como houve a arte paga e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios nele se inspirarão. Logo disto vereis os primeiros esboços, e, mais tarde, tomará o lugar que deve ter.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e de devotamento. Não temais os obstáculos, porque deles não há nenhum que possa entravar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso, e agradecei a Deus por vos ter colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos pedistes, e do qual é preciso vos tornar dignos pela a vossa coragem, vossa perseverança e vosso devotamento. Felizes aqueles que sucumbirem nessa luta contra a força; mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para aqueles que sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contato do mal faz apreciar melhor as vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito se deixaria ir a uma negligência funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Notas. -1 - A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples, e, como se vê, ela é toda moral e não se afasta em nada das leis da Natureza. Por que, pois, os incrédulos repelem essas idéias, uma vez que nada têm de sobrenatural? É que, na sua opinião, a lei de vitalidade cessa com a morte do corpo, ao passo que, para nós, ele prossegue sem interrupção; eles restringem sua ação e nós a estendemos; é porque dizemos que os fenômenos da vida espiritual não saem das leis da Natureza. Para eles, o sobrenatural começa onde acaba a apreciação pelos sentidos.

2- Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, ou os antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante em que trazem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, segundo as suas disposições naturais: de uma parte, os Espíritos retardatários que partem, de outra os Espíritos progressivos que chegam. O estado dos costumes e da sociedade será, pois, em um povo, em uma raça ou no mundo inteiro, em razão destas duas categorias que tiver a preponderância.

Para simplificar a questão, seja dado um povo, num grau qualquer de adiantamento, e composto de vinte milhões de almas, por exemplo; a renovação dos Espíritos se fazendo sucessivamente as extinções, isoladas ou em massa, há necessariamente um momento em que a geração dos Espíritos retardatários se imporá em número sobre a dos Espíritos progressivos que não contam se não com raros representantes sem influência, e cujos esforços para fazer predominar o bem e as idéias progressivas estão paralisados. Ora, uns partindo e os outros chegando, depois de um tempo dado, as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-chegados são em maioria e sua influência se toma preponderante, embora ainda entravada pela dos primeiros; estes, continuando a diminuir ao passo que os outros se multiplicam, acabarão por desaparecer; chegará, pois, um momento em que a influência da nova geração será exclusiva

Assistimos a essa transformação, ao conflito que resulta da lute. das idéias contrárias que procuram se implantar; uns caminham com a bandeira do passado, as outras com a do futuro. Examinando-se o estado atual do mundo, reconhece-se que, tomado em seu conjunto, a Humanidade terrestre está longe ainda do ponto intermediário onde as forças se contrabalançam; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros nessa escala; que alguns tocam nesse ponto, mas que nenhum não o ultrapassou ainda. De resto, a distância que o separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez transposto o limite, o novo

caminho será percorrido com tanto mais rapidez, que uma multidão de circunstâncias virá aplainá-lo.

Assim se realiza a transformação da Humanidade. Sem a emigração, quer dizer, sem a partida dos Espíritos retardatários que não devem retornar, ou que não devem retornar senão depois de estarem melhorados, a Humanidade terrestre não ficará por isto indefinidamente estacionaria, porque os Espíritos mais atrasados avançam por sua vez; mas teriam sido precisos séculos, e talvez milhares de anos, para alcançar o resultado que um meio século bastará para realizar. Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda o que se passa nesta circunstância. Suponhamos um regimento composto em grande maioria de homens turbulentos e indisciplinados: estes a ele levarão, sem cessar, uma desordem que a severidade da lei penal, freqüentemente, terá dificuldade para reprimir. Estes homens são os mais fortes, porque são os mais numerosos; eles se sustentam, se encorajam e se estimulam pelo exemplo. Alguns bons não têm influência; seus conselhos são desprezados; eles são abafados, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não é a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retirem esses homens do regimento um por um, dez por dez, cem por cem, e que se os substitua à medida por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que tiverem sido expulsos, mas que se emendaram seriamente: ao cabo de algum tempo, ter-se-á sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem terá sucedido à desordem. Assim o será com a Humanidade regenerada.

As grandes partidas coletivas não têm somente por objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, desembaraçando-a das más influências, e dar mais ascendências às idéias novas,

É porque muitos, apesar de suas imperfeições, estão maduros para essa transformação, que muitos partem a fim de irem se retemperar numa fonte mais pura. Enquanto permanecem no mesmo meio e sob as mesmas influências, persistirão em suas opiniões e em sua maneira de ver as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos basta para lhes descerrar os olhos, porque ali vêem o que não podiam ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático, o absolutista, poderão, pois, retornar com idéias *inatas* de f é, de tolerância e de liberdade. No seu retorno, encontrarão as coisas mudadas, e sobretudo o ascendente do novo meio onde terão nascido. Em lugar de fazer oposição às idéias novas, delas serão os auxiliares.

A regeneração da Humanidade não tem, pois, absolutamente necessidade da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais; esta modificação se opera em todos aqueles que a ela estão predispostos, quando são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Aqueles que retornam, então, não são sempre outros Espíritos, mas, freqüentemente, os mesmos Espíritos pensando e sentindo de outro modo.

Quando essa melhoria é isolada e individual, ela passa desapercebida, e é sem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é todo outro quando se opera simultaneamente sobre grandes massas; porque, então, segundo as proporções, em uma geração, as idéias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas. É o que se observa, quase sempre, depois dos grandes abalos que dizimam as populações. Os flageles destruidores não destroem senão o corpo, mas não atingem o Espírito; eles ativam o movimento do vai-e-vem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, e, conseqüentemente, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados.

É desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve conduzir à modificação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, porque elas devem apressar a eclosão de novos germes. São as folhas de outono que caem, e às quais sucederão novas folhas cheias de vida; porque a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas épocas. As folhas mortas

da Humanidade caem transportadas pelas rajadas e os golpes de vento, mas para renascerem mais vivas sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

Para o materialista, os flageles destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, uma vez que, em sua opinião, *aniquilam os seres sem retorno.* Mas para aquele que sabe que a morte não destrói senão o envoltório, não têm as mesmas conseqüências, e não lhe causa o menor temor, porque lhe compreende o objetivo, e sabe também que os homens não perdem mais morrendo juntos do que morrendo isoladamente, uma vez que, de uma maneira ou de outra, é preciso sempre lá chegar.

Os incrédulos rirão destas coisas e as tratarão como quimeras; mas, o que quer que digam, eles não escaparão à lei comum; cairão por sua vez como os outros, e, então, o que será deles? Eles dizem: nada; mas viverão apesar de si mesmos, e serão forçados um dia a abrir os olhos.

Nota. - A comunicação seguinte nos foi dirigida durante *a* viagem que acabamos de fazer, da parte de um de nossos queridos protetores invisíveis; se bem que ela tenha um caráter pessoal, liga-se também à grande questão que acabamos de tratar e que ela confirma, e, a este título, está tanto melhor colocada aqui, que as pessoas perseguidas por suas crenças espíritas nela encontrarão úteis encorajamentos.

"Paris, 1º de setembro de 1866.

"Já há muito tempo que não faço ato de presença em vossas reuniões dando uma comunicação assinada com o meu nome; não creiais, caro mestre, que seja por indiferença ou por esquecimento, mas não vejo necessidade de me manifestar, e deixo a outros mais dignos o cuidado de dar úteis instruções. No entanto, eu estava lá e seguia com o maior interesse os progressos desta cara Doutrina à qual devo a felicidade e a calma dos últimos anos de minha vida. Eu estava lá, e o meu bom amigo, o Sr. T.....vos deu, mais de uma vez, a segurança durante suas horas de sono e de êxtase. Ele inveja minha felicidade, e aspira também a vir para o mundo que habito agora, quando o contempla brilhando no céu estrelado e que ele transporta seu pensamento sobre suas rudes provas.

"Eu também, tive-as bem penosas; graças ao Espiritismo, suportei-as sem me lamentar e as bendigo agora, uma vez que lhes devo o meu adiantamento. Que ele tenha paciência; dizei-lhe que ele virá um dia, mas que deve antes retornar ainda sobre a Terra para vos ajudar no inteiro cumprimento de vossa tarefa. Mas, então, quanto tudo estará mudado! Ambos vos crereis num mundo novo.

"Meu amigo, enquanto o podeis, repousai vosso espírito e vosso cérebro fatigado pelo trabalho; amontoai forças materiais, porque logo tereis muito a despender. Os acontecimentos que vão doravante se suceder, com rapidez, vos chamarão para a luta; sede firme de corpo e de espírito, a fim de estar em estado de lutar com

vantagem. Será preciso, então, trabalhar sem descanso. Mas, como já vos foi dito, não estareis sozinho para carregar o fardo; auxiliares sérios se mostrarão quando disto for o tempo. Escutai, pois, os conselhos do bom doutor Demeure, e guardai-vos de toda fadiga inútil ou prematura. De resto, estaremos ali para vos aconselhar e vos advertir.

"Desconfiai dos dois partidos extremos que agitam o Espiritismo, seja por entravar o passado, seja por precipitar seu curso para a frente. Temperai os ardores nocivos, e não vos deixeis deter pelas hesitações dos medrosos, ou, o que é mais perigoso, mas o que não é infelizmente senão mais verdadeiro, pelas sugestões dos emissários inimigos.

"Caminhai com passo firme e seguro como haveis feito até aqui, sem vos inquietar do que se diz à direita ou à esquerda, seguindo a inspiração de vossos guias e de vossa razão, e não vos arriscareis em fazer cair o carro do Espiritismo na rotina. Muitos o empurram, este carro invejado, para precipitar a sua queda. Cegos e presunçosos! ele passará apesar dos obstáculos, e não deixará no abismo senão seus inimigos e seus invejosos desconcertados por terem servido ao seu triunfo.

"Os fenômenos vão surgir de todos os lados sob os aspectos mais variados, e já surgem. Mediunidade curadora, doenças incompreensíveis, efeitos físicos inexplicáveis pela ciência, tudo se reunirá num futuro próximo para assegurar a nossa vitória definitiva, para a qual concorrerão novos defensores.

"Mas quantas lutas será preciso ainda sustentar, e também quantas vítimas! não sanguinolentas, sem dúvida, mas atingidas em seus interesses e em suas afeições. Mais de um enfraquecerá sob o peso das inimizades desencadeadas contra tudo o que leva o nome de Espírita. Mas também, felizes aqueles que terão sabido conservar sua firmeza na adversidade! Disto serão bem recompensados, mesmo neste mundo materialmente. As perseguições são as provas da sinceridade de sua fé, de sua coragem e de sua perseverança. A confiança que terão posto em Deus não será em vão. Todos os sofrimentos, todos os vexames, todas as humilhações que terão suportado pela causa, serão títulos dos quais nenhum será perdido; os bons Espíritos velam sobre eles e os contam, e saberão fazer a parte dos devotamentos sinceros e a dos devotamentos artificiais. Se a rodada fortuna lhes trai momentaneamente e os precipita no pó, logo ela se levanta mais alto do que nunca, rendendo-lhes a consideração pública, e destruindo os obstáculos amontoados em seu caminho. Mais tarde, se regozijaram por terem pago seu tributo à causa, e quanto mais esse tributo for grande, mais sua parte será bela.

"Nestes tempos de provas, vos será preciso prodigalizar a todos vossa força e a vossa firmeza; a todos será preciso também encorajamentos e conselhos. Será preciso também fechar os olhos sobre as defecções dos tépidos e dos frouxos. Por vossa própria conta, tereis também muito a perdoar...

"Mas me detenho aqui, porque se posso vos pressentir sobre o conjunto dos acontecimentos, não me é permitido nada precisar. Tudo o que posso vos dizer é que não sucumbiremos na luta. Pode-se cercar a verdade nas trevas do erro, é impossível abafá-la; a sua chama é imortal e se faz luz cedo ou tarde.

"Viúva F..."

Nota. - Transferimos para o próximo número a continuação de nosso estudo sobre Maomé e o Islamismo, porque, pelo encadeamento das idéias e a inteligência das deduções, era útil que fosse precedido do artigo acima.

O ZUAVO CURADOR DO CAMPO DE CHÂLONS.

Lê-se no *Écho de l'Aisne,* de 1S de agosto de 1866:

"Não há barulho nas regiões senão as maravilhas realizadas, no campo de Châlons, por um jovem zuavo espírita, que cada dia faz novos milagres.

"Numerosos grupos de enfermos se dirigem a Châlons, e, coisa incrível, "um bom número" deles dali retorna curados!

"Nestes últimos dias, um paralítico veio em viatura, depois de ter ido ver o "jovem espírita", encontra-se radicalmente curado, e dali alegremente retornou para sua casa a pé.

"Explique quem puder esses fatos que se ligam ao prodígio; sempre são exatos e afirmados por um grande número de pessoas inteligentes e dignas de fé. RENAUD."

Este artigo é reproduzido textualmente pela *Presse illustrée* de 6 de agosto. O *Petit Journal,* de 17 de agosto, conta o fato nestes

termos:

"Depois de ter podido visitar o quartel imperial, que, penso, já descrevestes aos vossos leitores, quer dizer, a morada melhor combinada e, ao mesmo tempo a mais simples que possa ter um soberano, mesmo para alguns dias somente. Passei minha noite a correr atrás do zuavo magnetizador.

"Este zuavo, um simples músico, é, há três meses, o herói do campo e das redondezas. É um pequeno homem magro, moreno, com olhos profundamente enfiados na órbita; uma verdadeira fisionomia de religioso muçulmano. Contam-se dele coisas inacreditáveis, e sou muito forçado de não vos falar senão daquilo que se conta, porque, há vários dias, foi obrigado, por ordem superior, a interromper as sessões públicas que dava no hotel da Meuse. Vinham de dez léguas ao redor; ele recebia de vinte e cinco a trinta enfermos ao mesmo tempo, e à sua voz, à sua vista, ao seu toque, diz-se pelo menos, subitamente os surdos ouvem, os mudos falam, os coxos se vão com as muletas sob o braço.

'Tudo isto é bem verdadeiro? Eu nada sei. Conversei uma hora com ele. Chama-se Jacob, é muito simplesmente Borguinhão, se exprime facilmente, teve para mim o ar dos mais convencidos e dos mais inteligentes. Sempre recusou todas as espécie de remuneração, e não gosta mesmo dos agradecimentos. Além disto, prometeu-me um manuscrito que lhe foi ditado por um Espírito. Inútil vos dizer que dele vos darei parte logo que tiver me enviado, se, no entanto, o *Espírito* tiver espírito.

RENÉ DE POINT-JEST."

Enfim, o *Écho de l'Aisne,* depois de ter citado o fato, em seu número de 1º de agosto, comenta-o da maneira seguinte, no de 4:

"No número de quarta-feira última, dissestes que não havia barulho, nas regiões, além das curas realizadas nos campos de Châlons, por um jovem zuavo espírita.

"Creio muito fazer em vos pedindo para rebatê-lo, porque um verdadeiro exército de doentes se dirige cada dia para o campo: aqueles que retornam satisfeitos convidam outros para imitá-lo; aqueles, ao contrário, que nada ganharam, não calam censuras ou zombarias.

"Entre estas duas opiniões extremas, há uma prudente reserva que "bom número de doentes" devem tomar por regra de conduta, por guia do que podem fazer.

"Essas "curas maravilhosas", esses "milagres", assim como os chama o comum dos mortais, nada têm de maravilhoso, nada de miraculoso.

"À primeira vista, causam o espanto porque não são comuns; mas como nada daquilo que se realiza não se faz sem causa, deveu-se procurar o que produz tais fatos, e a *ciência os explicou.*

"As impressões morais vivas sempre tiveram a faculdade de agir sobre o "sistema nervoso"; - as curas obtidas pelo zuavo espírita não levam senão sobre os enfermos deste sistema. Em toda época, na antigüidade como nos tempos modernos, as curas foram assinaladas tão só pela força da influência da imaginação, influência constatada por um grande número de fatos, - não há, pois, nada de extraordinário em que hoje as mesmas causas produzam os mesmos resultados.

"É, pois, unicamente aos enfermos do "sistema nervoso" que é possível "ir ver e esperar.

X."

Antes de qualquer comentário, faremos uma curta observação sobre este último artigo. O autor constata os fatos e os explica à sua maneira. Segundo ele, essas curas não têm nada *de maravilhoso nem de miraculoso.* Sobre este ponto, estamos perfeitamente de acordo: o Espiritismo diz decididamente que não faz *milagres;* que todos os fatos, sem *exceção,* que se produzem pela influência medianímica são devidos a uma força natural, e se realizam em virtude de uma lei também natural quanto aquela que faz transmitir um despacho do outro lado do Atlântico em alguns minutos. Antes da descoberta da lei da eletricidade, um semelhante fato teria passado pelo milagre dos milagres. Suponhamos, por um instante, que Franklin, mais iniciado ainda do que não o estava sobre as propriedades do fluido elétrico, tivesse estendido um fio metálico através do Oceano e estabelecido uma correspondência instantânea entre a Europa e a América,

sem disto indicar o procedimento, que teria se pensado dele? Ter-se-ia, incontestavelmente, exclamado ao milagre; ter-se-ia lhe atribuído um poder sobrenatural; ao olhos de uma multidão de pessoas, teria passado por feiticeiro e por ter o diabo às suas ordens. O conhecimento da lei da eletricidade reduziu esse pretenso prodígio às proporções dos efeitos naturais. Assim com uma multidão de outros fenômenos.

Mas conhecem-se todas as leis da Natureza? a propriedade de todos os fluidos? Não se pode que um fluido desconhecido, como o foi por muito tempo a eletricidade, seja a causa de efeitos inexplicados produzisse sobre a economia resultados impossíveis para a ciência, com a ajuda dos meios limitados dos quais dispõe? Pois bem! ali está todo o segredo das curas medianímicas; ou melhor, não há segredo, porque o Espiritismo não tem mistérios senão para aqueles que não se dão ao trabalho de estudá-lo. Essas curas têm muito simplesmente por princípio uma ação fluídica dirigida pelo pensamento e a vontade, em lugar de ser por um fio metálico. O todo é conhecer as propriedades desse fluido, as condições nas quais ele pode agir, e saber dirigi-lo. É preciso, além disso, um instrumento *humano* suficientemente provido desse fluido, e apto a lhe dar a energia suficiente.

Essa faculdade não é um privilégio de um indivíduo; por isto mesmo que ela está na Natureza, muitos a possuem, mas em graus muito diferentes, como todo o mundo há de ver, mas mais ou menos longe. No número daqueles que dela estão dotados, alguns agem com conhecimento de causa, como do zuavo Jacob; outros com seu desconhecimento, e sem se darem conta daquilo que se passa neles; sabem que curam, eis tudo; perguntai-lhes como, disto não sabem nada. Se são supersticiosos, atribuirão seu poderá uma causa oculta, à virtude de algum talismã ou amuleto que, em realidade, não servem para nada. Ocorre assim com todos os médiuns inconscientes, e o número deles é grande. Muitas pessoas têm em si mesmas a causa primeira de efeitos que os espantam e que não se explicam. Entre os negadores mais obstinados, mais de um é médium sem o saber.

O jornal em questão disse: "As curas obtidas pelo zuavo espírita não levam senão sobre os enfermos do sistema nervoso; elas são devidas à influência da imaginação, constatada por uma grande número de fatos; houve dessas curas tanto na antigüidade como nos tempos modernos; elas não têm, pois, nada de extraordinário."

Dizendo que o Sr. Jacob não curou senão afecções nervosas, o autor se adianta um pouco à leviandade, porque os fatos contradizem essa afirmação. Mas admitamos que isto seja; essas espécies de afecções são inumeráveis, e precisamente daquelas em que a ciência, freqüentemente, está mais forçada a confessar a sua impotência; se, por um meio qualquer, pode-se delas triunfar, não é um resultado importante? Se esse meio está na influência da imaginação, que importa! por que negligenciá-lo? não vale mais curar pela imaginação do que não curar de todo? Parece-nos difícil, no entanto, que só a imaginação, fosse ela excitada no mais alto grau, possa fazer caminhar um paralítico e endireitar um membro anquilosado. Em todos os casos, uma vez que, segundo o autor, as curas de enfermidades nervosas têm, de todos os tempos, sido curadas pela influência da imaginação, os médicos não são mais disso desculpados obstinando-se em empregar os meios impotentes, quando a experiência lhes mostra os eficazes. Sem o querer, o autor faz o seu processo.

Mas, disse ele, o Sr. Jacob não cura todo o mundo. - É possível e mesmo certo; mas o que é que isto prova? Que não há um poder curador universal. O homem que tivesse esse poder seria igual a Deus, e aquele que tivesse a pretensão de possuí-lo não seria senão um tolo presunçoso. Não se curasse senão quatro ou cinco doentes sobre dez, reconhecidos incuráveis pela ciência, e isso bastaria para provar a existência da faculdade. Há muitos médicos que possam fazê-lo igualmente?

Conhecemos pessoalmente o Sr. Jacob há muito tempo como médium escrevente, e propagador zeloso do Espiritismo: sabíamos que tinha feito algumas tentativas parciais de

mediunidade curadora, mas parece que esta faculdade tomou nele um desenvolvimento rápido e considerável durante a sua permanência no campo de Châlons. Um de nossos colegas da Sociedade de Paris, o Sr. Boivinet, que mora no departamento do Aisne, consentiu nos dirigir um relatório muito circunstanciado dos fatos que são de seu conhecimento pessoal. Seus conhecimentos aprofundados em Espiritismo, unidos a um caráter isento de exaltação e de entusiasmo, permitiram-lhe apreciar sadiamente as coisas. Seu testemunho tem, pois, para nós, todo valor do de um homem honrado, imparcial e esclarecido, e seu relatório tem toda a autenticidade desejável. Temos, pois, os fatos atestados por ele por tão averiguados quanto se tivéssemos sido pessoalmente testemunhas. A extensão desses documentos não nos permite publicá-los por inteiro nesta revista, mas os coordenamos para utilizá-los ulteriormente, limitando-nos, por hoje, a deles citar as passagens mais essenciais:

"..... Tendo a justificar muito completamente a confiança que

quereis colocar em mim, informei-me, tanto por mim mesmo quanto pelas pessoas inteiramente honradas e dignas de fé, das curas bem constatadas operadas pelo Sr. Jacob. Estas pessoas não são, de resto, Espíritas, o que tira à sua afirmação toda suspeição de parcialidade em favor do Espiritismo.

"Reduzi de um terço as apreciações do Sr. Jacob sobre o número de doentes recebidos por ele; mas parece-me que eu estou de cá, talvez muito de cá da verdade, estimando este número em 4.000, sobre os quais um quarto foi curado e três quartos aliviados. A afluência era tal que a autoridade militar disto se emocionou, interditando as visitas no futuro. Eu mesmo tenho, do chefe da estação, que a estrada de ferro transporta diariamente massas de doentes ao campo.

"Quanto à natureza das doenças sobre as quais mais particularmente exerceu a sua influência, me é impossível dize-lo. São, sobretudo, as enfermidades que são dirigidas a ele, e são elas, conseqüentemente, que figuram em maior número entre seus *clientes satisfeitos;* mas muitos outros aflitos podem se lhe apresentar com sucesso.

"Foi assim que, em Chartères, aldeia muito vizinha daquela que moro, vi e revi um homem de perto de cinqüenta anos que, desde 1856, dava tudo o que ele pegava. No momento em que foi ver o zuavo, ele partiu completamente doente, e vomitava ao menos três vezes por dia. Vendo-o, o Sr. Jacob lhe disse: "Estais curado!" e, durante a sessão, convidou-o a beber e comer. O pobre camponês, superando a sua apreensão, bebe e come e com isto não se sente mal. Depois de mais de três semanas, não sentiu a menor doença. A cura foi instantânea. Inútil acrescentar que o Sr. Jacob não lhe fez tomar nenhum medicamento e não lhe prescreveu nenhum tratamento. Só a sua ação f luídica, como uma comoção elétrica, tinha bastado para restabelecer os órgãos em seu estado normal."

Nota. Este homem é dessas naturezas rude que se exaltam muito pouco. Se, pois, uma única palavra tinha bastado para super excitar a sua imaginação, ao ponto de curar instantaneamente uma gastrite crônica, seria preciso convir que o fenômeno seria ainda mais surpreendente do que a cura, e mereceria bem alguma atenção.

"A filha do senhor do hotel da Meuse, em Mourmelon, doente do peito, estava fraco ao ponto de não poder deixar seu leito. O zuavo convidou-a a se levantar, o que ela pôde fazer em seguida; com a estupefação dos numerosos espectadores, ela desceu a escada sem *ajuda, e* foi passear no jardim com seu novo médico. Desde esse dia, essa jovem se porta bem. Eu não sou médico, mas não creio que havia ali uma doença nervosa.

"O Sr. B...., dono de pensão, que com a idéia da intervenção de Espíritos em seus negócios fez pular, contava-me que uma senhora enferma do estômago há muito tempo, foi curada pelo zuavo, e que, depois desse tempo, ela havia engordado notavelmente, em torno de umas vinte libras."

Nota. Este senhor, que com a idéia da intervenção dos Espíritos se exaspera, ficaria, pois, muito irritado que, quando estiver morto, seu próprio Espírito possa vir assistir as pessoas que lhe são caras, curá-las, e provar-lhes que não está perdido para elas?

"Quanto aos enfermos propriamente ditos, os resultados obtidos sobre eles são mais assombrosos, porque o dhar aprecia em seguida o resultado.

"Em Treloup, aldeia situada a 7 ou 8 quilômetros daqui, um velho de setenta anos estava paralítico e não podia fazer nada. Deixara sua cadeira era quase impossível. A cura foi completa e instantânea. Ontem ainda disto se me falava. Pois bem! dizia-me, eu o vi, o pai Petit; *ele* mancava!

"Uma mulher do Mourmelon tinha a perna paralisada, imobilizada; seu joelho estava levado sobre seu estômago. Agora ela passeia e se passa bem.

"No dia em que o zuavo foi interditado, um maçom percorreu o Mourmelon, exasperado, e queria, dizia ele, aniquilar aqueles que impediam o médium de *trabalhar.* Esse maçom tinha os dois punhos dirigidos para o interior dos braços. Seus punhos hoje movimentam-se como os nossos, e ele ganha dois francos a mais por dia.

"Quantas pessoas foram trazidas que puderam retornarsozinhas, tendo reencontrado durante a sessão o uso de seus membros!

"Uma criança de cinco anos, trazida de Reims, que não tinha jamais andado, andou em seguida.

"O fato seguinte foi, por assim dizer, o ponto de partida da faculdade do médium, ou pelo menos do exercício público dessa faculdade tornada notória:

"Chegando a Ferté-sous-Jouarre e se dirigindo para o campo, o regimento de zuavos estava reunido na praça pública. Antes de desfazer as fileiras a música executou um trecho. Entre os espectadores estava uma jovenzinha num pequeno carrinho puxado por seus pais. Esta criança foi mostrada ao zuavo por um de seus camaradas. Terminada a música, dirigiu-se para ela, e dirigindo-se aos seus pais: "Esta criança está, pois, enferma? disse-lhes. - Ela não pode andar, lhe foi respondido; há dois anos teve a perna fechada num aparelho ortopédico. - Retirai, pois, esse aparelho, ela não tem dele necessidade." O que foi feito, não sem hesitação, e a pequena caminhou. Foi-se, pois, ao café, e o pai, como louco de alegria, queria que o limonadeiro *subisse à sua adega,* para fazê-la beber pelos zuavos.

"Vou agora vos dizer como o médium procedia, quer dizer, vos contar uma sessão, à qual não assisti mas que me fiz detalhá-la por diferentes doentes.

"O zuavo fez entrar seus doentes. A dimensão do local, em regra, basta ao número. Foi assim que deveu, afirma-se, se transportar da casa da Europa, onde não podia admitir senão dezoito pessoas ao mesmo tempo, para a casa da Meuse onde ele podia admiti-las vinte e cinco ou trinta. Entraram. Aqueles que moram nas regiões mais afastadas, geralmente, são convidados a pássaros primeiros. Certas

pessoas querem falar: "Silêncio! diz ele; aqueles que falam eu os.....

coloco à porta!" Ao cabo de dez ou quinze minutos de silêncio e de imobilidade geral, ele se dirige a alguns doentes, interroga-os raramente, mas lhes diz o que sentem. Depois, passeia ao longo da grande mesa em torno da qual estão sentados os doentes, fala a todos, mas sem ordem; toca-os, mas sem gestos, lembrando os dos magnetizadores; depois os despede para seu mundo, dizendo a uns: "Estais curados, ide-vos curados;" a outros: "Curareis sem nada fazer; não tendes senão fraqueza;" há alguns, mas raramente: "Não posso nada por vós." Se quer agradece-lhe, ele responde *muito militarmente* que não tem que se fazer agradecimentos, e empurra seus clientes para fora. Algumas vezes lhes diz: "É à Providência divina que é preciso dirigir os vossos agradecimentos."

"No dia 7 do mês de agosto, uma ordem do marechal veio interromper o curso das sessões. Logo de sua interdição, e tendo em vista a afluência enorme dos doentes em Mourmelon, deveu-se empregar, com respeito ao médium, um meio sem precedente.

Como ele não tinha cometido nenhuma falta e observava sempre muito exatamente a disciplina, não se podia prendê-lo. Ligou-se uma ordenança à sua pessoa com a ordem se segui-lo por toda a parte e de impedir quem quer que fosse de se aproximar dele.

Disseram-me que foram toleradas todas essas curas enquanto a palavra Espiritismo não foi pronunciada, e não creio que seja pelo Sr. Jacob que o haja feito. Seria a partir desse momento que se usou de rigor contra ele.

"De onde vem, pois, o terror que causa só o nome do Espiritismo, mesmo quando não faz senão o bem, consola os aflitos e alivia a humanidade sofredora? Creio, de minha parte, que certas pessoas têm medo que ele não faça muito bem.

"Nos primeiros dias do mês de setembro, o Sr. Jacob consentiu vir passar dez dias em minha casa, em execução de uma promessa eventual que me havia feito em campo de Châlons. O prazer que tive em recebê-lo foi decuplicado pelos serviços que pôde dar a bom número de infelizes. Depois de sua partida, mantive-me quase que cotidianamente ao corrente do estado dos doentes cuidados, e vos dou adiante os resultados de minhas observações. Afim de ser exato como um levantamento estatístico, e a título de informações ulterio-res, se houver lugar, eu os inscrevi aqui nominalmente. (Segue uma lista de trinta e alguns nomes, com designação da idade, da doença e do resultado obtido.)

"O Sr. Jacob é sinceramente religioso. "O que faço, dizia-me, não me espanta. Faria coisas bem extraordinárias que não estaria mais espantado, porque sei que Deus pode o que ele quer. Uma coisa só me admira, é a de ter eu o imenso favor de ser instrumento que ele escolheu. Hoje se surpreende com o que obtenho, mas quem sabe se, no mês, num ano não haverá dez, vinte, cinqüenta médiuns como eu e mais fortes do que eu? O Sr. Kardec, ele que procura e deve procurar os fatos como os que se passam aqui, deveria ter vindo; hoje, amanhã, posso perder a minha faculdade, e isto seria para ele um estudo perdido; ele deve ter que se fazer o historiador de semelhantes fatos."

Observação.

Teríamos sido felizes, sem dúvida, em ser testemunha pessoal dos fatos narrados acima, e, provavelmente teríamos ido ao campo de Châlons se disso tivéssemos tido a possibilidade e se nos tivessem disso informado em tempo útil. Não o soubemos senão pela via indireta dos jornais, então que estávamos de viagem, e confessamos não ter uma confiança absoluta em seus relatos. Teríamos muito a fazer se fosse preciso ir controlar, por nós mesmos, tudo o que narravam do Espiritismo, ou mesmo tudo o que nos é assinalado por nossa correspondência. Não podíamos iria senão com a certeza de não ter decepção, e quando o relatório do Sr. Boivinet nos chegou, o campo estava levantado. De resto, a visão destes fatos não nos teria nada ensinado de novo, porque acreditávamos compreendê-los seria, pois, simplesmente agir constatar-lhe a realidade; mas o testemunho de um homem como o Sr. Boivinet, a quem tínhamos enviado uma carta para o Sr. Jacob, com o pedido de nos instruir do que teria visto, nos bastava completamente. Não há, pois, senão perder o prazer, para nós. De ter visto pessoalmente o Sr. Jacob à obra, o que poderá, esperamos, ocorrer em outra parte que no campo de Châlons.

Não falamos, pois, das curas do Sr. Jacob senão por que elas são autênticas; se nos tivessem parecido suspeitas, ou manchadas de charlatanismo e de uma fanfarrice ridícula que as teriam tomado mais nocivas do que úteis ã causa d Espiritismo, teríamos nos privado, o que quer que disso se pudesse dizer, cx o fizemos em muitas outras circunstâncias, não querendo nos fazer o editor respoi sável de nenhuma excentricidade, nem secundar os objetivos ambiciosos e interessados que se escondem, às vezes, sob as aparências do devotamento. Eis porque somos circunspectos em nossas apreciações dos homens e das coisas, e também porque nossa Revista não se transforma em turíbulo em proveito de ninguém.

Mas trata-se aqui de uma coisa séria, fecunda em resultados, e capital no duplo ponto de vista do fato em si mesmo, *e* do cumprimento de uma das previsões do Espírito. Há muito tempo, com efeito, anunciaram que a mediunidade curadora se desenvolveria em proporções excepcionais, de maneira a fixar a atenção gera e felicitamos o Sr. Jacob de nele ver um dos primeiros a fornecer o exemplo; i aqui, como em todos os gêneros e manifestações, a pessoa, para nós, se apaga diante da questão principal.

Desde o instante em que o dom de curar não é o resultado nem do trabalho, nem do estudo, nem de um talento adquirido, aquele que o possui, não pode disto se fazer um mérito. Louva-se um grande artista, um sábio, porque devem o que são aos seus próprios esforços; mas o médium, o melhor dotado, não é senão um instrumento passivo, do qual os Espíritos se servem hoje, *0* que podem deixar amanhã. Que seria do Sr. Jacob se perdesse sua faculdade, o que é sábio a ele de prever? O que era antes: um músico dos zuavos; ao passo que o quer que chegue, ao sábio ficará sempre a ciência e ao artista o talento. Somos felizes de ver o Sr. Jacob partilhar essas idéias, por conseguinte, não é, pois, a ele que se dirigem estas reflexões. Será igualmente a nossa opinião, disto não duvidamos, quando nos dirão que o que é um mérito real num médium, o que se pode e deve louvar com razão, é um emprego que ele faz da faculdade; é o zelo, o devotamento o desinteresse com os quais a coloca a serviço daqueles a quem ela pode ser útil; é ainda a modéstia, a simplicidade, a abnegação, a benevolência que respiram suas palavras e que todas as suas ações justificam, porque estas qualidades lhe pertencem como propriedade particular. Não ó, pois, o médium que é preciso elevar sobre um pedestal, uma vez que amanhã pode dele descer é o homem que sabe se tornar útil sem ostentação e sem proveito para a sua vaidade.

O desenvolvimento da mediunidade de cura, forçosamente, terá conseqüências de uma alta gravidade, que serão objeto de um exame especial e aprofundado num próximo artigo.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO **NO. 10** **NOVEMBRO 1866**

MAOMÉ E O ISLAMISMO

(2º artigo. - Ver o nº de agosto de 1866.)

Foi em Medina que Maomé fez construir a primeira mesquita, na qual trabalhou com suas próprias mãos, e organizou um culto regular; ali pregou pela primeira vez em 623. Todas as medidas tomadas por ele testemunham sua solicitude e sua previdência:

"Um traço característico, ao mesmo tempo do homem e de seu tempo, disse o Sr. Barthélemy Saint-Hilaire, foi a escolha que Maomé teve que fazer de três poetas de Medina, encarregados oficialmente de defendê-lo contra as sátiras dos poetas de Meca. Provavelmente, não era senão seu amor-próprio que fora mais excitado do que lhe convinha, mas numa nação espiritual e viva, mas esses ataques tinham uma repercussão análoga à que os jornais podem ter em nossos dias, e eles eram muito perigosos."

Dissemos que Maomé foi constrangido a se fazer guerreiro; com efeito, ele não tinha de nenhum modo o humor belicoso, assim como o tinha provado pelos cinqüenta primeiros anos de sua vida. Ora, dois anos apenas tinham escoado depois de sua estada em Medina, quando os Coraychites de Meca, coligados com outras tribos hostis, vieram a sitiar a cidade. Maomé teve que se defender; desde então começa para ele o período guerreiro que durou seis anos, e durante o qual se mostrou sobretudo um hábil Estrategista. Num povo no qual a guerra era o estado normal, que não conhecia de direito senão o da força, era preciso ao chefe da nova religião o prestígio da vitória para assentar a sua autoridade, mesmo entre seus partidários. A persuasão tinha pouco império sobre essas populações ignorantes e turbulentas; uma mansidão muito grande teria sido tomada por fraqueza. Em seu pensamento, o Deus forte não podia se manifestar senão por um homem forte, e o Cristo, com sua inalterável doçura, teria fracassado nessas regiões.

Maomé foi, pois, guerreiro pela força das circunstâncias, bem mais do que por seu caráter, e terá sempre o mérito de não ter sido o provocador. Uma vez a luta estabelecida, era-lhe necessário vencer ou perecer; só com esta condição, ele poderia ser aceito como o enviado de Deus; era preciso que seus inimigos fossem abatidos para se convencer da superioridade de seu Deus sobre os ídolos que adoravam. Com exceção de um dos primeiros combates em que foi ferido, e os Muçulmanos vencidos, em 625, suas armas foram constantemente vitoriosas, e, no espaço de alguns anos, ele submeteu a Arábia inteira à sua lei. Quando viu sua autoridade estabelecida e a idolatria aniquilada, foi triunfalmente para Meca, depois de dez anos de exílio, seguido de perto de cem mil peregrinos, e ali cumpriu *a* célebre peregrinação dita de *adeus,* da qual os Muçulmanos, escrupulosamente, conservaram os ritos. Ele morreu no mesmo ano, dez meses depois de seu retorno à Medina, em 8 de junho de 632, com a idade de sessenta e dois anos.

É preciso julgar Maomé pela história autêntica e imparcial, e não segundo as lendas ridículas que a ignorância e o fanatismo difundiram por sua conta, ou as pinturas que dele fizeram aqueles que tinham interesse em desacreditá-lo, apresentando-o como um

ambicioso sanguinário e cruel. Não é necessário, não mais, torná-lo responsável pelos excessos de seus sucessores, que gostariam de conquistar o mundo para a fé muçulmana de sabre à mão. Sem dúvida, houve grandes tarefas no último período de sua vida; pode-se censurá-lo por ter, em algumas circunstâncias, abusado do direito do vencedor, e de não ter agido sempre com toda a moderação desejada. No entanto, ao lado de alguns atos que a nossa civilização reprova, é preciso dizer, para sua defesa, que ele se mostrou muito mais freqüentemente humano e clemente para com seus inimigos do que vingativo, e que deu muitas vezes provas de uma verdadeira grandeza de alma. É preciso reconhecer também que, no meio de seu próprio sucesso, e então que chegava ao mais alto ponto de sua glória, até o seu último dia, ele encerrou-se no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica; não se fez nem rei, nem potentado, e jamais, na vida particular, manchou-se com algum ato de fria barbárie, nem de baixa cupidez; ele sempre viveu simplesmente, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todo o mundo. Esta é a história.

Se se reporta ao tempo e ao meio em que ele vivia, se se considerar sobretudo as perseguições das quais ele e os seus foram objeto, a obstinação de seus inimigos, e os atos de barbárie que estes cometeram sobre seus partidários, pode-se admirar que, na embriaguez da vitória, às vezes, haja usado de represálias? Se é bem vindo em lhe censurando por ter estabelecido a sua religião peb ferro, num povo bárbaro que o combatia, quando a Bíblia registra, como fatos gloriosos para a fé, carnificinas de uma atrocidade tal que se é tentado tomá-las por lendas? Quando, mil anos depois dele, em países civilizados do Ocidente, os cristãos, que tinham por guia a sublime lei do Cristo, arrojando-se sobre vítimas pacíficas, abafando as heresias pelas fogueiras, as torturas, os massacres, e em ondas de sangue?

Se o papel guerreiro de Maomé foi uma necessidade para ele, e *se* esse papel pode desculpá-lo de certos atos políticos, não ocorre o mesmo sob outros aspectos. Até a idade de cinqüenta anos, e enquanto viveu sua primeira mulher Khadidja, quinze anos mais idosa do que ele, seus costumes foram irrepreensíveis; mas, desse momento, suas paixões não conheceram nenhum freio, e, incontestavelmente, foi para justificar o abuso que disso fez, que consagrou a poligamia em sua religião. Esse foi seu erro mais grave, porque é uma barreira que levantou entre o Islamismo e o mundo civilizado; também a sua religião não pôde, depois de doze séculos, ultrapassar os limites de certas raças. É também o lado pelo qual seu fundador se rebaixa mais aos nossos olhos; os homens de gênio perdem sempre de seu prestígio quando se deixam dominar pela matéria; crescem, ao contrário, quanto mais *se* elevam acima das fraquezas da Humanidade.

No entanto, o desregramento dos costumes era tal na época de Maomé, que uma reforma radical era muito difícil entre homens habituados a se entregarem às suas paixões com uma brutalidade bestial; pode-se, pois, dizer que, regulamentando a poligamia, ele colocou limites à desordem e deteve os abusos bem mais graves; mas a poligamia não ficará menos o verme roedor do Islamismo, porque ela é contrária às leis da Natureza. Pela igualdade numérica dos sexos, a própria Natureza traçou o limite das uniões. Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé não pensou que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, seria preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso do que o sexo masculino.

Apesar de suas imperfeições, o Islamismo não foi menos um grande benefício para a época em que apareceu e para a região onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. Era a única religião possível para esses povos bárbaros, aos quais não era preciso pedir grandes sacrifícios às suas idéias e aos seus costumes. Era-lhes necessário alguma coisa simples como a natureza no meio da qual viviam; a religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas; também todas as tentativas feitas, durante cinco séculos, para implantá-la nessas regiões, tinham fracassado completamente; o próprio judaísmo, muito chicaneiro, ali tinha feito poucos prosélitos

entre os Árabes, embora os Judeus propriamente ditos, ali fossem bastante numerosos. Maomé, superior aos de sua raça, tinha compreendido os homens de seu tempo; para tirá-los do rebaixamento no qual os mantinham grosseiras crenças descidas de um estúpido fetichismo, deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter. Essa religião era a mais simples de todas: "Crença em um Deus único, todo-poderoso, eterno, infinito, presente em toda a parte, clemente e misericordioso, criador dos céus, dos anjos e da Terra. Pai do homem, sobre o qual ele vela e acumula de bens; remunerador e vingador numa outra vida, onde nos espera para nos recompensar ou nos punir segundo nossos méritos: vendo nossas ações mais secretas, e presidindo ao destino inteiro de suas criaturas que não abandona um único instante, nem neste mundo, nem no outro; submissão a mais humilde e confiança absoluta em sua vontade santa:" eis os dogmas.

Quanto ao culto, consiste na prece repetida cinco vezes por dia, o jejum e as mortificações do mês de rhamadan, e em certas práticas, das quais várias tinham um objetivo higiênico, mas das quais Maomé fez uma obrigação religiosa, tais como as abluções cotidianas, a abstenção do vinho, dos licores embriagadores, da carne de certos animais, e que os fiéis se fazem um caso de consciência observar nos mais minuciosos detalhes. A quarta-feira foi adotada pára o dia santo da semana, e a Meca indicada como ponto para o qual todo o Muçulmano deve se virar em orando. O serviço público nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Corão. A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas conservada por ele; ela era praticada de tempos imemoriais entre os Árabes. A proibição de reproduzir, pela pintura ou pela escultura, qualquer ser vivo, homens ou animais, foi feita tendo em vista destruir a idolatria, e impedir que ela se renovasse. Enfim, a peregrinação a Meca, que todo fiel deve cumprir ao menos uma vez em sua vida, é um ato religioso; mas tinha um outro objetivo nessa época, um objetivo político, o de aproximar por um laço fraternal as diversas tribos inimigas, reunindo-as num comum sentimento de piedade, num mesmo lugar consagrado.

Do ponto de vista histórico, a religião muçulmana admite o Antigo Testamento em sua totalidade até Jesus Cristo inclusive, que ela reconhece como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus eram enviados de Deus para ensinarem a verdade aos homens; o Evangelho, do mesmo modo que a lei do Sinai, é a palavra de Deus; mas os Cristãos dele desviaram o sentido. Ele declara, em termos explícitos, que não traz nenhuma crença nova, nem culto novo, mas que vem restabelecer o culto do Deus único professado por Abraão. Não fala senão com respeito dos patriarcas e dos profetas que o precederam: Moisés, Davi, Isaías, Ezequiel e Jesus Cristo; do Pentateuco, dos Salmos e do Evangelho. São os livros que anteciparam e prepararam o Corão. Longe de esconder os empréstimos que lhe fez, disto se gaba, e sua grandeza é o fundamento da sua. Pode-se julgar de seus sentimentos e do caráter de suas instruções pelo fragmento seguinte do último discurso que pronunciou em Meca quando da peregrinação do adeus, pouco tempo antes de sua morte, e conservou na obra de Ibn-lshâc e de Ibn-lshâm:

"Ó povos! escutai minhas palavras; porque não sei se, num outro ano, poderei me reencontrar ainda convosco neste lugar. Sede humanos e justos entre vós. Que a vida e a propriedade de cada um sejam invioláveis e sagradas para os outros; que aquele que receber um depósito o devolva fielmente a quem lho remeteu. Aparecereis diante de vosso Senhor, e ele vos pedirá conta de vossas ações. Tratai bem as mulheres, elas são vossas ajudas, elas não podem nada só por elas. Vós as tomastes como um bem que Deus vos confiou e tomastes posse delas por palavras divinas.

"Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vossos espíritos. Eu tudo vos revelei; deixo-vos uma lei que vos preserva para sempre do erro, se a ela fielmente vos ligardes; uma lei clara e positiva, o livro de Deus e o exemplo de seu profeta.

"Ó povos! escutai minhas palavras, e fixai-as em vossos espíritos. Sabei que todo Muçulmano é o irmão do outro; que todos os Muçulmanos são irmãos entre si, que sois todos iguais entre vós, e que não sois senão uma família de irmãos. Guardai-vos da injustiça; ninguém deve cometê-la em detrimento de seu irmão: ela arrastará a vossa perda eterna.

"Ó Deus! cumpri minha mensagem e terminei minha missão? - A multidão que p cercava respondeu: "Sim, tu a cumpriste." E Maomé exclama: Ó Deus, dignai-vos receber este testemunho!"

Eis agora o julgamento que faz sobre Maomé, e a influência de sua doutrina, um de seus historiógrafos, Sr. G. Weil, em sua obra alemã intitulada: *Mohammet der Prophet,* páginas 400 e seguintes:

"A doutrina de Deus e dos santos destinos do homem, pregada por Maomé num país que estava entregue à mais brutal idolatria, e que tinha apenas uma idéia da imortalidade da alma, deve tanto mais nos reconciliar com ele, apesar de suas fraquezas e de suas faltas, que sua vida particular não podia exercer sobre seus adeptos nenhuma influência deplorável. Longe de se dar jamais por modelo, queria sempre que o olhassem como um ser privilegiado a quem Deus permitia se meter acima da lei comum; e, de fato, foi considerado cada vez mais sob essa luz especial.

"Seríamos injustos e cegos se não reconhecêssemos que seu povo lhe deve ainda outra coisa de verdadeiro e de bem, e lhe reuniu em uma única grande nação, crendo fraternalmente em Deus, as tribos inumeráveis dos Árabes até ali inimigas entre si. No lugar do mais violento arbítrio, do direito da força, e da luta individual, colocou um direito inabalável que, apesar de suas imperfeições, forma sempre a base de todas as leis do Islamismo. Ele limitou a vingança do sangue que, antes dele, se estendia até os parentes mais distantes, e a limitou àquele único que os juizes reconhecessem como assassino. Muito mereceu, sobretudo do belo sexo, não só em protegendo os filhos contra o atroz costume que os fazia, freqüentemente, imolar por seus pais, mas, além disto, em protegendo as mulheres contra os parentes de seus maridos, que as herdavam como de uma coisa material, e as defendiam contra os maus tratos dos homens. Ele restringiu a poligamia, não permitindo aos crentes senão quatro mulheres legítimas, em lugar de dez, como era o uso, sobretudo em Medina. Sem haver inteiramente emancipado os escravos, lhes foi bom e útil de muitas maneiras. Para os pobres, não só recomendou sempre a beneficência a seu respeito, mas estabeleceu formalmente um imposto ao seu favor, e lhes fez uma parte especial no espólio e no tributo. Proibindo o jogo, o vinho e todas as bebidas embriagadoras, preveniu muitos vícios, muitos excessos, muitas querelas e muitas desordens.

"Embora não consideremos Maomé como um verdadeiro profeta, porque ele empregou, para propagar sua religião, meios violentos e impuros, porque ele foi muito fraco para se submeter ele mesmo *à* lei comum, e porque se chamava o selo dos profetas, tudo em declarando que Deus podia sempre substituir o que lhe havia dado por alguma coisa melhor, e lhe mereceu, no entanto, por ter feito penetrar as mais belas doutrinas do Antigo e do Novo Testamento, num povo que não era esclarecido por nenhum raio da fé, e deve a esse título parecer, mesmo aos olhos dos Maometanos, como um enviado de Deus."

Como complemento deste estudo, citaremos algumas passagens textuais do Corão, emprestadas à tradução de Savary:

Em nome de Deus clemente e misericordioso. - Louvor a Deus, soberano dos mundos. -A misericórdia é a sua partilha. - Ele é o rei no dia do julgamento. - Nós te adoramos, Senhor, e imploramos a tua assistência. - Dirige-nos no caminho da salvação, - no caminho daqueles que cumulaste de benefícios; - daqueles que mereceram tua cólera e se preservaram do erro. (Introdução, Sourate I.)

Ó mortais, adorai o Senhor que vos criou, vós e vossos pais, afim de que o temais; que vos deu a Terra por leito, e o céu por teto; que fez descer a chuva dos céus para produzir todos os frutos com os quais vos nutris. Não deis associados ao Altíssimo; vós o sabeis. (Souratell, v. 19 e 20.)

Por que não credes em Deus? Estáveis mortos, ele apagará vossos dias e deles avivará o brilho. Retornareis a ele. - Ele cria para vosso refúgio tudo que está sobre a Terra. No entanto, em seguida olhando para o firmamento, ele forma os sete céus. É ele do qual a ciência abarca o universo. (Sou rate 11, v. 26,27.)

O Oriente e o Ocidente. Pertencem a Deus; para qualquer lugar que se voltem os vossos olhares, reencontrareis a sua face. Ele preenche o universo de sua imensidade e de sua ciência. -Formou a terra e os céus. Quer ele produzir alguma obra? Ele diz: "Sejafeita;" e a obra está feita. -Os ignorantes dizem: "Se Deus não nos fala, ou se tu não nos fazes ver um milagre, nós não creremos." Assim falam seus pais; seus corações são semelhantes. Fizemos brilhar muitos prodígios para aqueles que têm a fé. (Souratell, v. 109 a 112.)

Deus não exigirá de cada um de nós senão segundo as suas forças. Cada um terá em seu favor suas boas obras, e contra ele o mal que tiver feito. Senhor, não nos castigues por faltas cometidas por esquecimento. Perdoa-nos nossos pecados; não nos imponhas o fardo que nossos pais não carregaram. Não nos carregues acima das nossas forças. Faze brilhar para teus servi dores o perdão e a indulgência. Tem compaixão de nós; tu és o nosso socorro. Ajuda-nos contra as nações infiéis. (Sourate II, v. 286.)

Ó Deus, rei supremo, tu dás e tu tiras à tua vontade as coroas e o poder. Tu elevas e tu abaixas os humanos à tua vontade; o bem está em tuas mãos; tu és o Todo-Poderoso.-Tu mudas o dia em noite, e a noite em dia. Fazes sairá vida doseio da morte, e a morte do seio da vida. Derramas teus tesouros infinitos sobre aqueles que te apraz. (Sour. III, v. 25 e 26.)

Ignorais quantos povos fizemos desaparecer da face da Terra? Nós lhes tínhamos dado um império mais estável do que o vosso. Enviamos as nuvens derramarem a chuva sobre seus campos; ali fazemos correr os rios. Só seus crimes causaram sua ruína. Nós os tínhamos trocado por outras nações. É a Deus que deveis o sono da noite e o despertar da manhã. Ele sabe o que fazeis durante o dia. Ele vos deixa cumprir a carreira da vida. *Reaparecereis* diante dele, e ele vos mostrará as vossas obras. - Ele domina seus servidores. Dá-vos por guardiães os anjos encarregados de terminar vossos dias no momento prescrito. Eles executam cuidadosamente a ordem do céu. - *Retornareis* em seguida diante do Deus de verdade. Não é a ele que pertence julga r? Ele é o mais exato dos juizes.-Quem vos livra das tribulações da terra e dos mares, quando, invocando-o em público ou no segredo de vossos corações, exclamais: "Senhor, se afastas de nós esses males nisto seremos reconhecidos?"- É Deus que nos livra deles. É a sua bondade que nos alivia da pena que nos oprime; e em seguida retornais à idolatria. (Sourate VI, v. 60 a 64.)

Todos os segredos são revelados aos seus olhos; e é grande o Altíssimo. -Aquele que fala no secreto, aquele que fala em público, aquele que se envolve nas sombras da noite e aquele que aparece à luz, lhe são igualmente conhecidos. - É ele que faz brilhar o raio aos vossos olhares para vos inspirar o medo e a esperança. É ele que ergue as nuvens carregadas de chuva. -O trovão celebra seus louvores. Os anjos tremem em sua presença. Ele lança o raio, e ele atinge as vítimas marcadas. Os homens disputam com Deus, mas ele é o forte e o poderoso. - Ele é a invocação verdadeira. Aqueles que imploram outros deuses não serão atendidos. Assemelham-se ao viajor que, pressionado pela sede, estende a mão para a água que não pode alcançar. A invocação dos infiéis se perde na noite do erro. (Sourate XIII, v. 10 a 15.)

Não digas jamais: "Eu farei isto amanhã," sem acrescentar "Se for a vontade de Deus." Eleva para ele o teu pensamento, quando esqueceste alguma coisa, e dize: "talvez ele me esclareça e me faça conhecer a verdade." (Sourate XVIII, v. 23.) Se as ondas do marse transformassem em tinta para descrever os louvores do Senhor, estariam esgotadas antes de terem celebrado todas as suas maravilhas. Um outro oceano semelhante não bastaria ainda. (Sour. XVIII, v. 109.)

Aquele que procura a verdadeira grandeza a encontra em Deus, fonte de todas as perfeições. Os discursos virtuosos sobem para o seu trono. Ele exalta as boas obras; pune rigorosamente o celerado que trama as perfídias.

Não, o céu não revoga jamais a sentença que pronunciou. - Não percorreram a terra? não viram qual foi o fim deplorável dos povos que, antes deles, caminharam nos caminhos da iniqüidade? Estes povos eram mais fortes e mais poderosos do que não o são. Mas nada nos céus e sobre a Terra pode se oporás vontades do Altíssimo. A ciência e a força são seus atributos. - Se Deus punisse os homens desde o instante em que são culpáveis, não permaneceria sobre a terra ser animado. Difere os castigos até no tempo marcado. -Quando o tempo é chegado, ele distingue as ações de seus servidores. (Sourate XXXV, v. 11,41 a 45.)

Estas citações bastam para mostrar o profundo sentimento de piedade que animava Maomé, e a idéia grande e sublime que se fazia de Deus. O Cristianismo poderia reivindicar este quadro.

Maomé não ensinou o dogma da fatalidade absoluta, como se o crê geralmente. Essa crença, da qual estão imbuídos os muçulmanos e que paralisa sua iniciativa em

muitas circunstâncias, não é senão uma falsa interpretação e uma falsa aplicação do princípio da submissão à vontade de Deus levado fora de seus limites racionais; eles não compreendem que essa submissão não exclui o exercício das faculdades do homem, e lhes falta por corretivo a máxima: Ajuda-te, o céu te ajudará.

As passagens seguintes tratam de pontos particulares da doutrina.

Deus tem um filho, dizem os Cristãos. Longe dele esta blasfêmia! Tudo o que está nos céus e sobre a terra lhe pertencem. Todos os seres obedecem à sua voz. (Sourate II, v. 110.)

Ovos que recebestes as Escrituras, não passeis os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade. Jesus é filho de Maria, o enviado do Altíssimo e seu Verbo. Ele o fez descer no seio de Maria; é seu sopro. Crede em Deus e em seus apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é um; estacrença vos será mais segura. Longe de que tenha um filho, só ele governa o céu e a terra; ele se basta a si mesmo.-O Messias não corará por ser o servidor de Deus, não mais que os anjos que cercam o seu trono e lhe obedecem. (Sourate IV, v. 169,170.)

Aqueles que sustentam *a* trindade de Deus são blasfemadores; não há senão um único Deus. Se não mudarem de crença, um suplício doloroso será o preço de sua impiedade. (SourateV, v. 77.)

Os Judeus dizem que Ozai é o filho de Deus. Os Cristãos dizem a mesma coisa do Messias. Eles falam como os infiéis que os precederam. O céu punirá suas blasfêmias. - Ele chama os senhores seus pontífices, seus monges, e o Messias filha de Maria. Mas lhes é recomendado servir um único Deus: Não há outro dele. Anátema sobre aqueles que se associam ao seu culto. (Sourate IX, 30,31.)

Deus não tem filhos; ele não partilha o domínio com um outro Deus. Se fora assim, cada um deles gostaria de se apropriar de sua criação e se elevar acima de seu rival. Louvor ao Altíssimo! Longe dele estas blasfêmias! (Sourate XXII, v. 93.)

Declara, ó Maomé, o que o céu te revelou. -A assembléia dos gênios tendo escutado a leitura do Corão, exclamou: "Eis uma doutrina maravilhosa. - Ela conduz à verdadeira fé. Cremos nela, e nós não nos damos por igual a Deus. -Glóriaà sua Majestade suprema! Deus não tem esposa; ele não pariu." (Sourate LXXII, v. 1 a4.)

Dizeis: "Cremos em Deus, no livro que nos foi enviado, e no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isac, Jacó e às doze tribos. Cremos na doutrina de Moisés, de Jesus e dos profetas, não fazemos nenhuma diferença entre eles, e somos muçulmanos."(Sourate II, v. 130.)

Não há de Deus senão o Deus vivo e eterno. - Ele te enviou o li vro que encerra a verdade, para confirmara verdade das Escrituras que o precederam. Antes dele, ele fez descer o Pentateuco e o Evangelho para servirem de guias aos homens; enviou o Corão dos céus. -Aqueles que negam a doutrina divina não devem esperar senão suplícios; Deus é poderoso e a vingança está em suas mãos. (Sourate III, v. 1,2,3.)

Há os que dizem: "Fizemos juramento a Deus de não crer em nenhum profeta, a menos que a oferenda que apresente não seja confirmada pelo fogo do céu." -Respondei-lhes: "Tínheis os profetas antes de mim; eles operaram milagres, e aqueles mesmo do qual vos falei. Por que, então tingistes vossas mãos de seu sangue, se dizeis a verdade? - Se negam a missão, do mesmo modo trataram os profetas que vos precederam, embora fossem dotados do dom dos milagres e tivessem trazido o livro que esclarece (o Evangelho) e o livro dos salmos. (Sourate III, v. 179a 181.)

Nós vos inspiramos, como inspiramos Noé, os profetas, Abraão, Ismael, Jacó, as tribos, Jesus, Jó, Jonas, Aarão e Salomão. Nós vos demos os salmos de Davi.(Sourate IV, v. 161.)

Em muitas outras passagens, Maomé fala no mesmo sentido e com o mesmo respeito dos profetas, de Jesus e do Evangelho; mas é evidente que há desprezo no sentido dado à Trindade, e à qualidade de filhos de Deus que ele toma à letra. Se esse mistério é incompreensível para tantos cristãos, se levantou tantos comentários e controvérsias entre eles, não se deve admirar que Maomé não o haja compreendido. Nas três pessoas da Trindade ele viu três deuses, e não um Deus único em três pessoas distintas; no filho de Deus, ele viu a procriação; ora, a idéia que se fazia do Ser supremo era tão grande, que a menor paridade entre Deus e um ser qualquer, e a idéia que podia partilhar seu poder, parecia-lhe uma blasfêmia. Jesus não se tendo se dado jamais como Deus, e não tendo falado da Trindade, este dogma lhe pareceu uma derrogação das próprias palavras do Cristo. Ele via em Jesus e no Evangelho a confirmação do princípio da unidade de Deus, objetivo que ele mesmo perseguia; é porque os tinha em grande estima, ao passo que acusava os Cristãos de terem se afastado desse ensinamento, fracionando Deus e deificando o seu messias. Também se diz enviado depois de Jesus

para levar os homens à unidade pura da divindade. Toda a parte dogmática do Corão repousa sobre este princípio que ele repete a cada passo.

O Islamismo tendo suas raízes no antigo e no novo Testamento, deles é uma derivação; pode-se considerá-lo como uma das numerosas seitas das dissidências que surgiram desde a origem do Cristianismo referindo-se à natureza do Cristo, com esta distinção de que, o Islamismo, formado fora do Cristianismo, sobreviveu à maioria dessas seitas, e conta hoje cem milhões de sectários.

Maomé vinha combater com todo exagero, em sua própria nação, a crença em vários deuses, para ali restabelecer o culto abandonado do Deus único, de Abraão e de Moisés; o anátema que ele lançou contra os infiéis e ímpios tinha por objeto a grosseira idolatria professada pelos de sua raça, mas ele atingia por contragolpe os Cristãos. Tal é a causa do desprezo dos muçulmanos por tudo o que leva o nome de cristão, apesar de seu respeito por Jesus e pelo Evangelho. Este desprezo se transformou em ódio sob a influência do fanatismo entretido e superexcitado por seus sacerdotes. Dizemos também que, de seu lado, os Cristãos não são menos sem censuras, e que alimentaram mesmo esse antagonismo por suas próprias agressões.

Ao todo censurando os Cristãos, Maomé não tinha por eles sentimentos hostis, e no próprio Corão ele recomenda para usar para com eles de comedimento, mas o fanatismo os englobou na prescrição geral dos idolatras e dos infiéis cuja presença não deve sujar os santuários do Islamismo, é porque a entrada nas mesquitas, da Meca e dos lugares santos, lhe é proibida. O mesmo fazem com respeito aos Judeus, e se Maomé os castigou rudemente em Medina, foi porque estavam ligados contra ele. De resto, em nenhuma parte, no Corão, encontra-se o extermínio dos Judeus e dos Cristãos, erigidos em dever, assim como se o crê geralmente. Seria, pois, injusto lhe imputar os males causados pelo zelo ininteligente e os excessos de seus sucessores.

Nós te inspiramos a abraçar a religião de Abraão, que reconhece a unidade de Deus e que não adora senão sua majestade suprema. - Emprega a voz da sabedoria e da força da persuasão para chamar os homens a Deus. Combate com as armas da eloqüência. Deus conhece perfeitamente aqueles que estão no desvio e aqueles que caminham à luz da fé. (SourateXVI, v. 124,126.)

Se te acusam de impostor, responde-lhes: 'Tenho por mim minhas obras; que os vossos falem em vosso favor. Não sereis responsáveis do que eu faço, e eu, eu sou inocente de tudo o que fazeis (Sourate X v 42.)

Quando se cumprirão tuas ameaças? perguntam os infiéis. Marca-nos o fim, se tu és verídico. Responde-lhes: "Os tesouros e as vinganças celestes não estão em minhas mãos; só Deus disto é o dispensador. Cada nação tem o seu fim fixado; ela não poderia nem apressá-lo, nem retardá-lo um instante." (Sourate X, v. 49,50.)

Se negam a tua doutrina, sabe que os profetas, que vieram antes de ti, sofreram a mesma sorte, embora os milagres, a tradição e o livro que esclarece (o Evangelho) atestem a verdade de sua missão. (Sourate XXXV, v. 23.)

A cegueira dos infiéis te surpreende, e eles riem de tua admiração. -Em vão queres instruí-los: seu coração rejeita a instrução. - Se vissem os milagres, deles zombariam; - eles os atribuiriam à magia. (Sourate XXXVII, v. 12 a 15.)

Não estão aí as ordens de um Deus sanguinário que comanda o extermínio? Maomé não se faz o executor de sua justiça; seu papel é o de instruir; só a Deus pertence punir ou recompensar, neste mundo e no outro. O último parágrafo parece ser escrito para os Espíritas de nossos dias, enquanto os homens são por toda a parte os mesmos.

Fazei a prece, dai a esmola; o bem que fizeres, o encontrareis junto de Deus, porque ele vê as vossas ações. (Sourate II, v. 104.)

Não basta, para ser justificado, voltar seus olhos para o oriente e o ocidente; é preciso, além disto, crerem Deus, no último, nos anjos, no Corão, nos profetas. É preciso, para o amor de Deus, socorrer seus próximos, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e aqueles que pedem. É preciso fazer a prece, guardar sua promessa, suportar pacientemente a adversidade e os males da guerra. Tais são os deveres dos verdadeiros crentes. (Sourate II, v. 172.) Uma palavra honesta e de

perdão das ofensas são preferíveis à esmola que tivesse seguido a injustiça. Deus é rico e clemente. (Sourate II, v. 265.)

Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, dai-lhe tempo; ou, se quiserdes fazer melhor, adia-lhe a dívida. Se o soubésseis! (Sourate II, v. 280.)

A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto de Deus, que odeia a violência (Sourate XLII, v. 38.)

Combatei vossos inimigos na guerra empreendida pela religião, mas não ataqueis primeiro. Deus odeia os agressores. (Sourate II, v. 186.)

Certamente os Muçulmanos, os Judeus, os Cristãos e os Sabeístas, que crêem em Deus e no julgamento final, *e que farão o bem, disto receberão a recompensa de suas mãos;* estarão isentos do medo e dos suplícios. (Sourate V, v. 73.)

Não façais violência aos homens por causa de sua fé. A fé da salvação é bastante distinta do caminho do erro. Aquele que abjura o culto dos ídolos pela religião santa terá se apoderado de uma coluna inabalável. O Senhor sabe e o ouve tudo (Sourate II, v. 257.)

Não disputeis com os Judeus e os Cristãos senão em termos *honestos e moderados.* Confundi aqueles dentre eles que são ímpios. Dizei: Cremos no livro que nos foi revelado e em vossos escritos. Nosso Deus e o vosso não fazem senão um. Somos muçulmanos. (Sourate XXIX, v. 45.)

Os Cristãos serão julgados segundo o Evangelho; aqueles que os julgarem de outro modo serão prevaricadores. (Sourate V, v. 51.)

Demos o Pentateuco a Moisés. É à sua luz que deve caminhar o povo hebreu. *Não duvideis de encontrar no céu o guia dos Israelitas.* (Sourate XXXII, v. 23.)

Se os judeus tivessem a fé e o temor do Senhor, apagaríamos seus pecados; nós os introduziríamos no jardim das delícias. A observação do Pentateuco, do Evangelho e dos preceitos divinos lhes proporcionariam o gozo de todos os bens. Há entre eles os que caminham no bom caminho, mas a maioria são ímpios. (Sourate V, v. 70.)

Dize aos Judeus e aos Cristãos: "Terminamos nossas diferenças; não admitimos senão um Deus, e não lhe daremos igual; que cada um de nós não tenha outro Senhor do que ele." Se recusam obedecer, dize-lhes: "Pelo menos dais testemunho que, quanto a nós, somos crentes. (Sourate III, v. 57.)

Eis certas máximas de caridade e de tolerância que gostaríamos de ver em todos os corações cristãos!

Nós te enviamos a um povo que outros povos precedeu, a fim de que lhe ensines as nossas revelações. Eles não crêem nos misericordiosos. Dize-lhes: "É meu Senhor; não há de Deus senão ele. Coloquei minha confiança em sua bondade. Eu *reaparecerei* diante de seu tribunal. (Sourate XIII, v. 29.)

Trouxemos aos homens um livro onde brilha a ciência que deve esclarecer os fiéis e lhes proporcionar a misericórdia divina. - Esperam eles o cumprimento do Co rão? No dia em que se cumprirá, aqueles que terão vivi do no esquecimento dessas máximas dirão: "Os ministros do Senhor nos pregam a verdade. Onde encontraremos agora os intercessores? Que esperança temos de *retornar sobre a Terra* para nos corrigir? Eles perderam suas almas, e suas ilusões se desvaneceram.(Sour. VII, v. 50, 51.)

A palavra reaparecer implica a idéia deter já aparecido; quer dizer, de ter vivido antes da existência atual. Maomé o exprime claramente quando disse alhures: "reapareceres diante dele e ele vos mostrará vossas obras. *Retornareis* diante do Deus de verdade." É o fundo da doutrina da preexistência da alma, ao passo que segundo a Igreja, a alma é criada no nascimento de cada corpo. A pluralidade das existências terrestres não é indicada no Corão de maneira tão explícita quanto no Evangelho; no entanto, a idéia de reviver sobre a Terra entrou no pensamento de Maomé, uma vez que tal seria, em sua opinião, o desejo dos culpados para se corrigir. Ele compreendeu, pois, que seria útil poder recomeçar uma nova existência.

Quando se lhe pergunta: Credes no que Deus enviou do céu? Eles responderam: "Cremos nas Escrituras que recebemos;" e rejeitam o livro verdadeiro, vindo depois, para pôr o selo nos *livros sagrados.* Dize-lhes: "Porque matastes os profetas se tínheis a mim? "Sourate II, v. 85.)

Maomé não é o pai de nenhum de vós. Ele é o enviado de Deus e o selo dos profetas. A ciência de Deus é infinita. (Sourate XXXI11, v. 40.)

Em se dando como *o selo* dos profetas, Maomé anuncia que é o último, a conclusão, porque disse toda a verdade; depois dele não virão mais outros. Está aí um artigo de fé entre os Muçulmanos. Do ponto de vista exclusivamente religioso caiu no erro de todas as

religiões que se crêem inamovíveis, mesmo contra o progresso das ciências; mas para ele era quase uma necessidade, a fim de afirmar a autoridade de sua palavra num povo que teve tanta dificuldade para converter à sua fé. Do ponto de vista social era um erro, porque o Corão sendo uma legislação civil tanto quanto religiosa, colocou um ponto de parada ao progresso. Tal é a causa que tornou e tornará por muito tempo ainda os povos muçulmanos estacionários, e refratários às inovações e às reformas que não estão no Corão. É um exemplo do inconveniente que existe de confundir o que deve ser distinto. Maomé não levou em conta o progresso humano; é uma falta comum a quase todos os reformadores religiosos. De um outro lado, tinha a reformar não só a f é, mas o caráter, os usos, os hábitos sociais desses povos; era-lhe preciso apoiar suas reformas sobre a autoridade da religião, assim como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos; *a* dificuldade era grande, sem dúvida; no entanto, ele deixa uma porta aberta à interpretação e às modificações, dizendo que "Deus pode sempre mudar o que deu por qualquer coisa de melhor."

Proibido vos *é* desposar vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas amas de leite, vossas irmãs de leite, as mães de vossas mulheres, as filhas confiadas à vossa tutela e descendentes de mulheres com as quais haveis coabitado. Não desposeis, não mais, as filhas de vossos filhos que haveis engendrado, nem duas irmãs. É-vos proibido desposar as mulheres casadas, exceto aquelas que teriam caído em vossas mãos como escravas. (Sourate IV, v. 27 e seguintes.)

Estas prescrições podem dar uma idéia da desmoralização desses povos; por ser obrigado a proibir tais abusos, seria preciso que eles existissem.

Esposas do Profeta, permanecei dentro de vossas casas. Não vos enfeiteis faustosamente, como nos dias da idolatria. Fazei a prece e a esmola. Obedecei a Deus e ao seu apóstolo. Ele quer afastar o vício de vossos corações. Sois da família do Profeta, e deveis ser puras. Zeid repudia seu esposo. Nós te unimos com ela a fim de que os fiéis tenham a liberdade de desposar as mulheres de seus filhos adotivos, depois do repúdio. O preceito divino deve ter sua execução. - O profeta, que permitiu desposar as mulheres que tiveres dotado, os cativos que Deus fez cair em tua mãos, as filhas de teus tios e de tuas tias que fugiram contigo, e tua mulher fiel que te conceder seu coração. É um privilégio que te concedemos. Não aumentarás o número atual de tuas esposas; não poderás trocá-las com outras cuja beleza te houver tocado. Mas a freqüência de tuas mulheres escravas te é sempre permitida. Deus observa tudo. (Sourate XXXIII, v. 37,49, 52.)

É aqui que Maomé desce verdadeiramente do pedestal onde estava montado. Lamenta-se de vê-lo cair tão baixo, depois de se ter elevado tão alto, e fazer intervir Deus para justificar os privilégios concedidos para satisfação de suas paixões. Ele concedia aos crentes quatro mulheres legítimas, quando ele mesmo tinha se dado treze. O legislador deve ser o primeiro objeto das leis que faz. É uma mancha inapagável sobre si e sobre o islamismo.

Esforçai-vos por merecer a indulgência do Senhor, e aposse do paraíso, cuja extensão iguala os céus e a terra, morada preparada aos justos, -àqueles que fazem esmola na prosperidade e na adversidade, e que, dominando os movimentos de sua cólera, sabem perdoar os seus semelhantes. Deus ama a beneficência. (Sourate III, v. 127,128.)

Deus prometeu aos fiéis que tiverem praticado a virtude a entrada nos jardins onde colhem flores. Ali permanecerão eternamente. As promessas do Senhor são verdadeiras. O que de mais verdadeiro do que a sua palavra? (Sourate IV, v.121.)

Eles habitarão eternamente a morada que Deus lhes preparou, os jardins de delícias irrigados por rios, lugares onde reinará a soberana beatitude. (Sourate IX, v. 90.)

Os jardins e as fontes serão o quinhão daqueles que temem o senhor. Eles entrarão com a paixão e a segurança. - Nós tiraremos a inveja de seus corações. Eles repousarão sobre leitos, e terão uns pelos outros uma benevolência fraternal.

- A fadiga não aproximará da morada das delícias. Não se lhes arrebatará a posse. (Sourate XV, v.45 a 48.)

Os jardins do Éden serão a habitação dos justos. Braceletes de ouro, ornados de pérolas, e roupas de seda formarão seu adorno. - Louvor a Deus, exclamarão; ele afastou de nós a pena; ele é misericordioso e compassivo. - introduziu-nos no palácio eterno, morada de sua magnificência. A fadiga nem a dor não se aproximam desse asilo. (Sourate XXXV, v. 30,31,32.)

Os hóspedes do paraíso beberão a longos tragos da taça da felicidade. - deitados sobre seus leitos de seda, repousarão perto de suas esposas, sob sombras deliciosas. - encontrarão todos os frutos, todos os seus desejos serão satisfeitos. (Sourate XXXVI, v. 55, 56, 57.)

Os verdadeiros servidores de Deus terão uma alimentação escolhida, - frutos esquisitos, lhe serão servidos com honra. - Os jardins das delícias serão seu asilo.

- Cheios de uma benevolência mútua, repousarão sobre poltronas. - Ser-lhes-ão oferecidos copos cheios de um água pura, - límpida e de um gosto delicioso,

- que não obscurecerá sua razão e não os embriagará. - Perto deles estarão as virgens de olhares modestos, de grande olhos negros e cujo colorido terá a cor dos ovos do avestruz. (Sourate XXXVII, v. 39 a 47.)

Dir-se-á aos crentes que terão professado o islamismo: entrai no jardim das delícias, voz e vossas esposas; abri vosso coração à alegria. - Apresentar-lhes ao a beber em taças de ouro, o coração encontrará nessa morada tudo o que pode desejar, o olhar tudo o que pode encantá-lo, e seus prazeres serão eternos. - Eis o paraíso do qual vossas obras vos proporcionaram a posse. - Nutri-vos dos frutos que aí crescem em abundância. (Sourate XLIII, v. 69 a 72).

Tal é esse famoso paraíso de Maomé, sobre o qual tanto se alegrou e que não procuraremos seguramente justificar. Somente diremos que estavam em harmonia com os costumes desses povos, e que devia lhes agradar muito mais que a perspectiva de um estado puramente espiritual, por esplêndido que fosse, porque eram muito materiais para compreendê-lo e apreciar-lhe o valor; ser-lhes-iam necessárias alguma coisa mais substancial, e pode-se dizer que foram servidos a gosto. Sem dúvida, notar-se-á que os rios, as fontes, os frutos abundantes e as sombras ali desempenhavam um grande papel, porque está aí o que falta sobretudo aos habitantes do deserto. Dos leitos macios e dos vestidos de seda, para pessoas habituadas sobre a terra e vestidas de grosseiras coberturas em pele de camelo, devia também ter um grande atrativo. Por ridículo que tudo isto nos pareça, pensemos no meio em que vivia Maomé, e não o censuremos muito, uma vez que com a ajuda desse chamariz, ele soube tirar um povo da barbárie e dele fazer uma grande nação.

Num próximo artigo examinaremos como o Islamismo poderá se unir à grande família da Humanidade civilizada.

SONAMBULISMO MEDIANÍMICO ESPONTÂNEO.

A última sessão da Sociedade Espírita de Paris, antes das férias, foi uma das mais notáveis do ano, seja pelo número e a importância das comunicações que ali foram obtidas, seja pela produção de um fenômeno espontâneo de sonambulismo medianímico. Pelo meio da sessão, o Sr. Morin, membro da sociedade e um dos médiuns habituais, adormeceu espontaneamente sob a influência dos Espíritos, o que jamais lhe tinha acontecido. Então ele falou com inspiração, com eloqüência, sobre um assunto de uma alta seriedade e do maior interesse, do qual iremos nos ocupar ulteriormente.

A sessão de reabertura da sexta-feira, 5 de outubro, apresentou um fenômeno análogo, mas em mais amplas proporções. Havia à mesa treze médiuns. Durante a primeira parte, dois dentre eles, a senhora C... e o Sr. Vavasseur, adormeceram, como o havia feito o Sr. Morin, sem provocação nenhuma e sem que ninguém pensasse nisto, sob a influência dos Espíritos. O Sr. Vavasseur é o médium poeta, que obtém com a maior facilidade as notáveis poesias das quais publicamos várias amostras. O Sr. Morin estava a ponto de adormecer também. Ora, eis o que se passou durante o seu sono o durou quase uma hora.

O Sr. Vavasseur, com voz grave e solene disse- "Toda vontade, toda ação magnética é e deve permanecer estranha a este fenômeno. Ninguém deve falar nem à

minha irmã nem a mim" Falando de sua irmã, ele designava a senhora C..., quer dizer irmã espiritual, porque não são de nenhum modo parentes Depois dirigindo-se ao Sr. Morin, colocado na outra extremidade da mesa e estendendo sua mão para ele, com um gesto imperativo- "Eu te proíbo de dormir." O Sr. Morin, com efeito, já quase adormecido desperta por s, mesmo. Recomendação expressa, além disto é de não tocar nem num nem no outro dos dois médiuns.

O Sr. V. continuando: "Ah! sinto aqui uma corrente fluídica má, que me cansa... irmã, sofres também? - Madame C... Sim - Sr V...Olha! a sociedade está numerosa esta noite. Tu vês? - Madame C... Ainda não muito claramente. - Sr. V... Eu quero que vejas. - Senhora C... Oh! sim; os Espíritos são numerosos! - Sr. V.. Sim são muito numerosos; não se os conta mais!... Mas, olha, diante de ti; vês um Espirito mais luminoso, com auréola mais brilhante... Ele parece nos sorrir com benevolência!... E-me dito que é o meu patrono (São Luís)... Vamos , caminhemos; vamos ambos até ele... Oh! tenho muitas faltas a reparar... (dingindo.se ao Espírito): Caro Espírito! nascendo para a vida, minha mãe deu-me vosso nome. Depois disto me lembro, essa pobre mãe me dizia todos os dias: "Oh! meu filho ora a Deus; pede ao teu anjo guardião; pede sobretudo ao seu padroeiro " Mais tarde, esqueci tudo... tudo!... A dúvida, a incredulidade me seguiram; em meu afastamento vos desconheci, desconheci a bondade de Deus... Hoje, caro Espírito, venho vos pedir o esquecimento do passado e o perdão no presente!... Ó São Luís vedes minha dor e meu arrependimento, esquecei e perdoai'" (Estas ultimas palavras foram ditas com um acento dilacerante de desespero)

Senhora C... "Não é preciso chorar, irmão... São Luís te perdoa e te abençoa... Os bons Espíritos não têm ressentimentos contra aqueles que se ocupam de seus erros. Ele te perdoa, eu te diqo!!... Oh! esse Espirito e bom!. Vês, ele nos sorri. (Levando a mão ao seu peito.) Oh! que faz mal sofrer assim!"

Sr. V... "Ele me fala... Escuta!... Coragem, diz-me, trabalhais irmãos. O ano que começa será fértil em grandes acontecimentos. Em torno de vos surgirão grandes gênios, poetas pintores literatos. A era das artes sucede à era da filosofia. Se a primei afez prodígios, a segunda fará milagres." (O Sr. V... se exprime com uma veemência extraordinária; está no supremo grau do êxtase.)

Senhora C... "Acalma-te, irmão; pões nisso muito entusiasmo e isto te faz mal; acalma-te."

Sr. V... (continuando): "Mas ali começa a missão de vossa sociedade, missão muito grande e muito bela para aqueles que a compreendem... Foco da Doutrina Espírita, ela deve defendê-la e propagar-lhe os princípios por todos os meios dos quais dispõe. De resto, seu presidente saberá o que é preciso fazer.

"Agora, irmã, ele se afasta; nos sorri ainda; diz-nos com a mão; até breve... Vamos, subamos, irmã; deves assistira um espetáculo esplêndido, a um espetáculo que o olhar da Terra jamais viu... jamais, jamais!... Sobe... sobe... eu o quero!... (Silêncio.) Que vês?... Olha este exército de Espíritos!... Os poetas estão ali e nos cercam... Oh! cantai também, cantai!... Vossos cantos são os cantos do céu, o hino da criação!... Cantai!... E seus murmúrios acariciam meus ouvidos... e seus acordes adormecem o meu espírito... Não ouves?..."

Senhora C... "Sim, ouço... Parecem dizer que com o ano espírita que começa, começa uma nova fase para o Espiritismo... fase brilhante, de triunfo e de alegria para os corações sinceros, de vergonha e de confusão para os orgulhosos e os hipócritas! Para estes, as decepções, o abandono, o esquecimento, a miséria; para os outros, a glorificação."

Sr. V... "Eles já o disseram, e isto se verifica." Senhora C... "Oh! que festa! que magnificência! que esplendor ofuscante! Meus olhares podem apenas sustentar-lhes o brilho. Que suave harmonia se faz ouvir e penetra a alma!... Vejo todos estes bons Espíritos que preparam o triunfo da Doutrina sob a condução dos Espíritos superiores e do grande Espírito de Verdade!... Como são resplandecentes, *e* quanto deve lhes custar descer de novo para habitar um globo como o nosso! Isto é doloroso, mas faz avançar." Sr. V... "Escuta!... escuta!... escuta, digo-te!" Sr. V... começa a improvisação seguinte em versos. Era a primeira vez que fazia a poesia medianímica verbalmente. Até este dia as comunicações deste gênero sempre foram dadas espontaneamente por escrito.

Era uma tarde de tormenta,
O mar rolava seus mortos,
Lançando-os à praia
De lúgubres acordes!...
Um menino, jovem ainda,
De pé sobre um rochedo,
Esperava que a aurora
O iluminasse para caminhar,
Para ir à praia
Para pedir de novo à sua irmã
Escapada do naufrágio,
Ou.... arrebatada ao seu coração.
Poderia, sobre a margem,
Vê-la, como outro rã,
Sorridente e ingênua,
Acorrer à sua volta?
Nessa noite horrível,
Sobre as ondas perdidas,
Essa mão invisível
Que os separou,
Os reunirá?
Essa foi uma vã esperança!
A aurora se fez bela,
Mas... nada lhe fez ver;
Nada...senão o triste destroço
De um navio destruído!
Nada... que a onda que lava
O que suja a noite.
A vaga, com mistério,
Aflorava deslizante,
Espumosa e ligeira,
O sorvedouro ameaçador
Que escondia sua vítima,
Sufocava seus soluços,
E queria de seu crime
Fazer desculpar as ondas
A brisa lamentosa!
A criança, cansada de procurar,
De corre r sobre a margem,
Não podia mais caminhar...
Sem fôlego, sem alento,
Coxeando;...contundida;...ferida;...

Se sustentava com dificuldade,
Estava repousando
Sobre a escaldante pedra
De um rochedo quase nu,
E fazia sua pré cê,
Quando passa um desconhecido.
Surpreso, ele a olha
Que orava com fé.
- Oh! meu filho, Deus te guarde,
Disse ele; levanta-te!...
Esse Deus que vê tuas lágrimas,
Me pôs em teu caminho
Para acalmar teus sustos,
E estender-te a mão!
Que nada te retenha;
Meu lar é o teu,
Minha família é a tua,
Tua infelicidade é a minha.
Vem; dize-me teu sofrimento;
Eu te abrirei meu coração,
E logo a esperança
Acalmará teu medo.

(Digirindo-se à Senhora C.) - 'Tu o vês, ele se detém!... mas deve ainda falar!... Sim, se aproxima!... os sons se tornam mais distintos... Eu ouço... ah!

Esta pobre criança... sou eu!
Esse desconhecido... (dirigindo-se ao Sr. Allan Kardec) és tu,
Caro e honrado mestre!
Tu que me fizeste conhecer
Duas palavras:.... Eternidade
E...Imortalidade!
Dois nomes: um Deus, o outro alma!
Um lar, o outro chama!
E vós, meus caros amigos,
Neste lugar reunidos,
Sois a família
Onde doravante tranqüilo,
Devo acabar meus dias!
Oh!... Amai-me sempre!...

"Ele foi... Casimir DelavigneL. Oh! caro Espírito... ainda!... Ele foi!... Vamos, não sou bastante forte para assistira este concerto divino... Sim, é muito belo... é muito belo!...

Senhora C... "ele falaria ainda se o tivesse querido, mas tua exaltação disto o impediu. Eis-te ferido, contundido, ofegante; Não podes mais falar.

O Sr. V... "Sim, eu o sinto; é ainda uma fraqueza (com um vivo sentimento de pesar), e devo te despertar!... muito cedo... Por que sempre ficar neste lugar? Porque descer sobre a Terra?... Vamos, uma vez que é preciso, irmã, é preciso obedecer sem murmurar... Desperta, eu o quero. (A senhora C...abre os olhos.) Para mim, tu podes me despertar agitando teu lenço. Eu sufoco! o ar!... o ar!..."

Estas palavras, e sobretudo os versos, foram ditos com um acento, uma efusão de sentimento e um calor de expressão dos quais somente as cenas mais dramáticas e mais patéticas podem dar uma idéia. A emoção da assembléia era geral, porque sentia-se que isso não era a declamação, mas a própria alma liberta da matéria que falava...

O Sr. V..., esgotado de fadiga, é obrigado a deixar a sala, e permanece por muito tempo abatido sob o domínio de uma madorna, de onde não sai senão pouco a pouco, por si mesmo, sem querer que ninguém o ajude a se aliviar.

Estes fatos vêm confirmar as previsões dos Espíritos no que se refere às novas formas que a mediunidade não tardaria a tomar. O estado de sonambulismo espontâneo, no qual se desenvolve ao mesmo tempo a mediunidade falante e vidente, com efeito, é uma faculdade nova, nesse sentido que ela parece dever se generalizar; é um modo particular de comunicação, e que tem a sua razão de ser neste momento mais do que antes.

De resto, este fenômeno é bem mais para servir de *complemento* à instrução dos Espíritas do que para a convicção dos incrédulos que não veriam nele senão uma comédia. Só os Espíritas esclarecidos podem não só compreendê-lo, mas descobrir-lhe as provas da sinceridade ou do malabarismo, como em todos os outros gêneros de mediunidade; só eles podem deles livrar o que é útil, deduzindo-lhe as conseqüências pelo progresso da ciência na qual os faz penetrar mais adiante. Também estes fenômenos não se produzem, geralmente, senão na intimidade, e daí, além de que os médiuns não teriam nenhum interesse em simular uma faculdade que não existisse, a fraude ali seria logo desmascarada.

As nuanças de observação são aqui tão delicadas e tão sutis, que requerem uma atenção firme. Neste estado de emancipação, a sensibilidade e a impressionabilidade são tão grandes que a faculdade não pode se desenvolver em todo seu brilho senão sob uma influência fluídica inteiramente simpática; *uma corrente contrária* basta para alterá-la, como o sopro que embaça a vidraça. A sensação penosa que disso o médium sente o faz dobrar-se sobre si mesmo, como a sensitiva à aproximação da mão. Sua atenção se dirige então na direção dessa corrente desagradável; penetra o pensamento que lhe é a fonte, o vê, o lê, e mais o sente antipático mais ele o paralisa. Que se julgue por aí do efeito que deve produzir um concurso de pensamentos hostis! também estas espécies de fenômenos não se prestam *de nenhum modo às* exibições públicas, onde a curiosidade é o sentimento que domina quando não o é o da malevolência. Eles requerem mais, da parte dos testemunhos, uma excessiva prudência, porque não é preciso perder de vista que, nesses momentos, a alma não se prende mais ao corpo senão por um laço frágil, e que um abalo pode, pelo menos, causar graves desordens na economia; uma curiosidade indiscreta pode ter as mais funestas conseqüências; é porque não se saberia agir com muita precaução.

Quando o Sr. V., disse em começando, que 'Ioda vontade, toda ação magnética é e deve permanecer estranha a esse fenômeno," faz compreender que somente a ação dos Espíritos dela é a causa, e que ninguém poderia provocá-la. A recomendação de não falar, nem a um nem ao outro, tinha por objetivo deixá-los inteiramente no êxtase. As perguntas teriam tido por efeito deter o vôo de seu Espírito, em traze-los de novo ao terra-a-terra, e desviando seu pensamento de seu objetivo principal. A exaltação da sensibilidade tornava igualmente necessária a recomendação de não tocá-los. O contato teria produzido uma comoção penosa e nociva ao desenvolvimento da faculdade.

Compreende-se, segundo isto, porque a maioria dos homens de ciência, chamados a constatar os fenômenos deste gênero, ficam frustrados; não é por causa de sua falta de f é, como o pretendem, que o efeito é recusado pelos Espíritos: são eles mesmos que, por suas disposições morais, produzem uma reação contrária; em lugar de se colocarem nas condições do fenômeno, querem colocar o fenômeno em suas próprias condições. Gostariam de aí encontrar a confirmação de suas teorias anti-espiritualistas, porque lá, somente, para eles, está a verdade, e ficam vexados, humilhados de receber um desmentido pelos fatos. Então nada obtendo, ou não obtendo senão coisas que contradizem a sua maneira de ver, antes que retornar sobre sua opinião prefere negar, ou dizer que não é senão ilusão. E como isso poderia ser de outro modo entre pessoas que não admitem a espiritualidade? O princípio espiritual é a *causa* do fenômeno de uma ordem particular; procurar-lhe a causa fora desse princípio é procurar a do raio fora da eletricidade. Não compreendendo as condições especiais do fenômeno, experimentam sobre o paciente como sobre um bocal de produtos químicos; torturam-no como se se tratasse de uma operação cirúrgica, com risco de comprometer sua vida ou sua saúde.

O êxtase, que é o mais alto grau de emancipação, exige tanto mais precauções que, neste estado, o Espírito embriagado pelo espetáculo sublime que tem sob os olhos, geralmente, não pede mais do que ficar onde está, e deixar inteiramente a Terra; freqüentemente mesmo, faz esforços para romper o último laço que o encadeia ao seu corpo, e se sua razão não for bastante forte para resistir à tentação, se deixaria de boa vontade ir. É então que é preciso lhe vir em ajuda por uma forte vontade e tirando-o desse estado. Compreende-se que não há aqui regra absoluta, e que é preciso se dirigir segundo as circunstâncias.

Um de nossos amigos nos oferece, a respeito, um interessante objeto de estudo.

Outrora tinha-se inutilmente procurado magnetizá-lo; há algum tempo ele cai espontaneamente no sono magnético, sob influência da causa mais leve; basta que ele escreva algumas linhas medianímicamente, e, às vezes uma simples conversação. Em seu sono, tem percepções de uma ordem muito elevada; fala com eloqüência e aprofunda com notável lógica as questões mais sérias. Ele vê perfeitamente os Espíritos, mas sua lucidez apresenta graus diferentes pelos quais passa alternativamente; o mais comum é o de um semi-êxtase. Em certos momentos, se exalta, e se experimenta uma viva emoção, o que é freqüente, grita com uma espécie de terror, e isto, freqüentemente, no meio da conversa mais interessante: *Despertai-me em seguida,* o que seria imprudente de não fazer. Felizmente, nos indicou meio de despertá-lo *instantaneamente,* e que consiste em lhe soprar fortemente sobre a fronte, os passes magnéticos não produzem senão um efeito muito lento ou nulo.

Eis a explicação que nos foi dada, sobre sua faculdade, por um de nossos guias, com a ajuda de um outro médium.

"O Espírito do Sr. T... está entravado, em seu vôo, pela prova material que escolheu. O instrumento que faz mover seu corpo, no estado atual em que está, não é bastante dócil para permitir-lhe assimilar os conhecimentos necessários, ou usar os que possui, *de motu próprio, e* no estado de vigília. Quando está dormindo, o corpo, deixando de ser um entrave, torna-se somente o *porta-voz* de seu próprio Espírito, ou daqueles com os quais está em relação. A fadiga material inerente às suas ocupações, a ignorância relativa na qual ele sofre esta encarnação, uma vez que não sabe, em fato de ciências, que aquilo que revelou a si mesmo, tudo isto desaparece para dar lugar a uma lucidez de pensamento, a uma extensão de raciocínio, e a uma eloqüência fora de linha, que são o fato do desenvolvimento anterior do Espírito. A freqüência desses êxtases tem simplesmente por objetivo habituar seu corpo a um estado que, durante um certo período, e por um objetivo ulterior especial, poderá de alguma sorte tornar-se normal. Quando ele pede para despertá-lo prontamente, isto prende-se ao desejo que tem de cumprira sua missão sem falhar. Sob o encanto dos quadros sublimes que se oferece a ele e do meio

em que se encontra, gostaria de libertar-se dos laços terrestres e permanecer de maneira definitiva entre os Espíritos. Sua razão e o seu dever, que o retêm neste mundo, combatem esse desejo; e de medo de se deixar dominar e de sucumbir à tentação, ele vos grita para despertá-lo."

Estes fenômenos de sonambulismo medianímico espontâneo devendo se multiplicar, as instruções que precedem têm por objetivo guiar os grupos onde poderão se produzir, na observação dos fatos, e fazê-los compreender a necessidade de usar da mais extrema prudência em semelhante caso. Do que é preciso se abster, de maneira absoluta, é fazer dele um objeto de experimentação e de curiosidade. Os Espíritas poderão deles retirar grandes ensinamentos próprios para esclarecer e fortalecer a sua fé, mas, nós o repetimos, seriam sem proveito para os incrédulos. Os fenômenos destinados a convencer estes últimos, e podendo se produzir de dia, são de uma outra ordem, e entre eles alguns terão lugar, e já se produzem, em aparência pelo menos, *fora do Espiritismo; a* palavra Espiritismo os assusta; este nome não sendo pronunciado, será para eles uma razão a mais para deles se ocupar; os Espíritos são, pois, sábios em mudar às vezes a etiqueta.

Quanto à utilidade especial desta mediunidade, ela está na prova, de alguma forma palpável, que fornece da independência do Espírito pelo seu isolamento da matéria. Como dissemos, as manifestações deste gênero esclarecem e fortalecem a fé; eles nos colocam em contato mais direto com a vida espiritual. Qual é o Espírita morno ou incerto que permaneceria indiferente em presença de fatos que lhe fazem, por assim dizer, tocar a vida futura com o dedo? Qual é aquele que poderia duvidar ainda da presença e da intervenção dos Espíritos? Qual é o coração bastante endurecido para não se emocionar ao aspecto do futuro que se abre diante dele, e que Deus, em sua bondade, lhe permite entrever.

Mas estas manifestações têm uma outra utilidade mais prática, mais atual, porque, mais do que as outras, serão de natureza a revelar a coragem nos momentos duros que temos de atravessar. É no momento da tormenta que se estará feliz de sentir junto de si os protetores invisíveis; é então que se conhece o preço desses conhecimentos que nos elevam acima da Humanidade e das misérias da Terra, que acalmam nossos lamentos e nossas apreensões, e só nos fazem ver o que é grande, imperecível e digno de nossas aspirações. É um socorro que Deus envia em tempo oportuno aos seus fiéis servidores, e está ainda aí um sinal de que os tempos marcados estão chegados. Saibamos aproveitá-lo para o nosso adiantamento. Agradeçamos a Deus ter permitido que fôssemos esclarecidos a tempo, e lamentemos os incrédulos de se privarem eles mesmos desta imensa e suprema consolação, porque a luz foi difundida para todos. Pela voz dos Espíritos, que falam por toda a Terra, ele faz um último apelo aos endurecidos; imploremos a sua indulgência e a sua misericórdia para os cegos.

O êxtase é, como o dissemos, um estado superior de desligamento do qual o estado sonambúlico é um dos primeiros degraus, mas que não implica, de nenhuma forma, a superioridade do Espírito. O desligamento mais completo, seguramente, é o que segue à morte. Ora, nesse momento vemos o Espírito conservar as suas imperfeições, seus preconceitos, cometer erros, iludir-se, manifestar os mesmos pendores. É que as boas e as más qualidades são inerentes ao Espírito e não dependem de causas exteriores. As causas exteriores podem paralisar as faculdades do Espírito, que as recobra no estado de liberdade, mas são impotentes para lhe dar as que não tem. O sabor de um fruto está nele; o que quer que se lhe faça, em qualquer lugar que se o coloque, se for insípido por natureza, não se o tornará mais saboroso. Assim é com o Espírito. Se o desprendimento completo, depois da morte, dele não faz um ser perfeito, com menos forte razão poderia se tornar num desprendimento parcial.

O desprendimento extático é um estado fisiológico, indício evidente de um certo grau de adiantamento do Espírito, mas não de uma superioridade absoluta. As imperfeições

morais, que são devidas à influência da matéria, desaparecem com esta influência, é porque se nota, em geral, nos sonâmbulos e nos extáticos, idéias mais elevadas do que no estado de vigília; mas as que se prendem à própria qualidade do Espírito continuam a se manifestar, algumas vezes mesmo com menos moderação do que no estado normal; o Espírito, livre de todo o constrangimento, às vezes, deixa livre curso aos sentimentos que procura dissimular, como homem, aos olhos do mundo.

Se todas as tendências más, as mais persistentes e aquelas que se reconhece menos em si mesmo, são os vícios radicais da Humanidade: o orgulho e o egoísmo que geram os ciúmes, as mesquinhas suscetibilidades do amor-próprio, a exaltação da personalidade que se revelam, freqüentemente, no estado de sonambulismo. Não é o desprendimento que as faz nascer, ele não faz senão pô-las a descoberto; de latentes tornam-se sensíveis em conseqüência da liberdade do Espírito.

Não é preciso, pois, esperar encontrar nenhuma espécie de infalibilidade, nem moral, nem intelectual, nos sonâmbulos e nos extáticos; a faculdade da qual gozam pode ser alterada pelas imperfeições do seu Espírito. Suas palavras podem ser o reflexo de seus pensamentos e de seus sentimentos; além disto, podem sofrer os efeitos da obsessão, tão bem quanto no estado comum, e ser da parte dos Espíritos levianos ou mal intencionados o joguete das mais estranhas ilusões, assim como o demonstra a experiência.

Seria, pois, um erro crer que as visões a as revelações do êxtase não podem ser senão a expressão da verdade; como todas as outras manifestações, é preciso submetê-las ao cadinho do bom senso e da razão, fazer a parte do bom e do mau, do que é racional e do que é ilógico. Se essas espécies de manifestações se multiplicam, é bem menos em vista de nos dar revelações extraordinárias, do que para nos fornecer um novo objeto de estudo e observação sobre as propriedades da alma, e nos dar uma nova prova de sua existência e de sua independência da matéria.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPAGAÇÃO DA MEDIUNIDADE CURADORA.

(Vero artigo do mês precedente sobre o zuavo curador.)

Primeiramente, devemos fazer algumas retificações ao nosso relatório das curas do Sr. Jacob. Temos deste último, dele mesmo, que a jovem que curou, chegando a Ferté-sous-Jouarre, não o foi na praça pública; se bem que lá a viu, mas a cura ocorreu na casa dos pais onde fê-la entrar. Isto não muda nada no resultado; mas essa circunstância dá à ação um caráter menos excêntrico.

De seu lado, o Sr. Boivinet nos escreve: "A respeito da proporção dos doentes curados, quisdizerquesobre4.000umquarto não sentiu resultados, e que no resto, ou seja 3.000, um quarto foi curado e os três quartos aliviados. Numa outra passagem do artigo, poder-se-ia crer que afirmei a cura de membros anquilosados; quis dizer que o Sr. Jacob tinha endireitado membros retesados, rígidos como se estivessem anquilosados, mas não mais; o que não quer dizer que não houve anquilosados curados, somente o ignoro. Quanto aos membros retesados por dores paralisando em parte a faculdade do movimento, constatei, em último lugar, três casos de cura instantânea; no dia seguinte um dos doentes estava absolutamente curado; o outro tinha a liberdade do movimento com um resto de dor com a qual, dizia-me, se acomodaria de boa vontade para sempre. Não revi o terceiro doente."

Foi muito da admirar que o diabo não tenha vindo se misturar neste assunto. Uma outra pessoa nos escreve de uma das localidades onde o ruído das curas do Sr. Jacob se divulgou: "Aqui grande emoção na comuna e no presbítero. A criada do Sr. cura, tendo encontrado duas vezes o Sr. Jacob, na rua única do lugar, convencida de que era o diabo,

e que a perseguia. A pobre mulher se refugiou numa casa onde quase teve um ataque de nervos. É verdade que a roupa vermelha do zuavo pôde lhe fazer crer que ele saía do inferno. Parece que se prepara aqui uma cruzada contra o diabo para desviar os doentes que se fazem curar por ele."

Quem pôde meter na idéia desta mulher que o Sr. Jacob era o diabo em pessoa, e que as curas são uma astúcia de sua parte? Não se disse, aos pobres de uma certa cidade, que não deveriam receber o pão e as esmolas dos Espíritas, porque era uma sedução de Satã? e, em outra parte, que valia mais ser ateu do que retornar a Deus pela influência do Espiritismo, porque estava ainda ali uma astúcia do demônio? Em todos os casos, atribuindo tantas coisas boas ao diabo, faz-se tudo o que é preciso para reabilitá-lo na opinião. O que é mais estranho, é que seja de semelhantes idéias que se nutre ainda as populações há algumas léguas de Paris. Também que reação quando a luz se faz nesses cérebros fanatizados! É preciso convir que há pessoas bem inábeis!

Retornemos ao nosso assunto: as considerações gerais sobre a medi unidade curadora.

Dissemos, e não saberíamos repeti-lo, que há uma diferença radical entre os médiuns curadores e os que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Estes não diferem em nada dos médiuns escreventes comuns, senão pela especialidade das comunicações. Os primeiros curam só pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, algumas vezes instantaneamente, sem o emprego de nenhum remédio. A força curativa está inteira no fluido depurado ao qual servem de condutores. A teoria deste fenômeno foi suficientemente explicada para provar que ele entra na ordem das leis naturais, e que nada tem de miraculoso. É o produto de uma aptidão especial tão independente da vontade quanto todas as outras faculdades medianímicas; não se faz médium curador, como se faz médico. A aptidão de curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade não ocorre senão com o concurso dos Espíritos; de onde se segue que, se os Espíritos não querem, ou *não querem mais* se servir dele, é como um instrumento sem músico, e nada obtém; ele pode, pois, perder instantaneamente sua faculdade, o que exclui a possibilidades de fazer dela uma profissão.

Um outro ponto a considerar é que esta faculdade, estando fundada sobre leis naturais, tem limites traçados por essas mesmas leis. Compreende-se que a ação fluídica possa restituir *a* sensibilidade a um órgão existente, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque então o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente que não pode remediar na ausência ou na destruição de um órgão, o que seria um verdadeiro milagre. Assim, a visão poderá ser restituída a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não àquele que tiveram os olhos furados. Há, pois, doenças essencialmente incuráveis, e seria uma ilusão acreditar que a mediunidade curadora vai livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades. É preciso, além disto, levar em conta a variedade das nuanças que esta faculdade apresenta, que está longe de ser uniforme em todos aqueles que a possuem. Ela se apresenta sob aspectos muito diferentes. Em razão do grau de desenvolvimento da força, a ação mais ou menos rápida, extensa ou circunscrita. Tal médium triunfa de certas enfermidades, sobre certas pessoas e em circunstâncias dadas, que fracassa completamente nos casos em aparência idênticos. Parece mesmo que, em alguns, a faculdade curadora se estende aos animais.

Opera-se, neste fenômeno, uma verdadeira reação química análoga à que produzem os medicamentos. O fluido, agindo como agente terapêutico, sua ação varia segundo as propriedades que recebe do fluido pessoal do médium; ora, em conseqüência do temperamento e da constituição deste último, esse fluido está impregnando de elementos diversos que lhe dão propriedades especiais; ele pode ser, para nos servir de comparações materiais, mais ou menos carregado de eletricidade animal, de princípios ácidos ou alcalinos, ferruginosos, sulfurosos, dissolventes, adstringentes, cáusticos, etc.;

disto resulta uma ação diferente segundo a natureza da desordem orgânica; esta ação pode, pois, ser enérgica, muito poderosa em certos casos, e nula em outros. Assim é que os médiuns curadores podem ter especialidades; tal curará as dores ou endireitará um membro, que não restituirá a visão a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode fazer conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas pode-se dizer, em princípio, que não há médiuns curadores universais, pela razão de que não há homens perfeitos sobre a Terra, e cuja força seja ilimitada.

A ação é toda diferente na obsessão, e a faculdade de curar não implica a de livrar os obsidiados. O fluido curador, de alguma sorte, age materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que, na obsessão, é preciso agir moralmente sobre o Espírito obsessor; é preciso ter autoridade sobre ele, para lhe fazer abandonar a presa. São, pois, duas aptidões distintas que não se encontram sempre na mesma pessoa. O concurso do fluido curador se torna necessário quando, o que é bastante freqüente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. Pode, pois, nisto ter médiuns curadores impotentes para a obsessão, e reciprocamente.

A mediunidade curadora não vem suplantar a medicina e os médicos; ela vem simplesmente provar, a estes últimos, que há coisas que eles não sabem e os convida a estudá-las; que a Natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual que desprezam não é uma quimera, e que, quando dele tiverem conta, abrirão novos horizontes à ciência e triunfarão mais freqüentemente do que não o fazem. Se esta faculdade não fosse o privilégio senão de um indivíduo, passaria desapercebida; seria considerada como uma exceção, um efeito do acaso, esta suprema explicação que não explica nada, e a má vontade poderia facilmente abafar a verdade. Mas, quando se verá os fatos se multiplicarem, se será bem forçado a reconhecer que não podem se produzir senão em virtude de uma lei; que se homens ignorantes triunfam ali onde os sábios fracassam, é que os sábios não sabem tudo. Isto não prejudica em nada a ciência, que será sempre a alavanca e a resultante do progresso intelectual; só o amor-próprio daqueles que as circunscrevem nos limites de seu saber e da materialidade podem com isto sofrer.

De todas as faculdades medianímicas, a mediunidade curadora vulgarizada é a que está chamada a produzir as maiores sensações, porque por toda a parte há doentes e em grande número, e que não é a curiosidade que os atrai, mas a necessidade imperiosa de alívio; mais que nenhuma outra ela triunfará da incredulidade tão bem quanto do fanatismo, que vê por toda a parte a intervenção do diabo. A multiplicidade dos fatos conduzirá, forçosamente, ao estudo da causa *natural,* e daí à destruição das idéias supersticiosas, de feitiço, de poder oculto, de amuletos, etc. Se se considera o efeito produzido nos arredores do campo de Châlons, por um único indivíduo, a multidão de pessoas sofredoras vindas de dez léguas ao redor, pode-se julgar do que isto seria se dez, vinte, cem indivíduos se produzissem nas mesmas condições, seja na França, seja nos países estrangeiros. Se dizeis a esses doentes que são o joguete de uma ilusão, eles vos responderão, mostrando sua perna endireitada, que são vítimas de charlatães? Eles dirão que nada pagaram, e que não se lhes vendeu nenhuma droga; que se abusou de sua confiança? Eles dirão que não se lhes prometeu nada.

É também a faculdade que mais escapa à acusação de malabarismo e de fraude; ela desafia a zombaria, porque não há nada de risível num doente curado que a ciência havia abandonado. O charlatanismo pode simular, mais ou menos grosseiramente, a maioria dos efeitos medianímicos, e a incredulidade aí procura sempre astúcias; mas onde se encontrarão as astúcias da mediunidade curadora? Podem-se dar torneios de agilidade para efeitos medianímicos, e os efeitos mais reais podem, aos olhos de certas pessoas, passar por torneios de agilidade, mas daria aquele que tomasse indevidamente a qualidade de médium curador? De duas coisas uma: ele cura ou não cura. Não há simulacro que possa substituir uma cura.

A mediunidade curadora escapa, além disso, completamente à lei sobre o exercício ilegal da medicina, uma vez que não prescreve nenhum tratamento. De que penalidade poder-se-ia atingir aquele que cura só por sua influência, secundada pela prece, que, além disto, não pede nada por preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. É, segundo vós, tolice, seja; mas se a cura é ao fim desta tolice, que direis? Uma tolice que cura vale bem os remédios que não curam. Pôde-se interditar o Sr. Jacob de receber os doentes no campo e de ir em suas casas, e ele submeteu-se dizendo que não retomaria o exercício de sua faculdade senão quando a interdição fosse levantada oficialmente, porque, sendo militar, quis se mostrar observador escrupuloso da disciplina, por dura que fosse. Nisto, agiu sabiamente porque provou que o Espiritismo não conduz à insubordinação; mas está aqui um caso excepcional. Desde que esta faculdade não é o privilégio de um indivíduo, porque meio poder-se-ia impedi-la de se propagar? Se ela se propaga, é preciso, bom grado ou malgrado, aceitá-la com todas as suas conseqüências.

A mediunidade curadora, prendendo-se a uma disposição orgânica, muitas pessoas dela possuem, ao menos o germe que fica em estado latente, por falta de exercício e de desenvolvimento. É uma faculdade que muitos ambicionam com razão, e se todos aqueles que desejam possuí-la a pedem com fervor e perseverança pela prece, e num objetivo exclusivamente humanitário, é provável que, desse concurso, saiam mais de um verdadeiro médium curador.

Não é preciso se admirar de ver pessoas que, à primeira vista, dela não parecem dignas, favorecidas com esse dom precioso. É que a assistência dos bons Espíritos é proporcionada a todo o mundo para abrir a todos o caminho do bem; mas cessa se não se sabe dela tornar digno em se melhorando. Ocorre aqui como nos dons da fortuna, que nem sempre vem ao mais merecedor; é então uma prova pelo uso que dela se faz: felizes aqueles que dela saem vitoriosos.

Pela natureza de seus efeitos, a mediunidade curadora exige imperiosamente o concurso dos Espíritos *depurados* que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores, ao passo que há efeitos medianímicos para a produção dos quais a elevação dos Espíritos não é uma condição necessária, e que, por esta razão, se obtém em quase toda circunstância. Certos Espíritos mesmo, menos escrupulosos que outros sobre as condições, preferem os médiuns com os quais simpatizam; mas pela obra se reconhece o obreiro.

Há, pois, para o médium curador, necessidade absoluta de se conciliar o concurso dos Espíritos superiores, se quiser conservar e ver se desenvolver sua faculdade, senão, em lugar de crescer, ela declina, e desaparece pelo afastamento dos bons Espíritos. A primeira condição para isto é trabalhar pela sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutares que está encarregado de transmitir. Esta condição não poderia ser preenchida sem o desinteresse material e moral mais completo. O primeiro é o mais fácil, o segundo é o mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são os sentimentos mais difíceis de extirpar, e várias causas contribuem a superexcitá-los nos médiuns. Desde que um deles se revele com faculdades um pouco transcendentes, -falamos aqui dos médiuns em geral, escreventes, videntes, e outros, - ele é procurado, adulado e mais de um sucumbe a essa tentação da vaidade. Logo, esquecendo que sem os Espíritos ele não seria nada, considera-se como indispensável, e o único intérprete da verdade; denigre os outros médiuns e se crê acima dos conselhos. Um médium que é assim está perdido, porque os Espíritos se encarregam de provar-lhe que podem passar sem ele, fazendo surgir outros médiuns melhor assistidos. Comparando a série de comunicações de um mesmo médium, pode-se facilmente julgar se cresceu ou se degenerou. Quantos, ai! deles mesmos, em todos os gêneros, temos visto cair tristemente e deploravelmente sobre o terreno escorregadio do orgulho e da vaidade! Pode-se, pois, esperar ver surgir uma

multidão de médiuns curadores; entre eles vários restarão frutos secos, e se eclipsarão depois deter lançado um brilho passageiro, ao passo que outros continuarão a se elevar.

Eis já um exemplo que nos assinalou um de nossos correspondentes, há mais ou menos seis meses. Num departamento do sul, um médium que tinha se revelado como curador tinha realizado várias curas notáveis, e se fundava sobre ele grandes esperanças. Sua faculdade apresentava particularidades que deram, a um grupo, a idéia de fazer um estudo a esse respeito. Eis a resposta que se obteve dos Espíritos e que nos foi transmitida na época; ela pode servir à instrução de todos.

"X... possui realmente a faculdade de médium curador notavelmente desenvolvida; infelizmente, como muitos outros, dela se exagera a importância. É um excelente moço, cheio de boas intenções, mas que um orgulho desmedido e uma visão extremamente curta sobre os homens e sobre as coisas farão periclitar prontamente. Sua potência fluídica, que é considerável, bem utilizada e ajudada com a influência moral, poderia produzir excelentes resultados. Sabeis por que muitos de seus doentes não sentem senão um bem-estar momentâneo, que desaparece quando ele não está mais lá? é que age unicamente pela sua presença, mas não deixa nada ao espírito para triunfar dos sofrimentos do corpo.

Quando parte, nada fica dele, nem mesmo o pensamento que segue o doente no qual não pensa mais, ao passo que a ação mental poderia, em sua ausência, continuar a ação direta. Ele crê em sua força fluídica, que é real, mas cuja ação não é persistente, porque não está corroborada pela influência moral. Quando ele triunfa, fica mais satisfeito por ser notado do que por ter curado; e, no entanto, está sinceramente desinteressado, porque coraria ao receber a menor remuneração; embora não seja rico, jamais pensou em fazer dela um recurso; o que ele deseja é fazer falar dele. Falta-lhe também a afabilidade do coração, que atrai. Os que vêm a ele são melindrados em suas maneiras que não fazem nascer a simpatia, e disto resulta uma falta de harmonia que prejudica a assimilação dos fluidos. Longe de acalmar e apaziguar as más paixões, as excita, crendo fazer o que é preciso para destruí-las, e isto por falta de julgamento. É um instrumento desafinado; algumas vezes, dá sons harmoniosos e bons, mas o conjunto não pode ser, senão mau, ao menos improdutivo. Não é tão útil à causa quanto o poderia; freqüentemente, a prejudica mesmo, porque, por seu caráter, dela faz apreciar muito mal os resultados. É um daqueles que pregam com violência uma doutrina de doçura e de paz.

Pergunta. Assim pensais que ele perderá seu poder curador?

Resposta. Disso estou persuadido, ou bem seria preciso, então, que fizesse um retorno sério sobre si mesmo, o que, infelizmente, não o creio capaz. Os conselhos seriam supérfluos, porque se persuade em saber mais que todo o mundo; teria talvez o ar de escutá-los, mas não os seguiria. Perde, assim, duplamente o benefício de uma excelente faculdade."

O fato justificou a previsão. Soubemos depois que esse médium, depois de uma série de fracassos, dos quais seu amor-próprio teve a sofrer, tinha renunciado a novas tentativas de curas.

O poder de curar é independente da vontade do médium; está aí um fato adquirido pela experiência; o que depende dele são as qualidades que podem tornar esse poder frutífero e *durável.* Estas qualidades são, sobretudo, o devotamento, a abnegação e a humildade; o egoísmo, o orgulho e a cupidez são os pontos de parada, contra os quais se quebra a mais bela faculdade.

O verdadeiro médium curador, aquele que compreende a santidade de sua missão, é movido pelo único desejo do bem; não vê no dom que possui senão um meio de se tornar útil aos seus semelhantes, e não um degrau para se elevar acima dos outros e se colocar em evidência. Ele é humilde de coração, quer dizer, que nele a humildade e a modéstia são sinceras, reais, sem dissimulação, e não em palavras que desmentem

freqüentemente os atos. A humildade, algumas vezes, é um manto sob o qual se abriga o orgulho, mas que não saberia enganar ninguém. Ele não procura nem o brilho, nem o renome, nem o barulho de seu nome, nem a satisfação de sua vaidade; não há, em suas maneiras, nem jactância nem fanfarrice; não faz exibição das curas que obtém, ao passo que o orgulhoso as enumera com complacência, freqüentemente as amplifica, e acaba por se persuadir de que fez tudo o que ele diz.

Feliz do bem que faz, não o é menos com o que outros podem fazer; não se crendo nem o primeiro, nem o único capaz, não inveja e nem denigre nenhum médium. Aqueles que possuem a mesma faculdade são para ele irmãos que concorrem ao mesmo objetivo; ele se diz que quanto mais deles tiver, maior será o bem.

Sua confiança em suas próprias forças não vai até a presunção de se crer infalível e ainda menos universal; sabe que outros podem tanto e mais que ele; sua fé é em Deus mais do que em si mesmo, porque sabe que pode tudo por ele e nada sem ele. É porque não promete nada senão sob a reserva da permissão de Deus.

À influência material, junta a influência moral, auxiliar poderoso que dobra a sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. É já uma parte da cura, porque é uma consolação que dispõe a receber o eflúvio benfazejo, ou, dizendo melhor, o próprio pensamento benevolente é um eflúvio salutar. Sem a influência moral, o médium não tem por ele senão a ação fluídica, material e de alguma sorte brutal, insuficiente em muitos casos.

Enfim, para aquele que possui as qualidades do. coração, o doente é atraído por uma simpatia que predispõe à assimilação dos fluidos, ao passo que o orgulho, a falta de benevolência machucam e fazem sentir um sentimento de repulsa que paralisa essa assimilação.

Tal é o médium curador amado pelos bons Espíritos. Tal é também a medida que pode servir para julgar o valor intrínseco daqueles que se revelarão, e a extensão dos serviços que poderão prestar à causa do Espiritismo. Não é dizer que não se encontrem deles senão nestas condições, e que aquele que não reunisse todas estas qualidades não pudesse prestar momentaneamente serviços parciais que se estaria errado em repelir; o mal é para ele, porque quanto mais se afasta do tipo, menos pode esperar ver sua faculdade se desenvolver e mais está perto de seu declínio; os bons Espíritos não se ligam senão àqueles que se mostram dignos de sua proteção, e a queda do orgulhoso, cedo ou tarde é a sua punição. O desinteresse é incompleto sem o desinteresse moral.

SUBSCRIÇÃO PARA OS INUNDADOS.

A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de reabertura, em 5 de outubro, abriu uma subscrição em favor dos inundados. Uma primeira contribuição de 300 fr.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

9º ANO **NO. 12** **DEZEMBRO 1866**

O LAVRADOR THOMAS MARTIN E LOUIS XVIII

As revelações feitas a Louis XVIII, por um lavrador da Beauce, pouco tempo depois da segunda reentrada dos Bourbons, tiveram no tempo uma muito grande ressonância, e ainda hoje a sua lembrança não está apagada; mas poucas pessoas conhecem os detalhes desse incidente do qual só o Espiritismo agora pode dar a chave como de todos os fatos deste gênero. É um assunto de estudo tanto mais interessante quanto os fatos, quase contemporâneos, são de uma perfeita autenticidade, tendo em vista que são constatados por documentos oficiais. Iremos deles dar um resumo sucinto, mas suficiente para fazê-los apreciar.

Thomas-Ignace Martin era um pequeno lavrador do burgo de Gallardon, situado a quatro léguas de Chartres. Nascido em 1783, tinha, conseqüentemente, trinta e três anos quando tiveram lugar os acontecimentos que vamos narrar. Ele morreu a 8 de maio de 1834. Era casado, pai de 4 filhos de pouca idade, e gozando em sua comuna da reputação de um perfeito homem honesto. Os relatórios oficiais o pintam como um homem de bom senso, embora de uma grande ingenuidade em conseqüência de sua ignorância das coisas mais vulgares; de um caráter brando e pacífico, e não se misturando em nenhuma intriga; de uma retidão perfeita em todas as coisas e de um completo desinteresse, assim que dele deu provas numerosas, o que exclui toda idéia de ambição de sua parte. Também, quando retomou à sua aldeia, depois de sua visita ao rei, retomou as suas ocupações habituais como se nada tivesse se passado, evitando mesmo f alar daquilo que lhe tinha ocorrido. Na sua partida de Paris, o diretor da casa de Charenton teve todas as dificuldades do mundo para fazê-lo aceitar 25 francos para as suas despesas de viagem. No ano seguinte, sua mulher estando grávida de um quinto filho, uma pessoa distinguida por sua posição, e que conhecia a mediocridade de sua fortuna, lhe fez propor, por um terceiro, 150 francos para subvencionar as necessidades desta circunstância. Martin recusou, dizendo: "Não pode ser senão por causadas coisas que me acontecem que se me oferece dinheiro, porque, sem isto, não se falaria de mim; não se me conheceria mesmo. Mas como a *coisa não vem de mim, não devo nada receber por isto.* Assim, agradecei muito essa pessoa, porque, embora não seja rico, não quero nada receber." Em outras circunstâncias ele recusou somas mais consideráveis, que teriam podido colocá-lo à vontade.

Martim era simples, mas nem crédulo, nem supersticioso praticava seus deveres religiosos exatamente, mas sem exagero nem ostentação, e muito justo no limite do estritamente necessário, visitando seu cura pelo menos uma vez por ano. Não havia, conseqüentemente, nele, nem beatice, nem superexcitação religiosa. Nada em seus hábitos, nem em seu caráter, era de natureza a exaltar-lhe a imaginação. Tinha visto com prazer o retorno dos Bourbons, mas sem se ocupar de política de nenhum modo, e sem se misturar em algum partido. Inteiramente no trabalho dos campos, desde a sua infância, não lia nem livros, nem jornais.

Compreende-se facilmente a importância destas informações sobre o caráter de Martin no caso do qual se trata. Desde o instante que um homem não é movido nem pelo interesse, nem pela ambição, nem pelo fanatismo, nem pela credulidade supersticiosa,

adquire títulos sérios à confiança. Ora, eis sumariamente como se passaram os acontecimentos que lhe ocorreram.

Em 15 de janeiro de 1816, pelas duas horas e meia depois do meio dia, ele estava somente ocupado em espalhar estéreo num campo, a três quartos de légua de Gallardon, num cantão muito deserto, quando, de repente, se apresenta a ele um homem em torno de cinco pés e uma ou duas polegadas, delgado, rosto magro, delicado e muito branco, vestido de uma sobrecasaca ou sobretudo de cor bronze, totalmente fechada e pendente até os pés, tendo os sapatos amarrados com cordões e na cabeça um chapéu redondo de forma alta. Este homem disse a Martin:

"É preciso que vades encontrar o rei, e dizer-lhe que a sua pessoa está em perigo, assim como a dos príncipes, que pessoas más tentam ainda derrubar o governo; que vários escritos ou cartas já circularam em algumas províncias de seus Estados a esse respeito; que é preciso que ele faça uma polícia exata e geral em todos os seus Estados, e sobretudo na capital; que é preciso também que ele restabeleça o dia do Senhor, a fim de que se o santifique; que esse santo dia é desconhecido por uma grande parte de seu povo; e é preciso que ele faça cessar os trabalhos públicos nesse dia; que faça ordenar preces públicas para a conversão do povo; que ele excite à penitência: que sejam abolidas e aniquiladas todas as desordens que se cometem nos dias que precedem a santa quarentena: senão todas estas coisas, a França tombará em novas infelicidades."

Martin, um pouco surpreso de uma aparição tão súbita, respondeu-lhe: "mas podeis bem ir encontrar outros do que eu para fazer uma comissão como esta. Eis que, com mãos como estas (marcadas de estéreo) irei falar ao rei!

-Não, replicou o desconhecido, vós é que ireis. - Mas, retomou Martin, uma vez que sois tão instruído, podeis bem ir encontrar o rei vós mesmo e lhe dizer tudo isso; porque vos dirigis a um pobre homem como eu, que não sabe se explicar? - Não serei eu que irei, disse-lhe o desconhecido, será vós; prestai atenção naquilo que vos disse, e fareis tudo o que vos mando.

Depois destas palavras, Martin o viu desaparecer quase desta maneira: seus pés pareciam se elevar da terra, sua cabeça se abaixar e seu corpo diminuir, acabando por se desvanecer à altura do cinto, como se tivesse fundido no ar. Martin mais assustado por esta maneira de desaparecer, do que da aparição súbita, quis sair dali, mas não o pôde; permaneceu apesar de si, tendo retornado à obra, a sua tarefa, que deveria durar duas horas e meia, não durou senão uma hora e mela, o que redobrou a sua admiração.

Achar-se-ão, talvez, pueris certas recomendações que Martin devia fazer ao rei, sobretudo no tocante à observação do domingo, com respeito ao meio, em aparência sobrenatural, empregado para lha transmitir, e às dificuldades que tal diligência deveria encontrar. Mas é provável que não estava ali senão uma espécie de passaporte para chegar a ele, porque o objeto principal da revelação, que era de um bem da mais alta seriedade, não deveria ser conhecido, como se verá mais tarde, senão no momento da entrevista. O essencial era que Martin pudesse chegar até o rei, e, para isto, a intervenção de alguns membros do alto clero era necessária; ora, sabe-se a importância que o clero liga à observação do domingo; como o soberano não acederia quando a voz do céu ia se fazer ouvir por um milagre? Convinha, pois, favorecer Martin em lugar de desencorajá-lo. No entanto, foi preciso que as coisas caminhassem sozinhas.

Martin apressou-se de contar ao seu irmão o que lhe tinha ocorrido, e ambos foram disto dar parte ao cura da paróquia, Sr. Laperruque, que se esforçou por dissuadir Martin e colocar a coisa na conta de sua imaginação.

No dia 18, às seis horas da tarde, Martin, tendo descido à adega para procurar maçãs, o mesmo indivíduo lhe apareceu de pé, ao lado dele, enquanto estava de joelhos, ocupado em apanhá-las; espantado, deixa lá sua vela e foge. No dia 18, nova aparição à entrada de uma oficina de apisoar (lagar), e Martin se salva do mesmo modo.

No domingo, 21 de janeiro, Martin entrou na igreja à hora das vésperas; como pegava água benta, percebeu o desconhecido que a pegava também e que o seguia até a entrada de seu banco; durante toda a duração do ofício ficou muito recolhido, e Martin notou que não tinha chapéu nem na cabeça nem nas mãos. Ao sair da igreja, segui-o até a sua casa, caminhando ao seu lado, o chapéu na cabeça. Chegados sob a porta carreteira, encontrou-se, de repente, diante dele, face a face, e lhe disse: "Desempenhai a vossa incumbência, e fazei o que vos digo; não estareis tranqüilo enquanto a vossa incumbência não for feita." Apenas pronunciou estas palavras, e desapareceu, sem que nem nesta vez, nem nas aparições seguintes, Martin o tenha visto desvanecer-se gradualmente, como na primeira vez. No dia24de janeiro, nova aparição no celeiro, seguida destas palavras: "Faça o que te mando, é tempo."

Notemos esses dois modos de desaparecimento: o primeiro, que não poderia ser o fato de um ser corpóreo em carne e osso, sem dúvida, tinha por objetivo provar que era um ser fluídico, estranho à humanidade material, circunstância que deveria ser revelada 50 anos mais tarde e explicada pelo Espiritismo, do qual ela confirma as doutrinas, ao mesmo tempo que deveria fornecer um objeto de estudo.

Sabe-se que, nestes últimos tempos, a incredulidade procurou explicar as aparições por efeitos de ótica, e que, quando apareceram alguns fenômenos artificias deste gênero, produzidos por uma combinação de vidros e de luzes, foi um grito geral na imprensa para dizer: "Eis, enfim, o segredo de todas as aparições descoberto! Foi com ajuda de semelhantes meios que esta crença absurda se difundiu em todos os tempos e que pessoas crédulas foram vítimas de subterfúgios!"

Refutamos, como deveria sê-lo, *(Revista,* julho de 1863, página 204) essa estranha explicação, igualmente digna do famoso músculo estalante, do doutor Jobert de Lamballe, que acusava todos os Espíritas de loucos, e que, ele mesmo, ai! definhou por vários anos numa casa de alienados; mas nos perguntaremos, no caso que aqui se trata, por quem e como os aparelhos dessa natureza, necessariamente complicados e volumosos, teriam podido ser manobrados num campo isolado de qualquer habitação e onde Martin se achava absolutamente só, sem que fosse percebido de nada? Como esses mesmos aparelhos, que funcionam na obscuridade com ajuda de luzes artificiais, teriam podido produzir uma imagem em pleno sol? Como poderiam ser transportados instantaneamente na adega, no celeiro, lugares geralmente com poucas máquinas, numa igreja, e da igreja seguir Martin até a sua casa, sem que ninguém tivesse nada notado? Esses efeitos de imagens artificiais são vistos portodos os espectadores; como se daria que na igreja, e ao sair da igreja, só Martin haja visto o indivíduo? Dir-se-á que ele nada viu, mas que, de boa fé, foi o joguete de uma alucinação? Esta explicação é desmentida pelo fato material das revelações feitas ao rei, e que, como se verá, não podiam ser conhecidas antecipadamente por Martin. Há aí um resultado positivo, material, que não é próprio das ilusões.

O cura de Gallardon, a quem Martin dava fielmente conta de suas aparições, e que delas tomava uma nota exata, acreditou dever dirigi-lo ao seu bispo, em Versailles, para o qual lhe deu uma carta de recomendação circunstanciada. Lá, Martin repetiu tudo o que tinha visto, e, depois de diversas perguntas, o bispo encarregou-o de perguntar ao desconhecido, de sua parte, se se representasse, seu nome, quem era, e por quem foi enviado, recomendando-lhe dizer tudo ao seu cura.

Alguns dias depois do retorno de Martin, o Sr. cura recebeu uma carta de seu bispo pela qual lhe testemunhava que o homem que lhe tinha enviado parecia ter grandes luzes sobre o objeto importante do qual era questão. Desde este momento estabeleceu-se uma correspondência contínua entre o bispo e o cura de Gallardon. De seu lado, Monsenhor, por causa da gravidade da primeira aparição, acreditou dela dever fazer, pouco tempo depois, um assunto ministerial *e* de polícia; em conseqüência, enviava cada narração que recebia do Sr. cura ao Sr. Decazes, ministro da polícia geral.

Na terça-feira, 30 de janeiro, o desconhecido apareceu de novo a Martin e lhe disse: "Vossa incumbência está bem começada, mas aqueles que a têm em mãos dela não se ocupam; eu estava presente, embora invisível, quando fizestes a vossa declaração; foi-vos dito de perguntar meu nome *e* de que parte eu vinha; meu nome permanecerá desconhecido, e aquele que me enviou (mostrando o céu) está acima de mim. - Como vos dirigis sempre a mim, replicou Martin, para uma incumbência como esta, eu que não sou senão um camponês? Há tantas pessoas de espírito. - É para abater o orgulho, disse o desconhecido, mostrando a terra; por vós, não é preciso se orgulhar daquilo que vistes *e* ouvistes, porque o orgulho descontenta soberanamente a Deus; praticai a virtude; assisti aos ofícios que se fazem em vossa paróquia nos domingos e nas festas; evitai os cabarés e as más companhias onde se cometem todas as espécies de impurezas, e onde se prendem todas as espécies de maus discursos. Não façais nenhum carreto nos dias de domingo e de festas."

Durante o mês de fevereiro, o desconhecido apareceu ainda diferentes vezes a Martin, e lhe disse, entre outras, estas palavras: "Persisti, ó meu amigo, e alcançareis. Aparecereis diante da incredulidade, e a confundireis; tenho ainda outra coisa a vos dizer que os convencerá, e não terão nada a responder. - Apressai vossa incumbência, não se faz nada de tudo o que vos disse; aqueles que têm o negócios nas mãos estão embriagados de orgulho; a Franca está num estado de delírio; ela será entregue a todas as espécies de infelicidades. -Tereis de procurar o rei; dir-lhe-eis o que vos anunciei; poderá admitir com ele seu irmão e seus sobrinhos. Quando estiverdes diante do rei eu vos descobrirei as coisas secretas do tempo de seu exílio, cujo conhecimento não vos será dado senão no momento em que sereis introduzido em sua presença." Nesses momentos, o Sr. conde de Breteuil, prefeito de Chartres, recebeu uma carta do ministro da polícia geral que o convidava a verificar "se essas aparições, dadas como miraculosas, não eram antes um jogo da imaginação de Martin, uma verdadeira ilusão de seu espírito exaltado, ou, enfim, se o pretenso enviado desconhecido, e talvez o próprio Martin, não deveria ser severamente examinados pela polícia, em seguida entregues aos tribunais."

Em 5 de março Martin recebeu a visita de seu desconhecido, que lhe disse: "Ireis logo aparecer diante do primeiro magistrado de vosso departamento; é preciso que relateis as coisas como elas vos são anunciadas; não é preciso considerar nem a qualidade nem a dignidade."

Martin não foi informado que deveria ir à prefeitura; não foi, pois, mais aqui uma simples comunicação sobre uma coisa vaga, é a previsão de um fato que vai se realizar. Isto é constantemente reproduzido durante a seqüência desses acontecimentos; Martin sempre foi informado, por seu desconhecido, do que lhe aconteceria, das pessoas em presença das quais iria se achar, dos lugares onde seria conduzido. Ora, tal não é o resultado da ilusão e de idéias quiméricas. Desde que o indivíduo disse a Martin: amanhã vereis tal personagem, ou sereis conduzido a tal lugar, e que a coisa se realiza, é um fato positivo que não pode vir da imaginação.

No dia seguinte, 6 de março, Martin acompanhado do Sr. cura, foi a Chartres à casa do prefeito. Este último conversou primeiro longamente em particular com o cura, depois, tendo feito introduzir Martin, lhe disse: "Se eu vos colocasse embaraços e na prisão perfazer semelhantes anúncios, continuaríeis a dizer o que dizeis? - Como quereis, respondeu Martin sem estar assustado; não posso senão dizer a verdade. - Mas, prosseguiu o Sr. prefeito, se aparecesses diante de uma autoridade superior à minha, por exemplo, diante do ministro, sustentaríeis o que acabais de me dizer? - Sim, senhor, respondeu Martin, e diante do próprio rei.

O prefeito surpreso com tanta segurança, unida a tanta simplicidade, e mais ainda com os estranhos relatos que lhe fizeram o cura, decidiu enviar Martin ao ministro. Desde o dia seguinte, 7 de março, Martin partia para Paris escoltado pelo Sr. André, tenente da gerdamaria, que tinha ordem de vigiar todas as suas diligências e não deixá-lo nem de dia

nem de noite. Alojaram-se na rua Montmartre, hotel de Calais, num quarto de duas camas. Na sexta-feira, 8 de março, o Sr. André conduziu Martin ao edifício da polícia geral. Entrando no corredor do edifício, o desconhecido se apresentou e lhe disse: "Ireis ser interrogado de várias maneiras; não tenhais nem medo nem inquietação, mas dizei as coisas como elas são." Depois destas palavras, desapareceu.

Não relataremos aqui todos os interrogatórios que fizeram Martin sofrer, o ministro e seus secretários, sem que se deixasse intimidar pelas ameaças, nem desconcertar pelas armadilhas que se lhe estendia para pô-lo em contradição consigo mesmo, confundindo seus interrogadores por suas respostas cheias de sentido ede sangue frio. Tendo Martin descrito o desconhecido, o ministro lhe disse: "Pois bem! não o vereis mais, porque acabo de fazê-lo deter. - Oh! como, redargüiu Martin, pudestes fazê-lo deter, uma vez que desaparece em seguida como relâmpago? - Se ele desaparece para vós, retomou o ministro, não desaparece para todo o mundo. E, dirigindo-se a um de seus secretários:

"Ide verse esse homem que eu disse para coltícar na prisão está ali ainda."

Alguns instantes depois o secretário retorna e dá esta resposta:

"Monsenhor, ali está sempre. - Pois bem! disse então Martin, se o fizestes colocar na prisão, no-lo mostrareis, e eu o reconhecerei bem; eu o vi bastante vezes para isto.

Veio em seguida um homem que examina com cuidado a cabeça de Martin, afastando os cabelos à direita e à esquerda; o ministro os vira e revira do mesmo modo, sem dúvida para examinar se trazia algum sinal indicativo de loucura, ao que Martin se contentou em dizer: "Olhai tanto quanto quiserdes, jamais fiz mal em minha vida."

De volta ao hotel, à tarde, Martin disse ao Sr. André: "Mas o ministro me disse que tinha feito prender o homem que me aparecia. Ele a relaxou, pois, uma vez que me apareceu depois e que me disse: "Postes questionado hoje, mas não se quer fazer o que eu disse. Aquele que vistes esta manhã quis vos fazer acreditar que me tinha feito deter; podeis dizer-lhe que não tem nenhum poder sobre mim e que é tempo para que o rei seja advertido." No mesmo instante, o Sr. André foi fazer seu relato à polícia, ao passo que Martin, sem inquietação deitou-se e dormiu pacificamente.

No dia seguinte, 9, tendo Martin descido para pedir as botas do tenente, o desconhecido se apresentou a ele no meio da escada e lhe disse: "Ireis ter a visita de um doutor que vem ver se estais ferido na imaginação e se perdestes a cabeça; mas aqueles que vo-lo enviam são mais loucos do que vós." No mesmo dia, com efeito, o célebre alienista, Sr. Pinei, vem visitá-lo, e fê-lo sofrer um interrogatário apropriado a esse gênero de informação. "Apesar de sua habilidade, diz o relatório, não pôde adquirir nenhuma indicação tanto seja pouco provável de alienação. Suas pesquisas não chegaram senão a uma simples conjetura *de possibilidade de* alucinação e de mania intermitente."

Parece que, para certas pessoas, não é preciso mais do que isto para ser tachada de loucura: basta não pensar como eles; é porque aqueles que crêem em alguma coisa do outro mundo passam por loucos aos olhos daqueles que não crêem em nada.

Depois da visita do doutor Pinei, o desconhecido se apresentou a Martin e lhe disse: "É preciso irdes falar ao rei; quando estiverdes em sua presença, eu vos inspirarei o que tereis a dizer-lhe. *Sirvo-me de vós para abater o orgulho e a incredulidade.* Esforça-se em afastar o assunto, mas se não chegardes em vosso objetivo, ele se descobrirá por uma outra via."

Em 10 de março, estando Martin sozinho em seu quarto, o desconhecido lhe apareceu e lhe disse: "Eu tinha vos dito que meu nome permaneceria desconhecido, mas, uma vez que a incredulidade é tão grande, é preciso que vos descubra meu nome. Eu sou o anjo Rafael, anjo muito célebre junto de Deus; tenho o poder de atingir a França com

todas as espécies de pragas." A estas palavra, Martin foi tomado de medo e sentiu uma espécie de crispação.

Um outro dia, tendo o Sr. André saído com Martin, encontra um oficial de seus amigos com o qual conversa durante uma hora em inglês que, naturalmente, Martin não compreendia. No dia seguinte, o desconhecido, que doravante ele chama o anjo, disse-lhe: "Aqueles que estavam ontem convosco falavam de vós, mas não entendíeis sua linguagem; disseram que viestes para falar ao rei, e um disse que, quando retornasse ao seu país, o outro lhe desse de suas novidades para saber como a coisa teria se passado." O Sr. André, a quem Martin dava conta de todas suas conversas com o desconhecido, ficou muito surpreso de ver que o que tinha dito em inglês, para não ser compreendido por ele, estava revelado.

Embora o relatório do doutor Pinei não concluísse pela loucura, mas somente por uma *possibilidade de* alucinação, com isto Martin não deixou de ser conduzido ao hospício dos loucos de Charenton, onde ficou de 13 de março até 2 de abril. Lá, foi objeto de uma vigilância minuciosa e submetido ao estudo especial dos homens da arte. Fizeram-se, igualmente, investigações em sua região sobre seus antecedentes e os de sua família, sem que, apesar de todas essas investigações, se tenha chegado a constatara menor aparência ou causa predeterminante de loucura. Para render homenagem à verdade, é preciso dizer que ali foi tratado com muita consideração da parte do Sr. Royer-Collard, diretor chefe da casa, e de outros médicos, e que não se lhe fez sofrer nenhum dos tratamentos em uso nessas espécieis de estabelecimentos. Se ali foi colocado, foi bem menos por medida de seqüestro do que por ter mais facilidade de observar o estado real de seu espírito.

Durante a sua permanência em Charenton, teve bastante e freqüentes visitas de seu desconhecido, que não apresentava nenhuma particularidade notável, senão naquela em que lhe disse: -"Haverá discussões: uns dirão que é uma imaginação, os outros que é um anjo de luz, e outros que é um anjo de trevas; eu vos permito tocar-me." Então, conta Martin, ele tomou minha mão direita que apertou; depois abriu a sua sobrecasaca pela frente, e, quando estava aberta, ele me pareceu mais brilhante que os raios do sol, e não pude encará-lo; fui obrigado a meter minha mão diante de meus olhos. Quando fechou a sua sobrecasaca, não vi mais nada de brilhante; pareceu-me como antes. Esta abertura e fechamento se operaram sem nenhum movimento de sua parte.

Uma outra vez, como escrevia a seu irmão, viu ao lado dele seu desconhecido que lhe ditou uma parte de sua carta, lembrando *as* predições que tinha já feito sobre as infelicidades das quais a França estava ameaçada. Eis, pois, Martin ao mesmo tempo médium vidente e escrevente.

Por mais cuidado que se tomasse para não propagar muito este assunto, ele não deixou de fazer uma certa sensação nas altas regiões oficiais; no entanto, é provável que ele não tivesse chegado a um fim de não receber, se o arcebispo de Reims, grande capelão da França, depois arcebispo de Paris e cardeal de Périgord, não tivesse por ele se interessado. Ele falou a Louis XVIII, e lhe propôs receber Martin. O rei lhe declarou que dele ainda não tinha ouvido falar, tanto é verdade que os soberanos, freqüentemente, são os últimos a saber o que se passa ao redor deles e o que lhes interessa mais. Em conseqüência, ordenou que Martin lhe fosse apresentado.

Em 2 de abril, Martin foi conduzido de Charenton ao edifício do ministro da polícia geral. Enquanto esperava o momento de ser recebido, seu desconhecido lhe apareceu e lhe disse: "Ides falar ao rei, e estareis só com ele; não tenhais nenhum temor de aparece diante do rei: para o que devereis lhe dizer, as palavras vos virão à boca." Foi a última vez que o viu. O ministro lhe deu uma acolhida muito benevolente e lhe disse que iria fazê-lo conduzir às Tuileries.

Geralmente se crê que Martin veio por si mesmo a Paris, se apresentou no castelo insistindo para falar ao rei; que sendo repelido, voltou à carga com tanta persistência que

Louis XVIII, tendo sido informado, ordenou para fazê-lo entrar. As coisas, como se vê, se passaram de outro modo. Não foi senão em 1828, quatro anos depois da morte do rei, que se fizeram conhecer as particularidades secretas que lhe revelou, e que fizeram sobre ele uma profunda impressão, porque tal era o objetivo essencial dessa visita, não sendo os outros motivos alegados, como o dissemos, senão um meio para chegar a ele. Se o desconhecido lhe deixa ignorar essas coisas até o último momento por temer que uma indiscrição, arrancada pelo artifício dos interrogadores, fizesse fracassar o projeto, o que teria lugar inevitavelmente. Depois de sua visita ao rei, Martin foi dar seus adeuses ao diretor de Charenton e partiu imediatamente para a sua região, onde retomou o curso habitual de seus trabalhos, sem jamais se fazer um mérito do que lhe tinha ocorrido.

O objetivo que nos propusemos neste relato era de mostrar os pontos pelos quais se liga o Espiritismo; as particularidades reveladas a Louis XVIII, sendo estranhas ao nosso assunto, nos abstemos de reportá-las. Diremos somente que elas tinham indício das coisas de família mais íntimas; emocionaram o rei ao ponto de fazê-lo chorar muito, e este declarou mais tarde que o que lhe tinha sido revelado não era conhecido senão de Deus e dele. Elas tiveram por conseqüência fazer renunciar à sagração, cujos preparativos estavam já ordenados (1). (1). Os detalhes circunstanciados e as provas em apoio se encontram em uma obra intitulada: O *passado e o futuro explicados pelos acontecimentos extraordinários chegados a Thomas Martin, lavrador da Beauce.* -Paris, 1832, casa Bricon, livraria, ruado Vieux-Colombier, 19; Marseille, mesma casa, rua do Saint-Sépulcre, 17. - Esta obra esgotada é muito rara hoje.

Não reportaremos dessa entrevista senão algumas passagens do relatório escrito em 1828, sob o ditado do próprio Martin, e onde se pinta o caráter e a simplicidade do homem.

"Chegamos às Tuileries, pelas três horas, e sem que ninguém tivesse dito nada. Chegamos até o primeiro criado de Louis XVIII, a quem se entregou a carta, e que, depois de tê-la lido, me disse: Segui-me. Nós nos detemos por alguns momentos, porque o Sr. Decazes estava com o rei. Quando o ministro saiu e eu entrei, e antes que dissesse uma palavra, o rei disse ao criado de quarto para se retirar e fechar as portas.

O rei estava sentado diante de sua mesa de frente para a porta; havia, canetas, papéis e livros. Saudei o rei dizendo: Senhor, eu vos saúdo. O rei me disse: Bom dia, Martin. E, então, disse a mim mesmo: Ele sabia, pois, bem meu nome. "Sabeis, Senhor, seguramente, porque venho. - Sim, sei que tendes alguma coisa a me dizer, e me foi dito que era alguma coisa que não podíeis dizer senão a mim; sentai-vos. Então sentei-me numa poltrona que estava colocada à frente do rei, de maneira que não tinha senão a mesa entre nós. Então eu lhe perguntei como se sentia. - O rei me disse: "Sinto-me um pouco melhor do que nesses dias passados; e vós, como vos sentis? - Eu estou bem. - Qual é o assunto de vossa viagem? - E eu lhe disse: Podeis chamar, se quiserdes, vosso irmão e seus filhos." O rei me interrompeu dizendo: Isto é inútil, eu lhes direi o que me disserdes. "Depois disto, contei ao rei todas as aparições que tive e que estão na relação.

"Eu sei tudo isto, o arcebispo de Reims disse-me tudo. Parece-me que tendes alguma coisa a me dizer em particular e em segredo." E então senti vir à minha boca as palavras que o anjo me havia prometido, e eu disse ao rei: "O segredo que vou dizer-vos é que..." (Seguem os detalhes que, assim como as instruções dadas na seqüência da conversação sobre certas medidas a tomar e à maneira de governar, não podiam senão ser inspiradas no próprio instante, porque estão fora de toda importância com o grau de cultura de Martin.)

"Foi a este relato que o rei, tocado de espanto e profunda emoção, disse: "Ó meu Deus! ó meu Deus! isto é bem verdade; não há senão Deus, vós e eu, que sabemos disto; prometei-me de guardar sobre todas as comunicações o maior segredo; "e eu lho prometi. Depois disto disse-lhe: "Tende cuidado em vos fazer sagrar, porque se o tentardes, sereis ferido de morte na cerimônia da sagração." No momento, e até o fim da conversação, o rei chorou sempre.

Quando eu acabei, disse-me que o anjo que me tinha aparecido era aquele que conduziu Tobias, o jovem, à Ragès e que o fez casar; depois perguntou-me qual de minhas mãos o anjo tinha apertado. Respondi: "Esta," mostrando a direita. O rei ma tomou dizendo-me: "Que eu toque a mão que o anjo apertou. Orai sempre por mim. - "Bem seguro, Senhor, que eu, minha família, assim como o Sr. cura de Galardon, temos sempre orado para que o assunto triunfe.

Saudei o rei dizendo-lhe: "Eu vos desejo uma boa saúde. Foi-me dito que uma vez minha incumbência feita junto ao rei, eu vos peça permissão de retornar à minha família, como me foi anunciado também que não me recusareis, e que não me aconteceria nenhuma pena nem, nenhum mal. - Nada mais vos acontecerá; dei ordens para vos retornar. O ministro vai vos dar a comer e a dormir, e os papéis para retornardes amanhã. - Mas ficaria contente se retornasse a Charenton para lhes dizer adeus e para pegar uma camisa que deixei. - Isso não vos será dificuldade estar em Charenton? Estivestes bem ali? - Sem nenhuma dificuldade; *e* muito seguro porque se ali não tivesse estado bem, não pediria para lá retornar. - Pois bem! Uma vez que desejais ali retornar, o ministro vos fará conduzir de minha parte.

Retornei junto ao meu condutor que me esperava, e estivemos juntos no edifício do ministro.

Feito em Gallardon, em 9 de março de 1828.

Assinada: THOMAS MARTIN.

A conversa de Martin com o rei durou pelo menos 55 minutos. Se depois de sua visita ao rei, Martin não reviu seu desconhecido, as manifestações não deixaram de continuar sob uma outra forma; de médium vidente, tornou-se médium audiente. Eis alguns fragmentos das cartas que ele escreveu ao antigo cura de Gallardon:

28 de janeiro de 1821.

"Senhor cura, eu vos escrevo para vos dar conhecimento de uma coisa que me aconteceu. Terça-feira última, 23 de janeiro, estando no arado, ouvi uma voz que me falava, sem ter visto ninguém, e me foi dito: "Filho de Japhet! para e presta atenção nas palavras que te são dirigidas." No mesmo instante, meus cavalos pararam sem que eu nada tenha dito, porque estava muito surpreso. Eis o que se me disse: "Nesta grande região, uma grande árvore está plantada, e sobre o mesmo cepo, foi plantada uma outra que é inferior à primeira; a segunda árvore tem dois ramos, dos quais um deles fracassou, e logo depois ela secou por um vento furioso, e esse vento não parou de soprar. No lugar desse ramo, saiu um outro ramo, jovem, tenro, que o substituiu; mas esse vento, que está sempre agitado, se levantará um dia com tais abalos que... e depois desta catástrofe terrível, os povos estarão na última desolação. Ora, meu filho, para que esses dias sejam abreviados; invoca o céu que o vento fatal saindo do nordeste seja barrado por barreiras poderosas e que seus progressos nada tenham de deploráveis. Estas coisas são obscuras para ti, mas outros a compreenderão facilmente."

"Eis, senhor, o que me ocorreu terça-feira por uma hora depois do meio-dia; não compreendo nada disto; vós me manifestareis se disto compreenderdes alguma coisa. Não falei a ninguém de tudo isto, não somente à minha mulher, porque o mundo é mau. Estava *resolvido* a guardar tudo isto em silêncio; mas me decidi a vos escrever hoje, porque esta noite não pude dormir, e tenho sempre essas palavras na memória, e vos peço delas guardar segredo, porque o mundo delas zombaria. Senhor, fui tratado de filho de Japhet; não conheço ninguém de nossa família que leva este nome; pode-se bem estar enganado; talvez me tomou por um outro."

8 de fevereiro de 1821.

"Eu vos tinha proibido de falar daquilo que vos manifestei; eu errei, porque isso não pode ficar escondido. Necessariamente, é preciso que isto passe diante dos grandes e dos primeiros do Estado, para que se veja o perigo dos quais são ameaçados, porque o vento do qual vos falei um pouco antes vai fazer terríveis desastres, porque este vento gira sempre em torno da árvore; se nela não se presta atenção, dentro em pouco será tombada. No mesmo momento a outra árvore com o que sai dele experimentará a mesma sorte. Ontem a mesma palavra veio me falar, e eu nada vi."

21 de fevereiro de 1821.

"Senhor, tive um grande terror esta manhã. Eram nove horas; ouvi um grande ruído junto de mim, e nada vi, mas ouvi falar, depois que o ruído apaziguou, e me foi dito: "Por que tivestes medo? não temais; não venho para vos fazer nenhum mal. Estais surpreso de ouvir falar e de não ver nada, não vos admireis: é preciso que as coisas sejam descobertas; *sirvo-me de vós para vos enviar como sou enviado.* Os filósofos, os incrédulos, os ímpios, não crêem que se vêem suas atividades, mas é preciso que sejam confundidos.........Ficai tranqüilo, continuai a ser o que tendes sido; vossos dias são contados, e não vos escapará um único deles. Eu vos proíbo de vos prosternar diante de mim, porque não sou senão um servidor como vós."

"Senhor, eis o que me foi dito; não sei qual é a pessoa que me fala; ela tem a voz bastante forte e muito clara. Tive o pensamento de falar, mas não ousei, por causa de que não vejo ninguém."

Resta a saber qual é a individualidade do Espírito que se manifesta; seria realmente o anjo Rafael? É mesmo permitido disto duvidar, e haveria muitas coisas a dizer contra esta opinião; mas, na nossa opinião, aí está uma questão inteiramente secundária; o fato capital é o da manifestação, da qual não se saberia duvidar, e da qual todos os incidentes tiveram sua razão de ser para o resultado proposto, e têm hoje seu lado instrutivo.

Um fato que, sem dúvida, não teria escapado a ninguém, é a palavra de Martin a respeito de uma soma que lhe foi oferecida: "Como a coisa não vem de mim, disse ele, não devo nada receber por isto. Eis, pois, um simples camponês, médium inconsciente, que, há cinqüenta anos, época na qual se estava longe de pensar no Espiritismo, tem, por si mesmo, a intuição dos deveres que impõe a mediunidade, da santidade deste mandato; seu bom senso, sua lealdade natural, lhe fazem compreender que, o que vem de uma fonte celeste e não dele, não deve ser pago.

Admirar-se-á, talvez, das dificuldades que Martin encontrou para cumprir a incumbência da qual estava encarregado. Por que, dir-se-á, os Espíritos não o fizeram ir diretamente ao rei? Essas dificuldades, essa lentidão, como vimos, tiveram a sua utilidade. Era preciso que ele passasse por Charenton, onde sua razão foi submetida às investigações mais rigorosas da ciência oficial e pouco crédula, afim de que fosse constatado que ele não era nem louco, nem exaltado. Os Espíritos, como se viu, triunfaram dos obstáculos colocados pelos homens, mas como os homens têm o seu livre arbítrio, não podiam impedi-los de colocar os entraves.

Observemos a esse respeito, que Martin não fez por si mesmo, por assim dizer, nenhum esforço para chegarão rei, as circunstâncias ali o conduziram quase que apesar dele, e sem que tenha tido necessidade de insistir muito: ora, essas circunstâncias, evidentemente, foram conduzidas pelos Espíritos, agindo sobre o pensamento dos encarnados, porque a missão de Martin era séria e deveria se cumprir.

Ocorre o mesmo em todos os casos análogos. Além da questão de prudência, é evidente que, sem as dificuldades que ele tem de chegar a eles, os soberanos seriam assaltados por pretensos reveladores. Nestes últimos tempos, quantas pessoas se acreditaram chamadas para semelhantes missões, que não eram outras senão o

resultado da obsessão ou seu orgulho era posto em jogo com seu desconhecimento, e não poderia chegar senão a mistificações! A todos aqueles que acreditaram dever nos consultar em semelhante caso, sempre dissemos, em lhes mostrando os sinais evidentes pelos quais os Espíritos mentirosos se traem: "Guardai-vos de alguma diligência que tornaria infalivelmente para a vossa confusão. Estejais certos de que se vossa missão é real, sereis colocados de modo a cumpri-la; se devereis vos encontrar, num momento dado, num lugar dado, ali sereis conduzido, com o vosso desconhecimento, pela circunstância que terão o ar de ser um efeito do acaso. Estejais seguros, além disto, que quando uma coisa está nos desígnios de Deus, é preciso que ela seja, e que não se subordine a sua realização à boa ou à má vontade dos homens. Desconfiai das missões assinaladas e enaltecidas adiantadamente, porque não são senão atrações para o orgulho; as missões se revelam pelos fatos. Desconfiai também das predições em dias e horas fixas, porque elas não são jamais o fato de Espíritos sérios." Fomos bastante felizes por nisso deter mais de um a quem os acontecimentos puderam provar a prudência destes conselhos.

Há, como se vê, mais de uma semelhança entre estes fatos e os de Jeanne D'Arc, não que haja alguma comparação a estabelecer quanto à importância dos resultados realizados, mas quanto à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma, e, até um certo ponto, quanto ao objetivo. Como Jaenne D'Arc, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei, a fim de salvar a França de um perigo, e, como ela também não foi sem dificuldade que chegou até ele. No entanto, há entre as duas manifestações esta diferença de que Jeanne D'Arc simplesmente ouvia a voz que a aconselhava, ao passo que Martin via constantemente o indivíduo que lhe falava, não em sonho ou num sono extático, mas sob as aparências de um ser vivo, como o seria um agênere.

Mas, de um outro ponto de vista, os fatos ocorridos a Martin, embora menos estrondosos, não deixam de ter uma grande importância, como prova da existência do mundo espiritual e de suas relações com o mundo corpóreo, e porque, sendo contemporâneo e de uma notoriedade incontestável, não podem ser colocados na classe de histórias lendárias. Pela sua ressonância, serviram de degrau ao Espiritismo que deveria, a alguns anos dali, confirmar-lhe a possibilidade por uma explicação racional, e pela lei em virtude da qual se produzem, os faz passar do domínio do maravilhoso ao dos fenômenos naturais; graças ao Espiritismo, não há uma única das fases que apresentaram as revelações de Martin, das quais não se possa dar conta perfeitamente.

Martin era um médium inconsciente, dotado de uma aptidão da qual os Espíritos se serviram, como de um instrumento, para chegar a um resultado determinado, e este resultado estava longe de estar inteiramente na revelação feita a Louis XVIII. O Espírito que *se* manifestou a Martin o caracteriza perfeitamente dizendo: "Eu me servi de vós para abater o orgulho e a incredulidade." Esta missão é a todos os médiuns destinados a provar, por fatos de todos os gêneros, a existência do mundo espiritual, e de uma força superior à Humanidade, porque tal é o objetivo providencial das manifestações. Acrescentaremos que o próprio rei foi um instrumento nessa circunstância; era preciso uma posição tão elevada quanto a sua, a própria dificuldade de chegar a ele, para que o assunto tivesse ressonância, e a autoridade de uma coisa oficial. As investigações minuciosas às quais Martin foi submetido, não podiam senão acrescentar à autoridade dos fatos, porque não se teria tomado todas essas precauções por um simples particular; a coisa teria passado quase desapercebida, ao passo que dela se lembra ainda hoje, e que ela fornece uma prova autêntica em apoio dos fenômenos espíritas.

O PRINCÍPE DE HOHENLOHE.   MÉDIUM CURADOR.

A mediunidade curadora está na ordem do dia, e tudo o que se liga aesta questão oferece um interesse de atualidade. Tomamos emprestado à *Véritéde* Lyon, de 24 de outubro de 1866, o artigo seguinte sobre as curas do príncipe de Hohenlohe, que fizeram uma grande sensação no tempo. Essa notícia faz parte de uma série de artigos muito instrutivos sobre os médiuns curadores.

A este respeito, estamos felizes por constatar que a *Vérité,* que está em seu quarto ano, prossegue com sucesso o curso de suas sábias e interessantes publicações, que lançam a luz sobre a história do Espiritismo, e no-lo mostram por toda a parte, na antigüidade como nos tempos modernos. Se, sobre certos pontos, não partilhamos todas as opiniões de seu principal redator, Sr. A. P..., nós lhe reconhecemos pelo menos que, por suas laboriosas pesquisas, ele presta à causa um serviço real que todos os Espíritas sérios apreciam.

Com efeito, provar que a Doutrina Espírita atual não é senão a síntese de crenças universalmente difundidas, partilhadas por homens cuja palavra tem autoridade e que foram nossos primeiros mestres em filosofia, é mostrar que ela não está assentada sobre a base frágil da opinião de um só. Que desejam os Espíritas, se não for encontrar quanto mais adeptos possíveis às suas crenças? Deve ser, pois, para eles uma satisfação, ao mesmo tempo que uma consagração de suas idéias, de encontrá-las mesmo antes deles. Jamais compreendemos que homens de bom senso hajam podido concluir contra o Espiritismo moderno de que ele não é o primeiro inventor dos princípios que proclama, ao passo que está aí precisamente o que faz uma parte de sua força e deve acreditá-lo. Alegar a sua antigüidade para denegri-lo, é mostrar-se soberanamente ilógico, e tanto mais inábil, que ele jamais se atribuiu o mérito da descoberta primeira. É, pois, equivocar-se estranhamente sobre os sentimento que animam os Espíritas, supor nestes idéias muito estreitas e uma muito tola presunção de crer molestá-los em lhes objetando que o que professam era conhecido antes deles, quando são eles os primeiros a folhear no passado para ali descobrir os traços da antigüidade de suas crenças, que fazem remontar às primeiras idades do mundo, porque estão fundadas sobre as leis da Natureza, que são eternas.

Nenhuma grande verdade saiu de todas as peças do cérebro de um indivíduo; todas, sem exceções, tiveram precursores que as pressentiram ou delas entreviram algumas partes; o Espiritismo se honra, pois, de contar os seus por milhares e entre os homens o mais justamente considerado; pô-los à luz, e a mostrar o número infinito de pontos pelos quais ele se liga à história da Humanidade.

Mas em nenhuma parte se encontra o Espiritismo completo; sua coordenação em corpo de doutrina, com todas as suas conseqüências e suas aplicações, sua correlação com as ciências positivas, é uma obra essencialmente moderna, mas por toda a parte dele se encontram os elementos esparsos, misturados às crenças supersticiosas das quais é preciso fazer a triagem; se se reunissem as idéias que se acham disseminadas na maioria das filosofias antigas e modernas, nos escritores sacros e profanos, os fatos inumeráveis e infinitamente variados, que se produziram em todas as épocas, e que atestam as relações do mundo visível e do mundo invisível, chegar-se-ia a constituir o Espiritismo tal qual é hoje: é o argumento invocado contra ele por certos detratores. Foi assim que procedeu? É uma compilação de idéias antigas rejuvenescidas pela forma? Não, ele saiu inteiramente das observações recentes, mas longe de *se crer* diminuído, pelo que foi dito e observado antes dele, com isso se encontra fortificado e engrandecido.

Uma história do Espiritismo antes da época atual está ainda por fazer. Um trabalho desta natureza, feito conscienciosamente, escrito com precisão, clareza, sem *alongamentos supérfluos e fastidiosos* que dele tornariam a leitura penosa, seria uma obra eminentemente útil, um documento precioso a consultar. Esta seria antes uma obra de paciência e de erudição do que uma obra literária, e que consistiria principalmente na citação das passagens de diversos escritores que emitiram pensamentos, doutrinas ou

teorias que se encontram no Espiritismo de hoje. Aqueles que fizerem este trabalho conscienciosamente terão muito mérito da doutrina.

Retornemos ao nosso assunto, do qual nos afastamos um pouco, sem o querer, mas, talvez, não sem utilidade.

O Espiritismo moderno não descobriu mais nem inventou a mediunidade curadora e os médiuns curadores do que os outros fenômenos espíritas. Desde que a mediunidade curadora é uma faculdade natural submetida a uma lei, como todos os fenômenos da Natureza, ela deveu *se* produzir em diversas épocas, assim como o constata a história, mas estava reservado ao nosso tempo, com a ajuda das novas luzes que possuímos, dar-lhe uma explicação racional, e fazê-la sair do domínio do maravilhoso. O príncipe de Hohenlohe nos oferece disto um exemplo tanto mais notável quanto os fatos se passaram antes que existissem o Espiritismo e os médiuns. Eis o resumo que disto deu o jornal *la Vérité:*

"No ano de 1829, veio para o Wurtzbourg, cidade considerável da Baviera, um santo padre, o príncipe de Hohenlohe. Enfermos e doentes iam lhe pedir, para obter do céu a sua cura, e socorro de suas preces. Ele evocava sobre eles as graças divinas, e bem cedo viu-se um grande número desses infortunados curados de repente. A fama dessas maravilhas ressoou ao longe. A Alemanha, a França, a Suíça, a Itália, uma grande parte da Europa dela foram informadas. Numerosos escritos foram publicados, que lhe perpetuaram a lembrança. Entre os testemunhos autênticos e dignos de fé que certificam a realidade dos fatos, basta aqui deles transcrever alguns, cujo conjunto forma uma prova convincente.

"Eis primeiro um extrato do que escreveu sobre este assunto o Sr. Scharold, conselheiro de legação em Wurtzbourg, e testemunha de uma grande parte das coisas que narra.

"Depois de dois anos, uma princesa de dezessete anos, Mathilde de Schwartzemberg, filha do príncipe deste nome, se encontrava na casa de saúde do Sr. Haine, em Wurtzbourg. Era-lhe absolutamente impossível caminhar. Em vão os médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria, tinham esgotado todos os recursos de sua arte para curar a princesa dessa enfermidade. Somente o Sr. Haine, que era ajudado com as luzes e a experiência do célebre médico, Sr. Textor, tinha conseguido, à força de cuidados prodigalizados à enferma, colocá-la em estado de se manter de pé; e ela mesma, fazendo esforços, chegara a executar alguns movimentos como para caminhar, mas sem caminhar realmente. Pois bem! em 20 de junho de 1821, ela deixou o leito de repente, e caminhou muito livremente.

"Eis como *a* coisa chegou. O princípe de Hohenlohe foi de manhã, pelas dez horas, fazer uma visita à princesa, que permanece na casa do Sr. de Reinache, decano do capítulo. Quando entrou no seu apartamento, e lhe perguntou, como em conversação, em presença de sua governanta, se ela tinha uma f é firme que Jesus Cristo poderia curá-la de sua doença. Sobre a sua resposta, de que ela disto estava intimamente persuadida, o príncipe disse à piedosa doente para pedir do mais fundo de seu coração e colocar em Deus a sua confiança.

"Quando ela tinha acabado de pedir, o príncipe lhe deu a sua bênção, e lhe disse: "Vamos, princesa, levantai-vos; atualmente estais curada e podeis caminhar sem dores..." Todo o mundo da casa foi chamado imediatamente. Não se sabia como expressar a sua admiração com uma cura tão rápida e tão incompreensível. Todos caíram de joelhos na mais viva emoção, e cantaram os louvores do Todo-Poderoso. Felicitaram a princesa em sua felicidade, e juntaram suas lágrimas às que a alegria fazia correr de seus olhos.

"Esta notícia, se difundindo pela cidade, jogou-a no espanto. Corria-se em multidão, para se assegurar do acontecimento com os seus próprios olhos. Em21 de junho, a princesa já havia se mostrado em público.

Não se poderia pintar o arrebatamento que ela sentiu, em se vendo sair de seu estado de sofrimentos cruéis.

"A 25, o princípe de Hohenlohe deu um outro exemplo notável da graça que possui. A esposa de um ferreiro da rua Semmels não podia mais ouvir mesmo os golpes mais pesados de martelo de sua forja. Ela foi procurar o princípe da corte do presbítero Hung, e lhe suplicou para socorrê-la. Enquanto ela estava de joelhos, lhe impôs as mãos sobre a cabeça, e tendo pedido algum tempo, os olhos elevados para o céu, ele a tomou pela mão e levantou-a. Qual foi o espanto dos espectadores, quando esta mulher se levantando, disse que ouvia soar o relógio da igreja! Retornando para sua casa, não deixava de contar a todos aqueles que a interrogavam o que vinha de lhe acontecer.

"A 26, uma pessoa ilustre (o príncipe real da Baviera) foi curado imediatamente de uma doença que, segundo as regras da medicina, deveria necessitar de muito tempo e dar muito trabalho. Esta notícia levou uma viva alegria nos corações dos habitantes de Wurtzbourg.

"O príncipe de Hohenlohe não foi menos bem sucedido na cura de uma doente que tinha tentado duas vezes curar, mas que, a cada vez, não tinha obtido senão um leve alívio. Esta cura se operou na pessoa de uma cunhada do Sr. Broili, negociante. Ela estava há muito tempo afligida por uma paralisia muito dolorosa. A casa ressoou de gritos de alegria.

"No mesmo dia, a visão foi devolvida à viúva Balzano, que, há vários anos, estava completamente cega. Convenci-me por mim mesmo deste fato.

"Apenas saído do espetáculo desta cena tocante, fui testemunha de uma outra cura, operada na casa do Sr. general D... Uma jovem estava tão gravemente estropiada da mão direita, que não podia dela se servir nem estendê-la. Ela fez imediatamente a prova de sua perfeita cura, levantando com a mesma mão uma cadeira muito pesada.

"No mesmo dia, um paralítico, cujo braço esquerdo estava inteiramente enfraquecido, foi completamente curado. Uma cura de dois outros paralíticos se fez imediatamente depois. Ela foi tão completa e mais rápida ainda.

"A 28, vi por mim mesmo, com qual prontidão e qual solidez o príncipe de Hohenlohe curava as crianças. Tinham-lhe trazido uma do campo, que não podia caminhar senão com muletas. Poucos minutos depois, esta criança, transportada de alegria, corria na rua sem muletas. Nesses intervalos, uma criança muda, que não podia fazer ouvir senão alguns sons inarticulados, foi conduzida ao príncipe. Alguns minutos depois, a criança se pôs afalar. Logo uma pobre mulher trouxe, nas suas costas, sua pequenina filha, estropiada das duas pernas. Ela a depositou aos pés do príncipe. Um momento depois, ele devolveu a criança à sua mãe, que viu, então, sua filha correr e saltar de alegria.

"A 29, uma mulher de Neustadt, paralítica e cega, lhe foi conduzida numa charrete. Ela estava cega há vinte e cinco anos. Por volta das três horas depois do meio dia, ela se apresentou no castelo da residência da nossa cidade, para implorar o socorro do príncipe de Hohenlohe, no momento em que entrava no vestíbulo que está construído na forma de uma grande tenda. Caindo aos pés do príncipe, ela lhe suplicou, em nome de Jesus Cristo, de lhe conceder o seu socorro. O príncipe orou por ela, deu-lhe a sua bênção, e lhe perguntou se ela acreditava bem firmemente que, em nome de Jesus, ela poderia recobrar a visão. Como ela respondeu que sim, disse-lhe para se levantar. Ela se retirou. Mas apenas tinha se afastado de alguns passos, quando, de repente, seus olhos se abriram. Ela via, e deu todas as provas que se lhe pediu da faculdade que vinha de recobrar. Todas as testemunhas desta cura, entre as quais estava uma grande número dos senhores da corte, ficaram arrebatados de admiração.

"A cura de uma mulher do hospital civil, que se tinha levado ao príncipe, não é menos espantosa. Esta mulher, de nome Elisabeth Laner, filha de um sapateiro, tinha a língua tão vivamente afetada, que ficava às vezes quinze dias sem poder articular uma única sílaba. Suas faculdades mentais tinham muito sofrido. Ela tinha quase perdido o uso

de seus membros, porque estava num leito como uma massa. Pois bem! esta pobre infeliz foi hoje ao hospital, sem o socorro de ninguém. Ela goza de todos os seus sentidos, como deles gozava há doze anos, e sua língua está tão bem desamarrada, que ninguém no hospício fala com tanta volubilidade quanto ela.

"A 30, depois do meio dia, o príncipe deu um exemplo extraordinário de cura. Uma carroça, ao redor da qual estavam reunidos milhares de espectadores, tinha vindo de Musmerstadt. Nesta carroça, estava um pobre estudante paralítico de seus braços e de suas pernas, enfraquecido de maneira assustadora.

"O príncipe, rogado por esse infeliz para aliviá-lo, veio à carroça. Orou em torno de cinco minutos, as mãos juntas e elevadas para o céu, falou várias vezes ao estudante; e, enfim, lhe disse: "Levantai-vos, em nome de Jesus Cristo." O estudante se levantou efetivamente, mas com sofrimentos que não pôde dissimular. O príncipe disse-lhe para não perder a confiança. O infortunado que, alguns minutos antes, não podia movimentar nem braços nem pernas, se mantém então direito e perfeitamente livre sobre a sua carroça. Depois, voltando seus olhos para o céu, onde se via pintado o mais terno reconhecimento, ele exclamou: "Ó Deus! vós me socorrestes!" Os espectadores não puderam reter suas lágrimas.

"As curas miraculosas operadas em Wurtzbourg pelo príncipe de Hohenlohe poderiam oferecer assuntos para mais de cem quadros de agradecimento".

Notar-se-á a analogia surpreendente que existe entre estes fatos de cura e aqueles dos quais somos testemunhas. O Sr. de Hohenlohe se encontrava nas melhores condições para o desenvolvimento de sua faculdade, também a conservou até o fim. Como nessa época não se conhecia dela a verdadeira origem, era considerada como um dom sobrenatural, e o Sr. de Hohenlohe como um operador de milagres. Mas, por que é considerada por certas pessoas, em uns como um dom do céu, em outros como uma obra satânica? Não conhecemos nenhum médium curador que haja dito ter seu poder do diabo; todos, sem exceção, não operam senão invocando o nome de Deus, e declarando nada poder fazer sem a sua vontade. Aqueles mesmos que ignoram o Espiritismo e agem por intuição, recomendam a prece, na qual reconhecem um auxiliar poderoso. Se agissem por ordem do demônio, não haveria ingratidão neles em renegá-lo, e esse último não é nem bastante modesto, nem bastante desinteressado para deixar, àqueles que procura combater o mérito do bem que ele faz, porque isso seria perder suas práticas em lugar de recrutá-las. Jamais se viu um mercador gabar aos seus clientes a mercadoria de seu vizinho às expensas da sua, e convidá-los a ir à casa dele? Em verdade, se tem razão de rir do diabo, porque se faz dele um ser muito tolo e muito estúpido.

A comunicação seguinte foi dada pelo príncipe de Hohenlohe, na Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 25 de outubro de 1866, méd. Sr. Desliens.)

Senhores, venho entre vós com tanto mais prazer quanto minhas palavras possam se tornar para todos um útil assunto de instrução.

Fraco instrumento da Providência, pude contribuir para fazer glorificar o seu nome, e venho de boa vontade entre aqueles que têm por objetivo principal de se conduzirem segundo as suas leis, e avançar tanto quanto está neles no caminho da perfeição. Vossos esforços são louváveis, e me considero muito honrado em assistir algumas vezes aos vossos trabalhos. Viemos, desde o presente, às manifestações que provocaram minha presença entre vós.

Como o dissestes a justo título, a faculdade da qual eu estava dotado era simplesmente o resultado de uma mediunidade. Eu era instrumento; os Fspíritos agiam, e, se pude fazer alguma coisa, não foi certamente pelo meu grande desejo de fazer o bem e

pela convicção íntima de que tudo é possível a Deus. Eu acreditava!... e as curas que obtinha vinham sem cessar aumentar a minha fé.

Como todas as faculdades medianímicas que concorrem hoje para a vulgarização do ensino espírita, a mediunidade curadora foi exercida em todos os tempos, e por indivíduos pertencentes às diferentes religiões. - Deus semeia por toda a parte seus servidores os mais avançados para deles fazer degraus de progresso, naqueles mesmos que estão os mais afastados da virtude, e direi mesmo, naqueles sobretudo.... Como um bom pai que ama igualmente todos os seus filhos, a sua solicitude se derrama sobre todos, mas mais particularmente sobre aqueles que têm mais necessidade de apoio para avançar. - É assim que não é raro encontrar homens dotados de faculdades extraordinárias pela multidão, entre os simples; e, por esta palavra, entendo aqueles cuja pureza de sentimentos não é deslustrada pelo orgulho e pelo egoísmo. É verdade que a faculdade pode igualmente existir nas pessoas indignas, mas *ela não é e não poderia ser senão passageira;* é um meio enérgico de abrir os olhos: tanto pior para aqueles que se obstinam em mantê-los fechados.

Eles reentrarão na obscuridade de onde saíram, com a confusão e o ridículo por cortejo, se o próprio Deus não pune desde esta vida seu orgulho e sua obstinação em desconhecer a sua voz.

Qualquer que seja a crença íntima de um indivíduo, se suas intenções são puras, e se está inteiramente convencido da realidade daquilo que crê, ele pode, em nome de Deus, operar grandes coisas. A fé transporta as montanhas: ela restitui a visão aos cegos e o entendimento espiritual àqueles que erravam antes nas trevas da rotina e do erro.

Quanto à melhor maneira de exercer a faculdade de médium curador, não há disso senão uma: *É de ficar modesto e puro,* e de atribuir a Deus e às forças que dirigem a faculdade tudo o que se realiza.

Os que perdem os instrumentos da Providência, é que não se crêem simplesmente instrumentos; querem que seus méritos sejam em parte por causa da escolha que foi feita de sua pessoa; o orgulho os embriaga e o precipício entreabre-se sob seus passos.

Elevado na religião católica, penetrado da santidade de suas máximas, tendo fé em seu ensino como todos os meus contemporâneos, considerava como milagres as manifestações das quais eu era o objeto. Hoje, sei que é coisa toda natural, e que pode, que deve concordar com a imutabilidade das leis do Criador, porque sua grandeza e sua justiça permanecem intactas.

Deus não saberia fazer milagres!... .porque *isto seria fazer presumir que a verdade não é bastante forte para se afirmar por si mesma,* e de outra parte, não seria lógico demonstrar a eterna harmonia das leis da Natureza, perturbando-as por fatos em desacordo com a sua essência.

Quanto a adquirir a faculdade de médium curador, não há método para isto; todo o mundo pode, numa certa medida, adquirir esta faculdade, e, agindo em nome de Deus, todos farão curas. Os privilegiados aumentarão em número à medida que a Doutrina se vulgarizar, e, é muito simples, uma vez que haverá mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados.

PRÍNCIPE DE HOHENLOHE.

VARIEDADES

Senhorita Dumesnil, jovem atraente.

Vários jornais falaram de uma jovem dotada de uma singular faculdade de atrair a ela os móveis e outros objetos colocados num certo raio, e levantar por um só contato

uma cadeira sobre a qual uma pessoa está sentada. O *Petit Journal,* de 4 de novembro, continha, a esse respeito, o artigo seguinte:

"A piedosa branca de Dinan não é mais surpreendente, como fenômeno, do que a senhorita magnética indicada na remessa seguinte.

"Senhor,

"Venho vos assinalar um fato que poderia apresentar muito interesse aos vossos leitores; se quiserdes vos dar ao trabalho de verificá-lo, ali encontrareis uma ampla matéria para numerosos artigos.

"Uma jovem, senhorita Dumesnil, com idade de treze anos, possui um fluido de uma força atrativa extraordinária, que faz vir a ela todos os objetos *de madeira* que a cercam; assim, as cadeiras, as mesas e tudo o que está em madeira se dirige instantaneamente para ela; esta faculdade se revelou nesta jovem há mais ou menos três semanas; até o presente este fenômeno extraordinário, e que não se pôde ainda explicar, não se manifestou senão às pessoas de sua companhia, os vizinhos, etc., que constataram o fato há alguns dias; a faculdade surpreendente dessa jovem se espalhou e se me assegura que está em vias de tratar com um empresário, que se propõe fazer ver publicamente este fenômeno.

'Desde ontem ela foi a casa de um grande personagem a quem a indicaram; a publicidade não pode tardar a se apoderar deste acontecimento, e me apresso em vos disto prevenir, para que dela tenhais *a* novidade. "Esta jovem exerce a condição social de polidora e fica com seus pais, que são pessoas pobres.

"Na esperança de que nos explicareis este mistério inexplicável, peco-vos para receber as minhas saudações muito sinceras,

BRUNET,
Empregado, casa Christofle, 56, rua de Bondy.

"Disto não sei mais do que vós, meu caro correspondente, em fato de ciência magnética, e considero como uma simples curiosidade vosso encantamento do carvalho, da faia, e do acaju, à qual aconselho não queimar, neste inverno, na lareira... senão o carvão..."

Eis certamente um fenômeno estranho, bem digno de atenção, e que deve ter uma causa. Se for averiguado que não é o fato de nenhum subterfúgio, do que é fácil se assegurar, e se as leis conhecidas são impotentes para explicá-lo, é evidente que ele revela a existência de uma força nova; ora, a descoberta de um princípio novo pode ser fecunda em resultados. O que é ao menos tão surpreendente quanto esse fenômeno, é ver homens de inteligência não ter, para semelhantes fatos, senão uma desdenhosa indiferença e zombarias de mau gosto. Não era, no entanto, questão nem de Espíritos nem de Espiritismo. Que convicção espera as pessoas que não têm nenhuma, que não a procuram e não desejam nenhuma? Que estudo sério pode-se disto esperar? Esforçar-se por convencê-los não é perder seu tempo, usar inutilmente forças que se poderiam empregar melhor com os homens de boa vontade, que não faltam? Sempre o dissemos: com as pessoas de posição tomada, que não querem nem ver nem ouvir, o que há de melhor a fazer é deixá-las tranqüilas e lhes provar que não se tem necessidade delas. Se alguma coisa deve triunfar de sua incredulidade, os Espíritos saberão bem encontrá-la e empregá-la quando o momento chegar.

Para disso retornar à jovem, seus pais, que estão numa posição precária, vendo a sensação que ela produzia e o concurso de pessoas notáveis que ela atraía, disseram a si mesmos que, sem dúvida, ali havia para eles uma fonte de fortuna. Não foi preciso isto querê-lo, porque, ignorando até o nome do Espiritismo e dos médiuns, não podiam compreender as conseqüências de uma exploração deste gênero. Sua filha era para eles um fenômeno; resolveram, pois, instalá-la nos bulevares entre os outros fenômenos. Fizeram melhor; instalaram-na no Grand-Hôtel, lugar mais conveniente para a aristocracia

produtiva. Mas, ah! os sonhos dourados se desvaneceram logo. Os fenômenos não se produziam mais senão em raros intervalos e de uma maneira tão irregular que foi preciso abandonar logo a esplêndida morada e retornará oficina. Colocai, pois, em exibição uma faculdade tão caprichosa que falta justo no momento em que *os* espectadores, que pagaram seus lugares, estão reunidos e esperam que se lhes dê algo por seu dia! Em matéria de fenômeno, vale mais, para a especulação, ter um filho de duas cabeças, porque ao menos está sempre lá. Que fazer se não se tem astúcia para suprir aos atores invisíveis? A decisão mais honrosa é de se retirar. No entanto, parece, segundo uma carta publicada num jornal, que a jovem não perdeu inteiramente seu poder, mas está sujeita a tais intermitências, que se torna difícil saber o momento favorável.

Um de nossos amigos, Espírita esclarecido e profundo observador, pôde ser testemunha do fenômeno, e foi mediocremente satisfeito pelo resultado. "Creio, nos disse, na sinceridade dessas pessoas, mas, para os incrédulos, o efeito não se produz, nesse momento, em condições a desafiar toda suspeita. Não nego, sabendo a coisa possível, constato minhas impressões. Como surpreendi supostos médiuns de efeitos físicos em flagrante delito de fraude, dei-me conta das manobras pelas quais se pode simular certos efeitos, e enganar as pessoas que não conhecem as condições dos efeitos reais, de sorte que não afirmo, senão conscientemente, não me reportando aos meus olhos. No próprio interesse do Espiritismo, meu primeiro cuidado é examinar se a fraude é possível, com a ajuda da destreza, ou se o efeito pode ser devido a uma causa material vulgar. De resto, acrescentou, não se proíbe ali ser Espírita, agir pelos Espíritos e mesmo neles crer."

É de se notar que, depois do infortúnio dos irmãos Davenport, todos os exibidores de fenômenos extraordinários repelem toda participação dos Espíritos em seu negócio, *e* fazem bem; o Espiritismo não pode senão ganhar por não ser misturado a essas exibições. É um serviço a mais prestado por esses senhores, porque não é de tais meios que o Espiritismo recrutará os prosélitos.

Uma outra observação é que cada vez que se trata de alguma manifestação espontânea ou de um fenômeno qualquer atribuído a uma causa oculta, toma-se geralmente por entendidas pessoas, às vezes sábias, que não sabem a primeira palavra do que devem observar e que vêm com uma idéia preconcebida de negação. A quem se encarrega de decidir se há ou não intervenção dos Espíritos ou uma causa espiritual? Precisamente as pessoas que negam a espiritualidade, que não crêem nos Espíritos e não querem que eles existam. Estão seguros antes de sua resposta. Guardar-se-ia bem de tomar conselho de quem seria simplesmente suspeito de Espiritismo, porque, primeiro, seria acreditar a coisa, e em seguida que se temeria uma solução contrária àquela que se quer. Não se reflete que só um Espírita *esclarecido* está apto a julgar as circunstâncias nas quais os fenômenos espíritas podem se produzir, como só um químico está apto a conhecer a composição de um corpo, e que, a este respeito, os Espíritas são mais *céticos* do que muitas pessoas; que longe de acreditar, por complacência, um fenômeno apócrifo, eles têm todo interesse em assinalá-lo como tal e a desmascarar a fraude.

Ressalta, no entanto, disto uma instrução: a própria irregularidade dos fatos é uma prova de sinceridade; se fossem o resultado de algum meio factício, se produziriam em dia determinado. É a reflexão que fez um jornalista que foi convidado a ir ao Grand-Hôtel; havia nesse dia alguns outros convidados notáveis, e, apesar de duas horas de espera, a jovem não obteve o menor efeito. "A pobrezinha, disse o jornalista, estava desolada, e seu rosto mostrava a inquietação. Tranqüilizai-vos, disse-lhe, não só esse fracasso não me desencoraja, mas me leva a crer o vosso relato sincero. Se houvesse algum charlatanismo ou algum truque em vosso caso, não teríeis falhado vosso golpe. Retornarei amanhã." Ele retornou, com efeito, cinco vezes seguidas, sem mais resultados; na sexta vez ela tinha deixado o hotel. "De onde concluo, acrescenta o jornalista, que a pobre senhorita Dumesnil, depois de ter construído belos castelos às expensas de suas

virtudes eletromagnéticas, teve que retomar o seu lugar na oficina de polimento do Sr. Ruolz."

Tendo sido os fatos constatados, é certo que havia nela uma disposição orgânica especial que se prestava a esse gênero de fenômeno; mas, todo subterfúgio à parte, é certo que se sua faculdade tivesse dependido *somente de seu organismo,* ela a teria tido, como os peixes elétricos, do mar e da água doce, sempre à sua disposição. Uma vez que sua vontade, seu mais ardente desejo, eram impotentes para produzirem o fenômeno, havia, pois, nesse fato, uma causa que lhe era estranha. Qual é esta causa? Evidentemente a que rege todos os fenômenos medianímicos: o concurso dos Espíritos sem o qual os médiuns, os melhores dotados, nada obtêm. A senhorita Dumesnil é um exemplo de que não estão às ordens de ninguém. Por efêmera que haja sido a sua faculdade, ela teria feito mais para a convicção de certas pessoas do que se ela fosse produzir em dias e horas fixadas sob seu comando diante do público, como nos torneios de prestidigitação.

Nada, é verdade, atesta de maneira ostensiva a intervenção dos Espíritos nesta circunstância, porque não há efeitos inteligentes, se não for a impotência em que a jovem está de agir à sua vontade. A faculdade, como em todos os efeitos medianímicos, é inerente a ela; o exercício da faculdade pode depender de uma vontade estranha. Mas, mesmo admitindo que os Espíritos ali não estejam para nada, não é menos um fenômenos destinado a chamar a atenção sobre as forças fluídicas que regem nosso organismo, e que tantas pessoas se obstinam em negar.

Se esta força fosse aqui puramente elétrica, ela denotaria, no entanto, uma importante modificação na eletricidade, uma vez que age sobre a madeira, com exclusão dos metais. Só isto valeria bem o trabalho de ser estudada.

REVISTA DOS ARTIGOS PUBLICADOS PELA IMPRENSA COM RELAÇÃO AO ESPIRITISMO.

O que quer que se diga e o que quer que se faça, as idéias espíritas estão no ar; elas aparecem de mil maneiras sob a forma de romances ou sob a de pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe contanto que a palavra *Espiritismo* não seja pronunciada. Não nos bastaríamos para citar todos os pensamentos que ela registra cada dia, fazendo assim do Espiritismo sem sabê-lo. Que importa o nome, se a coisa ali está! Um dia, esses senhores ficarão admirados de ter feito do Espiritismo, como o Sr. Jourdain o fez falando em prosa. Muitas pessoas costeiam o Espiritismo sem disto desconfiar; estão sobre os limites, quando se crêem bem longe. À exceção dos materialistas puros que são certamente em minoria, pode-se dizer que as idéias da filosofia espírita correm o mundo; o que muitos repelem ainda, são as manifestações medianímicas, uns por sistema, outros, porque tendo mal observado, tiveram decepções; mas como as manifestações são fatos, será preciso, cedo ou tarde, aceitá-las. Eles se recusam ser Espíritas, unicamente pela idéia falsa que ligam a esta palavra. Que aqueles que não o alcançam pela porta direta a ele cheguem por uma porta desviada, o resultado é o mesmo; hoje o impulso está dado, e o movimento não saberá deter-se.

Por outro lado, assim como está anunciado, uma multidão de fenômenos se produzem, que parecem se afastar das leis conhecidas e desafiam a ciência naquela em que se procura em vão a explicação; silenciar sobre eles quando têm uma certa notoriedade, seria coisa difícil; ora, esses fenômenos, que se apresentam sob os aspectos mais variados, à força de se multiplicarem, acabam por despertar a atenção e pouco a pouco familiarizam com a idéia de uma força espiritual fora das forças materiais. É sempre um meio de chegar ao objetivo; os Espíritos batem de todos os lados e de mil

maneiras diferentes, de sorte que as pancadas levem sempre sobre uns ou sobre os outros.

Entre os pensamentos espíritas que encontramos em diversos jornais, citaremos os seguintes:

No discurso pronunciado, a 11 de novembro último, pelo Sr. d'Eichthal, um dos redatores do *Temps,* sobre o túmulo do Sr Charles Duveyrier, o orador se exprime assim:

"Duveyrier morreu numa calma profunda, cheio de confiança em Deus, de fé na eternidade da vida, orgulhoso de seus longos anos consagrados à elaboração e ao desenvolvimento de uma crença que deve resgatar todos os homens da miséria, da desordem e da ignorância, certo de ter pago sua dívida, de ter dado à geração que o segue mais do que havia recebido daquela que o tinha precedido; deteve-se como um obreiro valente, a sua tarefa acabada, deixando aos outros o cuidado de prossegui-la.

"Se seu despojo mortal não atravessou os templos consagrados para chegar ao campo de repouso, não foi por um injusto desdém para com imortais crenças, mas é que nenhuma das fórmulas que teriam sido pronunciadas sobre o seu despojo daria a idéia que se fazia da vida futura. Duveyrier não desejava, não acreditava ir para o céu, gozar sem fim de uma beatitude pessoal, enquanto que a maioria dos homens estaria condenada a sofrimentos sem esperança; pleno de Deus e vivendo em Deus, mas ligado à Humanidade, é no seio da Humanidade que espera reviver para concorrer eternamente esta obra de progresso que a aproxima incessantemente do ideal divino." - (O *Temps,* 14 de novembro de 1866.)

O Sr. Duveyrier tinha feito parte da seita são-simoniana é a crença da qual é falado acima, e ao desenvolvimento da qual ele tinha consagrado vários anos de sua vida; mas suas idéias sobre o futuro da alma se aproximavam muito, como se vê, daquelas que a Doutrina Espírita ensina. No entanto, não seria preciso inferir destas palavras: "É no seio da Humanidade que ele espera reviver," que ele acreditava da reencarnação; não tinha, sobre este ponto, nenhuma idéia combinada; ele entendia por aí que a alma, em lugar de se perder no infinito, ou de se absorver numa beatitude inútil, permaneceria na esfera da Humanidade, ao progresso da qual concorreria por sua influência. Mas esta idéia é precisamente a que ensina o Espiritismo; é a do mundo invisível que nos cerca; as almas vivem no nosso meio, como vivemos no meio delas. O Sr. Duveyrier estava, pois, contradizendo a maioria de seus confrades da imprensa, não só profundamente espiritualista, mas os três quartos espírita; que lhe faltava para sê-lo completamente? Provavelmente de ter sabido o que era o Espiritismo, porque dele possuía as bases fundamentais: a crença em Deus, na individualidade da alma, sua sobrevivência e sua imortalidade; em sua presença no meio dos homens depois da morte, e sua ação sobre eles. Que diz a mais o Espiritismo? Que estas mesmas almas revelam a sua presença por uma ação direta, e que estamos incessantemente em comunhão com elas; vêm provar por fatos o que não estava no Sr. Duveyrier, e em muitos outros, senão no estado de teoria e de hipótese.

Concebe-se que aqueles que não crêem senão na matéria tangível rejeitem tudo, mas é mais surpreendente ver espiritualistas rejeitarem o que faz o fundo de sua crença. Aquele que exponha assim os pensamentos do Sr. Duveyrier sobre o futuro da alma, o Sr. d'Eichthal, seu amigo e seu correligionário em são-simonismo, que, provavelmente, partilhava até um certo ponto as suas opiniões, não é por isto um adversário menos declarado do Espiritismo; ele pouco desconfiava que o que dizia em louvor do Sr. Duveyrier era muito simplesmente uma profissão de fé espírita.

As palavras seguintes, do Sr. Louis Jourdan, do *Siécle*, a seu filho, foram reproduzidas pelo *Petit Journal* de 3 de setembro de 1866.

"Eu te sinto vivo, de uma vida superior à minha, meu Prosper, e quando soara minha última hora, consolar-me-ei de deixar aqueles que amamos juntos, pensando que vou te reencontrar e nos unir de novo. Sei que este consolo não me virá sem esforços; sei que

será preciso conquistá-lo corajosamente para minha própria melhoria, como a dos outros; farei pelo menos tudo o que estiver em meu poder fazer para merecer a recompensa que ambiciono: reencontrar-te. Tua lembrança é o farol que nos guia e o ponto de apoio que nos sustenta através das trevas que nos envolvem. Percebemos um ponto luminoso para o qual caminhamos resolutamente; este ponto é aquele em que tu vives, meu filho, junto daqueles que amei neste mundo e que partiram antes de mim para *a* sua vida nova."

O que de mais profundamente espírita do que estas doces e tocantes palavras! O Sr. Louis Jourdan está ainda mais perto do Espiritismo do que o Sr. Duveyrier, porque há muito tempo ele crê na pluralidade das existências terrestres, assim como se pode ver pela citação que fizemos na Revista de dezembro de 1862, página 374. Ele aceita a filosofia espírita, mas não o fato das manifestações, que não rejeita absolutamente, mas sobre o qual não está suficientemente esclarecido. É, no entanto um fenômeno bastante grave, quanto às suas conseqüências, uma vez que só ele pode explicar tantas coisas incompreendidas que se passam sob nossos olhos, para merecer ser aprofundado por um observador tal como ele; porque se as relações entre o mundo visível e o mundo invisível existem, é toda uma revolução nas idéias, nas crenças, na filosofia; é a luz lançada sobre uma multidão de questões obscuras; é o aniquilamento do materialismo; é, enfim, a sanção de suas mais caras esperanças a respeito de seu filho. Que elementos os homens que se fazem os campeões das idéias progressivas e emancipadoras hauririam na Doutrina se soubessem tudo o que ela encerra para o futuro! Deles surgirão, isto não é duvidoso, que compreenderão a força desta alavanca e saberão aproveitá-la.

O *Evénementde4de* novembro último reportou a historieta seguinte concernente ao célebre compositor Glück. Quando da primeira representação de *Iphigênie,* em 19 de abril de 1774, à qual assistiam Louis XVI e a rainha Marie-Antoinette, esta quis coroar, ela mesma, seu antigo professor de música. Depois da representação, Glück, mandado ao camarote do rei, ficou de tal modo emocionado que não pôde proferir uma palavra e teve apenas a força de agradecer à rainha pela atenção. Percebendo Marie-Antoinette, que trazia nessa noite um colar de rubis, Glück se endireitou: Grande Deus! exclamou, salvai a rainha! salvai a rainha! do sangue! do sangue! - Onde? exclamam de todos os lados. - Do sangue! do sangue! no pescoço! grita o músico. - Marie-Antoinette estava trêmula. Depressa um médico, disse ela, meu pobre Glück ficou louco. - O músico estava caído numa poltrona. Do sangue! do sangue! murmurava ele... Salvai a arquiduquesa Marie... salvai a rainha! - O infeliz maestro toma o vosso colar por sangue, disse o rei à Marie-Antoinette; ele tem febre. - A rainha leva a mão ao seu pescoço; ela arranca o colar, e, tomada de terror, lançou-o longe dela. Levam Glückdesfalecido.

O autor do artigo termina assim:

Eis, caro leitor, a história que me contou na Ópera o músico alemão, e que reli no dia seguinte numa biografia do imortal autor de *Alceste.* Ela é verdadeira? É fantasia? Eu o ignoro. Mas não seria possível que os homens de gênio, cujo espírito elevado plana acimada Humanidade, tivessem, em certas horas de inspiração, *esta faculdade misteriosa que se chama a segunda vista*?(Albert Wolff.)

O Sr. Albert Wolff disparou mais de uma flexa no Espiritismo e nos Espíritas, e hei-lo que, por si mesmo, admite a possibilidade da segunda vista, e, o que é mais, da previsão pela segunda vista. Ele não desconfia, provavelmente a que conseqüências leva o reconhecimento de uma tal faculdade. Ainda um que costeia o Espiritismo, sem disto se aperceber, sem talvez ousar confessá-lo, e que não lhe lança menos a pedra. Se se lhe dissesse que é Espírita, ele saltaria de indignação exclamando: Eu! crer nos irmãos Davenport! porque para a maioria desses senhores, o Espiritismo está inteiramente no torneio de cordas. Não nos lembramos senão de um deles, a quem um correspondente censurava por falar do Espiritismo sem conhecê-lo, respondeu em seu jornal: "Vós vos

enganais; estudei o Espiritismo na escola dos irmãos Davenport, e a prova é que isto me custou 15 francos. "Cremos ter citado o fato em alguma parte da *Revista.* Que se lhe pode pedira mais? Dele não sabem nada.

O *Siècle,* de 27 de agosto de 1866, citou as palavras seguintes da senhora George Sand, a propósito da morte do Sr. Ferdinand Pajot:

"A morte do Sr. Ferdinand Pajot é um fato dos mais dolorosos e dos mais lamentáveis. Este jovem dotado de uma beleza notável e pertencendo a uma excelente família, era, além do mais, um homem de coração e de idéias generosas. Fomos capazes de apreciá-lo cada vez que invocamos a sua caridade para os pobres de nossa companhia. Ele dava largamente, mais largamente talvez do que seus recursos o autorizavam fazê-lo, e dava com espontaneidade, com confiança, com alegria. Era sincero, independente, bom como um anjo. Era casado há pouco tempo com uma encantadora jovem, e será lamentado como o merece. Tenho a dar-lhe, depois desta cruel morte, uma terna e maternal bênção: ilusão se se quer, mas creio que entramos melhor na vida que segue esta quando ali chegamos escoltados da estima e da afeição daqueles que acabamos de deixar."

A senhora Sand é mais explícita ainda em seu livro *Mademoiselle dela Quintinie,* Lê-se, página 318: "Senhor abade quando quereis que façamos um passo para a vossa igreja, começais por nos fazer ver um concilio reunido decretando, de mentira e de blasfêmia, o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos gritar: 'Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer Deus."

Página 320: "Pedir a Deus para estender nossos sentidos, endurecer nosso coração, nos tornar odiosos os laços mais sagrados, é pedir-lhe para negar e destruir sua obra, retornar sobre seus passos nos fazendo retornar nós mesmos, nos fazendo retrogradar para as existências inferiores, abaixo do animal, abaixo da planta, talvez abaixo do mineral."

Página 323: "Qualquer que seja, no entanto, vossa sorte entre nós, vereis claro um dia além do túmulo, e, como não creio mais nos castigos sem fim do que nas provas sem fruto, vos anuncio que nos reencontraremos em alguma parte, onde nos entenderemos melhor, e onde nos amaremos em lugar de nos combater; mas, não mais do que vós, não creio na impunidade do mal e na eficácia do erro. Creio, pois, que expiareis o endurecimento de vosso coração pelo dilaceramento de vosso coração em alguma outra existência."

Ao lado destes pensamentos eminentemente espíritas aos quais não falta senão o nome que se obstina em lhe recusar, se encontra deles outros, um pouco menos sérios, que lembram o bom tempo das zombarias mais ou menos espirituosas sob a qual se pensava abafar o Espiritismo. Pode-se julgar, pelas amostras seguintes, que são como os foguetes perdidos do fogo de artifício.

O Sr. Ponson du Terrail, em seu *Dernier mot de Rocambole,* publicado em folhetim no *Figaro,* assim se exprime:

"No entanto, os Ingleses deram exemplo aos Americanos em matéria de superstições. As mesas girantes, antes de fazerem entre nós a alegria de *cem mil imbecis,* passaram várias estações em Londres e ali receberam uma hospitalidade das mais corteses. Pouco a pouco o relato do coveiro tinha passeado por Hampstead, cidade célebre por seus asnos e seus condutores, e as pessoas importantes do lugar não tinham hesitado um só instante para decidir que a pequena casa de campo era, à noite, assombrada por Espíritos."

O Sr. Ponson du Terrail, que concede, tão generosamente um diploma de imbecilidade a cem mil indivíduos, crê naturalmente ter mais espíritos do que eles, mas não crê ter um Espírito nele, sem isto é provável que não o enviaria ao país dos asnos.

Mas, que relação, dir-se-á sem dúvida, pode haver entre as mesas girantes e os sublimes pensamentos que citastes ainda há pouco? Há, respondemos, a mesma relação

que existe entre vosso corpo quando valsa e seu Espírito que o faz valsar; entre a rã que dançava no prato de Galvani, e o telégrafo transatlântico; entre a maçã que cai e a lei da gravitação que rege o mundo. Se Galvani e Newton não tivessem meditado sobre esses fenômenos tão simples e tão vulgares, não teríamos hoje tudo o que a indústria, as artes e as ciências deles tiraram. Se cem mil imbecis não tivessem procurado a causa que faz girar as mesas, ignoraríamos ainda hoje a existência e a natureza do mundo invisível que nos cerca; não saberíamos de onde viemos antes de nascer, e onde vamos em morrendo. Entre estes cem mil imbecis, talvez muitos creram ainda nos demônios cornudos, nas chamas eternas, na magia, nos feiticeiros e nos sortilégios. As mesas girantes são para os pensamentos sublimes sobre o futuro da alma o que o germe é para a árvore que dele saiu: são os rudimentos da ciência do homem.

Lê-se no *Echo d'Oran* de 24 de abril de 1866:

"Vem de se passar em El-Afroun um fato que afetou penosamente a nossa população. Um dos mais antigos habitantes de nossa aldeia, o Sr. Pagès, acaba de morrer. Sabemos que estava imbuído das idéias, - eu ia dizer das loucuras, - do Sr. Allan Kardec, e que fazia profissão de Espiritismo. Fora deste capricho extravagante, era um perfeito homem honesto, estimado por todos aqueles que o conheciam. Também, ficou-se admirado de saber que o Sr. cura tinha recusado enterrá-lo, sob pretexto de que o Espiritismo é contrário ao cristianismo. Não há no Evangelho: "Restituí o bem pelo mal," *e* se esse pobre Sr. Pagès é culpado por ter acreditado no Espiritismo, não era uma razão a mais para orar por ele!"

O Sr. Pagès, que conhecemos por correspondência há muito tempo, nos escreveu isto:

"O Espiritismo fez de mim um outro homem; antes de conhecê-lo, eu era como muitos outros; não acreditava em nada, e, no entanto, sofria ao pensamento de que, morrendo tudo está acabado para nós. Com isto experimentava às vezes um profundo desencorajamento, e me perguntava de que serve fazer o bem. O Espiritismo me fez o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso, e com isto sou muito feliz; dizer-vos a felicidade que sinto com isto me é impossível; parece-me que sou como um condenado à morte a quem se vem dizer que não morrerá, e que vai deixar sua prisão para ir a um belo país viver em liberdade. Não é, caro senhor, senão o efeito que isso deve fazer? A coragem me retornou com a certeza de viver sempre, porque compreendi que o que adquirimos em bem não é uma pura perda; compreendi a utilidade de fazer o bem; compreendi a fraternidade e a solidariedade que ligam todos os homens. Sob o domínio deste pensamento, esforcei-me por melhorar-me. Sim, posso vos dizer, sem vaidade, corrigi-me de muitos defeitos, embora deles me restem ainda muitos. Sinto agora que morrerei tranqüilo, porque sei que não farei senão mudar um mau hábito que me dificulta, contra um novo no qual estarei mais à vontade."

Eis, pois, um homem que, aos olhos de certas pessoas, era razoável, sensato quando não acreditava em nada, e que é tachado de louco apenas sobre o fato de ter acreditado na imortalidade de sua alma, pelo Espiritismo; e são essas mesmas pessoas, que não crêem nem na alma nem na prece, que atiraram a pedra por suas crenças, quando vivo, e o perseguem com os seus sarcasmos até depois de sua morte, que invocam o *Evangelho* contra o ato de intolerância e a recusa de preces da qual foi objeto, ele que não acreditou no Evangelho e na prece senão pelo Espiritismo!

SANTO AGOSTINHO ACUSADO DE CRETINISMO.

Sob o título de *Cretinismo, a Vedette du Limbourg,* jornal de Tongres, na Bélgica, de 1ª de setembro de 1866, contém o artigo seguinte, reproduzido segundo a *Gazette de Huy.*

"Um livro, dado como prêmio num pensionato de religiosas, nos caiu na mão. Abrimo-lo, e o acaso nos fez ler, entre outras curiosas passagens, a seguinte, bem digna, nos parece, de ser posta sob os olhos do leitor. A questão do papel desempenhado pelos anjos. Quem quer que a percorra, certamente, não deixará de se perguntar como é possível que uma obra contendo semelhantes absurdos possa encontrar um editor. Na nossa opinião, aquele que imprime semelhantes asneiras é tão culpado quanto aquele que as escreve. Sim, não tememos afirmá-lo, autor e impressor devem ser considerados mestres em cretinismo por ousarem lançar semelhantes desafios à razão, à ciência, que dizemos! ao mais vulgar bom senso. Eis a passagem da qual se trata:

"Segundo Santo Agostinho, o mundo visível é governado por criaturas invisíveis, por puros Espíritos, e há mesmo anjos que presidem a cada coisa visível, a todas as espécies de criaturas que estão no mundo, quer sejam animadas, quer sejam inanimadas.

"Os céus e os astros têm seus anjos motores; as águas têm um anjo particular, como está narrado no Apocalipse; o ar tem seus anjos que governam os ventos, como se vê no mesmo livro, que nos ensinam além disto que o elemento do fogo tem também os seus. Os reinos têm seus anjos; as províncias os têm também que as guardam, como se observa na Gênese, porque os anjos que apareceram a Jacó eram os guardiães das províncias por onde ele passava, etc."

"Pode-se julgar por esta amostra do gênero de leitura que faz a juventude educada nos conventos. É possível conceber, - se nos passará a expressão, - alguma coisa de mais profundamente estúpida?

"Para encher a medida, o editor faz preceder a obra de uma advertência onde se podem ler estas linhas: "Em seu livro, que não convém menos aos eclesiásticos do que aos laicos, o autor desdobra uma força de razão e de estilo que esclarece e segura o espírito; de sua pena decorre uma unção que penetra e ganha o coração. É a obra de um homem profundamente versado na espiritualidade."

"Nós dizemos, nós: é a obra de um homem tornado louco do ascetismo, muito mais a lamentar do que a censurar."

Até o presente Santo Agostinho foi respeitado por aqueles mesmos que não partilhavam suas crenças. Apesar dos erros manifestos que tinham no estado dos conhecimentos científicos do seu tempo, ele é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da Humanidade, e eis que uma tirada de caneta, um obscuro escritor, um desses jovens que se crêem a luz do mundo lança a lama sobre este célebre secular, pronuncia contra ele, por sua alta razão, a acusação de cretinismo, e isto porque Santo Agostinho acreditava nas criaturas invisíveis, nos puros Espíritos presidindo a todas as coisas visíveis. Nessa conta, quantos cretinos não há entre os literatos contemporâneos mais estimados! Não nos surpreenderíamos em ver um dia acusar de cretinismo Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, George Sand e tantos outros. Eis a escola que aspira a regenerara sociedade pelo materialismo; também pretende ela que a Humanidade volte à demência; mas pode-se estar tranqüilo, seu reino, se jamais chegar, será de curta duração. Ela sente bem a sua fraqueza contra a opinião geral que a repele, é porque se agita com uma espécie de frenesi.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA. Pelo doutor Chauvet, de Tours (1).

(1) Vol. in-12, preço 3 f r. Tours, casa Guilland-Verger. - Paris, casa Baillère, 19, rua Hautefeuille.

No nosso número de outubro, não pudemos senão anunciar esta obra, lamentando que a extensão dos artigos cuja publicação não podia ser retardada, nos haja impedido de dar conta dela mais cedo.

Se bem que, por sua especialidade, esse livro parece estranho às matérias que nos ocupam, a elas se liga, no entanto, pelo próprio princípio sobre o qual se apoia, porque o autor faz, sem cerimônia, intervir o princípio espiritualista na ciência mais manchada de materialismo. Ele não faz da espiritualidade mística como alguns a compreendem, mas, podendo-se assim dizer, da espiritualidade positiva e científica. Ele se prende a demonstrar a existência do princípio espiritual que está em nós, a sua conexão com o organismo com a ajuda do laço fluídico que os une, o papel importante que esses dois elementos desempenham na economia, os erros inevitáveis nos quais caem, forçosamente, os médicos que relacionam tudo à matéria, e as luzes das quais se privam negligenciando o principio espiritual. A passagem seguinte indica suficientemente o ponto de vista sob o qual ele encara a questão.

"Em suma, diz ele (página 34), a constituição humana resulta:

1- De um principio espiritual, independente, ou alma imortal;

2- De um corpo fluídico permanente;

3- De um organismo material, dissolúvel, animado durante a vida por um fluido especial.

"A união temporária do primeiro destes elementos constitutivos com o terceiro se opera pela combinação de seus fluidos respectivos (fluido *perispiritual* e fluido vital), de onde resulta um fluido misto que, ao mesmo tempo que penetra todo o corpo, irradia ao seu redor, às vezes a grandes distâncias e através de todos os obstáculos, assim como o demonstram os fenômenos magnéticos, sonambúlicos e outros, que o materialismo de todas as cores repele com um desdém soberbo, sob pretexto de maravilhoso e de malabarismo, porque vêm atacar vivamente suas teorias insensatas."

Da ação do elemento fluídico sobre o organismo, ele chega à demonstração, de alguma sorte matemática, da força de ação das quantidades infinitesimais sobre a economia. Esta demonstração nos pareceu nova, e uma das mais claras que lemos. Deixamos aos homens especiais a apreciação da parte técnica que não discutimos; mas do ponto de vista filosófico, esta obra é uma das primeiras aplicações, à ciência positiva, das leis reveladas pelo Espiritismo, e, a este título, tem seu lugar marcado nas bibliotecas espíritas. Embora o nome do Espiritismo não seja mesmo pronunciado, o autor pode estar seguro de não ter a aprovação das pessoas que tomaram o partido da negação sobre tudo o que toca à espiritualidade.

OS DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO EXPLICADOS PELO ESPIRITISMO

Por Apolon de Boltinn (1)

(-1) vol. ín-8ª, traduzido do russo, preço: 4 fr.-Paris, casa Reinwald, 15, rua dos Saints-Pères.).

O assunto deste livro apresenta um escolho perigoso que o autor prudentemente evitou, abstendo-se de tratar as questões que não estão na ordem do dia, e sobre as quais o Espiritismo não foi chamado ainda a se pronunciar. O Espiritismo, não admitindo como princípios confessados senão aqueles que receberam a sanção do ensino geral, as soluções que podem ser dadas sobre as questões não ainda elaboradas, não são senão opiniões pessoais dos homens ou dos Espíritos, suscetíveis de receberem mais tarde o desmentido da experiência; essas soluções prematuras não saberiam empenhar a responsabilidade da Doutrina, mas poderiam desviar a opinião pública fazendo crer que

as aceita. O que perfeitamente compreendeu o Sr. de Boltinn, e o felicitamos por isto. Também seu livro pode ser aprovado pelo Espiritismo e colocado entre as obras chamadas a prestar serviço à causa. Ele está escrito com prudência, moderação, método e clareza. Vê-se que o autor fez um estudo profundo das Escrituras Santas e dos teólogos da Igreja latina e da Igreja Grega, sobre as quais comenta e explica como homem que conhece o terreno sobre o qual se coloca. Seus argumentos têm a força dos fatos, da lógica e da concisão. Que o livro de nosso irmão da Rússia seja bem-vindo entre nós. É assim que, em nome do Espiritismo, todos os povos se dão a mão.

A UNIÃO ESPÍRITA BORDALEZA.

Soubemos com uma viva satisfação que a *Union spiritebordelaise* vai retomar o curso de suas publicações, momentaneamente interrompidas por uma longa e grave enfermidade de seu diretor, e das circunstâncias independentes da vontade deste.

NO PRELO:

L'Echo poétique d'outre-tombe, poesias medianímicas, obtidas pelo Sr. Vavasseur. - Esta coletânea formará 1 vol. gr. in-18 de 200 páginas mais ou menos, formato do *O que é o Espiritismo?* Preço: 2 fr.; pelo correio: 2 fr. 20 c.

NECROLOGIA.

SENHORA DOZON; -SR. FOURNIER; -SR. D'AMBEL

O Espiritismo vem de perder um de seus mais fervorosos adeptos na pessoa da senhora Dozon, viúva do Sr. Henri Dozon, autor de várias obras sobre o Espiritismo, falecido em 1º de agosto de 1865. Ela faleceu em Passy, em 22 de novembro de 1866.

A senhora Dozon, atingida por uma doença orgânica incurável, estava, há muito tempo, num estado de enfraquecimento e de sofrimentos extremos, e via a morte se aproximar a cada dia; ela *a* encarava com a serenidade de uma alma pura, que tem a consciência de não ter feito senão o bem, e profundamente convencida de que isso não era senão a passagem de uma vida de provas para uma vida melhor, no limiar da qual ela iria encontrar, para recebê-la, seu caro marido e aqueles que ela havia amado. Suas previsões não se enganaram; a vida espiritual, à qual estava iniciada, realizou todas as suas esperanças e além. Ali recolheu os frutos de sua fé, de seu devotamento, de sua caridade para com aqueles que lhe fizeram mal, de sua resignação nos sofrimentos, e da coragem com a qual ela sustentou suas crenças contra aqueles que delas lhe faziam um crime. Se nela o corpo era fraco, o Espírito tinha conservado toda a sua força, toda a sua lucidez até o último momento; ela morreu com todo o seu conhecimento, como alguém que parte em viagem, não levando com ela nenhum traço de amargor contra aqueles com os quais tinha a se lamentar. Seu desligamento foi rápido, e a perturbação de curta duração, também pôde se manifestar antes mesmo da inumação. Sua morte e seu despertar foram os de um Espírita de coração, que se esforçou para pôr em prática os preceito da Doutrina.

Sua única apreensão era de ser enterrada viva, e este pensamento a perseguiu até o fim. "Parece-me, dizia ela, que me vejo na fossa, e que me sufoco sob a terra que ouço

cair sobre mim." Depois de sua morte ela explicou este medo dizendo que, em sua precedente existência, ela tinha morrido assim, e que a terrível impressão que seu Espírito tinha sentido, despertou no momento de morrer de novo.

Nenhuma prece espírita foi dita ostensivamente sobre o seu túmulo, para não ferir certas suscetibilidades, mas a Sociedade Espírita de Paris, da qual ela fazia parte, reuniu-se no lugar de suas sessões, depois da cerimônia fúnebre, para lhe renovar o testemunho de suas simpatias. O Espiritismo viu partir um outro de seus representantes na pessoa do Sr. Fornier-Duplan, antigo negociante, falecido em Rocheford-sur-Mer, em 22 de outubro de 1866.0 Sr. Fornier-Duplan era, há muito tempo, um adepto sincero e devotado, compreendendo o verdadeiro objetivo da Doutrina, da qual se esforçava em por em prática os ensinamentos. Era um homem de bem, amado e estimado por todos aqueles que o conheceram, um daqueles que o Espiritismo se honra de contar em suas fileiras; os infelizes perdem nele um sustentáculo. Ele tinha tirado em suas crenças o remédio contra a dúvida sobre o futuro, a coragem nas provas da vida, e a calma de seus últimos instantes. Como a senhora Dozon e tantos outros, ele partiu cheio de confiança em Deus, sem apreensão do desconhecido, porque sabia para onde ia, e sua consciência lhe dava a esperança de ali ser acolhido com simpatia pelos bons Espíritos. Sua esperança não se enganou, não mais, e as comunicações que deu provam que ali ocupou o lugar reservado aos homens de bem.

Uma morte que nos surpreendeu quanto nos afligiu foi a do Sr. D'Ambel, antigo diretor do jornal o *Avenir,* falecido em 17 de novembro de 1866. Suas exéquias tiveram lugar na igreja Notre-Dame de Lorette, sua paróquia. A malevolência dos jornais que dele falaram se revelou, nesta circunstância de maneira lamentável, pela sua afetação em fazer ressaltar, exagerar, envenenar, como se tivesse prazer em revirar o ferro na ferida, tudo o que esse morto podia ter de penoso, sem consideração pelas suscetibilidades de família, esquecendo até o respeito que se deve aos mortos, quaisquer que sejam suas opiniões ou suas crenças quando vivos. Esses mesmos jornais teriam gritado ao escândalo e à profanação contra quem tivesse falado dessa maneira de um dos seus; mas vimos, pela citação que fizemos mais acima, a propósito da morte do Sr. Pagès, que o próprio túmulo não é respeitado por certos adversários dos Espiritismo.

Os homens imparciais, no entanto, prestarão aos Espíritas a justiça de reconhecer que *jamais* estes se afastaram do respeito, das conveniências e das leis da caridade, na morte daqueles que foram seus maiores inimigos, e que os tinham atacado com o menor dos comedimentos; contentam-se em orar por eles.

Vimos, com prazer, o jornal te *Pays,* de 25 de novembro, embora num artigo pouco simpático à Doutrina, realçar com energia essa falta de procedimento de alguns de seus confrades, e censurar, como o merece, a intromissão da publicidade nas coisas íntimas da família. O *Siècle,* de 19 de novembro, tinha também dado conta do acontecimento com todos as reservas desejáveis. Acrescentaremos que o defunto não deixa filhos, e que sua viúva se retirou para a sua família.

AVISO.

A *Revista Espírita* comemora em 1º de janeiro próximo seu décimo ano. Os senhores assinantes, que não quiserem ficar atrasados, são convidados a renovar a sua assinatura antes de 31 de dezembro.

O número de janeiro será, como de hábito, dirigido a todos os antigos assinantes; os números seguintes não o serão à medida das renovações.

ALLAN KARDEC.